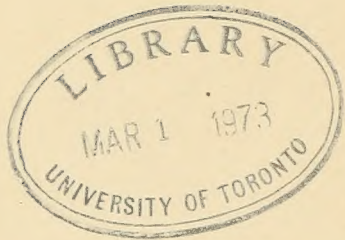
CERAMICA PORTUGUEZA

D'esta obra foram tirados cincoenta exemplares especiaes, numerados e rubricados pelo auctor.

JOSÉ QUEIROZ

Ceramica Portugueza

LISBOA
Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
1907

Prefacio

> «...por pobre que cada um se julgue, venha com sua mercadoria, que alguem lhe achará o preço...»
>
> A. Herculano, *Archeologia Portugueza — Opusculos*, tom. VI, pag. 101.

PRESENTE trabalho começou sem ideia alguma de publicação. A principio, só decalcavamos uma ou outra marca que se fazia notar pela novidade, variante na fórma ou na côr, e apontavamos ligeiramente uma ou outra noticia da nossa antiga ceramica.

Mais tarde, o nosso interesse por este ramo das artes industriaes fez-nos vêr particularidades que mereciam notas mais cuidadas; e assim fizemos, mas nunca com o proposito de lhes dar publicidade.

Pouco a pouco, o trabalho foi avultando, sobretudo na parte que se relaciona com a olaria antiga, e, quando quizemos parar, já não tinhamos o direito de o fazer, segundo nos ponderaram pessoas que, pela sua grande auctoridade no assumpto, merecem ser acatadas.

Assim nos vimos a braços com um trabalho superior ás nossas forças e com a obrigação moral de o levar a cabo.

Se um grande esforço, se muitos sacrificios podem compensar o saber e recursos que uma obra de tanta responsabilidade exige, nós temos cumprido em tudo a nossa taréfa.

Convencidos de que não é isento de defeitos o trabalho que temos

a honra de apresentar ao publico, aos entendedores e colleccionadores da ceramica portugueza, é certo que representa muitos annos de investigação, feita com vontade de acertar e não menos desejo de concorrer com alguns subsidios para a historia da olaria em Portugal.

As marcas, datas e signaes de que se compõe o primeiro diccionario d'este livro são, na sua quasi totalidade, ineditas, e, na maior parte, encontradas em artefactos da ceramica antiga; desenhadas e calcadas com escrupuloso cuidado, por nosso proprio punho, sobre os originaes, que encontrámos entre um numero não inferior a oito mil peças, genuinamente portuguezas, que para esse fim estudámos detidamente. Não nos esquecemos de confrontar muitos d'esses exemplares com peças estrangeiras congeneres. Tudo isto poderemos provar, visto que parte d'essas reliquias nos pertencem ou são de depositos conhecidos, onde podem ser estudadas. Algumas peças houve, porém, de que nos servimos (pequeno numero), cujo paradeiro actual desconhecemos. Estavam na mão de negociantes de antiguidades e foram vendidas; mas, assim mesmo, não será difficil encontrál-as, por fazerem parte de collecções recentemente começadas ou por haverem ido enriquecer as já conhecidas.

Compõe-se este livro de um esboço da historia da ceramica em Portugal; de noticias das fabricas, antigas e modernas, dos principaes centros ceramicos do paiz; de capitulos sobre os azulejos, a esculptura em barro e o tijolo, e, finalmente, de dois diccionarios, um de marcas (lettras, monogrammas, datas e signaes) e outro de ceramistas, no qual figuram, além de profissionaes, muitos amadores, encontrando-se, portanto, n'elle os nossos mais considerados artistas e muitos nomes illustres da nossa primeira sociedade.

Afóra os *fac-similes* das marcas, reproduzimos, pela photogravura, todas as peças que pudemos alcançar, de reconhecido merito.

A parte que mais desenvolvemos, é a antiga, que consideramos terminada com a primeira metade do seculo passado. A natureza propriamente historica do nosso trabalho justifica a preferencia que demos a esse periodo, que não podiamos encerrar, como grande parte dos auctores estrangeiros, no fim do seculo XVIII, pela intima relação em que está a nossa faiança de boa parte da primeira metade do seculo XIX com a dos ultimos cincoenta annos do anterior.

Não especialisamos, no texto, a fabricação do Prado, porque não conseguimos saber, determinadamente, o local onde existiram as fabricas que produziram as peças de que damos as marcas e algumas gravuras.

A designação «*Prado*», com relação ás nossas faianças antigas, abrange todas as fabricas que produziram esse typo de louça, dentro do districto de Braga.

O aspecto d'este livro podia ser bastante mais lisongeiro, se o tivessemos feito imprimir em papel *couché*. Mas esse papel está condemnado, para obras de consulta, visto que o seu preparado de cal faz com que não dure mais de quatro ou cinco dezenas de annos.

Por isso, a parte artistica, que não é pouco importante, foi justamente sacrificada á parte documental, que é, n'este caso, mais para respeitar.

Ainda assim, procurámos conciliar, quanto possivel, a nitida impressão das gravuras com a perdurabilidade do texto, empregando o papel *satiné*, que não tem preparo algum destruidor.

As photographias das peças foram feitas: as de Lisboa, por Arnaldo da Fonseca; as do Porto, na Photographia Guedes; as de Coimbra, por J. Gonçalves, e as de Vianna do Castello, por M. Felgueira.

Á amabilidade dos Srs. Vieira Natividade e Jorge Lima devemos as bellas photographias reproduzidas, respectivamente, nas gravuras 131 e 134, 174 a 176.

A gravura 21 foi feita por uma aguarella que devemos ao nosso illustrado amigo o Sr. Antonio Augusto Gonçalves.

As iniciaes e cabeças de capitulo, com excepção da que encima a parte relativa á esculptura, que é obra do grande mestre Simões de Almeida, foram compostas por nós, ligando-se, mais ou menos, com os assumptos dos respectivos capitulos.

As photogravuras das peças foram quasi todas feitas na Officina Photomechanica de Thomaz Bordallo Pinheiro, assim como as zincographias das marcas. Na Officina Pires Marinho fizeram-se a maior parte das iniciaes e das cabeças de capitulo.

A todas as pessoas que, por qualquer fórma, nos facilitaram os meios de investigação, por todo o paiz, nas localidades mais distantes, onde encontrámos sempre a mais attenciosa franqueza, pondo os amadores e os funccionarios publicos as collecções ás nossas ordens, aqui tributamos os mais

effusivos agradecimentos. Que uns e outros nos desculpem os grandes incommodos que lhes demos: um investigador em casa de um colleccionador é intruso que raras vezes deixa saudades...

Aos Srs. Joaquim de Vasconcellos, Gabriel Pereira, Visconde de Castilho, Ramalho Ortigão, Antonio Augusto Gonçalves, Antonio Arroyo, Anselmo Braamcamp Freire, Luiz Fernandes e D. José Pessanha, os nossos agradecimentos pela muita amizade e auxilio efficaz com que nos animaram n'esta tarefa.

Cumpre agora advertir que os numeros collocados no texto entre parentheses e precedidos das lettras (maiusculas ou minusculas) G., M. e D., indicam, respectivamente as gravuras, as marcas e as datas.

Quando, porém, as datas não são absolutamente isoladas, antecede o numero de ordem a lettra M., em vez da lettra D.

Dois lapsos de revisão, de que esperamos ser desculpados, cumpre indicar desde já, porque nos parece não deverem ser objecto de uma simples errata.

No gracioso soneto do Sr. Conde de Sabugosa, transcripto a pag. 190, saiu errado o primeiro verso, que deve lêr-se:

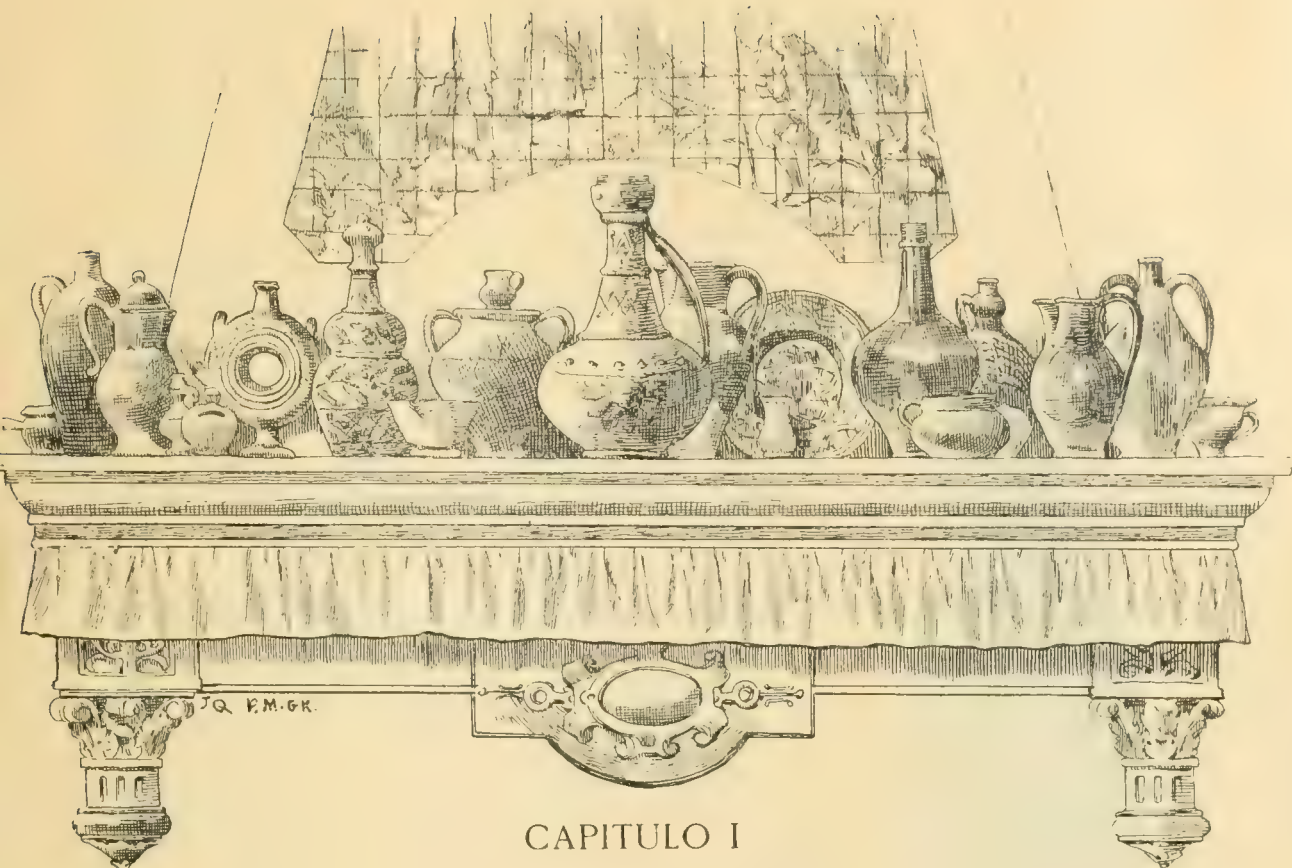
Na mesa de jantar, terrinas fumegantes

Embora a gravura em frente prove ter sido nosso o erro, entendemos dever especialisál-o aqui.

Aos numeros das gravuras 5 a 9 (pag. 11) e 11 e 12 (pag. 15), é necessario que o leitor accrescente uma unidade, não só para que lhes correspondam as referencia e citações feitas no texto, mas tambem para que não haja interrupção na ordem numerica.

PARTE I

A Ceramica em Portugal

(Esboço Historico)

CAPITULO I

Caracter geral da Ceramica

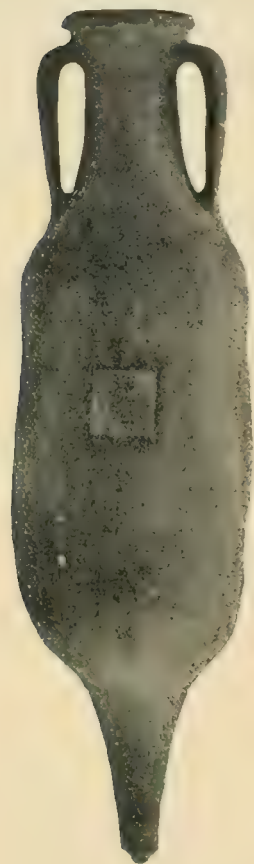
CERAMICA é uma das manifestações do engenho humano que mais tem prendido a attenção do homem. Todo o mundo civilisado tem por essa sublime arte da fórma e da côr o culto que é devido ás grandes obras! Desde o principe até á creatura mais subalterna, quem lhe não tem dedicado interesse e até amor?

Os pucaros de Estremoz, por exemplo, celebrados por Lope de Vega, Quevedo, Bellini, Desmarais e Magalotti, foram tidos em alto apreço.

«Em Roma, no Museu do Padre Kirker e Bonani que se conserva no collegio dos Padres Jesuitas — diz João Baptista de Castro — os vimos com especial recato; e em muitos gabinetes de Monsenhores e Principes de Italia constituem não pequeno adorno». [1]

[1] *Mappa de Portugal*, tom 1, pag 175

A proposito, recordaremos que o chronista da viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal (1571) falla do barro de Estremoz, vermelho, misturado de branco, de que se faziam diversos vasos muito lindos, e jarras pelas quaes costumavam beber os fidalgos e até o proprio rei.

«Sobre a mesa real — diz o chronista — estava sempre um grande vaso de prata cheio d'agua, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga d'altura d'um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam *barro d'Estremoz*, pelo qual el-rei bebeu seis vezes». [1]

G 1 AMPHORA ROMANA Barro vermelho Alt 1,03 *Pertence a Bibliotheca de Evora*

Na correspondencia do primeiro Marquez de Niza com D. Vicente Nogueira, então residente em Roma, sobre coisas litterarias, da qual nos dá minuciosos extractos o erudito investigador Ramos Coelho, n'um dos seus estudos sobre aquelle descendente de Vasco da Gama, ha, n'uma carta de 20 de Outubro de 1649, allusão a uma remessa de varios doces e de «um caixão com pucaros de Estremoz e da Maia».

Lembraremos ainda que, para as grandes damas da Peninsula, o barro de Estremoz constituia um apreciado manjar!

Quem, até hoje, não utilisou um pouco de barro para formar um simples boneco, construir uma vasilha, dar-lhe uma fórma qualquer? Se procurarmos bem, quem não teve um oleiro na familia? Se até o Creador foi o primeiro oleiro do universo, pois que, segundo a Biblia, constituiu o primeiro homem com argilla da terra!

Na ceramica se reflecte o caracter do povo que a produz: nas suas fórmas está a poesia de cada nacionalidade, na côr os differentes aspectos de cada nação e de cada paiz, dando-nos ao mesmo tempo conta da polychromia dos campos, da intensidade da luz que os illumina, da alegria ou tristeza dos seus cultivadores. O bem ou mal estar do artista, quando trabalha, reflecte-se na sua obra, e esse estado de espirito é, quasi sempre, produzido pelo meio em que o artista vive.

É assim que uma peça de louça nos suggere toda a influencia do meio

[1] Herculano, *Opusculos*, tom. VI, pag 70-71 e 92 93.

em que foi fabricada; e o prazer ligado a essa impressão é ainda mais intenso e completo, se o producto allia uma bella fórma á parte decorativa.

É conhecido o adagio: — «Ao pé de boa musica não se comettem crimes». Nós diremos que, em frente de uma peça de barro, de boa fórma, bem decorada sob esmalte brilhante e bem distribuido, não só se não commettem crimes, como se não diz mal do proximo . . .

Se não fosse tradicional a attenção que tem merecido a ceramica a todos os homens de elevada posição, quer pela sua cultura, quer pelo seu valor intellectual ou artistico, a Exposição Universal de 1900 teria vindo provar exuberantemente a que ponto chegou a arte da olaria, e quanto é estimada no mundo inteiro.

Uma das manifestações mais extraordinarias do certamen de 1900, em Paris, foi irrefragavelmente a ceramica.

Desde a muralha, a fonte monumental, as bases para sustentarem columnas e pilastras de ferro, até ao objecto mais delicado com todos os reflexos metallicos, em tudo isso foi utilisado o *grés!*

Entre os de muitas fabricas francezas que se apresentaram na secção respectiva, os productos da de Sèvres e da de Théodore Haviland, que rivalisam actualmente, eram deslumbrantes.

Na secção allemã, brilhavam as porcelanas de Berlim e de Saxe. Copenhague, com as suas porcelanas impeccaveis, obteve exito egual ao da anterior exposição de 1889. A Italia, cuja secção de ceramica occupava todo o pavimento terreo do seu monumental pavilhão, que formava á direita na *Rue des Nations,* apresentava-se tão distinctamente, que em nada desmerecia das tradições de Urbino, Gubbio, Luca della Robbia e de muitos outros. A Inglaterra, a Austria, a Hespanha e os fabricantes Rörestrand (Suecia), Bach (Belgica), Plateckbakkerig (Hollanda), são nações e nomes consagrados, que figuravam com os seus productos ceramicos na exposição, irreprehensivelmente. Não houve paiz, por mais modesto que fosse, que não concorresse, como simples romeiro, á festa universal, submettendo ao jury a ultima tentativa, uma novidade, um producto, grande ou pequeno, da famosa e pittoresca arte da olaria! E todo esse esforço era envolvido, por assim dizer, n'uma aureola de verdadeiro encanto!

A compensação não era, porém, menos brilhante e significativa. Por toda a parte os objectos eram disputados com a avidez da sêde! Nas encommendas, sobre cada uma das peças expostas, liam-se, em notas manuscriptas e bilhetes de visita, os nomes mais illustres da França, da Allemanha, da Inglaterra, da Austria, da Italia, da Hespanha, de todas as nações, emfim. Egualmente todos os museus do mundo adquiriam exemplares de faiança e de porcelana, para enriquecerem as suas collecções. Só por si, a

reciprocidade de compras, de nação para nação e até de fabricante para fabricante, constituia um movimento extraordinario nas respectivas secções!

❦ ❦ ❦ ❦

Não menos concorridas eram as salas do *Petit Palais*, onde estavam installadas as collecções da ceramica antiga.

Desde os barros da epoca gallo-romana até ao fim do seculo XVIII, collecções do Estado e particulares, tudo alli estava patente, para os amadores e os estudiosos poderem apreciar.

Seria alongar demasiado este capitulo enumerar todos os museus da França que enviaram á exposição retrospectiva o melhor do que possuiam. Citarei apenas algumas collecções que, pelo seu extraordinario valor, se tornavam mais evidentes:

Bernard Palissy (Faiança).—Collecção de M. le Baron Alfonse de Rottschild, 15 peças, entre as quaes se destacavam dois pratos com o monogramma de Henri II e Diane de Poitiers, e um prato, grande formato oval, *La Fécondité.*

Bernard Palissy (Faiança).—Collecção de M. le Baron Gustave de Rottschild, 18 peças, entre ellas um prato oval, *Diane.*

Bernard Palissy (Faiança).—Collecção de M.elle Grandjean, 11 peças, sendo a mais notavel uma placa rectangular, perfil de mulher.

(Para se fazer ideia do apreço a que chegaram as faianças de Palissy, do celebre ceramista francez da Renascença, basta dizer que as 44 peças d'estas tres collecções valem, approximadamente, 80:000$000 réis!)

Nevers (Faiança).—Collecção de M. G. Papillon, 40 peças.

Rouen (Faiança).—M. M. Papillon, 100 peças.

Seguiam-se outras collecções menos numerosas, mas não menos notaveis na escolha, de differentes possuidores e das seguintes fabricas:—*Saint-Porchaire, Nimes, Lyon, Nevers, Moustiers, Sincevy, Strasbourg, Lille, Bordeaux, Saint-Amand, Saint-Clément, Avignon, Goult, Sceaux, Saint-Omer, Rennes, Niederviller, Aprey, Marseille, Mennecy, Saint-Cloud, Chantilly, Montpellier, Agen, Paris, Vincennes, Arras, Sèvres, etc.*

CAPITULO II

Influencia das fórmas romanas e da olaria arabe

ÃO custa a crêr que os primeiros barros consolidados pela acção do fogo fossem negros e assim se fizessem devido á deficiencia technica e á deficiencia do recinto onde eram cozidos.

Antes d'esta maneira de obter solidos reservatorios para guardar os alimentos mais necessarios ao homem, é natural que fossem de barro sêcco ao sol, como o adôbo, e tornado impermeavel por meio de materias gordurosas, para poder comportar liquidos.

É possivel que os primeiros fornos fossem talhados na terra, como ainda hoje se usa fazer entre nós — para cozer a louça preta — ou construidos de pedra solta, e da sua insufficiente vedação e qualidade do combustivel as vasilhas resultassem ennegrecidas.

A pasta em que foram moldados os primeiros vasos deve ter sido achada casualmente, depois que o homem edificou as primeiras habitações pàra se abrigar e que, para as tornar mais confortaveis, se serviu da terra amassada com o indispensavel elemento, a agua, que a natureza lhe proporcionou e forneceu.

Deve ter sido então que os primeiros architectos sentiram o contacto com a plasticidade da argilla, que evidentemente encontraram no solo, junto com o material com que rebocaram as primeiras paredes que poseram de pé.

Quando pensamos na origem da olaria, nada nos parece verosimil, a

não ser este caminho, e por isso o expomos como resultado da nossa lucta com o nosso espirito.

Assim se nos apresenta a maneira por que nasceu uma das mais bellas,

G. [illegible] — *Collecção do Sr.* [illegible]

mais prestaveis e mais duradoiras industrias que o homem creou logo no desabrochar da vida, segundo as necessidades que dia a dia o instincto e a intelligencia lhe foram mostrando.

Das suas fórmas, e do embellezamento, pela applicação de lavores e de côres differentes da côr da vasilha, o progresso realisou-se lentamente, acompanhando as demais manifestações de arte, que as successivas camadas humanas fizeram progredir.

De tal modo o provam os estudos incansaveis da sciencia e dos archeologos, cada vez mais perscrutadores, que se teem realisado desde muito longe até aos ultimos annos da nossa edade.

Os moldes mais antigos, é nas necropoles, ou soterrados pelo tempo e pelas catastrophes, que se teem encontrado.

G. 3 — Sec. XIV. — Bilha, barro vermelho — Alt. 0,58 — *Pertence a Bibliotheca de Evora.*

A terra soube conservar com ca-

rinho de mãe, durante dezenas e dezenas de seculos, o que d'ella havia sahido.

É quasi inconcebivel a conservação d'esses objectos de barro, sem esmalte garantidor, alguns tão frageis como as delicadas porcelanas orientaes, *casca d'ovo !*

Era do rito enterrar louça com os mortos (porventura aquella de que em vida se haviam servido), para estes comerem na eternidade; *louça dos mortos,* assim a classificam os archeologos.

No seculo VIII, os arabes trouxeram para a Peninsula, onde habitaram mais de seiscentos annos, a industria da faiança colorida e translucidamente esmaltada.

A influencia arabe actuou sobre a ceramica peninsular, acompanhando successivas gerações até nós. Com a ornamentação em pedra e em madeira, com o estuque polychromo e os metaes lavrados, com estes e outros artefactos, generalisaram os arabes o azulejo e toda a faiança congenere, com o mesmo sabor *mudejar* e com a mesma intensiva polychromia, os mesmos relevos, de uma variedade exhaustiva de combinações geometricas, estrelladas e rosaceas.

Assim, a nossa faiança teve os seus inicios na arte arabe, como este caracteristico povo foi naturalmente inspirado pela arte byzantina e pela arte persa, no que diz respeito á côr e ao agrupamento dos motivos decorativos. Chegaram tambem aos nossos dias as primitivas fórmas do vasilhame grego e do vasilhame romano, que a civilisação d'estes dois grandes povos introduziu na Peninsula, anteriormente á civilisação musulmana, alem dos typos que os oleiros peninsulares crearam, segundo as exigencias da vida domestica, segundo o progresso productivo, de geração para geração.

Dos barros desenterrados pelas investigações archeologicas, não só na Hespanha, mas, com abundancia, no solo portuguez, se deprehende a intima relação que existe entre essas differentes familias e os nossos productos ceramicos, pela affinidade das fórmas e pela analogia da ornamentação.

Todas as peças de asas descahidas descendem da amphora greco-romana, em que os proprios arabes se inspiraram tambem, como o denotam os famosos vasos de Alhambra, os da collecção Basilewski e os do Museu Archeologico de Madrid, em que as linhas exteriores das asas completam estructuralmente esses incomparaveis exemplares, que, pelo seu conjuncto e prioridade, formam á direita de toda a faiança produzida na Peninsula.

Em Portugal, peças arabes, para comparar com as de Alhambra, não as ha; pelo menos, nada até hoje foi encontrado com semelhante valor. El-Rei D. Fernando possuia ricos pratos de reflexo metallico e com ornamentos em relevo, mas ainda se não sabe qual o ponto de fabricação.

Estes e muitos outros e mais peças que temos visto no paiz, tanto podem ter sido fabricados em Hespanha como em Portugal.

Os documentos que mais fé podem fazer, manufacturados entre nós, são os fragmentos e uma peça — taboleiro rectangular — encontrados nas escavações em Silves e que figuram no Museu Ethnologico Portuguez.

G. 4 — BILHA DE SEGREDO — Barro vermelho — Ornamentação em relevo, salpicada de mica — Alt. 0,28. — Caldas da Rainha — Attribuida ao reinado de D. João II — *Pertence ao Sr. M. G. Bordallo Pinheiro.*

N'esses pedaços de olaria arabe, a ornamentação é em relevo, e, n'algumas, vê-se a polychromia atravez do esmalte com scintillações metallicas. São attribuidos ao seculo XI.

A amphora romana é, por assim dizer, a mãe da esbelta fórma de um grande numero de especimens ceramicos portuguezes, cujo porte elegante deleita a vista do estheta.

Quem entrar na galeria principal do Museu Ethnologico de Belem, terá nitida impressão do nosso dizer. A collecção das amphoras é variadissima e esplendida de fórmas. Foram encontradas, na sua maior parte, no sul do paiz.

Na mesma galeria exhibe-se o rarissimo nucleo de peças da olaria coeva dos primeiros tempos da nossa monarchia. Foram achadas em um poço, propriedade do Sr. João dos Reis Leitão Marrocos, de Idanha-a-Velha, e offerecidas por este cavalheiro ao Museu, para onde foram trazidas por um dos seus empregados superiores, o Sr. Dr. Felix Alves Pereira.

Todos os exemplares estão mais ou menos mutilados, mas é facil reconstituir mesmo os que mais perderam da sua integridade.

Ha, em alguns d'elles, salpicos de mica, e as côres variam desde o barro vermelho até ao preto acinzentado.

G. 5 — BILHA COM TAMPA — Barro vermelho — Mesma ornamentação e attribuição da antecedente — Alt. 0,23. — *Pertence ao Sr. M. G. Bordallo Pinheiro.*

Estas peças não só mostram a influencia da olaria romana sobre o nosso torrão, como a historia

estructural da ceramica portugueza, que novecentos annos decorridos não ousaram destruir, como se prova comparando essas vasilhas com as que o nosso oleiro ainda hoje fabrica. A gravura n.º 2 representa 15 peças — da collecção do Sr. Avelino Pinto Osorio Castello Branco, de Valle de Prazeres, que, com as do Museu de Belem, sahiram do mesmo poço de Idanha-a-Velha, em 1902.[1]

Não admira que a producção ceramica tenha sido tão exuberante, em todos os tempos, em Portugal, visto o nosso solo ser tão argilloso e abundante d'agua.

5

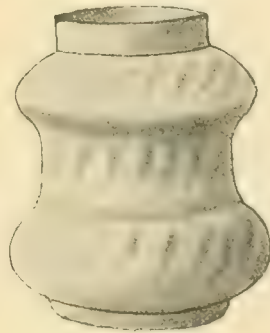
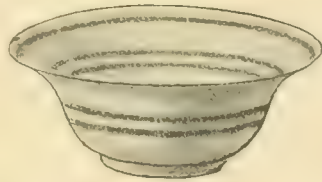
6

7

8

9

São raros os pontos do paiz onde se não encontrem barros de fina qualidade. Em Lisboa são frequentes as manchas argillosas, como, por exemplo, a de S. Mamede, que servia a antiga fabrica do Rato. O jardim do Sr. Conde de Font'Alva attesta os fartos barreiros d'esta região da cidade, que é natural se prolonguem para o jardim que lhe fica contiguo, do palacio Palmella, e circumvizinhanças.

Nota o Padre João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* (1742), n'uma interessante passagem de que já transcrevemos a parte referente aos pucaros de Estremoz, a excellencia dos nossos barros,

N.º 5, 6 e 7, barro vermelho — 8 e 9, faiança, decoração a azul, esmalte branco — 1480 a 1530 — Accessorios dos quadros chamados *gothicos* do Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa

[1] Sobre estas vasilhas, prepara o Sr. Dr. Alves Pereira algumas monographias, em que tratará tambem d'outras antiguidades de Idanha-a-Velha. A este erudito archeologo, agradecemos a amavel cedencia da photographia das quinze peças a que alludimos, assim como os esclarecimentos que nos forneceu ácerca d'este mesmo assumpto.

citando, pela ordem do apreço em que eram tidos, os pucaros portuguezes. «Poucas terras, diz elle, levarão vantagem á nossa na producção dos *Barros* finos, aptos para o fabrico de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro logar o barro vermelho e odorifero de Extremoz... Depois d'estes seguem-se os de Lisboa... Os de Montemór-o-Novo, Sardoal, Aveiro e Pombal são fabricados de barros egualmente selectos, não sendo para desprezar a loiça de barro, que se fabrica na Villa das Caldas». [1]

Ultimamente, diz o Sr. Charles Lepierre (referindo-se ao fabrico actual), da riqueza dos typos e das materias primas da nossa ceramica: — «Este facto é tanto mais interessante que, sendo pequeno o paiz, poderia deixar de fabricar certos generos de louça, cujo consumo fosse insufficiente; mas a explicação natural d'este facto encontra-se na riqueza e grande variedade das argillas portuguezas, como se prova pelas analyses effectuadas» [2]

Nos museus de Belem e do Carmo em Lisboa, Municipal da Figueira da Foz, da Bibliotheca de Evora, do Instituto de Coimbra, Municipal do Porto, e no que pertence ao distincto archeologo o Sr. Manuel Vieira Natividade, producto das investigações d'este nosso amigo nas grutas de Alcobaça, etc., encontram-se muitos documentos das differentes civilisações que viveram e progrediram sobre a nossa terra e sob o nosso sol.

Todas as provincias do paiz teem dado grande contingente para enriquecer os museus publicos e collecções particulares, que já são em numero bastante elevado. Sobretudo a parte sul, que comprehende as provincias do Alemtejo e Algarve, tem sido inesgotavel de documentos de architectura, de armaria e de ceramica, do periodo romano.

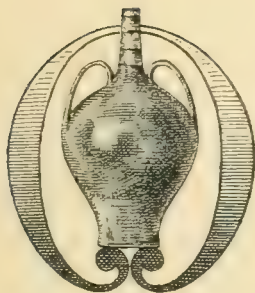
Na estrada de Villares, onde actualmente está a estação do caminho de ferro das Alcaçovas, houve uma olaria n'aquelle periodo. O Sr. Visconde da Esperança encontrou alli muitos productos d'esta manufactura, louça, telha, tijolo e parte dos alicerces d'uma construcção romana, de barro vermelho.

Não é para estranhar que o ponto escolhido para a montagem da fabrica fosse aquelle onde se encontraram os documentos a que alludimos, visto que reune, no mesmo local, materia prima e abundancia d'agua.

Além do que apontamos, houve, perto da mesma fabrica das Alcaçovas, uma povoação romana. [3]

[1] Tom. I, pag. 174 e 175.
[2] *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna*, pag. 24.
[3] Estas noticias foram-nos fornecidas pelo Sr. Visconde da Esperança, a quem mais uma vez agradecemos.

CAPITULO III

Manifestações artisticas em Portugal

SOL que illuminou o seculo XV incidiu sobre a nossa terra com o melhor quinhão dos seus brilhantes raios. Até então, a luz que mostrava aos portuguezes a côr do céu, a verdura dos campos e a transparencia das aguas, nunca tinha sido, e jámais deixou de ser, tão clara e sorridente. Foi esse clarão que nos mostrou tambem o caminho da gloriosa historia, que tanto havia de ennobrecer a raça portugueza.

Como guerreiro, já então Portugal havia dado provas de valor; para o trabalho, bastará notar o aqueducto de Elvas, tradição das gigantescas obras architectonicas que em Portugal se levantaram em toda a edade média, como são os templos romanicos de Lisboa, Coimbra e Evora e os gothicos da Batalha e do Carmo, tradição que se repercute, no seculo XVI, nos Jeronymos em Belem, e no Convento de Christo em Thomar, e que se extingue no seculo XVIII, nas basilicas de Mafra e da Estrella. Para o colossal aqueducto de que tratamos, feito em arcos sobrepostos, attingindo 30^{m} d'altura e 7054^{m} de extensão, contribuiram varias gerações, o que constitue a prova mais evidente da abnegação dos primitivos obreiros!

O aqueducto, a que se deu principio no fim do seculo XV, deve ter sido, preparatoriamente, emprehendido talvez vinte annos antes. Todo o trabalho de elaboração é dedicado, por aquelles que collocaram nos cavoucos as primeiras pedras, aos netos dos seus netos, para que estes, annos depois, podessem mitigar a sêde dentro da cidade fortificada! Mas as glorias

de Aljubarrota e o trabalho paciente do aqueducto da Amoreira não eram tudo. Faltava mais: accentuar por modo evidente o engrandecimento da patria, tornando-a senhora d'um grande imperio colonial, e, ao mesmo tempo, elevar a uma altura superior a sciencia, as artes e a litteratura. Ou fosse pela evolução natural da Renascença, que principiava a desabrochar, ou porque os esforços suggestivamente se conjugaram, o que é certo é que esse requinte de civilisação e o grande senhorio na terra vieram a tornar-se positivos.

Não custando pouco, Ceuta é o primeiro passo para o apogeo da nossa gloriosa historia. A figura enorme do Infante D. Henrique impõe-se na volta de Africa, com a convicção dos que não podem ser vencidos. O gilvaz colhido na face esquerda é o tributo das temeridades commettidas no campo de batalha. Seu pae, D. João I, que assiste ao combate, mais d'uma vez manda arrancar o Infante do fóco da peleja! É o Infante que tem planeado a campanha, e é elle que se bate como simples peão! Mas assim se tornava preciso. Marrocos era um dos principios para chegar ao grande fim!... N'um dos quadros a oleo, em madeira, da rara collecção de S. Vicente, pintura do meado do seculo XV, tanto o Infante como os demais personagens são retratos, evidentemente. Apesar de toda a intimidade da scena, a attenção da attrahente figura do Infante não está alli! O olhar perscrutador, altivo o porte, quem uma vez fitar esse retrato jámais poderá esquecer o filho do *Principe de boa memoria*. O seu aspecto dá-nos a impressão do homem que quer e que póde. Quasi indifferente a tudo que o cerca, indifferença de quem só está onde não está. A serenidade, a placidez do seu modo, só é comparavel á serenidade e placidez d'uma esphynge! É que esta expressão habitual do mestre de Sagres só se transforma ao voltar-se para a amplidão do mar, como simples gageiro, á porfia d'um mastro, d'uma caravella, a cortar a linha

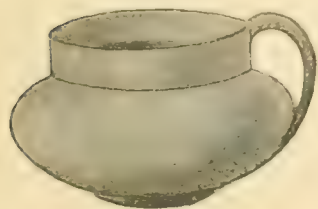
G. 11 — 1558 — VASO — Barro vermelho — Alt. 0,14. — *Collecção do Sr. Antonio A. Gonçalves*, em deposito no Museu do Instituto — Coimbra.

do horizonte, d'onde antevia uma noticia, pelas frotas que, por novos mares, haviam partido em busca de novas terras. Era então que os seus olhos brilhavam, que a sua expressão se illuminava!

As nossas relações diplomaticas põem-nos em contacto com aarte flamenga, arte mãe da arte de pintar em Portugal.

Na embaixada vinda a Portugal, e em que o Duque de Borgonha delega o pedido da mão da Infanta D. Isabel, filha de D. João I, vem Jehan Van-Eyck (ultimos annos do primeiro terço do seculo xv) e por cá se prende na Peninsula mais de um anno. A influencia do grande mestre faz-se sentir, e deixa impressões que no seculo xvi põem em evidencia celebridades na pintura, como Grão-Vasco.

11

[illegible]

O flamengo Memling tambem influe nos destinos da nossa arte, deixando, segundo todas as probabilidades, a Frei-Carlos, pintor do Espinheiro, em Evora, a sua maneira, influencia que o monge denuncia nos seus quadros, que lega a este mosteiro. Como Jehan Van-Eyck, Memling influiu egualmente no cyclo chamado «S. Bento». [1]

Crêmos que as primeiras pinturas a oleo, portuguezas, do seculo xv, solidamente accentuadas por influencia de Van-Eyck, ou mesmo de discipulos directos d'este mestre, são: os quatro quadros em tabua, *serie de S. Vicente,* e o retrato da Princeza Santa Joanna. Este ultimo está em Aveiro, no convento a que a loura Princeza deu o seu nome, e onde professou e está sepultada. É preciso não considerarmos desdouro a influencia que outros paizes ou artistas possam ter tido sobre a nossa arte. A vizinha Hespanha, a quem os elogios em materia de arte não constituem favor, possue, no Museu do Prado, o nucleo da incomparavel obra do immortal Velasquez, e não se deshonrou fazendo em 1902, *dentro do mesmo edificio* onde está a obra genial do seu primeiro pintor, uma exposição de todos os trabalhos, que poude colher, do extraordinario artista cretense que inspirou Velasquez! Faz mais: chama a *el Greco — o papá de Velasquez!*

12

[illegible]

[1] Raczynski, *Les Arts* [illegible]

Estabelece-se o meio artistico e os principes occupam-se da bella arte do desenho.

Antonio de Hollanda dirige na côrte os artistas cortezãos e deixa-nos obras primas de illuminura. Seu filho, Francisco de Hollanda, que nasce em Lisboa em 1517, [1] portuguez que tanto nos honrou na Italia e na Hespanha, artista e escriptor, volta a Portugal com os seus cadernos repletos de desenhos e descripções das maravilhas artisticas do paiz do Mestre Michael Angelo, como propriamente o tratava Hollanda.

É d'este artista o prologo que se segue:

«Se me Deos desse a escolher livremente entre todas as graças que repartiu com os mortaes, qual mais queria ter ou alcançar, nenhuma outra lhe pederia, depois da fé, senão o alto entendimento de pintar illustremente, nem por ventura nesta quereria ser outro homem senão este que sou. De que muitas graças dou eu ao immortal e soberano Deos por me neste grande e confuso mundo dar alguma pequena luz nos desejos da altissima pintura, pola qual a nenhum outro dote em mais honor e reverencia tenho polo seu grande merecer.

Mas de uma cousa é infamada Spanha e Portugal, e esta é que em Spanha, nem em Portugal, não conhecem a pintura, nem fazem boa pintura; nem tem seu honor a pintura; e vindo eu de Italia ha pouco tempo trazendo os olhos cheios da altura do seu merecimento e os ouvidos dos seus louvores, conhecendo nesta minha patria a grande differença com que esta nobre sciencia é tratada, determinei-me bem, e como fez Cezar ao passar do rio Rubicon, o qual era mui vedado com armas aos romãos, assim eu (se me é licito comparar, sendo pequeno, com homem, tamanho senhor) me ponho como verdadeiro cavalleiro e defensor da alta princeza pintura, offerecido a todo o risco por defender o seu nome, com minhas poucas armas e possibilidade.

Posto que tendo eu o favor de V. Alteza, muito alto e serenissimo Rei e Senhor, tão entendido em todas as cousas nobres e sciencias, não farei muito em vencer tudo, inda que tão poucos são os contrairos que me não era tanta ajuda necessaria.

Porém, porque cuidam alguns que eu me despreso de ser pintor, não tendo eu outra mór presumpção nem honra (depois de ser christão) que os desejos de o ser, eu entendo de mostrar neste segundo livro quão honrada e nobre cousa é ser pintor e quão deficel e de quanto serve e val a illustre e mui necessaria sciencia da pintura na republica, no tempo da paz e no da guerra, e os preços e valia d'ella noutras provincias, por maneira de um dialogo». [2]

Não é possivel fallar-se de arte mais elevadamente, haver mais orgulho em ser artista!

Os objectos preciosos de que eram portadores as differentes embaixadas, presentes régios, além dos que importavamos, vinham augmentar o nosso meio de arte. As famosas tapeçarias da Flandres tornavam os salões aristocraticos mais sumptuosos.

Tecidos de lã e de seda, de prata e de ouro, composições de figuras, sabiamente agrupadas, com todos os seus accessorios, de vestuarios, mobiliario, ourivesaria, armas, etc., constituiam verdadeiras escolas de bellas-artes.

No reinado de D. João II, já a arte e a litteratura marcam um periodo

[1] J. de Vasconcellos, *Francisco de Hollanda*, pag. xii

[2] J. de Vasconcellos, *Francisco de Hollanda*, pag. 1

elevadissimo, que é por este monarcha completado na soberba e numerosa architectura que elle, sob a sua sábia e activa direcção, faz construir no pequeno decurso dos 14 annos do seu reinado!

Emfim, o seculo xv tinha antecipado as illuminuras dos *Lusiadas*. A grande obra começada por D. Henrique e terminada por D. João II, deu a Portugal colossaes resultados. A rede deitada ao mar pelo infante trouxe-nos um imperio; a decisão e energia do monarcha, trabalhando sempre «pola ley e pola grey», lançaram á terra uma preciosa semente, que o seu successor, mais «afortunado», viu convertida em frondosa arvore.

E tão viva era, por eses tempos, entre nós, a preoccupação da arte, a par do sentimento religioso, que, do primeiro oiro das páreas de Quiloa, construiu e cinzelou Gil Vicente, por ordem de D. Manuel, a famosa custodia, com que depois o venturoso rei contemplou o mosteiro dos Jeronymos.

Tão colossal foi o legado, que o desastre de Alcacer-Kibir e os tres seculos de esbanjamento que lhe succederam, não conseguiram exterminal-o.

CAPITULO IV

A ceramica portugueza anterior ao seculo XVIII

É FÓRA de duvida, e muitas vezes confessado por naturaes e estrangeiros, que os nossos oleiros produziram muito boas louças de serviço commum, e que nas peças artisticas foram habilissimos, como ainda hoje se prova com os exemplares que nos legaram, dos seculos XVI, XVII e XVIII.

As duas bilhas de barro vermelho, que pertencem ao distincto ceramista M. G. Bordallo Pinheiro (g. 4 e 5), da época da Rainha D. Leonor (fim do sec. XV) [1], são productos da olaria portugueza a que o artista deu a mais bella fórma, mostrando possuir requintado instincto da esthetica!

O copo de barro vermelho, em fórma de alcatruz, em deposito no Museu do Instituto de Coimbra, com a data 1558 (g. 11), é peça que, pela graça e largueza de toque dos ornatos, medalhões, mascaras, cariatides e festões que a ornamentam, mostra á evidencia o apuro a que havia chegado a olaria nacional no meado do seculo XVI, — época em que, segundo Christovam Rodrigues de Oliveira, havia, só em Lisboa, 206 oleiros, 16 telheiros, 22 homens que faziam tijolo, e 32 ladrilheiros (azulejadores). Havia tambem 47 debuxadores, que davam os desenhos, e 76 pintores. [1]

[1] Segundo a opinião do Sr. Joaquim de Vasconcellos.
[2] *Summario de Lisboa* — 1554.

Esta peça e, conjunctamente, outros fragmentos congeneres foram encontrados pelo distincto archeologo, o Sr. Antonio Augusto Gonçalves, no fôrro d'uma abobada do convento de Santa Cruz de Coimbra.

Transcrevemos aqui o que o Sr. Gonçalves nota d'estas raras peças e, em seguida, a abalisada opinião do Sr. Joaquim de Vasconcellos sobre o mesmo assumpto.

«O que escreve estas linhas é possuidor de um vaso de pequena dimensão, infelizmente privado de base, que é uma peça de excepcional belleza, destinada de certo a offerenda de distinção e boas graças.

«No bojo, entre cariatides relevadas e lavores insculpidos, está tres vezes gravado o anno de 1558.

«E ainda outro, não datado, do mesmo estylo e esmero, muito fragmentado e incompleto». [1]

«O apparecimento d'esses objectos em Coimbra constitue um facto de primeira ordem para a historia da ceramica em Portugal e até na Peninsula». [2]

No Museu Archeologico de Santarem, entre outras peças de barro vermelho, distinguem-se duas, de que tirámos desenhos (g. 12 e 13) e que, pelo caracter da *patine* e fórma, são fabrico dos seculos XVI e XVII. Foram encontradas quando se procedia ao desaterro para a estrada que liga com a ponte sobre o Tejo. Ambas de pequeno formato, tendo a primeira duas asas e a bôcca em quadrifolio e a segunda uma só asa e a bôcca de fórma circular, dando-nos ideia, na pasta, dos productos de Estremoz.

O sitio em que appareceram as duas vasilhas denominava-se Gaião, onde outr'ora houve uma ou mais fabricas de louça. Um filho de Santarem conta que, sendo creança, quando passava com seu pae pelo referido logar, este lhe fallava da fabrica de Gaião, que já não existia havia cincoenta annos; com outros cincoenta que já vão decorridos, a fabrica deve ter deixado de funccionar ha um seculo, pelo menos.

Não admira, decerto, que Santarem tivesse oleiros que produzissem os dois exemplares que resumidamente acabamos de descrever e attribuimos a Gaião e aos seculos XVI e XVII, assim como outras fabricas da mesma industria, mais adeantadas, não só da Renascença como do ultimo periodo da edade média, visto Santarem ter sido um grande centro agricola, industrial e artistico, como é sabido. Quem sabe se não foram os oleiros de Gaião os manipuladores das primeiras pucaras (cabaças) de barro, destinadas a augmentar as ondulações sonoras, junto ao sino da *Torre das Cabaças*, que,

[1] *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra*, por A. A. Gonçalves (Appendice ao livro, já citado, do sr. Ch. Lepierre).

[2] *Commercio do Porto*, 30 de setembro de 1892.

desde o reinado de D. Manuel, marca as horas aos trabalhadores dos campos de Santarem?

Na egreja de S. Roque, a parte inferior das paredes lateraes da ca-

G 14 — 1584 — AZULEJO POLYCHROMO. Capella de S. Roque, na egreja d'esta invocação — Lisboa

pella do orago, é guarnecida de azulejos, nos quaes, sob os ornatos, se vêem os attributos do peregrino santo; estes azulejos representam tão extraordinaria obra de arte, na pintura em faiança, como desenho, polychromia e firmeza de factura, que ainda hoje se não produz melhor.

Estão assignados por Francisco de Mattos, e teem a data de 1584.

G. 15—1589—POIE DE FAIANÇA, decorado a azul.—Alt. 0.26 ½—*Collecção do Sr. Conde do Ameal.* Coimbra.

Para que a nossa opinião não pareça apaixonada, recordaremos o que disse, com a sua auctoridade e saber, Jacquemart, em 1869, na sua obra «Les Merveilles de la Céramique» (pag. 248) e o Sr. Joaquim de Vasconcellos veiu tornar mais conhecido entre nós, em 1883:—«Ce pays (Portugal) est en quelque sorte le nouveau monde de la céramique»!

O Conde de Raczynski, que viveu entre nós bastante tempo, e a quem Portugal ficou devendo um grande peculio para a historia da sua arte, não exaltaria tanto a arte portugueza dos seculos a que acima alludimos, se não encontrasse motivos para isso.

Foi, em parte, devido ao illustre diplomata allemão e archeologo distincto que a nossa arte, e toda a sua tradição, começou no estrangeiro, novamente, a ser notada, no meado do seculo passado.

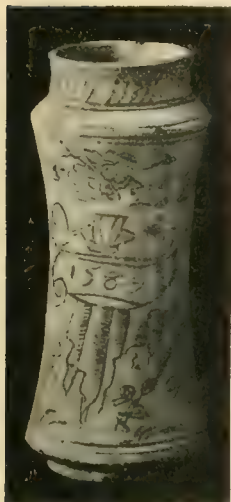
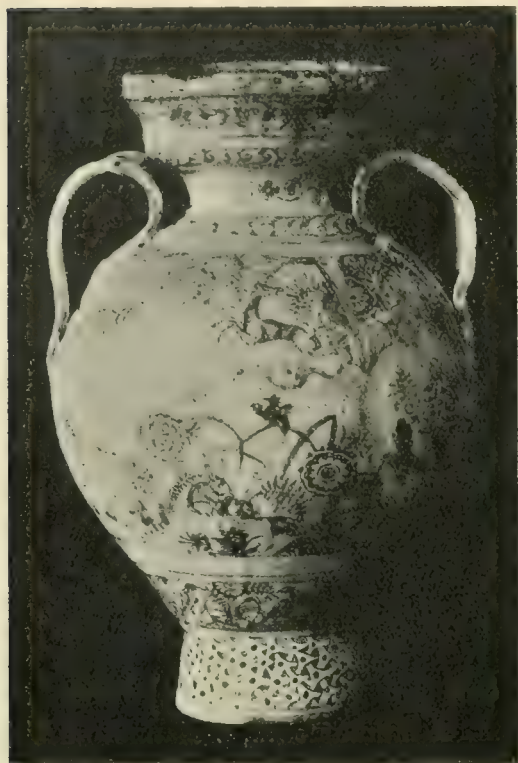
Robinson, o illustre professor da Universidade de Bonn Carl Justi, e, ultimamente, o distincto architecto allemão Albrecht Haupt tambem dedicaram largo estudo á arte portugueza.

É certo que, antes da evolução artistica que fomos buscar ao Oriente, a nossa louça, como se póde avaliar pelos accessorios ceramicos das pinturas em madeira do seculo XV, não tinha de interessante, em geral, senão a fórma (g. 6 a 10).

A tradição ainda hoje conserva essas linhas na cantara de Coimbra, na malga, na bilha de segredo, que as Caldas da Rainha não deixaram extinguir, e que o Prado conservava ainda ha bem poucos annos, nas suas bilhas de mascarões, salpicadas de mica, e asa descahida, e, em geral, no vasilhame popular de Bragança, Mirandella, Barcellos e Aveiro.

Além da louça, propriamente dita, de barro vermelho, as peças em relevo eram semelhantes, na ornamentação, á *coupe* do Museu do Instituto de Coimbra, e as esmaltadas, eram-no a verde, azul e vermelho, e, um ou outro exemplar, com faixas ou rudimentares arabescos, sob esmalte branco melado.

N'um dos quadros do Museu das Janellas Verdes, dos fins do seculo XV, a que impropriamente dão o qualificativo de pintura gothica, vê-se um pe-

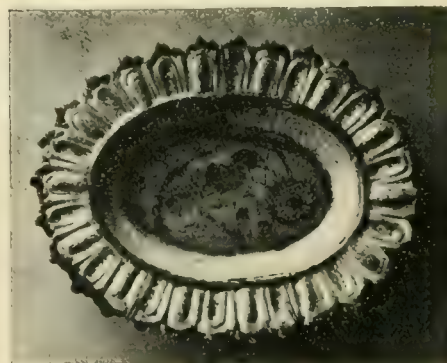
queno pote de dois bojos *(canudo de botica)*, decorado a azul sob esmalte branco, como ainda no fim do seculo XVIII se fabricavam (g. 9).

As peças que em tempo existiram no convento da Madre de Deus, e outras que faziam parte da collecção do fallecido architecto Nepomuceno, entre ellas algumas esmaltadas, deviam estar n'aquelle caso.

G. 16 — Principio do sec. XVII — TALHA DE FAIANÇA, decorada a azul (oriental accentuado). Alt. 0,44 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

É claro que a influencia romana accentua-se na fórma, como no esmalte se revela a influencia arabe.

Esta cedo começa a matizar a faiança, entre nós. De azulejos do estylo *mudejar*, não faltam exemplares no paiz, pelo menos do seculo XIV em deante.

Veem mais tarde as fórmas e os motivos decorativos do Oriente, e d'ahi a transformação operada, as modificações realisadas na olaria portugueza.

Quando entrou em Lisboa (1619) Filippe III (de Hespanha), já a industria ceramica estava entre nós florescente.

Assim o prova o arco triumphal, ornamentado de faiança, construido pelos oleiros portuguezes para festejar a chegada do novo monarcha. O famoso arco, que attingia proporções monumentaes, era de custoso lavor e ostentava muitas figuras, entre ellas as imagens das Santas Justa e Rufina, [1] do ta-

G. 17 — Sec. XVII — TRAVESSA DE FAIANÇA, decorada a azul (oriental accentuado). — Dim. 0,22 × 0,17 — *Collecção do Sr. J. C. Geraldes* — Vianna do Castello.

[1] Santas padroeiras dos oleiros, cujas imagens se viam na bandeira, de seda branca ou vermelha, que figurava nas procissões publicas da cidade.

N. B. — A nota sobre a Casa dos Vinte e Quatro, officios mechanicos, etc., que se lê nos *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, I parte, tom. V, pag. 557, não allude senão a Santa Justa, na bandeira dos oleiros.

manho natural, assim como varias legendas, nas quaes, com altivez, os festeiros exaltavam as glorias do seu officio!

Além dos curiosos versos affixados no mesmo arco e dirigidos ao soberano, uma quadra dizia assim:

«Aqui Monarca excelso soberano,
Vos offerece a Arte peregrina,
Fabricado no Reino Lusitano,
O que antes nos vendeu tam caro a China».

«Encima no quadro pequeno avia outro Emblema, era hua Nao da India da qual se descarregavão barças de porcelana da China, & outros Navios estrangeiros que carregavão da nossa, & outros que já carregados della, saião do Porto; era a letra deste Emblema:

ET NOSTRA PERERRANT

Tambem as nossas vão a varias Regiões. [1]

No seu *Livro das Grandezas de Lisboa* (1620), refere Nicolau de Oliveira que, em Lisboa, existiam oito fornos de louça vidrada, vinte e oito de louça de Veneza e quarenta e nove de tijolo e telha, accrescentando que havia treze oleiros de azulejo, apesar de se fazer muito nos fornos de louça de Veneza.

É no periodo que abrange os setenta annos que vão do meado do seculo XVI aos primeiros vinte annos do seculo seguinte, que a olaria portugueza passa por uma grande transformação, quer na fórma, quer na maneira de decorar.

Das peças de transição, vimos sómente uma, no Palacio de Cristal do Porto, ha muitos annos, e d'essa resta-nos apenas uma vaga ideia.

Das que se seguiram nos primeiros annos do seculo XVII, ha bastantes exemplares, que attestam ter havido um periodo de transição, preparatorio de novo estylo.

As talhas da collecção do Sr. Conde do Ameal (Coimbra) parece-nos estarem n'esse caso. Uma d'ellas, a mais antiga, principio do seculo XVII, representa uma caçada. Toda a decoração é a tinta azul e o estylo absolutamente oriental (g. 16).

A segunda apresenta dois estylos, oriental e europeu, sendo este muito mais accentuado do que aquelle (g. 22). Decorada a duas tintas, azul com retoques côr de vinho, sobre fundo branco sujo (como a primeira), tem, na parte superior do bojo, entre outras figuras, um Cupido, rodeado da seguinte inscripção em bom portuguez:

NÃO QUERO NADA DO AMOR

[1] Lavanha. *Viagem... del rey D. Felipe II N. S. ao reyno de Portugal*. pag. 30

O que não póde ser mais eloquente para o que desejamos concluir, é o precioso prato (g. 23), que, pelo frete rebordado inscripto no fundo, revela que formava par com um gomil, que não conseguimos achar, pela disposição provisoria em que encontrámos a referida collecção.

G. 18 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul (desenho miudo) — Diam. 0,39 ½ — *Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira* — Vianna do Castello.

É decorado a duas côres, azul e côr de vinho, como quasi todas as peças d'este typo, que, para simplificar, passamos a chamar de *desenho miudo*, pela delicadeza da pintura.

As sombras [1], em fórma de campanula, que cobrem os chins, sustentadas por troncos d'arvores, apresentam ornatos europeus. A figura do centro do prato, de cabellos soltos, pousando o joelho direito sobre uma urna, tem apenas os *torques* caracteristicos do Oriente a cingir-lhe os braços e as pernas, e até os pagodes mostram evidentemente que o decorador era europeu.

A collecção do Sr. Dr. Oliveira (Vianna do Castello), que, n'este genero, consideramos, se não a primeira, uma das primeiras, do paiz, é bastante elequente tambem. Os typos orientaes com figuras europeas, nomes, inscripções e brazões portuguezes, são em grande quantidade.

G. 19 — Sec. XVII — TRAVESSA DE FAIANÇA, decorada a azul (desenho miudo) — Dim. 0,24 × 0,15. — *Collecção do Sr. J. C. Geraldes* — Vianna do Castello.

Entre os muitos pratos de grande formato que constituem o melhor d'essa collecção, um d'elles (g. 18) é pura expressão do estylo oriental; no entanto, uma figura de mulher, uma dama com um espelho na mão direita,

[1] Docel, etc.

motivo principal que decora o fundo, é genuinamente europea, tanto na expressão como no trajo. Representa esta figura um dos cinco sentidos:—*Vêr*.

Os nossos progenitores tinham muito o costume de alludir aos *cinco sentidos* nas decorações, não só na pintura, mas, com predilecção, nos bordados sobre tecidos de seda e linho.

Na exposição districtal de Aveiro (1882), figurou uma colcha bordada a seda vermelha, sobre egual tecido branco, em que duas figuras — mulher e homem — tocavam uma flôr. Sobre o grupo, lia-se a palavra *apalpar*.

Na exposição de arte ornamental (Lisboa, 1882), expunha o Sr. Bento Queiroz (Lamego) uma colcha bordada a retroz de côres, que representava a serie dos sentidos.

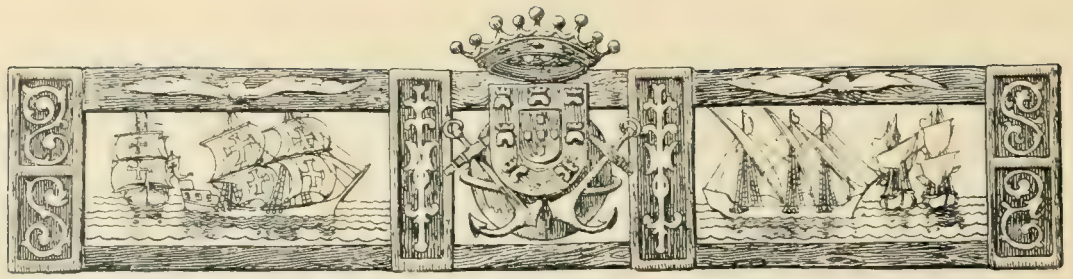
São tres os primeiros typos com caracter oriental bem definido, segundo deduzimos do nosso estudo em perto de oito mil peças de faiança portugueza, entre as quaes uma boa sexta parte pertencentes a esta familia.

PERIODO ARCHAICO

Do fim do seculo XVI ao meado do seculo XVIII

1.ª epoca	1.º Oriental accentuado 2.º Oriental, desenho miudo 3.º Oriental, aranhões	Lisboa [1]
2.ª epoca	4.º Prado — Braga 5.º Baroco—Lisboa (?) 6.º Renda—Coimbra (?)	

É de crer que estes typos se fabricassem em mais de um ponto do paiz. As localidades indicadas foram, porém, muito provavelmente, as creadoras d'esses padrões.

[1] Attribuimos estas louças á fabrica ou fabricas antecessoras da da Bica do Sapato, ou a uma fabrica no Beato Antonio, muito citada. Note-se que o Museu Archeologico do Instituto de Coimbra tem um prato (g. 21) com o caracter d'esta louça, marcado com as lettras ·B A· Marcado

CAPITULO V

A influencia oriental

FORAM os portuguezes, pelos seus arrojados descobrimentos «por mares nunca antes navegados», que introduziram a porcelana na Europa.

Os nossos navegadores, depois de estabelecida a carreira da India, encheram o paiz de productos naturaes e artisticos, como foram as especiarias e todas as manifestações de arte que o Oriente produzia, e assim Portugal póde mostrar a toda a Europa o mobiliario ricamente incrustado de marfim, ébano e metaes, os sumptuosos estofos de seda recamados de ouro e prata, as riquissimas tapeçarias e as preciosas porcelanas, ainda hoje incomparaveis, no seu extraordinario conjuncto, pasta, esmalte e deslumbrante e intensa polychromia! Lisboa tornou-se então deposito de todas estas maravilhas, com que guarnecia desde os palacios até á modesta habitação burgueza!

Na rua Nova d'El-Rei, rua Nova dos ferros, ou simplesmente rua Nova — a mais importante da velha Lisboa, já desde o seculo XIII (reinado de D. Diniz),—a parte não occupada pelos ourives do ouro e lapidarios era (diz o Sr. Freire de Oliveira) «ladeada de ricos estabelecimentos, onde se vendiam livros, porcelanas, velludos, sedas e muitos outros artigos, principalmente procedentes da China e Japão». [1]

---

[1] *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, 1.ª parte, tom. IX, pag. 204.

Começou, como era natural, a exportação, visto que tanto nos sobrava, e os navios estrangeiros vinham fornecer-se ao nosso porto, tornando-se Lisboa, com prejuizo de Veneza, o primeiro mercado europeu de raridades exoticas, e assim se manteve mais de um seculo!

Por meado do seculo XVII, concorriam á feira de St. Germain, portuguezes, que vendiam, entre outros productos do Oriente, porcelanas da China, como se deprehende d'estes versos de Scarron:

G 20 — PRATO DE FAIANÇA, grande formato decorado a azul e cor de vinho (desenho miudo) — Sec. XVI — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

«Menez-moi chez les Portugais,
Nous y verrons à peu de frais
Les marchandises de la Chine;
Nous y verrons de l'ombre gris
....
Et de la porcelaine fine
De cette contrée divine, etc.» [1]

Foi devido ao nosso pequeno paiz, decorridos que foram mais de uma centena de annos, que se operou o grande movimento ceramico em quasi todas as nações europeas, em experiencias e tentativas, que, sem interrupção, duraram desde o primeiro terço do seculo XVII até ao principio do seculo XIX, em successivos progressos.

Se bem que não foi Portugal a primeira nação a tirar partido do seu proprio esforço reproduzindo a porcelana, é certo que foi elle o motivo primordial de todo esse grande e extraordinario movimento, que se accentuou definitivamente no seculo XVIII, e que custou á Allemanha e á França trabalho e dispendio enormes, — não sem proveito, pois que é fóra de duvida que cabe a estas duas nações a honra de terem, primeiro do que qualquer outra, manufacturado a porcelana *a grande fogo*.

Quanto a nós, aquelle facto não é para estranhar; e, se tarde produzimos a porcelana, propriamente dita, foi porque não precisavamos elaborar o que obtinhamos sem grande esforço; e, portanto, não é difficil concluir que, sendo os

[1] Champfleury, *Bibliographie ceramique*, pag. 25.

portuguezes quem primeiro viu e apalpou a porcelana, se a não fabricámos, tendo de mais a mais na mão o segredo da materia-prima, do esmalte e da cozedura, como adiante se verá, foi porque se não tornava preciso fazel-o.

Não aconteceu outro tanto com o mobiliario, charões, etc., que bem cedo se fabricaram em Lisboa, a ponto de se confundirem as peças portuguezas com as originaes, vindas do Oriente, dando-lhes os nossos artifices a fórma e o caracter decorativo, caracter que egualmente imprimimos nas nossas faianças logo no principio do seculo XVII ou talvez mesmo no ultimo terço do seculo XVI, como é natural conjecturar, motivos decorativos, que a Hollanda por sua vez importou com as peças orientaes e portuguezas, e que empregou na decoração das suas louças.

G. 21 — Sec. XVII (segd. mtd.) — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (desenho miudo) — Diam. 0.32 — *Museu do Instituto* — Coimbra

Frei Gaspar da Cruz, em 1569, descreve o processo de que se serviam os chinezes para o fabrico da porcelana! Foi esse portuguez que desvendou o mysterio, que, não sabemos por que razão, ficou sendo segredo na Europa ainda por muitos annos, até que o celebre Reaumur divulgou a composição da pasta d'essa preciosa louça.

Mas, emquanto outros paizes diligenciavam imitar a porcelana oriental, procurando nos barros o que fosse absolutamente infusivel, aos oleiros portuguezes tambem a importação de tão estranha qualidade de louça lhes veiu servir de incentivo, com certeza mais pelo aspecto do que pela qualidade da materia-prima, e d'ahi o progresso no fabrico das nossas faianças, que só n'estes ultimos quarenta annos temos sabido avaliar.

Se, por um lado, os trabalhos de Accurcio das Neves, do principio do seculo XIX, [1] indicaram o caminho para os que, depois d'esta data, teem tratado o assumpto, é certo que o auctor não foi justo nas suas apreciações,

[1] *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal*, cap. XVII, e *Variedades sobre objectos relativos as artes commercio e manufacturas*, tom. II, pag. 175-219.

com relação ás faianças do Rato, Bica do Sapato e das fabricas de Coimbra, Porto, Darque e outras, que parece não ter estudado com attenção e que apreciou injustamente, comparando-as com as porcelanas orientaes!

A opinião de A. das Neves, auctorisada em estudos industriaes, veiu dar força aos incredulos e pessoas de *parti-pris*, sempre dispostas a pôr em duvida a perfeição dos productos nacionaes.

D'ahi, a attribuição das nossas mais bellas peças de faiança á Hollanda, sem se attender a que, já nos ultimos annos do seculo XVI, eram notaveis as nossas faianças, e ainda á Hespanha, invocando-se, como prova, as inscripções em hespanhol que apparecem por vezes em exemplares do tempo do ultimo dos Filippes, como se acaso o facto não fosse perfeitamente explicavel pela situação politica em que nos encontravamos desde 1580, e como se porventura a lingua castelhana não fosse muitas vezes empregada, até meado do seculo XVII, pelos nossos escriptores.

G. 22 — Primeiro terço do sec. XVII — TALHA DE FAIANÇA, decoração a azul e roxo (desenho miudo) — Alt. 0,38 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal.* — Coimbra.

Do nosso amigo o Sr. Luiz Fernandes, a quem pedimos a rectificação dos nossos apontamentos, ácerca do museu de Sèvres, recebemos de Paris esta valiosa noticia:

«Ha em Sèvres uns azulejos polychromicos classificados como de *Delft*, mas que M. Papillon diz que duvida muito tenham essa procedencia. Opta mais por que sejam hespanhoes ou portuguezes».

Depois d'essas versões, que repugnavam a quantos se occupavam do assumpto, attribuiram-se as louças d'este caracter, *desenho miudo* e *aranhões*, a Coimbra; mas pouco tempo durou a presumpção. O Sr. Antonio Augusto Gonçalves, a quem se devem relevantes serviços para a historia da ceramica em Coimbra, investigou n'esta cidade sobre a alludida attribuição e concluiu ser infundada. O Sr. Gonçalves é, como o Sr. Joaquim de Vasconcellos e como nós, de opinião que ellas pertencem a fabricas de Lisboa.

É possivel que uma ou outra d'essas peças, por espirito de imitação, seja producto de algúma das fabricas de Coimbra, Aveiro ou Porto, sobretudo as que apparecem decoradas com motivos arrendados ou franjados (vide g. 42 e 44), motivos que se encontram nas azulejos do Bussaco, nos da Capella de Santo Amaro e do Convento de Santa Joanna em Lisboa, etc.; mas estamos convencidos de que o ponto predominante de fabricação era na capital, e suppomos que ella se extinguiu com o terremoto de 1755.

Assim se póde inferir de duas razões, que coincidem e que se conjugam claramente. Em primeiro logar, as datas, de que damos conta na respectiva secção do diccionario, vão só até pouco antes da catastrophe: 1752. D'aqui em diante, desapparecem os algarismos e com estes a producção. Em segundo logar, esta faiança tem-se encontrado por todo o paiz, excepto em Lisboa, a ponto de nos impressionar. A não ser o exemplar datado de 1741, que ainda ha poucos annos se encontrava no palacio dos Condes de Anadia, a S. João dos Bemcasados, um dos edificios que resistiu ao desabamento, todos os demais, que nos conste, teem vindo em grande parte trazidos das extinctas casas religiosas das nossas provincias, o que assim deve ser.

G. 23—1660 — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho desenho miudo Diam. 0,41 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* - Coimbra.

Desapparecido o centro productor, é claro que os productos só podem ser encontrados nos logares que o mesmo centro abasteceu.

É, pois, evidente que havia um ponto predominante de fabricação no paiz e esse ponto, quanto a nós, não podia ser senão Lisboa.

Os motivos decorativos d'essa faiança eram inspirados nas louças orientaes, que as nossas caravelas traziam para a capital, então, para nós, meio industrial e artistico e centro civilisador, por excellencia.

Por excesso de escrupulo, visto a segunda das attribuições a que acima nos referimos, procurámos por differentes pontos da Hespanha esta louça, mas não a encontrámos. Se tal fabrico pertencesse a este paiz, mais facilmente deveriam os especimens encontrar-se em Hespanha, que não soffreu, como nós, tão medonha devastação. O Museu Archeologico Nacional de Madrid teria, junto aos outros typos da sua ceramica, que se acham expostos, mais este, e não o vimos alli representado. A unica peça congenere — um prato — exposto no Museu, é attribuida, pelos empregados subalternos, que consultámos na falta do respectivo catalogo, uma classificação que gira sobre hypotheses: Segredelos (provincia de Valencia) e Delft.

G. 24 — Sec. XVII (prim. metd.) — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (desenho miudo). Diam. 0,39. *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

Se com as faianças hespanholas, de caracter definido, que até agora temos encontrado o prato em questão, não tem parentesco, menos ainda o poderá ter com a faiança de Delft, visto esta ser differente, não só na pasta, como na pintura. E' outro o azul, mais delicado o toque, mais fino o esmalte.

Emfim, o prato deve ser portuguez, segunda metade do seculo XVII — e, comquanto não seja egual, na decoração e na fórma, ás peças *desenho miudo* e *aranhões* [1] ponto de partida dos nossos argumentos, tem, no emtanto, ligação com estes exemplares.

Referimo-nos a um prato de grande dimensão, decorado a tinta azul e de esmalte relativamente ordinario, aba bastante inclinada, com oito divisões em sectores arqueados, no sentido do maior raio, contendo cada um dos es-

[1] Estas peças são decoradas a duas tintas, azul e côr de vinho; e aquella, somente a azul.

paços uma grande flor rodeada de hastes com folhas estreitas e soltas, e grupos de quatro pintas, que o decorador tocou para melhor compôr o motivo. Ao centro, dois patos e tres arbustos constituem o assumpto principal da decoração ; e, pela parte exterior (costas), quatro pequenos ramos á maneira dos já descriptos, intercalados com egual numero de pintas, como obreias circulares, devendo ter sido fabricado nos annos que vão de 1720 a 1750.

G. 25 — 1741 — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (desenho miudo) — Diam. 0,37 — *Pertence ao Sr. Visconde de Alverca* — Coimbra.

A explicação do guarda, echo, naturalmente, da opinião d'algum visitante pouco enfronhado em tão vasto campo, recorda-nos o que por cá se dizia, sem fundamento plausivel, da faiança portugueza e, accentuadamente, dos nossos azulejos!

Como é que Delft podia ter influido no melhoramento da nossa ceramica e, sobretudo, no dos azulejos, se, na Hollanda, as primeiras tentativas n'esta industria só tiveram principio no primeiro terço do seculo XVII, quando já no seculo anterior se produziam em Portugal azulejos como os da capella de S. Roque em Lisboa?!

Sem duvida que essa apregoada influencia em nada actuou no fabrico dos nossos tijolos decorativos.

É incontestavel que Delft conseguiu fabricar faiança (louça e azulejos), que, pela sua côr (azul) e pelo seu esmalte, se tornou celebre na Europa. Mas só no seculo XVIII, após os progressos realisados no decorrer do seculo XVII, a louça de Delft attingiu esse grau de perfeição. Foi por esse tempo que os productos hollandezes invadiram os mercados europeus.

Como é que se explicam os azulejos de S. Roque, assignados, *um seculo antes*, por Francisco de Mattos, extraordinario artista portuguez, que não só firmou o seu nome, mas que se não esqueceu de datar a sua obra (1584), obra que jámais foi excedida no bello conjuncto, e que ainda ha bem poucos annos era desconhecida da maior parte dos portuguezes, em que, naturalmente, entra o numero dos descrentes?

Se desejassemos provar o contrario, não seria difficil, visto os factos da historia portugueza terem, no seculo xvi, levado de Portugal para a Hollanda, entre outros artifices-artistas, mestres na ourivesaria e lapidarios eximios, com a expatriação forçada dos judeus portuguezes, como de Lisboa foram egualmente, nos navios d'aquelle interessante paiz, as porcelanas orientaes, que lhe serviram de incentivo e de modelo, como a nós nos serviram para reformarmos a parte decorativa da nossa faiança.

G. 26 — Sec. xvii — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul e côr de vinho (desenho miudo) — Diam. 0,22 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

É provavel que, na multidão dos desterrados, fossem tambem oleiros, que na Hollada exercessem o seu mister. N'uma tampa isolada, que reputamos de Delft, e que devia tapar uma compoteira ou peça semelhante, tampa que faz parte da collecção do Sr. Moreira Cabral — encontra-se, marcado exteriormente a tinta azul, côr com que é decorada a peça, o appellido *Costa*.

Será este Costa o fabricante da peça, ou a pessoa para quem ella foi fabricada? É possivel que este Costa descendesse d'alguma familia de ceramistas ida de Portugal, dada a primeira hypothese.

Aqui teem os leitores o facsimile rigoroso d'essa marca:

Costa

Portugal tem, como poucos paizes, tradições, na olaria, que se perdem na escuridão de longinquos tempos, com elementos nativos inesgotaveis, por todo o seu territorio, em quanto que a Hollanda tudo teve que importar, quando metteu braços a tão complexa e custosa tarefa, cujo resultado não prova senão a favor

G. 27 — Sec. xvii — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (desenho miudo) — Diam. 0,22 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

do seu extraordinario esforço; e dizemos esforço, porque iniciar n'um paiz uma industria, sem que n'elle existam as materias-primas indispensaveis e a tradição do respectivo *métier*, é muitissimo; por muito talento e habilidade de que esse paiz possa dispôr, ha na ceramica uma parte estranha a estas qualidades, que só se consegue com aturado estudo e saber. A este campo pertencem a chimica e a physica, visto que a côr e a acção do fogo são factores que collaboram com a mão d'obra, e que contribuem com uma grande parte para o bom resultado de uma peça de faiança, o qual, portanto, não depende simplesmente dos dotes artisticos de que porventura esse paiz possa dispôr, nem de todo o genio de que seus filhos possam ser bafejados.

G. 28 — Prato de faiança, decorada a azul (aranhões) — Diam. 39 ½ — *Museu do Instituto* — Coimbra.

O Sr. Oswald Crawfurd, consul de Inglaterra no Porto, n'um estudo que em tempo escreveu sobre a louça antiga portugueza, compara esta com a de Delft, e conclue dando á nossa a prioridade.

Por seu lado, a Allemanha, onde se trata d'estes assumptos cuidadosamente, n'um estudo publicado ha pouco, sobre a ceramica em geral, tem a mesma opinião, que o Sr. Crawfurd.

No capitulo sobre azulejos, reforçaremos com outros argumentos a nossa opinião, que alguns factos apontados no decorrer d'esta obra egualmente corroboram.

Na famosa collecção de chicaras (400) do nosso amigo o Sr. Luiz Fernandes, sem duvida uma das mais notaveis conhecidas, ha dois exemplares que provam mais uma vez ser preciso todo o cuidado na classificação da ceramica antiga: Um, polychromo, com toda a gamma de Delft, é sem duvida alguma, fabricação de *Milão*. Outro, com filetes amarellos na chicara e pires e com o resto da decoração a tinta arroxada, marinhas tendo no pri-

meiro plano pescadores, esse, mais accentuadamente Delft do que o primeiro, foi authenticado, em Paris, *St. Omer!* Se estas peças, em vez de serem dos paizes indicados, fossem portuguezas, quem faria acreditar aos descrentes entendedores cá da terra que eram de fabrico nacional? Ninguem, estamos certos!

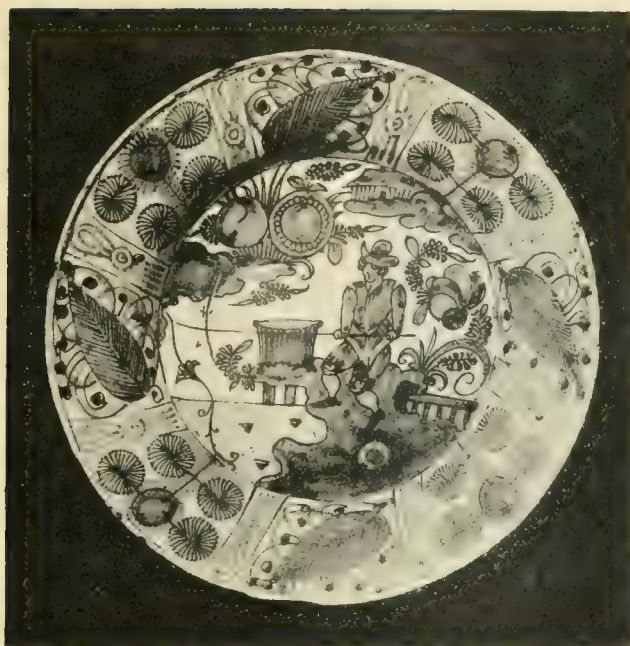
Ha ainda n'esta collecção outros especimens, que, isoladamente, se tomariam por productos portuguezes, apesar de terem sido fabricados bem longe das nossas fronteiras!

CAPITULO VI

O seculo XVIII

SE na edade média a ceramica era já interessante em Portugal e no seculo xv essa industria entrava n'uma phase de mais solida fabricação, se depois, no seculo xvi, o nosso paiz teve artistas como Francisco de Mattos, auctor dos azulejos de S. Roque—no seculo seguinte, a faiança não desmereceu, como succedeu com todas as outras artes, não só entre nós mas em toda a Europa, devido a tanto haverem subido no aureo periodo que se chamou a Renascença, e o azulejo artistico continuou a progredir até ao fim do segundo terço d'esse seculo, com o mesmo sabor com que se fabricava no anterior, com o mesmo matiz das cinco côres, com a mesma arte de compôr e egual estylo de debuxar!

Se todo este passado foi lisongeiro para os artistas que tiveram a seu cargo a ceramica portugueza, os que lhes succederam nada lhes ficaram devendo, como o provam os productos de seu engenho e actividade em todo o seculo xviii! Assim, os cem annos a que nos referimos são preenchidos com brilho, a tal ponto que, se o nosso paiz não tivesse produzido mais do que a faiança do seculo xviii, teria feito alguma coisa digna de menção e altamente apreciavel aos olhos dos que prezam e estudam esta industria artistica, a que está tão estreitamente ligado o caracter nacional.

Mas não é só pelo lado technico e artistico que as faianças e os azulejos portuguezes d'este seculo se impõem á nossa attenção.

G. 29 — PRATO DE FAIANÇA decorado a azul e côr de vinho (aranhões) — Diam. 0,30 — *Nossa collecção* — Lisboa.

As historias interessantes que então se ligavam á olaria nacional, — como já anteriormente acontecia, — as referencias politicas, as allusões patrioticas, as recordações da vida monastica, os versos, as phrases amorosas, os dichotes, as galanterias, as palavras e phrases relacionadas com o destino da peça, os enygmas, as datas commemorativas, que os documentos ceramicos d'essa época apresentam, inscriptos, geralmente, em *cartouches,* rotulos e cartões; os escudos d'armas e symbolos heraldicos, que tanto amiude n'elles se encontram, — tudo isso confere um logar de honra á faiança do seculo XVIII, entre os documentos do nosso inegualavel passado. Citamos, colhidos ao acaso em nossos cadernos, alguns exemplos: N'um prato que attribuimos a Vianna, lê-se: *Viva Don José 1.º;* na borda d'um outro prato, a seguinte phrase: *Dezejei e não logrei fazer-vos a vontade.*

G. 30 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA decorado a azul e côr de vinho (aranhões) — Diam. 38 1/2 — *Collecção do Sr. Pinho da Cunha* — Lisboa.

N'um outro, ainda, que pertence ao Sr. Conde do Ameal, estas palavras: *Não ha mais,* como dichote, ao acabar-se a iguaria que comportava!...

N'uma infusa de Vianna, esta legenda: *Beba*

e Viva; n'uma fonte da secção ceramica do Museu de Coimbra, encontrámos estas palavras: *Bela couza de ago (sic);* n'uma bacia degolada, de fórma oval (principio do sec. XIX), lia-se: *Cada barba trinta réis.*

Em Coimbra, no celebre *Café da Bernardina,* ao fundo da Sophia, na época em que cursavam a Universidade Bernardino Machado, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, João Penha, Teixeira de Queiroz e Alberto Braga, nas chicaras por onde os estudantes tomavam café, liam-se estas palavras: *Amor com amor se paga.*

G. 31 — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (aranhões) — Diam. 0,38. — *Collecção do sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

Diz-nos Alberto Braga que o sentencioso *pagamento* era a oiro, escripto, bem entendido.

Entre os productos ceramicos que fazem parte da secção ethnographica do Museu de Belem, ha placas em fórma de coração, ornamentadas com outros corações pintados. A estes juntam-se, com as iniciaes dos apaixonados, os symbolos do puro amor, as settas e as chaves E ainda ha menos de quatro annos, as tradições d'esse seculo de gentis mesuras, de ditos picantes e graciosos, se não haviam extinguido.

Em pratos, productos da moderna fabrica do Côjo, em Aveiro, temos encontrado legendas pintadas de differentes côres, como, por exemplo: — *Não chores Mariquinhas; Adeus Amor!*

Por ser, além de graciosissimo, bem caracteristico do seculo XVIII, e se relacionar com os ceramistas Brioso e Vandelli, recordaremos aqui o seguinte episodio:

G. 32 — Sec. XVII — TRAVESSA DE FAIANÇA, decorada a azul e côr de vinho (aranhões) — Diam. 0,22×0,16. — *Collecção do Sr. J. C. Geraldes* — Vianna do Castello.

Uma das noviças do mosteiro de Lorvão, D. Ignez Benedicta, religiosa de alto espirito e de não menos alta intelligencia, diverte as suas companheiras fazendo o *elogio funebre* d'um celebre bule (producto do afamado Brioso), useiro em fazer bom chá, que sua dona, Soror Barbara Leonor, vê desapparecer *para o outro mundo dos bules,* feito em pedaços!

Apesar da solemnidade com que as monjas mais edosas se fazem proposito de assistir ao acto, de lagrima no olho, carpindo tamanha perda, D. Ignez consegue arrancar applausos ás tristes irmãs, com um memoravel sermão, por ella composto e recitado.

O caso deu-se em Abril de 1791; e, como diz C. C. Branco, que nol-o conta no *Mosaico,* a freira *prégou d'este feitio:*

Pulvis es, & in pulverem reverteris
(Es pó, e em pó te has de tornar).

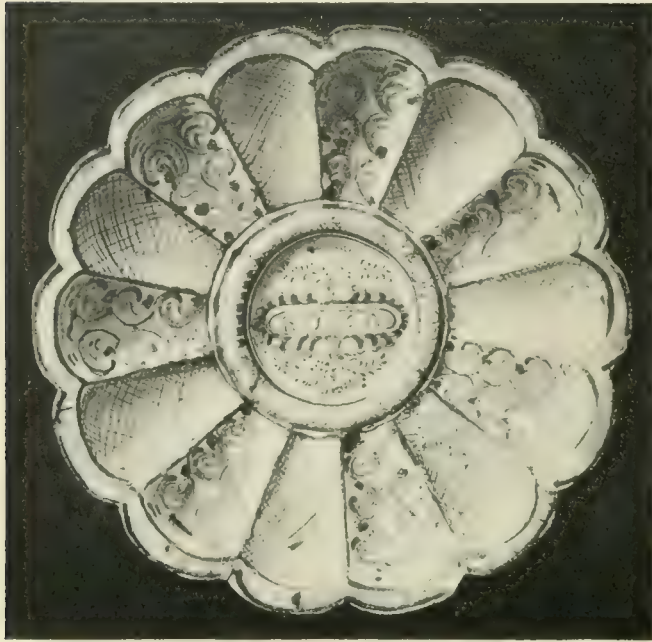
«Até quando, religiosas e amadas irmãs, até quando haveis de suffocar dentro em vosso peito a dôr acerba que vos martyrisa? Se o motivo, que espalha a tristeza em vossos semblantes, e afoga (para assim o dizer) vossos corações em um mar de saudades, é tão poderoso, que apenas permitte que as lagrimas assomem a vossos olhos, sem vos facultar o desafogo de todo o intenso pesar que vos atormenta—como quereis confiar da debil eloquencia d'uma parcial das vossas penas, e unida por innumeraveis titulos ao objecto das vossas lagrimas, a triste, a fatal narração das brilhantes, mas caducas qualidades de quem faz o assumpto d'este funebre apparato e lutuosa scena?

Ah! as minhas lagrimas e os vossos suspiros seriam mais fieis interpretes do que sentem os vossos e o meu coração! Que sinta o Mosteiro, a provincia, o reino e o mundo todo a irreparavel falta do ill.mo e ex.mo sr. D. Bule de Barros, tenente-general do chá da India, presidente dos taboleiros, e principe das chavenas de toda a casta. Este nome, só pronunciado, excita á nossa lembrança a ideia das mais gloriosas façanhas; mas a funesta queda, que o roubou ás nossas vistas, deve com mais forte desengano acabar de persuadir-nos do quanto são frageis e caducas as coisas d'este mundo, que, formadas do pó, vem ultimamente a reduzir-se n'elle — *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

G. 33 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA decorado a azul e cor de vinho [illegible]
Diam. 0,38 1/2 — *Nossa collecção* — Lisboa

Escutai-me, pois, senhoras, que, se eu fôr tão feliz, que possa ter pendente de minhas palavras a vossa attenção, eu farei (sem perder de vista o nosso heroe) que seja util esta oração, com que celebramos suas ultimas e funeraes honras.

PRINCIPIO

Não foi, senhoras, no distante clima da China, ordinaria patria dos Bules, que nasceu o meu heroe; Coimbra, esta Athenas de Portugal, lhe serviu de berço; e, para que nascesse logo com avultados brios, contam os historiadores que foi Brioso seu augusto progenitor. Brioso, este homem que despresou a alliança com a ill.ma Fabrica de Vandelli, que o pretendeu para consorte, e só achou na ex.ma sr.a D. Olaria digna esposa a seus altos merecimentos, sendo innumeravel a descendencia que deu a todo o reino e fóra d'elle.

G 34 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul — Prado Braga — Diam. 0.33 ½ — *Collecção do Sr. Moreira Cabral* — Porto.

Foi sempre o ill.mo sr. D. Bule de Barros (de quem choramos hoje a perda) o filho mais dilecto do seu coração, vendo-se desde sua infancia tão melindroso como vidrento, e fazendo biquinho a tudo quanto via. Elle receou embarcal-o com os mais irmãos para a America, ou expol-o nas lojas á censura do publico; quando, porém, meditava dar-lhe uma accommodação digna da sua esclarecida prosapia, achando-o um dia enfermo do estomago, e applicando-lhe o melhor chá, ao mesmo tempo que o escaldou pelo interior, esteve a pontos de o ver acabar com uma suspensão d'aguas, se lhe não valesse o especifico remedio de rede: obra que bastou, e recommenda o sabio e paternal artifice.

Restabelecido o nosso heroe, eram muitas as senhoras, que, captivas do seu esplendor, o desejavam possuir; e, como elle era ousado em agradar-lhes, não padeceu pouco seu pae para o conter nos justos limites da moderação. Pensando, pois, que o socegaria, tratou de o casar nas mais ricas e distantes casas do mundo, já offerecendo-o á princeza D. Salva de Prata, já á esclarecida Bandeja de Cobre, já a outras muitas fidalgas. Elle, como mancebo de pouca consideração, se tinha namorado de sua prima D. Cafeteira, que havia herdado o dote e importante herança de seu tio, Assucareiro de Barros.

Não vos occulto, senhoras, esta ainda divertida acção do sr. D. Bule, para que os paes de familia conheçam o mal que fazem em tratar com tanto melindre aos filhos de menos annos; porém, que scena se abre a meus olhos! Conhecida pelo grande Brioso a desavantajosa alliança, abrasado em ira, manda escaldar o invencivel Bule, persuadido que, com tão atroz castigo, o moveria a acceitar a serenissima esposa que com tantas vantagens lhe propozera; porém, foi inutil o castigo, porque a paixão por D. Cafeteira tinha chegado a ponto de fazer antes tudo em cacos, do que mudar de projecto, não deixando de fórma alguma o objecto das suas adorações. Oh! paixão dos mortaes! Paixão mais forte! A que precipicio não conduzes um coração tão amante, como o do ill.mo sr. D. Bule de Barros!

Sim, senhoras: elle soffre o desprezo da sua familia, que chora occultamente o desacerto do fogoso e apaixonado Bule. Sua avó, D. Terrina, se ensopou em lagrimas; sua mãe, D. Olaria, perde o

exercicio de obrar; sua prima, D. Chicara Pires, ficou d'asa cahida, e os mais parentes lhe deram com os pratos na cara; porém tudo soffreu intrepido, e, casando clandestinamente, foi obrigado a fugir para longe da patria, onde com socego podesse desfructar a doce herança, que do Brasil tinha vindo a seu tio Assucareiro de Barros,e fazia principal dote de sua amada prima, D. Cafeteira.

Postos de noite ao caminho, levando comsigo toda a herança, um infausto successo (não sei, amadas irmãs, como tenho animo para referil-o), uma infelicidade (estala-me o coração de pena), um acaso (perde-se-me a voz na garganta), sim, é forçoso dizel-o: D. Cafeteira cahiu no chão, com a pressa com que fugia, e, por mais que o amante esposo corre a soccorêl-a, já a dura e inexoravel parca tinha feito em pedaços aquelle idolatrado emprego do nosso heroe. O doce, mas pesado impeto foi a causa da sua ruina. É esta a condição das riquezas: que, apegado o interior a ellas, vem a motivar perda a quem as adora.

G. 35 — 1688 — GOMIL DE FAIANÇA, decorado a azul e amarello — Prado — Braga — Alt. 0,2... — *Collecção do Sr. Moreira Cabral* — Porto

Aqui, senhoras, devo eu passar em silencio o sentimento do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Bule de Barros, nome que será sempre respeitado entre nós. Faltam-me as expressões. A nossa imaginação, ainda mais á nossa dôr, cumpre supprir a falta da mesma eloquencia. Eu nem ao menos posso representar-vos bem as ideias que rolam em sua cabeça, e a saudade que lhe fere o intimo do coração.

Ah! foi precisa toda a sua constancia para não estalar de pena. Já lhe lembra tornar, como filho prodigo, para casa de seu pae; já projectava desterrar-se voluntariamente, para ver se, com a variedade d'objectos, suavisava a tyranna dôr, que na ausencia da amada esposa lhe convertia em desgosto a propria existencia; um dia, porém, que, entregue á sua magua, reflectia na misera sorte dos mortaes, desenganado das falsas apparencias do mundo, elle fórma o heroico designio de recolher-se a uma clausura, onde, depois de dar o ultimo adeus ao mundo e ás brilhantes honras do seculo, se exercitasse nas obras de caridade, para com ellas expiar as desordens que tinha commettido. Elle executa este grande e louvavel projecto, que, sendo a segunda época da sua vida, formará igualmente a segunda parte do meu discurso.

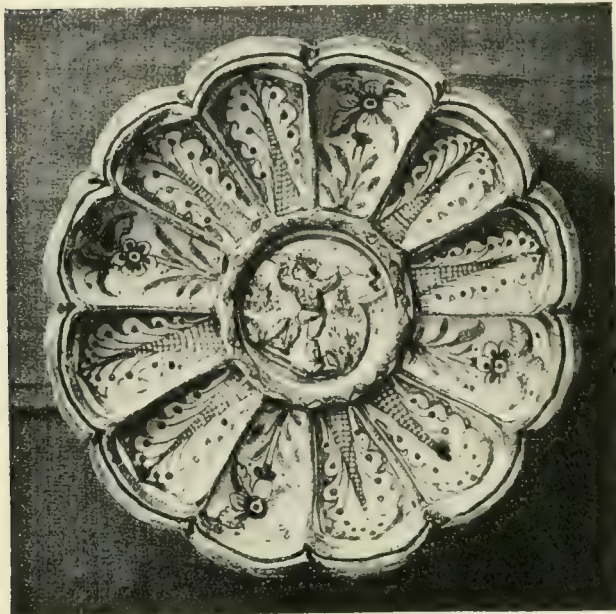
Não fluctuou muito tempo o nosso heroe sobre a escolha do sitio, e muito menos sobre a eleição da pessoa a quem devia sujeitar-se: tudo tinham prevenido os fados. A amargura do seu interior e a perda da doce herança que tivera, lhe destinou para castigo uma irmã, não só barbara, mas declarada inimiga do assucar no chá; n'estas circumstancias, tão repugnantes ao seu genio, entra o paciente Bule no exercicio do seu ministerio; mas que violencia não faz a seus briosos e elevados espiritos! O vêr-se reduzido

G. 36 — Sec. XVII — CANECA DE FAIANÇA, decorada a azul — Prado — Braga — Alt. 0,16. *Collecção do Sr. Seraphim das Neves* — Vianna do Castello.

aos mais humildes e crueis desprezos! Ah! religiosas senhoras, se eu passar pela imaginação a abolida conducta de tão illustre personagem, eu sinto, não só enternecer-me, mas edificar-me! Vós o sabeis, senhoras, mas eu não posso dispensar-me de o referir. Que insoffriveis fumos envoltos em agua lhe introduziu a Escolastica! Que nauseas não tolerou entre os descarnados dedos de Maria da Conceição! Que pragas não ouviu! Que tombos não levou! E tudo isto sem queixar-se!

Nós mesmas não faziamos caso d'elle, e agora somos obrigadas a confessar seu merecimento e a chorar a sua perda.

Devoto sem hypocrisia, elle apparecia muitas vezes á porta do côro; vigilante sem affectação, elle ia a todos os leitos, aonde a caridade o chamava. Depois de tolerar, sem queixar-se, o duro tratamento que soffria, já posto sobre o tijolo, já deixado na cozinha, já descoberto á janella, já perdido na capoeira das gallinhas, e, mais que tudo, vendo outros bules, que não podiam competir com elle em nobreza, postos em pintados armarios, sobre burnidas commodas, no meio de finas chavenas, com logar destinado em acharoados taboleiros, ao collo de delicadas e formosas damas, providos de precioso chá perola, e elle, desprezado, abatido, e quasi destinado a servir unicamente á tintura de papoilas!

Que heroismo não é preciso para tolerar em silencio tantas e tão repetidas affrontas?!

G. 37. — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA decorado a azul — Prado — Braga Diam. 0,30 — *Collecção do Sr. Seraphim das Neves* — Vianna do Castello.

Barbara irmã, se as lagrimas que correm de teus olhos não fossem mudas vozes do teu sentimento, eu deveria arguir-te da crueldade que exercitaste com tão edificante Bule. Chora, pois, chora a perda que experimentaste, e expõe a toda esta religiosa assembleia o muito que lhe deveste. Ah! quantas vezes, antes de tocar o segundo sino, o achaste á cabeceira, para te compôr o estomago? Quantas te não foi acompanhar á cerca? Quantas te não foi visitar no zimborio? Quantas...?

Faltam me, senhoras, faltam-me os termos, para descrever o prestimo, a caridade e o soffrimento do nosso heroe, que, cheio de tão avultados merecimentos, viu approximar se sem susto o termo da sua duração. Ó dia deploravel, de cuja lembrança grita o sangue em nossas veias! Ó momento terrivel da fatal queda, que arruinou e fez em pedaços o precioso composto, que servirá de modelo a todas as edades! Tristes despojos, que fostes victimas do culpavel descuido! Depois de receberdes as copiosas lagrimas da affectiva e saudosa Thomasia, depois de serdes chorado por todo o mosteiro, por toda a provincia e por todo o reino, vós mereceis em todo o tempo a saudosa lembrança das apaixonadas do chá; e as vossas edificantes acções servirão para persuadir-nos do quanto é fragil tudo o que o mundo encerra; que tudo é pó, e em pó se ha-de tornar — *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

G. 38 — 1641 — CANUDO DE FAIANÇA decorado a azul (baroco) Alt. 0,27 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* Vianna do Castello

Descançae, descançae agora em paz; e, se no sitio em que jazeis, podem servir-vos de allivio as nossas saudosas memorias, tende a certeza, de que jámais se fará merenda de caldo d'unto á noite, que não lembreis a todas; jámais se fará meia noite, que não tributemos, enternecidas, amantes suspiros, como suffragios á vossa lembrança; jámais passará bule algum para qualquer parte do mosteiro, sem que deixe de renovar-se a terna saudade que hoje nos opprime, que sempre nos magoa, e que tem de acompanhar nos além da morte.

E vós, illustres senhoras, a quem tão lastimoso objecto junta hoje n'este logar, se, até agora commigo formaveis doces e alegres consonancias, trocae as vozes em lagrimas, a melodia em suspiros, pois acabou o ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. D. Bule de Barros, unico attractivo dos nossos respeitos e dos nossos affectos; convertei agora esta capella em musica lugubre; ouça este mosteiro real os tristes eccos da nossa dôr: tributemos os ultimos obsequios á sua memoria, dizendo todas, em vozes enternecidas, a seguinte quadra, que ha de servir de epitaphio á sua sepultura e de desafogo á nossa justa e eterna saudade:

Cahiu o galante Bule,
Quebrou-se no duro chão,
Deixou-nos em seus pedaços
Restos da nossa paixão».

No reinado de D. José I, em que o Marquez de Pombal não reinava menos, ao serviço de seu amo e do seu paiz, emprehendeu o grande estadista o desenvolvimento das industrias, que, ao tempo, ainda vinham decahindo desde todo o seculo XVII.

A actividade do Marquez, superior á do soberano, fez reviver as artes applicadas e as industrias, quasi desfallecidas, como n'esse seculo, segundo já frisámos, haviam estado em toda a Europa.

G. 39 -- 1651 POTE DE FAIANÇA decorado a azul (baroco) —Alt. 0,26 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

Era, pois, preciso dar vigor e actividade a um povo que dormia ainda sobre os triumphos d'um passado glorioso!

El-Rei, o *Fidelissimo*, teve a fortuna de encontrar o homem para dar conta da complicada tarefa!

Apurou-se então o que os proprios recursos podiam dar para o fim desejado; e, para a iniciação do que nos faltava, contratou o Marquez de Pombal, de paizes estrangeiros, para industriarem os nossos operarios, mestres, que a marcha progressiva dos trabalhos pouco a pouco fez substituir por gente nossa.

D'aqui parte quasi toda a historia

dos nossos estabelecimentos industriaes, que inicialmente se annexaram á tradicional manufactura das sedas, installada ao pé da *Casa da agua*.

Successivamente, a Praça das Amoreiras ou Praça dos Fabricantes, como na época se chamava, se tornou o centro fabril de Lisboa, e alli se fabricaram, alem das magnificas sedas e velludos, bellas faianças, a tapeçaria e a cutelaria, alli se praticou o desenho e os estuques, se installaram as fabricas de pentes de marfim, de caixas, de vernizes, de charões, de relogios e muitas outras industrias, que se ramificaram pela cidade e pelo paiz, dando alento a velhas fabricas ou fazendo surgir modernas manufacturas.

G. 40 — 1651 POTE DE FAIANÇA decorado a azul barroco. Alt. 0,25 —*Collecção do Sr. Bento Carqueja*—Porto.

O aperfeiçoamento a que então chegaram essas producções, foi bastante lisongeiro para mestres e discipulos.

As industrias que menos precisavam de auxilio, porque já antes do benefico impulso de Pombal trabalhavam com exito—as fabricas das sedas e da louça—foram as que se mantiveram annexadas, no *bairro dos fabricantes*, até que acabaram com a entrada dos liberaes, em 1834.

Quanto á fabrica das sedas, os leitores farão ideia da sua famosa producção pelo que abaixo notamos, do periodo em que esteve nos suburbios do Rato. [1] Da fabrica da louça, do que ella valeu nos 67 annos da sua existencia, junto á manufactura das sedas, apesar das vicissitudes por que passou, daremos opportunamente conta.

[1] O lapso que decorreu desde 1834 até ao presente assignala-se por deploraveis vandalismos, quanto ao que ainda restava das nossas artes e industrias. O regimen que então foi implantado acabou com as fabricas dirigidas pelo Estado. A Real Fabrica das Sedas do Rato possuia, na occasião, um *stock* dos seus differentes productos, no valor de *mil contos de reis*, approximadamente. Para esta cifra, que hoje seria, pelo menos, duplicada, contribuiam: magnificos velludos, lisos e lavrados; sedas, setins e damascos tecidos a ouro e prata; galões, espiguilhas e rendas tecidas a ouro. Conhecemos damascos cuja riqueza de te-

É no seculo XVIII que uma documentação menos figurativa apparece authenticando differentes peças com os nomes dos seus fabricantes, marcas de fabricas e designações de logares. Estes dados, apesar de nem sempre fazerem luz completa, bastariam para distinguir os productos dos diversos centros, se algumas fabricas se não tivessem imitado mutuamente, e sobretudo a de Darque, em Vianna do Castello, não houvesse estabelecido tão grande confusão, reproduzindo quasi todos os typos das outras fabricas do paiz.

G. 41. — 10NI GARRAFA DE FAIANÇA decorada a azul baroco) — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra

Influencias estrangeiras, houve-as decerto, nem motivo é isso para estranheza.

Em nossa opinião, a faiança portugueza deve muito mais á França que á Italia.

A celebre faixa de Rouen foi reproduzida por quasi todas as fabricas e apparece em faianças portuguezas anteriores á vinda dos mestres italianos para o Rato. Prova frisante das confusões a que tem dado origem a influencia dos productos de Rouen sobre os nossos, é o seguinte facto, occorrido por occasião da bella exposição retrospectiva de arte ornamental, realisada em 1882.

N'esse tempo, a faiança entre nós era menos procurada. Todas as attenções convergiam para as porcelanas, sendo as mais estimadas as da China, Japão, Sévres e Saxe.

Por este motivo, a faiança portugueza, menos vista e, portanto, menos estudada, não pesava no mercado nem na estima dos collecionadores.

Os nossos barros esmaltados estavam, pois, deficientemente representados na exposição, e Fernando Palha tratou n'essa occasião sem apreço a faiança nacional.

cido é extraordinaria e não menos extraordinaria a parte artistica dos desenhos que apresentam. Algumas d'estas peças, que em 1834 teriam o preço de 15 000 réis o covado, eram quasi sempre marcadas na orla com o nome do operario que as tecia e com a data do fabrico, como era costume fazer-se na Real Fabrica. Uma peça de setim tecida a ouro (larg. 0,m52) que, na simplicidade do desenho, accusa o estylo Imperio, está assignada por José Franco e tem a data de 1822. Todo o referido *stock* foi n'aquella epoca mandado para Inglaterra, para alli ser vendido; e o que o mercado londrino não adquiriu, voltou para Lisboa, armazenando-o a nossa alfandega, que o vendeu em leilão, trinta annos depois.

Os compradores mais importantes foram Miguel Carneiro Pinto, dono do estabelecimento de alfayate-paramenteiro, que hoje pertence ao Sr. Joaquim José Teixeira Bastos, a quem devemos o favor de nos deixar estudar, por mais d'uma vez, n'estes ultimos dez annos, os restos preciosos que o seu antecessor arrematára no alludido leilão e o Dr. Nilo, que teve uma fabrica de ouro na Rua de S. Domingos, n.º 7 (por cima da casa de cambio do Campião). Como é de suppôr, esta ultima acquisição teve apenas o desgraçado intuito de aproveitar o precioso metal.

Na sua interessante resenha da sala *E*, resenha que Palha precisamente qualificava de incompleta e que foi escripta sem o antecedente estudo de que carecia, como elle proprio confessa, quando dirige o seu trabalho a Filippe Simões, reflecte-se effectivamente a falta de estudo de que o signatario da citada resenha se accusa.

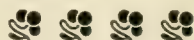
Portanto, sem censura para quem tão amavelmente nos tratou em vida, não podemos deixar sem reparo um dos pontos em que errou (certamente por menos attenção), o que prova que os mais intelligentes, no campo da ceramica, se enganam a cada passo! Eis o caso:

G. 42 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (renda) — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira*—Vianna do Castello.

Fernando Palha, referindo-se á faiança do Rato, diz que ella foi uma fraca imitação dos productos de Rouen e chama, para justificar a sua apreciação, certo apparelho de mesa que tinha visto na Vidigueira, dando-lhe a classificação de *louça grosseira do Rato*, notando a *diversidade de marcas* [1] que offerecia.

Pois esse apparelho, que conhecemos, é, podemos affiançal-o, da fabrica de Rouen! Pertence ao Sr. Francisco Wan-Zeller, que egualmente o tinha como da Real Fabrica do Rato, sem pretenção alguma de acertar.

D'aqui lhe agradecemos o ter-nos deixado estudar as faianças que tem em Lisboa, na sua casa de Santa Apolonia, e as que possue no Dáfundo, como os bellos azulejos que revestem alguns *lambris* d'esta linda vivenda.

❧ ❧ ❧ ❧

Antes das noticias que vamos dar de cada uma das fabricas, que formam os differentes centros ceramicos do paiz, apreciemos, em geral, os seus productos.

[1] As marcas são todas de Rouen

Á ceramica d'este seculo, e parte da que se produziu no primeiro terço do seculo seguinte, ainda não foi feito o elogio que tão justamente merece. Mais que quantas descripções se possam fazer, o que comprovaria incontestavelmente o alto valor d'esses artefactos produzidos entre nós, seria uma exposição, que reunisse em Lisboa, para este fim, todos os bellos exemplares que se encontram em collecções e ainda dispersos pelo paiz.

Porém, em quanto não chega esse dia, a nós impõe-se-nos a obrigação de os classificar, visto que os conhecemos e os estudámos.

Distinguem-se, em nossa opinião, por esta ordem:

— Lisboa, Real Fabrica do Rato.
— Lisboa, Real Fabrica da Bica do Sapato.
— Porto, Fabrica Real.
— Gaya, Rossi (as peças que attribuimos a este ceramista).
— Porto, Real Fabrica do Cavaquinho.
— Porto, Rocha Soares (Irmãos).
— Coimbra, Brioso.
— ? Real Fabrica de Custodio Ferreira Braga.
— Vianna do Castello, Fabrica de Darque.
— Estremoz, Fabrica da Viuva Antunes.
— Aveiro, Fabrica do Côjo.
— Alcobaça, Fabrica do Juncal.

Esta classificação refere-se ao conjuncto da producção. Peças especiaes, todas ou quasi todas as fabricas que citámos as produziram notaveis, de modo que seria difficil por ellas a classificação.

Em Lisboa, fabricas contemporaneas das que referimos, houve mais, dignas de menção. Das que julgamos n'esse caso, assim como das de somenos valor, vão as peças que reproduzimos acompanhadas por uma estrella.

Da producção da fabrica da Panasqueira (Sacavem), estabelecida por José Anselmo de Aguiar, em 177..., nada encontrámos até hoje, com o caracter da louça de Genova, que, segundo Accurcio das Neves, era a que essa fabrica imitava.

G. 13 Sec. XVII PRATO DE FAIANÇA, decorado a azul e côr de vinho (renda) — 0,22×0,16 — *Collecção do Sr. J. C. Geraldes*—Vianna do Castello.

Em resumo: as peças mais notaveis das nossas fabricas do seculo XVIII

podem pôr-se ao lado das melhores faianças estrangeiras da época. Accurcio das Neves, quando as classificou, em 1827, ou as comparou á porcelana oriental, ou as não viu, ou então foi propositadamente injusto.

Do movimento que se segue, no seculo XIX, tratâmos com o possivel desenvolvimento na segunda parte d'esta obra, em que nos occupàmos das fabricas, algumas das quaes se ligam ao seculo anterior e chegam até á actualidade.

G. 44 — Sec. XVII — PRATO DE FAIANÇA decorado a azul — Diam. 37 1/2 — *Museu Nacional de Bellas-Artes* — Lisboa.

O seculo que ha pouco findou foi para a ceramica um seculo de variadissimos productos, em qne os extremos se tocam.

Dentro dos limites do nosso meio, todo o progresso, sem que este tenha acabado com todo o rudimentar fabrico primitivo. Toda a ingenuidade, ao lado de todo o saber.

É interessante este facto na ceramica portugueza, n'uma epoca em que a reforma é o ideal, com a mania da originalidade e da *arte nova!*

De resto, até agora, a molestia da *arte nova* só ataca, exteriormente, uma insignificante parte da nossa industria. Por dentro, já ha seculos que a *arte nova* era muito conhecida...

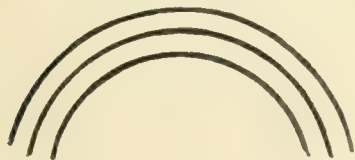
A *arte nova* é, segundo a nossa maneira de vêr, a arte medieval illuminada a luz electrica.

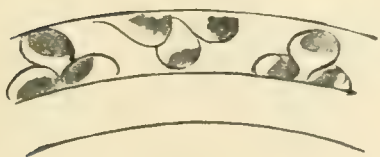
CAPITULO VII

Typos decorativos

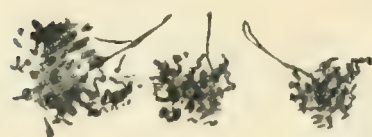
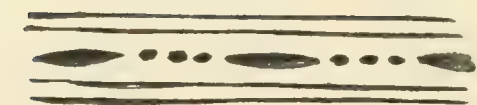
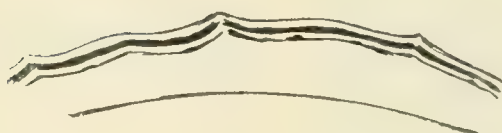
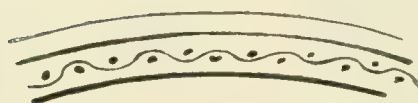
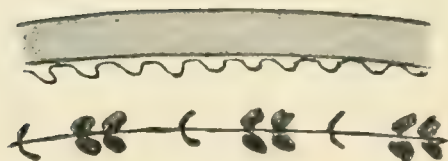
Alguns dos typos mais caracteristicos de cercaduras ornamentaes das faianças portuguezas

1

1 — Decoração a azul, com traços e contornos a côr de vinho. Estylo *baroque*. Tambem se encontra (embora mais enrolada) nos azulejos do meado do seculo XVII e principio do seguinte.

2

2 — Filetes concentricos a azul, dois tons. Vulgares na louça do Prado, sobretudo nos fundos dos pratos. — Seculos XVII e XVIII.

3

3 — Azul e côr de vinho. Em geral, as peças com esta cercadura, com particularidade os pratos, teem uma rosa pintada no fundo, ou a palavra *Rosa*, typo quadrado. — Do meado do seculo XVII ao primeiro terço do seculo XVIII.

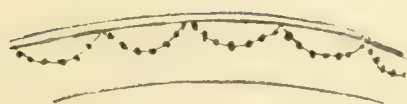
4

4 — Cercadura, e ramos de arvores *esponjados*. Azul crú, sob esmalte muito anilado. Briozo — Coimbra. — Seculo XVIII.

5 — Mesma tinta e esmalte, fabricante e localidade, da antecedente. Ultimo terço do seculo XVIII.

6 — A differentes côres. Os oleiros conimbricenses chamam a esta decoração — *a mosca*. Dr. Domingos Vandelli — Coimbra. — Do fim do seculo XVIII em diante.

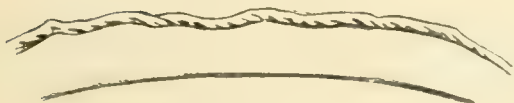
7 — Azul. Encontra-se de preferencia na louça de serviço commum. Real Fabrica do Rato — .Lisboa.

8 e 9 — Folhas a tinta azul, com as hastes côr de vinho. Acompanham este motivo decorações polychromas, nas quaes se vêem, frequentemente, pequenos ramos com bagas amarellas com o olho côr de vinho. Typos de Lisboa.— Da segunda metade do seculo XVIII em diante.

10 — Azul e côr de vinho. Acompanham estas cercaduras, juntas ou em separado, decorações polychromas. Fabrica da Bica do Sapato — Lisboa. — Fim do seculo XVIII e principio do seguinte.

11

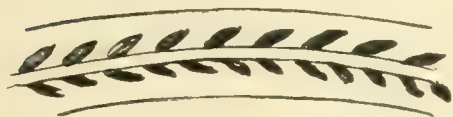
11 — Cadeias com perolas. É preciso não confundir esta cercadura com a de Estremoz, que por vezes se lhe assemelha pelo movimento da composição. Juncal —Alcobaça.—Fim do seculo XVIII.

12

12 — A tres côres: azul, roxo e amarello. A serrilha é, por assim dizer, uma das marcas da Fabrica de Darque — Vianna do Castello. — Fim do seculo XVIII.

13

13 — Em relevo, a *corda* que fórma o rebordo dos pratos, travessas, etc. Raro se encontra n'outra faiança, que não seja a da Fabrica de Darque.

14

14 — Azul, verde e roxo. Typo das cercaduras da Fabrica da Viuva Antunes — Estremoz. — Fim do seculo XVIII.

15

15 — Azul, amarello e roxo, sobre fundo cinzento azulado. Rocha Soares — Porto. — Fim do seculo XVIII.

PARTE II

As Fabricas

(Notas e Documentos)

(1)

CAPITULO I

Lisboa e seu districto

O OBEDECERMOS n'este e nos seguintes capitulos, tanto quanto possivel, á ordem chronologica e, ao mesmo tempo, á da importancia das fabricas, tem apenas em mira facilitar a consulta.

São das fabricas de Lisboa um grande numero de peças anonymas, que por ahi se encontram á mercê de quantas alcùnhas lhes querem pôr!

Reproduzimos algumas peças que julgamos estarem n'este caso, por analogia com azulejos que forram casas da nossa capital e suas immediações, e que se não encontram n'outros pontos do paiz, o que nos faz crer que as duas producções sejam lisboetas.

Ha tambem a juntar a esta deducção o *ar de familia*, que os grandes centros ceramicos evidenceiam nas suas louças, quando a producção não foi simplesmente passageira.

---

[1] G. 14-A — Fim do seculo XVIII. Gomis de faiança. Os numeros (da esquerda para a direita) 1, 2 e 5, typos da Bica do Sapato. N.º 1, marcado: *Mendes Porto*. O do centro, typo de Rouen: vacillamos se é d'esta procedencia se portuguez. A unica d'estas peças cuja ornamentação não é polychroma, é a que corresponde ao n.º 4. Altura maxima: 0,31 ᵐ/ₘ. *Nossa collecção* — Lisboa.

FABRICA DO BEATO ANTONIO

— 16... (?) —

Sobre esta fabrica, nada podemos assegurar, e até póde ser lenda, a sua existencia. No entanto, como nos impuzemos a obrigação de dizer o que sabiamos sobre a ceramica, não deixaremos de o fazer, mesmo quando a nossa maneira de ver se apresente apenas como hypothese.

Em differentes occasiões das nossas pesquizas, appareceu-nos a referida designação, como que fazendo-se lembrar.

Ainda não ha muitos mezes, a Ex.ma Sr.a D. Anna Gourlade de Vasconcellos, quando teve a amabilidade de nos mostrar algumas peças de faiança antiga que possue, nos dizia:

—«São da Fabrica do Beato Antonio».

G. 45 — 1768 — Rato — Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam 0,55 — *Collecção dos Viscondes de Asseca* — Lisboa.

No Museu do Instituto de Coimbra ha um prato de faiança (g. 21), com o caracter das peças do seculo XVII que attribuimos a Lisboa, com as iniciaes — B. A. (m. 60).

Na collecção do Sr. Antonio Arroyo, encontrámos uma peça do seculo XVIII, com uma nota manuscripta:—*Fabrica do Beato Antonio.*

Tambem temos visto attribuir ao Beato Antonio o monogramma de Thomaz Brunetto, primeiro mestre da Real Fabrica do Rato.

Referencias semelhantes, ouvimol-as ha muitos annos e convenceram-nos, até certo ponto, de que alguma fabrica de louça existiu no tão nomeado local.

Ahi fica a interrogação sobre a data, e o que podemos articular sobre a enygmatica fabrica do Beato Antonio.

REAL FABRICA DO RATO

— 1767 —

Os documentos que vamos apresentar, ácerca da Real Fabrica de Louça do Rato, são, em parte, transcriptos do que José Accurcio das Neves escrevia em 1827 [1].

Fazemol-o com a cuidadosa restricção que as suas opiniões merecem.

Quem, como nós, estudar a ceramica portugueza, comparativamente com os productos congeneres estrangeiros, não poderá acceitar as affirmações do citado escriptor.

A não serem documentos, datas e nomes proprios, elementos que não admittem apreciações — são o que são — Accurcio das Neves errou quasi sempre que se metteu a julgar a nossa faiança do principio do seculo XIX para além, apesar de o ter feito resumidissimamente!

Para se vêr quanto peccam as apreciações de A. das Neves, é sufficiente reparar no parecer dos peritos sobre as propostas do Dr. Milagres, documento de que adiante damos extracto.

Portanto, aproveitemos o que o auctor das *Noções* nos dá de bom e ponhamos de parte o que não tem visos de verdade [2].

G. 36 — Rato — Lisboa. — TERRINA DE FAIANÇA, decoração a azul — Alt. 0,36 — *Collecção dos Viscondes de Asseca* — Lisboa

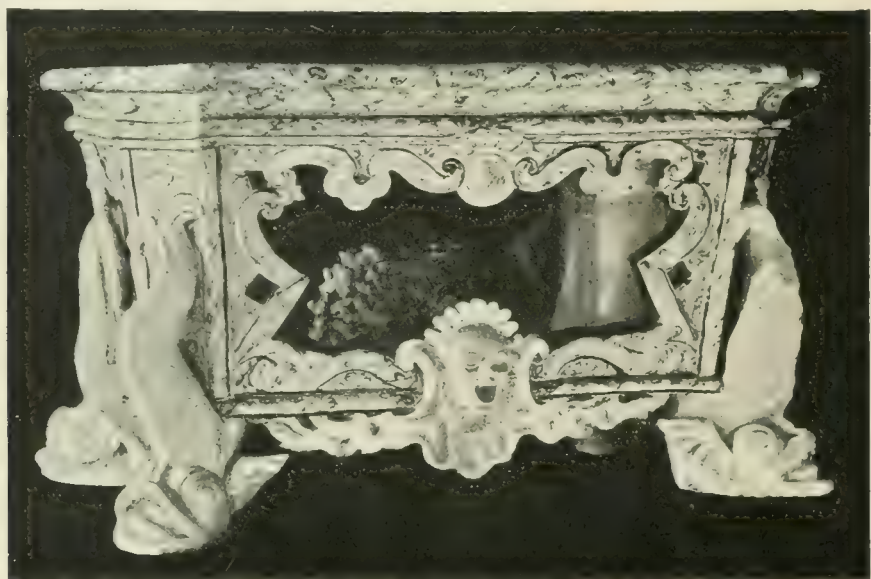
«A primeira d'estas fabricas [3] foi a que se estabeleceo por conta do Estado, e se annexou á das sedas, no local onde ainda existe, junto á casa da agua, no sitio do Rato; sendo o seu primeiro mestre *Thomaz Brunetto*, natural de Turim, com o qual se ajustarão as *condições em 1 de Agosto de 1767*, e foi nomeado para contramestre outro Italiano chamado *José Veroli*.

[1] *Noções historicas, economicas*, etc — pag. 230 e 252.

[2] Esperamos dos collecionadores que com criterio saibam avaliar o que possuem, não só a justiça que mereça a nossa opinião, como tambem o seu indispensavel concurso para uma exposição retrospectiva, que se não deve fazer demorar, da ceramica portugueza. Esta exposição será a mais irrespondivel contestação ás falsas asserções, não só de Accurcio das Neves, mas dos que não conhecem, ou não querem conhecer, a verdade dos factos.

[3] Das modernas fabricas de louça.

Este mesmo *Veroli* foi depois estabelecer outra fabrica por sua conta em Bellas, que não fez grandes progressos. Pedindo para ella o mesmo fundador alguns auxilios já depois da morte do Senhor Rei *D. José*, e não se lhe concedendo senão o titulo, e a isenção dos direitos, abandonou esté estabelecimento para empregar o seu capital em huma casa de pasto, em que achou maior utilidade.

«Pouco tempo depois de estabelecida a fabrica da louça do Rato, appareceo tambem o italiano *Paulo Paulete* com o seu projecto de estabelecer outra de faiança a mais perfeita, promettendo que havia de exceder a que vinha de fóra do reino; e o seu estabelecimento foi approvado por *condições* datadas em *28 de Junho de 1769*, confirmadas por *Alvará* da mesma data.

G. 47 — 1767 a 1770 — Rato — Lisboa — PISCINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,50, larg. 0,85, fund. 0,55 — *Nossa collecção*. — Lisboa

Concederão-se para o mestre, officiaes, e apprendizes da fabrica todos os privilegios das fabricas de seda, e de pannos, e além disso ser elle, fabricante, isento de pagar decima, maneio, ou outra qualquer contribuição presente, ou futura por tempo de 10 annos, em attenção a não pedir ajuda de custo, ou outro algum favor da Real Fazenda. Da sua parte se obrigou o erector da fabrica a ter sempre em exercicio quatro apprendizes Portuguezes, e a não admittir estrangeiros, excepto seus irmãos, se quizessem vir para Portugal».

. . . .

«Progredindo assim a Real fabrica da louça com manifesta utilidade publica, e servindo de estimulo, e de escola ás particulares, a sua economia

interior foi perturbada pelo genio inquieto do mestre, e do contramestre. Depois de largas contestações, forão ambos despedidos. *Bruneto* foi substituido no lugar de mestre de toda a fabrica por *Sebastião Ignacio de Almeida,* annexando-se-lhe o de mestre da pintura: *Veroli* por *Severino José da Silva,* no lugar de contramestre da fabrica, annexando-se-lhe o de mestre do laboratorio de toda a obra de olaria: tudo por *condições* ajustadas com a Direcção *em 14 de Agosto de 1771.*

G 48 — 1769 - Rato — Lisboa — BUSTO DE FAIANÇA, esmalte branco. — Alt. 0,40 — *Collecção dos Viscondes de Asseca.*

Por outras *condições de 19 de Dezembro de 1777* a Junta da administração das fabricas transmittio esta ao mesmo *Sebastião Ignacio de Almeida,* para a fazer trabalhar por sua conta propria por tempo de 10 annos, com as mesmas graças e isenções, de que ella gozava, obrigando-se a ter sempre em exercicio ao menos seis artifices perfeitamente instruidos, e todos os officiaes, e apprendizes que lhe fossem necessarios, e concedendo-se-lhe o uso gratuito do edificio por 5 annos. Recebeo toda a louça em ser, e materiaes digestos, e indigestos que havia na fabrica, avaliado tudo em 19:104$996 rs. para os pagar em prestações annuaes dentro de 10 annos; bem como os moveis della avaliados em 492$340 rs. para os entregar no mesmo estado, ou pagar o seu preço. Pouco tempo se logrou da fabrica; e ficando por sua morte em consideravel alcance á Real fazenda, a Junta a reassumio em Dezembro de 1779, e ainda hoje se conserva annexa á das sedas».

G 49 — 1767 a 1770 — Rato — Lisboa — TERRINA DE FAIANÇA — *Paço das Necessidades* - Lisboa.

. . . .

«Tenho huma nota extrahida na Contadoria da Direcção, da qual consta que desde 22 de Julho de 1788, isto he, desde a installação da Direcção actual, até 31 de Dezembro de 1812 deo de lucro 19:632$119 rs.... »

....

«Concorreo muito para a prosperidade da fabrica neste periodo a economia, e regularidade, com que era regida pelo Administrador *João Anastacio Botelho.*»

Não está bem averiguado se a fabrica havia ou não trabalhado antes de Brunetto entrar para ella como regente. O que é certo é que o periodo dos quatro annos da direcção d'este mestre foi brilhante.

Assim o attestam os productos marcados com o monogramma de Thomaz Brunetto, que, juntos aos não marcados, devem prefazer ainda hoje um numero superior a quinhentas peças, com um typo determinado.

G. 50 — 1770 a 1775 — Rato — Lisboa — ESTATUETA DE FAIANÇA, esmalte branco — Alt. 0,50 — *Nossa collecção* — Lisboa.

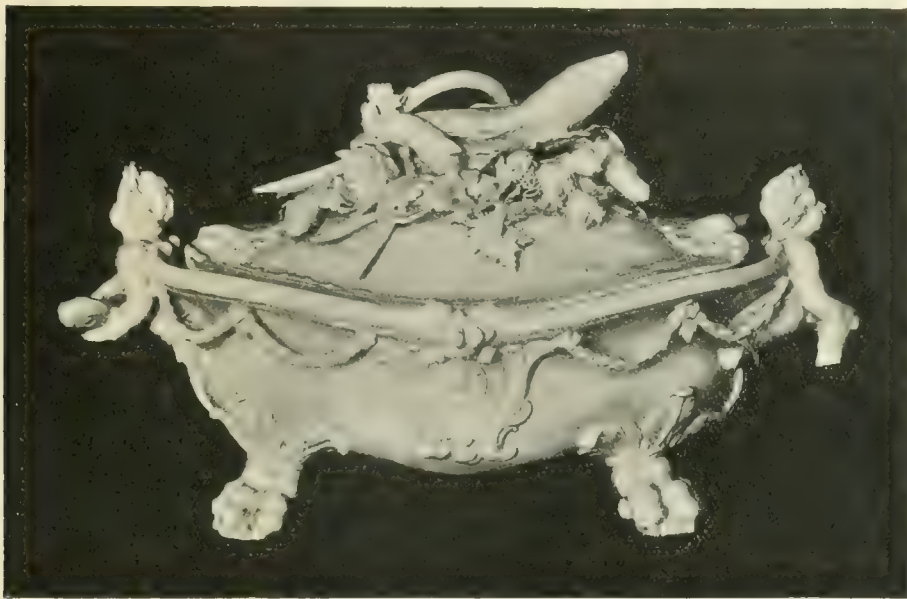
G. 51 — 1770 a 1775 — Rato — Lisboa — ESTATUETA DE FAIANÇA, esmalte branco — Alt. 0,40 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Não serão todas do mesmo valor artistico, como não são eguaes na importancia, visto os differentes destinos e applicações para que foram fabricadas.

Não obstante a brusca substituição d'este mestre pelo mestre Almeida, como antes vimos, o fabríco do Rato, n'esse momento, nem accusa a differença que era de esperar, nem repete servilmente a maneira de Brunetto.

Ha, porém, uma linha divisoria, que aparta a producção de Brunetto da de Sebastião de Almeida, sem grande difficuldade de selecção, e, no entanto, existe entre a fabricação de Brunetto e a do seu successor uma affinidade visivelmente caracteristica.

O periodo d'este mestre não foi menos luzido que o do seu antecessor, e, se não fosse o receio de nos tornarmos suspeitos, diriamos que Ignacio de Almeida excedeu Brunetto, não nas peças monumentaes e nas decorações polychromas, mas nos productos medios, decorados simplesmente a tinta azul, que, em conjuncto de qualidades, são superiores aos do mestre italiano.

Em resumo: apreciando em globo toda a producção (conhecida) do Rato, ella é — como já tivemos occasião de dizer — superior á de qualquer

G 52 — 1770 a 1775 — Rato — Lisboa — (TERRINA DE FAIANÇA, esmalte branco — Dim. 0,20 × 0,39 — *Museu da Academia Real das Sciencias*) - Lisboa.

das outras fabricas do paiz, que trabalharam no decorrer do seculo XVIII e dos primeiros annos do seculo XIX.

É preciso notar que não englobamos certas peças que, durante os 67 annos da sua laboração, devem ter sahido das officinas ou, pelo menos, dos fornos do Rato, exemplares, por vezes, com um aspecto estranho aos typos de Brunetto e do mestre portuguez.

Estas peças, que contribuem — em parte — para estabelecer confusão entre certo numero, não pouco avultado, de productos do Rato e os de outras fabricas contemporaneas, representam experiencias e tentativas, como se verá.

Do Rato, mesmo, sahiram peças com typo differente do que assignala a generalidade da sua producção.

Citaremos, por exemplo, os boiões, potes e canudos, de fórma cylindrica, de pharmacia, ou para conservar doces, peças cuja simples ornamentação, feita á esponja, por vezes nos dá ideia d'uma fazenda mesclada.

A authenticidade dada pelas marcas veiu acabar com duvidas, em relação a este typo inesperado do Rato, e augmentar decepções!

As peças a que nos referimos, são vidradas interiormente a branco e a marca só d'este lado póde sobresahir, visto o esponjado ser a azul e as marcas do Rato d'esta mesma côr. Como as boccas d'estas vasilhas abrem em virola, em meia cana, pequeno espaço e de superficie pouco convidativa para pintar lettras ou qualquer outra cousa, poucas vezes apparecem marcadas.

G. 53 — 1771 a 1775 — Rato — Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul. — Diam. 0,30 1/2. — *Collecção do Sr. Antonio Arroyo* — Lisboa.

A Real Fabrica de Louça estabeleceu n'uma das suas dependencias uma aula de desenho e modelação[1].

O avô do pintor ceramista Antonio Luiz de Jesus, a quem devemos esta noticia, foi um artista que se distinguiu na Real Fabrica do Rato, onde aprendeu desenho e modelação.

Accurcio das Neves não nos dá conta do meio artistico na Real Fabrica, tão estreitamente ligado á parte industrial, de que se occupou, e, no entanto, é evidente que não podia ter sido insignificante, a ponto de não merecer a attenção de quem tratasse a serio da manufactura real, por muitas razões, e particularmente pela grande quantidade de esculpturas em faiança, e pela enorme porção de pinturas decorativas em azulejos, que de lá sahiram[2].

[1] A exemplo do que já se havia feito, em agosto de 1764, para a aula de estuques, tambem annexada á Fabrica das Sedas.
[2] Nos capitulos que dedicamos á esculptura e aos azulejos, fallamos d'estas producções no Rato.

Bustos de tamanho natural, estatuetas de differentes tamanhos, animaes — uma verdadeira *ménagerie* — e peças em que a parte decorativa modelada é importantissima, não são raras na producção do Rato.

D'este valor é uma piscina (g. 47), que pertence á nossa collecção. Outra quasi egual, que figurou na Exposição de Arte Ornamental de 1882, não tinha, como aquella, ornatos na parte inferior das molduras. Esta pertencia ao Sr. Osborne Sampaio. São d'este genero de decoração um cofre com as armas portuguezas, que pertence ao Sr. Alfredo Keil, e uma urna do Sr. Antonio Arroyo.

G. 54 — 1771 a 1775 — Rato — Lisboa — JARRA DE FAIANÇA, decoração a azul — altura 0,39 — *Pertence ao Sr. Manuel Antunes* — Lisboa.

D'estes exemplares, dos quaes muitos se encontram marcados, vamos dar uma palida relação, pela qual se poderá avaliar o que, no genero, se produziu no Rato.

As peças destinadas aos palacios e jardins reaes, as especialmente fabricadas para o Marquez de Pombal, as que se encontravam nas installações do Estado, eram numerosissimas e de primeira ordem.

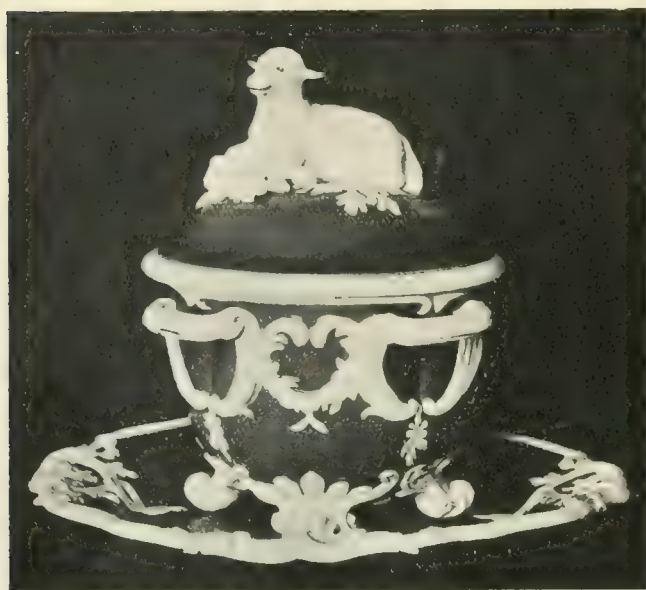
Parte da grande collecção do ministro de D. José I pertence hoje aos Srs. Viscondes de Asseca e ao Sr. Carlos Ribeiro Ferreira, que possue um par de talhas com tampas, estylo da pintura oriental polychroma, as maiores que temos visto (alt. 0^m,94, diam. 0^m,53).

Na *sala dos cysnes* do paço de Cintra, ha uma talha um pouco menor que as do Sr. Carlos Ferreira. Decoração a tinta azul, sob esmalte branco. Estas tres peças estão marcadas: F. R. T. B. — em monogramma estas duas lettras.

Egualmente marcado e assignado, e fazendo parte dos exemplares de grande formato e com especial destino, vimos á venda, no principio do presente anno (1906), no Bazar de antiguidades de Luiz da Costa, na rua do Alecrim, um formoso tanque de fórma circular, para peixes.

De decoração polychroma e do mesmo pincel que decorou o prato monumental pertencente aos Srs. Viscondes de Asseca, de que adiante damos nota, tem as seguintes dimensões: diam. 0^m,58, alt. 0^m, 32.

Na parte bojuda da peça, vê-se o brazão dos Condes do Vimieiro, motivo principal do ornamento, estylo *rocaille,* que rodeia toda a superficie, entre a bocca e a base, sob o caracteristico esmalte lacteo e encorpado.

Anteriormente, na parede e fundo, quatorze peixes pintados, de differentes côres e tamanhos, com um orificio para esgotar a agua, decorado exteriormente por uma carranca modelada. Foi adquirido pelo Sr. Conde de Penha Longa e levado para a sua residencia em Paris.

G. 55 — 1771 — Rato — Lisboa — TERRINA E PRATO DE FAIANÇA, decoração em relevo, fundo castanho — Alt. 0,37. diam. 0,20. Diam. do prato 0,47 — *Museu da Academia Real das Sciencias* — Lisboa.

Das peças que pertenceram ao Estado, a mór parte desappareceram e as outras andam por ahi dispersas.

Ha 15 annos apenas, no jardim do Conservatorio de Lisboa, havia quatro bustos — tamanho natural — tres representando *Ceres, Pomona, Flora,* e o quarto sem distinctivo apreciavel.

D'este mesmo formato, possue o Sr. Carlos Ribeiro Ferreira dois bustos, *Ceres* e *Flora,* esmaltados a branco, como aquelles.

De menor tamanho, vimos tambem um, na collecção do Sr. Dr. Oliveira, em Vianna do Castello.

Da quarta parte do tamanho natural, vêem-se no castello da Pena, em Cintra, dois que pertencem a S. M. a Rainha a Sr.ª D. Amelia.

G. 56 — 1775 — Rato — Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul — Diam. 0,22 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Da nossa collecção, fazem parte dois bustos eguaes, sem esmalte, D. João VI e D. Carlota Joaquina.

Na collecção do Sr. Alfredo Guimarães, tambem se encontram d'estas peças. Alem d'estas, pertenceram ao mesmo Sr. A. Guimarães e depois ao

Sr. Leopoldino Ribeiro, entre outros bustos de differentes dimensões, um, de tamanho natural, retrato de Thomaz Brunetto, que não só estava marcado com o monogramma d'este ceramista, junto ás iniciaes da Fabrica, como tinha tambem o nome por extenso [1]. Não tivemos occasião de procurar esta peça, por tantos titulos inapreciavel.

Estatuetas, além das quatro que figuram no Museu Nacional de Bellas-Artes — meninos sentados em peanhas rectangulares — conhecemos as quatro da collecção do Sr. Conde do Ameal, as do Sr. Carlos Ribeiro Ferreira e um par que pertence á Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Alice Munro dos Anjos.

Estatuetas (de pé), cujas dimensões oscillam entre 0^{m},20 e 0^{m},70 e representando differentes allegorias e personagens, podemos citar algumas, como Hercules Farnése (original, Museu de Napoles) e Lucrecia, da casa Palmella, duas eguaes da nossa collecção (g. 50 e 51) e outra do Sr. Henrique Pinho da Cunha, com marca, *F. R.*

G. 5[illegible] — Fim do sec. XVIII — Bica do Sapato — Lisboa — BACIA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dim. 0,4[illegible] × 0,31 — *Pertence ao sr. dr. Eça Azevedo* — Lisboa

Citaremos ainda um pequeno grupo de duas figuras, do Sr. Barão de Almeirim, um *Apollo*, do sr. A. Keil, e a grande collecção da *Quinta dos Azulejos*, no Paço do Lumiar, que é extraordinaria [2].

Quanto a animaes, apontaremos, alem das cabeças de javali da collecção Asseca, adiante citadas, dois cães, marcados com as lettras *F. R.* e o monogramma de Brunetto, que pertencem á familia Bertrand.

Estas esculpturas, assim como as ornamentações relevadas que se encontram na producção do Rato, são sempre esmaltadas a branco lacteo, embora as peças sejam decoradas a uma ou mais côres.

A fabrica de louça — crêmos — occupava o terreno que actualmente

[1] Esta noticia foi nos fornecida pelo nosso amigo A. G[illegible]

[2] Da inexcedivel obra de azulejos, do jardim, a qual deu o nome a esta quinta, tratamos no respectivo capitulo.

é jardim do Sr. Marquez da Praia e de Monforte, entre o palacio d'este titular e a Casa da Agua, a calçada da Fabrica da Louça e a rua das Amoreiras.

A escolha do local não deve ter obedecido sómente ao facto de a séde administrativa estar concentrada na Fabrica das Sedas, d'onde emanava toda a gerencia, não só da fabrica da louça como de todas as outras annexas.

G. 58. — Fim do sec. XVIII. Bica do Sapato (?) — PISCINA DE FAIANÇA, decoração polychroma. — Alt. 0,57 — Diam. do tanque, 0,32. *Empreza Liquidadora (Avenida da Liberdade, 22 [illegible]).* — Lisboa.

É evidente que se attendeu tambem á qualidade do solo, por ser d'uma grande riqueza argillosa. O filão, como já dissemos, estende-se do referido ponto, por toda a calçada, largo do Rato, jardim Palmella, terrenos da cêrca pertencente ao palacete do Sr. Conde de Font'Alva, parte dos terrenos do jardim da Escola Polytechnica e Imprensa Nacional.

Nem toda a fabricação do Rato é no mesmo typo de barro. Umas vezes, este é mais vermelho, outras, menos, e assim até á côr de grão, d'onde se conclue a mistura de differentes qualidades de argillas na constituição das pastas.

No seu estado primitivo — nos barreiros da área apontada — a côr parte do verde mais ou menos acinzentado até ao tom levemente amarellado e quente.

Assim o temos observado nas remoções de terreno que em differentes épocas e logares se têem feito, por motivo de cavoucos, plantações de arvoredo e canalisações, a que se tem procedido no alludido espaço.

Das faianças do Rato que apresentam a pasta mais avermelhada, são exemplo uma terrina de quatro asas, com tampa e prato, que pertence ao Museu da Academia Real das Sciencias [1] (g. 55), e outra, de analoga fór-

[1] Museu Maynense.

ma, que faz parte da collecção do Sr. Pinho da Cunha, adquirida por este nosso amigo em Lisboa, ultimamente.

Estas duas terrinas, unicas d'este typo que até hoje vimos, têem grande semelhança, na fórma e na decoração, com as peças de prata de Germain.

Os dois raros exemplares têem egualmente a parte lisa esmaltada a côr de chocolate. A parte relevada, que na peça da Academia é sómente coberta a esmalte branco, na terrina d'aquelle collecciondor é esmaltada a branco e verde (caso rarissimo), com toques a tinta amarella nos bicos e pés das tres pombas, em grupo, que formam a péga da tampa.

O grupo das pombas pisa outro de legumes, a verde, como d'esta côr são as folhagens, em baixo-relevo, que pendem de asa para asa, formando festões.

G. 59 - Fim do sec. XVIII — Bica do Sapato (?) — Lisboa — BACIA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dim. 0,30 × 0,31 — *Nossa collecção* — Lisboa.

No mesmo Museu, ha um prato, sem esmalte, com ornatos em baixo-relevo na borda e no fundo, o qual, pela côr da pasta e pelo estylo, tem affinidade com as terrinas de que fallámos. Diam. 0^{m},24. M. 546.

Ainda á Academia das Sciencias pertence outra terrina (g. 52), toda esmaltada a branco, estylo D. Maria I, das mais bellas peças que sairam da Real Fabrica, e um bule esmaltado a côr de ganga, do mesmo estylo.

Estes exemplares, como outros que successivamente iremos citando, constituem a serie de variantes da producção *ratinha*.

A pintura decorativa, quer na louça, quer no azulejo, foi exuberante no meio ceramico da Real Fabrica, e, todavia, do tempo de Brunetto, não ha noticia de nenhum pintor. Sel-o-hia já Sebastião Ignacio de Almeida, que depois foi mestre geral da Fabrica? Sel-o-hia o proprio Brunetto, ou o contramestre, José Veroli?

A julgar pela pintura da unica peça attribuida ao companheiro de Brunetto e que pertence ao seu ephemero fabrico em Bellas (um deposito

para agua, já mutilado, que ainda não ha muito se via n'uma dependencia da antiga loja do Sr. Verol, descendente de José Veroli, na rua Augusta), os bons exemplares do Rato não podem ter sido decorados por Veroli. Por exemplo, o prato monumental da collecção dos Srs. Viscondes de Asseca (g. 45). Decorado com mestria a côres, tem ao centro um grupo composto de duas figuras, representando Diana e Endymião.

Os brazões dos Condes de Oeiras, pintados a azul em duas terrinas — fórma de patos — que pertencem aos mesmos Srs. Viscondes de Asseca, são d'uma delicadeza de toque inexcedivel (g. 46) [1].

G. 60 — Fim do seculo XVIII — Lisboa (?) — POTE DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,58 — *Museu Nacional de Bellas-Artes* — Lisboa.

É certo que estes exemplares fazem parte da melhoria das louças pintadas na Real Fabrica.

Mas, admittindo a hypothese de ter sido Veroli o pintor das referidas peças, e ter-se esmerado, visto o trabalho ser destinado ao Marquez de Pombal, entre estas pinturas e a da peça de Bellas deveria existir certa analogia, correspondente á maneira do artista, o que absolutamente não acontece, a não ser que o passageiro periodo de Bellas marcasse para Veroli grande decadencia.

Nos documentos que temos podido consultar com referencia a esta fabrica, nenhuma allusão se encontra a esta importante parte da sua manufactura [2].

É evidente que houve alli grande movimento de pintores ceramistas e, entre elles, alguns de verdadeiro merito, como teremos occasião de accentuar, quando nos occuparmos dos azulejos.

Do periodo dos seis annos, pouco mais ou menos, em que Sebastião Ignacio de Almeida dirigiu a fabrica, sendo ao mesmo tempo mestre da pintura, segundo Accurcio das Neves, tambem se não conhece outro nome

[1] Estas peças, com outras de importancia, como são: um busto (g. 48), e umas cabeças de javali, que figuram na collecção Asseca, foram feitas especialmente para o Marquez de Pombal.

O Sr. Visconde de Altas Moras tambem possue uma d'estas peças, na sua casa de Moura.

[2] Em peças do Rato, marcas que se possam tomar como de pintores, apenas conhecemos quatro: — dois *V*, mais ou menos arredondados (m. 192 e 478), uma especie de *C* que acompanha a marca 189, e uma estrella (m. 210 e 640).

de artista que tivesse a seu cargo a parte decorativa, como pintor, assim como referencia alguma se encontra a modeladores!

A esse tempo, já a fabrica se occupava mais da louça de serviço commum, que das peças artisticas; mas, ainda assim, é evidente não ter descurado a arte decorativa, como ainda no fim do seculo XVIII se assignala.

As peças que vamos notar, provam sem contestação o que acabamos de dizer.

Os productos com os monogrammas de Sebastião de Almeida [1] são de primeira ordem, como perfeição de esmalte, finura do azul empregado nas decorações e sobriedade e delicadeza da pintura.

Com estas qualidades, não mais supplantadas dentro dos cem annos decorridos depois do fabrico ceramico do mestre Almeida, citaremos:

A jarra que a gravura 54 representa, e que é, como peça de faiança, um extraordinario especimen. Outra semelhante, da collecção do Sr. Antonio Arroyo, e outra do Sr. Conde do Cartaxo. Ainda d'esse ceramista é o prato que pertence ao Sr. Arroyo (g. 53).

G. 61 — Fim do sec. XVIII — Lisboa (?) — GARRAFA DE FAIANÇA. decoração polychroma — A.ª 0,[illegible] — *Museu Nacional de Bellas Artes* — Lisboa.

Durante a existencia da Real Fabrica de Louça, succederam-se as propostas á Administração das Fabricas e as representações á Junta do Commercio, protestando aperfeiçoar a louça que então se produzia em todo o paiz.

Na mór parte das vezes, taes protestos ficaram tão sómente na lettra das memorias e allegações, que a imaginação esquentada dos proponentes juntava aos respectivos requerimentos.

Por este motivo, a fabrica das Amoreiras deve ter assistido a inauditas experiencias; mas, como entre o mau e o bom ha sempre que escolher, se os fiascos se repetiram, as experiencias nem sempre falharam em absoluto e, portanto, alguma coisa ficou de aproveitavel.

[1] Vide marcas com o monogramma S. A. encimado pelas iniciaes I. R.

Estão n'este caso as tentativas do Dr. Joaquim Rodrigues Milagres, que tão debatidas foram.

Este nome, vimol-o citado pela primeira vez n'um dos almanaks de Lisboa, de que adiante damos conta, e que trazem as moradas do pessoal superior e subalterno das fabricas das sedas e da louça do Rato. Vem assim inscripto:

Inventor de uma nova qualidade de louça, Joaquim Rodrigues Milagres. R. de S. Bento, 62[1].

G 62 — Fim do sec. XVIII — Lisboa (?) — POTE PARA TABACO, DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,22 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Depois de termos encontrado esta laconica noticia, recebemos do nosso amigo o Sr. D. José Pessanha uma pequena brochura[2], em que o estudioso escriptor apresenta e annota um *documento* inedito sobre o doutor Joaquim Rodrigues Milagres, que encontrou no Archivo da Torre do Tombo, n'um dos livros de registo da Junta do Commercio.

Um feliz acaso fez que possamos completar os dados que se inferem do documento publicado pelo Sr. Pessanha, com alguma coisa digna do achado d'este investigador.

Ha cêrca de dois annos, estavam á venda n'uma modesta loja de velharias, em frente ao Palacio de Cristal do Porto, algumas peças de louça, marcadas com um monogramma, cuja ultima letra, um L, indicava claramente terem sido fabricadas em Lisboa, porque se lhe seguiam um X e um A de minusculas proporções, completando a abreviatura da capital *alfacinha*.

Além d'estas peças[3], guardamos na nossa collecção uma travessa, semelhantemente marcada, mas que em nada se parece, no fabrico, com aquellas, que são de faiança bastante perfeita, muito leves e bem decoradas, ao passo que o nosso exemplar é grosseiro, muito pesado, e rudemente pinta-

[1] *Almanach para o anno de 1817*, pag. 116.

[2] *A Fabrica de Louça do Rato* — Documento para a sua historia, publicado e annotado por D. José Pessanha — Lisboa, 1898.

[3] O Sr. Antonio Arroyo possue, com esta marca, uma pia de agua benta com alçado (m. 229). As tres peças encontradas no Porto são: Duas terrinas, differentes tamanhos, pousando sobre tres pés. As pégas das tampas são formadas por cães e as asas por peras com folhas. Os ornatos, em relevo polychromico; o resto da ornamentação (grupos de tulipas), a tinta azul sob esmalte branco. Prato ondulado com a faixa de Rouen. Ornamentação a azul. Mesmo esmalte (opaco).—Vide marcas 234, 232 e 233, ordem correspondente á citação das peças.

do com a faixa de Rouen na borda e um ramo de rosas no fundo, a tinta azul. (m. 230) [1].

Se, por um lado, a falta de affinidade não nos permittia attribuir os dois productos á mesma fabricação, por outro lado, as noticias sobre o Dr. Milagres, *inventor d'uma nova qualidade de louça,* tambem nos não auctorisavam a identificar o nome do doutor com as iniciaes do monogramma, das quaes o *R.*, pela maneira por que é composto, mais nos desnorteava ainda!

O caso chega a ser interessante, e narramol-o para os leitores verem quanto é necessario estar precavido para estas hypotheses e outras, que a cada passo surgem a quem tem de julgar a louça antiga.

Assim, procuravamos no *invento* de Rodrigues Milagres a louça fina, de pó de pedra, e não viamos ante os olhos senão faiança, e, para mais, de dois typos completamente differentes, o que não nos permittia ligar a marca da nossa com a das peças encontradas na capital do norte e, ainda, com a aggravante dissuasoria da maneira por que é formado o monogramma! Todas estas particularidades, que agora explicamos, denotam que procurámos esclarecer-nos sobre o intrincado assumpto em que estivemos mettidos!

Gr. 63 — Ultimo terço do sec. XVIII — Lisboa — GALHETEIRO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,22 — Nossa collecção — Lisboa.

Occultará o monogramma de que se trata, o nome de um dos proprietarios da fabrica da Bica do Sapato, José Rodrigues de Magalhães?

Se o Dr. Milagres chegou ou não a pôr em pratica o seu *invento,* não conseguimos nós sabel-o, pois nada encontrámos nas nossas investigações, attribuivel a este ceramista, senão faiança — perfeita, sim, alguma, mas, em todo o caso, faiança.

Recommenda-se este producto pelas qualidades que citei, e ainda pelo acabamento, pintura, esmalte e modelação dos ornatos, como nos provam as peças que vimos na pequena venda de coisas velhas, no Porto [2].

[1] Esta travessa deve ter sido um ensaio, ou então um desastre de cozedura. O esmalte, em bolhas, denota que a peça estava engordurada.

[2] Chamamos a attenção do Sr. Joaquim de Vasconcellos para estas peças.

No entanto, o Dr. Milagres é tido em 1817 — e conhecido — por *inventor de uma nova qualidade de louça,* como resa o Almanak d'esta data, a que alludimos, invento sobre o qual se pronunciou em 1813 a Real Junta do Commercio, como vamos vêr.

Foi ella de parecer que, «não havendo, na Fabrica do Rato, nem as commodidades, nem as officinas, que se requerem para nella se manufacturarem, ao mesmo tempo, a louça antiga e a moderna da nova invenção do doutor Milagres, seria contra toda a razão arruinar e extinguir uma manufactura que tem uma acceitação do povo e um prompto consumo, com interesse permanente da real fazenda, para tentar o estabelecimento de um fabrico duvidoso e contingente, tanto nos seus lucros como na sua acceitação, não sendo compativeis com o estado dos cofres que administra a direcção da Real Fabrica das Sedas os avanços e fornecimentos necessarios para semelhantes emprezas; que, se a invenção de que se trata é, na realidade, digna e capaz de produzir grandes vantagens, póde o inventor fazer este estabelecimento por sua conta propria, ou procurar socios, que nunca faltam, principalmente no estado actual dos tempos, em que a reducção do commercio offerece aos capitalistas muito poucos meios para o gyro dos seus cabedaes, e escusa repartir essas vantagens com a fazenda real, exigindo com antecipação ordenados, graças e mercês, pois só podem competir-lhe as que se acham concedidas pelo alvará de 28 de abril de 1809 [1], com

G 64 — Ultimo terço do sec. XVIII — Lisboa — BACIA E GOMIL DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dim. da bacia, 0,3[illegible] × 0,[illegible]1; alt. do gomil, 0,25 — *Nossa collecção* — Lisboa.

[1] O alvará, com força de lei, de 28 de abril de 1809 eximia de direitos de entrada as materias-primas empregadas em qualquer manufactura, perdoando tambem os direitos a que porventura fossem obrigados os generos e producções nacionaes adquiridos por fabricantes para consumo das suas industrias; — isentava todas as manufacturas portuguezas de direitos de exportação, e, as do reino, de direitos de entrada no Brasil e nos outros dominios de Portugal; — determinava que os fardamentos do exercito fossem comprados ás nossas fabricas; — estabelecia que se moderasse cuidadosamente o numero de recrutas nos logares onde se reconhecesse que a agricultura e as industrias careciam de braços; — ordenava que, da lotaria nacional do Estado, se

as quaes deve prosperar a sua manufactura, se ella se apresentar ao publico com aquelle merecimento de que o mesmo publico é sempre o juiz mais imparcial».

O Dr. Milagres, que, anteriormente a esta data, manufacturára louça, por sua conta, em Castello Picão (Lisboa), conseguira que se lhe destinassem 240$000 réis e se lhe permittisse manufacturar no Rato uma pequena fornada.

Iam, porém, os seus desejos até pretender ser nomeado Inspector da Real Eabrica de Louça, entregando-se-lhe a mesma fabrica com todas as suas dependencias, e dando-se-lhe, em premio, a quarta parte dos seus interesses liquidos e um adiantamento de dois contos de réis para a extracção, conducção e preparo das terras e mais despezas indispensaveis ao principio.

G[illegible] — Fim do sec. XVIII — Lisboa — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,21; de asa a asa, 0,28 — *Nossa collecção* — Lisboa.

A Junta do Commercio, attendendo a que o Dr. Milagres víra já mallogradas as suas tentativas em Castello Picão e que por isso recorria ao auxilio official, e attendendo ainda ao obstinado segredo, que o inventor guardava, ácerca do logar d'onde extrahia o barro que empregava, entendia, como vimos, que só lhe poderiam ser concedidas as regalias permittidas pelo citado alvará.

Não nos dizem os documentos qual a resolução do Principe Regente.

Em todo o caso, inclinamo-nos a crêr, como já dissemos, que o Dr. Milagres só conseguiu produzir boa faiança e não, propriamente, louça de pó de pedra.

Fechamos esta noticia com os seguintes dados, extrahidos dos *Almanachs de Lisboa:*

Repartição da Real Fabrica da Louça — Administrador, João Anas-

---

applicassem annualmente sessenta mil cruzados, como dom gratuito, a favor das industrias que mais necessitassem de tal soccorro, particularisando as de lã, algodão, seda, ferro e aço; — concedia privilegio exclusivo, por quartoze annos, aos inventores ou introductores de machinas e processos industriaes; — e, finalmente, com o intuito de promover o desenvolvimento da marinha mercante, estatuia que pagassem apenas metade dos direitos fixados, em todas as alfandegas portuguezas, os generos e materias-primas de que pudessem carecer os donos de novos navios para a construcção e armação d'elles, uma vez que o transporte d'esses artigos houvesse sido feito em embarcações nacionaes.

tacio Botelho de Almeida. Rua do Salitre, n.º 186. — *Almanach para 1814*, pag. 175.

Repartição da Real Fabrica da Louça — João A. B. de Almeida. Rua do Salitre, 186 — Inventor de uma nova qualidade de louça, Joaquim Rodrigues Milagres. Rua de S. Bento, 62. — *Almanach para 1817*, pag. 116.

G. 66 Segunda metade do sec. XVIII — Lisboa — TERRINA DE FAIANÇA, pintura polychroma — Alt. 0,27; de asa a asa, 0,36 *Nossa collecção* — Lisboa.

Na Real Fabrica de Louça. — Administrador, Antonio Wandeli [1], rua de S. Bento, 128; mestre da Fabrica, Francisco de Paula e Oliveira, rua da Penha de França, 14; caixeiro do armazem da venda, Estevão Antonio, t. de Valle de Pereiro, 6; escripturario do dito armazem, Filippe José dos Santos, rua da Procissão, 86; avaliador da louça e caixeiro do armazem do deposito, Salvador Luiz, c. da Estrella, 30; apontador, Fernando Antonio, t. de V. de Pereiro, 31. — *Almanach para 1820*, pag. 431.

Como se vê, de todo o pessoal mencionado não distavam as moradias, da fabrica da louça, um kilometro, o que naturalmente acontecia antes de 1814.

FABRICA DA TRAVESSA DOS LADRÕES

— 1769 —

Fundador: Paulo Pauletti.

É possivel que, nas peças que attribuimos a Lisboa e a que antes nos

[1] Não nos faz estraheza Vandeli escripto com *W*. Este Wandeli, como o seu primeiro nome indica, não é o mestre em sciencias naturaes e ceramista que trabalhou em Coimbra e no Porto, e que em 17[illegible] fazia parte da direcção das Reaes Fabricas e Aguas Livres (Lisboa). Quinze annos antes, pouco mais ou menos, de nos apparecer o Dr. D. Vandeli, deve ter-se fabricado n'uma ou n'outra d'aquellas duas cidades, uma terrina, cuja marca, um *W*, em relevo, damos no nosso diccionario. Esta peça, que nos pertence e que, por circumstancias que não veem para aqui, não temos em nosso poder, não é unica no seu typo de fabricação, embora seja a unica que temos encontrado marcada.

referimos, esteja algum especimen de Paulo Pauletti, pois alguns ha que se podem classificar como faiança fina.

No alvará de 28 de Junho de 1769, existente na Torre do Tombo, encontra-se referencia a *louça fina*, e o mesmo succede no termo de sujeição que Pauletti assignou perante a Junta do Commercio, para poder erigir a sua fabrica.

G. 67 — Fim do sec. XVIII — Lisboa — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,22, de aza a aza, 0,30 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Este documento tem a assignatura do ceramista italiano, cujo fac-simile o Sr. D. José Pessanha intercala no seu artigo sobre ceramica, na *Arte Portugueza*, n.º 6 (Junho de 1895).

No entanto, a assignatura de Pauletti nada tem que ver com as marcas da sua louça (se é que a marcou), nem com a attribuida pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos a esse artista (m. 353) e que este escriptor publica no catalogo da exposição de ceramica, realisada no Porto em 1882.

FABRICA DE BELLAS

— 1772 (?) —

Fundador: José Veroli.

No capitulo sobre a Fabrica do Rato, de que foi contramestre este ceramista, referimo-nos á fabrica de que elle fundou em Bellas e á sua passagem pela Real Fabrica, em Lisboa.

FABRICA DA PANASQUEIRA

— 1776 —

Fundador: José Anselmo de Aguiar. Louça de fogo delgada, á imitação da de Genova.

FABRICA DE SANTO AMARO

— 1789 —

Proprietarios: Henrique Francisco de Andrade & C.ª. Mestre: Severino José da Silva (segundo contramestre da Real Fabrica do Rato).

Fabricava louça fina.

Segundo consulta da Junta do Commercio, era «uma das melhores do Reino, não só pela perfeição das suas manufacturas, como por se achar laborando com officiaes peritos e apprendizes competentes».

FABRICA DE SANTA MARTHA

— 1789 —

Proprietario: Joaquim Antonio Ouzedo.

FABRICA DA TRAVESSA DOS LADRÕES

— 1789 —

Proprietario: José Joaquim Pereira Zagallo. Cremos ter sido a fabrica fundada por Paulo Pauletti.

Em 1813, houve outro proprietario, chamado José Maria, a quem se refere A. das Neves.

Esta fabrica foi a primeira em que trabalhou Antonio Manuel de Jesus, filho de Manuel Joaquim de Jesus, que apprendêra no Rato, e pae de Antonio Luiz de Jesus, ceramista contemporaneo.

FABRICA DA CALÇADA DE AGOSTINHO CARVALHO

— 1790 —[1]

Fundador: Domingos Maia ou Romão da Maia. Fabricava louça vermelha. Julgamos que nenhum d'estes foi o primitivo fundador.

Em tempo, por indicação da distincta escriptora a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, investigámos sobre Romão da Maia; e, pelo actual proprietario, João Felix Caldas, que ha cincoenta annos labuta na

[1] Parece que nem esta data é a da primitiva fundação, nem nenhum dos Maias que citamos foi o primeiro que produziu louça vermelha na *Fabrica da Calçada*, pois que, como vimos, já em 1649 iam de Lisboa pucaros para a Italia, conhecidos por *pucaros da Maia*.

pequena *Fabrica da Calçada*, pouco pudemos apurar. Este oleiro tratou pessoalmente com o marido de Magdalena Martins, herdeira de Domingos Maia, e proprietaria da fabrica em 1815. O que d'elle soubemos, pouco ou nada adiantava ao que a illustre auctora do interessantissimo estudo sobre os *pucarinhos* portuguezes [1], sabia a tal respeito.

G. 68 — Fim do sec. XVIII — Lisboa
JARRA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,25 — *Museu Nacional de Bellas-Artes* — Lisboa

Parece que esta fabrica fazia parte do grupo de olarias, que, já no seculo XVI, estava situado na baixa de Nossa Senhora do Monte, «bairro tradicional dos oleiros semi-mouriscos».

N'um dos volumes do *Archivo Pittoresco*, tambem se encontram referencias ás olarias que ficavam ao fundo do valle da Senhora do Monte, e «que trabalhavam com muita perfeição loiça de barro, por ser o de Lisboa muito bom para taes obras» [2].

Pensamos que o fabrico da louça branca vidrada e do azulejo, que hoje aqui se produzem, começou quando a fabrica trabalhava por conta de Magdalena Martins e de seu marido, fabrico que, junto ao da louça vermelha, Felix Caldas tem mantido. A producção, sob o regimen de Caldas, nunca foi marcada.

A Fabrica da Calçada foi, no seu inicio, estabelecida do lado opposto áquelle onde está presentemente installada.

FABRICA DA CALÇADA DA SENHORA DO MONTE

— 1793 —

Proprietario: Francisco Gomes Cotta. O Dr. Domingos Vandelli informou á Junta do Commercio «que a louça d'esta fabrica, na qualidade de ordinaria, superava a das outras fabricas, e que n'ella se produziam tambem excellentes azulejos e louça fina.»

A Francisco Gomes Cotta succedeu Bento José Gomes de Brito.

---

[1] Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal* (separata do *Bulletin Hispanique*, tom. VII)

[2] Vol. VI, pag. 92.

FABRICA DA TRAVESSA DA BELLA VISTA, Á LAPA

— 1794

Fabrica de louça branca, fundada, em edificio construido expressamente para este fim, por Manuel Nunes de Carvalho. Trabalhou depois, em 1813, segundo noticia de A. das Neves, sob a direcção de Antonio Alvares da Silva Bastos, genro d'aquelle.

A ella se refere n'uma informação o Dr. Domingos Vandelli, dizendo que a fabrica era das chamadas *olarias;* que n'ella se fabricavam bons azulejos e algumas faianças; que poderia aperfeiçoar-se com a continuação; que os *regimentos* não serviam senão para fomentar intrigas e demandas e nunca para adiantar e aperfeiçoar as manufacturas, e que, sendo Silva Bastos negociante matriculado, e possuindo fundos sufficientes para proseguir com vantagem na exploração da fabrica, se tornava digno de que lhe fossem concedidos os privilegios e isenções conferidos aos outros fabricantes.

FABRICA DO CASTELLO PICÃO, AO MOCAMBO

- 1794 —

Fundadores: João Bento da Silva Pereira e Luiz Antonio Alvares. Fabricava louça branca e de côres (faiança).

Pertencia em 1820 a João Moniz Vieira, que a tomára por 1808, tendo estado devoluta mais de dez mezes. Foi n'essa fabrica que se realisaram, como vimos, as experiencias do Dr. Milagres.

(1)

REAL FABRICA DA BICA DO SAPATO

— 1796 —

Em volta d'este nome — Bica do Sapato — ouvimos, ha muitos annos, girar attribuições, que, em parte, diga-se em abono da verdade, não nos parecem mal fundadas. No entanto, nem um só d'esses attribuidos exemplares era marcado!

Nós mesmo, pela lei que o costume havia estabelecido, tambem assim os tratavamos, para não desafinar o insistente côro das *vozes do povo*, até que um dia um nosso amigo, o Sr. Antonio Arroyo, nos disse que o Sr. Dr. Alvaro Possolo conhecia uma peça da Bica do Sapato, marcada, e assim era!

Com uma carta de apresentação d'este attencioso cavalheiro, dirigimo-nos ao feliz possuidor da peça, o Sr. Dr. Eça Azevedo, que, com a maior amabilidade, nos recebeu e nos deixou estudar e photographar o primeiro exemplar que vimos, authenticado, d'esta fabrica.

Não é do typo vulgar, que até então conheciamos como faiança *sapateira*, porque o bello especimen, que foi decerto feito com destino especial, é, portanto, de mais fina pasta, de mais apurado esmalte e de mais cuidada decoração, numero de perfeições que lhe dão, em conjuncto, outro aspecto.

A julgar pelo compasso que a figura do anjo segura pelas pontas, é possivel que a bacia, hoje incompleta, pois deve ter tido o complementar gomil, fosse feita para offerecer a algum architecto.

Seria a Matheus Vicente, auctor da basilica da Estrella, o qual — presumpção nossa — deve ter tido negocios, não só com a Real Fabrica do Rato, que forneceu os azulejos para os alisares das capellas contiguas ao cruzeiro, do lado da epistola, e outros que guarnecem o templo, mas tam-

[1] Grav. 68-A — Ultimo terço do sec. XVIII — JARRAS DE FAIANÇA, decoração polychroma — Typos de Lisboa — Maior altura: 0,23, menor 0,11 ½ — *Nossa collecção* — Lisboa.

bem com a da Bica do Sapato, que egualmente produzia azulejos, de que Matheus Vicente muito provavelmente se serviu para algum dos seus trabalhos architectonicos?

Seja como fôr, não ha duvida que esta peça tem grande importancia na historia da ceramica portugueza, e por isso vamos descrevel-a minuciosamente, apesar de a reproduzirmos pela gravura.

É de forma oval, borda em cannelura e ondulada, bem cozida, leve, perfeitamente desempenada, de bello esmalte, bem decorada, de polychromia aveludada e de bom matiz.

Na borda, delicados filetes, e um segmento de bambolins, d'onde pendem, de espaço a espaço, pingentes palmitados de variadas florinhas.

Na parte inferior — roda-fundo — uma faixa a azul China, de uma firmeza de toque inexcedivel e de caracter oriental, acompanha as ondulações da mesma borda.

No fundo, uma interessante composição allegorica rodeia um medalhão incorrectamente circular, onde se lê em caracteres de typo quadrado, pintados a roxo escuro sobre fundo amarello: *Real Fabrica da Bica do Sapato* (m. 430).

Os motivos que rodeiam o medalhão, são: pequenos ramos e festões de flores, além de ornatos do estylo *rocaille*, uma figura de anjo, que segura com as mãos um compasso semiaberto, pannejamentos e uma albarrada florida, habilmente disposta.

Pendentes dos ornatos, parallelamente collocados, dois festões de flores rodeiam um bambolim franjado, que ata á parte inferior da medalha por um cordão com borlas nas extremidades. Sob um esmalte levemente anilado, as cinco côres que vulgarmente se empregavam no seculo XVIII: azul, verde, amarello, côr de vinho e côr de laranja. (G. 57).

Com absoluta certeza, só podemos pôr, como productos da Bica do Sapato, ao lado da peça de que temos vindo tratando, uma tampa de terrina, que pertence ao nosso amigo D. José Pessanha, e um gomil da nossa collecção. Comquanto a pintura d'estes exemplares não seja tão cuidada, na maneira de fazer é muito semelhante á d'aquelle.

De fórma oval, tendo como péga um golfinho[1] bem modelado, a tampa, já privada da parte complementar, é decorada, sob um perfeitissimo esmalte, com as côres: azul, verde quente e côr de vinho, côres com que foram pintados grupos de rosas, folhagens e duas paisagens (estas sómente a côr de vinho e dentro de cartões rectangulares com a ponta superior dobrada).

[1] Na louça portugueza do seculo XVIII e primeiro terço do seculo XIX, é muito usado este motivo.

Por baixo d'um d'estes motivos, á maneira de Pillement, lê-se em cursivo, a tinta azul: — *Joaquina Rosa*, com sua rubrica, ou *fecit* em abreviatura (m. 251).

Das peças não marcadas, a que tem mais evidente affinidade com a do Sr. Dr. Eça Azevedo, na composição, é a bacia que já citámos e que a gravura 59 representa.

É peça como que intermedia entre aquellas e as do typo geralmente classificado Bica do Sapato.

Caracterisam este typo, que abrange os reinados de D. José e de D. Maria I, as flores, festões pendentes, paisagens e marinhas, motivos que se repetem nos azulejos que attribuimos á mesma fabrica.

Na louça, estes ornamentos reduzem-se muitas vezes a simples repregos, como troncos de arvores, trechos de palissadas e arbustos, que se antepõem a rapidas indicações maritimas ou campestres, quasi sempre a côr de vinho.

Estas decorações, em que por vezes apparecem figuras, dão-nos a vaga impressão de terem sido inspiradas nos quadros de Pillement.

Como succedeu com o estylo decorativo de parte da producção de Estremoz, certamente levado para alli por algum pintor da Bica, não nos surprehenderá que venha um dia a provar-se que este mesmo facto se deu entre a Bica e a Fabrica de Darque, em Vianna do Castello.

N'este caso está o prato com a marca: *B. C.* (g. 163), que, na indecisão, damos como producto de Darque e bem póde ser da Bica do Sapato [1].

A decoração tem, nas composições, o caracter das faianças da Bica, e, na maneira de pintar, o sabor das de Darque [2].

Ainda ha pouco, vimos, da fabrica de Alcobaça, uma peça relativamente moderna — 1875 — cuja ornamentação foi inspirada directamente nas da Bica ou nas de Estremoz.

Um pote marcado «Real Fabrica de Custodio Ferreira Braga» (m. 431) e que pertence ao Museu Nacional de Bellas-Artes, tem egualmente semelhança, na decoração, com as peças da Bica, e por isso collocamos a gravura que o reproduz (g. 60), bem como outras que representam peças que se nos afiguram da mesma procedencia (g. 61 e 62), a seguir aos exemplares da Bica.

Crêmos que a Real Fabrica da Bica do Sapato teve a sua origem em data muito anterior ao fabrico das peças que apresentamos; não nos repugna,

[1] No seculo XVIII e principio do seguinte, escrevia-se geralmente *çapato* com ç.
[2] Confrontar as gravuras 57, 59 e 163.

mesmo, acceital-a como tendo sido fundada na primeira metade do seculo XVII ou nos fins do seculo XVI.

O boião reproduzido pela gravura 39 póde ter saido d'esta fabrica, se a hypothese que vamos apresentar fôr acceitavel.

Este especimen figurou na Exposição de Arte ornamental do Districto de Vianna, em agosto de 1896, e está descripto no respectivo catalogo, pelo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, d'esta maneira:

«Entre os boiões e canudos pintados a *camaïeu*, ha dois datados, e por isso os destacamos; comparando um com outro, vêmos que o boião está datado nas quatro faces com a era de 1651, tendo nos campos as armas de Lisboa e um santuario sobre uma penha maritima, d'onde foge uma lebre, exactamente como o desenho do canudo e de um outro sem algarismos; allusão evidente á egreja de Nossa Senhora do Cabo do Espichel e á lenda da lebre perseguida que se acolhe á lapa, onde appareceu a imagem; outros canudos congeneres apresentam-se com patos, cegonhas ou garças e flora da beira-mar. Estes vasos pertencem ao Real Templo e foram fabricados nas suas proximidades, pela exactidão dos desenhos.»

Conhecemos a peça e estudámol-a, em Vianna, em casa do seu possuidor, o Sr. Dr. Oliveira, antes de conhecer o catalogo, que só então conseguimos adquirir, devido á amavel diligencia empregada por este cavalheiro.

A descripção do Sr. Dr. Figueiredo da Guerra não póde ser mais justa; com a sua conjectura de ter a peça sido fabricada nas *proximidades* do templo, é que não concordamos (com a devida venia)—a não ser que na alludida *proximidade* seja incluida Lisboa, que, quanto a nós, nada perto vive do Espichel.

A parte caracteristica da ornamentação do vaso é, sem duvida, a que os motivos descriptos deixam livre.

Toda esta superficie é coberta de desenho padrão, repetidos parallelogrammos, tendo em cada espaço um quadrifolio, do que resulta um regular finestrado do estylo da Renascença.

Ora este padrão só torna a apparecer no seculo XVIII, n'algumas peças da Bica do Sapato, onde bem póde ter ficado como tradição decorativa, assim como é plausivel ter sido Lisboa que forneceu aquellas peças ao Real Templo, como as armas da cidade o estão, aliás, indicando.

No Paço das Necessidades, ha dois potes com desenho identico ao do boião referido; e uma terrina que vimos em casa do Sr. Visconde da Idanha, tambem offerece, na sua decoração, trechos do mesmo motivo.

Esta peça—fins do seculo XVII—é, como as do Paço das Necessi-

dades — fins do seculo XVIII —, com grande numero de probabilidades, da fabrica da Bica do Sapato.

Peças, que, na ornamentação, se ligam com os productos da Bica, são a terrina que a gravura 67 representa e que, se não saiu desta fabrica, é obra de outra tambem de Lisboa e contemporanea, e um *lavabo* completo, com decoração polychroma, como a terrina, sob esmalte branco anilado, peça dos fins do seculo XVIII, que encontrámos á venda no *bric-à-brac* do Sr. Anastacio, e que tem como marca um *T* a côr de vinho, que reproduzimos no nosso diccionario sob o n.º 471 [1].

Documento escripto ácerca da Bica do Sapato, apenas alcançámos um, que devemos á amavel cedencia do nosso amigo D. José Pessanha. É posterior ao fabrico da peça marcada, como facilmente se deduz do estylo ornamental, que ella exhibe, e ao titulo de *Real,* de que a fabrica usava, e a que o dito documento não allude, nem tão pouco a noticia de Accurcio das Neves, quando a cita na «Informação e mappa do corregedor do crime do bairro de Alfama, de 26 de Abril de 1813» [2].

Nesse anno, a fabrica era unicamente conhecida por — «Bica do Çapato», pertencia a José Rodrigues de Magalhães, e, segundo aquella informação, estava decadente; e nenhuma das peças que citámos, ou que reproduzimos pela gravura, está neste caso, antes pelo contrario!

O documento a que nos referimos, é uma consulta da Junta do Commercio, de 22 de dezembro de 1796, cujo extracto damos em seguida:

Luiz Soares Henriques pretendia que Sua Magestade lhe concedesse licença para a laboração de uma fabrica de louça fina, chamada faiança, que estava edificando na Horta das Flores, defronte do Caes do Tojo, junto á Bica do Sapato. Havia ajustado como mestre Joaquim Simpliciano Franco, habil na dita manufactura e em toda a qualidade de «possaria» para uso da chimica, assim vidrada como por vidrar. Pedia todos os privilegios e isenções, concedidos ás fabricas d'essa natureza. Joaquim Simpliciano Franco tambem fizera um requerimento, em que declarava estar ajustado para dirigir a dita fabrica e supplicava a S. M. lhe concedesse os privilegios e isenções concedidos aos professores das manufacturas d'ellas.

O deputado inspector das fabricas de louça informára que o local era apropriado e commodo, mas que os productos não eram superiores aos das outras fabricas, nem o mestre tinha melhor «portamento», entendendo por isso

[1] Por seu turno, estas duas peças ligam-se com as reproduzidas pelas gravuras 63, 64 e 65, cuja ornamentação exhibe pequenas bagas amarellas, com hastes e folhas. Os azulejos da escada que dá accesso á torre da egreja de Santo Antonio dos Capuchos, em Lisboa, jogam com estas faianças.

[2] *Variedades*, tom. I, pag. 157.

que, não a este, mas ao proprietario, podiam ser concedidas a licença e os privilegios requeridos. A Junta conformou-se com este parecer.

Com elle se conformou tambem o principe regente, que, por immediata resolução de 11 de fevereiro de 1797, concedeu licença a Luiz Soares Henriques para a laboração da fabrica de faianças que estava erigindo, com os privilegios das outras, e indeferiu o requerimento do mestre.

A consulta que deixamos extractada foi reformada em 28 de setembro de 1801.

Evidentemente, ou se trata de uma nova fabrica fundada no local da antiga, ou esta interrompêra a sua laboração e renascia por esse tempo, devido á iniciativa de Soares Henriques.

A fabrica da Bica do Sapato era tambem conhecida pela designação de *Fabrica do capitão-mór*.

FABRICA DO LARGO DAS OLARIAS

1800(?) —

Fundador: Manuel do Porto[1].

Fabricava louça branca e vermelha, vidrada.

Deve ter sido fundada entre os ultimos annos do seculo XVIII e os primeiros do seculo XIX. Em 1878, ainda funccionava.

FABRICA DE LOUÇA DA CALÇADA DO MONTE

— ? —

Fundador: Bento José Gomes de Brito.

Fabricava louça branca e vermelha. Ignora-se a data da fundação. Em 1883, ainda produzia louça colorida e esmaltada. Será porventura esta a fabrica que fundou José Gomes Cotta, em 1793, em local onde parece ter já funcionado outra?

FABRICA DA TRAVESSA DO PÉ DE FERRO

— 1813 —

Proprietario: Pedro Celestino Soares.

Fabrica que progredia n'esta data, segundo refere A. das Neves, e cujos productos eram consumidos no reino e na America.

---

[1] Manuel do Porto era assim conhecido por ter vindo da capital do Norte, onde fora pintor de ceramica.

FABRICA DA CALÇADA DOS CESTEIROS

1832

Proprietario: Augusto Victor Roseira.

Fabrica situada na dita calçada, n.° 19. Deposito, rua dos Caminhos de Ferro, 18 a 28.

Fundada por Victor Roseira, passou em 1885 para João Roseira, que a dirigiu até 1895, e d'esta data até agora tem sido administrada pelo neto do fundador.

Esta fabrica, que produz louça branca e vermelha, azulejos e material ceramico para construcções, está situada — crêmos — no mesmo local onde trabalhou a Real Fabrica da Bica do Sapato.

Tem dois fornos e motor a vapor. Emprega cêrca de 35 operarios, e usa os barros branco e azul dos Prazeres. Produz mais de 12:000$000 réis por anno. Premiada nas exposições do Rio de Janeiro, 1879; Porto, 1882; Lisboa, 1884.

FABRICA CONSTANCIA

1836 -

G 69 — 1870 — W. Cifka — Constancia - Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,50 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

Sobre as bases lançadas pela da Companhia Fabril de Louça, fundada em 1836, na cêrca de N. Sr.ª dos Remedios, convento dos Marianos, trabalha presentemente a fabrica d'aquella denominação.

Primitivamente, a Companhia occupava todo o terreno da cêrca, uns 40:000 metros quadrados, que estão hoje reduzidos á quarta parte.

O primeiro regente da fabrica, que,

G. 70 — 1877 — W. Cifka — Constancia — Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,32 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

em seguida á fundação, a direcção da Companhia nomeou, foi Ignacio Augusto da Silva Lisboa [1].

A Companhia trabalhou até 1842, passando n'esta data a fabrica para outra companhia ou sociedade, a Companhia Constancia, que, sob esta firma, produziu até 1881.

A este periodo pertence a edificação de um grande forno, com a data a azul em azulejo: 18 $\frac{3}{10}$ 67

Com o actual nome, pertenceu a Fabrica Constancia, primeiro, á firma Sequeira & Freire, até 1884.

De 1885 em diante, tem pertencido ao primeiro d'estes socios, o Sr. Miguel José Sequeira, que, até 1896, fabricou o *pó de pedra*, servindo-se, como contingente para esta pasta, do barro branco de Leiria.

Hoje, produz faiança e azulejos, productos que se recommendam pela decoração, que esteve até 1906 a cargo do habil pintor José Antonio Jorge Pinto, um dos primeiros no genero, e que cursou a Academia de Bellas-Artes de Lisboa, tendo sido discipulo de Ferreira Chaves e de José Salgado.

A Fabrica Constancia é conhecida por differentes designações. Além d'aquella com que foi fundada e das duas que lhe succederam, por *Fabrica dos Marianos e Fabrica das Janellas Verdes,* por occupar a cêrca do convento

G. 71 — 1876 — W. Cifka — Constancia — Lisboa — JARRA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,76 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

[1] *Estatutos da Companhia Fabril de Louça* (Lisboa, 1837), pag. 9.

dos frades Marianos e estar situada na rua d'aquella designação (porta n.º 48).

Não tendo mais do que 70 annos de existencia, a Fabrica Constancia tem uma historia relativamente interessante.

Foi aqui que Cifka [1] fabricou as suas faianças, que, pelo caracter da sua decoração, já hoje têem amadores e figuram em quasi todas as collecções. (G.s 69 a 71.)

Por agora, o movimento da fabrica é pequeno; mas é de crêr que, se continuar a produzir azulejos como os que apresentou na penultima exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes (1905), progrida, o que não succederá sem justiça.

G 72 — 1875 — Fabrica Constancia Lisboa - JARRA DE FAIANÇA — Decoração polychroma — Alt. 0,25 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Sem nos querermos dar ares de propheta, pois pouco havia que adivinhar, pela simples exposição de uma duzia de azulejos cozidos a grande fogo (motivos isolados a tinta azul, sob esmalte branco), e um pote decorado a azul, que a fabrica mandára á exposição anterior á que acabamos de citar, vimos immediatamente representado, n'esses pequenos quadrados de faiança, um pintor ceramista de incontestavel merecimento e largo futuro.

Apartámos seis dos azulejos expostos, e corremos á fabrica, para co-

[1] Cifka, natural de Praga (Bohemia), descendia de uma familia de senhores morganaticos d'esta parte do imperio austriaco. Tinha o curso de agronomo pela escola agricola de Zittolepp. Veiu para Portugal com o Principe D. Fernando, Duque de Saxe-Coburgo-Gotha, e ficou ao serviço do esposo de D. Maria II. Cifka, em Lisboa, dedicou-se a dar lições de pintura e desenho a algumas pessoas da aristocracia: senhoras da casa Linhares, Condessa de Penafiel e outros fidalgos. Foi por esta época, 1839, que Cifka installou o primeiro atelier de retratos daguerreotypicos em Portugal. Os seus processos, que elle por vezes descreveu em jornaes francezes, entre outros *La Lumière*, tiveram elogios no estrangeiro.

Em 1854, visitou Paris, Londres e Berlim, para alli estudar a photographia. Em 1856, mandou os seus trabalhos á exposição de Londres. Os seus ateliers foram nas ruas das Necessidades e Nova dos Martyres, onde está hoje o photographo Bobone. Cifka ensinou a photographia, e teve, entre outros discipulos, os irmãos Silveiras, Gomes, Carlos Relvas e João Paulo Cordeiro. Na sua casa do Chiado (esquina da rua Nova dos Martyres), em que o meio artistico era citado, reunia-se a primeira sociedade: El-Rei D. Fernando, Conde de Brandenburgo, Marquez de Salamanca, Osborne Sampaio, Conde de Daupias, Barão de Alcochete, Conde da Praia da Victoria, Barão de Quintella, Cardeal di Pietro e Conde da Carreira. Em 1863, já Cifka se dedicava a pintar em faiança e em esmalte. Imitou as majolicas de Urbino, pintou retratos em differentes peças de louça. Como ceramista, foi premiado em Paris, Rio de Janeiro, etc. Foi possuidor de uma esplendida collecção de gravuras, que pertence hoje á Bibliotheca Publica e á Academia de Bellas-Artes de Lisboa. Cifka, que falleceu em 1883, só usou uma das veneras que lhe foram offerecidas, o habito de Christo. Entre as marcas da louça de Wenceslau Cifka, as que se encontram no nosso diccionario com os numeros 104 a 107 devem interpretar-se: *Cifka, Portugal, Bohemia, fez*. (Convem vêr a nota da marca 539).

nhecermos mais intimamente o pintor, de quem justamente exaltámos o merecimento.

O jury conferia-lhe, vinte dias depois, a medalha de 3.ª classe.

José Pinto teve, na seguinte exposição, um *successo* e foi segunda vez premiado.

Entre os trabalhos, distinguiam-se um *lambris* de azulejos, estylo D. João V, e 54 azulejos, paisagens, cada um dos quaes constitue um delicioso quadrinho (m.ˢ 260, 261). Dos operarios que os executaram, sabemos, pelo catalogo da exposição, o nome de um: Antonio Rodrigues Sail.

Ao periodo da Companhia Constancia, pertencem o forneiro João Maluco, que tambem pintou louça [1], operario que decorou a jarra que a gravura n.º 72 reproduz, e J. S. Roberto, pintor de quem conhecemos alguns exemplares, entre os quaes tres pratos com paisagens, que se encontram na collecção do Sr. Francisco Ribeiro da Cunha. (M.ˢ 448 e 449).

De um antigo *Diario* da Companhia Fabril de Louça, transcrevemos fielmente o seguinte, que, como se verá, encerra dados interessantes para a historia d'este centro de producção ceramica:

«No anno de 1836, se formou n'esta cidade de Lisboa huma Companhia Fabril de Louça, que devia ter de fundo 30:000$000 réis divididos em 6:000 acções de cinco mil réis cada huma; e os Estatutos que organizou foram approvados pelo Governo em Portaria do primeiro de Fevereiro do dito anno. Emittidas algumas acções, se diligenciou, e conseguio a compra da Cerca do extincto Convento de Nossa Senhora dos Remedios ás Janellas Verdes pela somma de 13:000$000 réis em titulos, ou 4:940$000 réis em dinheiro effectivo, e se principiarão as obras para o estabelecimento da Fabrica da Louça debaixo das vistas de huma Commissão Fiscal, composta de tres Accionistas e hum Administrador; porem os Socios, pouco satisfeitos do modo por que erão dirigidos os negocios da Companhia, proposerão, discutirão, e approvarão, em Assemblea Geral de 6 de Abril de 1837, os novos Estatutos, que forão confirmados por Portaria do Ministerio dos Negocios Reino de 11 de Outubro proximo seguinte; nomeando na mesma Assemblea Geral a Direcção actual, que entrou em exercicio, e tomou posse em 21 do dito mez de Abril de 1837.

«Athé essa epoca tinhão-se emittido 3:655 Acções, importando em réis 18:375$000, e havia rendido a hortaliça, e fructa da Cerca a quantia de 210$540 réis; prefazendo estas duas addições a somma de réis 18:485$540: — e, como a despeza feita pela Commissão Fiscal e Administrador em utensilios, jornaes, e materiaes erão 11:759$870 réis, e o custo da propriedade

[1] Pela maneira de pintar e pela cor, João Maluco deve ter-se inspirado nos trabalhos de Cifka.

foi 4:940$000, como fica dito, o Saldo que passou á responsabilidade da Direcção actual e de que passou recibo forão réis 1:785$670».

D'esse mesmo livro extrahimos as seguintes notas, que tambem nos parecem interessantes:

O barro de Leiria, fornecido por João Francisco de Sousa, era conduzido para a Figueira, vindo d'alli para Lisboa por mar. Custava 630 réis por quintal.

Pagava-se de frete á barca *Conceição*, em fevereiro de 1841, 25$000 réis.

As ferias semanaes regulavam entre 70 e 80$000 réis.

A louça desenfornada em 10 de março de 1841 foi reputada em 315$765 réis.

Na loja da Companhia — rua Augusta, 195 — a importancia das vendas, desde 30 de setembro de 1840 até 31 de janeiro de 1841, subiu a 1:116$155 réis.

FABRICA DO MESTRE MIGUEL

1847 —

Fundador: Miguel Gomes Correia.

Fabrica de louça branca, ordinaria, louça vermelha e azulejos. Rua da Imprensa Nacional (antiga t. do Pombal), 98 a 104.

É presentemente dirigida por João Marques Correia (filho do fundador), que faz parte da actual firma.

Tem 5 fornos, e o numero de operarios regula por 40. Producção annual, approximadamente — 15:000$000 réis.

Barros dos Prazeres e do Matadouro. Antonio Luiz de Jesus cozeu por muitos annos n'esta fabrica as louças e azulejos que pintava.

FABRICA DA VIUVA LAMEGO [1]

1849

Viuva Lamego — Successor. Fabrica de faianças e azulejos. — Largo do Intendente, 7 a 17.

Fundada em 1849 por Antonio da Costa Lamego, o seu primeiro fabrico foi de louça vermelha até 1863, em que começou a producção de faiança, com bom exito.

[1] Actualmente: Fabrica Ceramica Viuva Lamego — João Agostinho da Costa Garcia, representado por Francisco Oliveira de Sommer.

Em 1876, morre Antonio Lamego, ficando a fabrica com 5 fornos e perto de 80 operarios, numero que se foi elevando até ao anno de 1881.

Em 1878, montou a fabrica um motor a vapor, potencia de 4 cavallos. Tem outra machina, força de 3 cavallos.

Capital dispendido: 40:000$000 réis. O maximo do salario, pago ao operario mais cotado, não passa de 1500 réis. Os rapazes ganham de 100 a 360 réis por dia.

Utilisa para a producção os barros de Lisboa e de Leiria. Para os esmaltes, serve-se de zarcão e estanho de procedencia estrangeira e de areia branca de Coina.

O seu fabrico é de louça de barro vermelho, louça ordinaria, branca e pintada, faiança, material de construcção e azulejos.

Tem á testa da parte decorativa, como pintor, José Maria Pereira Junior *(Pereira Cão)*, um dos nossos primeiros artistas no genero.

Alem do consumo no paiz, exporta para a Africa e para o Brasil. Nunca marcou os seus productos.

REAL FABRICA DE LOUÇA EM SACAVEM

— 1850 —

Proprietarios actuaes: Gilman & Commandita. Deposito geral — Lisboa, rua da Prata, 126 a 132.

Fundada em 1850 [1], na quinta do Aranha, a uma legua da capital, por Manuel Joaquim Affonso.

Passou successivamente para os seguintes proprietarios: Guilherme Howorth e John Scott Howorth (depois Barão de Howorth de Sacavem), fallecido em 1896. Passou depois para a mulher d'este, a Baroneza de Sacavem, e d'esta senhora para a actual firma, cuja gerencia está entregue ao Sr. James Gilman.

Tem tido, desde a sua fundação até ao presente, os seguintes mestres e pintores. Mestres: John Barlow, Sebastião Garcia, Guilherme M.ᶜ Laren e Walter Lindley. Pintores: José Cau, John Willet, Archibald Wilkinson, George Taylor, Alfredo Chadwick e Luiz de Campos.

Em 1889, empregava 250 operarios, entre homens, mulheres e rapazes. Hoje, é o estabelecimento ceramico do paiz que emprega mais pessoal — perto de 700 operarios — homens, mulheres e rapazes, figurando entre

[1] Esta data foi-nos fornecida pela direcção da fabrica; o catalogo, da Exposição das Industrias Fabris, realisada na Avenida da Liberdade em 1888, dá-a, porem, como fundada em 1856.

elles oleiros, forneiros, amassadores, formadores, pintores, douradores, fiadores e estampadores, machinistas, carpinteiros, etc.

Tem 17 fornos grandes e 6 muflas, um motor a vapor com a potencia de 100 cavallos, e um motor a gaz com a potencia de 200 cavallos.

Fabríca louças de pó de pedra (granito), meia porcelana e azulejos, cujas materias-primas provêem de Inglaterra e do paiz (barro branco de Leiria).

Entre os variados productos, fabríca annualmente cinco milhões de pratos e seis milhões de azulejos. N'este ultimo genero de fabrico, conseguiu Sacavem grande progresso, e espera dentro em pouco concorrer aos mercados estrangeiros com os seus já notaveis productos.

Obtem boas côres, entre as quaes o azul e o castanho são magnficos.

O Sr. Charles Lepierre, no seu interessante e proveitoso estudo sobre os barros portuguezes (1899), depois de apresentar a analyse da pasta de Sacavem (n.º 264), faz a este proposito as seguintes observações, que a riqueza e a variedade das nossas argillas tornam perfeitamente justas:

G. 73 — 1879 — D. Fernando II — Sacavem-Lisboa — PRATO, meia porcelana, decorado a verde — Diam. 0,24 — *Pertence ao sr. D. Fernando Eduardo de Serpa* — Lisboa.

«A composição d'esta pasta é em tudo similhante á das antigas faianças seixosas inglezas ou francezas, que hoje são na maior parte feldspathicas. Não se deve com effeito esquecer que a *faiança seixosa*, muito em voga no principio do seculo, e a unica variedade que se fabríca em Portugal, tende a ser substituida pelas faianças feldspathicas. De facto, a faiança siliciosa precisa ser cozida a uma temperatura muito elevada, devido á ausencia de fundente.

«Alem d'isso, nunca adquire a dureza e o brilho das *faianças feldspathicas* ou mesmo das *faianças marnosas*.

«É tambem n'esta direcção que trabalha actualmente Sacavem, como atrás disse. Seguindo este caminho, convenço-me que se poderiam obter

G. 71 — 1885 — D. Carlos de Bragança — Sacavem-Lisboa — PRATO, meia porcelana, decoração a verde — Diam. 0,22 — *Castello da Pena* — Cintra.

faianças finas, não deixando nada a desejar, com materias-primas essencialmente nacionaes» [1].

Em 1881, consumiu a fabrica de Sacavem 120 toneladas de barro de Leiria [2], e d'esta data para cá tem sempre decrescido este consumo, devido a ficarem os barros inglezes, postos na fabrica de Sacavem, por preço inferior aos de Leiria, pelo exaggerado custo do frete, que o nosso caminho de ferro leva de os transportar.

A decoração predilecta nos primeiros tempos da fabrica de Sacavem era uma estatua equestre, que tanto se exhibiu, que tornou os productos conhecidos por *louça do cavallinho.*

Este motivo era, nos pratos e travessas, circumdado por paisagem no fundo e ornatos floridos na aba.

De estampilha monochroma, só variava de côr de serviço para serviço: — verde, azul, castanho e rosa.

Esta maneira de ornamentar veiu para Portugal com a invasão da louça ingleza, no primeiro terço do seculo XIX.

O tom mais usado era a sépia.

G. 72 — Face exterior do PRATO, gravura 71

[1] *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna*, pag. 117.

[2] *Catalogo da Exposição da Avenida da Liberdade*, 1888, vol. 1, pag. 320.

Sacavem é hoje uma das nossas fabricas mais prosperas e das que mais produzem. Além do grande mercado que tem em Portugal, exporta para as colonias e para o Brasil.

Tem obtido varias recompensas nas exposições: — Industrial Portugueza, 1865; Universal de Paris, 1878; Ceramica do Porto, 1882; Industrial Portugueza, 1888; Universal de Paris, 1889, e Industrial Portugueza, 1893.

A Real Fabrica de Sacavem tem sempre marcado os seus productos, mas de differentes maneiras. (M.s 273, 274, 286, 432, 433, 455, 456, 551 e 631).

Collocamos n'este logar as gravuras que representam os trabalhos de El-Rei D. Fernando, de El-Rei D. Carlos e da Ex.ma Sr.a D. Bertha Ortigão Ramos, por serem as peças em que se mostram estas decorações fabricadas em Sacavem.

G. 76 — 1882 — D. Bertha Ortigão Ramos — Sacavem-Lisboa — PRATO, meia porcellana, decoração polychroma — Diam. 0,22 ½. — *Pertence ao sr. Ramalho Ortigão* — Lisboa

O prato de El-Rei D. Fernando (motivo animaes), a tinta verde, faz parte da collecção ceramica que está na galeria do Castello da Pena, onde se encontram mais dois pratos decorados a azul pelo mesmo artista; n'um vê-se o retrato de Pedro *o Grande*, da Russia, e no outro o da Imperatriz Catharina. (Diam. 0,22).

Na mesma galeria está o prato ornamentado, pelas duas faces, por El-Rei D. Carlos, peça a que acima alludimos. Na face principal, uma ampla paisagem a tinta verde; no segundo plano, um janota corteja uma elegante; mais ao longe, uma carruagem; na aba, algumas cabeças esboçadas compõem o primeiro plano, e na face opposta — outras cabeças, simples indicações, de que dá perfeita conta a correspondente estampa.

O prato decorado pela Ex.ma Sr.a D. Bertha Ortigão Ramos faz parte de um serviço de mesa, e recommenda-se pela vigorosa polychromia, em que o vermelho é intenso e transparente. (Diam. 0,22 ½) (Vide m.s 65, 75, 154 e 155).

São em louças d'esta mesma fabrica muitos trabalhos de pintura assignados por distinctos amadores, cujos nomes se encontram no respectivo diccionario.

N'um celebre serviço de mesa, feito em Sacavem para a casa da *Quinta-Grande* — Barreiro, de que é proprietario o nosso amigo o Sr. Conselheiro Augusto Gomez de Araujo, encontram-se numerosos nomes a assignarem as differentes decorações nas peças de que se compõe o serviço, por tantos titulos interessante. São elles:

D. Maria Francisca Meuron d'Araujo, D. Maria Benedicta de Sousa de Meuron d'Araujo, D. Anna Jechtel, D. Catharina Costa, Manuel Braga S. Romão, D. Fernando de Serpa, Raphael Hogan, Henrique Possolo, Eduardo Braga, Augusto Carlos Mattos da Cunha e Augusto Gomez de Araujo.

FABRICA DA ABRIGADA

— 185... —

É actualmente seu proprietario Francisco Raphael Gorjão, e foi fundada por pessoa da familia d'este, crêmos que de sociedade com o escriptor Caldas Auletti, n'aquella data, approximadamente.

Produz louça e material de construcção, de grés, sendo este de optima qualidade, não só pela sua rijeza e apparencia, mas porque, segundo a analyse, é, dos grés conhecidos, portuguezes e estrangeiros, o que mais atmospheras de calor supporta.

De 1860 a 1865, foi mestre da fabrica João José da Fonseca, de quem nos occuparemos detidamente no fim do capitulo seguinte.

Ha poucos annos ainda, dirigia a parte technica João Veiga da Cunha, capitão de engenharia, cuja competencia n'este genero de trabalhos é indiscutivel.

Escriptorio em Lisboa: rua Vinte e Quatro de Julho, 460.

(M.s 5, 6 e 7.)

FABRICA DA VIUVA JOSÉ DIAS

1860 (?) —

Fundada por José Dias, já fallecido. Fabríca louça vermelha, vidrada e não vidrada, faiança esmaltada e azulejos. — Rua de Sant'Anna, á Lapa, 146.

Dispõe de 3 fornos e emprega de 40 a 50 operarios.

Usa os barros dos Prazeres e do Matadouro.

A sua producção annual regula por 30:000$000 réis.

OLARIA DA RUA DOS NAVEGANTES

— 1871 —

Proprietarios: Viuva Ribeiro & Filhos. Olaria fundada em 1871, na dita rua, n.os 36 e 38.

Em 1890, o seu movimento era de 12 operarios.

Capital empregado: 1:000$000 réis. Barro nacional.

RATINHO

— 1872 —

Ratinho não quer dizer que se trate da Real Fabrica de Louça do Rato, como que dando uma carinhosa fórma diminuitiva a essa designação, que se repete por todo o paiz, quando se allude a alguma fabrica de faiança d'outros tempos, ou quando alguma peça de louça exhibe, como marca, algum pequeno *R*, não obstante muitas vezes nada ter que ver com os productos da aurea epoca do reinado de D. José I, da fabrica junto á Casa da Agua, ás Amoreiras.

G. 77 — 1873 — Duqueza de Palmella — Ratinho-Lisboa — JARRO DE FAIANÇA, decoração em relevo e polychroma — Alt. 0,30 — *Pertence a Casa Palmella* — Lisboa.

Não confundir, tambem, com os pratos, entre os quaes alguns appareciam decorados com as reaes armas de Portugal, que, ainda ha bem poucos annos, faziam parte das baixellas em que comiam os trabalhadores dos campos, no Alemtejo, que, então como hoje, emigravam do norte da Beira para aquella privilegiada região, tão grandiosa pelo seu aspecto, tão rica pela sua producção!

Esses contingentes beirões, procedentes de Rates, são conhecidos, do outro lado do Tejo, pela designação de *ratinhos* [1], a qual, por

[1] Talvez que esta designação se relacione antes com a laboriosidade e espirito de economia do trabalhador beirão.

analogia, se applicava tambem á louça de que elles se serviam, vinda na onda, com as emigrações.

O *Ratinho* a que nos referimos, é o nome de uma pequena fabrica de faiança, ignorada até hoje, e, no entanto, fundada em Lisboa, ha um terço de seculo, por duas das mais distinctas damas da aristocracia portugueza!

Deve aquelle nome ao local em que foi installada e onde funccionou durante alguns annos.

Esta noticia representa, decerto, uma contribuição interessante para a historia da ceramica em Portugal e tambem para a historia do nosso meio artistico-aristocratico. Viria ella, decerto, a perder-se no esquecimento, se acaso, ha mais de uma duzia de annos, no decurso das nossas investigações, não tivessemos tido a fortuna de encontrar o fio conductor, que nos levou a esse pequeno centro de producção ceramica.

G. 78 — 1873 Duqueza de Palmella — Ratinho Lisboa — TRAVESSA DE FAIANÇA — Decoração em relevo e polychroma — Dim. 0,34 ½ × 0,27 — *Pertence á Casa Palmella* Lisboa.

Em agosto de 1872, as Senhoras Duqueza de Palmella e Condessa de Ficalho liam, em Cintra, a vida de Bernardo Palissy.

A interessante historia do celebre ceramista francez suggeriu ás duas fidalgas a fabricação da faiança.

A escolha do titulo, diminuitivo de *Rato*, parece ter obedecido ao duplo pensamento, por parte das illustres fundadoras da pequenina olaria, de accentuar o caracter intimo da tentativa, em relação á fabrica do Rato, outr'ora alli tão perto, — visto serem as officinas do *Ratinho* no palacio Palmella, ao Rato, — e de afastar toda a suspeita de falsificação, e evitar erroneas attribuições, se porventura as peças viessem a assemelhar-se ás da Real Fabrica.

Mas deixemo-nos de supposições, e voltemos a Cintra:

G 79 — 18[illegible] — Condessa de Ficalho — Ratinho Lisboa — PRATO COM PÉ, FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,2[illegible] — *Pertence a Ex.ma Sr.a D. Maria de Mello Breyner (Ficalho)* — Lisboa.

Ficou então resolvido, entre as duas senhoras, tomarem para si a execução da parte artistica, e assim succedeu.

Immediatamente a Sr.a Duqueza de Palmella encarregou o pintor ceramista, Antonio Luiz de Jesus, de dirigir em Lisboa os trabalhos de installação: officinas da roda e do torno, officina de fôrmas e materiaes, e o forno, que foi edificado n'um canto do jardim, para o lado do poente, — forno de primitivo systema, sem thermometro, nem outro qualquer instrumento regulador, que garantisse as cozeduras. Apenas pelas vigias se calculava quando as peças estavam cozidas.

No regresso das duas artistas a Lisboa, começaram os trabalhos; e a primeira peça apartada como producto lisongeiro da tentativa foi um jarro, em fórma de leão, em que a cauda do animal servia de asa e a bocca da fera era a bocca da jarra. Este exemplar foi offerecido ao ministro da Prussia em Portugal, o Conde de Brandenburgo, que residia em Lisboa.

G 80 — 18[illegible] — Condessa de Ficalho — Ratinho Lisboa — PRATO COM PÉ, FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,[illegible] — *Pertence a Ex.ma Sr.a D. Maria de Mello Breyner (Ficalho)* — Lisboa

O pessoal do *Ratinho* compunha-se apenas de quatro pessoas: as duas illustres artistas, tratando a Sr.a Duqueza de Palmella da modelação das figuras, animaes, fructos e flores, e a Sr.a Condessa, da pintura, escolha dos motivos decorativos para as peças de superficie lisa, compostos de grupos e figuras isoladas, paisagens e ornatos, assim como da escolha dos tons para colorir

as ornamentações relevadas; o mestre Jesus, que tinha a seu cargo preparar os esmaltes, e um amassador dos barros, que, a principio, eram fornecidos pelo mestre Jesus e, mais tarde, pela fabrica do mestre Miguel, da travessa do Pombal, hoje rua da Imprensa Nacional.

Preparatoriamente, tudo estava feito: A Sr.ª Duqueza de Palmella, como esculptora, havia já dado provas do seu grande talento, que lhe valeu o ser mais tarde premiada no *Salon,* em Paris, com uma das suas obras, *Diogenes;* a Sr.ª Condessa de Ficalho, como pintora, foi uma das senhoras portuguezas que mais se distinguiram. O palacio do Rato era, e é, um esplendido museu de raras e verdadeiras obras de arte. Possue uma galeria de pinturas e esculpturas dos mais notaveis artistas portuguezes, desde Grão-Vasco aos nossos contemporaneos, uma collecção de ceramica e de esmaltes de Limoges, tão copiosa como variada, e uma bibliotheca de magnificos livros sobre as bellas-artes e as artes industriaes.

Outro tanto acontecia na solarenga residencia dos Caetanos, habitação dos condes de Ficalho.

Apesar da producção do *Ratinho* não ter sido grande, a relação podia ser superior á que vamos dar, pois que uma das pessoas que nos podiam elucidar mais uma vez, já não existe — a Sr.ª Condessa de Ficalho — e a Sr.ª duqueza de Palmella não se lembra de todas as peças que offereceu. Em todo o caso, o maior numero deve estar no paiz. Aquellas de que ha noticia são: um busto da Sr.ª Condessa de Ficalho; o jarro offerecido ao conde de Brandenburgo; um cão; seis pratos, dois dos quaes são de pé (queijeiras) e pertencem á Sr.ª D. Maria de Mello Breyner (Ficalho) (g.s 79 e 80) e quatro á casa Palmella; e um jarro, que pertente ao sr. Francisco Wanzeller.

Exceptuados dois exemplares, dos quatro pertencentes aos Srs. duques de Palmella (uma urna para agua e um cangirão), todos que notámos são marcados com um pequeno rato e os monogrammas das fundadoras. (M.s 88, 89, 114, 115, 116, 117).

De todas as peças que conhecemos, têem a primazia, como modelação, polychromia e esmalte:

Jarro, de elevada asa, fórma de pipa, tendo no bôjo, por baixo do bico, triangular, uma mascara de satyro, com sua expressão de hilaridade causticante, perfeitamente modelada e colorida. Entre a mascara e a péga, dispostas com arte, folhas de hera, symbolo da persistencia, que se prendem á superficie, decorada com filetes e gregas a toda a altura do vaso. Marcado na parte exterior do bico. (G. 77).

Travessa decorativa, fórma octogonal, ornamentação em relevo e colorida: um cacho d'uvas, que acompanha a borda pela parte inferior da composição, um sardão, uma rã e um cacho de nesperas com suas folhas. Em

volta, na aba, uma cercadura, delicadamente pintada a tinta amarella quente, sobre fundo verde, manchado e velho, que dá a impressão d'um veludo antigo, bordado a oiro, e tudo isto sob um esmalte lacteo e brilhante. (G. 78).

Estes dois exemplares, que estão ao cuidado e estimação do sr. duque no seu gabinete de trabalho, têem, a nosso ver, não menos valor para a historia da ceramica portugueza, do que em França os productos de Oiron, de que apenas se conhecem duas duzias de peças — se tanto — embora essas faianças datem do principio do seculo XVI e as do *Ratinho* contem sómente trinta e quatro annos.

FABRICA DE JOSÉ GREGORIO BAUDOIN

— 1877 —

Fabrica de faianças, fundada em novembro de 1877. — Rua Vinte e Quatro de Julho, 966, e rua do Arco, em Alcantara, 47.

Empregava, em 1890, 35 operarios, que venciam de 200 a 800 réis.

Capital empregado: 19:000$000 réis. Producção annual: 15:000$000 réis. Mercados de consumo: reino e ultramar.

FABRICA DA FONTE SANTA

1882 —

Proprietario, José Joaquim de Almeida Junça. Fabrica de faiança e de louça vermelha. — Rua da Fonte Santa, 88 a 96.

Motor a vapor, potencia 12 cavallos, e machinas para o fabrico de telha e tijollo.

Pessoal, 50 operarios. Salario minimo, 160; maximo, 600 réis. Capital empregado, 30:000$000 réis. Vende no reino e ilhas.

EMPREZA CERAMICA DE LISBOA

1883

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada. Fabricas na rua Saraiva de Carvalho e em Coina. Escriptorio — rua da Boa Vista, 186. Actual administrador, João Rosa Gomes.

Empreza fundada em janeiro de 1883, com o capital de 130:000$000 réis, por Carlos Bandeira de Mello, Ricardo Loureiro e Eduardo Lupi, que ficaram directores por seis annos. Findo este periodo, Ricardo Loureiro foi substituido por Antonio Lourenço da Silveira, que ainda é director.

Mais tarde, por fallecimento de Eduardo Lupi, entrou para a direcção Ruy d'Orey, que tambem é ainda director.

Tem 120 operarios, entre homens, mulheres e creanças; salarios de 160 a 1500 réis.

Possue uma machina a vapor Farcot, com caldeira De Naeyer, correspondente a 40 cavallos nominaes.

Barros dos terrenos da empreza e circumvisinhos. Valor annual da producção, 90:000$000 réis.

Entre o material de construcção do seu fabrico, produz a telha *Progresso*, de que tem privilegio.

Ultimamente, esta empreza montou uma fabrica em Coina para produzir tijolos silico-calcareos, que se avantajam pelo aspecto e resistencia aos productos similares.

Mercados de consumo: continente, ilhas e provincias ultramarinas.

Tem sido premiada nas diversas exposições a que tem concorrido, tanto em Portugal como no estrangeiro, desde a Exposição Agricola de Lisboa, 1884, até á das industrias, artes e sciencias, em S. Miguel, 1901.

FABRICA DE ALCANTARA

— 1885 —

Proprietarios, Lopes & C.ª. Fabrica de louça feldspathica. — Rua Correia Guedes, 2 a 14, (Antiga Rua Velha).

Fundada, com o titulo de «Fabrica de Louça Ingleza», em outubro de 1885, sob a firma Stringer, Silva & C.ª.

Deposito, rua da Prata, 249 a 255.

Em 30 de agosto de 1886, passou para aquella firma, sob a qual produz ainda hoje, com o seguinte movimento:

Occupa, termo medio, 90 operarios, e a sua receita oscilla por 60:000$000 réis.

Além do barro branco de Leiria, utilisa para a sua producção materiaes inglezes. A louça é estampada ou decorada á mão, e o seu maior fabrico é de louça de serviço commum.

Tem concorrido a differentes exposições, obtendo premios: Lisboa, 1888; Paris, 1889; Lisboa, 1893.

Tivemos occasião de assistir ao brilhante resultado, que esta fabrica obteve no primeiro d'estes certamens, na Exposição Nacional das Industrias Fabris, que se realisou na Avenida da Liberdade, cujo catalogo, datado de 1889, dá conta do seu movimento.

FABRICA DE LOUÇA DO DESTERRO

— 1889 —

Proprietarios, Campos, Neves & Branco. Fabrica de louça de pó de pedra, fundada em 1889. — Rua Nova do Desterro, 14. — Deposito, rua da Prata, 293 a 295.

Até 1891, produziu louça branca (granito), conhecida entre nós — além das duas designações apontadas — por *pó de pedra, meia porcelana* e *faiança fina.*

Este typo de louça, colorido e esmaltado, é o mesmo que produzem as fabricas de Sacavem e de Alcantara, tendo sido aquella a primeira a produzil-a no seculo XIX entre nós.

A marca usada é o brazão de armas, pertencente á casa onde está installada a fabrica, propriedade adquirida pelos fundadores. (M. 134).

Em 1901, tomou sobre si toda a gerencia o socio José das Neves, e d'esta data em diante tem produzido de preferencia louça vermelha.

Pelo centenario antonino, fabricou placas e pratos, representando — em baixo-relevo — o santo, rodeado por esta legenda: *Ao grande defensor da Fé e Gloria de Portugal — 1195 a 1895.*

O seu fabrico chegou a elevar-se até 30:000$000 réis. Pessoal, 40 operarios, approximadamente.

FABRICA DE LOUÇA DE EXTREMOZ

— 1893 —

Fundada n'esta data por José da Silva Rocha. — R. da Bombarda, 31.

Produz louça de barro vermelho, no genero da de Extremoz: copos, garrafas, bilhas, etc., polidos, e decorados com ornatos. (M. 285).

FABRICA DE PRODUCTOS CERAMICOS DE CAMPOLIDE

— 1901 —

Fabrica de louça e azulejos. Proprietarios, Casimiro José Sabido & Irmão. — Estrada de Campolide, 161.

Foi fundada esta fabrica pelo Sr. Visconde de Sacavem (José), em 1896. A actual gerencia tomou o que restava da primitiva installação a um taberneiro que alli havia estabelecido o seu negocio, baptisando os barracões da olaria com o titulo pomposo de *Estrella do Norte*, letreiro que ainda alli se póde vêr.

Em 8 de setembro de 1901, realisou-se a primeira fornada, e uma das peças cozidas foi uma bilha de barro vermelho, que os irmãos Sabidos ainda conservam, com a referida data gravada na pasta. Então, o pessoal era de 6 homens e hoje compõe-se de 28.

Em 1902, começou o fabrico do azulejo, tomando conta da pintura de toda a faiança João Chaves. Hoje, conta esta fabrica outro artista decorador, um dos primeiros no seu genero, José Antonio Jorge Pinto.

A fabrica produz, além de louça commum e azulejos, productos para edificações.

São raras as peças marcadas. (M. 135).

Deposito, rua de S. Bento, 140, 150, 164 e 172.

FABRICA DA RUA DE CAMPO DE OURIQUE

— 1905 —

Fabrica de faiança e azulejos. Antonio Luiz de Jesus. — R. de Campo de Ourique, junto das antigas portas dos Terremotos.

Fundada por este artista, em abril de 1905, é a fabrica mais recentemente montada de que temos noticia.

G. 81 — 1867 — A. L. de Jesus-Lisboa — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,32 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Tem um só forno e emprega os barros da Avenida, branco e azul.

Luiz de Jesus conta sessenta e dois annos de edade e mais de quarenta como decorador ceramista.

Antes de se entregar assiduamente a este interessante mester, dedicou-se á scenographia, tendo trabalhado primeiro sob a direcção dos mestres Rambois e Cinnatti, e á pintura a fresco.

Foi, com seu pae e seu avô, proprietario, por duas vezes, da antiga fabrica das Trinas (Mocambo), que tomou a uns *vermelheiros* (productores de louça de barro vermelho), a qual fechou haverá vinte e cinco annos. A sua fundação era anterior, segundo nos consta, á do convento das Trinas.

N'essa fabrica produziu grande parte das suas obras mais importantes, em faiança e azulejos.

Jesus estabeleceu a fabrica de Campo de Ourique para se tirar da dependencia dos seus collegas, em que esteve durante tantos annos, pois que, de todos os seus trabalhos d'esse periodo, peças ornamentaes e azulejos, eram as pastas manufacturadas em differentes fabricas de Lisboa, por modelos d'este habilissimo decorador.

G. 82 — 1870 — A. L. de Jesus, Lisboa — JARRA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 1,15 — *Collecção do Sr. Conde do Ameal* — Coimbra.

Após essa primeira phase de fabricação (chacota), Jesus procedia á ornamentação das peças, que fazia voltar, para a vitrificação dos esmaltes, ás mesmas fabricas que lhes haviam consolidado a fórma.

A presente gravura reproduz a peça mais importante, das que conhecemos ornamentadas por Antonio Luiz de Jesus. Mede de alt. 1m,15.

É uma jarra polychroma, com quatro mascaras em relevo, que pertenceu á bella collecção de Fernando Palha.

Para o Conde de Daupias, pintou este artista um prato e gomil (amphora, segundo o auctor), peças pelas quaes o fallecido e opulento colleccionador pagou quinze libras.

São tambem muito apreciaveis um prato decorado a azul, estylo oriental, assim como uma mesa — toda de faiança — que Jesus decorou para El-Rei D. Fernando, por encommenda d'este principe.

Na Exposição Internacional do Porto, em 1865, expunha este laborioso

louceiro duas interessantes jarras e um jarro, peças de faiança, e um quadro de azulejos.

São de decoração polychroma todos os exemplares que temos visto d'este oleiro, e o estylo das composições é, em geral, o da Renascença. O colorido lembra por vezes o das faianças italianas do seculo XVI. A gravura 81 representa um d'estes exemplares.

Quando tratarmos dos azulejos, teremos de novo ensejo de nos referirmos a este ceramista, pois que a sua obra n'este genero é importante.

Os productos de Antonio Luiz de Jesus, encontram-se marcados com as iniciaes dos seus nomes e appellido em volta de uma lyra, ou simplesmente as iniciaes, tendo por baixo a palavra Portugal.

D'esta maneira estão marcadas as peças que Jesus enviou á exposição de Paris, em 1878.

(Vide m.^s 17, 18, 19 e 272).

(1)

CAPITULO II

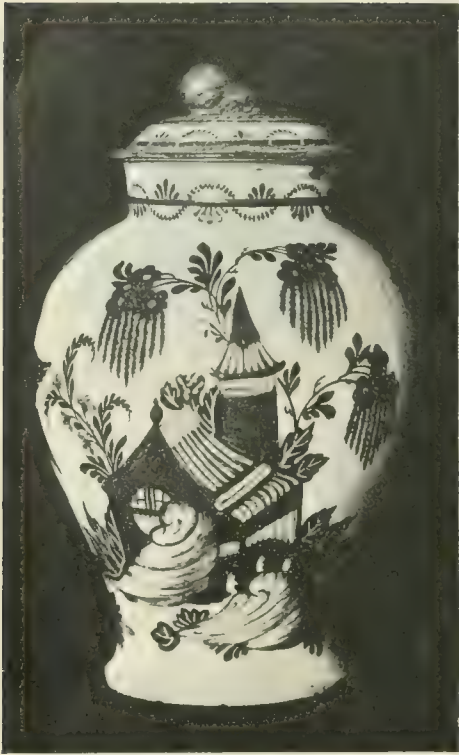
Porto e Gaya

ODERNAMENTE, o movimento *estimativo* da ceramica em Portugal teve, particularmente, o seu inicio em Lisboa, e, publicamente, teve essa primazia a cidade do Porto.

Quanto a Lisboa, devem-se as primeiras tentativas a El-Rei D. Fernando; quanto á capital do norte, todo o movimento de propaganda se deve ao Sr. Joaquim de Vasconcellos.

Sob a influencia do Rei-Artista, Cifka trabalhou as primeiras peças de faiança artistica; sob a influencia do erudito archeologo, realisou-se no Porto a primeira exposição da antiga olaria nacional, em 1882.

O Rei de Portugal desenvolveu o gosto, trabalhando elle proprio como pintor ceramista; Joaquim de Vasconcellos, correndo o paiz, estudando os differentes typos do vasilhame popular e da louça esmaltada, colheu apontamentos que depois trabalhou á sua carteira, escrevendo interessantes

[1] G.s 83, 84 e 85 — 1780 — Fabrica de Massarellos — Porto — CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Al: 0,28 — *Collecção do Rev. Assumpção Passos Vianna* — Vianna do Castello.

G 86 — Ultimo terço do sec. XVIII — Porto — POTE DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,40 — *Paço das Necessidades* — Lisboa.

artigos nos jornaes do norte, ensinando-nos a ter em alto apreço os velhos e os modernos productos da boa ceramica portugueza.

Todo este movimento deu como resultado, alem do que deixamos dito, estimular a moderna producção, cujo renascimento é incontestavel.

Antes de darmos o pouco que possuimos de inedito sobre as olarias do norte do paiz, é indispensavel dizermos algumas palavras de quem, melhor do que nós, conhece o caminho que vamos trilhar.

Se, na sua quasi totalidade, o nosso trabalho é construido sobre as bases do que encontrámos já feito por Joaquim de Vasconcellos — como por mais de uma vez temos dito — quanto ás olarias do norte, ainda menos do que em relação ás de outros pontos podemos adeantar ao que o mestre escreveu ha 25 annos.

Para fazerem ideia do valor d'esses estudos, é necessario que os leitores se inteirem do modo como J. de Vasconcellos se preparou para escrever de arte e industrias em Portugal.

Joaquim de Vasconcellos completou a sua educação na Allemanha, voltando ao Porto, sua terra natal, por 1870. Constituiu uma bibliotheca de obras sobre artes e industrias portuguezas, que, no genero, nenhuma do paiz excedeu ainda.

G 87 — Fim do sec. XVIII — Gaya Porto — JARRA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,20 — *Collecção do Sr. Dr Oliveira* — Vianna do Castello.

D'esse repositorio, extractou *cinco mil vocabulos*; e, após esse extraordinario trabalho, internou-se pelo paiz, que viu e percorreu em todos os sentidos, desde Melgaço ao ponto mais avançado que o sul do Algarve estende sobre o mar.

Estudou a architectura, a pintura, a esculptura e a arte decorativa,

em todas as suas manifestações, as industrias, os costumes, o caracter de cada provincia, a vida de cada aldeia.

Da architectura religiosa e civil — que estudou profundamente — fez os schemas e tirou as plantas. Estudou a heraldica e decifrou as inscripções mais antigas.

Onde havia, esculpidas, gravadas na pedra ou na madeira, no oiro ou no ferro, uma folha, uma flôr, uma alfaia sacra, uma espada, um instrumento agricola ou industrial, onde havia um animal do mar ou da terra, um symbolo, um signal qualquer, emfim, que representasse uma ideia, que tivesse um conceito, tudo ficou lido e apontado nos seus cadernos.

G. 88 — Fim do sec. XVIII — Porto — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma. Alt. 0,22, de asa a asa, 0,31 — *Collecção do sr. Antonio Arroyo* — Lisboa

Desde a officina do esculptor em pedra e do esculptor em madeira, desde a officina do ourives, do cinzelador do oiro, á mais pobre olaria caseira, em toda a parte entrou, estudando, perguntando e, muitas vezes, até, explicando, quando as respostas do artista ou do artifice não articulavam com as suas interrogações.

Joaquim de Vasconcellos viveu em todos esses meios, ficou conhecendo as diversas aptidões dos nossos operarios, ficou conhecendo toda a sua producção, ficou conhecendo a qualidade e o valor das materias-primas, o custo da mão d'obra e a remuneração de toda a lida d'um povo trabalhador e... cheio de aptidões!

Foi assim que attingiu o elevado saber que lhe permittiu, por exemplo, reconstituir a custodia d'oiro dos Jeronymos, em conferencia que realisou em Coimbra, em 1885; foi assim que pôde conscientemente dizer do oleiro: — «As disposições naturaes do oleiro portuguez são notabilissimas; elle tem o sentimento da fórma em alto grau, aquillo que em theoria de arte se chama a *eurythmia das linhas*. Isto não se apprende, nem se póde ensinar. É uma aptidão tradicional que se desenvolve insensivelmente n'uma industria, quando ella encontra um meio favoravel; é trabalho millenario, e

por isso de um valor incalculavel, havendo uma sociedade culta que o saiba aproveitar».

Crêmos que, entre toda a *babylonia* de conhecimentos que Joaquim de Vasconcellos possue, adquiridos em trinta e cinco annos de trabalho, ha um ramo que o grande sabedor especialisou, ou, pelo menos, a que dedicou mais affeição: — a ceramica.

G [illegible] — Fim do s[illegible] [illegible] [illegible] — Porto [illegible] [illegible], [illegible], [illegible] e poly-chroma — *Collecção do Sr.* [illegible] — Porto.

A *Sociedade de Instrucção do Porto* possuiu dentro das suas salas um museu de ceramica nacional, organisado e devidamente catalogado por Joaquim de Vasconcellos. Foi colossal esse trabalho!

Por todo o paiz andado pelo illustre erudito — sem comodidades e muitas vezes, até, passando privações, como lhe aconteceu na excursão á Serra da Estrella, em que teve de *deitar pregão,* como era usado na edade media, para conseguir algum alimento — colheu especimens de todo o vasilhame popular, d'uma variedade incomparavel de fórmas, exprimindo arte e poesia, construido d'uma grande diversidade de materias-primas, riqueza que o productivo solo da nossa terra contém nas suas entranhas.

De todos esses documentos de arte, de todas essas peças da olaria popular, que Joaquim de Vasconcellos ia buscar aos mais reconditos logares das nossas provincias, era elle proprio o portador, conduzindo-as por montes e valles até aos pontos mais accessiveis, d'onde podiam ser transportadas para a capital do norte.

Simultaneamente, colhia as differentes amostras dos barros e uma elucidativa estatistica sobre cada fabricante, não deixando por estudar o preço de cada vasilha, posta, por terra ou por mar, nos grandes centros de consumo!

Todo este enorme trabalho Joaquim de Vasconcellos entregou gratuitamente á *Sociedade de Instrucção,* a que deu vida, e que serviu como secretario durante tres annos.

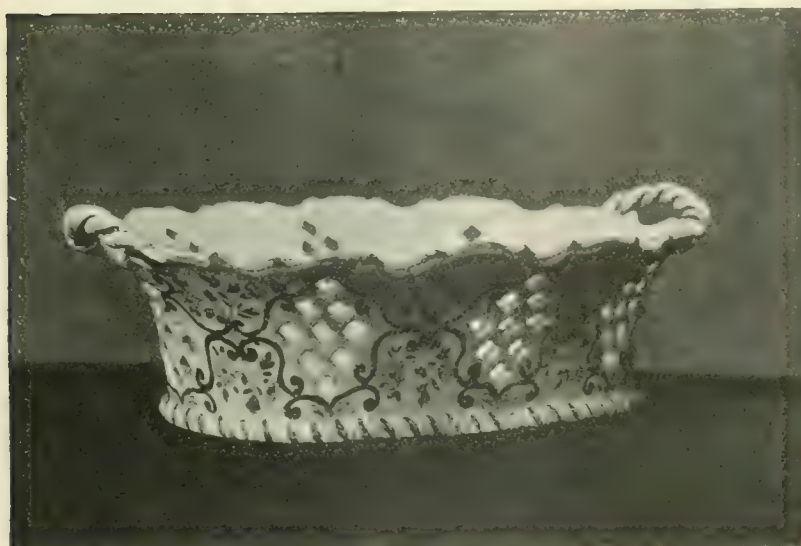
Prestada esta justissima homenagem a um dos portuguezes, que, no

dominio da historia da arte, mais tem illustrado o seu paiz, vejamos o que foi, na importante cidade do Porto e circumvisinhanças, o movimento ceramico.

O movimento industrial ceramico foi — como hoje é — sempre grande no Porto, em todo o seculo XVIII e nos primeiros cincoenta annos do seculo XIX.

N'uma obra pouco conhecida — a *Descripção topografica e historica da cidade do Porto,* por Agostinho Rebello da Costa, impressa em 1789, e composta certamente alguns annos antes, affirma-se que, de louça fina, existiam alli «quatro grandes fabricas, bastantes a proverem huma grande parte do Reino, e das suas conquistas».

[illegible] — *Collecção do* [illegible]

Houve, é certo, periodos de decadencia, em resultado da invasão franceza, de movimentos politicos, cuja iniciativa partiu quasi sempre do norte, e ainda da concorrencia de louças estrangeiras, que por vezes entraram no paiz, como assalto a praça pouco defendida, concorrencia á qual os fabricantes do norte procuraram oppôr-se, fazendo prevalecer as suas tradições, dando novo impulso á sua fabricação, aperfeiçoando os seus productos.

G. 91 — Fim do sec. XVIII [illegible] — *Collecção do Sr.* [illegible] *das Neves* [illegible]

Assim, da producção antiga, a partir d'aquelle seculo se encontram especimens nativos d'esse centro fabril, noticias e documentos escriptos de

G. 92 — Fim do sec. XVIII — Porto — TRAVESSA DE FAIANÇA, decoração — relevo e polychroma — Diam. 0,35×0,31 — *Collecção do Sr. H. Pinho da Cunha* — Lisboa.

differentes épocas, a relembrarem a actividade dos oleiros do Porto e de Gaya!

Os fabricantes do norte contavam muito, como em geral todos os nossos industriaes, com o mercado do Brasil; e, por um documento da Junta do Commercio, sabemos que João da Rocha e outros proprietarios de fabricas de louça fina, estabelecidas no Porto, requereram, em 1793, que as suas manufacturas fossem isentas de direitos de entrada nos portos da America. (Junta do Commercio, livro de registro de 1792-1793, fl.s 166 v.º).

Nas collecções constituidas de ha trinta annos a esta parte, vêem-se muitos e variados exemplares, fabrico do norte, encontrados, não só nas provincias do Minho e Douro, como nas duas Beiras e até no Alemtejo, que regularmente era fornecido pelas fabricas de Lisboa!

Vê-se, portanto, que a producção do Porto e de Gaya, e o contingente de Darque, não só foi grande, como podia competir, se não em absoluto, pelo menos em preço, com a de todas as demais fabricas de Portugal.

Como em Lisboa, houve no Porto fabricas que não marcaram os seus productos. N'este caso, segundo presumimos, estão as peças representadas pelas gravuras 103 e 104.

FABRICA DE MASSARELLOS

— 1738 [1] —

Segundo apontamento fornecido ao Sr. Joaquim de Vasconcellos pelo Sr. Francisco Gomes Pereira, a

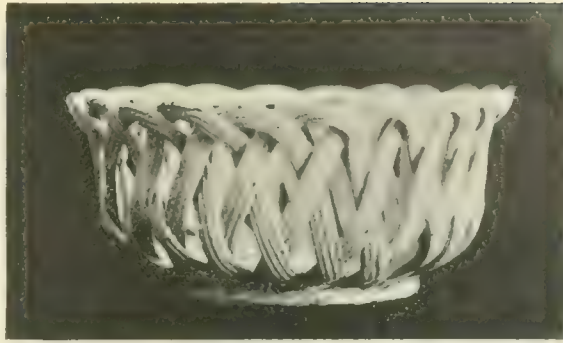
G. 93 — Principio do sec. XIX — Porto — PRATO DE FAIANÇA, com tres pés, decoração polychroma — Diam. 0,22 — *Collecção do Sr. H. Pinho da Cunha* — Lisboa.

[1] Ou talvez anteriormente.

fabrica de Massarellos foi fundada com o titulo de *Real*, em 1738, por Manuel Duarte Silva, tio do Sr. Pereira, tendo precedido, portanto, vinte e nove annos a fundação da fabrica do Rato.

G. [illegible] — Fim do sec. XVIII — Porto — AÇAFATE DE FAIANÇA, esmalte branco — Diam 0,22 — *Nossa collecção* — Lisboa

Em 1903, quando estivemos em Vianna do Castello estudando as collecções existentes na pittoresca cidade minhota, tivemos a fortuna de encontrar alli um documento *vivo*, que prova de modo irrecusavel a antiguidade da fabrica de Massarellos.

Trata-se d'uma simples caneca de fórma cylindrica, com sua asa, ornamentação polychroma e esmalte opaco. N'um medalhão, a toda a altura do vaso, S. Bento e Santa Escolastica, e, em volta, a seguinte inscripção: DA PRIMEIRA FABRICA EM MASSARELLOS — PORTO.

G. 9[illegible] — Fim do sec. XVIII — Porto — BACIA E JARRO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dim. 0,36×0,30; jarro, 0,29 — *Collecção do Sr. J. C. Geraldes* — Vianna do Castello.

Pelo estylo da pintura, disposição das côres, desenho das figuras, com a maneira manifesta das pinturas freiraticas, que do fim do seculo XVI chega aos primeiros annos do seculo XVIII, expressão beatifica e parada das personagens, as mãos reduzidas a metade das proporções anatomicas, habitos dos santos a côr de vinho escuro, agaloados d'um amarello côr de oiro, baculos pastoraes da mesma côr de oiro, e ainda pelo perfil das molduras que decoram os espaços desde a asa ao medalhão, não resta duvida que se trata d'uma faiança dos primeiros annos do seculo XVIII.

O baculo que Santa Escolastica, irmã de S. Bento, segura

na mão direita explica-se (crêmos) por ter esta Santa sido abbadessa e pertencido á superior ordem religiosa dos benedictinos.

A tonalidade polychroma da ornamentação é intensa, mas pouco transparente, e compõe-se das côres azul, verde, amarello e côr de vinho, sob esmalte branco, pouco brilhante.

G [illegible] do sec. [illegible] — [illegible] Alt. [illegible] *Collecção do Sr. J. M. da Cunha* [illegible] Vianna do Castello

Perguntaremos agora: a fabrica d'onde sahiu este producto, a *primeira* que houve em Massarellos, seria a que fundou, em 1738, Manuel Duarte Silva? Pensamos que não. Se a fabrica tivesse tido o titulo de *Real*, não é de crer que a legenda inscripta na peça o não declarasse. Além d'isso, os caracteres do producto, sobre tudo a frisante analogia entre a sua decoração e as fórmas ornamentaes do seculo XVII, levam-nos a attribuir-lhe uma data anterior á fundação da fabrica de Duarte Silva, que foi a segunda, senão posterior ainda, que existiu em Massarellos.

A peça que um feliz acaso nos deparou em Vianna e que as gravuras 83 a 85 reproduzem, pertence ao nosso estimavel amigo o Sr. João de Assumpção Passos Vianna, capellão de artilharia 5, e deve ter sido fabricada no primeiro decennio do seculo XVIII.

G [illegible] Fim do sec. XVIII. Porto — CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. [illegible] Diam. 0,10 — *Collecção do Sr. Moreira Cabral* — Porto.

Em todo o caso, estas conclusões não seriam tiradas tão facilmente se não fosse a noticia que o Sr. Joaquim Vasconcellos nos dá no seu trabalho — que, além do interesse que possue, teve o alto merito de abrir o caminho a futuras investigações.

Como vimos, a fabrica fundada em Massarellos por Manuel Duarte Silva obteve o privilegio de real e por isso usava das marcas R ou R. F. (Real ou Real Fabrica). Produzia louça commum para mesa e quartos, muito bem pintada a azul e outras côres. Alguma era vidrada em banho azul.

Ao fundador, que falleceu em 1786, succedeu seu filho, Domingos Ferreira da Silva Guimarães, que apenas sobreviveu dois annos a seu pae e teve como successor seu filho, Manuel Duarte Silva, que morreu em 1845.

G. 98 — Fim do sec. XVIII — Gaya — Porto — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,30 — *Nossa collecção* — Lisboa

A fabrica de Massarellos pertenceu ao numero das que, entre 1829 e 1844, estiveram arrendadas, como veremos, ao proprietario da fabrica de Miragaya, Francisco da Rocha Soares. Foi depois comprada por João da Rocha e Sousa, que a passou a seu sobrinho, Antonio Rodrigues de Sá Lima, a quem succederam seus filhos, Antonio Rodrigues de Sá Lima e João da Rocha e Sousa Lima, que, em 1883, era ainda gerente.[1]

G. 99 — Differe apenas do prato anterior na decoração — *Nossa collecção* — Lisboa.

Á fabrica ou fabricas de Massarellos, deve seguir-se, no Porto, a Fabrica Nacional.

FABRICA NACIONAL

175...

Pelo caracter das peças que nos levaram a esta conclusão, a Fa-

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Exposição de Ceramica* — Porto, 1883 — pag. 29.

brica Nacional é tambem, como a de Massarellos, anterior á do Rato, pelo menos uma duzia de annos.

Referimo-nos a dois pratos, um da collecção do Sr. A. Moreira Cabral (Porto), de grande formato, outro da collecção do Sr. Dr. João Luiz da Fonseca (Lisboa), de menor diametro. Devem ter feito parte de apparelho fabricado expressamente para o Marquez de Pombal, porque um e outro — do mesmo typo — têem, pintado na aba, o brazão dos Condes de Oeiras, e ambos são marcados. (Vide m. 228).

G 100 — Fim do sec. XVIII — Gaya — CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,23 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Deve ser resultado da influencia d'esta mesma fabrica[1] uma pia de agua benta, do Sr. Dr. Fonseca. De fabricação posterior á dos pratos citados, a marca differe d'aquella para a qual acabamos de chamar a attenção do leitor, pois que, em vez de F. N. PORTO, compõe-se de: — F. R. P. — iniciaes de: — *Fabrica Real—Porto* (talvez a mesma do Cavaquinho). (M. 197).

Diz o sr. Joaquim de Vasconcellos: «... a fabrica do Rato não tinha o privilegio exclusivo do fabrico da louça, nem o direito de usar exclusivamente o titulo de *Real* ou *Nacional*, porque a qualquer das duas denominações competiam importantes regalias» [2].

Além das corôas, os pratos têem na aba, como decoração, a faixa de Rouen, a azul e côr de vinho.

A pia de agua benta representa uma das peças mais distinctas da faiança portugueza; é decorada polychromicamente, tendo no espaldar a Santa que tanto carpiu a crucificação do Senhor, com inscripções latinas: [3]

ONVENTA
AVTEM
MARIA
MAGDALENA

A pintura é delicada, a fórma elegante, bôa a modelação, perfeito e brilhante o esmalte.

[1] Tal como influiu a Real Fabrica do Rato sobre as outras fabricas de Lisboa, assim deve ter produzido o seu effeito benefico, no Porto, a Fabrica Nacional.

[2] *Historia da Arte em Portugal (quarto estudo)*, 1884 — pag. 15.

[3] Da presente inscripção, a primeira palavra é indecifravel. Na mesma peça ha outros dizeres illegiveis.

FABRICA DE MIRAGAYA

1775

Fundada por João da Rocha, ou João da Rocha Soares, e Antonio Godinho Neves. Primeiro mestre, Sebastião Lopes Gavicho. [1] Produzia *louça fina*. João da Rocha falleceu em dezembro de 1779, succedendo-lhe seu sobrinho, José Bento da Rocha e, a este, seu sobrinho, Francisco da Rocha Soares.

G. 101 — Principio do sec. XIX — Porto — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,31 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Por 182..., era mestre d'esta fabrica Manuel José Sequeira (*o Torneiro*), que estivera em França e que, com os recursos que de lá trouxera, intervinha em todo o movimento.

Pensou o proprietario da fabrica em estabelecer officina no Brasil, quando, por 1829, a morte surprehendeu, aos cincoenta e tantos annos, Manuel José Sequeira, seu braço direito, desistindo por isso Rocha Soares do seu intento.

J. de Vasconcellos nota, sobre o movimento das officinas de Francisco da Rocha Soares e de seu filho, as seguintes passagens:

«Em 1824, começou a explorar as feiras das provincias do norte, e com tal vantagem, que a fabrica não podia já sortir o mercado do Porto. Por isso houve de tomar de renda as fabricas de Massarellos e de Santo Antonio de Villa Nova de Gaya, até 1829, em que falleceu, continuando seu filho (do mesmo nome) a conservar arrendadas as fabricas de Santo Antonio de Gaya até 1833 e de Massarellos até 1844.

[1] Junta do Commercio, liv. 69, fls. 35 v.

G. 102 — Fim do sec. XVIII — Cavaquinho Porto — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,29 — *Museu Nacional de Bellas-Artes* — Lisboa.

«A marca da fabrica de Miragaya era M. ou M. P. (Miragaya-Porto)».

Com a segunda das marcas citadas por J. de Vasconcellos, o nosso diccionario, sobre Miragaya, apresenta as seguintes: 322, 323, 332 e 469.

Devemos notar que ha absoluta identidade entre as peças marcadas: — *M. P.*, *Miragaya — Porto* e *S.to Antonio — Porto.*

Este genero de louça, puramente commercial, não merece que o distingamos especialmente na fabricação dos Rochas. Os typos dignos de elogio, na longa producção d'estes ceramistas, foram dois.

A gravura 109 representa um d'esses especimens sem valor artistico, a que alludiremos na noticia com respeito á fabrica de Vianna do Castello. Darque fabricou peças muito semelhantes, marcadas com um V por baixo da palavra *Alpoim*, com vantagem sobre as de Miragaya, não só no aspecto, como na qualidade da pasta. Umas e outras representam a transição da pintura manual para a pintura de estampilha.

«Em 1883, inaugurou esta officina o fabrico de louça em fôrmas, imitando os melhores typos e desenhos do estrangeiro, fazendo serviços para mesa e quartos, estatuas, vasos para jardins, etc.»

Dá noticia o mesmo escriptor dos depositos estabelecidos por estes fabricantes em Loanda em 1839, no Funchal em 1841, em Lisboa em 1842 e em Setubal em 1844.

G. 103 — Segd. metd. do sec. XVIII — Porto ([illegible]) — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul — Diam. 0,24 — *Nossa collecção* — Lisboa.

N'este mesmo anno, já Francisco da Rocha Soares estava estabelecido na Rua da Esperança, 2, junto á capella do mesmo nome[1]; um anno depois, estabelecia-se, nas mesmas lojas da Rua da Esperança, um deposito geral das fabricas do Porto, que em 1848 ainda funccionava, como se lê no Almanach com esta mesma data, deposito que era assim dirigido:

«Os donos das fabricas servem de administradores por turnos, dois cada mez. Proprietarios: F. da Rocha Soares... João Araujo Lima, Villa Nova, Valle de Piedade. Manuel Joaquim Coelho, Bairro Alto, Rua das Musas. Manuel Nunes da Cunha, Villa Nova, á Fervença. Padre Gualter da Piedade Queiroz, Villa Nova, Monte Cavaco. Thomaz Nunes da Cunha & C.ª, Carvalhinho, na Corticeira».[2]

G. 104 — Fim do sec. XVIII — Porto (?) — GARRAFA DE FAIANÇA, decoração polychroma. Alt. 0,31. Museu do Instituto Coimbra.

N'uma relação identica de 1845, nota o Sr. Vasconcellos, a mais destes nomes: Manuel Joaquim Gonçalves, Alto da Fontainha, e Francisco da Rocha Soares, de Miragaya; e dá como unico vivo á data em que escrevia (1883) Thomaz Nunes da Cunha.

Diz ainda: «Em 1848 findou o contracto e fechou-se o deposito em Miragaya; mas continuou a laboração da fabrica d'este nome até 1857, em que falleceu o seu proprietario, Francisco da Rocha Soares, fechando então a fabrica e pondo-se em praça propriedades, materiaes e utensilios».[3]

N'esta mesma data, encontramos, com depositos proprios, alguns dos industriaes concorrentes ao deposito da Rua da Esperança. São elles: Padre Gualter da Piedade Queiroz, João Araujo Lima, deposito na mesma fabrica, e Manuel Nunes da Cunha & C.ª, deposito no Largo do Anjo, 5.[4]

Fallemos agora simplesmente dos Soares, d'essa familia de ceramistas, que durante mais de oitenta annos viveram para a sua industria, começada por João da Rocha Soares, cuja actividade e verdadeiro merecimento foi

[1] *Almanach da cidade do Porto para o anno de 1844.*
[2] *Almanach da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya, para o anno de 1848.*
[3] *Exposição de ceramica* (Porto, 1883), pag. 2?.
[4] *Almanach agenda da cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o anno de 1857*, pag. 58.

recompensado, no ultimo dos seus representantes, Francisco da Rocha Soares[1], por El-Rei D. Fernando, com o habito de Christo, quando este monarcha visitou o Porto, em 1836.

Os productos caracteristicos dos quatro ceramistas formam apenas dois typos, como tivemos occasião de frisar. O primeiro conservou sempre o mesmo caracter até ao fim. A não ser pela *patine* das peças, adquirida com o tempo, o que nem sempre é infallivel, será difficil dizer a qual dos Rochas pertence tal exemplar, porque todos elles exploraram os mesmos motivos ornamentaes, fórmas, esmaltes, etc.

A boa polychromia comportava o azul, o verde, o roxo, o amarello e o alaranjado, sob esmalte lacteo e homogeneo.

O segundo que apparece e que é o mais brilhante, corresponde, cremos, ao periodo que vae do fim do seculo XVIII até 1825. Constitue uma nota inconfundivel na ceramica portugueza[2]. Referimo-nos aos productos banhados em meias-tintas, abas dos pratos e outras peças abertas, decoração esta que muitas vezes era acompanhada de festões floridos, rosetas e outros delicados relevos.

G. 105 — Fim do sec. XVIII — Porto — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,40 — *Collecção do sr. dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

Sobre as meias tintas, em que predomina o azul, um azul especial, que nos faz lembrar a flôr do alecrim, apparece, além do relevo, a ornamentação polychroma, em que se salientam as flores, sendo as rosas e os cravos as preferidas.

As faianças marcadas com um R., de variadas fórmas e côres, não accentuam periodos. Esta lettra, mais ou menos inclinada, maior ou menor, entre aspas, sublinhada, ou precedida de um ou mais pontos, marca simul-

[1] Segundo d'este nome, na familia.

[2] Diz, em 1811, Accurcio das Neves que Francisco da Rocha Soares *exportava para fóra* e que estava em decadencia!...

taneamente toda a producção dos Rochas, sem se fixar de modo que nos deixe, por um estudo cuidadosamente feito, attribuir tal marca a tal época.

As nossas gravuras representam os dois alludidos typos e, d'estes, o maior numero de variedades. (G.s 86, 87 e 94 — primeiro typo; 96 — transição; 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95 e 97 — segundo typo).

O especimen mais antigo que encontrámos, digno de menção, é um boião que pertence a S. M. El-Rei. Decoração a côres, estylo oriental, sob esmalte branco. A tampa foi feita posteriormente por Cifka, naturalmente por se ter partido a primitiva. (G. 86).

Terrina, tambem a côres, da época de D. Maria I, do Sr. Antonio Arroyo. (G. 88).

Entre as peças do Sr. Moreira Cabral, o galheteiro é um exemplar interessantissimo, de primeira ordem. Decorado em relevo e pintura polychroma. (G. 90).

Travessa e prato do Sr. Henrique Pinho da Cunha, que representam, em absoluto, o segundo typo das louças dos Rochas. (G.s 92 e 93).

G. [illegible] — Fim do sec. XVIII — Gaya — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,21 — *Collecção do Sr. Moreira Cabral* — Porto

O copo com tampa (g. 164), do Sr. João Monteiro da Cunha e Lobo, que é uma bella peça. Decoração polychroma sob esmalte côr de grão (meio tom). Na parte opposta á asa, as armas reaes de D. Maria I. Não tem marca, mas parece-nos dos Rochas ou de Darque. Tem esta peça uma particularidade notavel: parte da ornamentação é em esmalte (branco anilado) sobre esmalte.

Do Sr. Julio Carneiro Geraldes é uma bacia e jarro, para serviço de barba, peça decorada com medalhões — bustos de homem e de mulher — estylo da peça antecedente. Fórmas relevadas, fundo côr de flôr de alecrim.

Do Sr. João Caetano da Silva Campos, uma caneca (homem sentado), decorada a côres. A *pose* não é a vulgarmente escolhida. (G. 97).

Cesto esmaltado a branco, da nossa collecção. (G. 94).

Caneca com asa, do Sr. Moreira Cabral, decorada com duas figuras, com trajos do fim do seculo XVIII, representando, visivelmente, uma scena galante entre os dois personagens. (G. 97).

Pelo nome inscripto em volta da peça, *Antonio José Soares*, lembranos ter sido destinada a algum parente dos fabricantes.

Está marcada com o caracteristico R. dos Rochas.

G. 107 — Fim do sec. XVIII. Porto — JARRA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,25 — *Collecção do sr. dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

Por ultimo, a fructeira em fórma de cesta, furada em xadrez, do Sr. Serafim das Neves. E' um especimen de valor. Decoração polychroma sob esmalte lacteo, fabrico dos ultimos annos do seculo XVIII. (G. 91).

A marca *PORTO* é excepcional nos productos d'estes fabricantes, se a nossa attribuição fôr exacta, como julgamos. (M. 359).

FABRICA DA QUINTA DE VALLE DE AMORES, ALÉM DO DOURO

— 178... —

Pelo documento que adiante extractamos, e que se refere á fabrica do Cavaquinho, sabe-se que, em 1789, existia, já decadente, esta fabrica de faianças, de que era proprietario e mestre João Bernardes Guedes.

FABRICA DE SANTO ANTONIO DO VALLE DE PIEDADE

— 178... —

Fundada por Francisco Rossi. Por morte d'este, passou ao Barão de Massarellos, que a arrendou a Francisco da Rocha Soares, o qual a manteve em laboração até 1833, como dissémos.

Em 184..., já trabalhava sob a direcção de João Araujo Lima, data em que este industrial a comprou ao Barão de Massarellos. Araujo Lima melhorou a fabrica e iniciou o fabrico dos azulejos, que, ao tempo, se faziam no Cavaquinho, fabrica de que adiante damos noticia.

Assim proseguiu até 1861, anno em que Lima falleceu. «Succederam seus cunhados, José Lopes dos Rios e João dos Rios Junior, sob a firma João L. dos Rios & Irmão. Fallecido José Lopes, seu irmão, João dos Rios Junior melhorou muito a fabrica e applicou-lhe uma machina a vapor (ver-

tical), feita na fabrica de fundição de Massarellos. Mais tarde, contractou a passagem da fabrica com o actual fabricante, Manuel Alves Ferreira Pinto.» [1]

Entre outras tentativas, chegou a produzir faianças de ornamentação relevada, para evitar a concorrencia dos productos congeneres, que, ao tempo, vinham de Inglaterra.

D'essas peças, hoje raras, tem o Sr. Luiz Fernandes um jarro com tampa, decorado com flôres em relevo, esmalte côr de castanha. Alt. 0,m33. (Vide m. 133).

A Ferreira Pinto, succedeu a parceria Augusto Leite & Seabra. Depois, pertenceu a fabrica novamente a João dos Rios Junior, no tempo do qual um incendio a destruiu. Adquiriram-na, reedificando-a e ampliando-a, os actuaes proprietarios, Silva & Silva [2].

N'um cangirão de faiança, decorado a azul, com uma carranca pintada no bico, typo de louça que mais tarde foi muito explorado n'esta fabrica, encontra-se a seguinte inscripção, a azul:

«Esta caneca foy a primeira que fez n'esta Fabrica de Gaya, *Domingos da Silva.*»

G. 108 — Primeiro terço do sec. XIX — (Porto ou Vianna) — FLOREIRA DE FAIANÇA, decoração em relevo e polychroma — Dim. 0,32 ½ × 0,28 — *Collecção do sr. dr. Oliveira* — Vianna do Castello.

Francisco Rossi contribuiu com uma boa parcella para o adiantamento que chegou a attingir a faiança fina do norte, se é que os productos que lhe attribuimos são, de facto, d'este ceramista.

Alludimos ás peças marcadas com o monogramma composto das letras — R. G. (m.s 434 a 443), que, pelo seu typo accentuado, se fazem notar. São leves de pasta, bem decoradas e de primoroso esmalte, imperceptivelmente anilado.

As tres peças, que as nossas estampas (g.s 98, 99 e 100) reproduzem, não têem marca; mas nem por isso deixam a mais leve duvida sobre a sua

[1] Extracto da noticia de J. de Vasconcellos — *Exposição de Ceramica — Porto, 1883*, pag. 27.
[2] Extracto da noticia de Charles Lepierre — *Estudo chimico e technologico, etc.*, pag. 102.

G. 109 — 1850 — Porto — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul — Diam. 0,34 — *Nossa collecção* — Lisboa

authenticidade, pois comparámol-as minuciosamente com as que apresentam aquellas duas consoantes ligadas [1]. Os dois pratos são de grande formato, abas egualmente contramoldadas e ornamentação a azul, dois verdes, amarello, laranja e côr de vinho. Ao centro, sobre pequenos motivos de paisagem, caminham, n'um, dois aldeões de braço dado, e, no outro, galopam dois cavallos montados por cossacos; figuras e animaes de bom desenho e de proprios e bem articulados movimentos. (G.s 98 a 99).

A caneca, singelamente decorada nas mesmas côres, é um exemplar em que, como fórma e esmalte, se não podem notar defeitos. (G. 100).

O prato (g. 101), de aba lisa, decorado com duas figuras e folhas ligadas pelos tóros ao filete junto do perfil, é, sem duvida, de fabrico posterior ao d'aquellas peças, como o motivo principal da ornamentação o está indicando.

Comquanto as figuras não sejam mal desenhadas, a pasta, o esmalte e as côres em nada se podem comparar ás das tres peças que descrevemos.

Deve ser dos continuadores da maneira de ornamentar de Rossi (?) e é in-

G. 110 — Meado do sec. XIX — Norte do paiz — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,26 — *Nossa collecção* — Lisboa.

[1] Prato do Museu do Instituto de Coimbra e outras peças, cujas marcas damos no diccionario.

teressante pelo assumpto, pois as personagens parecem representar alguma scena da guerra peninsular, um espião, disfarçado com trajo de mulher, preso no campo de operações militares.

O *G.*, umas vezes mais entrelaçado do que outras na perna avançada do *R.*, compondo assim o monogramma que marca as louças que attribuimos a Rossi, interpretamol-o *Gaya*. As duas lettras significariam assim: *Rossi — Gaya*.

Ha ainda uma marca que nos faz vacillar entre Francisco Rossi e Rocha Soares.

Encontrámol-a n'uma jarra, ornamentação a côres, que pertence á collecção do Sr. Dr. Oliveira (Vianna do Castello). É um *G.* antecedido de tres estrellas. (M. 216).

Decoração: mascaras, folhas, bambolins e ornatos. (G. 87).

A peça marcada com as iniciaes em cruz (m. 337) [1] é tambem uma jarra (g. 107), fórma egual á antecedente, decorada com flôres, pintura polychroma, cujas folhas se parecem com as d'aquella peça. No emtanto, a jarra do Sr. Dr. Oliveira tem mais probabilidades de ser de Rossi, do que esta.

As flôres que decoram o prato (g. 105) parecem-nos do mesmo pincel que ornamentou a jarra em questão; porém está marcado com um P. entre duas aspas. (M. 348) [2].

G. 111 — Fabrico recente — Fabrica das Devezas — Gaya — FLOREIRA DE FAIANÇA decoração em relevo e polychroma — Alt. 0,68.

Por sua vez, o prato (g. 106) com o busto de *Marie Antoinette*, — fabrico contemporaneo do acto mais deshumano da revolução franceza, — offerece, na pintura que cérca o perfil da linda *Antoinette*, pontos de contacto com as demais peças em discussão. [3]

Inclinamo-nos a crêr que aos quatro especimens apontados não foi

[1] A marca 337 pertence a uma peça do Sr. Conde do Ameal, mas é egual á que marca a jarra (tem par) do Sr. Dr. Oliveira.

[2] Corresponde á marca do prato do Sr. Dr. Oliveira.

[3] N'um prato, do distincto actor Ferreira da Silva, de egual decoração na aba, vê-se um *B* semelhante aos do nosso diccionario n.os 51 e 52

estranha a influencia de algum artista cuja educação não era vulgar, e esse foi naturalmente Francisco Rossi.

FABRICA DO CAVACO (GAYA)

— 178... —

Fundada por um parente do barão de Sarmento. Diz o Sr. J. de Vasconcellos que é muito possivel que esta fabrica seja aquella a que José Accurcio das Neves dá o nome de Fabrica do Cavaquinho, e que foi fundada por Domingos Vandelli, depois de 1787.

Em 1834, funccionava por conta de Manuel José Soares e fabricava louça de pó de pedra. Em 184..., foi arrendada a João da Rocha e Sousa, como vimos, depois a um tal Baptista e, afinal, a Passos & C.ª, sendo posteriormente vendida a Joaquim Nunes da Cunha, que para lá transferiu a sua fabrica da Fervença, quando esta lhe foi expropriada [1].

FABRICA DO MONTE CAVACO (GAYA)

— ? —

Fundada pelo Padre Gualter da Piedade Queiroz, ou Queriol, nome de seu pae, que era italiano.

A louça era regular e quasi toda vendida nas lojas da Cordoaria. Foi comprada em 1861 por Angelo da Silva Macedo, que, em 1883, ainda era seu proprietario [2].

FABRICA DO CAVAQUINHO

— 1789 —

O documento que em seguida extractamos, faz completa luz sobre quaes os fundadores da fabrica do Cavaquinho, a que José Accurcio das Neves se refere, notando unicamente o nome de Domingos Vandelli, sem deixar, comtudo, de lhe attribuir anonymos companheiros.

Esse documento é a escriptura de concordata social, celebrada no Porto, em 11 de abril de 1789, entre João Bernardo Guedes, o Dr. Diogo José d'Araujo, José Pereira de Miranda, Caetano José dos Santos, João Ro-

[1] J. de Vasconcellos — *Exposição de Ceramica, Porto — 1883*, pag. 27.
[2] J. de Vasconcellos — *Historia da Arte em Portugal (quarto estudo)*, pag. 28.

berto da Fonseca Torres e o Dr. Domingos Vandelli, concordata cujos artigos são os seguintes:

«Concordámos, em trinta de março d'este presente anno, que, da quarta parte da nova fabrica de pó de pedra, que pertencia a João Bernardo Guedes, em que era obrigado a entrar com um conto e seis centos mil réis para a manufactura d'ella e suas pertenças, visto, pela conta que deu, não ter feito a sua entrada, nem o poder fazer, e ser preciso dinheiro para a sua laboração, transferir e passar o dito metade da referida quarta parte ao socio Caetano José dos Santos, entrando este com oito centos mil réis, que ha de entregar ao caixa, que interinamente é o capitão José Pereira de Miranda, ficando o dito João Bernardo Guedes só com um quarto da quarta parte, por ter já vendido o outro quarto a seu primo, Sebastião Guedes, praticando-se as clausulas e condições que se seguem:

«Que será esta sociedade sómente por dezesete annos e tres mezes, e se concluirá no mesmo dia, mez e anno do outro interesse, que já tem por cessão e trespasse que lhe fez o dito capitão José Pereira de Miranda, por escriptura de oito de junho de mil setecentos oitenta e sete, feita na nota do tabellião João José Pereira da Fonseca, que todos os socios approvárão, e haverá no fim da sociedade a dita entrada das obras e mais pertenças da fabrica, na fórma da dita escriptura.

«Que o dito João Bernardo Guedes completará a sua entrada para a fabrica nova, que são oitocentos mil réis, do quarto que na mesma lhe fica pertencendo, e, do outro quarto, que vendeu a seu primo, por ter recebido o dito dinheiro, lhe levaremos em conta quinhentos mil réis, pelo producto da louça que pertencer ao socio o Doutor Domingos Vandeli, e dará trezentos mil réis até trinta de setembro do presente anno ao caixa da sociedade; quando, porém, até esse dia não tenha satisfeito os ditos trezentos mil réis, se lhe concede mais um anno para a solução, pagando juros d'elles a qualquer dos socios que quizer suprir com a dita quantia; e, não satisfazendo até ao fim do dito anno, que mais se lhe permitte, ficará absolutamente excluido de interessado, pagando-se-lhe os cem mil réis, que só se lhe contemplão no seu interesse, e nada mais, e cessando-lhe todo o lucro e interesse de todo esse tempo a favor do socio que tiver assistido com o dito dinheiro, ficando á eleição d'este o receber os juros, ou os ditos interesses.

«Que João Bernardo Guedes dará logo, ou até quinze de maio do presente anno, tres mil cruzados por conta do que deve a fabrica velha de faiança, conforme o que deu, dos quaes se applicarão seis centos mil réis para o que deve aos barqueiros e os outros seis centos mil réis para o que tambem deve ao Doutor Diogo José d'Araujo; e do resto que ainda fica devendo, que é d'um conto oitocentos trinta e seis mil setecentos cincoenta e nove réis, será obrigado a pagar metade, da factura d'este a um anno, e outro tanto da mesma data a dois annos, satisfazendo, de toda a demora que houver, os juros a favor da sociedade, a quem é devedor.

«Que todos os lucros que pertencerem a José Bernardo Guedes em ambas as fabricas, segundo o interesse que ainda tem, ficarão para a conta da sociedade, digo, conta do sobredito pagamento, sem que elle receba, ou espere perceber, e menos pedir, cousa alguma, emquanto nós, os socios, não estivermos completamente indemnisados; ficando ao nosso arbitrio o receber os lucros do dito João Bernardo, em louça, havendo n'ella empate, ou em dinheiro, no vencimento dos dois pagamentos acima estipulados.

«Que, faltando o dito João Bernardo a qualquer d'estes pagamentos e condições que lhe são relativas, como não entrou na sociedade mais que com o terreno e alguma pequena parte de paredes da fabrica velha, e com a sua administração pessoal, de que se acha inhibido pelo alcance em que se constitue e pela decadencia, proveniente do mesmo alcance, a que chegou a fabrica de faiança, e embaraços que tanto impossibilitarão o principio da laboração da nova fabrica, a imitação da de pó de pedra, como os seus progressos, se obriga o mesmo a entregar-nos logo, ou a algum de nós, que por elle queira pagar, toda a propriedade do mesmo terreno, edificios, fabrica, e forno da cal, e tudo que tem no dito terreno, fabrica e edificios, como tambem o direito e interesses que inda tiver de socio, e sem estrepito de juizo, nem mais litigio ou disputa, que tudo espontaneamente renuncia.

«Mas que em nenhum tempo se dizer prejudicado, e egualmente nos os socios nos compromettemos e obrigamos a estar pelo preço que derem a cada uma das cousas do dito João Bernardo Guedes dois louvados, um eleito por nós, outro por elle; e, no caso de discordar, se tirará por sorte um dos tres que por cada parte se nomearem, e o que este decidir, conformando-se com qualquer dos sobreditos dois louvados, se acreditará, sem que alguma das partes contractantes se opponha

ao seu arbitrio, pelo qual desde já estamos, tudo a fim de evitar demandas, e não prejudicar a laboração da fabrica.

«Que o dito João Bernardo Guedes satisfará annualmente, pelos seus lucros, cincoenta mil réis a qualquer dos socios que administrar a fabrica de louça de faiança, em razão de ser parte da sua entrada a dita administração e se achar privado da mesma, deduzindo-se dos seus lucros a dita quantia para se gratificar assim o trabalho do actual administrador e de quem tiver a administração pelo tempo adeante.

«Ficará tambem obrigado o dito João Bernardo a fazer os vidros na fabrica velha da faiança, julgar os fornos, combinar os barros e ensinar tudo isto dentro de dois meses ao administrador da dita fabrica, ou a qualquer dos seus socios, a quem o caixa determinar; e, não o cumprindo assim, perderá os seus interesses.

«Elegerá a sociedade por pluralidade de votos o que ha de ser caixa, administrador, ou outros quaesquer, que forem precisos para o regime das ditas fabricas, tudo na fórma que determinarem os socios; e o que assentarem, reduzindo-se a termo assignado por todos, valerá como escriptura publica.

«O mestre e mais individuos da fabrica estarão, para as suas disposições, sempre sujeitos ao que lhes determinar o caixa e administrador da mesma, ou ao que se resolver em junta, que faremos todos os quinze dias; e, desobedecendo o mestre ou qualquer dos mais individuos, poderão ser expulsos, por pluralidade de votos, da sociedade, sendo communicado este artigo aos que existem, e na entrada dos que se admittirem de novo, assignando-o, para não poderem allegar ignorancia.

«Não assistindo algum dos socios, com todo o dinheiro que deverem dar, assim para a entrada, como para a laboração e giro das fabricas, cada um conforme lhe tocar ao seu interesse, passarão sem a minima duvida os seus correspondentes lucros e interesses a favor de qualquer dos socios, que contribuir com os ditos dinheiros, emquanto d'elles estiver desembolsado, e, quando não haja quem assista com o dinheiro, ficarão os ditos interesses e lucros para aquelles que tiverem completado as suas entradas, e o mais que lhes pertencia dar.

«Nenhum dos socios poderá vender, empenhar, ou por algum principio alienar todo ou a minina parte do seu interesse nas ditas fabricas, sem approvação de todos; e, fazendo o contrario, será absolutamente nulla qualquer alienação; porém a sociedade lh'o não impedirá, não sendo devedor á mesma aquelle que pretender alienar a sua parte.

«Desde que principiar a laborar a fabrica nova de louça de pó de pedra, em giro continuo, e logo que, digo, logo do tempo que se vender a primeira fornada, se deduzirão as despesas dos lucros provenientes, continuando-se e considerando-se os dezeseis mil cruzados, com que entrárão os interessados da mesma, para fundo principal da dita fabrica, a fim de não ficarem prejudicados no seu capital, com que entrárão.

«Far-se-hão todas as possiveis diligencias para que se augmente o numero das fornadas e para se introduzir o uso da louça, não só n'esta cidade e provincias adjacentes, mas tambem exportando-a para portos estrangeiros, para se facilitar o seu gasto e consumo.

«Todas as escripturas feitas até á data d'esta, em que estivermos assignados, ficarão em seu perfeito vigor, menos n'aquellas condições de que aqui se faz menção, pois queremos valhão, como n'esta expressamos.

«Bem entendido que só subsistirá esta concordia e todas as suas clausulas, sendo assim do Real Beneplacito de Sua Magestade, a quem supplicamos, com a devida reverencia, se digne concedel-o, protestando que só estaremos por quanto a mesma Senhora decidir n'este ponto, nem outro é o nosso animo, mas sim de nos sujeitarmos a qualquer modificação ou reforma que julgue necessaria, observando e seguindo de boa vontade o que Sua Magestade fôr servida resolver.

«Este é o sentimento, digo, o mesmo sentimento do dito José Bernardo Guedes, que tambem assignou a presente concordia, assim como todos os mais socios e interessados. — Porto, trinta de março de mil setecentos oitenta e nove. — *José Pereira de Miranda — Caetano José dos Santos — Doutor Diogo José d'Araujo — João Roberto da Fonceca Torres — João Bernardo Guedes* - Como procurador do senhor Domingos Vandeli, *Leandro Anastacio de Carvalho e Fonceca*».

Estes artigos, reduzidos n'aquella data a escriptura publica de que possuimos copia integral e authentica, foram approvados por decreto de

10 de junho de 1789, transcripto a fls. 92 do livro de registo da Junta do Commercio, referente aos annos de 1788-1790.

Deprehende-se, das clausulas transcriptas, que a sociedade constituida em 1789 tinha por fim, não só desenvolver e explorar a fabrica de faianças de Valle de Amores, pertencente a João Bernardo Guedes, ceramista e vidreiro, como tambem, em nova fabrica, produzir a louça denominada — *de pó de pedra*.

Pelo decreto, sabe-se que esta nova fabrica foi conhecida pela designação de *Fabrica do Cavaquinho*, designação que apparece por extenso n'um prato que faz parte da secção de ceramica do Museu Nacional de Bellas-Artes.

Antes do resumo de outros documentos, que adiante citaremos, dando assim ideia do movimento da época mais adeantada d'esta fabrica, tratemos dos seus mais luzidos productos, marcados com o titulo de Real:

O prato a que acabamos de alludir e de que damos gravura (g. 102) pertence, com mais dois — mesmo serviço — ao Museu Nacional de Bellas-Artes, e é, provavelmente, aquelle que, com a mesma inscripção, figurou na Exposição Universal de Paris de 1867.

Tem ao centro uma fonte com alçado oval, encimado por um laço e ladeado por duas aguias que o sustentam, e, dentro, a inscripção a lettras côr de vinho: NA REAL FABRICA DO CAVAQUINHO PORTO.

A decoração comprehende as côres: azul, verde, amarello e violeta, sob esmalte bem distribuido.

Tem, dentro do frete, a marca: *F. R. P.*, (Vide m. 197), — iniciaes que correspondem ás palavras — *Fabrica Real* — *Porto* [1].

Dos outros dois, um tem, como motivo principal, uma fonte, ao pé da qual uma mulher com uma bilha á cabeça traja um *costume* do fim do seculo XVIII.

No outro, vê-se igualmente uma paizagem com duas figuras trajadas á maneira do fim do seculo de setecentos.

As abas d'estes pratos são decoradas com quatro grupos de flôres, alternando com egual numero de insectos (pequenas borboletas), e têem, na grossura da borda, um filete a tinta amarella, particularidade esta que rarissimas vezes se encontra nas antigas faianças portuguezas.

O diametro varia entre 0,^{m}29 e 0,^{m}34.

São todos polychromos, esmalte levemente anilado e brilhante.

Do que figurou na Exposição de 1867, diz o Sr. Vasconcellos: «Era

[1] D'esta mesma fabrica, possue o actor Ferreira da Silva um prato de faiança, decoração polychroma, esmalte lacteo, diam. 0^{m},40, com a marca por extenso: *Cavaquinho*. (Vide m. 84-A).

ornamentado a côres: azul, violeta e verde, o schema do Rato; na borda quatro ramos soltos, e no centro uma fonte...» [1].

Em 1793, o Dr. Domingos Vandelli e mais interessados na fabrica do Cavaquinho (Caetano José dos Santos, Dr. Diogo José d'Araujo, João Bernardo Guedes e João Roberto da Fonseca Torres) pediam isenção de direitos de entrada nos portos do Brasil, para os productos d'essa fabrica, de que era então mestre Bento Fernandes de S. Francisco.

Os supplicantes julgavam para si insufficiente e menos equitativa a isenção que lhes fôra concedida, e aos fabricantes de faiança da mesma cidade (Porto), de metade dos direitos, porquanto haviam introduzido no paiz uma fabrica de nova invenção e feito consideraveis despezas no estabelecimento d'ella, experiencias, e instrucção de mestres e officiaes; ao passo que os fabricantes de faianças se haviam aproveitado dos instruidos na Fabrica Real do Rato, e ainda porque estavam sujeitos a direitos mais elevados, regulando-se a cobrança d'elles pela pauta que se fizera para a louça ingleza.

Diziam, ainda, que lhes causava grave prejuizo o grande contrabando de louça ingleza. Pediam, pois, isenção total de direitos, como fôra concedida ás fabricas de sedas e ás de chitas.

A Junta expoz que, em 25 (ou 24 ?) de fevereiro de 1793, consultára a S. Magestade outros requerimentos dos supplicantes, pedindo, além da prorogação por outros dez annos do privilegio exclusivo que lhes fôra concedido por alvará de 7 de fevereiro de 1787 e da prohibição de toda a qualidade de louça estrangeira, com excepção da da India e China, vinda em navios portuguezes, a graça da isenção de quaesquer direitos por entrada nos portos de Portugal e suas conquistas, durante o tempo do mesmo privilegio exclusivo; que o parecer da Junta fôra que a Fabrica do Cavaquinho merecia ser auxiliada tambem com isenção de direitos de entrada nos portos no Brasil; que, por immediata resolução de 4 de março anterior, S. Magestade concedêra ás manufacturas da fabrica isenção de meios direitos por entrada na America; e que, emfim, julgava que aos supplicantes se devia conceder isenção completa de direitos de entrada nos portos do Brasil, para as manufacturas da sua fabrica, emquanto lhe durasse o privilegio exclusivo, concedido e prorogado. S. Magestade assim resolveu.

Em 1795, Domingos Vandelli e seus socios, Caetano José dos Santos, Dr. Diogo José d'Araujo, João Bernardo Guedes e Antonia Rosa de Gouveia, como tutora de seu filho, Claudio Antonio Pereira Xavier, requereram para a sua fabrica de louça de pó de pedra, no Porto (estabelecimento unico

[1] *Historia da Arte em Portugal* (quarto estudo), pag. 40.

em seu genero, — diz o documento) — os privilegios de que gozava a Real Fabrica das Sedas (Junta do Commercio, liv. de registo de 1794-96, fls. 117 v.º).

Em 1803, foram prorogados á fabrica do Cavaquinho os seus privilegios, prohibindo-se ás fabricas de faiança da Beira e do Minho usarem da pintura e vernizes *de arraiado*. Isto a requerimento dos proprietarios, Caetano José dos Santos e socios. (Junta do Commercio, liv. de 1803, fls. 63).

Em 1805, pretendia o Dr. Domingos Vandelli que, na licença concedida a Magalhães & C.ª para uma fabrica de louça no Porto, se exceptuasse a estampada de pó de pedra (provavelmente a ornamentação *marmoreada* a que já se referia o documento de 1803), em que recahia o privilegio. (Junta do Commercio, liv. 32, fls. 118).

Em 1817, obteve ainda a fabrica uma nova porogação do privilegio por dez annos, sendo administrador e caixa João Nogueira. (Junta do Commercio, liv. 39. fls. 214).

FABRICA DO CARVALHINHO (PORTO)

— 182... a 1878 —

Fabrica do Carvalhinho (Corticeira), situada na vertente das Fontainhas. Proprietarios e mestres, Thomaz Nunes da Cunha e Antonio Monteiro Cantarino, sendo este o fundador.

Este mesmo Cantarino teve, antes da do Carvalhinho, uma olaria no Largo denominado *da Rosa,* no Alto da Bandeira (Villa Nova de Gaya), proximo á capella de Santo Ovidio.

Foi fundada em 1821, empregando o barro de Coimbrões.

A fabrica do Carvalhinho recomeçou os seus trabalhos quando terminou o cêrco do Porto, em que os dois proprietarios tomaram parte, pertencendo ao batalhão do *Baba (Vava),* organisado pelo celebre ceramista Rocha Soares. Compunha-se de operarios das fabricas de louça, d'estes e de outros proprietarios, da cidade do Porto e das cercanias.

Camillo Castello Branco allude a este ceramista no seu romance *Maria da Fonte*, pag. 199: «Mas nós a chegarmos, e a chegar do Porto o batalhão nacional de Francisco da Rocha Soares e 60 soldados do 6 de infantaria...».

A primeira installação foi na capella do Senhor do Carvalhinho, que deu origem ao nome da fabrica, com alguns barracões annexos para o forno e officinas, começando logo a produzir faiança branca e polychroma, sob esmaltes de oxydos de chumbo e estanho.

Sempre em augmento, em 1853 construiram os societarios uma installação definitiva, em virtude do grande desenvolvimento que attingiu, ficando então livre, e sendo restaurada, a capella. Em 15 de agosto d'esse mesmo anno, a fabrica tomou como padroeiro o orago da capella e por essa occasião se festejou com grande solemnidade a restauração do culto no pequeno santuario, indo de Lisboa, para esse fim, o Cardeal Patriarcha, Manuel Bento Rodrigues, parente do segundo d'aquelles proprietarios.

Seguiu-se á festividade religiosa um lauto jantar de quatrocentos talheres, ao qual assistiram dignidades da Egreja, e altos funccionarios, civis e militares, da cidade do Porto.

No dia seguinte, outro banquete se realisou no mesmo logar (jardim contiguo ás officinas), e os convivas, operarios e mais pessoal do Carvalhinho, foram servidos á mesa pelos seus patrões.

Por 1868, ficou a fabrica pertencendo sómente a Thomaz Nunes da Cunha; e, dez annos depois, passou para o genro d'este, João Camillo Castro Junior, que mais tarde deu sociedade a Dias de Freitas.

Devemos notar que, no *Almanach da Cidade do Porto para 1857*, figuram, como proprietarios da fabrica do Carvalhinho, Manuel Nunes da Cunha & C.ª que, nos almanaks para os annos de 1844 e 1848, são dados como proprietarios da fabrica da Fervença, em Villa Nova de Gaya.

Pelo nosso amigo Joaquim Monteiro Cantarino, filho do iniciador da fabrica junto á Corticeira, a quem devemos o favor d'estas noticias, sabemos que foi esta fabrica uma das primeiras que applicou á polychromia decorativa dos seus productos o vermelho inglez e o verde esmeralda, a grande fogo, melhoramento que se deve aos estudos d'esse nosso amigo sobre a ceramica, assim como as primeiras gravuras em cobre, feitas no paiz, trabalho do proprio punho do Sr. Cantarino, para a estampagem da ornamentação puramente de commercio, motivada pela concorrencia estrangeira, que tivemos forçosamente que imitar, ainda que tarde, perdendo então a nossa faiança uma das qualidades que tanto a recommendavam, a pintura á mão, que os nossos decoradores ceramistas tão habilmente praticaram até meado do seculo XIX.

Foi esta fabrica uma das primeiras, depois de um não curto periodo de descanso, que fabricou o azulejo em larga escala, não só de motivos soltos e de padrão, como o azulejo decorativo, com figuras e paizagens.

O sr. Cantarino não tem ideia de se haverem marcado os productos do Carvalhinho, a não ser nos primeiros tempos da laboração da fabrica, e mesmo assim não o póde affirmar.

No relatorio do inquerito industrial de 1881, diz-se: «Fabrica de Thomaz Nunes da Cunha e Silva, no logar do Carvalhinho, Porto».

A sub-commissão informa que o valor da producção annual oscillava entre 18 e 20 contos de réis.

O Sr. Joaquim de Vasconcellos dá noticia d'esta fabrica como tendo sido fundada em 183... e diz: «Era vasta, bem montada, vendendo muito, e sendo a primeira do Porto, por fabricar azulejos para paredes. Ainda funcciona». (1882). [1]

Actualmente, a fabrica do Carvalhinho ou da Corticeira trabalha sob a firma Dias de Freitas & Filhos. Produz faiança artistica e de serviço commum, de fórmas e padrões variados e interessantes, azulejos e ladrilhos.

A marca de um dos pintores, C. Branco, encontra-se no diccionario, assim como a da fabrica — *F. C.*, a differentes côres.

FABRICA DA FERVENÇA (GAYA)

182... a 1857 (?)

Fundada por Manuel Nunes da Cunha, em Villa Nova, á Fervença. «Eram optimos os seus productos. Succedeu n'ella Joaquim Nunes da Cunha, que teve de transferil-a, por causa da expropriação, para a do *Cavaco*, que comprou ao Barão de Sarmento». [2]

O Sr. J. de Vasconcellos diz, como se vê, que a fabrica da Fervença produziu muito boa louça.

Até agora, não tivemos a felicidade de encontrar producto algum authenticado.

É possivel que alguma das marcas, N.os 67 e 68 do nosso diccionario, pertença a qualquer dos Cunhas da Fervença, fabrica que ainda estava em grande actividade em 1848, ou á fabrica de que em seguida tratamos.

FABRICA DA BANDEIRA (GAYA)

?

Ignora-se a data da fundação, sabendo-se apenas que, de 1844 a 1882, a fabrica de faianças situada no Largo da Bandeira, em Villa Nova de Gaya, esteve em continua laboração.

Parece-nos, porém, poder assegurar que já funccionava no seculo XVIII.

O gomil de faiança, decoração polychroma, que encontrámos no Museu Municipal Azuaga, em Gaya, está marcado com as iniciaes *F. B.*

Esta peça, que é dos ultimos annos d'aquelle seculo, deve ser a mesma

[1] *Exposição de Ceramica — Porto*, 1883, pag. 28.
[2] Obr. e pag. cit.

que figurou na Exposição de Ceramica do Porto de 1882, e foi offerecida ao Museu por Joaquim de Azuaga, com as demais collecções que alli figuravam em 1903.

Gaspar Gonçalves de Castro é o mesmo que nos apparece representando a fabrica da Bandeira, pelo menos nos trinta e oito annos que medeiam entre aquellas datas.

Em 1881, encontramos outro Castro (Candido Augusto de Sá), com fabrica no logar da Bandeira [1].

Occupava 18 operarios e fabricava faiança commum, empregando os barros de Lisboa e de Avintes. A producção annual regulava por 5:000$000 réis.

FABRICA DO SENHOR D'ALÉM (GAYA)

— ? —

Em 1881, pertencia á firma João Antunes de Sousa Braga & Irmão, e estava installada no logar do Senhor d'Além, em frente á Corticeira.

Produzia faiança de qualidade inferior e occupava 25 operarios. Os barros procediam de Lisboa e de Avintes; a producção annual era no valor de 7:000$000 réis.

FABRICA DO ALTO DA FONTINHA (PORTO)

— 183... —

Fundada por Manuel Joaquim Gonçalves & Irmão; fabricava louça de faiança e fechou ha tempos, por morte dos proprietarios. [2]

FABRICA DA AFURADA (GAYA)

— ? —

Ignora-se a data da fundação.

Em 1384, havia lá um barrista, Jeronymo de..., que cozia por enxacote (biscoito) figuras de *costume*, juntamente com louça de faiança, branca e pintada. Por sua morte, occorrida ha muito, fechou a fabrica. [3]

[1] *Relatorio ... do districto do Porto, etc*, pag 298.
[2] Joaquim de Vasconcellos, *Exposição de Ceramica — Porto, 1883*, pag. 28.
[3] Obra e pag. cit.

FABRICA DO CANDAL (GAYA)

— ? —

Ignora-se a data da fundação.

Em 1858, explorava o fabrico da faiança regular um barrista, Felix d'Araujo, por cujo fallecimento se fechou a fabrica. [1]

FABRICA DA TORRINHA (GAYA)

— 1844 —

Fundada por Manuel José Soares. Por morte d'este, ficou dirigindo a fabrica sua mulher, Margarida Soares Rego (conhecida tambem por Viuva Soares e Viuva Rego), o que já succedia por 1857.

Em 1865, concorria á Exposição Internacional do Porto com diversas amostras de louça preta.

A Viuva Soares ainda representava a fabrica da Torrinha em 1883.

FABRICA DA QUINTA DO PASSADIO (PORTO)

— 185... —

Fundada por Guilherme de Sousa Reis. Em 1857, ainda estava installada na Rua da Restauração — Quinta do Passadio. Segundo opinião do Sr. J. de Vasconcellos, a fabrica «produzia faiança de pó de pedra, grés e porcelana. Era uma officina que parecia vir a ser optima, e já era superior ás demais do Porto. Um grande incendio a destruiu».

FABRICA DA RUA DO ALMADA (PORTO)

— ? —

A fundação é anterior a 1881, data em que pertencia a Joaquim José Pereira. Fabrico: tijolo, telha, calões e canos. Barro utilisado, o de S. Mamede de Infesta.

FABRICA DAS DEVEZAS (GAYA)

— 1865 —

Fundada por Antonio de Almeida da Costa, tem hoje como titulo: «Fabrica Ceramica e de Fundição das Devezas», e funcciona sob a firma Antonio Almeida da Costa & C.ª

---

[1] Obra e pag. cit.

A mais das bem montadas officinas das Devezas, tem succursal na Pampilhosa, desde 1886, onde fabríca telha, e um deposito geral, magnifica installação propria, no Porto — Rua de D. Carlos I, 131. Toda a direcção está a cargo do habil artista José Joaquim Teixeira Lopes (pae).

Pela quantidade, qualidade e variedade dos seus productos, é uma das mais importantes fabricas do paiz.

Em 1881, empregava 180 individuos, cuja feria semanal oscillava entre 350 e 400$000 réis; e, em 1900, o numero de operarios subia já a perto de 650 creaturas de ambos os sexos, que produziam o valor de cêrca de 200:000$000 réis por anno.

Quasi todas as materias-primas são nacionaes, servindo-se dos barros de Lisboa, de Agueda, de Mogofores, de Gandra e de Telheiro, no concelho de Gaya. Parte das drogas para os esmaltes e coloração são importadas do estrangeiro.

Produz toda a qualidade de material para construcções, desde o tijolo até ás peças de ornamentação.

Das peças artisticas de serviço e adorno caseiro, distinguem-se umas pelas fórmas e outras pelo desenho e modelação. Muitas d'estas faianças são obra de Teixeira Lopes (pae).

A que a nossa gravura 111 representa está n'este caso.

Fabríca tambem azulejos artisticos, pintados á mão em differentes côres e cozidos a grande fogo.

Entre os decoradores ceramistas d'esta fabrica, merece menção especial, pelo seu valor, A. Barbosa, que começou este genero de pintura em 1894.

Desde 1882 a 1901, tem a Fabrica das Devezas obtido recompensas, em todas as exposições a que tem enviado os seus productos, no paiz e no estrangeiro: diplomas de merito, medalhas de bronze, de prata e de oiro.

FABRICA DE PEREIRA VALENTE (GAYA)

— 1884 —

Foi fundada n'esta data em Villa Nova de Gaya, proximo á estação das Devezas. Produz toda a qualidade de faiança. Emprega um pessoal de 60 operarios, tem 15 rodas e 14 tornos. Valor da producção annual — 20:000$000 réis. Obteve premio de 2.ª classe na Exposição de Ceramica do Palacio de Cristal Portuense, em 1887. [1]

O Sr. Charles Lepierre accrescenta a esta noticia: «*faiança esmaltada*

[1] *Catalogo da Exposição de Lisboa 1888*, pag. 325.

e tambem de *vidrado simplesmente plumbifero,* sem estanho, que se assemelha, pois, por este lado, *á faiança fina;* comtudo, pela pasta, não deixa de ser faiança ordinaria, como já disse». [1]

EMPREZA CERAMICA PORTUENSE, LIMITADA

— 1900 —

Fundada n'esta data, em Massarellos, por Villiam Mac Laren, hoje socio technico. Administrador, A. J. Wall.

Produz louça de pó de pedra — faiança fina — cuja materia-prima é, na maior parte, de origem ingleza.

Emprega esta fabrica cêrca de 250 operarios, e produz annualmente o valor de 100:000$000 réis.

Depositos: Porto — R. da Reboleira, 43; Lisboa — Rua Nova do Almada, 90.

Usa as marcas que vão reproduzidas no diccionario, n.os 294, 304, e 305.

FABRICA DE QUEBRANTÕES DO NORTE

— 1904 —

Está situada na antiga Quinta do Roriz. Desde a fundação que é dirigida por A. J. Wall, que tambem administra a de Massarellos, fabrica que está ligada com a de Quebrantões.

Produz artigos de grés e materiaes de construcção, com materias-primas nacionaes. Occupa 50 operarios, que produzem approximadamente 60:000$000 réis.

❧ ❧ ❧ ❧

Á historia do movimento ceramico portuense liga-se intimamente o nome de João José da Fonseca, ceramista habil, cuja historia, accidentada e interessante, podemos offerecer aos leitores, graças a apontamentos que devemos a seu filho, João Carlos da Fonseca, que intelligentemente dirige, em Lisboa, o deposito da Fabrica das Devezas. Com ella fechamos este capitulo.

João José da Fonseca, natural de Aveiro, apprendeu, na fabrica da Vista Alegre, o officio de formador e principios de desenho.

[1] *Estudo chimico, etc.*, pag. 110.

Em 1848, foi para o Porto, para a fabrica de Rocha Soares. D'aqui passou, em parceria com dois oleiros, a administrar, em Villa Nova de Gaya, a fabrica do Cavaco, onde produziu a louça de pó de pedra (louça melada, esponjada e imitando differentes marmores). D'esta fabrica, que terminou por falta de capitaes, foi o referido Fonseca para a de louça de faiança, em Villa Nova de Gaya, de João Araujo Lima, como chefe da secção de fôrmas e modelação.

Por este tempo, foi nomeado para estudar na Exposição Universal de Paris de 1855 (primeira que se realisou) a ceramica, do que fez o respectivo relatorio.

Tendo regressado a Portugal, estabeleceu na mesma fabrica de João Araujo Lima o fabrico de grés. Tambem por conta d'esta ensaiou a louça de pó de pedra inglez, e, para aperfeiçoar este genero de louça, entrou disfarçadamente, como operario, na fabrica de Sacavem; mas a sua intervenção, que não podia conter, nos momentos mais criticos e difficultosos, nos differentes trabalhos da fabrica, veiu a tornal-o suspeito aos mestres, que reconheceram não estarem na presença de um simples operario.

A fabrica fechou pouco depois d'este facto, e Fonseca voltou para Villa Nova, sem ter augmentado o peculio dos seus conhecimentos. Por morte de Araujo Lima, foi dirigir, como já vimos, a Fabrica da Abrigada, de que foram fundadores Gorjão e Caldas Auletti, desde 1860 a 1865, pouco mais ou menos.

Mais tarde, ahi por 1870, tomou a direcção technica da Fabrica das Devezas, até 1882, anno em que falleceu.

Fonseca assistiu n'esta fabrica ao desabrochar do grande esculptor Antonio Teixeira Lopes, quando este e seu irmão José, hoje architecto, trabalhavam na modelação das figurinhas — *costumes* populares do norte do paiz — dirigidos por seu pae, José Joaquim Teixeira Lopes.

CAPITULO III

Coimbra e seu districto

OIMBRA, outr'ora centro ceramico por excellencia, possue, para a sua historia, alli encontrados, os documentos mais remotos, que teem sido lidos por investigadores da olaria, em nosso tempo.

Devem-se, em parte, esses preciosos attestados ao Sr. Adelino Antonio das Neves e Mello, que, em 1886, n'um pequeno mas interessante livrinho, os patenteou aos olhos dos que trilham tão tortuoso e cerrado caminho.

É natural que algo mais venha a encontrar-se em outros pontos do paiz, sobre a mesma industria — nas Caldas, em Aveiro, no Porto, em Braga, e porventura sobre o movimento da olaria na velha Lisboa, se as chammas que procederam do terremoto não queimaram essas noticias, coevas dos documentos de Coimbra e quem sabe mesmo se anteriores a elles; acaso, puro acaso!

A maneira por que estão montados os nossos archivos, actualmente, não facilita a busca de taes curiosidades, de modo que, a não ser por felicidade, na mór parte das vezes, achar o documento que se procura é achar agulha em palheiro, ou então andar continuamente incommodando os in-

vestigadores que benemeritamente têem gasto a vida a rebuscar o que os nossos maiores deixaram escripto.

Mas, depois d'estas inestimaveis e authenticas denuncias sobre a olaria coimbrã do principio do seculo XIII terem apparecido em 1886, apresenta o Sr. Antonio Augusto Gonçalves, em 1899, esta revelação:

«O mais antigo documento escripto referente á olaria de Coimbra faz parte das *posturas municipaes* de 1145, sob a rubrica: *De tendariis (Port. Mon., Leges,* pag. 744)». [1]

Coincidencia extraordinaria! O distincto artista e erudito archeologo que vem citar o documento contemporaneo do mais bello monumento romanico de Coimbra — a Sé Velha — é o mesmo que, com a sua acertada restauração, tanto quanto possivel restituiu esse precioso specimen de architectura religiosa á sua primitiva fórma, transportando-nos assim á epoca do alludido documento!

G. 112 — 1770 — Coimbra — TRAVESSA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dim. 0,34×0,28 — *Museu do Instituto* — Coimbra.

Quantas vezes os *pedreiros livres* que construiram de pedras a monumental fachada, e os que esculpiram os caracteristicos lavores dos capiteis do portico, que o Sr. Gonçalves reconduziu ao seu primitivo logar, não beberam agua pelas cantaras, que os oleiros e malagueiros manufacturavam nas *tendas* de 1145. Quem nos poderá dizer que não?

Tem agora a palavra o Sr. Neves e Mello, que dá noticia do seu achado d'esta maneira:

«. . . direi que o documento mais antigo que pude encontrar, dizendo respeito a esta industria, data de 1203, e é um titulo de venda, feito por

[1] *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra*. No já tantas vezes citado *Estudo* do sr. Ch. Lepierre.

Pedro Soares ao mosteiro de Santa Cruz, d'uma *tenda* com dois fornos para louça, junto ás portas de Almedina...» [1]

Na pagina seguinte, vem outro titulo de compra, pelo mesmo mosteiro de Santa Cruz, d'outra tenda, a Pelagio Gonçalves e sua mulher, Suzanna, no anno de 1213.

G. 113 — Segunda metade do sec. XVIII. Coimbra — RELICARIO DE FAIANÇA, decoração a azul — Alt. 0,29 — *Museu do Instituto* — Coimbra.

Quando mesmo o documento apresentado pelo Sr. Gonçalves se não antecipasse cincoenta e oito annos á data da primeira d'estas vendas, seria facil deduzir que nem Pedro Soares, nem Pelagio Gonçalves, teriam vendido as fabricas no mesmo dia em que as haviam fundado, se foram elles os fundadores.

A industria oleira em Coimbra deve existir desde que nella habitaram homens e desde que estes fizeram lume, porque, barro e agua, já essas humanas creaturas alli encontraram, de finas e abundantes qualidades.

Coimbra, apesar de não ter completa ainda a historia da sua industria ceramica, é, todavia, o centro que mais material possue reunido para esse fim. Deve-se este facto a um grupo de homens de reconhecido valor, que formam, por assim dizer, uma familia, em que cada um na sua especialidade tem incessantemente trabalhado para o alcançar.

G. 114 — 1768 — Coimbra — GARRAFA DE FAIANÇA, decoração a azul e roxo — Alt. 0,22 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Sem embargo, o Sr. Gonçalves consegue apresentar, no seu trabalho sobre esta industria em Coimbra, as seguintes datas, que marcam deliberações e providencias municipaes, tendentes a reprimir os elevados preços por que os fabricantes vendiam, por vezes, os seus productos e, ao mesmo tempo, a corrigir defeitos de fabricação e a cohibir a decadencia da industria, etc.

Para evitar taes faltas, estabeleceu-se a arbitragem de peritos, que egualmente intervinham, em nome da saude publica, na selecção dos mate-

[1] *Apontamentos para a historia da ceramica em Coimbra*, pag. 18.

riaes, regulavam processos de fabrico, etc. Estas deliberações e providencias estão comprehendidas entre 1514 e 1526.

Depois, continua o nosso amigo, o Sr. Antonio Augusto Gonçalves:

«O regimento dos malagueiros, de 1556, é um documento importantissimo, pelos esclarecimentos que contém.

G. 115 — Segd. mtd. do sec. XVIII — Coimbra — TERRINA DE FAIANÇA, decoração a azul — Alt. 0,24; de asa a asa, 0,32 — *Nossa collecção* — Lisboa.

«Ahi se estabelece quaes as qualidades de barro preferidas e quaes as dosagens das misturas para a formação das pastas. E ainda mais: exara-se uma indicação preciosa, que, pelas conclusões relevantes que encerra, é necessario não perder de vista.

«Na enumeração dos diversos productos, mencionados no anterior documento de 1514, entra a designação de *cantaro burnido*. Mas, pela sequencia dos dizeres se percebe que este vocabulo não póde exprimir mais do que o simples *lustro*, obtido pelo attricto de qualquer polidor.

G. 116 — Ult. terço do sec. XVIII — Coimbra — PRATO DE FAIANÇA: decoração — ornato em relevo branco, paizagem côr de vinho — Diam. 0,22 — *Museu do Instituto* — Coimbra.

«N'este regimento é que pela primeira vez se faz referencia á vidração, ao prescrever que a louça não possa ser vidrada antes de cozida, isto é, sem o *enchacote* previo, que tornaria a louça mais duradoura e mais consistente a camada vitrea.

«Os abusos e falsificações deviam estar entranhados para justificar o rigor das penas e a recommendação do varejo, todas as vezes que os juizes de officio o tivessem por conveniente».

Em 1569, interveiu novamente o senado, em consequencia de reclamações contra o mau fabrico da louça. Seguem-se, após este, outros documentos de 1571, 1573 e 1576.

Affirma o Sr. Gonçalves que, por deducções negativas, se chega á conclusão de que não ha motivo para crer que em Coimbra fosse fabricada *louça de esmalte opaco de estanho*, até principios do seculo XVII.

A producção da *louça branca, da faiança,* apparece pela primeira vez affirmada n'um documento de 1623, documento de alta valia, como justificadamente o qualifica o Sr. Gonçalves: — o regimento dos oleiros e malagueiros, datado de 1623.

O erudito archeologo e artista vae, porém, mais longe. Assegura (generalisando a todo o paiz o que demonstra em relação a Coimbra) que «em Portugal, deve dar-se como averiguado que não apparecem vestigios de *ceramica esmaltada,* confecção e origem portugueza, anteriormente ao primeiro quartel do seculo XVII».

G. 117 — Principio do sec. XIX — Coimbra — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,22; de asa a asa 0,31 — *Nossa collecção* — Lisboa.

N'este ponto (se nos é licito divergir da opinião de um mestre, tão conhecedor do assumpto), não podemos concordar com o Sr. Gonçalves.

Afóra outros com datas dentro do seculo XVI, temos os azulejos de S. Roque (Lisboa), assignados por Francisco de Matos e datados de 1584. E não póde pôr-se em duvida que os azulejos são producto ceramico *esmaltado* e, até, que devem classificar-se como *faiança,* attendendo á natureza opaca do verniz estanifero. É tambem incontestavel que, em geral, onde se fabricaram azulejos, fabricou-se egualmente louça.

Resta ainda averiguar se o canudo (ou pote de pharmacia) com a data 1589, que encontrámos na collecção do Sr. Conde do Ameal, é ou não da epoca de que está datado.

Hoje, duvidamos de que seja portuguez, mais do que da verdade dos algarismos. Os canudos com a fórma de bôjo repetido na bocca e na

base, acabando em gume (g. 15), descendem, em geral, das peças hispano-arabes.[1]

Póde tratar-se de uma peça bem conservada, de uma imitação feita em Hespanha, ou, em ultima analyse, de um producto portuguez. Em todo o caso, seria bom indagar a maneira como ella foi ter a casa do Sr. Conde do Ameal; por este meio, talvez se podesse chegar a resultado satisfatorio.

A prevenção contra as falsificações da ceramica antiga hespanhola, e mesmo de alguns especimens da nossa velha faiança, não é inutil nem desarrazoada. No paiz vizinho, contrafaccionam-se a faiança com os reflexos metallicos; os produ ctos da fabricação antiga de Talavera de la Reina, os azulejos hispano-ara bes, etc.

Reiteramos a nossa venia para com o Sr. Gonçal ves, a quem, demais a mais, devemos, não só amizade, senão tambem muitos esclarecimentos com respeito ao fabrico ceramico de Coimbra; mas, n'este ca so, é preciso pensar alto, emittir franca mente a nossa opinião, mesmo para sermos castigados, quando ella fôr me nos accertada.

Antes de ence tarmos o periodo de que vamos tratar, citaremos mais uma vez a peça perten cente ao Sr. Gonçalves, datada de 1558, e os fragmentos congeneres, que denun ciam não se tratar de uma producção passageira.

Effectivamen te, como o seu possuidor lembra, esta peça deve ter sido feita com fim deter minado, pela riqueza da ornamen tação relevada, e, ainda, quanto a nós, pela insistencia da era, tres vezes evidenciada.

G. 118 — Principio do sec. XIX — Coimbra — CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. [illegible] — *Museu do Instituto* — Coimbra.

Além da alludida e bem fundada hypothese, não nos custa crer que o fabrico d'este genero de vasilhas fosse destinado a alguma especialidade de doce, que, ao tempo, qualquer dos conventos de religiosas fabricasse com primor.

Mas será a esplendida *coupe* producto de Coimbra? Talvez não — pelas razões que vamos apontar.

A peça foi encontrada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, n'um

[1] Peças de ornamentação imbricada, reflexo metallico — Museu Archeologico de Madrid.

local privado das attenções da communidade. Portadora de alguma especial gulodice, confeccionada por mãos delicadas de pessoa que, ao mesmo tempo, quiz relembrar a data que os algarismos referem, foi naturalmente alli escondida pelo destinatario.

Não iria a offerenda de algum convento de Aveiro para Santa Cruz, mimo que se repetiu antes ou depois de 1558, como fazem suppôr os fragmentos recatados com a peça rica no mesmo local?

G. 119 — Principio do sec. XIX — Coimbra — TRAVESSA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Dimensões, 0,40×0,29 — *Museu do Instituto* — Coimbra.

Aveiro possuiu, entre os seus artistas, esculptores, que trabalharam no barro bellas imagens, baixos-relevos e outras peças ornamentadas com muito esmero, cuja tradição chegou até ao fim do seculo XVIII.

De 167... é o trabalho que reproduzimos na gravura 178, assignado por um esculptor-barrista de Aveiro, José Dias dos Santos, e cujo barro é perfeitamente identico ao da peça em questão. E' uma simples hypothese, que, todavia, nos parece plausivel.

G. 120 — Principio do sec. XIX — Coimbra — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,23; de asa a asa 0,30 — *Museu do Instituto* — Coimbra.

Occupemo-nos agora das fabricas, productos e nomes dos oleiros comprovadamente conimbricenses ou ligados intimamente ao movimento ceramico da patria do grande Brioso.

A partir do fim do seculo XVII até ao primeiro terço do seculo XIX, a ceramica em Coimbra affirma

uma elaboração exuberante, que, além de possuir um typo que, pouco a pouco, vem a tornar-se inconfundivel, tem, nos seus esmaltes e no tom das suas decorações, o que quer que seja de suavidade, que se coaduna com o aspecto da poetica cidade do Mondego.

Ao fim daquelle seculo pertencem as faianças com ornamentação a tinta azul — algumas vezes com retoques a côr de castanha arroxado — sob esmalte branco e melado.

Aos productos com este caracter, typo entre os de Lisboa e Prado, seguem-se outros com as mesmas côres, mas de differente esmalte — anilado — que têem como caracteristica, quando decorados com paisagens, o ser esponjada a folhagem das arvores e arbustos.

G. 121 — 1830 — Coimbra — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,34 ½ — *Museu do Instituto* — Coimbra

Brioso é sem duvida o continuador d'esta maneira de ornamentar, pois que as suas peças têem filetes e cercaduras de uma semelhança incontestavel com os d'aquelles.

Citaremos, por ordem chronologica, segundo a nossa maneira de vêr, os productos que nos encaminham até Brioso, ainda que, sobre o primeiro que vamos descrever, a nossa opinião vacilla, na procedencia, entre Coimbra e Prado.

Prato *godronné,* decorado a azul com retoques côr de castanha arroxado, sob esmalte branco sujo, tendo ao centro o brazão dos Silvas. Diam. 0,33. Marcado em relevo: *Agostinho de Paiva, 1691.* (M. 13). [1]

O Sr. Gonçalves allude a esta peça por indicação do nosso commum amigo e distincto critico de arte, o Sr. Antonio Arroyo, e apresenta a hypothese de ella pertencer a um oleiro do mesmo nome — nome que o Sr. Co-

[1] Este prato pertence á collecção do Sr. Moreira Cabral, que vimos na sua casa do Porto, pela primeira vez, ha doze annos, quando tivemos o prazer de lhe ser apresentados pelo intelligente collecionador A. Rego, já fallecido.

nego Prudencio Garcia, erudito investigador, descobriu no cartorio da Sé de Coimbra, juntamente com o de Manuel da Silva, pintor de azulejos.

A estes oleiro e pintor pertencem os azulejos que forravam o claustro e escadaria da velha cathedral, obra que, segundo o documento citado pelo Sr. Gonçalves [1] e encontrado pelo Sr. Conego P. Garcia, foi feita entre os annos de 1720 e 1724.

Depois d'esta phase de fabrico, possuimos uma garrafa decorada com as mesmas côres indicadas (g. 114), que deve ligar-se ao periodo transitorio que vae do prato do Sr. Cabral ás faianças do ceramista Brioso.

Esta peça, que attribuimos a Coimbra, tem, dentro do frete, a seguinte inscripção: — *Carvalho A 26 de Mayo 1768 Foi Pintada.* (M. 83).

O Sr. Gonçalves, a cuja apreciação submettemos este exemplar, não só foi da nossa opinião, como a attribuiu ao auctor de uma *cartouche* de azulejos do claustro do convento de Semide, com as côres do fabrico de Brioso e estes dizeres: — *No ano de 1784 fez Souza Carvalho.* (M. 601).

Mas, desde 1699 — data dos azulejos da capella de Nossa Senhora na egreja do Salvador — até 1784 — data dos azulejos do claustro de Semide — quantos se não encontram a documentar a expansão productora da faiança em Coimbra!

D'aquella data até ao periodo aureo de Brioso, e mesmo depois d'este habil artista, quantos azulejos de desenho padrão e registos, revestindo casas religiosas, ou quebrando a monotonia de algumas fachadas de architectura civil, não estão ainda bem visiveis por esta região!

O Sr. Gonçalves cita no seu trabalho, afóra os sem designação alguguma, azulejos datados pela seguinte ordem: — 1699, 1713, 1714, 1728, 1738, 1747, 1749, 1750, 1751 e 1772, nos quaes encontra grande analogia, na pintura e no fabrico, com a producção de Brioso.

D'este ceramista, a peça mais antiga, assignada, conhecida até hoje, é uma esplendida travessa com a borda decorada em relevo branco, contornado a castanho arroxado, sob esmalte azulado, tendo no fundo uma caçada a côres. No lado exterior, marmoreado a castanho, lê-se: — *Brioso 1779.* (G. 112; m. 71).

O Museu do Instituto apresenta já hoje, entre as duas collecções alli em deposito, uma serie de vinte peças, collecções que, devido á amabilidade dos seus possuidores, estudámos por mais d'uma vez.

Outra peça que se impõe, do mesmo auctor, é um pequeno prato, fórma *godronnée,* de ornatos a branco, em relevo (esmalte sobre esmalte),

[1] *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra.*

sobre fundo azulado, tendo ao centro uma paizagem a castanho arroxado, delicadamente pintada. No reverso, as iniciaes: — *C. B.* Diam. 0^{m},22. (G. 116; m. 86).

Possuimos duas peças sem marca, que não temos duvida em affirmar serem de Brioso, uma das quaes reproduzimos. (G. 115).

Ainda reproduzimos (g. 113) outro exemplar, um busto-relicario, da collecção do Museu do Instituto, decorado a azul e castanho avinhado, cuja semelhança com a peça representada pela gravura 114, que já citámos, é evidente.

Attribuiram-se por muito tempo a Vandelli as faianças de Brioso, sem base alguma que justificasse tal attribuição, o que, de resto, é costume fazer-se entre nós.

Sempre que apparece um producto de arte ou industria, cuja proveniencia se desconhece, não se hesita e, antes de qualquer investigação sobre o seu auctor, entrega-se de mão beijada seja a quem fôr, menos a um portuguez!

O Dr. Domingos Vandelli enceta os seus trabalhos sobre a ceramica, em Portugal, cinco annos depois da data em que Brioso assignou uma das suas melhores peças conhecidas, a travessa que descrevemos.

É certo que o distincto chimico italiano melhorou muito a parte technica da ceramica, na fabrica do Rocio de Santa Clara em Coimbra, que fundou, e, mais tarde, na do Porto, que dirigiu (Cavaquinho).

Para esse fim, o Estado dispensa ao Dr. Vandelli prerogativas e isenções, que jámais havia concedido a fabricantes da especialidade.

Accurcio das Neves, que não soube julgar devidamente o que cabe, sobre a ceramica, a este homem de sciencia, como se deduz dos seus exagerados elogios, diz em 1827:

«O Doutor Domingos Vandelli, natural de Padua, cujo nome deve ter hum lugar mui distincto na historia dos nossos estabelecimentos literarios, e de industria, pelos muitos e mui importantes, que creou, erigiu huma (fabrica) em Coimbra no anno de 1784, na qual se fabricava a *melhor faiança que temos tido,* a que o mesmo erector ajuntou a manufactura de cadinhos, e mais vasos proprios para laboratorios chimicos.

«Concederão-se a esta fabrica as graças, e isenções do costume, e ampliadas depois pelo Alvará de 7 de Fevereiro de 1787, com o privilegio exclusivo para as provincias da Beira e Minho, com a faculdade de escavar os materiaes, que lhe fossem necessarios, em qualquer sitio onde existissem...».

As louças de Vandelli nada vieram a ter de commum com as do nosso ceramista. Nunca chegaram á belleza de fórmas e á perfeição decorativa que o artista Brioso soube imprimir nos seus productos.

Além das qualidades apontadas, estas faianças differençam-se das d'aquelle technico pelo anilado da vidração, que algumas vezes vae quasi ao valor de meia-tinta, e que, nas peças sómente decoradas a azul, attinge quasi a classificação franceza de *ton sur ton*.

Os esmaltes de Vandelli em Coimbra differem d'aquelles pela côr lactea e por serem de mais perfeita homogeneidade. O castanho avinhado que decora as peças do professor italiano é mais intenso do que o empregado por Brioso.

Successivos grupos de tres pintas que apparecem a fazer parte das cercaduras e ás quaes os technicos conimbricenses dão o nome de *moscas*, são tambem elementos caracteristicos dos productos de Vandelli (vide gravura decorativa n.º 6).

A terrina que reproduzimos pela gravura 120 é attribuida a Vandelli pelo Sr. Gonçalves.

É ornamentada a cinco côres, — azul, verde, vermelho, amarello e côr de vinho, — sob esmalte branco, e marcada com um *V* em relevo (m. 506). Attribue-se a Vandelli a marca *R* em relevo (m. 374).

Aos continuadores de Vandelli é attribuida a travessa, decoração polychroma sob esmalte branco, representada na gravura 119.

Uma das melhores peças expostas no Museu do Instituto é uma caneca, que deve ter sido pintada por Domingos Brandão, o decorador da travessa de que acabamos de fallar. Embora de desenho mais largo e menos cuidado, tem pontos de affinidade, na maneira de pintar e de matizar as côres, com a pintura da soberba peça.

Possuimos duas terrinas que parecem marcar um periodo de factura entre a caneca e a alludida travessa. São de pintura um tudo-nada menos delicada, com as flores um pouco maiores do que as que decoram a primeira d'aquellas peças e mais pequenas que as da segunda.

O esmalte e até a pasta — tanto quanto se póde avaliar — corroboram a nossa conjectura. [1]

Com asa e tampa, tendo esta como péga um cão, a caneca de que tratamos é exemplar que cremos ter sido fabricado e decorado com especial attenção, peça unica, ao passo que a travessa é quasi certo ter feito parte de apparelho a que o artista não procurou dar toda a perfeição que era capaz de attingir.

Emfim, a caneca é um producto superior, como olaria, como pintura e como esmalte. (G. 118).

D'esta mesma escola de pintores ceramistas, o ultimo, que ainda ha

[1] No Museu das Janellas Verdes ha uma caneca do mesmo typo.

cinco annos podia dar noticias do derradeiro periodo aureo da olaria coimbrã, é já fallecido.

Chamava-se Antonio José Gonçalves Neves; nasceu em Coimbra no anno de 1819 e começou a pintar louça quando apenas contava dez annos de edade.

A este habil pintor pertence um prato de faiança de ornamentação polychroma sob esmalte branco, que a gravura 121 reproduz.

Devemos esta interessante noticia ao Sr. Antonio Augusto Gonçalves, filho d'aquelle extincto artista, que exerceu por muitos annos a delicada arte, em que era mestre, em mais d'uma fabrica da sua terra natal.

O movimento ceramico em Coimbra bem attrahente deveria então ser, a julgar pela parte artistica que nos legou, e por ella se vê quanto estava longe da decadencia a que tem chegado.

O motivo não o attribuimos ao meio.

Coimbra tem sido sempre um centro de arte mais ou menos desenvolvido, e, guardadas as devidas proporções, é talvez hoje o primeiro do paiz.

O motivo está na esmagadora concorrencia estrangeira, com a louça feita por processos absolutamente mechanicos, que fizeram pôr de lado toda a arte que lhe era applicada.

Para defesa propria, as modernas fabricas de Coimbra tiveram que recorrer aos mesmos processos.

O Sr. Gonçalves, que temos citado, artista de elevado saber, professor de arte applicada na Escola industrial «Brotero» e na «Escola livre das artes do desenho», senhor de toda a technica da ceramica, teve ideia de dar novo impulso á olaria coimbrã e assim obstar á decadencia a que havia chegado a louça artistica n'esta região, fundando, em 1888, por sua conta, uma fabrica de faianças, cuja laboração dirigiu por espaço d'um anno.

A essa ephemera manufactura referem-se os apontamentos que se seguem e que, a rogos da nossa parte, nos enviou o Sr. Gonçalves:

«Quanto á minha empresa ceramica, a fabrica começou em principios, e acabou em fins, de 1888. Não chegou, sob a minha immediata direcção, a completar um anno.

«Por coincidencia, estabeleci-a no mesmo local—Rocio de Santa Clara—e na mesma casa, onde existiu a fabrica Vandelli e seus successores, e que, a este tempo, estava abandonada desde muitos annos.

«A minha fabrica durou pouco, porque era impossivel resistir á hostilidade tenaz dos meus *collegas,* que por todos os modos me guerrearam e prejudicaram...

«O meu fabrico não tem marca; e as peças melhores são raras. Ha tempos, pagava generosamente dois pratos e não os obtive.

«A fabrica, transferi-a a outro empresario, que durante algum tempo a explorou a seu modo, imitando mal os meus productos. É claro que nada tenho com essas grosseiras imitações».

Além do esplendido exemplar de Brioso a que nos referimos, peças vidradas, com datas anteriores á do insigne oleiro conimbricense, só conhecemos a garrafa — 1768 — de que fallámos, e um tinteiro que pertence á Academia Real das Sciencias e tem a data de 1776.

Conclue-se, de uma das inscripções que se lêem na peça, que esta foi fabricada em Coimbra, com destino á mina de carvão do Cabo Mondego, poço 2.

É de forma irregular, esmalte translucido sobre barro amarello, de rudimentar ornamentação, — riscos e *acasos* a castanho escuro e a amarello torrado.

O seu aspecto dá a impressão de tentativa inicial de producção similar, comquanto assim não seja.

A data que, exteriormente, acompanha a palavra *Coimbra,* repete-se pela parte interior do tinteiro, tendo mais tres indicações dispersas pelo exterior, que reproduzimos respectivamente no nosso diccionario (n.^s 98, 321, 356, 357 e 599).

Actualmente, trabalham em Coimbra quatorze fabricas de louça, com um total de 200 operarios approximadamente (mulheres e homens), sete de faiança e sete de productos de barro vermelho.

Produzem louças de serviço commum, com relativo desenvolvimento, e material para edificações.

Dentro do districto, ainda conservam as antigas fórmas de algumas peças, como são as elegantes cantaras e pucaros de barro vermelho, e d'este mesmo material é interessante a quantidade de pequenos objectos, cheios de caracter e galantaria, que apparecem nos mercados e na romaria do Espirito Santo, manufacturados, em parte, pelos oleiros de Miranda do Corvo.

Quanto a louça vidrada, apenas uma ou outra peça de esmalte estanifero, que a tradição não deixou extinguir. De resto, é tudo louça de commercio que as exigencias de ha meio seculo a esta parte impelliram para semelhante fabrico.

Do numero de fabricas a que acima alludimos, ainda algumas são conhecidas como fazendo parte das que Coimbra contava no brilhante periodo do seculo XVIII.

Antes de dar a relação das fabricas contemporaneas que conseguimos

apurar, vejamos a que nos forneceu Accurcio das Neves (em 1813)[1], da geração anterior:

Manuel Caetano de Moura — Progressiva. Louça entre-fina.
José Antonio Belico — Estacionaria. Da mesma. (Sitio das Lages).
José Fortunato de Almeida — Progressiva. Louça branca.
Manuel José de Abreu — Progressiva.
Rita Ramos — Estacionaria. Da mesma.
Dyonisio Salvador — Estacionaria.
Manuel Barbas — Estacionaria.
Manuel Joaquim Pessoa — Estacionaria.
Rita Maria de Jesus — Decadente. Da mesma.
João das Neves — Decadente. De louça vermelha.
Antonio de Oliveira — Decadente.
Maria da Conceição — Decadente.
Manuel da Silveira — Decadente.
José da Conceição — Decadente.

MOVIMENTO ACTUAL[2]

1700-1870 — Leonardo Antonio da Veiga — R. da Louça. Louça branca.

1700-1882 — José Cardoso de Figueiredo — R. da Magdalena. Louça branca.

1800-1889 — José Augusto da Fonseca & Filho — Retiro das Lages. Louça branca.

1810-1873 — José Antonio dos Santos — R. da Moeda. Louça branca.

1810-1867 — João Augusto da Fonseca — R. de João Cabreiro. Louça branca.

1820-1870 — Leonardo Antonio da Veiga — R. de Simão de Evora. Louça branca.

1820-1887 — Virgilio Marão Pessoa — Terreiro de Santo Antonio. Louça branca.

1835-1887 — Antonio Gonçalves de Campos — R. da Moeda. Louça vermelha.

1840-1867 — Adriano Augusto Pessoa — Terreiro de Santo Antonio. Louça vermelha.

[1] *Variedades*..., pag. 100.

[2] As datas mais antigas nem sempre corresponderão ás primitivas fundações. São, porém, as mais remotas que as notas, que presentemente obtivemos, attingem. As mais modernas marcam a posse dos ultimos proprietarios.

1845-1903 — Adelino da Cunha Moura — R. Direita. Louça vermelha.
1863-1875 — João Antonio da Cunha — Largo das Olarias. Louça vermelha.
1890 — Adriano Augusto Pessoa — R. da Moeda. Louça vermelha.
1898 — Cardoso de Ladeiro — R. de João Cabreiro. Louça vermelha.
1899 — Serrano da Fonseca — Estrada da Beira. Louça vermelha.

Em volta de Coimbra e pertencentes a este districto, ha algumas fabricas de louça vermelha e preta, de menor importancia, sitas em Miranda do Corvo, Candosa, Cegonheira, Figueira da Foz, Alfarellos e Soure. D'esta ultima localidade, temos noticia dos seguintes nomes, que representam outras tantas olarias:

Antonio Gonçalves, Manuel Dias Lourenço, Manuel Gonçalves e Manuel Gomes Marcello.

CAPITULO IV

Caldas da Rainha Juncal Alcobaça

PRODUCÇÃO ceramica das Caldas da Rainha remonta a data muito anterior ao seculo XV, mas não ha noticia alguma documentada, que nos conste, antes d'este seculo.

Como resultado das nossas investigações, apenas pudemos colher n'esta villa, e isso mesmo sem data certa, as noticias que adiante offerecemos.

É natural que esta industria, no seu principio, tivesse acanhado desenvolvimento, devido, como é de crer, ás pequenas installações onde se produzia, visto que todo o pessoal, com raras excepções, se compunha, em cada uma das resumidas fabricas, apenas d'uma familia, que da sua propria habitação fazia as officinas.

Teria, portanto,o vasilhame das Caldas, além do encanto da fórma popular, o sentimento que só podem possuir os productos das industrias caseiras.

O cuidado com que os artifices tratavam os differentes artefactos no seu acabamento, era previsto na escolha dos barros e na qualidade das aguas, de modo que esses artefactos tinham um aspecto saudavel, como filhos de paes robustos e sadios, tendo, ao mesmo tempo, um sabor de originalidade, devido ao concentrado meio em que eram creados, embora o estylo da epoca lhes desse uniformidade nas linhas geraes.

Na ornamentação, ainda mais se faz sentir a influencia do isolamento, e assim se explica que o oleiro trouxesse ao mercado caprichosas peças, mesclando o grotesco com bellas composições, cheias, a um tempo, de inspiração e ingenuidade!

Ha vinte annos, approximadamente, quando se procedia á construcção dos cavoucos para uma casa na Travessa da Cova da Onça, appareceram muitos fragmentos de louça vidrada, trempes e outros vestigios da olaria, perto do alicerce de um forno de cozer faiança.

Da fabrica assim denunciada, não havia memoria, como nos foi dito pelo mais antigo fabricante da localidade, o velho Mafra.

Documentos palpaveis e de attribuição provavel escasseiam; e os que lográmos ver até agora são, por ordem chronologica, tão rigorosa quanto possivel, os seguintes:

Duas bilhas de barro vermelho, com decoração relevada.

São attribuidas pelo Sr. J. de Vasconcellos ao reinado de D. João II. (G.s 4 e 5). [1] Pertencem ao nosso amigo Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, e são eguaes ás que, em tempo, o Sr. Vasconcellos encontrou n'uma das dependencias do convento da Madre de Deus, e que este erudito escriptor descobriu e mais tarde nos descreveu.

G. 122 — Epoca ? — Caldas da Rainha — PRATO DE FAIANÇA: decoração — relevo e polychroma — Dim. 0,31 × 0,20 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Eram em quantidade, não só de barro vermelho, mas vidradas, o esmalte nas côres verde, azul e rebuçado.

Como se sabe, foi a rainha D. Leonor, mulher d'aquelle monarcha, quem instituiu o hospital das Caldas da Rainha. A attenção que lhe mereceram as thermas, que depois tornaram a villa tão conhecida, fez que a

[1] As bilhas de segredo, como a representada pela gravura 5, datam, em Portugal, pelo menos, do reinado de D. João II. Foram, diz M. Papillon, conservador do Museu de Sèvres, durante muito tempo, em França, o exame para os oleiros passarem de officiaes a mestres. Entre nós tambem eram da praxe estes exames.

rainha visitasse assiduamente a pittoresca povoação e se occupasse dos interesses locaes, e d'ahi resultaram naturalmente os fornecimentos de louça para este hospital e para o convento da Madre de Deus, justificação das peças a que alludimos e que ainda em 187... existiam alli, no convento que a mulher do *Principe Perfeito* escolheu para sua propria sepultura.

D'aquella época (seculo XV) em diante, succederam-se muitas gerações, que sem duvida continuaram a industria oleira caldense, mas de cuja actividade se não encontram infelizmente, documentos anteriores ao seculo XIX, que façam absoluta fé [1], a não ser que se prove que as peças a que vamos referir-nos, pertencem effectivamente á época do estylo que representam.

Uma d'ellas é um prato oval, com ornamentação em relevo e com toda a gamma do fabrico das Caldas. (G. 122)

G. 123 — 1853 — Caldas da Rainha — CASTIÇAES DE FAIANÇA, esmalte côr de rebuçado — Alt 0,15 e 0,13 — *Collecção do sr. M. G. Bordallo Pinheiro* Caldas da Rainha.

Este prato, que attribuimos ao seculo XVI, pelo estylo do ornato que decora a aba, grupo de figuras que cobre o fundo, conjuncto, etc., é moldado em barro, com toda a apparencia do de Leiria.

Não attestam menos a nossa presumpção a polychromia e o caracteristico esmalte, melado e transparente, a que os annos deram reflexo metallico, symptoma não menos para attender; mas o que sobretudo é frisante e mais authenticidade imprime n'esta peça, é o grupo a que alludimos, e que se compõe de nove figuras: — Henrique IV, rei de França (figura

[1] É de suppor que, entre as peças da Madre de Deus, houvesse exemplares da mesma procedencia, posteriores ao reinado de D. João II.

principal), familia e dignitarios da côrte, em cujos trajos, e até no pequeno detalhe que pende sobre o peito do rei, a insignia da ordem do *Saint-Esprit*, creada em França em 1578, em que não se esqueceu sequer a côr, tudo é observado com um rigor, que, salvas raras excepções, decerto escaparia a um ceramista posterior á Renascença! Se não tivessemos dormido sobre a primeira impressão, diriamos estar em presença de uma faiança de Bernardo Palissy, precursor, segundo opiniões muito respeitaveis, das faianças das Caldas da Rainha.

Gr. 124 — 1875 — Caldas da Rainha — TALHA DE FAIANÇA decoração relevo e polychroma. Alt. 0,43 — *Pertence ao sr. conde de Mesquita* — Lisboa.

Em todo o caso, a nossa attribuição carece de certeza, que não podemos dar, e que egualmente não deram a boa critica e o saber de J. de Vasconcellos e de Raphael Bordallo Pinheiro, a quem submettemos o prato em questão,[1] que bem póde ser alguma reproducção das Caldas, muito posterior áquella data.

A outra peça é uma rolha de barro vermelho, na qual se vê uma mascara modelada com a paleta; a moda do penteado e o estylo da gargantilha indicam o ultimo terço do seculo XVII.

Esta simples peça, tambem da nossa collecção, e que foi encontrada n'umas escavações perto dos Oiteiros, parece-nos de barro d'esta localidade, ligado com outro menos rijo, e affirma que a olaria caldense, n'aquelle seculo, tinha vida, e era tratada artisticamente.

Do seculo XVII data egualmente uma medalha circular, feita no pinhal de Obidos, que representa a Sagrada Familia e que attribuimos á pintora Josepha de Ayalla, — mais conhecida por Josepha de Obidos. A esta interessante peça nos referiremos ainda, quando, em capitulo especial, tratarmos da esculptura ceramica.

A partir do primeiro terço do seculo passado, já poderemos seguir, sem

[1] Em Sèvres e no Petit Palais (collecção Dutuit) ha d'estes pratos attribuidos a discipulos e continuadores de Palissy.

interrupção de importancia, até á actualidade o movimento ceramico das Caldas da Rainha, patria de oleiros, solo essencialmente argilloso, não só dentro da villa, como n'alguns pontos que a rodeiam.

O Beneficiado Malhão [1] insere n'um sermão em que se fez ouvir n'uma das egrejas de Obidos, por 1830, a seguinte phrase, que, com perdão da sua memoria, nos parece ter levado *agua no bico,* como se costuma dizer: «Terra sem terra, casas sem gente», etc. O grande prégador allude, nas tres primeiras palavras da sua conceituosa phrase, a ter sómente barro, e não terra, o solo das Caldas.

Tal allusão dá bem conta de quanto elle é argilloso.

Os barros utilisados eram, e são ainda hoje, os dos Oiteiros, Aguas Santas, Gaieiras e Leiria, alem dos da propria villa, de terrenos annexos a algumas das fabricas, quasi sempre ligados entre si, em differentes dosagens.

G. 125 — 1866 — Caldas da Rainha — TAÇA DE FAIANÇA: decoração relevo e polychroma — Dim. Alt. 0,88 × 0,54 — *Collecção do sr. Luiz Fernandes* — Lisboa.

Exceptuado o de Leiria, estes barreiros estão, em media, a 2 kilometros das Caldas e são assim conhecidos pelos profissionaes: Oiteiros — barro preto (vermelho-arroxado); Aguas Santas — barro branco (hoje quasi esgotado); Gaieiras — barro vermelho; Leiria — barro branco, muito usado para misturar com os nativos da região das Caldas.

É preciso dizer que, com poucas excepções, os productos das Caldas foram já, em geral, mais consistentes do que são presentemente, devido ao abuso do barro de Leiria, que, de todos que citámos, é o mais fragil. Seria proveitoso um estudo especial sobre as argillas locaes, para se evitar tão fundamental inconveniente.

A dynastia dos actuaes oleiros das Caldas da Rainha começa em *D. Maria dos Cacos,* de quem, vivos ainda, dão noticias directas, — se é

[1] Malhão nasceu em Obidos em [illegible] e morreu em 1860.

que um tal José Camillo, citado como seu contemporaneo, se lhe não antecipou na mesma industria, como se conclue d'algumas versões.

Não sabemos se o tratamento de *dom* lhe foi dado por ironia, ou se effectivamente esse titulo lhe pertencia de direito; sim ou não, o que é certo é que, se o *dom* vae sempre bem com o nome de Maria, não póde articular peor que com o de *Maria dos Cacos!*

Seja como fôr, respeitemos a tradição, e com *dom* trataremos da Maria dos Cacos e, sobretudo, dos *cacos* da D. Maria — que é o que mais nos interessa.

O que parece certo, é que a D. Maria dos Cacos já fazia louça em 1820, fabrico que durou até 1853, como adiante se verá, pois ainda ha pouco vivia quem lhe tomou de trespasse a fabrica, material e louça em ser: — Gomes Mafra.

G. 126 — 1884 — Caldas da Rainha — PRATO DE FAIANÇA: decoração — relevo e polychroma — Diam. 0.21 [illegible]; — *Collecção do sr. M. G. Bordallo Pinheiro* — Caldas da Rainha.

Esta faiança é caracterisada pelo excessivo peso e rigidez da pasta, symptomas que denunciam o barro dos Oiteiros, esmalte bem conservado (não retalhado), e ausencia de polychromia, pois que os differentes artefactos só variam de côr de peça para peça.

As côres não vão além do castanho, escuro e claro, verde, e azul mais ou menos intenso.

São d'esta fabrica os tres exemplares reproduzidos na gravura 123 e que pertencem á collecção do nosso amigo Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro: dois castiçaes (homem tocando guitarra, vestido á europea, e africano tocando o mesmo instrumento), com bases rectangulares, de tres degraus. Esta ultima peça tem a data de 1853. A terceira, — mulher gravida, — é uma figura do mesmo typo de fabricação.

Outra peça da mesma proveniencia e collecção — terrina em fórma de peixe — é attribuida a um oleiro da D. Maria dos Cacos, chamado Galrão, com fama de bom rodeiro e que, dizem, trabalhava ainda em 1860.

Outras figuras, que não primam como esculptura, — o homem a cavallo na pipa com a classica torneira de estanho, a mulher da guitarra (garrafa), assim como algumas fórmas do vasilhame popular, de serviço

commum, — são exemplares que a fabrica da D. Maria dos Cacos produziu em perto de meio seculo de laboração ininterrupta.

Tem as Caldas da Rainha, presentemente, quatorze fabricas de faiança, que occupam um pessoal de trezentos operarios, homens, mulheres e creanças.

G. 127 — 1896 a 1899 — Succursal Campolide, Lisboa — COFRE, BARRO BRANCO envacotado; decoração relevada — Alt. 0,19, comp. 0,34, fundo 0,12 — *Nossa collecção* — Lisboa

Manuel Cypriano Gomes Mafra, que ha pouco falleceu, era o decano de esta numerosa familia de ceramistas; teve o seu tempo aureo, e os seus productos do primeiro e segundo periodo já se vão tornando estimados e pouco vulgares.

Tomou este fabricante a D. Maria dos Cacos a fabrica e utensilios, em 1853. Volvidos 34 annos de trabalho activo, Mafra passou a seu filho, Eduardo Augusto Mafra, a fabrica e todo o material (1887); mas este, segundo a opinião de seu pae, tinha mais geito para passear do que para trabalhar, e passou a fabrica, com o que continha, a Augusto Baptista de Carvalho, que, por seu turno, a passou a Pereira de Sousa, que não chegou a produzir.

G. 128 — 1892 — Caldas da Rainha — JARRA, TERRACOTA; decoração: esmaltes, differentes côres e ouro — Alt. 0,15 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Em 1897, tornou o velho Mafra a montar a fabrica, sem um unico objecto das suas antigas officinas; mas este ultimo periodo não foi brilhante. Raras vezes dá bom resultado voltar a um modo de vida que se abandonou por largo tempo, e muito peor quando essa vida demanda actividade como a que exige a direcção d'uma fabrica de louça, e Mafra contava já 72 annos!

A nosso ver, nenhum ceramista até Bordallo Pinheiro fez mais e produziu tão bem, quer na parte material, quer na parte artistica e na qualidade dos esmaltes.

As peças uteis, as jarras e centros decorativos, os animaes, os peixes, os reptis, as garrafas, as bilhas de segredo, os pratos, os cestos de verguinha, em cuja factura as irmãs de Mafra eram eximias — sobretudo Luiza Mafra, — a mulher da guitarra, o touro da guizeira, as peças de caça, o coelho, a lebre, a perdiz, etc., e tantos outros productos que se recommendam pela simplicidade, côr e parte vitrea, e que Mafra fez acreditar em todos os mercados do paiz e n'alguns do estrangeiro, sobretudo em Inglaterra, justificam a nossa opinião ácerca d'este artista, que, attendendo ao meio da sua época, fez muito mais do que se lhe podia exigir.

El-Rei D. Fernando animou-o muito, e, n'uma das suas visitas ás Caldas, fez-lhe a mercê de usar o titulo de fornecedor da Casa Real.

Das muitas encommendas que este monarcha fez ao velho Mafra, resultaram as collecções d'este genero de louça que o Rei Artista possuia no Paço das Necessidades e no Castello da Pena, em Cintra, onde hoje se encontram ainda, tendo a mais a inimitavel *patine* dos annos, que torna as faianças das Caldas mais interessantes ainda. Foi depois da real visita que Mafra começou a marcar os seus productos com a corôa real, sobre a ancora que até então usava, dentro d'uma oval, com as quatro iniciaes dos seus nomes e appellidos. (M. 312).

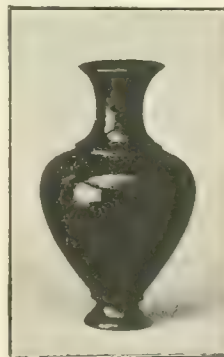
Diz-se que José Palha tambem influiu n'alguns melhoramentos que Mafra introduziu nas suas faianças, e até se dá como certo que foram as reproducções de Palissy, trazidas de Paris por aquelle amador, que concorreram para que o oleiro decorasse os pratos e outras peças com os motivos e no estylo de Palissy, conservando-lhes, porém, o caracter da olaria caldense. Reproduzimos na gravura 124 um d'estes especimens.

Depois de Mafra, ha a notar outras fabricas que têem dado productos de relativo merecimento, mas que em pouco excederam a maneira do velho mestre, até á revolução produzida por Bordallo Pinheiro, que teve os seus inicios em 1884. Eis os nomes dos seus proprietarios:

G. 126 — [illegible] — Caldas da Rainha — [illegible] METALLICO. Alt. 0,32 — Nossa collecção — Lisboa.

— 1855 —

Fabrica de faiança fundada por Antonio de Sousa Liso, que a dirigiu até 1860, anno em que passou para José Francisco de Sousa.

Em 1893, pertenceu esta mesma fabrica a J. F. de Sousa & Camara, e, tres annos depois, foi arrendada a Antonio Moreira da Camara.

Actualmente, pertence á firma J. F. de Sousa & Salvador de Sousa.

N. B. — Estes são os apontamentos que amavelmente nos forneceu o nosso amigo o Sr. Visconde de Sacavem (José). Os que nós colhemos nas Caldas, sobre esta fabrica, são os seguintes:

Antonio de Sousa Liso. — Fabrica de Louça fundada em 1865 na Rua do Jogo da Bola.

Esta fabrica pertenceu mais tarde a José Alves Cunha e, actualmente, a Angelo Marcellino Garcia.

G. 130 — 1905 — Caldas da Rainha — JARRA DE FAIANÇA: decoração — relevo e polychroma — Alt. 0,60 *Pertence ao Sr. Conde da Foz* — Torres Novas.

— 1860 —

José Francisco de Sousa — Fabrica de louça fundada em 1860. Faianças artisticas, material de construcção, etc. Deposito, Rua do Conselheiro João Franco. Séde do fabrico, Becco da Onça, 3 a 7. Premiada em differentes exposições.

Foi este fabricante que adquiriu as fôrmas e outros materiaes da extincta fabrica do Visconde de Sacavem (José), de que adiante nos ocupamos.

— 1875 —

Francisco Gomes d'Avellar. — Fabrica de faianças fundada em 1875. Acabou em 1897.

Teve este fabricante premios n'algumas exposições a que concorreu, e produziu as peças de verguinha com bom exito, pois teve para este fim na respectiva officina a Luiza Mafra, que acima citámos.

— 1876 —

João Coelho Cesar. — Fabrica fundada em 1876. Vende na Rua de D. Amelia, 15. Officinas, Rua dos Arneiros.

1884

Raphael Bordallo Pinheiro. — Fabrica de Fainças das Caldas da Rainha, fundada em 1884. Periodo da direcção d'este artista — 1884 a 1905.

Bordallo fez os seus primeiros estudos de côres applicadas á faiança na fabrica de Francisco Gomes d'Avellar, em 1884, sobre peças d'este fabricante, das quaes reproduzimos um prato (.g 126), que, além de ensaio de pintura, é, ao mesmo tempo, experiencia de modelação.

Tem em relevo, no fundo, um gato, animal que o incomparavel caricaturista tanto evidenciou nos seus jornaes, *Antonio Maria, Pontos nos ii* e *Parodia*, e uma haste com folhas, sobre fundo verde esmaltado. Na borda, os seguintes dizeres: — *Caldas da Rainha, 1884, R. Bordallo Pinheiro;* e, nas costas, dentro do frete: — *R. B. P.*, em monogramma sublinhado, seguindo-lhe — *12 Abril-84,* e, alem d'estas, a marca de Avellar gravada na pasta. (M.^s 163 e 422).

Esta peça, que Bordallo submette á elevada temperatura do fogo, é uma das suas primeiras tentativas e poucas mais conhecemos,—meia duzia talvez, que pertencem a sua familia, e um prato que, depois da morte do ceramista, nos foi offerecido por seu filho, Manuel Gustavo. Tem a borda decorada em relevo, azul, com moldura de tres cordões, que circumda o fundo, a verde, sobre o qual se vê um *janota* de chapeu alto, alto collarinho, rabona, calças estrelicadas, polainas e badine, que pousa sobre a haste d'uma florida alcachofra e offerece, estendendo o braço direito, um amor perfeito roxo e amarello. Tem, d'este mesmo lado, as iniciaes *R. B. P* e a data *1884* e, nas costas, dentro do frete, a marca de Avellar, e, a tinta azul, — *Raphael Bordallo Pinheiro — Maio 1884.* (M.^s 419, 420 e 421).

D'aqui parte o grande progresso das faianças das Caldas da Rainha.

Bordallo procede ás installações, monta officinas, edifica fornos, arborisa os terrenos annexos, colecciona aves e outros animaes, uma verdadeira *ménagerie,* explora a Lagoa d'Obidos, estuda e estylisa da região a flora e a pomona, e eil-o a trabalhar a ponto de não dormir, esperando o resultado d'uma fornada, esperando o resultado d'uma nova tentativa.

Bordallo não se cança, trabalha sempre; passam-se os dias, os mezes, os annos; a mesma labutação e sempre a mesma coragem! Pouco a pouco, os productos vão apparecendo, e, á maneira que se vão tornando notaveis, devido a si, pois que de si mesmo elle é mestre, vão, pouco a pouco tambem, apparecendo as difficuldades! Bordallo tinha que pagar o tributo que a mesquinha e azeda inveja jámais perdoou aos que provam d'antemão, pelo talento e pelo trabalho, poderem chegar á culminante gloria!

Então, tece-se a intriga, promovem-se descontentamentos entre os

operarios, *gréves,* uma fornada que um mal intencionado deseja fazer perder, e porquê? Porque Bordallo fazia mais do que estava feito e no, fim de tudo, era um intruso! D'aqui, os prejuizos, e, dos prejuizos, os sacrificios.

Bordallo Pinheiro não queimou a mobilia, como Bernardo Palissy, para aquecer o forno das experiencias, mas fez mais: queimou a propria vida!

No meio d'este turbilhão de complicações, em que toda a robustez e toda a coragem eram qualidades quasi impotentes para resolver as successivas crises, Bordallo fazia semanalmente e sem interrupção o seu jornal de caricaturas, cheio de *verve* e de frescura, em que nos despertava alegria e nos fazia rir, quando elle, intimamente, quem sabe se não chorava! E quantas vezes esses vintens por que fazia pagar o seu extraordinario espirito, não foram levados de Lisboa para as Caldas, para fazerem face ao sagrado pagamento d'uma feria!

Mas que importa a vida, quando se tem ideaes, mesmo que a realisação d'esses ideaes dependa da propria existencia? A quem trabalhou o barro e do barro tirou resultados, como tiraram Palissy e Bordallo Pinheiro, que importa queimar a mobilia ou queimar a vida, se o encanto d'uma bella peça de faiança, producto do seu proprio engenho, o compensa de todo o sacrificio?

Nós, simples espectadores, choramos a perda d'um artista como Raphael Bordallo Pinheiro; elle morre satisfeito, porque attingiu o seu ideal, porque illustrou a sua patria!

Urbano de Castro, espirituoso escriptor e poeta, dedicou a Bordallo os seguintes versos:

> Deus, d'um pouco de barro,
> Fez o homem, que é mortal!
> Bordallo é mais bizarro:
> Fez o barro immortal.

Mas, como diziamos, da influencia de Bordallo nas Caldas parte uma nova era de renascimento em toda a industria oleira. Cria novas fórmas, estylisa novos motivos e faz de rudes operarios artistas de merito.

Faz a caricatura na louça, symbolisa factos politicos em pequenas figuras, caracterisa os typos populares, dando-lhes vida e movimento. Em *terra-cotta* e sobre a mais exuberante polychromia, emprega o esmalte estanifero, obtendo o branco lacteo que até Raphael Bordallo se não fazia nas Caldas. Obtem ainda, entre outras côres, o difficil vermelho e o celebre azul de Sévres, desconhecidos na faiança das Caldas até então.

Modela a varina com expressão e porte encantadores, o peixeiro e o forcado, o sacristão, o padre de aldeia tomando a classica pitada, o fadista tocando e cantando á guitarra, a velha de capote e lenço, o policia, o

padeiro e muitos outros typos da rua, em que só elle sabia imprimir graça e vivacidade.

Como esculptor-barrista, Bordallo realisa, nas figuras da *via sacra* para as capellinhas do Bussaco, prodigios de expressão, de movimento e de primitiva e santa candura.

Giner de los Rios, distincto escriptor hespanhol, n'um livro sobre o nosso paiz, que tem por titulo *Portugal,* cita Bordallo Pinheiro d'esta exaltada maneira, referindo-se á figura do Christo:

«¡Bordallo Pinheiro haciendo santos!

«¡Y, sin embargo, qué santos! No recuerdo haber visto jamás una figura de Jesús tan plácida, tan tranquila y severa como la que ha repetido en los ocho pasos que lleva modelados. El reposo del justo, la majestad del que tiene conciencia de la alta misión que debe cumplir; la sencillez de la verdad sin aparato, de la majestad sin orgullo y del amor como impulso de la vida providencial; todo lo que el Jesús representa en su peregrinación redentora se lee en aquel semblante más viril que el dulzón y amanerado á que desde el siglo XVI nos tiene acostumbrados la pintura y escultura italianas, y más suave que el Jesús de los siglos góticos. Como si resucitara Mantegna y Massaccio, la expresión del Cristo de Bordallo recuerda la corrección de las tablas de Quintin Matssys». [1]

Giner, n'outras passagens da sua interessante chronica, trata do nosso artista, sempre com elogio e admiração.

As peças mais notaveis de que temos conhecimento são: como difficuldade, pelas grandes dimensões, pois não temos noticia d'outra peça de faiança artistica maior, rara como exemplar feito na roda e pela cozedura, a jarra Beethoven (alt. 1,^{m}80). Está no Rio de Janeiro e d'ella existe em Lisboa uma reducção, feita expressamente por Bordallo para o Sr. José Relvas.

Jarra manuelina, em tres corpos, alt. 2^{m}, que pertence a Sua Magestade El-Rei.

S. M. a Rainha D. Amelia possue, entre outras peças, uma das mais notaveis que o ceramista produziu: um pequeno moringue de superficie retalhada, tendo cada uma das irregulares divisões um tom diverso e, conjuntamente, o reflexo metallico. É, pela sua raridade, uma peça *sui generis.* Tudo é susceptivel de repetir-se: repetem-se as joias, os cristaes e até as porcelanas; mas o que é inimitavel é uma faiança como o moringue de

[1] Obr. cit. pag. 213 e 214.

S. M. a Rainha, quando o fogo collabora com um artista como Bordallo para o bom exito d'uma peça, como succedeu n'este caso.

A S. A. o Principe Real pertence uma peça figurando um chapeu Mazzantini, sobre o qual se representa uma tourada á portugueza, pequenas figuras em *terra-cotta*.

O Senhor Infante D. Manuel possue duas figuras, uma d'ellas *Margarida vae á fonte*, originaes, *terra-cotta*. Altura 0,^{m}20.

Para S. M. a Rainha D. Maria Pia, tambem Bordallo Pinheiro fez algumas peças originaes.

Grande perfumador esmaltado, filigrana applicada ao estylo manuelino. Pertence ao Sr. Conselheiro Julio de Vilhena.

Grande jarra ornamentada com folhas de platano verde *foncé*, esmaltada, tom sobre tom. Alt. 1,^{m} 50. Pertence ao Sr. Abrahão Levy.

S. Jorge a cavallo, lanceando um dragão; terça parte do tamanho natural; bello exemplar de faiança esmaltada. Pretence ao Sr. Jorge O'Neill.

O mesmo cavalleiro, mesmo santo. Retrato do Conde de Avilez, mandado fazer pela Condessa do mesmo titulo. Menos de metade do tamanho do anterior; polychromo e esmaltado.

Centro de mesa. Duas figuras a branco sustentam uma concha, em volta d'um pé composto de quatro golfinhos. Exceptuadas as figuras, toda a peça é polychroma e esmaltada. Data — 1896. Alt. 0,^{m} 50. Pertence á Sr. D. Maria Palha Wanzeller.

Taça decorada com sereias, tritões e dragões, que circumdam uma concha e cujas caudas enroscadas formam um tripé, tendo por base o mar picado, que uma moldura oval não deixa transbordar. D'uma polychromia bem matizada e fundida, d'uma habil modelação, d'uma composição graciosa e leve e d'um magnifico esmalte, esta peça deve ser collocada entre as mais bellas que Bordallo creou.

Na moldura que citamos encontra-se gravado o nome — *Raphael Bordallo Pinheiro* e a data — *1896*. Maior dimensão na parte superior: 0,^{m} 54; alt. 0,^{m} 38; base 0,^{m} 42 × 0,^{m} 29. (G. 125).

Pertence ao Sr. Luiz Fernandes.

Placa de faiança polychroma, estylo renascença, friso para um fogão do mesmo estylo. Esta peça, que se recommenda pela boa modelação do baixo-relevo, pelas dimensões excepcionaes e pelo esmalte, representa, com as duas mais pequenas correspondentes, as faces lateraes do fogão, um dos melhores trabalhos do artista. Pertence ao Sr. Michel'Angelo Lambertini.[1]

[1] Este friso, que mede 1,10 × 0,32, foi encommendado por nós, quando delineamos o projecto da sala de jantar para a casa do sr. Lambertini, na Avenida da Liberdade, Lisboa.

Relogio, estylo *rocaille*, notavel peça de faiança polychroma, de bello vidrado. Em diversos pontos, grupos de microscopicas figurinhas em movimento, representando differentes danças, e outras symbolisando o tempo, o dia, a noite, etc. Alt. 0,40.

Pertence á Sr.ª D. Maria Adelaide de Caminha da Silva Pessanha, cujas iniciaes, sobrepujadas por um timbre heraldico, bem como a data (6-2-1902), se lêem na parte mais em evidencia da peça.

Actualmente, trabalha nesta fabrica o mesmo pessoal do tempo de Raphael Bordallo Pinheiro, dirigido por seu filho Manuel Gustavo.

Eis os seus nomes e profissões:

Modelador, Augusto José Baptista; pintores, Felix dos Santos, José do Couto, João Pereira, José Vinagre, Bonifacio dos Santos e Diamantino Alexandre; pintor-forneiro, José Carlos dos Santos; formistas, Francisco Elias, Francisco Victorino, Antonio Madeira, João Fernandes, Antonio Martins, Acolino dos Santos, Francisco da Clara, Raul de Figueiredo e Casimiro de Sousa; forneiro, José Chaves; fornistas e oleiros, José Martins e Antonio Gaspar.

Manuel Gustavo, com a sua primeira exposição de faianças, de ha poucos mezes, realisou dois grandes feitos: a sua estreia como ceramista e a vontade de seu pae.

Raphael Bordallo dizia-nos, tres dias antes de morrer: — «Estimaria muito que o Manuel se interessasse pela Fabrica das Caldas».

Se á memoria de Bordallo não foram regateadas as homenagens, exaltando o valor do artista e a estima pelo homem, houve uma decerto a mais terna e reverente: a de seu filho, dedicando-se á arte da olaria.

A gravura 130 reproduz a jarra Foz, *clou* da exposição que o novel ceramista nos mostrou no seu *atelier* da Rua do Thesouro Velho. N'esta mesma exposição, via-se o primeiro trabalho artistico, em faiança, de Manuel Gustavo: o retrato-medalhão de Raphael Bordallo Pinheiro.

1892 —

Adelino Soares d'Oliveira.—Fabrica de louça fundada em 1892. Rua do Caes, 38.

Produz, em barro vermelho, bilhas, garrafas, copos, moringues para agua, e objectos de phantasia, que vende no paiz e exporta para a Africa.

Aquellas peças são feitas na roda e, em geral, ornamentadas com differentes desenhos, traçados na superficie com um seixo. Nalgumas, encontram-se, escriptas a tinta branca ou gravadas, estas palavras: — *Lembrança das Caldas da Rainha.*

— 1892 —

Visconde de Sacavem (José). — Atelier Ceramico, Fabrica da Estrada do Avenal, fundada em 1892.

Quem passar pela Rua do Sacramento á Lapa (Lisboa), notará, se a preoccupação não fôr muito profunda, a habitação e, ao mesmo tempo, o trabalho mais importante do director e fundador d'esta fabrica.

E' a faiança polychroma applicada á architectura, em profusão, ás janellas e ao remate superior da fachada.

Comquanto a ornamentação não agrade a toda a gente, porque os gostos não são eguaes, a nós não nos acontece o mesmo: gostamos em geral e, em particular, das janellas do andar inferior, menos complicadas na decoração.

No seculo XVI, em plena Renascença — a cujo estylo pertence este trabalho — a applicação da faiança em relevo aos muros dos jardins e ás casas solarengas, decorando as galerias dos pateos e guarnecendo as portas e janellas principaes, nada tinha de extraordinaria.

Mas o caso, agora, foi uma novidade, visto tal ordem de trabalhos ser desconhecida da maior parte da gente e d'ahi resultou a estranheza, que se tornou em desagrado.

A razão disto provem do pouco que são conhecidas as nossas obras de arte, porque, se o solar de Azeitão, a incomparavel Bacalhôa, não fosse estranho á maior parte dos lisboetas, a casa do Visconde de Sacavem não teria dado tanto no *góto*, como effectivamente deu a tanta gente.

A applicação é, em geral, bem entendida, bem dividida a matização e, nos trechos em que o azulejo azul e branco se junta com as peças em relevo, o effeito é decorativamente bello, como acontece nos aventaes das janellas de peitos que ladeam a janella principal do andar nobre.

Um pouco mais de cuidado na selecção dos motivos e menos exuberancia de detalhes, e seria uma obra decorativa, no genero, completa, visto as linhas geraes dos perfis serem boas e o effeito polychromo perfeitamente combinado.

Foi este, além de mais importante, o ultimo trabalho que produziu a fabrica, trabalho que o Visconde de Sacavem levou a cabo tendo como auxiliares dois apprendizes que vieram da fabrica das Caldas para a de Lisboa.

Como dissemos, data a fundação do Atelier Ceramico de 1892; e, d'este anno até 1896, teve as suas officinas na estrada do Avenal, d'onde, n'esse mesmo anno, foi transferido para Lisboa, e aqui trabalhou n'um edificio expressamente feito para esse fim, no Bairro Novo de Campolide, até que findou, em 1899.

Nas Caldas, a fabrica foi dirigida por José Füller, artista de Vienna d'Austria, professor da Escola industrial das Caldas da Rainha.

Este artista não só dirigiu, mas creou, modelou e pintou muitas peças originaes.

O Visconde tambem se ocupou da parte artistica, modelando e pintando muitos especimens, que elle marcou especialmente (m.[s] 42 e 43).

Algumas vezes, estas marcas apparecem acompanhadas de um *S.* ou *J. S.*, iniciaes de José Sacavem, em monogramma.

Além d'estas, o nosso diccionario dá conta de outras marcas d'esta mesma producção.

N'este periodo, a fabrica produziu todo o genero de faiança e obteve o reflexo metallico em differentes tons (g. 129), assim como o esmalte em relevo e oiro sobre a *terra-cotta* (g. 128), esmaltes escorridos n'uma grande variedade de côres, bustos, medalhões e estatuetas de *costumes* populares portuguezes.

A gravura 127 dá conta de um cofre, decoração relevada, barro branco, sem esmalte.

Em Lisboa, teve a fabrica um deposito, denominado — *Pallisy-Galvani* — na Rua de Serpa Pinto, 89 a 91 (ao Chiado), estabelecimento montado pelo V. de Sacavem, e onde se encontravam á venda, não só os productos da propria fabrica, como os d'outras de Lisboa, Porto, Aveiro, etc.

— 1892 —

Avelino Antonio Soares Bello — Atelier Ceramico. A fundação d'esta pequena fabrica data de 1892.

Bello é um dos discipulos de Bordallo Pinheiro que mais se tem distinguido. Modela com habilidade e tem produzido peças de faiança de valor.

— 1897 —

José Domingos d'Oliveira *(o Carneirinho).* — Fabrica de faianças, fundada em 1897. Deposito, Rua de D. Amelia.

Este fabricante dirigiu em tempo a fabrica de Gomes d'Avellar.

— 1899 —

Herculano Rodrigues Serra. — Fabrica de faianças, fundada em 1899. Deposito, Travessa do Espirito Santo.

— 1903 —

Fabrica fundada em abril d'este anno por Etelvino dos Santos (vendedor ambulante), antigo rodista da Fabrica das Faianças. Produz artigos de roda, de barro branco e vermelho, não vidrados. Está esta pequena fabrica situada na estrada do Hospital de Santo Izidoro.

Em 10 d'aquelle mez, verificou-se a primeira fornada.

❧❧❧❧

Como fecho do presente capitulo, reproduzimos mais o documento que se segue, da olaria caldense, curioso pela fórma imprevista. É uma gaiola para grillo, fabrico de ha quarenta annos, approximadamente, que encontrámos n'uma modesta casa das Caldas. É de barro vermelho, com frestas e orificios, cujo accesso é vedado por uma rolha de cortiça.

Não se imagine que a caprichosa peça é unica no seu genero. Conhecemos outra, no Porto, na collecção do Sr. Moreira Cabral. Essa é de faiança, com decoração polychroma e em fórma de coração. Fabrico do fim do seculo XVIII — Rocha Soares — Porto.

FABRICA DO JUNCAL

— 1770 a 1876

Fundada no anno de 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa, pintor natural do logar do Senhor dos Milagres, no concelho de Leiria.

Além de lhe ter sido concedido o titulo de Real em setembro de 1784, como se prova pelo primeiro dos documentos que adiante se encontram, é de crer que a fabrica tivesse recebido alguma protecção do Marquez de Pombal e, quando não fosse outra, indirectamente a influencia da Fabrica do Rato, nap essoa de algum dos seus operarios, ido d'aqui para o Juncal.

Parece-nos que a maneira de Brioso não foi estranha ao fabrico do Juncal, no primeiro periodo, o da melhor louça alli produzida.

G[illegible] 181 — 1781 [illegible] — Juncal — [illegible]AVESSA DE FAIANÇA, decoração a azul
Dim. 0,[illegible] × 0,[illegible] — Collecção do sr. M. V. Natividade — Alcobaça.

A ornamentação do fundo de uma travessa da collecção do Sr. Manuel Vieira Natividade dá ideia de alguns trechos decorativos da louça de Coimbra d'aquelle ceramista, como a faixa e o acabamento da mesma peça nos recordam a fabricação do Rato.

A primeira hypothese parece não offerecer duvida, pois era pintor o segundo mestre do Juncal, José Luiz Fernandes da Fonseca, que de Coimbra foi para esta fabrica em 1781.

Deve ser d'este anno ou pouco posterior a travessa do Sr. Natividade, que tem as iniciaes de José Rodrigues, em monogramma, e, por extenso, *Juncal*, unica peça conhecida assim marcada (m. 263).

Quanto á segunda hypothese, é ella contrariada pelo documento que se segue:

«José Rodrigues da Silva e Sousa nasceu no logar do Senhor dos Milagres, no concelho de Leiria, no tempo em que seu pae e avô andavam edificando o famoso templo alli erecto pela piedade e devoção dos povos das freguezias visinhas, em virtude de um milagre operado em maio de 1730, n'aquelle sitio, na pessoa de Manuel Francisco Maio. Era filho de Joaquim da Silva e neto de José da Silva, naturaes e moradores no logar e freguezia do Juncal, concelho de Porto de Moz. Descendia de uma familia de artistas distinctos, que vincularam o seu nome a trabalhos primorosos, que fazem a admiração de nacionaes e estrangeiros, no districto de Leiria e concelhos limitrophes.

Em 1770, José Rodrigues, obscuro e desconhecido no grande mundo das artes fabris, vivendo n'uma aldeia sertaneja, a muitas leguas da capital do reino, sem conhecimentos technicos de ceramica, mas emprehendedor e arrojado, operou o milagre de crear no Juncal, sem a protecção official, uma fabrica de faianças, que competiu em productos com a afamada do Rato, sua irmã congenere e mais velha. Sacrificou a sua fortuna n'esta empresa. Dedicou-se mais á pintura do azulejo do que á louça commum. Pela invasão franceza, a fabrica foi abandonada e soffreu bastante. Em 1811, deu sociedade a José Luiz Fernandes da Fonseca, seu operario, e, depois d'esta epoca, teve lucros bastantes.» [1]

Comquanto a segunda maneira do Juncal não seja tão apurada como a primeira, é, no emtanto, a mais brilhante, pela originalidade decorativa das suas peças.

G. 132 — Fim do sec. XVIII — Juncal — PRATO DE FAIANÇA, decoração a côr de vinho — Diam. 0,32 — *Nossa collecção* — Lisboa.

É a emancipação mais completa do que alli se havia feito e de tudo que se tinha produzido, como aspecto, em ceramica, a ponto de que, se não houvesse absoluta certeza de serem fabrico do Juncal, seria impossivel attribuil-as á mesma fabrica, comparando-as com as primeiras, de que faz parte a alludida travessa.

Não é facil dizer qual o motivo ou motivos que inicialmente inspiraram aos pintores do Juncal tão estranha decoração.

Uma peça de fogo preso de imaginoso pyrotechnico não daria mais imprevisto resultado!

É natural que justifique a nossa impressão a grande industria de fogo de artificio, que ha muitos annos existe em Calvaria, a 3 kilometros da fabrica de louça de que vimos fallando.

Esta decoração é, em geral, a tinta côr de vinho escuro, a azul, algumas vezes com estas duas côres e rarissimas n'ella entra o amarello ou o verde.

[1] Esta noticia, bem como os documentos que adiante transcrevemos, devemol-os á amabilidade do Sr. José Francisco Barreiros Callado, casado com uma senhora da familia do fundador da fabrica, José Rodrigues

As peças mais interessantes encontram-se nas collecções dos Srs. Natividade e José Francisco Barreiros Callado.

D'este typo, com marca, duas peças que pertencem ao Sr. Natividade: um boião com asas e tampa, decorado a côr de vinho, esmalte lacteo, tendo, de um lado, a abreviatura de *Manuel* e, do opposto, a data *1811* (M 315).

Outra, uma travessa — mesmo typo decorativo — a tinta azul, com as iniciaes *B. I.* (m. 69), que devem significar: *Bernardino, Juncal.*

Além dos exemplares dos colleccionadores a que me acabo de referir, 36 peças, pouco mais ou menos, existem: algumas jarras — periodo decadente — no mosteiro de Alcobaça, algumas que vimos pelo Alemtejo, [1] das quaes uma no Museu de Extremoz, que alli têem como fabrico da localidade, attribuindo-a a época muito anterior áquella em que foi fabricada, e um prato da nossa collecção.

G. 133 — Fim do seculo XVIII — Juncal — BACIA DE FAIANÇA PARA BARBA. Decoração a azul. Dim. 0,[illegible] × 0,28 — *Museu do Instituto* — Coimbra

As gravuras 131, 132, 133 e 134 representam peças do Juncal.

A fabrica do Juncal tambem fabricou azulejos, pintados a azul, e cujos assumptos são sempre religiosos. Mesmo nas molduras que enquadram estes motivos, é raro encontrar a polychromia.

O desenho das figuras deixa muito a desejar, sobretudo o das extremidades; a côr é boa e a gradação de planos bem observada.

Os mais conhecidos conservam-se ainda nos seus primitivos logares:

Egreja de S. Miguel — Juncal. São, em conjuncto, os melhores. Todos os alisares do corpo da egreja e capellas, perfis, parte superior das molduras, irregulares (estylo D. João V), e rodapé. Este, marmoreado a côr de vinho.

Os das capellas lateraes são os mais importantes, de melhor desenho e composição. Representam, os do lado do Evangelho, S. Domingos rece

[1] O motivo por que esta louça se encontra no Alemtejo parece estar nas relações commerciaes, outr'ora frequentes, entre esta provincia e a Extremadura, por via maritima, sendo os portos extremos Setubal e a Nazareth, localidade visinha do Juncal.

bendo o rosario da mão do Menino Jesus, que Nossa Senhora tem sobre o regaço, e os do lado da Epistola, a Pentecostes. [1]

Esta egreja foi edificada em 1780, á custa dos operarios da fabrica do Juncal, por subscripção e trabalho de canteiros, carpinteiros e pedreiros do local e immediações.

Egreja da freguezia dos Milagres, districto de Leiria. Azulejos que contam a historia do milagre, com a seguinte inscripção: — «Eu, José Rodrigues da Silva e Sousa, neto do dicto mestre[2], José da Silva, fiz este azulejo e o mandei collocar na era de 1795, e escrevi fielmente esta historia, escripta pelo rev.º padre Luiz Gomes, thesoureiro actual d'esta egreja, sendo bispo de Leiria o Ex.^{mo} Sr. D. Manuel d'Aguiar, inimitavel devoto e zeloso do culto de Deus, que para sempre vive e reina».

G 134 — Fim do sec. XVIII — Juncal — Alcobaça — JARRA DE FAIANÇA, decoração a côr de vinho — Alt. 0,18 ½ — *Collecção do sr. M. V. Natividade* — Alcobaça

Convento de S. Francisco (Capuchos), Alcobaça. Capella de Santa Maria Magdalena. Pequeno alisar de azulejos a tinta azul. A' entrada, da esquerda, junto ao rodapé: — «Feito no Juncal em 1781». Estes azulejos são de todos os mais imperfeitos. (M. 159).

Os registos do atrio deste convento, por cima de uma pequena gruta, representam a *Immaculada Conceição*. Pintura a azul, com moldura polychroma. O que está n'uma rua do Juncal (Nossa Senhora das Dôres, a azul e amarello), joga com estes.

Como estes do Juncal, são os azulejos que compõem o rodapé de uma pittoresca *casa portugueza*, com duas serventias alpendradas, situada á direita da egreja de S. Miguel, a que acabamos de nos referir. N'ella viveu José Luiz Fernandes da Fonseca, mestre e pintor da fabrica, como acima dissemos, e por isso é conhecida por — *a casa do pintor*.

É possivel que os azulejos da Sala dos Reis, do mosteiro de Alcobaça, e os da capella do Desterro — junto ao mesmo edificio — inspirassem os azulejadores do Juncal, no caso de ser o seu fabrico anterior, como suppomos, á producção d'esta fabrica. No caso contrario, avançariamos que o

[1] O esmalte d'estes azulejos é perfeitamente egual ao da travessa do Sr. Natividade, marcada *Juncal*

[2] Architecto da egreja

alisar da magestosa sala e o revestimento da capella do Desterro eram obra do Juncal, auxiliada por pintores de mestria superior, na arte de desenhar figuras, á que possuiam os da fabrica juncalense.

Eis agora os interessantes documentos, absolutamente ineditos, a que já alludimos:

SENHORA:

Concedem ao Sup.[te] a licença que pede de poder erigir por sima da porta da Fabrica as Armas Reaes. Lisboa 28 de Setr.º de 1784.

(Rubricas)

Diz José Roiz da Silva e Souza, que estabelecendo á sua custa hũa Fabrica de louça no logar do Juncal, termo de Porto de Mós, foi V. Mag.[de] Servida, á vista das mostras q̃. apresentou, mandar-lhe assignar termo e passar o comp.[te] Alvará, e porq̃., p.[a] mais respeito da mesma Fabrica q̃. já se acha em consideravel augmento, deseja arvorar as Armas Reaes por cima da porta do respectivo edificio, e o não pode fazer sem expressa licença de V. Mag.[de]

P. a V. Mag.[de] a m.[cê] de lhe conceder a exemplo de outras Fabricas a q.[m] V. Mag.[de] tem conferido igual Graça.

E. R. M.[cê]

LIVRO DE MATRICULA

Numeros	Empregos	Nomes	Annos de edade ao tempo da matricula	Filiação	Naturalidade	Estado	Quando empregados	Titulo por que foram empregados	Observações
1	Administrador	José Luiz Fernandes da Fonseca	54	De Antonio Fernandes	Do Raxal do Bispo—Coimbra	Casado	Em 1781	Para beneficio da fabrica, e fazel-a manobrar.	
2	Mestre de louça fina	Agostinho Vieira dos Santos	49	De José Vieira	Do Juncal	Casado	Em 1778	Para subsistencia.	
3	Mestre de roda e forno	Domingos José	48	De Justino José	Do Juncal	Casado	Em 1780	Para subsistencia.	
4	Official de fazer louça	José Augusto	27	De Agostinho Vieira	Do Juncal	Casado	Em 1795	Para subsistencia.	
5	Official de louça	José Domingos	22	De Domingos José	Do Juncal	Casado	Em 1798	Para subsistencia.	
6	Pintor de louça grossa e enformador	João Coelho Pó	37	De João Po	Do Juncal	Casado	Em 1794	Para subsistencia.	
7	Pintor de louça fina e enformador	Manuel Coelho	31	De Joaquim Coelho	Do Juncal	Casado	Em 1798	Para subsistencia.	
8	Pintor de louça fina e official de louça de forno	Bernardino da Fonseca	18	De José Luiz Fernandes da Fonseca	Do Juncal	Casado	Em 1807	Para subsistencia e supprir as faltas do pae, que é administrador.	
9	Apprendiz de fazer louça	Manuel Agostinho	16	De Agostinho Vieira	Do Juncal	Solteiro	Em 1812	Para subsistencia.	Official
10	Apprendiz de pintura	Antonio	11	De Domingos José	Do Juncal	Solteiro	Em 1814	Para subsistencia.	Official
11	Official de louça de roda	João Agostinho	23	De Agostinho Vieira	Do Juncal	Solteiro	Em 1811	Para subsistencia.	Official
12	Apprendiz de pintura	João da Fonseca	15	De José da Fonseca	Do Juncal	Solteiro	Em 1820	Para subsistencia da Fabrica.	
13	Apprendiz de pintura	Antonio da Maya	14	De Josefa Maria, viuva	Do Juncal	Solteiro	Em 1822	Para subsistencia de sua mãe, e sua, e da mesma fabrica.	

FABRICA DE ALCOBAÇA

— 187... —

Fundada por José dos Reis, pouco mais ou menos n'esta data. Este Reis falleceu em 1897, tomando o seu logar na fabrica Manuel Ferreira da Bernarda Junior, que a alugou á filha do fundador, tres annos depois da morte d'este industrial.

Produz louça entre ordinaria e fina — no genero da de Coimbra — pintada á mão e estampilhada. Usa, entre outros barros, o branco da localidade.

Actualmente, dirige a fabrica Joaquim dos Santos *(Pequeno)*. Pintor: Francisco Ferreira. Emprega oito operarios.

Fornece os mercados de Alcobaça e Praia da Nazareth.

Na fabrica existe um prato datado *15-8-75* e em que se lê o nome da localidade por extenso: *Alcobaça* (m. 16).

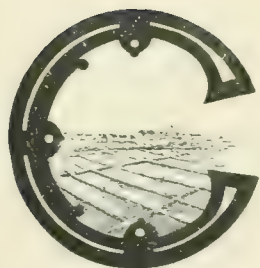
Esta peça é pintada a azul, verde, amarello e roxo, e o typo da decoração é muito semelhante ao que, no seculo XVIII, ornamentava as louças da Bica do Sapato e de Estremoz.

Em Alcobaça, deve ter existido o fabrico da louça commum, pelo menos desde que no seu monumental mosteiro se abrigaram frades, e até se dá como certo que na communidade havia oleiros, que produziam louça para gasto do convento. É verosimil que assim fosse, pois no fim do seculo XVI já os frades de Alcobaça trabalhavam a esculptura em barro, como é notorio, e como o attestam os documentos ainda existentes n'algumas das capellas da egreja.

A esses documentos nos referiremos no capitulo consagrado á esculptura.

O Sr. Natividade possue uma peça de faiança, do seculo XVIII, marcada — *Alcobaça*. (m. 15).

CAPITULO V

Aveiro e seu districto — A porcelana — A fabrica da Vista Alegre

COMO região ceramica, Aveiro deve ser uma das mais antigas em Portugal.

Do seculo XVI ainda restam vestigios, e os productos d'esta industria, dos dois seculos seguintes, em barro vermelho, provam o grande desenvolvimento da olaria, n'esta antiquissima terra.

N'aquelle seculo, a manufactura da louça, da telha e do azulejo era em tão ampla escala, que havia um bairro exclusivamente occupado pelas olarias, e conhecido por este nome.

A quem tratar de Aveiro e do seu districto será difficil encontrar noticias de valor sobre a sua archeologia artistica, a sua historia monastica e a das industrias alli exercidas de longos annos, que não tenham já sido devidamente descriptas por um dos seus investigadores mais eruditos e mais dedicados, o Sr. Marques Gomes.

Por isso, quer n'este capitulo quer no referente aos esculptores-barristas, a cada passo teremos que recorrer ao que por elle está de ha muito feito, auxilio indispensavel á nossa tarefa, ás investigações que por mais de uma vez alli fizemos, e que pouco nos permittem dar de novo e, ainda assim, o caminho para tal resultado foi-nos indicado, quasi completamente, por esse incansavel homem de lettras, a quem o paiz deve uma boa porção de trabalho para a historia da sua arte.

N'uma das eruditas passagens do Album da Exposição Districtal de Aveiro em 1882, assignado pelo citado escriptor aveirense e pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, encontra-se o seguinte:

G. 135 — Ult. terço do seculo XVIII — Aveiro — BACIA DE FAIANÇA, decoração a azul — Maior dim. 0,40 — *Pertence ao Sr. Visconde de Alverca* — Coimbra

«A industria do oleiro, antiga em todo o Portugal, tambem floresceu em Aveiro. Póde affirmar-se que o estabelecimento das primeiras olarias data do seculo XVI. Documentos d'esta época lhe denunciam a existencia, ainda que não precisem a data da fundação, nem tão pouco a importancia da respectiva industria. Que ella foi aqui exercida em larga escala, prova-o um bairro que tomou o seu nome; o mesmo nome passou tambem a uma da torres da velha muralha. Filippe I, por provisão de 16 de maio de 1585, mandou, a requerimento da camara d'Aveiro, que fosse tapada a entrada que dava accesso para a *Torre dos Oleiros,* a fim de estes não devassarem o interior da cêrca do convento de Jesus (freiras dominicas).»

Por nossa parte, o unico documento escripto referente á louça vidrada (faiança) em Aveiro, cuja data não remonta além de 1790, foi-nos offerecido, juntamente com outros que n'este livro se encontram, pelo nosso particular amigo D. José Pessanha. É uma consulta da Junta do Commercio, de 12 de março d'aquelle anno, sobre o requerimento de José Rodrigues Branco de Mello e Sampaio e Bento João Ferreira de Sousa, um proprietario e o outro administrador de uma fabrica de *louça branca,* em Aveiro, para lhes serem concedidos os privilegios de que gozavam as outras do reino. (Junta do Com.º, livro de registo de 1788-90, fl.s 185 v.).

G. 136 — Seculo XVIII — BILHA DE BARRO VERMELHO — Alt. 0,08 ½ — *Nossa collecção* — Lisboa.

Por esta consulta se vê que a fabrica do Côjo, de que em seguida tratamos, não foi a unica a produzir faiança fina em Aveiro, pois nem os nomes citados n'esse documento, nem tão pouco o que José Accurcio das Neves aponta em 1814, como mais adiante veremos, se ligam com aquella fabrica.

Hoje, ainda alli se encontram ruas que recordam os tempos d'esse bairro especial, com nomes allusivos á industria barrista: *Rua dos Oleiros,* e outra, que lhe está visinha, *Rua do Rato,* nome que talvez lhe fosse dado pelos oleiros de Aveiro, para recordar o *successo* que a Real Fabrica do Rato obteve com os seus productos, e onde tambem houve uma olaria.

G. 137 — 1773 — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA — Dim. 0,02 ½ × 0,04 — *Medalheiro do Paço da Ajuda.*

Adiante tratamos dos esculptores-barristas, cuja actividade em Aveiro é attestada por uma boa porção de documentos e de outras peças de barro vermelho, com ornatos esculpturaes, que dão a esta parte da olaria aveirense uma feição muito sua e especial, no largo periodo que vae do fim do seculo XVI até ao meado do seculo XVIII.

Pertencem á segunda metade do seculo XVII uns certos vasos de jardim, que, pela fórma, pelo feitio das asas e pelos ornatos, devem ser inspirados n'alguma peça de prata *repoussée,* que a nossa ourivesaria do principio d'esse seculo tanto produziu no paiz.

Referimo'-nos a alguns exemplares que estão no claustro do convento de Santa Joanna, brazonados, entre os quaes se vê a heraldica aguia de duas cabeças.

Attribuimos o estado de boa conservação em que os vimos á incomparavel rigidez do barro da região, pois, como é sabido, os vasos destinados a plantas, quer vidrados, quer sem esmalte (como estes), são, pelo serviço e exposição, as peças que menos resistem e se conservam.

G. 138 — REVERSO DA MEDALHA ANTERIOR

O districto de Aveiro ainda em 1897, segundo o relatorio d'esse mesmo anno,[1] era o segundo do paiz — dos até hoje estudados officialmente — em numero de fabricas, pois continha 17, com um pessoal effectivo de 545 creaturas de ambos os sexos, sendo esta quantidade, quanto a nós, inferior á que laborava na ceramica dentro da sua área, por-

[1] *Relatorio*... por Francisco Ressano Garcia — Lisboa 1897, pag. 182. O Sr. Charles Lepierre allude no seu trabalho a este relatorio e dá uma tabella com subdivisões, de pessoal, força motora, etc., etc., em que figuram, alem do districto em questão, os de Coimbra, Leiria, Lisboa e Porto.

que só as fabricas da Vista Alegre e da Fonte Nova occupavam dois terços, quasi, d'aquella somma.

FABRICA DO CÔJO (AVEIRO)

178... (?)

Os productos do Côjo distinguem-se das outras faianças do paiz pelo tom azul acinzentado das decorações.

Este tom, pouco transparente e frio, não podemos attribuil-o senão a deficiente composição do esmalte estanifero.

Com marca, são raros os especimens da fabrica do Côjo. Os que conhecemos são assim marcados: — *Aveiro*, por extenso, antecedido de um *F.* (abreviatura de fabrica); ou então as duas palavras em breve: *F. A.º* (marcas 139, 140 e 142).

Á primeira maneira, pertence a bacia de barba, representada pela gravura 135, authenticada com aquella marca; da segunda maneira, conhecemos as seguintes peças: uma que pertence ao Reverendo Prior de Vera Cruz, Aveiro, Manuel Ferreira Pinto de Sousa, e um prato que figura no Museu Industrial e Commercial do Porto, marcadas com as referidas iniciaes.

G. 136 — 1775 — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA — Dim. 0,11 × 0,06 ½
Nossa collecção — Lisboa.

Será acertada a nossa opinião? Seriam as peças marcadas *Aveiro* da antiga fabrica do Côjo? Não podemos dar a certeza, tanto mais que os fragmentos que a seguir notamos, d'esta procedencia, differem algo dos typos com aquellas marcas.

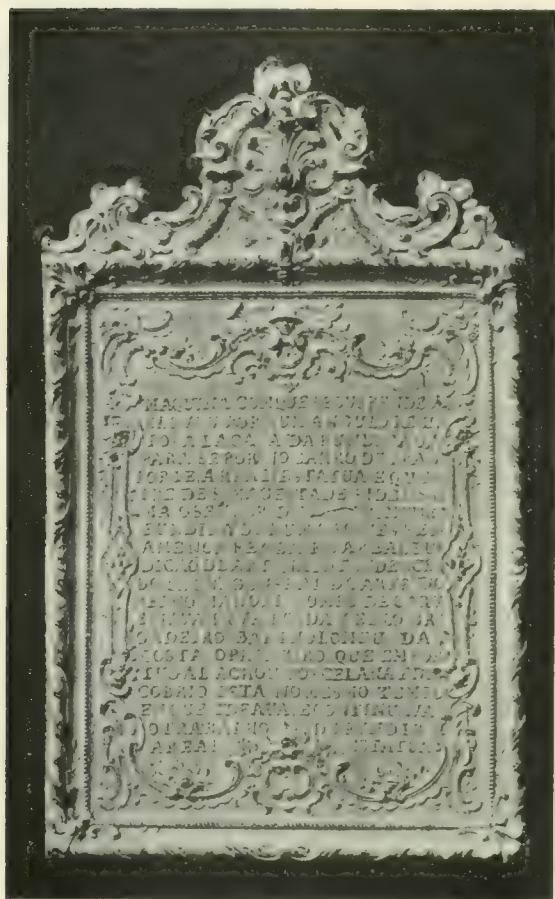
O Sr. Marques Gomes possue um pote esponjado a azul, que é decerto fabrico de Aveiro; mede de alt. 0,23.

No Museu do Instituto de Coimbra, entre a collecção de faianças alli exposta, encontram-se: um canudo pintado a azul (n.º 63), com o typo do Côjo, do ultimo terço do seculo XVIII, e uma fonte de decoração polychroma (n.º 1), que nos parece da mesma procedencia.

Ahi pelos ultimos annos do seculo XVIII, era pintor na fabrica, João Regala, e, no principio do seculo seguinte, João da Silva Santos. Não sei se algum d'elles seria tambem proprietario.

G. 140 — REVERSO DA MEDALHA ANTERIOR

Mais tarde, tomou conta da fabrica do Côjo Pedro Antonio Marques. Vimos ainda ha quatro annos, em Aveiro, dos primitivos tempos d'essa fabrica, fôrmas de gesso e uma tampa de terrina, que um filho da actual proprietaria, Viuva Marques, nos mostrou, affiançando-nos serem peças do Côjo, que, com outros fragmentos, foram encontradas na demolição de um forno antigo, no local onde hoje está estabelecida a fabrica, e que, segundo a tradição, é o mesmo que as antigas officinas do Côjo occupavam.

A tampa, decorada com quatro paizagens a tinta roxa, tem como péga uma pera amarella com folhas verdes.

A producção actual apenas dá ideia do fabrico antigo n'algumas côres, sobretudo no verde. Quanto á pasta e esmalte, a comparação do antigo com o moderno, o fabrico é absolutamente favoravel áquelle. Fabríca louça de serviço commum, bacias e jarros, malgas, canecas, pratos, jarras de altar, vasos para jardins e ainda outras peças de fórmas e applicações diversas, de faiança, para a qual é utilisado o barro do logar chamado *Horta*, freguezia do Eixo, a 8 kilometros da cidade.

FABRICA DE LOUÇA (AVEIRO)

— ? —

G. 141 — 1775 — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA — Diam. 0,0[illegible] — *Medalheiro do Paço da Ajuda.*

Custodio Ferreira da Silva & C.ª D'esta fabrica, que em 1814 já estava em decadencia, segundo a opinião de José Accurcio das Neves [1], ignora-se a data da fundação.

A informação do corregedor da comarca fôra fornecida tres annos antes d'aquella data ao já tantas vezes citado escriptor.

REAL FABRICA DE PORCELANA — (VISTA ALEGRE — ILHAVO)

— 1824 —

Já notámos, no capitulo V d'este volume, que haviam sido os portuguezes o povo da Europa que primeiro viu a porcelana, e que para esta parte do globo primeiro a transportou.

G. 142 — REVERSO DA MEDALHA ANTERIOR

Dissemos tambem, algures, a natural razão por que foi o nosso paiz dos ultimos a manipular a preciosa louça de que o Oriente teve a primazia e durante seculos o segredo.

Entre nós, apesar das tentativas anteriormente feitas para descobrir a materia prima da porcelana — o kaolino — esta só apparece em 1773, constituindo objectos,

[1] *Variedades*, tom. I, pag. 19[illegible].

devido a um puro acaso, segundo se deprehende dos documentos que adiante transcrevemos.

Esse descobrimento coincide com dois factos notaveis de arte e de industria portugueza: a obra prima de Joaquim Machado de Castro, a estatua equestre de D. José I, e a fundição, de um só jacto, do imponente cavalleiro e do seu garboso cavallo, executada pelo Tenente-general Bartholomeu da Costa.

G 143 — 1780 — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA — Diam. 0,0[illegible] — *Academia Real das Sciencias* — Lisboa.

O sr. D. José Pessanha dá no seu interessante estudo sobre a porcelana, publicado no *Archivo Historico Portuguez*, alguns documentos sobre os ensaios de Bartholomeu da Costa. Eis um d'elles, escripto pelo proprio inventor:

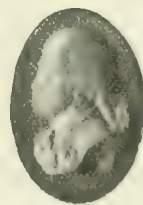
«Trabalhando em descobrir o barro que fosse mais infusivel para os fornos da fundição do metal, e achando alguns que tomaram maior grau de dureza com a continuação do fogo dos mesmos fornos, me persuadi achar cousa mais interessante a que se applicasse, do que só ao uso dos ditos fornos; e, com effeito, achei que se poderia fazer, como fiz, a porcelana, tão perfeita como a melhor da India, França e Saxonia. Trabalhei pondo em execução estes pensamentos; e, no decurso do laborioso trabalho de anno e meio, conclui as experiencias que mostram as amostras; porém, para dar principio ás minhas ideias, entrei, com grande trabalho, a examinar os auctores de maior nota e mais válidos em suas opiniões, a respeito d'esta materia; e, por conclusão, achei que, das porcelanas da Europa, todos unanimamente dizem que as fabricas têem costume inalteravel de occultarem com o maior segredo, não sómente as materias que compõem a sua porcelana, mas tambem as differentes fórmas da sua manobra; e sómente nos dão umas relações tiradas do Padre Du Halde e mais missionarios que escreveram a respeito da China; e, por conclusão, não pude tirar instrucção alguma a respeito da Europa.

144 — 1782 — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA D. Maria I — Dim. 0,02[illegible] × 0,018.

145 — 17.. — Lisboa — MEDALHA DE PORCELANA Principe do Brasil D. José — Dim. 0,020 × 0,018 — *Medalheiro do Paço da Ajuda*.

«Mr. de Réaumur (o primeiro que n'isto falou) teve meios de alcançar as materias com que se compunha a da China; e, ligando-as, diz fizera porcelana egual á da India; e, empenhando-se na diligencia de achar eguaes materias em França, que podessem egualar as da China, nunca poude concluir tal descobrimento. Isto mesmo declarou á Academia das Sciencias, em França, e concluiu dizendo que as porcelanas são consideradas como meias vitrificações, com a differença que a da India, levada uma vez ao seu grau de cozimento, sustem o maior grau de calor, sem que chegue a total vitrificação. A *Encyclopédie* nos ensina o mesmo, pois diz terem-se empregado a servir de descanso ás materias mais difficeis de fundir pelos mais fortes espelhos ardentes, sem que padeçam alteração alguma; e todos os mais têem seguido esta opinião, assim como tambem aquella de que o maior grau de bondade consiste em suster o maior grau de fogo.

«A este respeito, acho que, fazendo eu vaso da minha porcelana e mettendo-lhe alguns cacos da China, juntos com outros da minha mesma, achei que a da China se vitrificou perfeitamente, pois que correu de maneira que a materia ficou vidro, occupando os intersticios e prendendo os cacos da minha, os quaes ficaram sem discrepancia no seu primeiro estado e, consequentemente, sem damno, presos, como se vê da mesma amostra. E, se o vaso e cacos poderam supportar o fogo que fez vitrificar e correr os da China, parece-me se não póde negar ser a minha mais forte e melhor.

«Emquanto á brancura, sem duvida nenhuma que, na Europa, não a ha tão boa como a da fabrica de Sèvres; porque, no anno de 1760, tomando el-rei de França esta fabrica por sua conta, no anno de 1762 encarregou a Mr. Hellot, membro da Academia de Sciencias de França e da Sociedade de Londres, e a Mr. Macquer, tambem membro da Academia das Sciencias e doutor regente da faculdade de medicina e antigo professor de pharmacia, o aperfeiçoá-la, na melhor fórma que seus laboriosos estudos o permittissem; e, com effeito, chegaram a fazer mil e oitocentos experimentos no decurso de dois annos, como nos expõe Mr. Baumé, boticario e demonstrador em chimica, o qual foi convidado para este grande trabalho; e n'ella se trabalham as peças de esculptura na ultima perfeição, sem verniz ou vidro algum, conservando-se no seu grau de cozimento sem que o barro haja de tomar lustro, sendo esta a melhor circumstancia, pois que os marmores, para serem perfeitamente acabados, se não pulem, porque, pulindo-se, faz desagradavel a vista, parecendo ficar imperfeitos os musculados da figura.

147

146

148

«A minha é muito mais branca, como se vê nas amostras; parece que, tambem n'este ponto, não se duvidará ser mais perfeita.

«Emquanto á sua dureza interior, faz ou soffre o mesmo que a da China, desatando fogo á pancada do fusil; e, emquanto á sua grã, compacto e transparencia, é igual á da China.

149

«A ultima parte da perfeição, na porcelana, consiste no seu vidro ou verniz, capa de fóra. N'esta parte, a de Saxonia excede a da China, porque é mais infusivel e clara, segundo seu experimento. O vidro da minha porcelana me parece excede a ambos, porque, juntando um caco vidrado de Saxonia com outro vidro da minha, o meu susteve o grau de calor perfeitissimamente e o de Saxonia correu.

«Não tenho feito exame algum a respeito da manufactura, ornatos exteriores e pinturas, por ser laborioso este trabalho, e não ter certeza da acceitação d'este meu primeiro descobrimento.» [1]

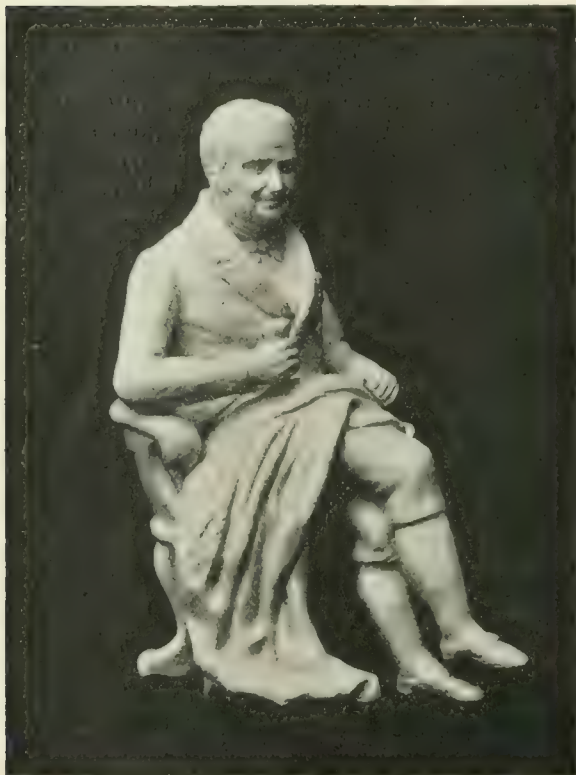
146 — Fim do seculo XVIII — Ilha Grande (Rio de Janeiro) — MEDALHA DE PORCELANA (busto de D. João VI) — Dim. 0,051. — *Pertence ao Sr. Dr Pedro Augusto Dias* — Porto.

147 — Fim do seculo XVIII — Ilha Grande (Rio de Janeiro) — MEDALHA DE PORCELANA (busto de D. Carlota Joaquina) — Dim. 0,027 × 0,020. — *Pertence ao Sr. Conde do Almarjão* — Lisboa.

148 — Fim do seculo XVIII — Ilha Grande (Rio de Janeiro) — MEDALHA DE PORCELANA (busto do principe D. João) — Dim. 0,022 × 0,018. — *Pertence ao Sr. Conde do Almarjão* — Lisboa.

149 — Fim do seculo XVIII — Ilha Grande (Rio de Janeiro) — MEDALHA DE PORCELANA (busto de D. Pedro III) — Dim. 0.22 × 0,019. — *Pertence á Academia Real das Sciencias.*

[1] Jacome Ratton, nas suas *Recordações*, affirma que um fundidor francez, do nosso Arsenal do Exercito, João Drouet, descobríra nas margens do rio Vouga, proximo de Aveiro, argilla refractaria e installára n'essa localidade fornos e fa-

Todas as affirmações que davam como obtida em épocas anteriores a pasta rija, branca, translucida e infusivel, eram infundadas. Assim, Manuel Severim de Faria (*Noticias de Portugal,* 1655) diz ter vindo de Talavera para Lisboa um oleiro hespanhol, que, aproveitando a bondade dos nossos barros, fabricára a porcelana, quando em Hespanha só foi obtida no meado do seculo XVIII, na Fabrica de Alcora. [1]

G. 150 — 1840 — Vista Alegre — ESTATUETA DE PORCELANA biscoito — Alt. 0,18 — *Nossa collecção* — Lisboa.

O sr. D. José Pessanha commenta assim esta noticia: «Os industriaes, como diz Vogt, para attrahirem a attenção e alcançarem privilegios, qualificavam geralmente de *porcelanas* os seus artefactos. Assim se tem falado em *porcelanas de Ruão, de Saint-Cloud,* etc., e assim o auctor das *Noticias de Portugal,* que decerto não possuia os conhecimentos especiaes necessarios para distinguir e classificar productos ceramicos, fala de *porcelanas de Lisboa,* acceitando, provavelmente, sem reparo a ostentosa designação com que o ex-official de Talavera procurava encarecer as suas loiças.» [2]

Frei Gaspar da Cruz, como dissemos, sabia do processo empregado pelos chinezes no fabrico da sua porcelana, como o notou em 1570 [3]. Não se teriam aproveitado da noticia do monge, Bartholomeu da Costa, Manso Pereira, João Drouet e Vandelli [4], e até, anteriormente, a Sa-

brica de tijolo. Se assim foi (o que não póde asseverar-se), não cabe a Bartholomeu da Costa a gloria de ter descoberto o elemento essencial da composição da porcelana. Em todo o caso, foi o celebre fundidor da estatua equestre, como observa o sr. D. José Pessanha, quem multiplicou as applicações d'essa argilla, com que o seu descobridor apenas fabricára tijolos, segundo o testemunho de Ratton.

[1] Juan F. Riaño, *The industrial arts in Spain* (London, 1879), pag. 183.

[2] *Archivo Historico Portuguez*, tom. I, pag. 20.

[3] *Tratado em que se cõtam muito por estenso as cousas da China, cõ suas particularidades, e assi do reyno dormuz*, cap. XI (fl. 34 - innumerada — na 1.ª ed.,— 1569-70 — e pag. 77 na reimpressão de 1829, incluida no tom. IV da ed. n'esse anno feita, pela Typographia Rollandiana, da *Peregrinação,* de Fernão Mendes Pinto.

[4] Os dois ultimos parece terem-se limitado ao fabrico de cadinhos e mais peças de laboratorio.

xonia, primeiro paiz da Europa que produziu a preciosa louça, em 1709? Deus o sabe.

O Dr. Domingos Vandelli, tão conhecido entre nós como homem de sciencia e como ceramista, tambem dirigiu varias experiencias, com vantagem, sobre a louça branca, no laboratorio chimico da Universidade de Coimbra, como o declara um seu discipulo, Manuel Dias Baptista.

G. [illegible] — 1840 — Vista Alegre — BUSTO DE PORCELANA biscoito — Alt. 0.12 ½ — *Nossa collecção* — Lisboa.

De tudo isto, o que se apurou até hoje é que, peças de porcelana, não são conhecidas, de fabrico portuguez, senão as de Bartholomeu da Costa e de João Manso Pereira, trabalhos que se effectuaram em Lisboa e no Rio de Janeiro.

De Bartholomeu da Costa, a peça mais importante é a medalha rectangular, que representa, n'uma face, o engenho para a collocação da estatua equestre no pedestal, e na outra face uma inscripção. Tanto no anverso como no reverso, as molduras são delicadas, assim como o remate superior e mais relevos da composição. O cunho foi aberto pelo gravador João de Figueiredo.

As gravuras 139 e 140 dispensam-nos de minuciosa descripção.

Tem no anverso, em differentes pontos, as seguintes legendas:

SUSPENDIDA EM 20
DE MAYO DE 1775

FUNDIDA EM 15
DE OUTUBRO DE
1774 COLOCA
DA EM 26 DE
MAYO DE 1775

ABERTA COM ASSISTENCIA E DESE
NHO DO INVENTOR EM 1775

No reverso:

MAQUINA, COM QUE SE SUSPENDEO,
ELEVOU POR UM ANGULO RECTO
FORA DA CAZA DA FUNDIÇÃO,
PARA SE POR NO CARRO DE TRANS
PORTE, A REAL ESTATUA EQUES
TRE DE S. MAGESTADE FIDELISSI
MA O SENHOR D. IOZE PRIMEIRO
FUNDIDA DE UMA SÓ VES SEM
A MENOR FENDA EM A REAL FUN
DIÇÃO DE ART.^RA NA INTENDENCIA
DO THEN.^TE GENERAL DA ARTR.^A DO
REINO MANOEL GOMES DE CARV.^O
E SILVA, INVENTADA PELLO BRI
GADEIRO BARTHOLOMEU DA
COSTA, O PRIMEIRO, QUE EM POR
TUGAL ACHOU PORCELANA, E DES
COBRIO ESTA NO MESMO TEMPO
EM QUE IDEAVA, E CONTINUAVA
O TRABALHO DE FUNDIR
A REAL ESTATUA

São conhecidas mais duas medalhas, de que tambem damos reproducções (g. 137, 138, 141, 142) e que, para a authenticidade da descoberta do habil fundidor do bronze do Terreiro do Paço e para a historia da porcelana nacional, têem o maior interesse. Uma é rectangular; a outra, circular.

A primeira tem no anverso:

LISBOA 1773

e no reverso, dentro de uma placa:

DESCUBER
TO PELO
THEN.^TE CORO
NEL BAR
THOLOMEU
DA COS
TA

A medalha circular tem no anverso a estatua equestre, envolvendo-a a seguinte legenda:

REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. MAGESTADE FIDELISSIMA D. IOSÉ. I.

e no reverso, dentro de um escudo:

PRIMEIRA PORCELANA
ACHADA EM PORTUGAL
EM 1773, DESCUBERTA
PELO BRIGADEIRO
BARTHOLOMEU DA
COSTA NO MESMO
TEMPO EM QUE CON
TINUAVA O TRABA
LHO DE FUNDIR A RE
AL ESTATUA

e as seguintes nos exergos, respectivamente, do anverso e do reverso:

LISBOA ANNO 1775

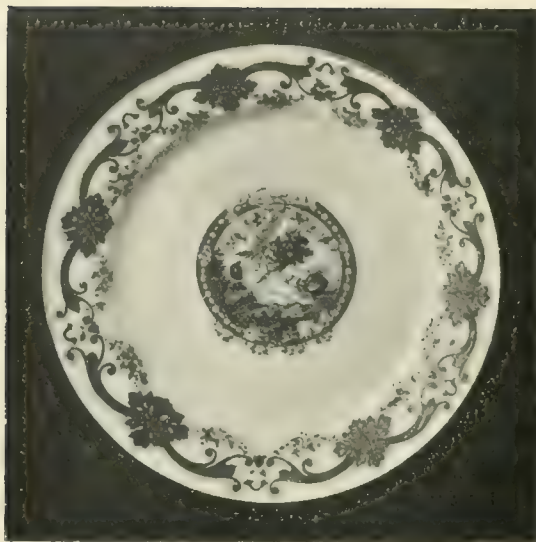
GRAVADA NO ARCENAL REAL DO EXERCITO. IOÃO DE FIG.^DO

A mais d'estas medalhas, outras ha que representam effigies de reis e principes e outros assumptos, parte das quaes são de João Manso Pereira. Damol-as nas gravuras 143, 144, 145, 146, 147, 148 e 149.

O sr. Joaquim de Vasconcellos attribue a Bartholomeu da Costa ou a experiencias de Manso Pereira um serviço de chá, de porcelana, exposto pelo sr. João da Rocha Sousa e Lima, no certamen do Porto, em 1882. Dá este escriptor o parecer de que, pelo aspecto, as peças denotam ser obra de algum principiante.

O apparelho é assim descripto:

«Serviço de chá, de porcelana. Compõe-se de 6 chavenas com seus pires, bule, leiteira, assucareiro (sem tampa), manteigueira e tijella de lavar as chavenas. Todas as peças tem a seguinte pintura, que é feita de estampilha, em dous tamanhos, conforme as dimensões das differentes peças.

«A figura da gloria, coroada, em um carro triumphal, puchado por dous pavões verdes (!). Na mão esquerda sustenta um medalhão oval, que encerra dous retratos em busto; na moldura do medalhão, que é côr de rosa, lêem-se

G. 152 — 1850 — Vista Alegre — PRATO DE PORCELANA, decoração polychroma — Diam. 0,24 ½ — *Pertence á fabrica.*

os nomes: MARIA I E *(sic)* PETRUS III. Com a direita, a gloria guia os pavões e sustenta um cetro de ouro. O carro é pintado a tinta da China, com toques de ouro, e vôa no espaço sobre nuvens azues. A fama veste uma tunica amarella, por debaixo de um manto côr de rosa. As côres são más; não resistiram ao fogo; tudo revela ahi a obra de um principiante; o desenho é fraco, mas de modo algum mostra o estylo do desenhador oriental. Suppomos serem estas peças um resultado dos ensaios do tenente general Bartholomeu da Costa (1774). A maior parte das peças teem o monogramma J. P. X. (enlaçado), em vermelho, tocado de ouro.» [1]

Dos trabalhos de João Manso Pereira sobre a porcelana, a primeira noticia appareceu á luz em 1796, n'um periodico do Rio de Janeiro, intitulado *Palladio Portuguez.*

Este homem de sciencia, professor de humanidades na Bahia e n'aquella cidade, apresentou o resultado das suas tentativas á Junta do Commercio, cujo parecer o Sr. D. José Pessanha tornou conhecido, em 1903, na publicação a que alludimos [2]. D'ella extractamos a seguinte passagem, a unica para nós interessante:

«... Tendo já mandado alguma argilla e petunse para loiça e porcelana, agora remette outros barros em rama, proprios para ellas, enviando tambem algumas peças já fabricadas, em camafeus, cadinhos e outros vasos, de differentes kaolinos e argil-

G. 153 — 1850 — Vista Alegre — PRATO DE PORCELANA, decoração polychroma — Diam. 0,24 ½ — *Pertence á fabrica.*

[1] *Exposição de Ceramica* — Porto, 1883, pag. 60.
[2] *Archivo Historico Portuguez*, tom. 1, pag. 170.

las, transparentes e opacas, envernizadas com verniz tirado da bananeira, de cujos processos dá as suas theorias.

«O que parece, comtudo, ser da maior importancia, é a amostra, que remette, da terra ou argilla a que os naturalistas chamam *fullon*, porque serve aos lavradores de lans. Os inglezes são tão ciosos e avaros da que produz Inglaterra e Escocia, que prohibem a sua extracção com a mesma dureza que a das lans, pois só crêem que a ella se deve a seperioridade dos seus pannos, porque purifica as lans dos oleos com que se preparam, conservando lhes o macio e pellucido, como esta argilla, que os francezes não tinham ainda achado no paiz, apesar de reconhecerem a sua preciosidade, como se vê da memoria, premiada, de Mr. Bourgeois, que se acha na collecção da Sociedade Economica de Berne...»

Mas tudo isto foram simples ensaios ou curiosidades de laboratorio. A primeira fabrica de porcelana que entre nós houve, a unica ainda hoje, foi a da Vista Alegre.

G. 154 — 1845 Vista Alegre — CHICARA E PIRES DE PORCELANA, decoração polychroma — *Nossa collecção* — Lisboa.

A verdadeira e perfeita porcelana é aquella em que se encontram, alliadas, a belleza da fórma, a solidez, a correcção do desenho na parte decorativa, a vivacidade das côres e a homogeneidade do esmalte, branco e brilhante.

A qualidade fundamental de uma peça de porcelana é a leveza da pasta reunida á impeccabilidade da fórma, que deve ser bem proporcionada e bem construida, sem accusar o minimo empeno.

Deve ainda resistir ao mais alto grau de calor, sem se fundir, e supportar a transição brusca da mais elevada para a mais baixa temperatura, sem se fender.

Em segundo logar, é necessario que as côres sejam frescas e bem fundidas, as decorações, quer pintadas quer em relevo, correctas, elegantes e bem compostas, e o ouro, quando a ornamentação escolhida o comporte, applicado com a mais completa firmeza. Taes são os requisitos sem os quaes uma peça de porcelana não póde ter a qualificação de perfeita.

A manufactura da Vista Alegre tem, na sua fabricação, d'estes exemplares.

A gravura 155 representa uma nota interessante da moderna producção da Vista Alegre, não como qualidade, pois que é de segunda ordem, mas pela decoração e versos que a encarecem.

E' um prato de guardanapo, parte de um serviço de mesa, cujos motivos ornamentaes são feitos por aguarellas de El-Rei D. Carlos, offerecido pelo Conde de Sabugosa ao Conde de Arnoso, para uma casa que este titular edificou em Cascaes, sobranceira ao mar, no pittoresco estylo minhoto. A offerta é engraçadamente feita n'um soneto inscripto no referido prato, e que, por ter ficado pouco legivel na reproducção, passamos a transcrever. Esses versos, assignados pelo Conde de Sabugosa, dão perfeita impressão do movimento da cozinha portugueza, *fazem vontade de comer,* e exprimem a affectuosa amizade de um genuino portuguez. Dizem assim:

PARA A CASA DE CASCAES

Na tua mesa de jantar, terrinas fumegantes,
Um tostado leitão, dobrada e orelheira,
Acidos perrexis, os pimentões picantes,
A fresca e verde alface, em larga saladeira.

No prato de arroz doce, escreve a cozinheira,
Com doirada canella, as lettras flammejantes.
Tudo bem portugez; pratos na prateleira,
Facas de Guimarães, roupas alvejantes.

Trago a louça, tambem de origem portugueza,
Louça da Vista Alegre — alegre e luzidia;
E, á laia de gostosa e farta sobremesa,

Ponho n'ella em cugúlo um voto-prophecia:
Que a familia, em redor da tua vasta mesa,
Por muitos annos tenha a paz e a alegria.

Maio de 94. *Antonio.*

O periodo mais brilhante da sua producção, sob o ponto de vista decorativo, é o correspondente á direcção do pintor francez, Victor Rousseau (1836-1852).

Á influencia d'este mestre pertence, além das peças de que damos gravuras (152, 153 e 154), uma, em estylo japonez, decoração a azul sob esmalte branco, que pertence ao Sr. Dr. João Feio Soares de Azevedo — Aveiro — e que, se não apresentasse a marca da Vista Alegre, dir-se-hia oriental, pelo conjuncto dos seus caracteres.

Estes e outros exemplares rivalisam com os productos de egual periodo da manufactura de Sèvres.

A historia da fabrica da Vista Alegre está feita até 1883. Deve-se a sua interessante narração ao Sr. Marques Gomes, a quem já nos referimos, e

que vive perto d'esse desenvolvido centro de fabrico da porcelana, unico em Portugal, e que entre nós foi o primeiro a manufacturar, depois das lisongeiras tentativas de Bartholomeu da Costa e de João Manso Pereira, já citadas, a porcelana a grande fogo.

O que temos a accrescentar ao detalhado estudo do Sr. Marques Gomes, de que extractamos o melhor d'esta noticia, são apenas algumas notas, que encontrámos nos nossos apontamentos.

Accurcio das Neves, contemporaneo dos trabalhos de installação da fabrica, fez, em 1827, no seu livro *Noções historicas, economicas, etc.*, a curta historia da Vista Alegre. Transcrevemos a narrativa, que era quasi desconhecida até 1882, anno em que o Sr. Joaquim de Vasconcellos a divulgou:

G. 155 — 1894 — Vista Alegre — PRATO DE PORCELANA, decoração monochroma
Pertence ao Sr. Conde de Arnoso — Cascaes.

«Duas tentativas se tem feito para introduzir em Portugal a manufactura da porcelana; huma mais antiga pelo tenente-general *Bartholomeu da Costa,* que chegou a fabricar mui bellas peças d'esta louça, que forão apresentadas á Senhora Rainha *D. Maria I,* a qual não progrediu por falta de auxilio; outra mui recente por *José Ferreira Pinto Basto,* que actualmente se esforça para levar ao fim esta empreza na sua fabrica d'Aveiro. Já tem apresentado algumas amostras á Real Junta do Commercio, as quaes dão grandes esperanças, muito mais por serem fundadas principalmente no seu genio, na sua pericia, e nos seus fundos. Muito digno de ser animado se faz este emprehendedor. Junto á fabrica de louça tem elle estabelecido hum bom laboratorio de productos chimicos, e pharmaceuticos, e outra fabrica em que se manufacturão, e lapidão vidros com tanta perfeição, como os melhores, que vem de paizes estrangeiros. A seguinte nota, que me foi communicada, dará algumas noções sobre este estabelecimento:

«A huma legoa da cidade d'Aveiro, e legoa e meia da Barra se achão «estabelecidas as fabricas de porcelana, vidros, e productos chimicos na «quinta da Vista Alegre de *José Ferreira Pinto Basto*, que com privilegio de «S. Magestade creou, e fundou estes estabelecimentos.

«Hum edificio de 400 palmos de frente sobre 650 de comprido, for-«mando um pateo correspondente, contem as casas de habitação com huma «Ermida ricamente edificada; as officinas proprias da fabrica de porcelana; «os edificios da fabrica de vidro (alem de hum grande pateo para lenhas); «hum laboratorio chimico para os productos, e outro pharmaceutico; e ca-«sas de habitação para os empregados, artistas, e apprendizes; estes vivem «em communidade, apprendem as primeiras letras pelo methodo de ensino «mutuo, e tambem musica, e tocar alguns instrumentos.

«Tudo forma hum edificio contiguo; além deste ha casas para hos-«pedarias, e curraes de gado, e hum caes sobre o rio.

«O Director das fabricas he Augusto Ferreira Pinto Basto, filho do «proprietario, moço de 19 annos de idade, que debaixo das ordens de seu «pay tem tomado com gosto esta administração, sendo elle mesmo o mestre «das composições.

«Quando se estabeleceo a fabrica mandou o proprietario vir de Saxo-«nia 3 officiaes, um para o torno, outro medelador, e outro pintor; este fi-«cou no caminho depois de receber a ajuda de custo; aquelle sahio hum «charlatão, que foi preciso despedillo; o torneiro José Scorder he o que «actualmente serve de mestre dos apprendizes; tem talento, e executa com «perfeição as suas obras (ainda que o gosto he sempre a moda do seu paiz); «he o unico estrangeiro que ha na fabrica de porcelana.

«Na fabrica de vidros ha só um estrangeiro, que he Samuel Hungles «Inglez, lapidario, e mestre dos apprendizes; tem talento e gosto, e executa «quanto se lhe encommenda.

«No laboratorio chimico ha hum hespanhol, que dirige os processos. «Não ha mais nenhum estrangeiro; e o proprietario espera que em 3 annos «esses mesmos não serão precisos, porque Portuguezes mais habeis os hão «de substituir.»

Os primeiros ensaios começaram em Lisboa, no palacete onde está hoje a Liga Naval, de que era proprietario José Ferreira Pinto Basto, ahi por 1820, n'um pequeno laboratorio no jardim. Diz-se, e escreveu o Sr. Marques Gomes, que a ideia partiu d'um amigo de Pinto Basto, o general José Pedro Celestino Soares, que possuia algumas peças de porcelana fabricadas por Bartholomeu da Costa. Celestino Soares era ou tinha sido, crêmos, proprietario de uma fabrica de louça na Travessa do Pé de Ferro. Pelo me-

nos, Accurcio das Neves, nas suas *Variedades*, aponta, como dono da fabrica, Pedro Celestino Soares.

Foi ahi, n'esse jardim, bem perto do local onde está, já ha muitos annos, o deposito da Vista Alegre, que se ensaiaram os primeiros barros para a producção d'este fabrico.

De Lisboa, passou a pequena installação para Aveiro, isto por a tradição indicar como procedente d'alli o barro com que Bartholomeu da Costa obteve a sua chamada porcelana, como o Sr. Marques Gomes observa.

D'aqui, foi estabelecer-se definitivamente na Quinta da Vista Alegre, propriedade de Pinto Basto, e em janeiro de 1824 começaram os trabalhos para a fabrica, presidindo a elles Augusto Ferreira Pinto Basto, filho do fundador, e dirigindo-os, como technico, Domingos Reimão, oleiro que para este fim para alli foi d'uma fabrica de Coimbra.

Mezes depois, faziam-se as primeiras experiencias, realisadas por Bento Fernandes, mestre da olaria na fabrica do Rato, com barros de Util, concelho de Cantanhede, e de Talhadella, concelho de Albergaria-a-Velha. Ainda que os resultados foram pouco satisfatorios, proseguiram os trabalhos, e, por essa occasião, pediu Pinto Basto a El-Rei D. João VI que lhe fossem concedidos os privilegios de que gosava a fabrica de vidros da Marinha Grande, o que obteve.

Estava officialmente fundada a fabrica da Vista Alegre.

Continuaram as buscas dos barros por diversos pontos do paiz, edificaram-se novos fornos, como então eram usados em Sèvres, sem comtudo se obterem condignos resultados.

Em 1826 o fundador contractou na Saxonia tres artistas (os mesmos a quem se refere Accurcio das Neves), dos quaes só José Scorder, que era um modelador de merito, prestou importantes serviços á fabrica, creando bons discipulos, que lhe perpetuaram o nome.

N'aquelle anno, contractou Ferreira Pinto Basto dois pintores de louça, João Maria Fabri e Manuel de Moraes, discipulos da Casa Pia de Lisboa. O primeiro morreu um anno depois; o segundo conservou-se na Vista Alegre até 1833, não como pintor, mas sim como esculptor, produzindo n'este genero bons trabalhos.

Devido aos materiaes, os operarios estrangeiros pouco ou nada conseguiram, até que o fundador mandou seu filho, Augusto Ferreira Pinto Basto, a França, a fim de estudar em Sèvres os melhores processos do fabrico.

O illustre director da manufactura de Sèvres, Brogniart, fez ver a Pinto Basto a impossibilidade de fabricar porcelana sem o kaolino, que era o que faltava na Vista Alegre.

Em 1834, finalmente, um subalterno oleiro da fabrica, Luiz Pereira

Capote, natural de Ilhavo, que por conta propria fazia algumas experiencias, obteve no concelho da Feira, entre alguns barros, o verdadeiro kaolino, de Val Rico.

Capote, que deixou o seu nome ligado a uma das mais assignaladas descobertas na historia da Vista Alegre e na historia da ceramica portugueza, morreu em 1870, com 60 annos de edade, approximadamente, depois de ter encontrado, devido ao seu genio investigador, o mais importante elemento de que dependia o bom exito da porcelana, de cujo fabrico elle se occupava, como simples e obscuro oleiro!

A gravura 151, reproducção de um busto em biscoito — kaolino de Val Rico — representa o retrato de Luiz Pereira Capote.

D'este mesmo material, reproduzimos uma estatueta (g. 150), retrato do perseverante fundador da Real Fabrica, José Ferreira Pinto Basto.

Na Vista Alegre houve tambem uma fabrica de vidro, fundada pela mesma época da de porcelana, e um laboratorio chimico, que lhe está annexo e que, de 1827 a 1832, foi dirigido por D. Eusebio Roiz, official de cavallaria do exercito hespanhol, chimico distincto, que veiu para Portugal como emigrado.

Dois annos depois de estabelecida a fabrica, fundou-se, junto a ella, um collegio, onde se ensinava, além d'um dos mesteres da fabrica, instrucção primaria e musica; e, em 1851, um theatro (o terceiro alli construido), para o qual o director da officina da pintura, Chartier Rousseau, pintou o tecto e o panno de bôcca.

Como dependencia do collegio, organisou-se, quando este, uma philarmonica, composta de operarios da fabrica, que sob essa tradição ainda hoje existe, e que ha tres annos tivemos o prazer de ouvir no palacio de Cristal do Porto, dando-nos a impressão de ser composta de musicos consumados.

O pessoal da Vista Alegre tambem tomou parte nos acontecimentos politicos de 1846 e 1847, conservando-se ás ordens da Junta governativa, que se havia installado em Coimbra, até que o Porto adheriu á causa que elles defendiam.

Feita a revolução no Porto, em 9 d'outubro, contra o *golpe de Estado* de 6 do mesmo mez, os operarios da Vista Alegre abraçaram com enthusiasmo a causa da Junta, procedendo á organisação de um corpo de voluntarios, com o nome de Batalhão Nacional do Concelho de Ilhavo.

As materias primas empregadas no fabrico da porcelana da Vista Alegre são as argillas kaolinicas, o quartzo e o feldspatho. Aquellas vão para a Vista Alegre, de Valle Rico, concelho da Feira, e estes de Villa Meã, Mangualde e Porto.

Depois de estes materiaes serem devidamente escolhidos e cuidadosamente lavados, e de se fazer a selecção, segundo a qualidade das peças que se deseja fabricar, são os materiaes amassados conjunctamente, de modo a formar uma pasta homogenea, que se divide em porções de fórma regular, a que se dá o nome de *pélas* e de que o oleiro ou formador toma conta para lhes dar o feitio. Prompta a peça, é enxuta á sombra, até estar em estado de receber a primeira cozedura, finda a qual lhe dão os technicos o nome de *chacote*. [1]

Para essa primeira cozedura, as peças entram no forno metidas em caixas circulares, a que se dá o nome de *gazetas*.

Este processo é usado com o duplo fim de resguardar a louça e permittir que ella receba o calor mais por egual.

A segunda cozedura, que é, em geral, para vitrificar o esmalte, que a peça tem recebido por immersão, é ordinariamente feita com o mais elevado grau de calor, que entre nós chamam *lume de calda*.

Para este fim, a peça é collocada dentro da *gazeta* sobre uma camada de areia, para evitar que se prenda ao fundo do envolucro. Assim é detida no forno, durante vinte e quatro horas approximadamente, para ser retirada só depois de o forno estar completamente frio.

Depois d'esta segunda fornada, que completa a cozedura da louça, esta é pintada e recolhida em estufas para a seccagem das tintas, e d'aqui passada para pequenos fornos *(muflas)*, para as côres se fundirem no esmalte.

Eis, rapidamente esboçado, o processo de fabricar a porcelana.

Para se fazer ideia dos progressos da manufactura da porcelana da Vista Alegre, basta indicar os premios que os seus productos têem obtido nas exposições de Londres, Paris, Philadelphia, Vianna d'Austria, Rio de Janeiro, Lisboa e Porto; e, para se avaliar da sua producção e consumo, basta citar as seguintes verbas:

Em 1860	21.949$000
» 1870	26.994$000
» 1880	49.750$000

Presentemente, só o deposito de Lisboa vende *a retalho*, por anno, approximadamente, 45.000$000 réis.

Compõe-se o pessoal da fabrica de oleiros, pintores, modeladores, doiradores, filadores, estampadores, azadores, formadores, forneiros, en-

[1] Chama-se *chacote*, *chacota* ou *biscoito* á porcelana e á faiança, com a primeira cozedura e antes de ser esmaltada.

caixotadores e serventes, pagos ás quinzenas, cujas férias sommam, annualmente 40.000$000 réis.

Entre as verbas que concorrem para o Monte-pio do pessoal da Vista Alegre, conta-se o resultado das seguintes multas: A não serem os forneiros, todos os demais artistas e operarios, marcam as peças das suas respectivas tarefas: — o oleiro, a cunho, ou signal riscado na pasta, assim como o formador; o pintor, a tinta; o dourador, a ouro; e o filador com pequenos traços a côres, que quasi sempre correspondem ás das tintas das decorações. E' por estas marcas que cada um dos trabalhos são pagos. Porém, quando as peças apparecem sem estes signaes, embora concluidas, as differentes tarefas que lhes correspondem não são pagas e o seu valor reverte a favor da caixa do Monte-pio.

Damos em seguida a relação do pessoal superior e dirigente da fabrica, desde a sua fundação até á actualidade:

ADMINISTRADORES

Augusto Ferreira Pinto Basto	1824-1828
Alberto Ferreira Pinto Basto...........	1828-1856
Duarte Ferreira Pinto Basto	1856-1861
Domingos Ferreira Pinto Basto.........	1861-1882
Duarte Ferreira Pinto Basto Junior......	1882-....

DIRECTORES

Antonio d'Almeida Ferreira Duque	1836-1840
João Maria Rissoto	1840-1878
Duarte Ferreira Pinto Basto Junior......	1878-1882

Extincto o logar em 1882

MESTRES DE PINTURA

Victor Francisco Chartier Rousseau	1836-1852
Gustavo Fortier	1853-1856
Filippe Fortier.......................	1857-1860
Gustavo Fortier	1861-1865
Joaquim José d'Oliveira...............	1866-1881
Francisco da Rocha Freire	1881-1889
Duarte José de Magalhães.............	1889-1905

MESTRES DE PORCELANA

João da Silva Monteiro	1826-1833
João da Silva Monteiro Junior..........	1833-1838
João Antonio Ferreira	1838-1891
Francis Roulet	1893-1899
Francisco Miller	1899-....

Por ultimo, diremos, que á actual direcção, pertence manter os antigos creditos da fabrica.

A Vista Alegre, tem deveres pelo seu nome e pelos interesses que está fazendo, que a obrigam a corresponder á assiduidade da sua enorme clientela, acompanhando o progresso das fabricas de porcelana estrangeiras, não só na louça de commercio, mas tambem na louça artistica.

E' necessario que no mostruario do deposito da Real Fabrica, ao Loreto, se exponham productos pelos quaes o publico possa avaliar do adiantamento industrial e artistico dos seus obreiros, e da capacidade dos seus mestres e dos seus directores.

E' preciso crear novos modelos, com formas devidamente estudadas segundo o fim a que se destinam, e, sobretudo fazer, além de louça barata e de mediano preço, louça muito cara. Ha publico para tudo.

FABRICA DA FONTE NOVA (AVEIRO)

1882

Fundada n'esta data pelos irmãos Carlos da Silva Mello Guimarães, Antonio Carlos Mello Guimarães e Luiz Mello Guimarães.

Houve um periodo em que a fabrica pertenceu sómente ao primeiro d'estes fundadores; mas, em 1904, assignavam os tres nomes uma circular, na qual annunciavam aos clientes da Fonte-Nova a installação d'uma fabrica de telha pelo systema de Marselha, com modernas machinas movidas a vapor, denominada *Empreza Ceramica da Fonte Nova*, sob a firma Mello Guimarães & Irmãos.

Produz differentes generos de louça, faiança fina, grosseira e pó de pedra, com applicação a serviços de mesa, lavatorio e cozinha, peças decorativas, azulejos artisticos e material de construcção.

O numero de operarios é, approximadamente, de 70 creaturas. A producção regula por 15 contos de réis por anno.

As suas faianças recommendam-se pelo esmalte e, sobretudo, pelo ex-

cellente azul das decorações, pintadas á mão. Essa é a côr mais usada na Fonte Nova.

As peças de grande formato e artisticas, assim como os azulejos, são sempre assignadas pelos pintores e authenticadas com a marca industrial da fabrica. Pintores: Joaquim Simões Chuva — 1891; Joaquim de Magalhães — 1892; José da Silva — 1892 a 1893; Alleluia — 1902. (Vide marcas 20, 266, 295, 296 e 459). Marcas da fabrica (164 a 169, 171 a 175).

Tem obtido premios nas exposições: Ceramica Portugueza, Porto, 1882; Industrial de Lisboa, 1888 e Universal de Anvers, 1894.

FABRICA DE LOUÇA VERMELHA

— ? —

Antonio Pereira Resende, associado com outros. Produz louça de barro vermelho.

FABRICA DE LOUÇA VERMELHA

— ? —

Antonio Pereira Silvestre e outros.

FABRICA DE LOUÇA PRETA

— ? —

Delfim de Almeida. Este fabricante apresentou em 1888, na Exposição Nacional das Industrias Fabris, Avenida da Liberdade, productos de barro preto.

FABRICA EM OLIVEIRA DO BAIRRO

— ? —

Abilio Rocha & Irmão. Actualmente, fabríca louça ordinaria

Além d'estas, ha ainda no districto de Aveiro, outras fabricas de louça vermelha com e sem vidrado, de louça preta, de telha e de tijolo.

(1)

CAPITULO VI

Alemtejo e Algarve

JÁ nos temos referido a algumas terras do Alemtejo, provincia cuja tradição ceramica vem de época immemorial; é, no emtanto, a menos estudada, como acontece á que se lhe liga, o Algarve, naturalmente por menos accessiveis aos centros que mais se têem occupado do assumpto, situados áquem do Tejo.

No nosso esboceto historico, alludimos ás olarias da civilisação romana, attestadas por documentos encontrados em differentes pontos d'essas duas provincias; aos celebres pucaros de Estremoz, por que bebiam, no seculo XVI, principes e nobres de Portugal, e á excellente qualidade dos barros d'este interessante centro ceramico.

Para a historia da ceramica no Alemtejo têem, ao que nos parece, especial interesse as noticias que vamos dar. Não só as consignadas n'um documento que devemos á amabilidade do Sr. Visconde da Esperança, mas

[1] G[illegible] A[illegible] DIFFERENTES PEÇAS DE BARRO VERMELHO [illegible] AGUA — Estremoz. [illegible]

tambem a que dá caracteristicamente conta da poesia popular, ligada á olaria portugueza em todos os tempos, e que, na vasta provincia transtagana, não desmereceu da de outras regiões do paiz.

Em Serpa, ha muito que existem duas olarias; uma é conhecida pela do *mestrinho (maestrinho)*, a outra tem por nomeada: *Os Lebrinhas*.

Como temos accentuado, pertencem estas ao numero das fabricas de louça que no paiz têem o caracter de industria caseira, onde succede muitas vezes serem tantos os operarios quantas as pessoas de uma familia, ou então serem elles creaturas que se juntam de commum accôrdo, para exercerem esse mester.

Avós, paes, filhos e netos dão todo o movimento a essas officinas. São, a um tempo, patrões e creados, mestres e officiaes; e, isoladas dos grandes centros tumultuosos, animadas da mesma solidariedade, essas familias ou tribus labutam e produzem, na mais feliz despreoccupação.

Fabricam louça vidrada, ordinaria, com os barros vermelhos e amarellados da região. Entre as peças com caracter local, são interessantes a azeitoneira e o *ferrado*. Esta vasilha — fórma de almotolia — para a qual se ordenham as ovelhas, tem a base larga, o gargalo curto, a bôcca triangular e sua asa.

Com os seus velhos costumes, Serpa conserva ainda a tradição medieval dos *maestrinhos*.

Os *maestrinhos*, apprendizes das artes mechanicas, de que fazem parte a carpintaria, a serralharia, a funilaria, a sapataria e a olaria, appareciam, e apparecem, nas festas dos logarejos, em grupos de classe, entoando cantares de cadencia melancholica, marcada pelo adufe alemtejano, ou veem a terreiro bater-se como poetas, com suas trovas, tal qual os mestres populares de Nuremberg, motivo que Ricardo Wagner magistralmente poz em musica.

O documento a que nos referimos, é uma consulta dirigida a um distincto advogado, por João Lopes Marçal, que, tendo arrematado, em 1861, uma herdade que pertencêra ao convento de S. Bento de..., pretendia saber qual o fundamento com que os oleiros da localidade — o Redondo — se julgavam com direito a extrahir barro da parte não afolhada da mesma propriedade, apesar de se declarar no processo de avaliação que era livre de fôro ou pensão, e de não existir na respectiva conservatoria registo de encargo que sobre ella pesasse.

D'esse documento, apenas transcrevemos a parte que se refere propriamente ao exercicio da industria ceramica:

«Os oleiros da localidade... estão de ha muito — diz a consulta — no costume de tirarem o barro que precisam para o fabrico da louça na parte que fica de pousio e não é afolhada, abrindo covas onde lhes parece, para este fim, e julgando-se, por tal costume, com direito a não se-

rem excluidos da propriedade pelo seu actual proprietario, uma vez que arrasem as covas, não prejudiquem as arvores e respeitem as extremas. E, até certo tempo, eram os oleiros compellidos ao cumprimento d'estas obrigações por intervenção de um juiz do officio, que os representava em juizo, e requeria que fossem obrigados executivamente os que não cumpriam. Em 1806, ainda assim se procedia.

«Parece que o fundamento de tudo isto está n'umas antigas posturas de vereação, de 9 de janeiro e 23 de fevereiro de 1726, nas quaes se lê o seguinte : — Na dita camara appareceu o procurador do povo e mesteres, e por elle foi dito que na dita audiencia de segunda-feira passada haviam requerido ao Dr. Juiz de Fóra lhes mandasse convocar nobreza e povo para se acharem em camara em o dia presente, porque tinham certo requerimento que fazer, tocante ao bem publico, e era que os oleiros d'esta villa não tinham louça e padecia o povo grande falta d'ella e a não queriam fazer, e que não só faltava ao povo, mas ás pessoas que vinham de fóra buscal-a, trazendo mantimentos, que tambem faltavam por essa causa, e que mandassem suas mercês chamar os oleiros, para saberem a causa por que não faziam a louça e a tinham em abundancia para o povo, como até ao presente, e os constrangerem a terem o dito genero em abastança; o que ouvido, mandaram que fossem chamados o juiz e escrivão do dito officio dos oleiros, para, em seus nomes e nos demais, darem a razão que tinham para não proverem o povo, como até agora, e determinarem o que fôr de direito e justiça; e, ouvidos os mesmos, na dita camara appareceu o juiz e escrivão e outros officiaes de oleiros abaixo assignados, e, sendo perguntado porque não proviam o povo de louça, como eram obrigados e em razão de seus officios, por elles foi respondido que, para fazerem louça, é preciso barro, e que, não o havendo n'este termo, mais que em algumas herdades, para o irem cavar a ellas, como estavam em posse immemorial, sem nunca se lhes impedir, agora os criminavam injustamente, nas devassas da correição, por cavarem os barros nas ditas herdades, obrigando-os a prisões e livramentos, em que padeciam vexações e despezas, e por esta causa não faziam louça, nem a tinham para a venderem; e, sendo-lhes dado o juramento dos Santos Evangelhos se allegavam bem e verdadeiramente a dita escusa, debaixo do mesmo foi dito que o que tinham referido era verdade, e justamente estavam na dita posse, que ninguem a perturbou; e de tudo mandaram fazer este termo, que assignaram. *(Seguem-se as assignaturas do juiz, escrivão e officiaes dos oleiros).*

«E logo pelo dito procurador dos officios e mesteres foi requerido que, vista a resposta dos oleiros, se fizesse postura n'este Senado, para que nenhuma pessoa pudesse estorvar-lhes o cavar barro para a sua louça, assim pelo antigo costume, como por não haver falta, no povo, de cousa tão necessaria, para que, d'aqui em deante, ninguem possa impedir a extracção do dito barro, como nunca se impediu, pagando a perda que se fizer, avaliada conforme o direito, a quem pertencer; de que mandaram fazer este termo, que assignam, etc.

«E logo pelo Dr. Juiz de Fóra, presidente, e vereadores, procurador do concelho, visto a qualidade da causa, mandaram por pregão e campa tangida convocar a nobreza e povo, para darem seu parecer sobre o requerimento do procurador dos officios e mesteres e resposta dos oleiros acima ; e, vindo varias pessoas abaixo assignadas, que foram ouvidas sobre o referido, e votando cada um de per si, todos concordaram que se fizesse postura para que ninguem impedisse aos oleiros tirar barro das herdades, que até agora costumavam fazer, para o ministerio de seus officios, por ser cousa util e necessaria ao bem commum conservarem este povo na posse em que estava, com mais razão constando, com tradições e fama derivada dos antepassados e dos presentes, que as ditas herdades foram baldios do concelho, que sempre se costumou usar da dita servidão, e tambem porque o bem commum devia de preferir ao particular. E logo mandaram a toda a pessoa que impedir tirar barro aos oleiros para o ministerio dos seus officios, nas herdades em que até ao presente se costumou a cavar por os mesmos, paguem 6:000 réis para o concelho, e que toda a pessoa do povo, com duas testemunhas, possa assentar a dita coima ; e, sobre a perda que fizerem, requerirão as pessoas a quem tocar, avaliada conforme o direito, e que esta postura se publique nos logares costumados e se lance nos livros d'ellas para ter sua verdadeira observancia, com declaração que não cavarão nas extremas ou folhas semeadas. E, de como assim o mandaram, etc. E logo se acharão assignadas dezaseis pessoas da nobreza e povo, etc.

«Esta postura foi annullada pelo Dr. Corregedor da camara, em audiencia de correição que fez em 16 de fevereiro do dito anno de 1726, com o fundamento de ser feita com menor numero de pessoas do que a lei requeria.

«Em audiencia do dito mez, sendo convocadas todas as pessoas da nobreza e povo do concelho e ouvidos os proprietarios e lavradores das herdades, achando-se presentes 195 pessoas, fizeram o Juiz de Fóra e vereadores nova postura, nos termos da antecedente.

«D'esta nova postura aggravou para a Relação ou Casa da Supplicação um dos proprietarios das herdades, para que, sem sua licença, se não tirasse barro da sua herdade etc., á qual foi negado provimento por accordão de 22 de julho de 1726.

«D'aqui parece deduzir-se:

«1.º Que os oleiros constituiam, ao tempo das mencionadas posturas, uma corporação ou entidade juridica, como constituiam os demais officios, com seu juiz, escrivão etc., que os representavam em juizo. Eram, ao que parece, o que se chamava mestria, entidade incompativel com a liberdade de industria do actual regimen politico.

«2.º Que o municipio ou concelho lhes attribuia a obrigação de proverem o povo da louça necessaria ao seu consumo, e por isso lhes reconheciam tambem o direito de extrahirem o barro necessario para tal fim, fundando-se em que o bem publico deve preferir ao particular.

«3.º Que, ainda assim, este direito só podia exercer-se na parte das herdades não afolhada ou semeada, e que o proprietario só o podia fazer cessar no momento em que semeasse ou afolhasse unica herdade na sua totalidade.»

Parte das fabricas que actualmente trabalham nas duas provincias do sul, estão situadas em localidades já de muitos annos conhecidas como productoras de louças e material de construcção.

Das que se contam hoje no Alemtejo, temos noticia das seguintes: — Alcoutim, Almodovar, Arronches, Baleizão, Beja, Beringel, Castello de Vide, Castro Verde, Campo Maior, Crato, Cuba, Elvas, Evora, Estremoz, Gavião, Martim Longo, Niza, Portalegre, Portel, Redondo, Reguengos, Serpa, Vianna do Alemtejo e Villa Viçosa.

Do Algarve: — Tavira, Faro, Olhão, Santa Rita, Moncarapacho, Cacella, Santa Catharina, Lagos, Lagôa e Loulé.

FABRICA DA VIUVA ANTUNES (ESTREMOZ)

— 1770 (?) —

Sabe-se que esta fabrica teve o seu periodo florescente no seculo XVIII, e que produzia faiança esmaltada, estanifera, não inferior a outras fabricadas em Portugal, contemporaneas e congeneres.

No Museu Municipal de Estremoz, encontra-se, na collecção ceramica, uma bilha que, pelas proporções, pintura e esmalte, honra a industria local d'aquelle seculo. Mede: alt. $0^{m},31$; bojo $0^{m},17$. Esta peça está exteriormente marcada, na parte opposta á asa, por extenso: — *Viuva Antunes* (m. 532).

Esta fabrica não foi unica em Estremoz; outras houve, do mesmo genero, cuja materia prima é elogiada pelos technicos.

De Estremoz, segundo a tradição, ha n'aquelle museu uma manteigueira, com tampa — fórma oval — decorada a tinta côr de castanha. A etiqueta dá-a como fabricada de 1600 a 1700; mas, quanto a nós, não deve anteceder o meado do seculo XVIII, quando muito.

D'este mesmo typo — castanho mais arroxado — está alli exposta uma bacia de barba, que, do mesmo modo que a manteigueira, tem o esmalte lacteo e pouco brilhante, peça que tanto póde ser de Estremoz como do Juncal. Pela gravura 132, se podem avaliar os dois exemplares em questão.

Na pequena collecção do Sr. Alvaro Augusto Xavier do Valle — Estremoz — encontrámos algumas faianças que convem citar, pelo interesse que offerecem. Uma d'ellas é uma travessa decorada a azul, sob esmalte estanifero, levemente anilado, pasta pouco fina. Duas figuras de pé, no sentido da maior dimensão da peça; a da esquerda levanta acima da cabeça uma faixa, em que se lê: — *Montes Claros*.

Seria peça commemorativa da batalha que as nossas armas alli ganharam em 1665, ou producto de alguma fabrica de Montes Claros? Seja como fôr, é a mais antiga peça de faiança alemtejana que temos encontrado. Não é, comtudo, anterior ao primeiro terço do seculo XVIII.

Este especimen tem, a guarnecer-lhe a aba, uma cercadura de filetes e pequenos arcos entrelaçados, ornamento que egualmente se exhibe na bôcca de um pote do Juncal, representado na gravura 134.

Estas peças distanciam-se bastante dos typos authenticados com as marcas *Viuva Antunes* e *Estremoz*.

Teriam sido fabricadas por frei Luiz Pernacho, cuja officina foi importante em Estremoz?

Outra duvida surge agora.

E' caso perfeitamente novo, pois jámais tinhamos ouvido qualquer allusão a tal respeito.

O Sr. Alvaro do Valle attribue uma terrina que possue, com toda a gamma dos productos considerados da Bica do Sapato — a Estremoz! A classificação do Sr. Valle, que nos fez o favor de nos deixar estudar as suas louças antigas, é fundada apenas em boatos; mas, quando por ventura se viesse a provar, não se póde duvidar de que Estremoz era a imitadora, tendo-se em vista o schema chromatico e os motivos decorativos da louça *sapateira*, tida como tal ha muitissimos annos.

Entre as louças de Estremoz, polychromas — com especialidade os pratos — e as faianças, não só da Bica do Sapato, mas ainda de outras fabricas do paiz, ha certa affinidade decorativa.

E não foi só Estremoz que imitou a faiança da Bica do Sapato. A fabrica do Reis, em Alcobaça, tambem, em seu principio, a tomou por modelo.

Comtudo, sem termos a pretenção da infallibilidade, continuaremos a ter como fabrico de Lisboa a terrina do Sr. Alvaro do Valle, a não ser que venha a provar-se que algum pintor da fabrica da Bica do Sapato passou

d'esta para a da Viuva Antunes ou outra de Estremoz — hypothese que nos parece plausivel.

A mais da marca da bilha que acima citámos, apresentamos outra: *Estremoz* (m. 121), a authenticar um prato de faiança, que reproduzimos pela gravura 156.

Este exemplar, primeiro que apparece assim marcado, pertence ao nosso amigo o sr. Alberto de Oliveira, que muito amavelmente nos permittiu dar-lhe publicidade. E' decorado com festões, presos por laços, sobre a aba, pela parte interior dos filetes, junto ao perfil, tendo ao centro, no fundo, um grupo de flôres, tudo a côres: azul, verde quente, amarello alaranjado e côr de vinho escuro. Esmalte levemente melado e retalhado pelo tempo, ou pelos maus tratos que levou, o que é mais natural.

G. 156 — Fim do seculo XVIII — Estremoz — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,31 — *Collecção do Sr. Alberto de Oliveira* — Alandroal.

De semelhante typo, possuimos uma travessa, tambem decorada com o mesmo schema chromatico e no mesmo estylo. Esta peça, de que damos um trecho ornamental da aba, incluido na serie dos motivos decorativos (n.º 14), tem o esmalte perfeitamente conservado.

FABRICA DE ALCOUTIM (BEJA)

— ? —

Não se sabe a data certa da fundação. Accurcio das Neves teve noticia d'esta fabrica em 1813, como das quatro que se seguem, da Aldeia de Martim Longo. Deve, porém, datar do seculo XVIII, como quasi todas de que Neves dá relação, nos seus trabalhos de 1814 e 1827.

Esta fabrica era então representada por José Joaquim, e produzia louça grosseira, que o reino consumia.

FABRICAS DA ALDEIA DE MARTIM LONGO (BEJA)

— Antonio Baptista.
— Braz Correia.
— João Baptista.
— José Baptista.

As fabricas representadas por estes nomes produziam o mesmo genero de louça, que a de Alcoutim, e o seu fabrico era egualmente utilisado no paiz.

VIANNA DO ALEMTEJO

— 1860 —

A marca *A. S.*, que damos no nosso diccionario, encontra-se em tres pratos de faiança, dois de decoração polychroma, azul, verde, amarello e vermelho, dominando o azul, e o restante sómente decorado a azul.

De pintura manual e esmalte muito regular, estas tres peças foram adquiridas por nós em Evora, ha oito annos, approximadamente, e — não nos recordamos com que fundamento — apontámos n'essa occasião o seguinte:

«Joaquim Aleixo Serpa, fabrico de 1860.» Esta nota tem pontos de interrogação junto da procedencia e da data.

Aqui fica, sem nada podermos accrescentar ao primitivo apontamento, pois coisa alguma conseguimos apurar em investigações ulteriores, a não ser que Joaquim Aleixo Serpa concorreu com duas peças de louça ordinaria, vidradas (procedencia — Vianna, districto de Evora) á Exposição Internacional do Porto em 1865. [1]

D'este mesmo districto (Evora) e á mesma exposição concorreram:

— José Fernandes (Vianna). — Duas peças de louça preta (bule e cafeteira).
— João Maria de Sousa Mattos. — Differentes tijolos, etc.
— José Maria de Carvalho. — Tijolo, telha e mais louça.

E do districto de Portalegre:

— Commissão (Aviz). — Panellas, telha, etc.
— Francisco Vicente da Costa Cardoso (Aviz). — Barril, panella, etc.
— João Lourenço (Niza). — Bilhas de differentes fórmas para agua.

[1] *Catalogo official*, pag. 89.

FABRICA NO REDONDO (DISTRICTO DE EVORA)

— 1868 —

Proprietario, Commendador Antonio Ruy Gomes. Operarios, José do Monte e Isidoro da Conceição Gago.

Produz louça de serviço commum, vidrada e não vidrada, sendo aquella esmaltada a côr de café. Regula a producção annual entre 6 e 8 contos de réis. Serve-se dos barros da localidade.

FABRICA NO REDONDO

— 1887 —

Ruy Peixoto, director; João Simão, mestre. A especialidade d'esta officina é o fabrico de talhas para vinho, podendo comportar de 50 a 200 decalitros; fabríca tambem telha e tijolo. Usa os barros da localidade e emprega 10 operarios, que vencem o salario de 400 réis.

Da villa de Redondo, encontramos no *Annuario Commercial* de 1905 os nomes que seguem e que correspondem, segundo o mesmo annuario, a outras tantas fabricas de louça: Antonio Victor da Conceição, Caetano da Conceição Abrantes, Elias Antonio Falleiro, Estevão José do Monte, Estevão José Zarrinho, Henrique José Perdigão, Isidoro da Conceição Gago, João Gomes Villar, João Pacheco, João Pinheiro, José Francisco da Conceição, Luiz do Monte Empina e Manuel Pacheco.

Como se vê, além de Isidoro da Conceição Gago (nome que já figurava em 1868 nas olarias do Redondo, como acima se nota) alguns dos appellidos já appareciam tambem, n'essa data, ligados ás olarias d'esta villa, o que denuncia a transmissão do officio de paes a filhos.

FABRICA ALFACINHA (ESTREMOZ)

— 1881 —

Fundada n'esta data por Caetano Augusto da Conceição (vulgo *o Alfacinha,* por ter nascido em Lisboa), fallecido em 1904. N'esta data passou para o filho do fundador, Narciso Alfacinha, que deu sociedade a seu cunhado, Alvaro Augusto Xavier do Valle, nome que ha pouco citámos.

Produz louça vermelha para agua, lisa e brunida, com ornamentos em

relevo, lavores adamascados ou riscados, e incrustações de pequenos fragmentos de marmore branco, da localidade, e louça vidrada, typo ordinario.

E' remotissimo o fabrico d'aquelle genero de louça em Estremoz, como tambem data de seculos a fama de este barro fazer a agua fresca, propriedade que deriva da porosidade natural com que este barro fica, depois de cozido, e ter virtudes excepcionaes, ao que já tivemos occasião de nos referir.

Hoje, não é a unica fabrica do paiz onde se manufactura louça com esta apparencia; entre outras, ha uma em Lisboa, que notámos no respectivo capitulo.

São variadas as fórmas das peças, taes como talhas, bilhas, moringues, garrafas, copos, cantis e outras de phantasia. A gravura que ornamenta a primeira pagina d'este capitulo (155 A), reproduz alguns d'esses exemplares.

A producção annual não excede 4.000$000 réis, devido á concorrencia das imitações.

Pessoal: rodeiros, 3, sendo o mais antigo e habil Joaquim José de Castro Firmo; modeladores, 4; forneiros, 2; polidores, 8. No verão, o pessoal sobe a 25 operarios, de ambos os sexos, adultos e creanças.

A côr vermelha da louça para serviço d'agua é dada com o barro da *mina* da Mostardeira, e o brunido pela fricção com polidores de pedra ou de madeira.

A Olaria Alfacinha tem obtido medalhas nas exposições: Agricola de 1884 e Industrial de 1888.

VILLA VIÇOSA

Em Villa Viçosa, deve ter havido um meio ceramico mais importante do que geralmente se pensa.

A fama da excellente materia-prima devia ter chamado, em outros tempos, oleiros a explorar o barro da Tapada Real.

Ha por ahi muitas peças de louça, tidas como productos das Caldas da Rainha ou alcunhadas de hespanholas, que cremos terem sido fabricadas em Villa Viçosa.

As peças a que alludimos — fructeiras, galheteiros, perfumadores — são, em geral, de coberta verde (tom mais ou menos intenso) e de ornamentação em relevo, ou aberta em xadrez ou phantasiando outros desenhos golpeados.

No Museu Municipal de Estremoz ha um perfumador, fórma de urna circular, com applicações de mascaras, arquinhos, folhas e rosetas, tendo, alem d'estes adornos, riscadas na pasta, argolas encadeadas e outras ranhuras. De esmalte verde claro, esta peça é talvez construida com barro de Villa Viçosa.

FABRICA DE VILLA VIÇOSA (FREGUEZIA MATRIZ)

— ? —

A noticia mais antiga que temos desta fabrica é de 1882. O seu representante, José Arcadio da Silva, obteve menção honrosa na Exposição do Palacio de Cristal do Porto, em 1882, com os seguintes productos de uso domestico: jarras, vasos e differentes objectos de phantasia. Vende no concelho e exporta para Hespanha.

Emprega o barro da Real Tapada de Villa Viçosa.

OUTRAS FABRICAS DE VILLA VIÇOSA

A cada um dos nomes que se seguem, corresponde uma fabrica. Todas concorreram em 1888 á Exposição Industrial de Lisboa.

— José Cigarrilha (freguezia matriz). — Telha e tijolos.

— José Joaquim Mourão (freguezia matriz). — Productos de barro vermelho.

— Joaquim Nepomuceno (S. Romão). — Telha, tijolos, etc.

— Izidoro Maria Barrancos (S. Bartholomeu). — Produz louça de serviço caseiro: infusas, alguidares, cantaros e cangirões.

— Estevão Arcadio da Silva. — Em laboração.

— Joaquim Arcadio da Silva. — Em laboração. Estes Arcadios da Silva concorrem ao mercado semanal de Estremoz, com louça vidrada e sem vidro.

FABRICA DE VIANNA DO ALEMTEJO

— 1893 —

Officina Ceramica «Medico Sousa». Começou a produzir, subsidiada pela União Vinicola e Oleicola do Sul, um anno depois da fundação (julho de 1894).

Por falta de recursos pecuniarios, deixou de fabricar, tomando o governo posse d'ella e annexando-a á Escola Industrial, em 30 de dezembro de 1901.

Tivemos occasião de vêr em Vianna parte do que a Officina Ceramica produziu sob a habil direcção do Sr. José Oliveira Dias: faiança esmaltada, louça vermelha e importantes reproducções de trechos de architectura em barro não esmaltado. Damos a marca no diccionario respectivo (m. 120).

Parece ter obedecido, em parte, o seu estabelecimento em Vianna do Alemtejo (Vianna a par de Alvito, como se denominava no seculo XVI) ao intuito de aperfeiçoar a olaria n'esta região, visto ser importante e encontrar-se ainda n'um estado demasiadamente primitivo.

De facto, as olarias alli pouco se têem desenvolvido, e, no seu maior numero, não passam de simples industrias caseiras.

FABRICAS DIVERSAS [1]

Antonio Luiz Caldeira. (Arronches — Districto de Portalegre).
João Charrinho Correia. (Niza — Districto de Portalegre).
José da Graça Ferreira. (Idem).
Antonio Guerra. (Idem).
José dos Remedios Ribeiro Figueiredo. (Idem).
João Maria Canudo. (Cuba).
João Mauricio. (Idem).
João Paes. (Castro Verde — Districto de Beja).
Manuel da Gama. (Idem).
Alvaro Augusto do Valle. (Estremoz).
José Joaquim Pimentel. (Portalegre).
José Maria Miranda. (Idem).
Francisco Marques Fialho. (Portel — Districto de Evora).
Joaquim José Barahona. (Idem).
José Marques Fialho. (Idem).
João Antonio Folgado. (Castello de Vide).
Manuel Luiz Caldeira. (Idem).
Raphael Caldeira. (Idem).

Produzem estas fabricas, em geral, louça mediana, grosseira, de barro vermelho, tijolo e telha.

ALGARVE

Pela distante collocação dos centros mais movimentados do paiz, esta provincia, com relação á ceramica, viveu mais ou menos de si propria, e ainda hoje vive, não obstante a relativa facilidade de communicações com as capitaes, Lisboa e Porto.

[1] Notas avulsas.

Exceptuados alguns productos de louça fina, que importa do norte do paiz, a sua producção de louças medianas e material de construcção é importantissima e em via de abastecer toda a provincia.

E' certo que, para tal independencia, concorreu em todos os tempos a fertilidade argillosa do solo algarvio, que allia á quantidade, excellentes qualidades.

Sobre o districto de Faro, diz o Sr. Charles Lepièrre, no seu apreciado trabalho:

«Os centros mais importantes são: Tavira, Santa Rita, Cacella, Moncarapacho, Santa Catharina, Olhão, Faro, Lagos, Lagôa, etc.»

Dá, no emtanto, primazia á villa de Loulé, como centro productivo de louça commum.

N'esta villa, ha, em numero de 25, pequenas officinas, que produzem a importancia de 200$000 a 1:000$000 réis cada uma.

A seguir, aprecia assim:

«Os *telheiros* de Loulé são muito antigos, trabalhando n'elles os proprios donos, paes, filhos, etc.; o pessoal é muito rotineiro, o que não é para admirar. Ainda assim, a louça de Loulé é a mais apurada do Algarve...

«As fórmas das louças, ainda que elementares, não deixam de ter alguma elegancia; podem-se citar os *cantaros*, muito altos, de duas asas, de bôcca estreita e esguios. Mas o que me parece mais interessante nas louças de Loulé é o lindo vidrado das peças: amarello citrino e vermelho, muito brilhante, com uns toques verdes, que contribuem para dar á louça um bonito aspecto.»

Ainda referindo-se ás argillas de Loulé — de que apresenta as analyses — observa o Sr. Lepièrre, que o barro branco «é de primeira qualidade, e pena é que não seja aproveitado para faiança esmaltada, e até para faiança fina».

Elogia o barro vermelho, para fazer a agua fresca, pela plasticidade e fina qualidade.

Os nomes que em seguida citamos representam olarias da Villa de Loulé:

Antonio Guerreiro, Antonio de Sousa Callado Bicho, Francisco Bernardo, Francisco da Piedade Caracol, João da Piedade Baptista, João de Sousa Callado, Joaquim Fernandes Bellas, Joaquim Filippe Moço & Irmão, Joaquim do Jorge, Joaquim Penteado, Joaquim da Piedade Caracol, José da Conceição Velhote, José Bernardo Filippe, José do Carmo Chalaça, José Francisco Jorge, José Jorge, José Teixeira, José Valle Telheiro, Manuel Caracol, Manuel Chumbinho.

COMPANHIA ALGARVIENSE DE CACELLA (TAVIRA)

1889

E' a mais importante fabrica ceramica do Algarve. Perfeitamente installada, dispõe de machinismos modernos e de um grande forno de systema continuo.

Na producção, compete com as melhores fabricas do paiz, em tijolos de toda a qualidade, telha e mais material para construcções.

E' de 50:000$000 réis o seu capital, e emprega 60 operarios, que, pela média dos seus salarios, se póde reputar o mais barato pessoal oleiro do reino.

G. [illegible] — 1830 — Estremoz
BONECA DE BARRO VERMELHO,
colorido — Alt. 0,10 ½
Nossa collecção — Lisboa.

CAPITULO VII

Vianna do Castello e seu districto

VIANNA DO CASTELLO, a linda Vianna, hoje capital de um dos districtos da provincia do Minho, foi tão modesta em seu principio, que se desenvolveu de um pequeno povoado de humildes pescadores, estabelecido na foz do Lima: — «. . . lançou o Conde de Bolonha em 1258 os alicerces de uma Villa, que tomou o antigo nome do logar; em tempos remotos tivera differente situação no alto do proximo monte, onde jazia sepultada e esquecida em suas ruinas». [1]

FABRICA DE DARQUE

— 1774 —

Em 1774, João Araujo Lima e Carlos de Araujo Lemos, de sociedade com João Gaspar Rego, e Antonio Alves Pereira Lemos (guarda-livros), foram os fundadores da tão celebrada Fabrica de Darque ou de Vianna, designações equivalentes.

A dois factores se attribue o ter-se fundado na freguezia de Darque,

[1] *Exposição de Arte Ornamental do Districto de Vianna — Agosto e Setembro de 1896*, pag. 5.

em frente de Vianna do Castello: os abundantes barreiros de Alvarães, no antigo concelho de Barcellos, tão perto de Vianna, e as excepcionaes condições da barra do Lima, que facilmente punham Vianna em contacto com os portos do sul do reino e do norte da Galliza e ainda com qualquer ponto banhado pelas aguas do mar.

Constituiu-se n'aquelle anno a sociedade dos quatro nomes apontados, origem da famosa faiança de Darque.

Da installação primitiva, ainda ha tres annos vimos restos, junto á linha ferrea, na margem esquerda do rio.

De um artigo que em tempo lemos ácerca d'esta fabrica, extrahimos alguns dados para a presente noticia:

«A fabrica empregava o barro de Alvarães, misturado com o barro e areia de Lisboa.

«Em março de 1775 edificou-se na Meadella no si tio dos Arcos, no rio da Poupeira, o moi nho para o vidro.

«A escolha do pessoal, a boa materia-prima, sob uma habilissima direcção technica animaram desde logo os negociantes viannenses que se tinham posto á frente da empresa, e em breve a nossa louça se tornou conhecida e apreciada; a modelagem especial e o typo geral dos exemplares nos induz a suppôr que a sua direcção estava confiada a mestre estrangeiro, sem duvida francez.»

G. 158 – 177. — Darque – POTE DE FAIANÇA, decoração azul e roxo — Alt. 0,24 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Quanto ás primeiras producções, é muito possivel que assim succedesse, pois não é raro encontrar peças que attribuimos ao primeiro periodo de Darque, com a faixa caracteristica de Rouen, como adeante notaremos.

A não ser assim, ha só uma hypothese que nos parece verosimil: ter sido o primeiro mestre de Darque fornecido pela Real Fabrica do Rato.

A terrina decorada a azul e com a faixa de Rouen, n.º 159 das nossas gravuras está marcada *Vianna,* por extenso, e, no emtanto, mais de um entendido a tem tomado por producto do Rato!

Póde ser que assim fosse, vistas as leis proteccionistas do Marquez de Pombal, fundador da Real Fabrica do Rato, que, ao tempo, era, por assim dizer, a séde de todo o movimento ceramico entre nós, dando leis e auxilio ás fabricas que se iniciaram posteriormente.

O alvará de 7 de novembro de 1770, assignado por El-Rei D. José, dando protecção a todas as fabricas de louça do paiz, torna plausivel a nossa hypothese.

Em 1812, diz Accurcio das Neves que a fabrica pertencia aos herdeiros de Antonio José Gomes Ferreira. «Ultimamente, nas mãos de Manuel Luiz Rodrigues, o *Pezote,* de João Baptista Correia, de parceria com Manuel Ignacio de Amorim Novaes, de Balagães, proprietario do terreno da officina, e com José da Cruz, que foi o derradeiro mestre, e por isso conhecido pelo nome de *José da Fabrica* — decahiu completamente, perdendo-se successivas fornadas pela fabricação do material e pela incompetencia dos operarios, tendo de fechar as portas em 1855.»

G 156 — 177... Darque — TERRINA DE FAIANÇA, decoração a azul — Dim. 0,23×0,34 — *Nossa collecção* — Lisboa

Os nossos apontamentos, colhidos em Vianna, onde tivemos o prazer de nos demorarmos quinze dias, concordam com o que acabamos de transcrever; ha, porém, algumas passagens que discordam do resultado das nossas investigações. Por exemplo, diz o auctor: «A nossa ceramica por vezes se confunde com a do Rato, com a qual sempre rivalisou.»

O periodo aureo e interessante da producção de Vianna não foi de certo o dos primeiros dez annos da sua existencia. Embora de modelação mais perfeita e de exemplares mais importantes, essa producção, ou fosse por espirito de imitação, o que julgamos mais provavel, ou pela direcção estrangeira, como lembra o auctor, não tem caracter proprio, inconfundivel.

O periodo que *marca,* no fabrico de Vianna, é o correspondente aos vinte e cinco annos que vão de 1780 a 1805, pouco mais ou menos. Ahi, sim, ha um typo perfeitamente definido, ahi está a encantadora polychromia, que, sob um esmalte lacteo e doce, traduz absolutamente o aspecto da linda Vianna!

N'esses vinte e cinco annos, as incorrecções e devaneios que Darque commetteu na modelação ou imitando um ou outro producto alheio, são-lhe bem perdoados pelo que produziu tão assignaladamente minhoto!

Quando n'uma obra as qualidades são superiores aos defeitos, a critica deve ser benevola, porque o trabalho dos homens não é impeccavel. Ha casos, porém, em que se impõe a quem trata e estuda um assumpto, dizer o que deduziu d'elle. É o que vamos fazer.

Começaremos por notar os defeitos, para guardamos para o fim a parte que tanto recommenda a faiança viannense, n'esse quarto de seculo.

G. 160 — Fim do seculo XVIII — Darque — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,32 ½ — *Collecção do Sr. Moreira Cabral* — Porto.

Como dissemos, a partir do primeiro decennio da manufactura de Darque, as peças em que a parte decorativa é relevada, não se recommendam pela modelação, e assim succedeu até final.

N'uma ou n'outra asa de infusa, n'algumas pégas de tampas de terrinas e compoteiras, por vezes o ornato é, quando muito, acceitavel. Nas figuras, então, poucas são as que se recommendam pelas proporções.

G. 161 — 1758 (?) — Darque — BULE DE FAIANÇA, decoração a azul — Alt. 0,20 — *Collecção do Sr. José Caetano* — Vianna.

Vianna produziu grande quantidade de pequenas figurinhas, representando vendilhões de fructos e de animaes, pastores, de pé ou sentados, e outras decorativas, como hastes de castiçaes, mulheres bojudas e homens sem pescoço em dissimuladas garrafas e cangirões. Na grande variedade de galheteiros, applicou de preferencia, para depositos do vinagre e do azeite, entre outros animaes, os *patinhos* na posição em que estes palmipedes nadam nos tanques e nos charcos.

Com rarissimas excepções, reparando bem, não se encontram figuras razoavelmente desenhadas em toda a decoração pintada na faiança de Vianna, nos seus oitenta annos de producção.

Eis a razão por que não é justo dizer-se que a producção da fabrica de Darque competia com a da fabrica do Rato, quando esta não teve competidor em todo o paiz e, pelo que ponderamos, aquella menos do que qualquer outra podia rivalisar com a fabrica das Amoreiras, cuja obra de esculptura, pintura e peças monumentaes foi inexcedivel.

Para que a nossa opinião não pareça apaixonada, visto termos nascido em Lisboa, além do testemunho das nossas gravuras, declaramos que, ao expôr o nosso parecer, não só n'este mas em qualquer outro assumpto — dentro dos nossos diminutos recursos — não nos lembramos do local onde nascemos.

G. 162 — Fim do seculo XVIII — Darque — INFUSA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,28 — *Collecção do Sr. S. das Neves* — Vianna.

A bella faiança de Darque, no seu caracteristico typo, recommenda-se por muitos motivos.

É relativamente leve e bem cozida, de boas formas e coberta por um esmalte lacteo e de agradavel brilho.

Attingiu a perfeição no que ha de mais difficil de obter na ceramica — os grandes pratos de 30 a 40 centimetros de diametro, em geral perfeitamente desempenados!

A sua polychromia é intensa sem violencia, compondo-se das seguintes côres: azul, verde, amarello canario, laranja e violeta.

Na nossa collecção, possuimos um bello prato (g. 163) com 0,^{m}34 de diametro, a que já fizemos referencia (pagina 81), e que, durante muito tempo, constituiu para nós um problema interessantissimo. É o prato que ostenta a legenda «Viva Don Jojé I» e que apparece marcado com as lettras *B C* (m. 62), que primeiro interpretamos *Bica do Sapato* (Çapato). Ao cabo de um largo estudo comparativo, adquirimos a quasi certeza de que esse bello exemplar — uma peça de homenagem, destinada talvez a commemorar a inauguração da estatua equestre ou a ser offerecida como tributo de reconhecimento por quaesquer prerogativas alcançadas — saiu das officinas de Darque, pertencendo aquellas iniciaes ao mestre ou ao pintor que

então as dirigia ou alli exercia a sua arte.

Este exemplar, se (como suppomos) é producto de Vianna, prova exuberantemente que a fabricação da faiança attingiu alli um elevado grau de perfeição.

Além da decoração vulgar de ornatos e flores, creou um typo decorativo notavel pela originalidade dos desenhos e pela combinação harmonica das côres, de aspecto captivante e sem precedentes, como o provam as peças que as gravuras 164-166 reproduzem.

163 — Ultimo terço do seculo XVIII — Darque (?) — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma. — Diam. 0,33 1/2 — *Nossa collecção* — Lisboa.

É, pois, este typo que distingue a faiança de Vianna e onde está retratada a feição pittoresca da paizagem regional, a jovialidade da capital minhota, que nos recebe sorrindo, cheia de encantos, e cujas lindas mulheres, com as suas vestes caracteristicas, inspiraram os pintores das suas louças, que mais parece terem sido feitas para ser estimadas do que para applicações utilitarias.

Fóra d'este typo, ha peças de Vianna com signaes indicadores, quando a ausencia de marca possa pôr em duvida o investigador menos experiente:

A corda contornando as abas dos pratos, das terrinas e, nas decorações a tinta, certas florinhas azues com seis petalas, com toda a apparencia de *myosotis*.

G. 164 — Fim do seculo XVIII — Darque — COPO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,32 1/2 — *Collecção do Sr. A. M. da C. Lobo* — Vianna

Entre os exemplares que vão indicados nos typos decorativos (pag. 51), ha uma cercadura inconfundivel, que, entre outras, Vianna usou pintada na sua louça: — um fio ondulado tendo em cada uma das ondulações uma pinta arredondada e, junto a um dos dois filetes que fecham este motivo,

G 165 — Fim do seculo XVIII — Darque — PRATOS DE FAIANÇA, decorações polychromas — Diam. 0,22 — *Collecção do Sr. S. das Neves* — Vianna.

uma serrilha a azul. Esta serrilha acompanha muitas vezes outras faixas, entre as quaes uma em *espinha,* de successivos traços.

Foi grande a variedade de peças que sahiram da fabrica de Darque. Além de apparelhos de almoço e de jantar, fabricou um grande numero de

infusas, canecas, boiões, malguinhas, galheteiros, paliteiros, castiçaes, jarras, floreiras, bacias de agua ás mãos e bacias degoladas para barba e seus respectivos gomís, copos, tinteiros, e muitos outros especimens, de mui variadas fórmas.

Fabricou louça de serviço commum decorada a azul, com o typo da de Miragaya, ahi por 1850. D'este fabrico, encontram-se pratos, com um *V* sob a palavra *Alpoim*, sublinhado (m. 21), peças que faziam parte de um apparelho, ao tempo mandado fazer para uma senhora da localidade, Germana Alpoim.

Com essa marca tem o Sr. Antonio Arroyo um prato na sua collecção.

Possuimos tambem um, que nos foi offerecido pelo Sr. Dr. Alfredo de Magalhães Queiroz, que tem mais meia duzia na sua casa em Vianna.

G. 166 — Fim do seculo XVIII — Darque — COPO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt [illegible] *Collecção do Sr. Padre J. de A. Passos Vianna* — Vianna

Com este mesmo azul de Miragaya, tambem produziu peças com a ap parencia da louça ingleza. Na collecção do Sr. Mo reira Cabral (Porto), existe um prato d'este typo com a marca de Vianna.

Cremos que Vianna fosse a fabrica, que, depois da do Rato, mais produziu, e da qual, hoje, mais productos se encontram mar cados.

No dizer do Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, a quem se deve o interessan te *Catalogo* que já citámos, «a louça de Darque appa rece geralmente marcada, a principio com um *U* ou *Uianna* por extenso e sublinhado, depois com *V* tambem sublinhado e por fim sem a risca inferior; rarissimos exemplares apparecem marcados com um *D*; outros com *R* ou *I*...»[1]

Quanto a pertencer a marca *Uianna* por extenso e sublinhada ao primeiro periodo, é perfeitamente assim; quanto ás marcas *U* ou *V* sublinhadas ou sem a risca, é que pedimos licença ao erudito escriptor para não concordarmos, pois que se encontram ambas essas iniciaes inferiormente traçadas com a linha horizontal, marcando alternadamente o fabrico de Vianna de todos os tempos.

As variantes são, porém, ainda mais numerosas, como mostramos no nosso diccionario de marcas.

Das restantes marcas apontadas pelo Sr. Dr. Figueiredo da Guerra, o *D*,

[1] Obr. cit., pag. 7.

G. 167 — 1798 — Darque — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,35 — *Collecção do Sr. S. das Neves* — Vianna.

o *R* e o *I* — iniciaes isoladas — jámais lográmos vel-as marcando os productos de Darque.[1]

Do primeiro periodo da fabricação viannense damos, a mais da terrina citada, as gravuras: um boião decorado a azul, contornado a côr de vinho, que se recommenda pela pintura (g. 158), e um bule, tambem decorado a azul sob esmalte lacteo (pastoso), d'uma bella fórma e equilibrio (g. 161).

Do segundo periodo, um prato, decoração polychroma, contornado com a caracteristica *corda* de que já fallamos (g. 160).

Do terceiro e aureo periodo já indicámos as gravuras com os numeros 164 a 166, A peça reproduzida pela gravura 167, quanto a nós, marca a transição do segundo periodo para o que acabamos de citar.

G. 168 — 1805 — Darque — CANECA DE FAIANÇA, pintada a côres — Alt. 0,27 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna.

FABRICA DA QUINTA DA CABANA (CAMINHA)

— 1820 a 184... —

Fundada por Antonio José Xavier da Silva, negociante e proprietario, filho de Caminha.

Xavier da Silva envolveu-se na guerra

[1] Talvez o Sr. Dr. Figueiredo da Guerra tomasse como marca de Vianna o *R* de Ruas, da Fabrica de Caminha, cujos productos se confundem por vezes com os de Darque. *I* e *CD*, ligados, iniciaes de José da Costa — constituem uma só marca, reproduzida no nosso diccionario (m. 227).

entre os dois irmãos, defendendo a causa de D. Pedro, como bom liberal que era, e falleceu em 1844.

G. 169 — 1820 a 1830 — Caminha — TERRINA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. 0,18 — *Collecção do Sr. Dr. Oliveira* — Vianna.

A fabrica da Cabana, ainda continuou a funccionar por algum tempo, depois da morte de Xavier, ficando á testa da direcção a viuva, D. Maria Josefa Xavier d'Oliveira Torres.

As faianças esmaltadas da Quinta da Cabana eram, em geral, para uso domestico e na sua maior parte exportadas para a Galliza.

O mestre *Covas,* ao mesmo tempo que dirigia a parte technica da fabrica, trabalhava n'uma das rodas, parte esta da olaria em que tinha fama de habil artifice.

Com pequeno pessoal, compunha-se a installação de duas officinas contiguas, uma destinada a deposito de materiaes e confecção dos differentes productos, com duas rodas de pé, a outra para a seccagem das peças, etc. Não diz a noticia, que nos foi fornecida pelo Sr. Dr. Luiz Augusto d'Oliveira, onde estava installado o forno.

G. 170 — 1825 (?) — Caminha — GALHETEIRO DE FAIANÇA, decoração polychroma — *Collecção do Sr. Padre J. de A. Passos Vianna* — Vianna.

Quasi todo o material era importado da Figueira da Foz, em barcos de pequena lotação, pertencentes á fabrica.

Mais simples na ornamentação, tanto relevada como em pintura, do que resulta aspecto mais modesto — comparada com a de Vianna — a faiança da fabrica da Cabana é, por assim dizer, filha da influencia da fabrica de Darque.

A terrina representada pela gravura 169 e que pertence ao Sr. Dr. Luiz Augusto d'Oliveira (Vianna do Castello), é com toda a simplicidade assim decorada: faixas e filetes nas côres azul, verde, amarello canario e laranja, sob esmalte branco.

Na péga da tampa, tem pintada a estrella das bolotas, um dos motivos decorativos que frequentemente se encontram nos caracteristicos productos de Darque. Está marcada com um *X* (m. 545), como egualmente o estão as outras peças que conhecemos e vamos citar:

Um areeiro, decorado a azul e côr de vinho, esmalte branco, do Sr. Moreira Cabral (Porto). (M. 544).

Um galheteiro, decoração polychroma, do Sr. Alvaro de Sousa Rego (Lisboa). (M. 543).

G. 171 — 1847 [illegible] Caminha — PRATO DE FAIANÇA, decoração polychroma — Diam. 0,20 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Outro — sem marca — do Sr. Padre João de Assumpção Passos Vianna (Vianna do Castello), cheio de modelação, fructos nas tampas dos frascos e o tripé composto de cabeças de patos, invertidas. Côres: verde, azul e amarello.

Consideramos esta peça (g. 170), como fazendo parte, dos primeiros productos de Caminha.

G. 172 — Meados do sec. XIX — Caminha — CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma Alt. 0,20 — *Collecção do Sr. Alfredo Bensaude* — Lisboa.

Nas esplendidas collecções, existentes em Coimbra, do Museu do Instituto e do Sr. Conde do Ameal, tambem está representada a Fabrica da Cabana, com especimens marcados.

FABRICA DE MARTINS RUAS (CAMINHA)

— 1846 a 1854

Fundada em Caminha por José Martins Ruas, produziu louça branca, com relativa perfeição.

Em 1854 a fabrica acabou, destruida totalmente por um incendio.

Os productos de Ruas ou Rua, como tambem é conhecido, recommendam-se pela fórma, e pela boa distribuição do esmalte.

As pinturas, nem todas são feitas á mão: algumas são estampilhadas. Em geral, as côres são limpas, sendo os exemplares decorados á mão similhantes a alguns typos da antiga faiança de Coimbra, sem comtudo se desviarem do typo de Darque, como já observámos com referencia á faiança da fabrica da Quinta da Cabana.

O prato reproduzido (g. 171) está n'este caso, pois muito tempo vacillámos, quanto á sua procedencia, entre a fabrica do Rocio (Coimbra) e a de Ruas, tanto mais que se dá a coincidencia de estar marcado com um *R*.

O Sr. Charles Lepièrre [1] allude á opinião do Sr. A. A. Gonçalves, experimentado ceramista, que entre os dois productos em questão encontrou mais de um ponto de contacto.

G. 173 — 1850 — Caminha. CANECA DE FAIANÇA, decoração polychroma — Alt. [illegible] *Nossa collecção* — Lisboa.

O prato que acabamos de notar é decorado á mão com as côres azul, verde e laranja quente, esmalte lacteo pouco espesso e pouco brilhante, e tem marca identica ás que reproduzimos sob os N.os 369 e 370.

Das duas canecas (g.s 172 e 173), a primeira é tambem decorada á mão. Côres: verde, amarello, laranja e violeta quasi preto, sob esmalte branco. A segunda, com tampa, marca a transição d'esta maneira de decorar para a estampilha. Côres: azul, verde, amarello canario e laranja avermelhado. Esmalte brilhante, levemente rosado.

Além das marcas d'estas duas peças, 371 e 372 — provaveis — encontra-se no nosso diccionario uma variante, que assignala uma jarra para flôres, decoração polychroma, que o Sr. Alvaro de Sousa Rego adquiriu em Caminha. Convem chamar para ella a attenção, pois não só tem um *R*, como a abreviatura de Caminha (m. 428).

Os barros utilisados n'esta fabrica eram de Lisboa e de Telheiras de Villar de Mouros.

O Sr. Charles Lepièrre, que dá no seu utilissimo trabalho a analyse do barro de Villar de Mouros, informa que, n'essa freguezia, existia (1899) uma fabrica de louça branca (unica em todo o districto), que usava os barros out'ora empregados na de Rua e por vezes marcava as peças como as de Vianna. [2]

[1] *Estudo chimico e technologico, etc.*, pag. 101.
[2] Idem, idem.

CAPITULO VIII

Ilhas adjacentes

No archipelago açoriano é cultivada a industria ceramica, cuja producção, mais ou menos apurada e desenvolvida, n'algumas das ilhas, fornece louças de faiança, de barro vermelho e material de construcção.

Que nos conste, só importa do continente, louças de pasta rija, como são o granito, e a porcelana da Vista Alegre. Tambem a capital exporta para alli uma parte das materias-primas, que as differentes fabricas consomem.

São pouco conhecidos os productos ilheus no continente, visto não poderem competir, em preço, com a louça que n'esta parte do reino se fabrica.

São resumidas as noticias que podemos offerecer aos leitores, por absoluta falta de resposta dos fabricantes a quem nos dirigimos, pedindolhes dados sobre a importancia das suas officinas. Fez excepção o ceramista Jacintho Martins Cardoso, proprietario da Fabrica «Progresso Angrense».

S. MIGUEL

Lagôa e Villa Franca do Campo *(Districto de Ponta Delgada)*

— 1862 —

Fabrica de faiança de Bernardino da Silva. Produz serviços de mesa e cozinha. Occupava em 1888 40 operarios. Producção annual, 9:000$000 réis. Barros de Lisboa, drogas do estrangeiro.

FABRICA DE CERAMICA DA LAGOA

1872 —

Fundada por Manuel Leite Pereira, natural do Porto. Está situada no Logar das Alminhas, freguezia de N. S.ª do Rosario. Produz louça de barro, tosca e vidrada, e material para construcções: telha, tijolo, tubos para esgoto e azulejos. Tambem produz figuras — typos de S. Miguel — alt. 0,m18, e reducções de aparelhos de mesa — brinquedos — de barro vermelho e branco, com o mesmo caracter dos brinquedos fabricados em Barcellos, cujo barro importa.

N'estas peças, encontram-se algumas vezes inscriptas as palavras *Lembrança de S. Miguel,* assim como a marca que damos no nosso diccionario (m. 326 A).

Emprega os barros de Lisboa, Santa Maria e S. Miguel. Productos chimicos de Lisboa, do Porto e do estrangeiro.

Operarios, 20 a 25, maiores. Mestre e gerente, o fundador. Producção annual, 10:000$000 réis.

Tem obtido premios nas seguintes exposições: — Porto, 1882; Ponta Delgada, 1882; Boston, 1883; Londres, 1884; Lisboa, 1888; Lisboa, 1890; Ponta Delgada, 1894; Paris, 1900; Porto, 1901; Ponta Delgada, 1901. N'esta ultima obteve a medalha de oiro.

FABRICA DE FAIANÇA DE JOÃO LEITE PEREIRA

1872

Produz louça para agua e vasos para flores. Concorreu á Exposição Industrial de Lisboa em 1888.

TERCEIRA

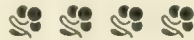
ANGRA DO HEROISMO *(Districto de Angra)*

FABRICA DE LOUÇA PROGRESSO ANGRENSE

1886

Fundadores, Jacintho Martins Cardoso e Zeferino Augusto da Costa, ficando com a gerencia o primeiro. Produz faiança ordinaria e tubos, em-

pregando barro da ilha de Santa Maria. As outras materias-primas são importadas de Lisboa.

Tem tres mestres: o pintor Manuel Martins Pereira, o forneiro Joaquim Maria Gonçalves e o rodeiro Antonio d'Almeida; sete operarios, quatro trabalhadores e quatro rapazes. Producção annual, 6 a 7 contos de réis.

Das outras fabricas dos Açores, as mais importantes, são:

S. MIGUEL

Lagôa e Villa Franca do Campo *(Districto de Ponta Delgada)*

Fabricas de Antonio José Jacintho da Silva, Ermelinda Pacheco Gago da Camara e Manuel Jacintho de Carvalho.

SANTA MARIA

Villa do Porto *(Districto de Ponta Delgada)*

Fabricas de Amaro de Sousa, João Augusto Baptista, Manuel Machado e Perciano José de Sousa.

PICO

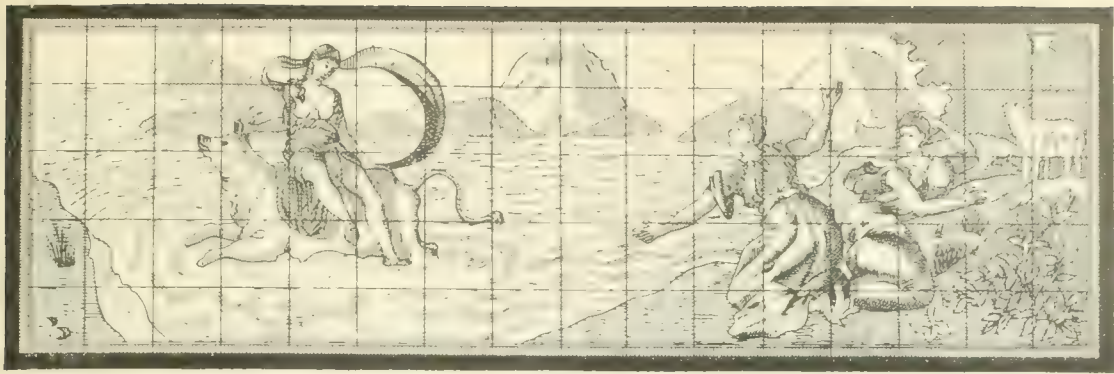
Lagens do Pico *(Districto da Horta)*

Fabrica de José Joaquim Madeira.

Na Madeira, sabemos existirem, no districto do Funchal, fabricas pertencentes a Francisco José Nogueira Guimarães, João da Cruz Pitta, José Leite Pereira, José Machado e José da Silva.

PARTE III

Azulejos

(1)

Azulejos

EM muitos pontos d'este livro, encontram-se referencias aos azulejos, como não podia deixar de ser, visto elle tratar da ceramica.

O azulejo é, por assim dizer, o cartaz annunciador e denunciador, entre nós, do fabrico da louça esmaltada. [2]

Por esse motivo nos isentamos de repetir n'este capitulo o que já está dito, a não ser por absoluta necessidade.

Para dar uma palida ideia do que se produziu de azulejos em Portugal, não bastavam todas as paginas d'este volume; para descrever minuciosamente essa producção, seriam precisos tantos in-folios, como os que compõem a maior das encyclopedias conhecidas.

Só os azulejos que se têem partido, ao arrancar dos seus primitivos logares, por motivo de restaurar e reedificar a propriedade urbana em Lis-

[1] G[illegible] A — Seculo XVI — Azulejos [illegible] representando o RAPTO DE EUROPA. Costas de [illegible] banco [illegible] d'um [illegible] palacio da Bacalhoa — Azeitão.

[2] Não é raro verem-se nos azulejos decorações muito semelhantes, no desenho e nas côres, ás decorações das louças. Estes casos tornam-se evidentes sobretudo nos productos de Coimbra e Lisboa.

boa apenas, juntos aos que têem sahido para o estrangeiro, não exaggeramos se dissermos que cobririam, como alfombra, duas vezes a superficie da Praça do Commercio.

Idos do continente para as nossas ilhas e para a nossa Africa, carregaram muitas embarcações.

É vulgar verem-se nos cavoucos e muralhas das edificações construidas depois do terremoto de 1755, fragmentos de azulejos, em profusão.

Mas ha um motivo que não tem sido menos devastador dos azulejos, que a derrocada de 1755, e que ha muito devia ter tido severa repressão.

É corrente verem-se em Lisboa e nos pontos mais movimentados das provincias magnificas composições de figuras sacras, em que, devido mais á ignorancia do destruidor da obra, que á malvadez sacrilega do impio, as cabeças dos santos e dos sacerdotes se encontram riscadas e sem olhos!

A falta de instrucção na gente do povo é o unico factor de semelhante crime!

Ha muito que dos poderes publicos devia ter partido a iniciativa para pôr termo a tão vergonhoso vandalismo.

Mas não só do Estado; todas as aggremiações existentes entre nós, cuja ideia fundamental seja o culto da arte, se deviam ter dado as mãos para evitar o desacato ás obras de valor, que, em consequencia da sua exposição, em vez de estarem á guarda respeitosa da multidão, estão, pelo contrario, á mercê dos seus maus tratos!

O sacerdote teria uma parte importante na cruzada; depois da missa e do alto da sua tribuna, aconselharia aos paes que incutissem em seus filhos, além da veneração pela religião catholica, a veneração pelas obras valiosas dos seus maiores.

De não menos proveito seria a propaganda feita por toda a imprensa do paiz, se, todos os dias, em cada numero das suas publicações, explicasse singelamente, não só a influencia da arte em toda a industria, mas o que ella insufla de nobre e purificador no ser das creaturas.

E não seriam demais placas ou cartazes affixados em cada monumento artistico, com lettras bem visiveis, formando palavras que actuassem no espirito dos menos illustrados, a pedir-lhes protecção e respeito para o trabalho dos seus antepassados.

É preciso ensinar os que não sabem: do contrario, a responsabilidade não é dos ignorantes e sim dos sabedores.

O grande épico fecha uma das conceituosas estrophes dos *Lusiadas* com esta sagrada verdade:

«Porque quem não sabe a arte não na estima.»

Os azulejos encontram-se de preferencia nas provincias do centro e do sul do paiz, sobretudo nas do sul, onde a influencia arabe foi mais intensa e duradoira.

O azulejo é a expressão caracteristica da nossa nacionalidade, o symbolo jovial do nosso povo.

De estrangeiros, são conhecidas differentes classificações sobre a casa portugueza azulejada: um brasileiro chama-lhe *casa de louça,* um francez *casa de porcelana.*

Ortiz de Zúñiga, ao fallar da *Torre del Oro* de Sevilha, sobre a margem esquerda do Guadalquivir, diz que se chamava assim, «porque, al ser heridos por los rayos del sol, unos adornos de azulejos, que já ha dishécho el tiempo, brillaban como el oro.»

O azulejo foi e é, em Portugal, a decoração predilecta do interior e exterior da casa.

Elle enriqueceu as nossas vivendas, como tornam sumptuosos os salões os *frescos* na Italia, e os tecidos ornamentaes na França.

O azulejo é ainda, entre nós, o ornamento mais sumptuosamente pittoresco dos templos religiosos.

É de um tal poder decorativo, que nada o supplanta e que em logar algum parece deslocado.

Exposto ao ar livre, é risonho; tocado do sol, é festivo; dentro do aposento, tranquillisa a creatura, dá-lhe bom humor, preserva-a da invernia inclemente e do torrido verão.

Se, nos salões, o azulejo se coaduna com as sedas e com a *boiserie,* motivos que a um tempo interessam pela riqueza e combinação ornamental, na casa pobre, um simples alisar de azulejos, monochromo, sobre a parede caiada, se não é tão rico adorno, não é menos interessante que aquelle.

No exterior, o mais singelo ornamento de azulejo engradece a mais pobre fachada. O exemplo encontra-se por toda a parte e vem de largos annos.

N'uma casa da Rua das Amoreiras, que ainda ha pouco tempo não tinha o menor ornamento, encontram-se agora ornatos de azulejos, no estylo do meado do seculo XVIII, sobre a parte superior das janellas, que põem na fachada uma interessante nota de arte e de bom gosto. Em uma porta annexa, entrada para um jardim, vêem-se tambem alguns azulejos, que superiormente a embellezam.

Com pouco se *desbanalisou* uma casa que nada tinha merecedor de attenção.

O pequeno motivo de almas supplicantes rodeadas de fogo, os multiplos registos de devoção, desmonotonisam a parca moradia e o muro frei-

ratico, onde se lêem preces e nomes de santos, entre os quaes é quasi certo encontrar o advogado contra os incendios—S. Marçal. (G.s 174 e 176.)

Duas ou tres duzias apenas desses pequenos e luzidios quadrados são o bastante para dar uma nota de interesse.

Dissemos algures que, se em Portugal se não tivesse produzido nada mais em arte do que a que está ligada aos azulejos, tinha-se feito algo merecedor de elogios. E assim é.

A arte no arranjo das composições, em variadissimos assumptos, a posse completa da technica, são qualidades que denotam artistas de força nos auctores d'essas obras, de verdadeiro merito.

N'essas grandes pinturas, exuberantes por todo o paiz e que muitas vezes revestem de alto a baixo as enormes paredes das egrejas, das capellas, das sacristias, das portarias, corredores, cellas, claustros, cozinhas[1] e refeitorios dos mosteiros, como nos palacios dos principes e nobres, dos capitães, nas casas de campo, por dentro e por fóra dos seus muros, nos jardins e nas quintas, por toda a parte, emfim, onde houve dinheiro e bom gosto, exhibem-se com convicção e verdadeiro conhecimento a historia profana, as scenas de côrte, o quadro de genero, scenas de interior e ao ar livre, na cidade e no campo, as pelejas sobre o solo e no mar, os jogos de destreza dos homens com os homens e d'estes com as feras.

São vulgares as caçadas e a pesca, como se encontram, em graciosas attitudes, figuras dansando á moda dos dois seculos que succederam á Renascença.

As touradas no campo tambem se vêem pintadas no azulejo[2], como

[1] Com motivos adequados—natureza morta—como se encontram nas cozinhas do palacio da Quinta da Mitra, ao Poço do Bispo, e do Convento de Refoios do Lima.

[2] No jardim da Estrella, n'uma das estufas que encostam para a Rua de S. Bernardo, encontra-se, guarnecendo exteriormente uma d'estas installações, um friso de azulejos a tinta azul. Interiormente, outros frisos revestem os canteiros e pequenos muros onde se acham collocados os vasos com plantas tropicaes. Uns e outros dão nitida conta da vida portugueza ao ar livre no meado do seculo XVII (?) Os episodios são tratados com a graça e o saber de algum pintor de genero d'essa epoca.

Sem duvida, não foram fabricados para o logar que actualmente decoram, e por isso estão n'alguns pontos incompletos e por vezes mal articulados.

Movem-se n'esses quadrinhos senhores e damas, gente do povo, vendilhões e caçadores. A pesca á linha, a musica, a dansa, o jogo do peão, a merenda, o colloquio amoroso, o duello á espada, a tourada á portugueza, o combate com o touro a rojão, o cavalleiro recargado pelo touro e os capinhas que coadjuvam, um d'estes volteado, são scenas na sua maior parte identicas áquellas a que ainda hoje assistimos.

A não serem os trajos, as armas e uma ou outra peça de mobiliario, que caracterisam em absoluto a epoca da nossa restauração, dos demais accessorios ainda hoje conservamos as fórmas.

A cantara de Coimbra, o fogareiro de barro vermelho, feito na roda, com a bocca cortada á faca, como hoje se usa, o peão que o jogador deita, *de escacha*, apontando ao do adversario, que gira na terra, a gymnastica na rua, em que o garoto ensaia o pino, tudo é identico ao que se pratica hoje.

Quinta das Areias (Villa Franca de Xira). — Azulejos do seculo XVIII — Alisar da casa de entrada — Dentro de uma barra, que se compõe de cariatides, cabeças de cherubins, flores e ornatos, moldura de scenas campestres, vêem-se estes assumptos: Lavragem das terras, gradagem, ceifa, debulha a malho, vindima, pastores, gados, etc. Um dos quadros representa a caçada ao touro, á lança e cães. Estes azulejos, que, pelos *costumes* das figuras, marcam o primeiro terço do seculo XVIII, são pintados a azul sobre fundo branco e guarneciam antes a parte inferior d'uma sala d'um palacete de Povos, tendo sido comprados em

se observam differentes passagens do ensino da nobre arte da cavallaria, que teve como mestre, em Portugal, na sua epoca, o Marquez de Marialva[1].

É unanime a opinião de que os azulejos mais antigos que se conhecem na Peninsula foram fabricados em Hespanha — Granada e Sevilha — typo especial de decoração trazido para esta parte da Europa pelo arabe, sagaz e sabedor.

São quadrados de barro cozido, mais ou menos rijo, esmaltados por uma só face, e cujas dimensões variam entre 12 e 14 centimetros, sendo estes typos os mais raros de encontrar, pois o tamanho vulgar é a media d'estas medidas.

De desenhos geometricos sulcados na pasta, vão complicando as engenhosas figuras e o matiz das côres, do seculo XIV (?) até ao seculo XVI, em que attingem a mais rica e variada polychromia: azul, verde, roxo escuro, amarello mais ou menos queimado, e sulcos brancos, com estreitas paredes, como que para não deixar trasbordar dos respectivos espaços as côres que contornam.

Assim, os azulejos hispano-arabes são mais ou menos em relevo.

Ha-os tambem com todo o aspecto do mosaico, e estes são os de superficie menos relevada e por vezes de um só plano.

Além d'estes, encontram-se, sobretudo em Portugal, abrangendo parte do seculo XV e quasi todo o seguinte, azulejos tambem em relevo e com o mesmo schema das cinco côres, que, embora conhecidos por arabes, nada têem de commum com o caracteristico estylo *mudejar*.

N'estes, são as flores, as rosetas estrelladas, as laçarias e outros variadissimos ornatos que predominam. Medem de 7,5 a 13,5 centimetros. Os mais pequenos, encontrámol-os em Granada.[2]

Com 8 centimetros, conhecemos os que se intercalam nos tijolos no pavimento da capella da Senhora da Piedade, na estrada de Cintra a Collares: — sobre esmalte branco, uma saudade roxa, com folhas verdes.

Este typo, o da esphera armilar do paço de Cintra e outros d'esta in-

leilão pelo actual possuidor, o Sr. José Palha Blanco. O sitio [illegible] os assumptos do [illegible]. Povos fica a dois passos de Villa Franca de Xira, centro de todo o movimento da lavoura ribatejana e celleiro dos campos da leziria, tão fertil em cereaes e em creação de gados.

Em todos os tempos, foram alli creados os touros que os fidalgos portuguezes lidavam nas touradas reaes, em Salvaterra de Magos, no Terreiro do Paço, etc. Quem sabe se a casa de Povos não pertenceu a algum dos nobres lidadores de Salvaterra e se não descansou alli, alem de outros fidalgos, o conde dos Arcos, antes de atravessar o Tejo e os campos de trigo, quando foi morrer nas hastes da fera, na presença do rei e de toda a côrte, na celebre corrida de touros em Salvaterra, tão extraordinariamente descripta por Luiz Augusto Rebello da Silva?

O Sr. J. Palha, distincto lavrador e creador de touros, possue, alem d'aquelles azulejos, na sua esplendida vivenda das Areias, toda a guarnição da sala de visitas, fogão e sobre-portas, pintados de proposito para aquelle fim pelo habil artista hespanhol Arellano, de Sevilha. São d'este mesmo artista os frisos que guarnecem todo o exterior do palacete, e, tanto estes como aquelles, a côres e no estylo da Renascença.

[1] N'uma das salas do andar nobre da casa do Ex.mo Sr. Antonio J. da Silva Ribeiro. — Rua de S. Bento, 39, Lisboa.

[2] O Sr. Joaquim de Vasconcellos dá noticia de um typo mais pequeno ($0^m,07$), que encontrou em dois altares da crypta da egreja do convento de Jesus, em Setubal.

teressantissima residencia e do castello da Pena, que El-Rei D. Fernando mandou collocar no claustro, com o fim de uma exposição, têem, alem do interesse artistico, pontos de contacto com a nossa historia e com uma das palavras mais bellas do vocabulario portuguez.

O palacio real da villa de Cintra é rico em azulejos, pela variedade e antiguidade de alguns dos seus especimens. Os que estão em volta da porta da *sala da* *galé,* são puramente arabes.

Egual mente arabes são os que atapetam a capel la, cinco typos diffe rentes em polychro mia.

O te cto é de madeira, perfeito estylo *mude jar,* como os azulejos, fazendo-nos lembrar as madeiras alicantadas de Coimbra e de muitos pontos de Hes panha, com especiali dade de Salamanca, por exemplo um or gão existente n'uma das capellas da ca thedral velha, em que, por um singular privi legio da Santa Sé, se celebrava missa, em determinados di as, segundo o rito mos arabe.

G. 174 — Seg. meta. do seculo XVIII — Lisboa — REGISTO DE AZULEJOS, moldura polychroma, imagens a azul — Dim. 1,60 × 1,22 — Travessa da Laranjeira — Lisboa

O Sr. Joaquim de Vasconcel los, referindo-se ao paço de Cintra, escreve: «...é um verdadeiro museu de azulejos de alto relevo, dos mais raros e mais antigos que possuimos». Não ha duvida.

No palacio e suas dependencias, contam-se mais de cincoenta typos, na sua maior parte em relevo!

Quem nunca os tenha visto e queira fazer ideia do seu valor, encon-

tra-os perfeitamente reproduzidos no bello volume *O Paço de Cintra*, do Sr. Conde de Sabugosa, publicado em 1903, e que se deve á iniciativa de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, que n'elle collaborou com desenhos seus. [1]

Não era menos rica a collecção de Coimbra, da qual a maior parte revestia as paredes e supportes da grande nave da Sé Velha. [2]

De egual genero são alguns da Bacalhôa, de Beja e de tantos outros pontos do Alemtejo e do Algarve. Ha-os ainda em Lisboa — resto de grande quantidade — e em Bemfica, nos jardins do palacio Fronteira, de reflexos metallicos e muito valiosos.

Um parenthese, para fazermos uma rapida descripção dos azulejos do palacio e jardins dos Marquezes de Fronteira em S. Domingos de Bemfica, tão interessantes como ceramica e como historia.

Começaremos pela *galeria dos reis*, sobre o grande lago, a que dão accesso, lateralmente, escadarias, ficando-lhe ao cimo dois torreões, que completam o bello conjuncto de que a nossa gravura 175 dá conta.

Os doze cavalleiros que estão na parede maior, diz a tradição serem os *Doze de Inglaterra*, e os dois das paredes lateraes, nas mesmas attitudes do galope [3], representam — diz-se — dois dos Mascarenhas.

Cercando um d'estes retratos equestres, vêem-se, dentro de medalhões circulares, dispostos em arco, os seguintes retratos com legendas (começando da parte inferior e da esquerda): Conde de Obidos, Dom Vasco Mascarenhas, Conde da Ponte, Dom Fernando de Mascarenhas, Conde de Coculim, Dom Francisco de Mascarenhas, 1.º Marquez de Fronteira, Dom João Mascarenhas, 1.º Marquez de Monfalim, Dom Jorge, Conde de Sabugal, Dom João Mascarenhas, Conde de Serem, Dom Fernando Mascarenhas, Conde Castel Novo, D. Francisco Mascarenhas, Conde de Palma, D. João Mascarenhas e, por ultimo, em baixo, ao centro, na mesma moldura, o Conde de Villa Dorta, D. Ricardo de Mascarenhas.

Na parede opposta, os retratos são substituidos por escudos, mas em numero mais elevado, escudos que pertencem — crêmos — aos mesmos fidalgos e a casas ligadas com as suas.

Seguem-se aos dois cavalleiros figuras symbolicas de Neptuno, do Tejo e do Mondego, rodeadas de outras figuras, tambem allegoricas.

Em volta dos *Doze de Inglaterra* e dos Mascarenhas, pintados vigorosamente a azul sobre fundo branco — como o resto das allegorias citadas

[1] Collaboraram tambem E. Casanova e R. Lino.

[2] Na enorme collecção do fallecido architecto Nepomuceno, havia innumeros specimens do estylo arabe. Parte d'elles pertencem hoje aos Srs. Conde do Ameal e José Relvas, sendo a collecção deste senhor muito notavel.

[3] Os pintores do seculo XVII, e entre elles o grande Velasquez, pintavam sempre assim os cavallos, quando os punham na acção do galope. (Retratos equestres do Principe Balthasar Carlos e do Duque de Olivares, no Museu do Prado).

(seculo XVII) — vêem-se ainda, sobre columnas pintadas no azulejo, restos de molduras, compostas de fructos em relevo, coloridos (do seculo XVI).

Em cima, toda a galeria é guarnecida de azulejos, no que as paredes têem de livre, isto é, menos os nichos que abrigam os bustos dos reis e as portas dos torreões.

São rarissimos os das faixas que revestem os fundos dos tres arcos e os telhados dos torreões. Estes, imbricados, em relevo e de reflexos metallicos — oiro acobreado; aquelles, pinhas em relevo, cruzadas em grupo de quatro e moldadas diagonalmente em relação ao quadrado de cada azulejo; umas em azul, outras com o mesmo tom metallico dos ladrilhos imbricados.

Entre estas faixas, o azulejo é liso e de uma só côr — azul cobalto.

Galeria da capella. — Nos fundos dos maiores arcos reintrantes, espaldar dos canteiros, grandes figuras representando a *Arithmetica,* a *Muzica,* a *Dialetica,* a *Rhetorica*, a *Geometria,* a *Astronomia* e a *Poezia.*

Por cima das cinco portas que dão sobre a mesma galeria, bustos que representam a *Memoria,* o *Entendimento,* a *Vontade*, *Gostar* e *Apalpar.*

Todas estas designações estão em fitas, seguras por grupos de dois anjos, que pairam sobre as cabeças das figuras allegoricas descriptas e que egualmente sustentam corôas de flores.

Todo o resto do muro e os frontaes dos canteiros são tambem cobertos de azulejos, assim como os assentos e a parte interna do parapeito da muralha que dá para o jardim. N'esses azulejos, vêem-se cavalleiros, caçadas, cariatides e animaes, tudo pintado a azul e a côr de vinho escuro, destoando d'estas côres sómente os azulejos que guarnecem os interiores dos nichos, que abrigam estatuas de marmore, os quaes são polychromos; uns e outros, porém, do seculo XVII.

Entre os differentes animaes, são vulgares os pavões, os papagaios, as rãs, os pombos, as perdizes, a hydra, o gallo e a gallinha, o gato e a gata, tendo esta uma sardinha na bôcca. [1]

Por cima de cada um dos nichos referidos, um grande medalhão circular de faiança, cuja moldura é composta de fructos em relevo e coloridos, assim como coloridos e em relevo são os fechos dos arcos que têem no fundo os azulejos, e sob os quaes estão as sete figuras a que acima alludimos.

O atrio e a capella tambem são azulejados.

Casa da agua. — N'um recanto do jardim está a chamada *Casa da agua,* azulejada com cariatides, mascaras, aves, peixes, ornatos, etc., a azul e a côr de vinho, entrando tambem n'alguns trechos o verde.

[1] A gata, muito parecida com o gato.

AZULEJOS DOS SECULOS XVI E XVII. GALERIA DOS REIS, SOBRE O LAGO DO JARDIM DO PALACIO DOS MARQUEZES DE FRONTEIRA
(S. Domingos de Bemfica.)

Junto a esta gruta, em volta de um lago, ha dois bancos, corridos em semicirculo, e que apresentam, na frente e nas costas, azulejos com assumptos maritimos, em que prevalecem a pesca e a natação, na parte inferior; e, na superior (costas dos bancos), figuras allegoricas no meio de arcos de vegetação, a *Musica* e a *Dansa,* quadros de genero, orchestra composta de gatos e macacos, que tocam e cantam.

Um dos macacos toca orgão; outro, de oculos, rege o concerto e um terceiro, com a *menina dos cinco olhos,* espera attento para castigar os que desafinarem!

Por cima, na direcção do *maestro,* lê-se n'uma bandeira fixa: EV SOV O MESTRE DA ÇOLFA.

Na estante, além dos caracteres musicaes, um *R,* que póde bem ser a inicial do nome ou do appellido do pintor.

Ao lado d'este, outro quadro: um gato e um macaco que se emborracham juntos, e por cima outra bandeira, na qual só a ultima palavra é legivel, por não estar intacto o azulejo: APURADO.

Todos estes azulejos são polychromos e do primeiro terço do seculo XVII.

D'esta mesma epoca e côres são os da parte inferior da fachada do palacio que dá para o jardim, com figuras e accessorios do reinado de Filippe IV.

No atrio, d'este mesmo lado, em azulejos da mesma época, estão representadas a caçada ao elephante e ao leão, a armadilha aos passaros com a esparrella e a caçada á perdiz, de noite, com a lanterna.

N'uma dependencia junta, encontra-se um alisar de azulejos, a azul, amarello e côr de laranja, sobre fundo branco, com os mesmos motivos de joalharia e epoca dos azulejos, datados de 1596, da egreja de S. Roque.

Casa de jantar.—Alisar, 1^{m},66 de alt., a azul e côr de vinho.

Dentro de uma simples cercadura ornamental, diversas batalhas das campanhas da Restauração, n'algumas das quaes entrou e se bateu o Conde da Torre.

Os assumptos guerreiros não constituem composições isoladas, pois são dispersamente pintados em grupos de peões e cavalleiros, e, em diversos pontos, fortalezas e castellos.

O pintor apenas lhes deu ordem perspectica, pintando as maiores figuras na parte inferior do *lambris* e assim até ás menores na parte superior, até á cercadura.

N'alguns pontos, inscripções narrando as batalhas decisivas; n'outros, as designações das localidades onde se deram os combates mais importantes e os nomes dos cavalleiros que os commandaram. Eis algumas le-

gendas, colhidas nos espaços que deixam livres os moveis que guarnecem a sala:

Evora Primeiro Ataque; Estremoz; Villa Viçosa; Batalha dos Montes Claros; Conde Mesquitella; Conde Armeiro Mór; D. Pedro de Almeida; João Mendes de Vasconcellos, general; Bateria dos nossos; N. S. da Graça; Dom Luiz Mendes de Aro; Duque de Sain German; Conde da Torre; [1] *D. João da Silva; Conde de Cantanhede; Diniz de Mello; André de Albuquerque; Gloriosas batalhas de Elvas, etc.; Castello Rodrigo; Rio Guadiana (Castilhanos e Portuguezes); Lobam; Montijo; Pavão; Rio Deagior; Atalaia; D. João de Austria; Conde da Torre; Tristão da Cunha; D. Luiz de Menezes;* etc. e a inscripção:

VLTIMO E GENEROZO COMBATE · DA · CA
VALLARIA < Q̃ < CONSEGVIRÃO < AS < ARMAS < PORTV
GVEZAS < NA < PROVINCIA < DETRAS < OS < MONTES < A < OR
DEM < DO < CONDE < DE-S-IOÃO < MARQUEZ < DE < TAVORA < Q̃ < COM
ARDENTE < E < FELICISSIMO < ESPIRITO < SVPEROV < COM
O < SEV < VALOR < E < COM < A < SUA < INDUSTRIA < AS < VENT
AGES < DOS < CASTELHANOS < PODENDO < TRIVM
FAR < DO < MAIOR < NVMERO < CONSEGVIV < ESTA
VITORIA < COM < PRESA < DE < 300 < CAVALLOS
E < RUINA < TOTAL < DE < TODAS < AS < TROPAS
INIMIGAS < EM < 20 < DE < NOVEMBRO < DE < 1667.

No palacio e suas dependencias, ha ainda muitos azulejos, padrão e tapete, a duas côres e sómente a azul.

Fechemos o parenthese, e prosigamos.

No meado do seculo XVI, o decorador emancipa-se dos motivos que o arabe deixou tão vinculados á arte portugueza, e da conquista do Oriente, que coincide com o desabrochar da Renascença, surge uma nova maneira de compôr e de combinar côres sobre os ladrilhos esmaltados, de superficie lisa.

Um dos paizes que mais deveu influir n'essa nova maneira é a Italia, e não nos repugna acceitar, como factor importante, os azulejos do mesmo genero dos do paço de Villa Viçosa, de que adiante damos noticia, e que podem ter sido offerta do Papa Pio V, por occasião da vinda de seu sobrinho, o Cardeal Alexandrino, a Portugal. [2]

[1] Bate-se a pé e a cavallo.

[2] O Cardeal, com toda a comitiva, esteve de visita n'aquelle paço, residencia dos Duques de Bragança.

D'aqui por diante, já os azulejadores e oleiros começam a datar e a assignar os seus trabalhos, e pena é que os auctores de tantas obras importantes de azulejo, que conhecemos e temos como portuguezas, não tivessem mais amor proprio para não as deixarem anonymas e, portanto, sujeitas a attribuições erroneas.

Francisco de Mattos é o mestre portuguez que, pela data da obra — 1584 — devemos citar na cabeça do rol.[1]

Convem observar que no azulejo de superficie lisa se dá o contrario do que succede com o de relevo, pois começou, com raras excepções, pelo schema das cinco côres, que vem diminuindo até ao meado do seculo XVIII, em que é vulgar sómente o azul sobre fundo branco.

Depois, as côres tornam a augmentar progressivamente, até ao ultimo terço d'este mesmo seculo, e assim se conservam até ao fim do primeiro terço do seculo passado.

O azulejo de superficie lisa, caracteristico da Renascença, offerece como motivos decorativos os cartões e rotulos, com fórma rectangular ou arredondados, que emmolduram figuras, paizagens, brazões de armas, nomes e datas, ou simples almofadas.

São muitas vezes ponto de partida ou elementos predominantes da composição.

A estes se dá o nome de *rotulos*, e o de *pendurados* aos que pendem d'aquelles por meio de cordões e fitas, e que representam diversos motivos, taes como: taças, urnas, accessorios bellicos, mascaras, fructos, e muitos outros que a imaginação do artista lhe suggeria, e que se relacionavam com o destino da decoração, isolados ou formando grupos.

Por isso se dá a estes azulejos o nome generico de *rotulos e pendurados.*[2]

Com esta gamma, os azulejos começam a apparecer entre nós no meado do seculo XVI e assim se conservaram até ao meado do seculo XVII.

De modo que eram já vulgares os azulejos-tapete, de differentes padrões, que começaram a fabricar-se no principio d'esse seculo[3], sómente com as côres azul e amarello sobre fundo branco — e algumas vezes com o tom alaranjado — e os do estylo Renascença continuaram, como o provam os azulejos de Penha Verde com a data de 1651, perfeita surpresa, pois parecem ter mais meio seculo de existencia!

---

[1] Assignatura e data que marcam os azulejos de S. Roque, a que nos temos referido.

[2] Esta maneira de designar, pensamos ter sido adoptada por Joaquim de Vasconcellos, traducção de *rotulos y colgantes*, como usam dizer em tal caso os hespanhoes.

[3] Capella da Pena — Cintra; extincto Convento da Esperança — Lisboa (cinco padrões), e congeneres no Alemtejo; entrada da Casa Pia — (Jeronymos), com cercaduras compostas de chimeras, mascaras e urnas.

Todos estes typos são persistentemente acompanhados por outro, que vem, se não de mais longe, pelo menos do seculo XV, de origem arabe.

Ha-os formando simples xadrez, quadrados de um só tamanho, verdes e brancos ou azues e brancos, collocados obliquamente (angulos oppostos) na parede, ou formando desenho geometrico composto no muro, faixas diagonaes cruzadas, fechando quadrados e rectangulos, de differentes tamanhos. Côres: verde e branco, azul e branco, e ainda, ligado a estas duas combinações, o amarello.

D'este systema, os mais interessantes e antigos que conhecemos são os do paço de Cintra, os da egreja do Sabal — Condeixa; claustro de Cellas — Coimbra; egreja de S. João Baptista — Lumiar, e egrejas da Graça e Marvilla em Santarem, tendo estes a data 1620.

Na segunda metade do seculo XVII, começam a apparecer as molduras do estylo *baroco*, pilastras com meninos, cabeças de cherubins fechando praças de albarradas floridas, por vezes intercaladas em outros motivos, em que é vulgar o golphinho a dois tons de azul, composição tão usada nos alisares da habitação profana e das casas religiosas.

Por esta mesma epoca, apparecem salpicadas as paredes, dentro e fóra da casa, com motivos soltos, cujo assumpto vive isolado em cada azulejo.

Em geral, têem a cada canto rosetas de nove pintas a tinta azul, mais ou menos intensa, sob esmalte branco. Os mais antigos que vimos, pertencem á collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello. Ha alguns do mesmo typo no Museu das Janellas Verdes. Os unicos que conhecemos com data, pertencem já ao ultimo periodo — desenho mais correcto — 1719, e estão revestindo as paredes e abobada do corredor que dá passagem do atrio para o claustro do convento de Santo Antonio do Estoril.

Por esta epoca, vem o azulejo hollandez, e as reproducções, que então se fabricavam já nas olarias de Lambeth e Rouen. [1]

N'estes, os motivos tirados da Sagrada Escriptura, os cavalleiros, as paizagens e marinhas eram a tinta azul ou violeta, dentro de filetes circulares [2], e a cada angulo do ladrilho um ornato florido ou uma cravina, sendo estes os mais estimados.

Os mais bellos conhecidos, entre nós, são os que guarnecem, em alisares, as salas da Casa do Paço, na Figueira da Foz, do Sr. Dr. João Santos, e os de duas salas do palacio dos Condes de Murça, hoje occupado pelas camaratas do Asylo de Santo Antonio dos Capuchos (Lisboa).

[1] Imitações que os collecionadores ha muitos annos têem por verdadeiros Delfts.
[2] Ha-os tambem — menos vulgares — com o motivo isolado e sem os filetes.

Uns e outros, nacionaes e estrangeiros[1], acompanham a transição do azulejo *baroco* para a grande composição de figuras, um dos periodos mais brilhantes do azulejo em Portugal.

Estas decorações chegaram a attingir proporções monumentaes, como acontece em Estremoz, na egreja da antiga Misericordia, com a data—1712; na capella das Almas da egreja da Graça em Santarem, lado da epistola — a vida de Santa Rita, em que os azulejos, mandados fazer por El-Rei D. João V, e de composição, côr (azul) e facilidade de factura, extraordinarias[2], cobrem paredes de 12 metros acima do pavimento, — e na Misericordia de Vianna do Castello, onde são assignadas por Polycarpo Oliveira.

Com egual esplendor, os assumptos sacros repetem-se por muitos dos nossos templos e, quando essas composições não os cobrem totalmente, guarnecem parte d'elles com ricos alisares, como na Sé de Lisboa, capella mór da egreja do Lumiar, capellas de N. S.ª do Monserrate (Amoreiras)[3], dos Marquezes do Fayal[4], da Quinta de Porto Salvo (do Sr. José Vianna da Silva Carvalho), de S. Pedro Rates (Sé de Braga), — azulejos pintados por Antonio de Oliveira Bernardes, — egreja dos Loyos em Evora (d'este mesmo artista), ermida da Memoria em Cezimbra, com a lenda da S.ª do Cabo, Santa Cruz de Coimbra, Santo Antonio dos Olivaes, refeitorio dos Jeronymos em Belem, *sala dos reis*, com a lenda da construcção do mosteiro (Alcobaça) e, junto a esta, a capella do Desterro, capella de N.ª S.ª da Conceição da egreja de S. Francisco em Estremoz, Madre de Deus, e sacristia de S. Domingos, ermida da Assumpção, aos Paulistas, e egreja de Santo Antonio dos Capuchos, em Lisboa.

Nos atrios, escadarias, claustros e corredores dos conventos, as scenas religiosas pintadas nos azulejos succedem-se, e alternam com as fabulas, com as batalhas e com o inesgotavel numero de assumptos a que a vida delicada e a vida rustica das creaturas deram motivo.

Assim passaram para os palacios, quintas e jardins com todo o vigor do azul nos emmolduramentos e com uma relação de tons do primeiro plano até ás aguadas, n'uma justa e bem observada perspectiva aerea.

Em Lisboa: claustro de S. Vicente de Fóra, palacio dos Senhores de Pancas em Arroyos, palacio dos Condes de Murça, a Santo Antonio dos Capuchos, palacio do Marquez da Foz[5], Museu das Janellas Verdes, palacio

---

[1] Os azulejos hollandezes e imitações não se confundem com os portuguezes. Alem de divergirem nos assumptos, são de mais fina pintura, melhor esmalte e têem quasi metade da espessura dos nossos, assim como nas dimensões ha approximadamente um centimetro de differença. Nacionaes $0^m,14 \times 0^m,14$; estrangeiros $0^m,13 \times 0^m,13$.

[2] Deve haver 12 annos que a capella é occupada pelo camarim que guarda a imagem do S. dos Passos, sendo difficil por este motivo vêr-se o azulejo.

[3] Esta capella tem o titulo de real e foi mandada edificar pela corporação dos fabricantes de sedas.

[4] Os azulejos pertenceram antes á capella do Visconde da Lançada — Rua Formosa.

[5] No atrio; azulejos que pertenciam á fabrica da polvora, em Alcantara.

da Flôr da Murta, do Sr. Manuel de Menezes, palacete do Sr. José Vianna da Silva Carvalho, ao Poço Novo, palacio dos Viscondes de Asseca — Rua Formosa, Hospital de S. José e Tribunal da Justiça (Boa-Hora).

Em Santarem: Seminario e sala das sessões da Camara Municipal.

Em Estremoz: Camara Municipal.

Em Porto Salvo: salas do palacio do Sr. J. Vianna da Silva Carvalho.

Em Molha-Pão, palacio do Visconde de Alverca.

No meado do seculo XVIII, accentuadamente, as molduras historiadas e polychromas rodeiam as figuras, com fundos de paizagem e architectura, que continuaram, com raras excepções, a ser pintadas a azul.

Esta combinação é de resultado attrahentissimo, tanto ao ar livre como no aposento.

Os mais lindos de côr e de desenho são os da egreja do convento de Santa Joanna, em Lisboa, e os que revestem a fachada da casa do Conde da Guarda, em Cascaes. Entre as janellas do andar nobre e do corpo superior do pittoresco edificio e ladeados por bem compostas pilastras, n'este, em grupo, S. Francisco de Borja e Santa Barbara; n'aquelle, S. Sebastião, Santo Antonio, S. Marçal, S. Matheus, S. Marcos e S. Jeronymo, e, dobrando a esquina para o Beco dos Invalidos, S. Lucas e S. João. [1]

Dentro e fóra do palacio de Oeiras, residencia de campo dos Marquezes de Pombal, a obra de azulejos occupa, em alisares de differentes alturas, enorme superficie. Vêem-se na escada, nas salas e capella, no terraço do sul, no terraço pequeno, no terraço e escadaria para o jardim, com figuras e animaes, cujos motivos sacros e profanos (a tinta azul), são quasi sempre guarnecidos de molduras polychromas, schema da Real Fabrica do Rato.

Na sua maior parte, devem ter sido produzidos entre 1768 e 1775.

D'aqui até 1830, continua a polychromia a envolver os assumptos principaes, sempre em azul, e atravessa o periodo correspondente ao estylo decorativo que em França se creou e se chama *Luiz XVI*, e que em Portugal, com sabor proprio, abrange os reinados de D. José e D. Maria I, e prosegue em transição até ao accentuado estylo do Imperio.

Estão n'este caso os azulejos da sacristia da egreja da Graça, das capellas de Nossa Senhora do Carmo e do Senhor dos Passos da basilica da Estrella, da sacristia de Santo Antonio da Sé e da ermida da Senhora da Victoria [2], em Lisboa.

---

[1] No primeiro patim da escada principal, a direita, ha uma figura, tamanho natural, bem pintada em azulejos.

[2] Os azulejos da ermida da Victoria devem ter sido fabricados de 1810 a 1815, época em que se concluiu a reedificação do templo, em substituição do que o terremoto de 1755 havia desmoronado, e cuja entrada era pela actual Rua do Ouro.

São accentuadamente do estylo Imperio e muito distinctos de desenho e côr, predominando o amarello. Os do alisar da nave medem, acima do soclo de pedra, $1^{m}.20$; um friso a tres tons, da côr indicada, apresenta, como motivos principaes, urnas ladeadas por symetricos gryphos, de cujas caudas se desenvolve em continuidade o enrolado ornato, que liga entre si os dois motivos

Com estes azulejos jogam alguns registos, que os leitores encontrarão no fim dos que adiante descrevemos por ordem chronologica.

No meado do seculo XIX, já pouco se fazia de bom em azulejos. A decadencia tinha quasi chegado ao desfallecimento, e de todo teria acabado a arte de pintar no barro, a decoração predilecta e de tantos annos usada nas nossas vivendas, se alguns portadores do ensino dos antigos mestres o não recordassem então.

Manuel Joaquim de Jesus, Antonio Manuel de Jesus e Luiz Ferreira (o *Luiz das Taboletas*), que foram os transmissores, haviam sido discipulos da Real Fabrica do Rato.

Com o segundo, trabalhou Antonio Luiz de Jesus, seu filho, e neto do primeiro d'aquelles artistas; com o terceiro (Luiz Ferreira), Pereira Junior *(Pereira Cão)*.

De Antonio Manuel de Jesus, ainda se póde avaliar o trabalho, por algumas fachadas de estabelecimentos em Lisboa: Rua da Alfandega e Rua do Corpo Santo; de Luiz das Taboletas, os trabalhos mais importantes são: os azulejos da Cervejaria da Trindade e os que revestem a fachada da casa que fica no tôpo do Largo da Abegoaria, decorações que tiveram começo no anno de 1864.

N'este mesmo capitulo nos referimos a outros trabalhos seus.

Pereira Cão e Antonio Luiz de Jesus vivem, e occupam-se quasi exclusivamente da pintura dos azulejos, aquelle na Fabrica Lamego, este na sua Fabrica, a Campo de Ourique, que ha pouco mais de um anno elle proprio montou.

Um e outro têem produzido obras importantissimas e têem restaurado outras de antigos azulejadores, que revestem egrejas e palacios.

Pereira e Jesus são os decanos do azulejo ornamental, e com elles têem aprendido muitos dos que actualmente se occupam da mesma arte.

A Raphael Bordallo Pinheiro, deve-se grande impulso n'este genero de decorar. Foi elle que em 1894 pintou os azulejos da Tabacaria Monaco.

Entre a faixa superior e a fiada de azulejos que simula o soclo, esponjada com as tintas roxo e azul, ha duas faixas, esponjadas sómente a azul.

Por cima da entrada, no côro, o alisar tem o dobro da altura, e compõe-se de sete motivos, dois em cada uma das paredes lateraes e os tres restantes na parede fronteira á capella-mór.

Estes motivos, molduras ellipticas, envolvidas em trechos architectonicos e encimadas por albarradas floridas, d'onde pendem festões de flores, que vão prender ás pilastras que separam os alludidos trechos, fecham symbolos evocativos da ladainha de Nossa Senhora.

A parte inferior da composição é toda em almofadas de angulos cortados (quarto de circulo), com folhas de acantho.

Figuras, apenas se notam n'estes azulejos, ao cimo de cada uma das molduras ellipticas, grupos de tres cabeças de cherubins.

Polychromia: azul, verde, amarello e roxo; fundo branco. A sacristia é tambem azulejada com ladrilhos, com a mesma gamma. A nossa opinião vacila entre a Fabrica do Rato e a da Bica do Sapato, como local de producção. Nas casas annexas á ermida da Senhora da Victoria (recolhimento de viuvas pobres), encontram-se azulejos que jogam com os que guarnecem o alisar da escada da torre da egreja de Santo Antonio dos Capuchos.

Bordallo fez-nos transportar á olaria arabe e aos seus predecessores do seculo XVI, com os seus bellos azulejos, a que deu o maior caracter, reproduzindo os typos «desenho geometrico» e «arabesco», que até agora não foram excedidos na côr, nem tão pouco no sabor rudimentar, que distingue os originaes do Pateo dos Leões, na Alhambra, em Granada, e do Alcazar de Sevilha e tantos outros, existentes em Portugal, em que o ceramista se inspirou para crear novos modelos.

Actualmente, ha entre nós um renascimento no fabrico do azulejo artistico, que nos está compensando de bons quarenta annos de producção, quasi na sua totalidade, de azulejos estampilhados, sem arte nem consciencia, pois que esta maneira de decorar é applicada ao ladrilho já depois de vidrado, e a tinta entranhada no esmalte apenas pelo fraco calor da mufla.[1]

Podem-se calcular em trinta e cinco por cento as fabricas de louça que produzem hoje azulejo no paiz; no entanto, as que manipulam o ladrilho artistico constituem uma percentagem relativamente pequena.

A causa mais importante d'esta differença não está só em ser o azulejo estampilhado muito mais barato do que o pintado á mão; concorre tambem para isso a insubstituivel falta de pintores ceramistas.

Nas nossas visitas ás fabricas, indagámos dos motivos da grande concorrencia que a ceramica puramente industrial fazia á ceramica artistica, e, com rarissimas excepções, foi-nos respondido pelos seus proprietarios e mestres que o principal motivo era a absoluta falta de pintores com educação para occuparem esses logares, vagos n'um grande numero de fabricas! Alguns disseram-nos: — «Não nos importa pagar 2:000 reis e mais por dia a um pintor que saiba do seu officio».

Ha muito que uma aula de arte decorativa se está tornando indispensavel nas Escolas de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, as quaes em pouco annos alimentariam outros pontos do paiz, que carecem de identico ensino.

A industria vive hoje, em todo o mundo, do culto da arte; e, se na industria ha ramo que esteja intimamente ligado e dependente do desenho de figura, do ornato, da modelação e da pintura, é sem duvida a ceramica.

[1] O azulejo por excellencia foi sempre, e é hoje ainda, aquelle cuja pintura é cozida juntamente com o esmalte n'uma elevadissima temperatura de forno grande (grande fogo). Processos: pintar sobre o vidrado em crú; pintar sobre o biscoito, para depois levar esmalte transparente, de chumbo ou de estanho, pouco encorpado; pintar sobre *engobado* (como dizem os profissionaes): o ladrilho leva um banho de barro claro, sobre o qual se pinta. Este processo usa-se para que o vermelho do barro, de que muitas vezes é fabricado o ladrilho, se não veja á transparencia dos esmaltes indicados. Esta ultima maneira é muito usada nas fabricas do Porto.

Eis as fabricas, e os nomes dos pintores mais em evidencia, que ao presente se occupam do azulejo: [1]

Fabrica da R. de Campo de Ourique. — Antonio Luiz de Jesus.

Fabrica Viuva Lamego. — Pereira Cão e Victoria Pereira.

Fabrica das Devezas. — Teixeira Lopes (pae) e Barbosa.

Fabrica da Fonte Nova. — A. Alleluia e A. Quaresma.

Fabrica de Sacavem. — Jorge Colaço.

Fabrica das Caldas da Rainha. — Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

Fabrica Sabido. — José Antonio Jorge Pinto.

Fabrica do Carvalhinho. — Carlos Branco.

Cozem em differentes fabricas Henrique Casanova, Bemvindo Ceia e J. Luiz Cardoso.

AZULEJOS DATADOS

1520

EVORA. Capella de Garcia de Resende — Espinheiro. Azulejos em relevo, polychromos. Data, no escudo dos Resendes, da construcção da capella. O distincto archeologo, o Sr. Gabriel Pereira, [2] attribue o fabrico dos azulejos a esta data.

— 1525

VIANNA (a par de Alvito). Egreja matriz; nave lateral, primeira capella á direita.

Azulejos em relevo; forram o frontal do altar onde se encontra esta data. Divididos em tres peças, formando tapete; duas em fórma octogonal e uma circular, no meio. Noticia do Sr. Joaquim de Vasconcellos. [3]

— 1542 (?) —

LUMIAR. Egreja de S. João Baptista. Azulejo xadrez; paredes do corpo da egreja; faixas verdes parallelas (reflexo metallico), cruzadas em diagonal, formando espaços de grandes e pequenos quadrados e figuras rectangulares; esmalte branco. O revestimento da parte inferior da parede é de egual desenho, embora mais espaçado.

A data está na pia baptismal.

---

[1] No nosso diccionario de ceramistas citamos todas as pessoas que têem pintado ceramica e de que tivemos noticia.

[2] *Estudos Eborenses* — *Lovos*

[3] *Ceramica Portugueza* — serie II

— 1565 —

AZEITÃO. Palacio da Bacalhôa. Azulejos polychromos, *rotulos e pendurados*, superficie lisa. A pintura d'estes azulejos é attribuida a esta data e ao mesmo pintor dos da capella de S. Roque em Lisboa, Francisco de Mattos. [1]

As côres são: azul, verde, amarello e roxo, sobre fundo branco, e, por vezes, meios tons derivados d'estas côres. O vermelho intenso, tão raro na ceramica portugueza, vê-se nas armas dos Albuquerques, manchando sangrentamente a equilibrada polychromia da *cartouche* do pavilhão central do lago.

N'este pavilhão, n'um fragmento do rodapé, estão bem claras as lettras *TOS*, que restam do appellido de Francisco de Mattos. Motivos do mesmo estylo encontram-se nos bancos e alegretes do jardim, como tambem se encontram n'aquelle pavilhão e n'outros da Bacalhôa, quadros symbolicos da mythologia e do Velho Testamento, como o *Rapto de Europa*, *Susana surprehendida no banho*, e outras allegorias, desgraçadamente privadas de complemento.

Os quadros — composição ao baixo — representam os rios Douro, Danubio, Euphrates, Nilo e Mondego.

A cada uma das recostadas figuras corresponde uma *cartouche*, de desenho muito parecido com o de alguns trechos dos alisares da capella de S. Roque.

— 157... —

VILLA VIÇOSA. Palacio real; aposentos de El-Rei D. Carlos. Azulejo italiano em duas salas, frisos collocados no rodapé, de 0,m56 de altura. Ricos de côr e de bella composição; grupos de figuras, *cartouches* em rectangulo e circulares, varios motivos pendurados — mascaras, fructos, armas, etc.

Dentro dos rectangulos, as armas, com o capacete e o timbre dos Braganças.

No escudo, os castellos e quinas de Portugal, tendo na parte superior as barras de Aragão e em cada um dos espaços lateraes das aspas uma aguia [2]. Estas armas são ladeadas por dois anjos, que as sustentam, e têem por fundo uma cortina.

---

[1] Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra*, pag. 207

[2] Um escudo identico, encimado por corôa aberta, tem, alem das barras e aguias, collocado no mesmo logar — terço superior do escudo central — o banco de pinchar, que se vê entre os dois espaços dos tres castellos cimeiros. Placa de quatro azulejos. Alt. 0,m41; larg. 0,m31. É em relevo e tem as côres: azul, amarello queimado e branco, sob esmalte. É da primeira metade do sec. XVI. Pertence ao nosso amigo Dr. João Barreira. Affiançam-nos que este e outro escudo egual ladeavam a porta d'uma quinta, no Alemtejo.

A polychromia compõe-se de azul, verde, amarello quente e canario, roxo e vermelho; fundo branco.

Não conhecemos azulejos d'este typo n'outro qualquer ponto do paiz. Os dois quadros expostos no Museu das Janellas Verdes faziam parte dos frisos de Villa Viçosa. Figuraram na Exposição Universal de Paris de 1867 e, na volta, foram offerecidos por El-Rei D. Luiz ao Museu. Mas não são só estes que faltam nos aposentos de Villa Viçosa.

N'esta mesma villa, encontram-se, em mais de um ponto, dispostos a granel, d'estes azulejos.

— 1570 a 1580 [1] —

Lisboa. Egreja da Graça; antiga sacristia.

Se a data d'estes azulejos não estiver dentro dos dez annos marcados por Joaquim de Vasconcellos, não excede, em todo o caso, 1590, com respeito aos do estylo accentuadamente Renascença — *rotulos e pendurados*. São de tres typos e epocas os que se encontram no recinto, e de grande interesse os do seculo XVI e XVII. Não estão nos seus primitivos logares, e alguns não articulam mesmo com as paredes onde se acham. Assim é que os revestimentos lateraes, com figuras e barras [2] polychromas, das duas capellas fronteiras, á esquerda e á direita da entrada, nada têem que ver com os frontaes dos seus altares, assim como estes são de desenho diverso e de epocas differentes. O da esquerda é rarissimo. De ornato tapete contornado, não conhecemos outro tão expressivamente persa. Deve ter mais quarenta annos que o da direita, com flôres e animaes, que attribuimos ao primeiro terço do seculo XVII, sendo a polychromia d'aquelle muito mais harmonica e distincta que a d'este.

As quatro figuras dos enxalços d'estas capellas (pouco mais de um metro de altura) representam, como o indicam os symbolos que as acompanham e os disticos que se lêem dentro das *cartouches* que lhes servem de base, *Mizericordia, Fé, Justiça* e *Esperança*.

Mais adiante, na mesma disposição dos altares, nichos com as sepulturas dos prelados D. Jeronymo Fernandes, bispo do Funchal, e D. Pedro, bispo eleito de Miranda. É n'estas paredes, nas que seguem, em parte das que dão accesso á egreja e na escada da tribuna, que estão os azulejos primeiro referidos. São muito bellos, como composição, de variados motivos e de magnifica polychromia. Pena é que estejam truncados e incompletos. [3]

---

[1] Data attribuida pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos *Ceramica Portugueza*, pag. 15

[2] Ás barras (sec. XVII), parece-nos não ser estranha a maneira das barras do rodapé da capellinha de Santa Catharina, em Penha Verde.

[3] Ha ainda, a ladearem a porta de entrada, duas grandes figuras, a azul, com molduras do estylo D. João V. Na base: *Magnificencia, Liberalidade*

— 1584 —

Lisboa. Capella de S. Roque, na egreja da mesma invocação. Azulejo polychromo; paredes lateraes; na da esquerda, perto do pavimento, a assignatura do pintor: Francisco de Mattos, e a data: 1584 (m. 194). Desenho largo e firme, ornatos a azul e branco, meios tons, cornucopias com fructos e folhagens. Ao centro, uma jarra, com mascara rodeada de folhagem, pousada sobre um motivo de largos ornatos, que se desenvolve da parte inferior da composição, recortada sobre um fundo de magnifico amarello.

O cão com a borôa na bocca, fiel companheiro do Santo, espreita por detraz do ornato. Cercadura em ovulos, tendo, a mais das côres indicadas, verde e côr de vinho.

Tem na altura dezeseis azulejos quadrados ($0^{m},133$) e dezesete na largura (g. 14).

Esta obra, notavel como pintura e rara como documento, está cortada por uma cimalha onde pousa um quadro a oleo, representando uma das passagens da vida de S. Roque. Bem preferivel era que alli não estivesse, se os azulejos continuam guarnecendo a parede, como o indicam os ornatos, bruscamente interrompidos!

Na parede fronteira, repetem-se os mesmos motivos ornamentaes, e, em vez do cão, vêem-se outros attributos do santo: o bordão e a sacola. Egualmente cortado o azulejo, á mesma altura e pela mesma razão! Seria uma obra meritoria vêr se effectivamente estes azulejos continuam na parte da parede encoberta pelas duas télas; pois, se a nossa supposição se confirmasse, valia bem a pena remover os quadros para outro logar, porque, não obstante a egreja ter boas pinturas no genero, nenhuma d'ellas é superior aos ladrilhos de Francisco de Mattos, que, para a historia da nossa ceramica, representam uma das melhores obras da faiança portugueza.

— 1596 —

Lisboa. Egreja de S. Roque; entrada, a um e outro lado do guardavento. Azulejo polychromo, revestindo a parede, do pavimento até á tribuna, fingindo pedras preciosas, symbolos da paixão, etc. [1]

Entrando, á direita, a inscripção: Regni Celorum, e a data (m. 569); na parede opposta, a mesma data, antecedida das lettras *A. M.*, em monogramma.

[1] Na palacio dos Marquezes de Fronteira e no Museu Archeologico do Carmo, ha alguns azulejos d'este typo. Joaquim de Vasconcellos aponta os de Tavira (egreja de Santa Maria) e os da egreja de Santa Iria em Thomar.

Representarão estas iniciaes o nome e appellido d'algum pintor, parente ou contemporaneo de Francisco de Mattos, de quem acima tratamos, ou o monogramma da Virgem Maria?

E' certo que este mesmo monogramma se encontra á direita da entrada; mas sem a data e n'um logar em que nada faz suppôr seja a assignatura do artista, pintor ou fabricante dos azulejos. E' natural tambem que, na primitiva collocação, que decerto não é a actual, monogramma e data não estivessem juntos e n'um ponto isolado, como se encontram agora.

Seja como fôr, fica prevalecendo a interrogação sobre o alludido monogramma, que, á primeira vista, attribuimos ao auctor da obra, o que hoje nos não parece verosimil.

?

Villa Viçosa. Palacio Real; *sala de Medusa*. Alisar com as côres azul, amarello e verde. Fundo branco. Genero *rotulos e pendurados:* paizagens, almofadas marmoreadas, cariatides, etc.

Sala do Gigante Golias. Mesmo genero e disposição do antecedente, tendo a mais grupos de figuras. [1]

— ? —

Estremoz. Egreja de S. Francisco; capella-mór. Fim do seculo xvi. *Rotulos e pendurados;* revestimento desde o solo até á cornija. Decoração: anjos, cariatides, mascarões, fructos e ornatos. Côres: azul, verde, amarello quente e canario, e roxo; fundo branco.

— 1599 (?) —

Evora. Sacristia da egreja da Casa Pia. Typo dos azulejos da entrada da egreja de S. Roque — Lisboa. A data está na pintura do tecto.

— 1600 (?)

Lisboa. Bibliotheca Nacional. Azulejos applicados á parede e abobada d'um dos corredores do andar nobre d'este edificio. Estylo da Renascença; fabrico do fim do seculo xvi. Scenas sacras. Motivo architectonico, composto de tres corpos: no cimeiro, a *Annunciação,* no meeiro, com tres divisões,

[1] No palacio, ha mais azulejos, n'outras salas e quartos, sendo a maior parte do seculo xvii

ao centro, a *Adoração dos Pastores*, grupo predominante, ladeado por quatro columnas corinthias: as duas da esquerda, perfilam o nicho em que se vê S. Matheus, as da direita, egualmente dispostas, anicham S. Lucas. Na base, tres almofadas em ponta de diamante, que correspondem ás tres divisões do corpo central.

N'estes bellos azulejos, que medem $5^m \times 4^m,60$ e em que é evidente a influencia da escola italiana, lê-se a seguinte inscripção:

Este painel pertenceu á capella de N. S.ª da Vida, erecta, no seculo XVI, *por Bartholomeu de Lemos, na parochial de Santo André. Demolida a egreja em 1845, o requisitou ao Governo o Conservador d'esta Bibliotheca, F. M. de Andrade, e aqui foi posto e restaurado em 1865.*

— 1610 (?) —

Lisboa. Ermida de Santo Amaro. Atrio semicircular e faceado. Tres portas de ferro dão accesso ao recinto, cuja parede voltada ao sul é interiormente forrada de azulejo, estylo Renascença, dos primeiros annos do seculo XVII. De bom esmalte e de viva e alegre polychromia, exhibe o azul, o verde, o amarello, o roxo e o castanho escuro, sobre fundo branco.

De cada uma das faces correspondentes a um e outro lado da ferradura, sae um altar, coberto de azulejo, do mesmo estylo e côres dos demais. Toda a parte architectonica é rigorosamente estudada no azulejo. Nos alçados, sobre os dois altares, é o Santo representado em tamanho pouco menor do que o natural, nas edades da juventude e da velhice. [1]

Em todos os pannos e frontaes dos altares se vêem referencias milagrosas e fragmentos do corpo humano, que o santo curandeiro houve por bem concertar aos seus devotados clientes.

Os motivos da composição são pilastras, formadas por cariatides, com bases enquadrando pontas de diamante, anjos que em differentes pontos seguram ornatos ou são sustentados por elles, cabeças de anjos, mascaras, pavões e cegonhas, e, entre todos estes accessorios, a salpicar os pontos em que a composição é menos cheia, borboletas, que mais a enriquecem e lhe dão movimento.

— 1617 —

Santarem. Egreja de Marvilla. Azulejo xadrez, que reveste as tres fachadas das capellas da testeira. Por cima do arco central, a data, indicada a branco, fundo azul.

[1] Crêmos que as duas imagens representam o mesmo Santo.

— 1619 —

CINTRA. Capella do castello da Pena. Azulejos tapete, polychromos, de bello effeito.

Nas paredes lateraes do côro, os brazões portuguezes; e, na parede do fundo, as espheras armilares de El-Rei D. Manuel. Por cima do fecho do arco fronteiro ao altar da capella, a data, a tinta azul. (D. 570.)

— 1620 —

SANTAREM. Egreja de Marvilla. Azulejo xadrez, azul e branco.

— 1620 (?) —

ALMOSTER. Egreja de Santa Maria. São variados os typos de azulejo que revestem as paredes d'esta egreja: symetrico e gracioso estylo da Renascença, e tapete de differentes padrões.

Chama a attenção o das albarradas floridas, no topo do transepto, do lado do Evangelho. As côres — azul e amarello, fundo branco — são applicadas em largas faixas perpendiculares; a parte do desenho que n'uma faixa é a tinta azul, na outra é a tinta amarella, dando esta transposição o resultado de colgaduras adamascadas.

Capella da S.ª do Rosario, lado da Epistola. As pilastras que ladeam esta capella, são de azulejo, com as côres — azul, amarello e laranja. Têem, como motivos, escudos dentro de *cartouches* do estylo da Renascença, encimados pelos symbolos do Martyrio e da Fé; um, com o distinctivo de S. Francisco; outro, bi-partido, tendo de um lado as cinco chagas e do opposto as quinas portuguezas.

No cimo de cada uma das pilastras, uma moldura de folhagem de acantho, vendo-se, na da esquerda, a S.ª do Rosario com o Menino ao collo e o rosario pendente da mão direita, e, fechando o grupo, outro rosario, de grande dimensão; e, na da direita, uma custodia entre dois anjos, que, ajoelhados, incensam com thuribulos a Hostia Sagrada.

Completam este retabulo cabeças de cherubins, como que soltas no espaço. Muito interessantes, datam dos primeiros annos do seculo XVII.

— 1626 —

VILLA VIÇOSA. Egreja do convento das Chagas. Genero tapete; azul, amarello, fundo branco. Data por cima da grade do côro.

— 1631 —

Evora. Collegio dos Jesuitas. Azulejos da capella-mór — *rotulos e pendurados* — cujos motivos figuram genios e arabescos.

— 1635 —

Santarem. Egreja de Marvilla. Data dos azulejos por baixo da quinta fresta, do lado da Epistola.

— 1635 —

Vianna do Castello. Azulejo que fazia parte de algum frontal; côres: azul, amarello e laranja. (M. 429 e d. 572.) Collecção do Rev. Padre João Passos Vianna — Vianna do Castello.

— 1635 —

Lisboa. Convento de Sant'Anna (?) Um quadro que mede $1^{m},16 \times 1^{m},38$, e representa a figura de S. João Baptista, de pé; no fundo do quadro, arvores, casas, etc. Tem as seguintes inscripções: *A Madre Gracia do Sacramento mandou fazer sendo rodeira — 1635 — Inter nactus mulierum non surrexit maior Ioane Baptista.* [1]

— 1636 —

Cintra. Capella de S. Saturnino. Fragmento de azulejos, parte do frontal do altar d'esta capella. Côres: azul, verde, amarello e laranja. Em volta, e ainda por baixo de um grupo composto de uma mitra, um báculo e um livro, lê-se a seguinte inscripção, incompleta, mas que conseguimos reconstituir: *Esta obra mandaram fazer os officiaes da Nao Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães era de 1636.* (M. 573.) [2]

— 1640 —

?. Fragmento de azulejos tapete. Côres: azul e amarello; fundo branco. Inscripção incompleta: *Obra mandou fazer Andres Henriques Tavarinho por*

[1] Este azulejo, e o que segue, com a data de 1645, pertenciam ao convento de Sant'Anna. Dá noticia d'elles, no seu livro *Pavimentos*, Liberato Telles (pag. 238 e 239).

[2] Nossa collecção. Comprámos estes azulejos na villa de Cintra, em 1904.

sua devoção. A sua custa, 1640. (M. 574.) Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

— 1645 —

LISBOA. Quadro; mede $0^m,70 \times 0^m,70$ e tem ao centro uma esphera com os seguintes caracteres — I H S, e, por baixo da esphera, esta inscripção: *A Madre Eilena de Jesus sendo çancristan mandou acabar esta obra deste côro na era de 1645.*

— 1647 —

ALVITO. Egreja matriz. Azulejo tapete. Côres: azul, amarello; fundo branco. Data, na capella do Santissimo.

— 1651 —

CINTRA. Quinta de Penha Verde. Azulejos polychromos, *rotulos e pendurados* Revestem interiormente uma das grutas da quinta. Ricos de côr, e de interessante composição, em que entram variados motivos: albarradas, ornatos, folhagens, animaes, fructos, etc. Entre os animaes, o pintor repetiu o perú, pintando-o de differentes tamanhos.

Se não estivessem datados (m. 578), dir-se-hia que eram do seculo XVI. Devem ter sido pintados n'alguma das fabricas de Lisboa. [1]

— 1651 —

EVORA. Egreja de N. S.ª das Brotas, á porta do Raymundo. (Noticia do Sr. Gabriel Pereira.)

— 1654 —

EVORA. No refeitorio de S. Bento. (Idem.)

— 1678 —

EVORA. Portaria do extincto convento do Paraiso. (Idem.)

[1] Alem dos azulejos com figuras, animaes e fundos de paizagem, de variada polychromia, que estão dispostos pela quinta, nos bancos e paredes das fontes,—encontram-se outros — assumptos sacros — de bom esmalte, desenho e côr, na capella de S. João Baptista e na de Santa Catharina, que apenas tem azulejos no rodapé: fiadas com duas cercaduras. Motivos: sereias, gryphos e ornatos, da primeira metade do seculo XVII.

— 1686 —

Friellas. Capella de N. S.ª do Monte. Magnificos azulejos, representando a vida de Nossa Senhora; figuras quasi do tamanho natural, a azul, sobre fundo branco.

No mesmo azulejo, sob o pulpito, a seguinte inscripção:

ESTA IRMIDA SE COMECOU A RE-
DIFICAR POR MIGEL DE SOVZA
FER^RA^ NO ANNO DE 1686
E O ACABOU DE FAZER SEV
F^o^ M^el^ DE SOVZA SOARES NO AN-
NO DE 1699. PEDEM HV. P. N.
E HVA AVE MARIA PELAS SU-
AS ALMAS.

Na capella-mór, debaixo dos quadros das ilhargas, que descansam sobre as vergas das portas e das janellas das tribunas, ha tambem, ou, pelo menos, havia, no tempo em que Fr. Agostinho de Santa Maria escreveu o seu *Santuario Mariano* (impresso em 1707), quadrinhos de azulejos, «de hum pastoril tão galante, & perfeito, que o julguei pelo melhor que havia vindo de Olanda; mas desenganarão-me, que fôra obrado em Lisboa por Antonio de Oliveira» — diz aquelle escriptor. [1]

Os frontaes das tres capellas são — ou eram — tambem de muito bom azulejo, parecendo brocado de Milão.

— 1697 —

Lisboa. Collecção do fallecido architecto José Maria Nepomuceno. Pintura azul sobre fundo branco; representa uma dama em trajos da época, sustentando uma rêde cheia de corações. Em baixo, no canto do lado direito, a assignatura do artista: *Gabriel del Barco f, 1697*. Foi do palacio dos Condes da Ponte, ao Calvario. (Citação de Joaquim de Vasconcellos.)

N'este palacio e dependencias, havia azulejos dos seculos XVII e XVIII. Hoje, raros são os que alli se encontram, e esses estão incompletos.

— 1698 —

Evora. Santa Martha. (Citação de Gabriel Pereira.)

---

[1] Obr. cit., tom I, pag. [illegible]

— 1699 —

Evora. S. Thiago. Bellos azulejos, representando a historia do filho prodigo, assignados — *Gabriel del Barco F. 1699*. (Citação do mesmo escriptor.)

— 1700 —

Lisboa. Sé; capella da charola, em que está sepultado o arcebispo D. João Annes (fallecido a 3 de maio de 1440). A sepultura do prelado não tem nome; indica só a data. No fundo da capella, dentro de um rotulo do estylo *rococo;* a inscripção: FECCE NO A|NNO|1700|. (M. 584.) Composições sacras. Pintura a azul, sobre fundo branco.

— 1702 —

Evora. Em S. Pedro, hoje Escola Normal, havia azulejos, de gosto e desenho inferior, com esta data. (Citação de Gabriel Pereira.)

— 1706 —

Lisboa. Sé; capella de S. Sebastião, na charola. Azulejo, decoração a azul. [1]

— 1711 —

Evora. Egreja dos Loyos (S. João Evangelista). Azulejos, pintura a azul, assignados: *Antonius ab Oliva, 1711*. (Citação de Gabriel Pereira.) [2]

— 1712 —

Estremoz. Egreja da antiga Misericordia. Revestimento a toda a altura das paredes. Composição de grandes figuras a tinta azul: scenas biblicas. Data por baixo da rosacea (d. 586). Actualmente, os azulejos não se podem estudar, porque as galerias do theatro que alli está installado não os deixam ver inteiramente, e ainda por falta de luz. J. de Vasconcellos cita

---

[1] O Sr. Joaquim de Vasconcellos allude a uma nota que tirou d'estes azulejos e que perdeu. Cremos que esta data, 1706, e a que está por debaixo da sepultura do arcebispo D. João Annes, 1700, são uma e a mesma; confundem-se, pela maneira por que está pintado o ultimo algarismo, que tanto póde ser um o como um 6. De resto, não encontrámos nos azulejos da Sé, senão a data em questão.

[2] J. de Vasconcellos descreve estes azulejos, revestimento interno do corpo da egreja, com episodios da vida de S. Lourenço Justiniano, etc. *Exposição de Ceramica*, pag. [illegible]. Raczynski tambem se occupou d'elles. *Les Arts en Portugal* [illegible]

estes e mais alguns, que em tempo havia, em salas e corredores do mesmo edificio. [1]

1716 —

Evora. Egreja da Misericordia. Figuras a tinta azul, representando a vida de Christo. (Citados por Gabriel Pereira e J. de Vasconcellos.)

— 1719 —

Lisboa. Museu do Carmo. Azulejos que faziam parte de uma grande composição: tentação de Santo Antonio (alt. 15 azulejos, e 6 de larg.) Pintura de mediano valor. Na parte inferior, inscripção e data. (D. 588.)

— 1719 —

Estoril. Egreja do convento de Santo Antonio. Azulejos, motivos soltos, a azul: homens, barcos, flores e animaes. Revestem as paredes e a abobada do corredor que dá passagem do atrio para o claustro. Inscripção e data n'um rotulo, na abobada. (M. 589.)

— 1719 —

Estombar (Algarve). Egreja matriz de S. Thiago. Este templo contém bellissimos azulejos, perfeitamente conservados, que revestem completamente o interior. Pertencem a dois grupos, um de 1719 e outro de 1743.

Trataremos d'este ultimo no logar competente. O Sr. J. de Vasconcellos [2] dá um desenho typographico com a distribuição dos assumptos (passagens da vida de Christo — onze quadros) na abobada da capella mór.

— 1736 —

Evora. Ermida da S.ª da Cabeça. A parte superior do frontispicio está coberta com uma grande composição, que representa a Senhora, cercada de anjos. Este quadro está dentro de uma grande construcção architectonica do estylo *rococo*. (Citação de Joaquim de Vasconcellos e de Gabriel Pereira.)

[1] *Exposição de Ceramica*, pag 88.
[2] *Idem*, pag 89.

— 1736

Villar de Frades. Extincto convento dos frades loyos; capella das Almas. Do lado direito, grande composição de azulejos: Santa Rita subindo ao ceu; por debaixo, no alisar, uma tourada, assignada: *Nicolau de Freitas a Pintou.* No lado esquerdo, o martyrio de Santa Quiteria, e, por debaixo, uma caçada á raposa.

Na parte inferior: *Bartholomeu Antunes a fes em Lix.* (Lisboa) *no anno de 1736.* Pintura a azul sobre fundo branco.

Diz o Sr. Joaquim de Vasconcellos que estes azulejos têem muito merecimento, sobretudo os dos alisares. [1]

1741

Beja. Convento de N. S.ª da Conceição. Quadros de azulejo. Scenas da vida da Virgem e de S. João Baptista, baptismo de Christo, etc. (Citação de J. de Vasconcellos.) [2]

— 1742

Villar de Frades. Extincto convento dos frades loyos. Capella de N. S.ª da Conceição. Grandes composições: á esquerda, o nascimento de Christo; á direita, a adoração dos Magos.

N'esta, lê-se: *Bartholomeu | a fes em Lx.ª nas olarias | no anno de 1742*. (Citação de J. de Vasconcellos.) [3]

— 1743 —

Estombar (Algarve). Egreja matriz de S. Thiago; capellas lateraes. Azulejos, pintura a azul. Assumptos sacros. (Citação de J. de Vasconcellos. [4]

1745 —

Evora. Casa Pia, no *Conventinho.* (Citação de Gabriel Pereira.)

— 1746 —

Evora. Idem, idem, na porta da aula para a varanda. (Citação do mesmo escriptor.)

[1] *Ceramica Portugueza*, serie II, pag. 8
[2] *Exposição de Ceramica*, pag. 91
[3] *Ceramica Portugueza*, serie II pag
[4] *Exposição de Ceramica*, pag. 91

— 1747 —

LISBOA. Rua do Possolo. Registo de azulejos a azul, com moldura rectangular. Representa a Santa Familia. As figuras encostam-se a uma balaustrada, n'um jardim, e vem ao seu encontro, descendo no espaço, um grupo de anjos, conduzindo um d'elles um cesto com flôres. O retabulo, que liga a porta a uma pequena janella que lhe fica na mesma linha, tem na parte inferior a data.

— 1748 —

TAVIRA. Santa Maria do Castello. Scenas da vida de Christo. Azulejos a tinta azul, architectura estylo *rococo*. (Citação de J. de Vasconcellos.)[1]

— 1748 —

EVORA. Egreja da Graça. Motivos sacros dentro de moldura do estylo *rococo*. (Citação de J. de Vasconcellos.)[1]

— 175... —

LISBOA. Largo de Jesus. Registo rectangular; côres: azul, amarello e roxo. Figura de mulher entre chammas. Na parte inferior, esta inscripção:

HVM · PADER NOSO E HVMA · AVE MARIA
PELA · ALMA · DEST MOLHER · CVACI ·
MATA · RO 175 · ...[2]

— 1751 —

ESTORIL. Egreja do Convento de Santo Antonio. Entrando, á esquerda, por debaixo do côro, na parte superior do alisar e dentro de um rotulo, o complemento da inscripção, que, do lado opposto e em identico logar, começa d'esta maneira: *A S. Antonio deu pelo amor de Deus o seu grande devoto*. Complemento: *O P. Vicente Lopes de Brito todo este azulejo das grades athe á porta anno 1751*. (M. 594). O alisar continua, com, a altura de 2m,90, a azul, com rodapés e molduras que fecham pequenos grupos de tres almofadas, vendo-se representado na superior o Calvario, a côr de vinho.

Até ao fim da teia, com o mesmo caracter, os motivos emmoldurados

[1] *Exposição de Ceramica*, pag. 62-63.

[2] Mais acima, ao meio da parede em face da egreja de Jesus, em dois registos collocados parallelamente e á mesma altura, acham-se representadas Nossa Senhora e Sant'Anna. São raros estes exemplares, pela côr com que são pintadas as figuras: — violeta avinhado. Molduras eguaes, polychromas, perfil recortado. Não estão datados, mas devem ser do principio do ultimo terço do seculo XVIII.

são: albarradas floridas, meninos e cabeças de cherubins, e pilastras que sustentam uma cimalha, com frontões, e vasos correspondentes ás pilastras. Azul intenso. D'este ornamento até á capella-mór, os azulejos são de epoca anterior (1745 ?) e de azul menos vigoroso. Os do lado do Evangelho representam a Resurreição, composição de quatorze figuras; os do lado da Epistola, o Nascimento, nove figuras.

Na capella-mór, á esquerda, paizagem com duas fontes decorativas, sendo uma monumental, em volta da qual se vêem damas e gentis-homens. Na parede opposta, duas fontes dispostas longitudinalmente, como as primeiras; paizagem, figuras, etc. Molduras estylo *baroco*. No atrio, em volta da porta principal, uma das composições allude á vida de Santo Antonio.

1752

Lisboa. Recolhimento de S. Pedro de Alcantara. Registo anichado no muro que dá para a travessa. Motivo principal, o Santissimo Sacramento na custodia; mais abaixo, dois anjos com thuribulos. Figuras a tinta azul, moldura polychroma, tendo na parte inferior a data. Altura 1^{m},70, approximadamente.

1754

Lisboa. Beco do Collegio dos Nobres. Registo de azulejos a tinta azul. N. S.ª da Conceição, S. Marçal e St.º Antonio. Na base a data. Alt. 1^{m},54. Larg. 1^{m},12.

1757

Lisboa. Alminhas em fogo, supplicando perdão do symbolo da Fé. Mau desenho; tinta azul; quatro azulejos. Em baixo, a data. (M. 596.) Nossa collecção.

1757

Lisboa. Rua de Buenos Ayres. Registo de azulejos, pintura a azul. Á esquerda, S. Francisco; á direita, S. Marçal; ao centro, N. S.ª da Piedade, aos pés da cruz.

Faltam-lhe alguns azulejos na parte superior. Inferiormente, a data.

1758

Lisboa. Beco de Alfama. Registo de azulejos, collocado na parede, em face da entrada do beco. Uma moldura, estylo D. João V, fecha dois motivos de figuras sacras, pintadas a tinta azul. A S.ª da Conceição e o Menino occupam os dois terços cimeiros do painel, com corôas amarellas tocadas a

roxo. No grupo inferior ao da Senhora, estão, por esta ordem, S. Marçal, Santo Antonio e S. Francisco Xavier, com os respectivos nomes na base.

A polychromia da moldura comprehende as côres: azul, verde, amarello, roxo e fundo branco, e fecha separadamente os dois grupos, tendo em baixo, ao centro, a data. Alt. 2,84, larg. 0,95.

— 1758 —

Cintra. Fachada de uma casa junto á Praça da Villa. Senhora da Piedade com o Christo nos braços; grupo pintado a tinta azul, e circumdado por uma moldura de fórma irregular, a tres côres.

Na parte inferior do registo, a data: 1758 e 3º depois do terramotvm. Alt. 2,40.

— 1758 —

Lisboa. Registo de azulejos; moldura polychroma, figuras a tinta azul. Ao centro, sob um docel de farto cortinado, abriga-se a Virgem, tendo á direita S. Marçal e á esquerda S. Francisco de Borja. Na parte inferior da peanha em que pousa a Virgem, uma *cartouche* com as almas no Purgatorio, tendo ao centro, sahindo das chammas, uma cruz. Este pequeno motivo separa-se da data por uma faixa com as lettras: — *P. N. A. U. M.*

Inferiormente, dois anjos, um a cada lado, sentados sobre os ornatos da irregular moldura, seguram a base onde pousam as referidas imagens.

Alt. 2,90; larg. 1,50. Côres azul, verde, amarello e côr de vinho.

Por cima da porta n.º 79 da R. de S. Vicente de Borja. [1]

— 1759 —

Lumiar. Muro da quinta dos Duques de Palmella. Registo de azulejos (n'um nicho rectangular), figuras a azul: S. Marçal, S.ª do Rosario e S. Francisco de Borja. Moldura com as côres amarello e roxo, tendo ao centro, na parte inferior, a data.

— 1767 —

Lisboa. Escada n.º 120 da Rua d'El-Rei. Registo de azulejos; figuras a

[1] Com a data 1758, conhecemos um registo polychromo que esta na frontaria de uma casa da Rua da Penha de França — Lisboa, e outro, pertencente ao actor Ferreira da Silva com o schema do Rato. (D. 560 A)

azul; moldura a amarello e côr de vinho. Alt. $0^{m},98$; larg. $0^{m},84$. (Rato?) Na parte interior da moldura, a seguinte inscripção:

Caʒas da testamentaria de Dom. Ten.' Souto anno de 1767.

1768

Cascaes. Praça da Rainha D. Amelia. Registo de azulejos; $1^{m},75 \times 1^{m},21$. Ao centro, N. S.ª do Monte do Carmo; na parte inferior, tres molduras ovaes com santos. Imagens a azul; molduras polychromas.

1769

Lisboa. Academia de Bellas-Artes (antigo convento de S. Francisco). Figuras pintadas sobre azulejo, representando S. Jeronymo, Santo Antonio, S. Francisco e S. Domingos. Dispostas respectivamente nos quatro angulos, sobre o patim inferior da escada que dá ingresso á aula de esculptura e á arrecadação dos gessos.

Todas a tinta azul sobre bases polychromas imitando marmore, lendo-se a data n'aquella em que pousa S. Domingos. (D. 598.)

Têem approximadamente dois terços do tamanho natural, e devem ser producto do Rato.

1770

Lisboa. Escada n.º 53 da Rua Nova do Almada. Registo de azulejos (ao baixo): S. Marçal e S. Francisco, pintados a tinta azul, fundo de paizagem, mesma côr; moldura polychroma, com a data.

Collocado sobre o portico de cantaria.

1771

Santarem. Egreja da Graça. Azulejos que revestem parte das paredes da entrada e guardas da escada que dá ingresso á egreja. De leve e graciosa composição; seis allegorias, quatro no patim e duas na escada. Passaros sustentando pelo bico compridas e embolsadas cordas de louros, cornucopias, silvados, ornatos e flores. Nas quatro primeiras, veêm-se: um thuribulo, uma naveta, uma fachada de templo (a porta do ceu?) e a Arca da Alliança (?); e nas duas restantes: n'uma, um pedestal com o Vaso Espiritual, flammejante; e na que lhe fica fronteira, um triangulo, com a data. Desenho regular; azulejos polychromos, perfeitamente conservados.

— 1776 —

Lisboa. Santo Antonio dos Capuchos. Azulejos a tinta azul, revestindo exteriormente a parede em volta da porta da capellinha da S.ª das Dôres.

Á esquerda, um grupo de guerreiros, que voltam de crucificarem o Senhor; á direita a Virgem, acompanhada pelas santas mulheres.

Por cima da porta, no azulejo, lêem-se as palavras da antiphona, a inscripção e a data:

O VOS OMNES QVI TRANSITIS PER VIAM, AT-
TENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICVT
DOLOR MEVS. Ihrem CAP.º IVº 12. ESTA S.ta
Imagem Mandou fazer o Ill.mo e Ex.mo D.
Joaquim Mascarenhas Conde de Cucullim
no anno de 1776.

— 1777 ? —

Lisboa. Praça das Amoreiras. Capella de N. S.ª do Monserrate. Sobre um roda-pé marmoreado, em que predomina a côr amarella, pousa o alisar, de dois metros de altura, a tinta azul, com a parte superior recortada. Estylo acentuadamente D. João V.

Alternando com as pilastras, molduras ovaes, interceptadas em quatro pontos pelos ornatos da composição, dentro das quaes estão representados os seguintes assumptos:

1.º Uma pyramide sobre fundo de paizagem, casas, etc.; e por cima, como que solta no espaço, uma fita, symetricamente ondulante nas extremidades, com a legenda seguinte:

Umbra procul

2.º Junto a um tronco de arvore, uma serpente com uma maçã na bocca. A parte superior da composição não se póde ver, assim como a legenda, por estar coberta por um armario, com promessas de cera.

3.º Paizagem, architectura, etc., tendo na atmosphera o sol e o arcoiris, e na fita:

Solis opus

4.º Uma estrella no espaço e, dentro do raio formado pela cauda, o sol. Na fita, a legenda:

Noli me tangere

5.º Torre, assente sobre uma rocha, sobre a qual uma aguia olha na direcção em que outra vôa para a terra. Fundo de paizagem, e a fita (sempre na mesma disposição) com a legenda:

Vis fortior arcet

6.º Paizagem, e no primeiro plano, á esquerda, um rochedo, do qual nasce uma vara, em que se enleia uma videira com um cacho pendente. No espaço, o sol, e a fita, onde se lê:

Intacta placet

7.º Uma escarpada rocha no meio do mar, e ao cimo d'ella uma arvore, em fórma de cipreste, e no espaço uma pomba, levando no bico um ramo. Na fita:

Unica naufragio superest

Esta capella foi fundada pela corporação dos fabricantes de sedas, em 1757.

Os azulejos, que têem 0^m,14 quadrados, são do primeiro periodo da Real Fabrica do Rato (1767 a 1777 ?).

Na capella ainda restam algumas jarras de faiança d'esta mesma fabrica e, entre ellas, algumas com a marca de Thomaz Brunetto. No tecto da capella, que tem o titulo de real, está pintada a corôa regia da epoca de D. José.

1780

CONDEIXA. Nas paredes de algumas casas da villa, cruzes da *via sacra*, de azulejos, com as hastes e as molduras das bases polychromas. Dentro d'essas molduras, scenas da Paixão. As figuras a azul. Ha sete d'estas cruzes em differentes ruas da villa.

— 1781 —

ALCOBAÇA. Convento de S. Francisco (Capuchos). Capella de Santa Maria Magdalena. Alisar de azulejos a tinta azul. Na base, á entrada e á esquerda: FEITO NO JUNCAL EM 1781. (M. 159.) São, de todos os produzidos no Juncal, os mais incorrectos no desenho e os mais imperfeitos como fabrico.

— 1782

CONDEIXA. Motivo semelhante ao datado de 1780.

— 1783

LISBOA. Santo Antonio dos Capuchos. Capellinha do Senhor Resuscitado. Azulejos a tinta azul sobre fundo branco, collocados exteriormente, em volta da porta. E' uma das 14 capellinhas da cêrca, todas ellas com inscripções de devoção sobre os azulejos que encimam as respectivas portas.[1]

1783 —

LISBOA. Rua Nova da Piedade, na fachada da casa n.º 35. Registo de azulejos a tinta azul, fundo branco; moldura recortada, estylo D. João V, dentro da qual se vêem: S. Marçal, Nossa Senhora e Santo Antonio. Dim. $1^m,20 \times 0^m,82$. Na base, a data.

— 1784 —

COIMBRA. Claustro do extincto convento de Semide. *Cartouche* de azu-

[1] Comquanto as datas não correspondam á fabricação dos azulejos, como se deprehende das inscripções, ainda assim ella não deve, em geral, andar muito longe dos annos indicados nas legendas, como se evidencia pelo estylo das decorações que as cercam.

E' possivel, mesmo, que alguns dos azulejos tenham sido fabricados dentro do mesmo anno em que foram offerecidas as imagens.

Pelas personagens cujos nomes figuram nas inscripções, caracter do fabrico, tão portuguez, e referencias a factos da nossa historia, os azulejos sobre-portas das capellinhas de Santo Antonio dos Capuchos, são extremamente interessantes.

Por ordem chronologica, as datas nos azulejos são 1740, 1758, 1767, 1770, 1770, 1770, 1773, 1773, 1776, 1783 e 1792.

Os antigos numeros de ordem das capellas encontram-se nas bases das cruzes dos mesmos azulejos. Das inscripções, a parte em latim refere-se ás imagens guardadas nos pequenos santuarios; a parte em portuguez dá-nos os nomes das pessoas que offereceram essas imagens e a data em que o fizeram.

Resumidamente:

— Esta capella mandou fazer a Ill.ma e Ex.ma D. Anna de Lorena, Marqueza de Abrantes, no anno de 1740.

— Aqui neste logar esteve o Sacrario com o Santissimo Sacramento por occasião do fatal terremoto do anno de 1755 athe 14 de Março de 1758, razão por que se faz aqui esta memoria, para a veneração e respeito que se deve a um logar que o nosso Deus quiz consagrar com a sua adoravel prezença. (Aqui os azulejos são em toda a fachada, mais de um typo, azues e polychromos).

— Esta Santa Imagem do Snr. dos Passos, a que se deo o titulo de Pai das Miziricordias e Snr. da Consolação, mandou fazer o Serenissimo Snr. D. Pedro, Infante de Portugal. Em o anno de 1767.

— Esta Imagem mandou fazer a Ill.ma e Ex.ma D. Joaquina da Camara, Condeça da Ribeira Grande, no anno de 1770.

— Esta capella mandou fazer a Ill.ma e Ex.ma D. Maria Rita de Portugal no anno 1770.

— Esta capella mandou fazer o Ill.mo e Ex.mo D. Joaquim José, Correijo Mór do Reino no anno de 1770.

— Esta Santa Imagem, a que se dá o titulo de Snr. da Paciencia, sentado na pedra fria, por ser imagem muito antiga, se mandou reformar, por João Crizostimo, para repôr em esta Irmida em o anno de 1773.

— O VOS OMNES QVI TRANSITIS PER VIAM, ATTENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICVT DOLOR MEVS Ihrem. Cap.º Iº 12 Esta santa imagem mandou fazer o Ill.mo e Ex.mo D. Joaquim Mascarenhas, Conde de Cucullim, no anno de 1776.

— Esta imagem do Sr. subindo ao ceu a mandou fazer o principe D. João, Nosso Sr., no anno de 1792, neste lugar onde está.

— Esta cruz de hera se celebrou a festividade da noute do Natal e suas outavas, no anno de terremoto de 1755, e em reverencia da celebração do st.º sacrificio e assistencia do SS.º Sacramt.º se fez esta memoria. Alem do que todo este districto he bento.

lejos, estylo D. João V. Falta-lhe uma fiada de quatro azulejos, onde naturalmente estaria a indicação da fabrica, pois que na fiada correspondente se lê: *No ano de 1784 fez Souza Carvalho.* (D. 601.)

— 1787 —

Lisboa. Na parede exterior da abside da ermida de N. S.ª do Monserrate (para o lado da rua das Amoreiras). Cruz de azulejos a azul e amarello, sobre fundo branco. Na base, a data. Pela côr e esmalte, deve ser fabrico do Rato.

— 1788 —

Cintra. Fonte da Pipa. Parte do alçado é revestida de bellos azulejos que se ligam perfeitamente com a architectura. Ladeam o corpo central duas pilastras, a que se seguem figuras com pouco menos do que o tamanho natural, correctamente desenhadas, e pintadas a azul, sobre plintos marmoreados, representando Diana e a Justiça.

Nos cantos superiores do corpo meeiro, entre as pilastras e as armas portuguezas, no frontispicio, esculpidas em lioz, dois trechos de paizagem, tambem em azulejos, que dão, como as symbolicas figuras, um aspecto agradavel e pittoresco a esta conhecida fonte.

Pela polychromia, esmalte e disposição decorativa, estes azulejos rivalisam com os que revestem a fachada da casa dos Condes da Guarda em Cascaes, pois a intensidade e pureza das côres é tão esplendorosa aqui, como na interessante fonte de Cintra.

A data fecha a inscripção, cortada na pedra, dentro de um dos motivos espaldares da parte architectonica. A collocação d'esta lapide decerto não antecedeu a collocação do azulejo — a julgar pela unidade e harmonia do conjuncto.

Os ladrilhos são de tão solido fabrico, que, se não fossem as pedradas do antipathico garoto, estariam sem macula hoje, como ha cento e dezoito annos.

— 1790 —

Lisboa. Rua de S. Marçal, casa n.º 51. Registo de azulejos; fórma exterior rectangular, composição ao baixo, tres secções: ao centro, em moldura de fórma irregular, N. S.ª da Conceição, tendo de cada lado, em molduras ovaes, á direita, S. Marçal, á esquerda, Santo Antonio e S. Pedro de Alcantara.

Figuras e fundos a tinta azul, molduras e mais ornatos polychromos.

A data está n'um rotulo, por debaixo da esphera em que pousa a Senhora. Estylo D. Maria I. Dim. $0^{m},70 \times 1^{m},40$. Nas trazeiras da casa, para a Praça das Flôres, repete-se o mesmo registo, com a unica differença de figurar sómente Santo Antonio na oval em que, do outro lado, este santo é acompanhado por S. Pedro de Alcantara.

— 1790 —

Lisboa. Entrada de uma escada da Rua das Flores, n.º 18. Registo de azulejos, o *Descimento da Cruz*, moldura (estylo do meado do seculo) polychroma. Junto ao motivo, a tinta azul, que se compõe das figuras de Christo, Nossa Senhora e S. Marçal, vêem-se os tres cravos, a corôa de espinhos e o calix da amargura. Data na parte inferior da moldura. (M. 602.) Dim. $0^{m},92 \times 0^{m},82$. Pela côr e esmalte, parece fabricação do Rato.

— 1795 —

Leiria. Freguezia dos Milagres. Azulejos, fabrico do Juncal.

A inscripção, tal como a copiámos[1], diz: «Eu, José Rodrigues da Silva e Souza, neto do dicto mestre José da Silva, fiz este azulejo e o mandei aqui collocar na era de 1795, e escrivi fielmente esta historia, escripta pelo rev.º padre Luiz Gomes, thesoureiro actual d'esta egreja, sendo bispo de Leiria o Ex.^{mo} Snr. D. Manuel d'Aguiar, inimitavel devoto e zeloso do culto de Deus, que para sempre vive e reina». (Vide capitulo sobre a Fabrica do Juncal.)

— 1797

Lisboa. Rua da Procissão. Registo de azulejos, composição ao alto. Na parte superior, Nossa Senhora; e na mesma linha, na parte inferior, S. Marçal. Figuras a tinta azul, moldura de perfil irregular, pintada a côres; em baixo, a data. Foi arrancado ha pouco, quando restauraram a fachada da casa onde estava collocado.

— 1807 —

Lisboa. Travessa das Parreiras. Registo de azulejos, contorno exterior de fórma rectangular, tendo ao centro uma grande ellipse, onde estão, em grupo, sete figuras: Santa Familia, S. João (?) e anjos. Nos angulos infe-

[1] *O cruzeiro ou memoria do bispado de Leiria*. 2.ª edição, 1898 — pag. 148.

riores, em ellipses mais pequenas, S. Marçal e Santo Antonio, e ao centro, n'um pequeno rotulo, a data.

Todas as imagens a tinta azul; as molduras e mais motivos ornamentaes a côres. Dim. $1^{m},54 \times 0^{m},96$.

Este registo, estylo D. Maria I e de transição para o estylo Imperio, resente-se, todavia, dos motivos que em França compunham as decorações do reinado de Luiz XVI, tão simples e tão delicados, e jogam, não só com os datados 1790, da casa da Rua de S. Marçal, e 1807, da casa da Travessa das Parreiras, mas tambem com os seguintes, não datados:

— Registo na parede de uma casa da Travessa de S. José, á Praça das Flôres, perfil rectangular, dentro do qual uma ellipse emmoldura Nossa Senhora, tendo aos pés duas alminhas penando. Aqui a pintura é a azul, como de costume; em volta, ornamentação polychroma. Deve medir $0^{m},70 \times 0^{m},56$.

— Rua de S. Filippe Nery, fachada da casa 54. Registo, moldura polychroma. Dentro de uma oval, Santo Antonio, pintado a azul. Em baixo, no painel, lê-se a seguinte inscripção:

Santo Antonio Luz de Hespanha Gloria de Portugal.

— Rua do Arco do Limoeiro, sacada de um 4.º andar. Seis vãos de azulejos, de desenho egual, formando cada um d'elles um *panneau* (fórma de arco). Os motivos decorativos têem ao centro albarradas floridas, destacando sobre fundo amarello, tendo na base dois faunos sentados, sustentando festões de loiros, que pendem das mesmas albarradas. A tinta azul, descem dos alludidos arcos, cortinados, para equilibrar as notas da mesma côr dos faunos da base; e em volta de tudo isto, como moldura, motivos decorativos, com todo o caracter do ultimo terço do seculo XVIII. Pela polychromia e desenho, devem ser obra da Fabrica do Rato. A casa pertence ao Sr. Dr. J. J. da Silva Amado.

Seguem-se a esta propriedade, para o lado do poente, mais duas, com decorações de azulejos polychromos, tendo a primeira, entre outros azulejos, um friso de festões graciosamente composto, fim do seculo XVIII. Na segunda, algumas janellas com sobre-portas de azulejos [1], a côres. Esta fachada faz muro a um jardim, annexo a uma casa que tambem tem entrada pela Rua de S. Mamede n.º 43, que pertenceu á familia Rego e de que é hoje proprietaria a viuva do Dr. Leão d'Oliveira, jardim guarnecido de azulejos polychromos, com figuras, animaes, flôres, architectura e paizagem, pintados ha 40 annos por Luiz Ferreira (o *Luiz das Taboletas*).

---

[1] Comparar estas decorações com eguaes motivos das janellas d'um predio ao cimo da Rua das Amoreiras, que já citámos.

O mesmo artista pintou, em Bellas, os azulejos que decoram o jardim de uma casa pertencente á mesma familia Rego.

— Largo de S. João Nepomuceno, n.º 9. Composição ao baixo, de fórma rectangular, formando tres paineis circumdados por molduras polychromas, e em que estão representados: S. Marçal, Sant'Anna, S. Joaquim e S. João Nepomuceno.

— Rua do Bemformoso, n.º 183. Quadro de fórma oval, em que se vê, a azul e bem desenhada, a imagem de S. Lazaro. Moldura polychroma, com festões de florinhas.

G. 176 — Seculo XVIII — Lisboa REGISTOS DE AZULEJOS, molduras polychromas, imagens a azul — Rua das Amoreiras — Lisboa.

— Rua de Arroyos, n.º 22. Nossa Senhora da Penha, tendo á direita S. Marçal e á esquerda Santo Antonio. Aos pés da Virgem, o famigerado *lagarto da Penha*. Figuras a azul, moldura polychroma, tendo na parte inferior alminhas a azul e a legenda: P. N. AVE-MARIA. Muito interessante, apesar de um pouco mutilado.

— Rua da Assumpção, estabelecimento de artigos de illuminação dos srs. J. Gomes Ferreira & C.ª Alisar, n'algumas salas d'esta installação.

— Rua das Amoreiras, n.ºs 44, 46 e 48. Em volta de uma janella de peitos, tres paineis, dois quadrangulares, representando a Epiphania e a Fugida para o Egypto, e outro, egualmente rectangular, mas com duas ovaes inscriptas, n'uma das quaes se vê Santo Antonio e n'outra S. Pedro.

Na parte inferior, entre as duas ovaes, uma *cartouche* com estes dizeres: RVA NOVA DO PAINEL DE JEZUS MARIA JOZÈ (G. 176.)

— Santa Apolonia, palacio Palha. *Lambris* superior da cozinha. Sobre azulejos amarellos, fingindo pedra e limitados por cercaduras a azul e côr de vinho sobre fundo branco, dez medalhões circulares, com $0^{m},70$ de diametro, representando paizagens, vigorosamente pintadas a azul, sobre fundo branco. Algumas figuras como accessorio. Cremos serem da Fabrica da Bica do Sapato, que ficava proxima, e decerto não foram feitos para a casa em que actualmente se encontram, o que é attestado não só pelo assumpto, como pela maneira como estão applicados.

— Sacristia da egreja de Santo Antonio da Sé. Embora mais antigos uma dezena de annos, relacionam-se evidentemente com os que ficam apontados.

ALGUNS REGISTOS NÃO DATADOS

Dos registos de azulejos — motivos sacros — não datados, que se encontram pelo paiz, collocados em fachadas de casas e em muros, o mais antigo que conhecemos está na parede de uma pequena e velha casa (seculo XVI), esquina da calçada do Menino Deus. E' polychromo (azul, amarello e verde), fundo branco, e o assumpto resume-se n'uma custodia, ladeada por dois anjos.

Não são posteriores ao primeiro terço do sec. XVII. Dim. $1^{m},10 \times 1^{m},10$.

Os registos cujas dimensões abrangem maior espaço, estão, um em Santarem, e o outro em Evora.

O d'aquella cidade está a meia altura da fachada de uma casa na Travessa de S. Nicolau. Tem mais de 4^{m} de altura. Ao centro, N. S.ª da Conceição, a tinta azul (tamanho natural); moldura polychroma, bem matizada. Ultimo terço do seculo XVIII.

O de Evora é sómente a azul e de epoca anterior ao de Santarem. Representa N.ª S.ª da Conceição, rodeada de anjos. A moldura é de perfil recortado. Mede na maior altura $2^{m},94$ e na maior largura $1^{m},96$, e está na parede da casa n.º 9 da Rua do Imaginario.

Por toda a Lisboa, ha-os, a contar do segundo terço do seculo XVIII até ao principio do seguinte.

Largo de St.º Antonio da Sé. — Entre os dois vãos das sacadas do 1.º andar do predio n.º 5, dois paineis, contendo composições sacras, a tinta azul, dentro de molduras polychromas. Alt. $2^{m},94$; larg. $1^{m},40$.

Rua de Arroyos, predio n.º 110. — Retabulo de azulejos a azul sobre fundo branco, representando N.ª S.ª da Piedade. Na mesma rua, n.º 113, outro mais pequeno: N.ª S.ª da Conceição.

Na Rua de S. Miguel (á Alfama), vêem-se dois retabulos pintados a azul, motivos sacros.

Largo de S. Rafael, tambem á Alfama. — Um painel a tinta azul, assumpto sacro.

Na Calçada de S. João da Praça, um painel.

Na Rua da Arrabida ha quatro, entre os quaes o que está na casa 31 representa N.ª S.ª da Arrabida, a tinta azul e amarella. Bom effeito. Alt. 1m,12; larg. 0m,84.

Outro distingue-se pela polychromia.

Na Rua da Fé (a S. José), um retabulo de azulejos, representando ao centro um crucifixo, á esquerda S. Marçal, e á direita N.ª S.ª do Rosario. As figuras são a tinta azul e a moldura, de perfil irregular, a tres côres, amarello, roxo e verde. Alt., approximadamente, 1m,30.

Rua da Oliveira, ao Carmo, casa n.º 58. — Um registo de pequenas dimensões, representando o Senhor Jesus dos Terramotos. Principio do sec. XIX.

Os que as nossas gravuras 174 e 176 representam, tambem não são datados.

Não exaggeramos, se dissermos que apenas demos noticia de uma decima parte dos que Lisboa ainda tem, não datados.

Muitos mais haveria que citar, se desejassemos alongar este capitulo. Os que deixamos indicados na presente nota são pequenissima parte dos que ainda existem no paiz.

PARTE IV

Esculptores barristas

Esculptores barristas

PERPETUAR por meio de fórmas, na pedra, no barro, no bronze, no marfim, ou na madeira, os grandes feitos dos reis, dos soldados e dos monges; historiar, em vulto, a vida profana e a vida religiosa; modelar, imaginativamente, a sagrada paixão e os *milagres* que acompanharam as successivas gerações, as successivas phases da nossa civilisação, desde o *milagre de Ourique* até aos do seculo XVIII, com o tacto das ultimas phalanges manuaes ao serviço da phantasia creadora do homem — é propensão que vem de muito longe em Portugal e que começou a ser brilhante no segundo periodo da edade média.

Observar como essa phantasia se traduz nas portadas, nos capiteis dos sustentaculos dos monumentos romanicos e nos esteios que escoram os corpos mais elevados dos edificios ogivaes, tudo attesta quanto já se produzia ha sete seculos, e documenta o progresso que se foi operando entre esses dois periodos de arte e de crenças.

Na Renascença, attinge a nossa esculptura o maximo da perfeição, e o que perde em encantadora ingenuidade é compensado por mais perfeita observação, mais rigoroso estudo anatomico e mais delicada factura.

Foi então que a esculptura em barro tomou grande desenvolvimento,

a julgar pelas bellas obras em pedra e madeira, que chegaram até ao presente.

Pela sua fragilidade, e por não terem sido objecto do cuidado que mereciam, os barros do seculo xv não tiveram a mesma sorte.

Do seculo xvi, uma ou outra imagem colorida, a *coupe* e fragmentos de taças congeneres do Museu do Instituto de Coimbra, a que nos temos referido, são parte do pouco que nos resta de tão aureo periodo de arte, em que o barro teve papel importantissimo nas mãos dos santeiros e dos esculptores.

Mediou um seculo pouco menos do que mediocre, em que são raras as provas em contrario, até que, no seculo xviii, tornou a apparecer o tradicional valor das obras esculpturaes da Renascença, sem terem, no entanto, as de setecentos herdado d'aquellas o que tinham de classico.

Em todo o caso, podemos citar, do seculo xvii, uma medalha circular (g. 177) de barro dos Oiteiros (?), representando a Santa Familia, — a que já alludimos quando nos occupámos das Caldas da Rainha.

É em baixo-relevo prateado, com a moldura em cordão, dourada a verniz. No verso, esta inscripção, feita a ponteiro: *No Pinhal de Obidos.* (M. 336.) A não ser o typo da lettra, que parece de epoca posterior, a maneira de compôr, o sitio onde foi encontrada, etc., tudo leva a crêr que seja trabalho de Josepha de Obidos.

A celebre pintora, que se tornou notavel pelos seus quadros sacros e pelos de flôres e fructos, filha de Balthasar Gomes Figueira, natural de Obidos, e de D. Catharina de Ayala y Cabrera, de origem castelhana, illustre por sua familia, vivia na Quinta da Capeleira, ao pé da Villa de Obidos, ahi por 1645.

Não conhecemos outro exemplar; mas é possivel que nas cercanias da Capeleira, ou em poder d'algum feliz possuidor, venham a apparecer mais alguns trabalhos em barro, de Josepha de Obidos, pois não é crivel que a insigne artista tivesse modelado sómente esta medalha, nem foi esta, certamente, a julgar pela facilidade da factura, a primeira producção esculptural da illustre pintora.

Foi encontrada a medalha na citada quinta, e adquirida alli mesmo, ha meia duzia de annos, pelo Sr. Visconde de Sacavem (José).

Em parte, o que dá nome á esculptura do seculo xviii é o caracter popular que lhe imprimiram os nossos primeiros esculptores, que assignaram os encantâdores presepios, e figuras isoladas, que elles vendiam por preços compativeis com todas as bolsas.

Além das escolas de Aveiro, dos frades de Alcobaça, de Mafra, cujos primeiros mestres foram Alexandre Giusti e, depois, Joaquim Machado de

Castro, do Porto e das Caldas da Rainha, é manifesto que outras houve, em Lisboa, no Alemtejo e em diversos outros pontos do paiz, como se deduz do caracter local denunciado pelas paizagens dos presepios, que raras vezes representam as campinas da Judea, pelos trajos que compõem os homens e as mulheres que povoam esses recintos, e, por vezes, pelos trechos de architectura.

No seculo XVIII, além da faiança e do vasilhame não vidrado, Estremoz, por exemplo, fabricava bonecagem, como ainda hoje.

Do ultimo terço d'aquelle seculo até 1830, havia (1901) no convento de Almoster uma collecção de figuras, que attribuimos a Estremoz, pela qualidade do barro de que eram feitas.

Em Santarem, onde adquirimos uma boneca (g. 157), disse-nos uma edosa senhora da localidade ter, na sua meninice, brincado com bonecas eguaes, provenientes de Estremoz.

G. 177 — Mead. do sec. XVII — Obidos — Trabalho de Josepha de Obidos (?) — SAGRADA FAMILIA, baixo relevo de barro vermelho — Diam. 87 mill. — *Collecção do Sr. Visconde de Sacavem (José)* — Lisboa.

De uma factura especial, processo mui rapido de produzir, as feições completadas a tinta, para supprir a falta de modelação, parte feita á fôrma, parte esculpida, estas figuras, á maneira que se foram distanciando do primitivo fabrico, foram-se tornando menos artisticas e mais industriaes.

As vestimentas são, como as cabeças, coloridas a tinta de oleo, sendo raro encontrar meios tons. Altura média, $0^{m},20$.

Aveiro foi centro de farta producção de esculpturas sacras, de altar, de machineta, e de anichar ao ar livre.

Baixos-relevos symbolisando as *almas penadas*, que ainda hoje alli se encontram affixados nos muros das quintas e das casas, gargulas representando homens e bichos estylisados, peças decorativas que os ar-

artistas aveirenses modelaram e construiram com o rijo barro de Eixo, ainda hoje formam nucleo para estudo desenvolvido dos coroplastas e da iconographia local, que vem de longe, mas que se accentua melhor em todo o seculo XVIII.

Por todos esses centros se modelou e coloriu esse pessoal scenico de reduzidas *creaturas*, cujos rostos, cheios de bonhomia, dá felicidade ver: reis magos e pastores, que a brilhante estrella guiou até á humilde crypta de Bethlem, os cegos da sanfona, os tamborileiros e os musicos de instrumentos de sôpro, como os que tocam clarinete e gaita de folles.

Por alli se talharam no mesmo barro garbosos cavallos e espaventosos arreios, do mesmo modo que se armaram os cavalleiros e se vestiram os pagens.

G. 178 (107 ..) — Aveiro — O MENINO JESUS, esculptura em barro vermelho — Alt. 0,24 — Assignada Joseph Dias dos Santos — *Nossa collecção* — Lisboa.

Uns e outros em fraternal romagem, atravez de montes e valles, passo a passo, seguindo o caminho indicado pelo luzeiro guiador, n'uma alegria festiva, impellidos pela mesma devota crença, para se abeirarem do annunciado Jesus.

Isoladamente, esculpiram os typicos grupos de Nossa Senhora e S. José, orando contemplativamente ao Menino, bemdizendo o Redemptor, fructo querido, puro e santo, e representaram toda a vida rural e caseira e a zoologia com todas as suas castas.

Citamos Aveiro em primeiro logar, não porque os seus imaginarios tivessem attingido logo no começo, n'este genero de esculptura, o esmero com que os seus continuadores, tanto d'este como dos outros centros, chegaram a produzir no meado do seculo XVIII, mas tão sómente para seguir a ordem chronologica. [1]

[1] A imagem datada mais antiga que conhecemos, é obra de José Dias dos Santos, artista de Aveiro.

Ha, no entanto, a pôr em linha de conta o estado de adiantamento em que se achava o movimento artistico n'aquelle periodo entre nós — uma segunda renascença — e o principio do mesmo seculo, em que se reflectiu a decadencia do seculo XVII. Ainda assim, Aveiro produziu muito e bom, dada a referida relatividade.

G. 179 — Sec. XVIII (principio) — Aveiro - SANT'ANNA, esculptura em barro vermelho - *Nossa collecção* — Lisboa.

Algumas generalidades, antes de chamarmos a attenção dos leitores para a relação das peças assignadas e datadas dos esculptores barristas.

Com taes precedentes na arte de construir, não só no barro, mas em muitas outras materias, a figura humana, a mais bella da creação, como Phidias, o celebre esculptor do Parthenon, nos auctorisa a classificál-a: — «Se damos aos deuses a fórma humana, é porque não conhecemos outra mais bella», — custa a crêr como tem decahido a esculptura accentuadamente popular nos ultimos trinta e cinco annos![1] E tanto mais é para admirar, quanto é certo que a este periodo corresponde o grande progresso da estatuaria em Portugal!

Em tempo algum appareceram entre nós obras superiores ao *Desterrado* de Soares dos Reis, *Puberdade* de Simões de Almeida, *Viuva* de Teixeira Lopes, *Caim* de Moreira Rato, *Eva* de Thomaz Costa, baixos-relevos do monumento a Affonso de Albuquerque, de Costa Motta, e outras esculpturas que vão apparecendo, de artistas sahidos das escolas de Lisboa e Porto.

No Porto, se a boa tradição da esculptura popular se não extinguiu ainda, deve-se o facto a José Joaquim Teixeira Lopes, com seus dois filhos, o hoje celebre estatuario Antonio Teixeira Lopes e José Teixeira Lopes, architecto, que, dirigidos por seu pae, creanças ainda, se dedicaram a

[1] Ha dois annos, corremos a feira annual de Mattosinhos, avidos de uma boa impressão. Buscavamos para isso a esculptura popular. A decepção fez-nos voltar do mercado cheios de tristeza.

Se, para a fórma, podia haver desculpa, a coloração irritava! O mesmo zarcão com que o alvaneo empasta lustrosamente a parte inferior dos beiraes, supportavel pela distancia a que se encontram, era a tinta empregada para rosar as faces do aldeão e das figuras janotas da cidade; posta com tal brutalidade, que as vestes negras do burguez ou a alva camisa do trabalhador, vulgar era vêl-as escorrendo vermelhão, como se as cabeças d'esses manequins gotejassem sangue! E não é só em Mattosinhos que tal acontece, infelizmente!

reproduzir no barro os typos caracteristicos do norte do paiz, entre os quaes alguns cheios de graça e de côr local.

Parece que Teixeira Lopes (pae) foi o continuador do italiano Amatucci, que produzíra umas figuras muito interessantes pelo seu acabamento e pelo seu caracter, representando, em series completas, as ordens religiosas de ambos os sexos — reproducção, cremos, de outra collecção mais antiga. Na casa da quinta das Lagrimas (Coimbra), existia uma d'estas collecções. James Forrester (Villa Nova de Gaya) possuia outra. [1]

A esse movimento, liga-se tambem um esculptor popular, chamado Santos, que, por 1876, tinha a sua officina de modelador no Porto, Rua das Taipas, 48.

D'alli sahiram muitas pittorescas figuras, quasi sempre acasaladas, com os *costumes* do norte, incarnadas, e com suas vestimentas felpudas, imitando burel.

Fabricavam-se tambem nas proximidades da Rua das Congostas, e vendiam-se n'este local, identicas esculpturinhas, cuja factura era muitas vezes exercida por familias recatadas.

A maior parte das obras d'esses artistas, que morreram ignorados, eram cozidas em fornos de pão. Tudo isto se passava ainda ha quarenta annos. Algumas d'ellas estão assignadas. (M. 456 A.)

Mas, d'aquelles e d'estes artistas até Raphael Bordallo Pinheiro, de boas esculpturinhas em barro nada mais se fez, a julgar pela mal feita bonecagem que se encontra em quasi todas as feiras que se realisam durante o anno no paiz. Apesar da sua rudimentar factura, foram por muito tempo, e poderiam ser ainda, interessantes pelo seu caracter, accentuadamente popular, o que hoje não succede.

Toda a critica que se pudesse fazer directamente, seria irritante. Dizer a esses incultos barristas, por meio de lettras, os defeitos do que produzem, seria molestal-os sem proveito.

O meio efficaz para corrigir tal decadencia seria concorrer a esses mercados com trabalhos do mesmo genero, de artistas feitos, ou promover exposições, cujo incentivo constituiria a melhor lição.

Quantas vezes pedimos a Bordallo Pinheiro que, com uma particula do seu talentoso espirito, evitasse a banalidade da bonecagem exhibida annualmente pelas tradicionaes festas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, no mercado da Praça da Figueira!

[1] Devemos esta noticia ao nosso amigo Manuel de Macedo, illustradissimo conservador do Museu Nacional de Bellas Artes.

Bordallo respondia-nos: — «Para fazerem o mesmo que nas Caldas? Copiavam o que eu fizesse e, por cima, diziam mal do auctor.» Apesar do seu justificavel queixume, era natural que o grande ceramista viesse a satisfazer o nosso pedido, tanto mais que concordava com o nosso alvitre.

Cremos, até, que com os *bonecos de pão*, que Bordallo ultimamente estava modelando e em que entrava a sua propria caricatura, esmaltada a verde, figura quasi informe, mas que nem por isso deixava de ser semelhante, de ter movimento e espirito!

Simões de Almeida, estatuario, mestre de mestres, actual director da Escola de Bellas-Artes, referindo-se ás exposições, dizia a um seu discipulo: — «Devemos concorrer com os nossos trabalhos e collocal-os ao pé das boas obras; de contrario, não se progride.» E' tão grande a verdade, como é grande o mestre que a proferiu!

G. 180 — 1739 — Aveiro — S. JOSÉ — Esculptura, barro vermelho, colorido — Alt. 0,18 — *Nossa collecção* — Lisboa.

G. 181 — 1730 — Aveiro — NOSSA SENHORA — Esculptura, barro vermelho, colorido — Alt. 0,18 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Sarasate dá todos os annos, pelas festas de S. Firmino, aos filhos de Pamplona, sua terra natal, concertos em que se faz ouvir gratuitamente. Quantos dos assistentes que estudam o difficil instrumento, ao escutarem o celebre violinista, se não terão lembrado de se tornar tão apreciados, como o grande Sarasate?

Dos trabalhos de Raphael Bordallo Pinheiro, como esculptor, démos noticia quando do grande artista nos occupámos, no capitulo sobre as Caldas da Rainha.

AVEIRO

1703 — é a data mais antiga que encontrámos, em imagens marcadas [1]. Encontra-se, precedida da abreviatura do mez de fevereiro, na parte

[1] Não nos foi possivel vêr todas as bases das esculpturas que existem no mosteiro de Alcobaça (altar de S. Francisco e relicario) pelo seu grande peso, assim como as das figuras dos presepios, por estarem adhxadas aos *torrões* e á architectura. E' possivel que n'essas bases se encontrem marcas dos auctores.

posterior da base, ornamentada com tres cabeças de cherubins e o crescente, em que pousa Nossa Senhora da Conceição.

Infelizmente, o Menino, que a Virgem sustenta nos braços, está bastante mutilado, e privada a esculptura da coloração que primitivamente cobria o barro, como os restos de tinta e oiro denunciam.

Esta imagem, que pertence hoje á nossa collecção, é attribuida a José Dias dos Santos, resultado da comparação com a imagem de Santa Maria Magdalena, do Sr. José Antonio Marques, que figurou na exposição de Aveiro. [1]

Effectivamente, deve ser assim, pois tirámos a mesma conclusão comparando a imagem datada 1703, com o Menino Jesus adormecido (g. 178), que tem, nas costas do leito em que repousa, a seguinte inscripção: — *Julho 26. Joseph Dias dos Santos.* (M. 269.) [2]

A maneira de indicar os cabellos, n'este e nas tres cabeças de cherubins dispostas na base da imagem da Virgem, é perfeitamente identica. Toda a esculptura é de barro vermelho. [3]

Ao primeiro terço do seculo XVIII, devem pertencer uma imagem de Sant'Anna (g. 179) e outra que tem na base uma caveira sobre um livro e, do lado opposto, o nome do esculptor, feito a cunho, do qual apenas se póde lêr: — *Joseph.* (M. 258) Barro vermelho; nossa collecção.

Em casa da Sr.ª Rosa Gonçalves Gamellas, em Aveiro, entre outras imagens com assignatura e data, vimos as que seguem:

Vale 7 de Janeiro de 1719. (M. 518). *S. A. Rangel em 16...* (M. 457.)

Senhora da Conceição, barro vermelho, tendo aos pés, sobre uma base rectangular, a esphera, o crescente, a cobra e tres cabeças de cherubins. Na base, a seguinte inscripção: — *Fecit. Bartholomeu de Lemos de Julho 17 a 1725 a.* (M. 156.) Altura $0^m,42$; base, $0^m,15 \times 0^m,10$. Esta bella imagem estava ainda ha tres annos na Quinta da Forca, em Aveiro, e pertence á Sr.ª D. Amelia R. de Albuquerque Freire de Andrade.

Julho 1729 annos, Joseph Dias — lê-se na base da imagem de S. Sebastião, que o Sr. Marques Gomes classifica de bella esculptura e que figurou na Exposição de Aveiro, apresentada pelo Sr. José Bernardes da Cruz.

A Virgem e S. José, que appareceram no mesmo certamen, e cuja coloração está bastante denegrida; na base da estatueta da Senhora, lê-se: *Feita aos 24 de Dezembro de 1739 annos* (m. 157; g. 181); e na base da

[1] Marques Gomes. *Catalogo da Exposição de Aveiro* — 1882, pag. 112

[2] É lastima que não esteja completa esta inscripção, como se vê na marca indicada

[3] Não é muito raro encontrar esculpturas em barro com base de madeira.

imagem de S. José: *Feito a 2 de Outubro de 1739 annos* m. 158; g. 180.
Tem a mesma rubrica.

Sacra de barro vermelho ou talvez fragmento de fonte de agua-benta. Tem ao centro, em meio-relevo, um medalhão com a imagem do Ecce-Homo. Alt. 0^{m},24; larg. 0^{m},16. E' datada e assignada: *1714 Dias*, e pertence á Sr.ª Rosa Gamellas.

Estatueta em barro vermelho, pintado, representando S. João debaixo de uma arvore, tendo ao lado uma fonte. Alt. 0^{m}, 47. Pertence ao Sr. Annibal Fernandes Thomaz. Tem esta inscripção, aberta no barro: — *Feita a 19 de Setembro de 1740. — Gaspar.*

Contramolde em barro vermelho, de um baixo-relevo *(alminhas)*, que representa, na parte inferior, o Purgatorio, cheio de almas; na parte central, á direita, S. Francisco estendendo o cordão a uma d'estas almas, que ergue para elle as mãos, supplicante; e na parte superior, Christo, crucificado. Tem gravada esta inscripção: — *Feita aos 23 de Agosto de 1766. — Gaspar.*

Na Exposição de Aveiro, estiveram representados grupos e figuras soltas, que fizeram parte de presepios, modelados e compostos por artistas aveirenses.

G. 182 — 1750 — Lisboa — SANT'ANNA — Esculptura em barro vermelho — Alt. 0,24 — Trabalho de Alexandre Gomes — *Museu Nacional* — Lisboa.

Com os n.os 189, 195 e 196, exhibiram-se alli: — dois grupos de pastores e duas figuras, representando, uma, um homem tocando gaita de folles, outra, um corcunda com cebolas ás costas.

Segundo a opinião do Sr. Marques Gomes, eram esculpturas de primeira ordem.

Pertenceram a um esplendido presepio de que foi dono o Rev. João José dos Santos, antigo prior da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, e cujos antepassados foram oleiros. Attribue-se este presepio a Bartholomeu Gaspar, barrista distincto, e a Joaquim Marques dos Santos, estatuetista notavel e auctor do baixo-relevo da junta de parochia da Vera-Cruz e de um outro existente na egreja de Nossa Senhora da Apresentação, — a Trindade. Bellos exemplares, esculpidos em barro vermelho.

Este Santos era ourives e modelava em barro como curiosidade; teve um filho, Manuel Marques de Figueiredo, ourives como seu pae e barrista como elle.

A imagem de S. Francisco de Paula, do Sr. José Antonio Marques, a de Nossa Senhora do Carmo, que está sobre a porta da egreja do mesmo nome, o presepio do convento de Sá, e ainda outros trabalhos do mesmo genero, são obra d'este Figueiredo.

Ainda na mesma exposição, figuraram, com os n.os 209, 348 e 354, estatuetas devidas aos oleiros João da Graça e José Joaquim, *o Pintor*, producções dos ultimos dez annos do primeiro terço do seculo XIX.

Os barristas aveirenses produziram figuras maiores do que o tamanho natural. D'estas, as mais antigas hoje conhecidas são as que corôam o tympano da fachada do convento de Santo Antonio, de Aveiro, symbolisando a Fé, a Esperança e a Caridade, e a imagem da Senhora da Conceição, que está no frontispicio da egreja do mesmo convento.

Estas esculpturas, segundo o Sr. Marques Gomes, têem analogia com as de Alcobaça, que ornamentam o *santuario* e a *sala dos reis*, e com os restos do antigo apostolado do convento de Santa Cruz de Coimbra, hoje no Museu do Instituto da mesma cidade.

No claustro e cêrca do antigo recolhimento de S. Bernardino, como na cêrca d'aquelle convento, havia tambem estatuas e grupos de barro vermelho, de egual proveniencia. Nem uns nem outros vão além do seculo XVIII.

De Aveiro presumimos terem sahido egualmente as figuras da *Via sacra*, que ha um quarto de seculo ainda guarneciam as capellinhas do Bussaco.

No capitulo referente á faiança aveirense, alludimos aos vasos que estão no claustro do convento de Santa Joanna, e que, pela ornamentação, não são alheios a esta parte do nosso livro.

ALCOBAÇA

Os laboriosos frades de Alcobaça occuparam-se, como é notorio, da bella arte da esculptura. Dentro da grandiosa egreja do seu monumental mosteiro, deixaram-nos imagens, santos e retratos regios.

Esses artistas decerto não trabalharam só no barro a figura humana; deixaram-na esculpida egualmente — crêmos — na madeira.

O orgão collocado em a nave central da egreja e que Frei Antonio talhou, deixa presumir que, antes do seculo XVIII, já os frades trabalhavam a madeira em Alcobaça. Algumas das imagens em pau, do relicario devem ter sido obra dos recolhidos imaginarios.

As esculpturas em barro eram cobertas a tinta e são notaveis pelo caracter inconfundivel das expressões e pela verdade das roupagens.

Capella dos Apostolos. — O Senhor entrega a S. Pedro as chaves do

ceu, que o apostolo recebe de joelhos. Fazem parte do grupo S. Paulo e S. Matheus.

Capella de S. Bernardo. — Morte de S. Bernardo. Ao centro, em solemnes exequias, rodeiam o morto anjos e monges. No retabulo, N. Senhora, resplandecente, em gloria de anjos, dirige piedosa attenção para o cadaver. Quatro anjos cercam a Immaculada Conceição; dois ajoelhados a seus pés; dois de pé, dedilhando a cithara e a viola.

Relicario — o mais sumptuoso que conhecemos no paiz. As esculpturas, bustos e imagens de corpo inteiro, anicham-se por todo o santuario, até á cornija, cuja polychromia e oiro mais engrandece a sumptuosidade do recinto.

G. 183 — 17... — Lisboa — CARIDADE — Esculptura, barro vermelho — Alt. 0,31 — Trabalho de Machado de Castro — *Museu Nacional* — Lisboa.

Sala dos reis. — A meia altura das paredes, pousam, em misulas uniformes, os reis de Portugal, desde D. Affonso Henriques até D. José.[1] Em logar de honra, a coroação do *Conquistador* por dois bispos.[2]

G. 184 — 170... — PRUDENCIA — Esculptura, barro vermelho — Alt. 0,31 — Trabalho de Machado de Castro — *Museu Nacional* — Lisboa.

Fóra do mosteiro e em Alcobaça, ha restos de obras dos frades. No convento de S. Francisco, ainda restam, em algumas capellas, ornamentações em barro, do estylo *baroco.*

Das figuras, as que representam a morte de S. Francisco são as menos mutiladas.

MAFRA

El-Rei D. João V fez construir a monumental e bem proporcionada basilica de Mafra, d'onde surgiu uma escola de arte,

[1] Faltam: D. João III, D. Henrique e D. João IV.
[2] São as unicas figuras que conservam a coloração primitiva.

cujos bons resultados se manifestaram por muitos annos, não só na bella esculptura, como tambem nas artes applicadas, — o mobiliario artistico, entalhado e embutido (orgãos), e a tapessaria.

Da esculptura, foi Alexandre Giusti, artista romano, o primeiro mestre, desde 1749 até 1773 (?).

Seguiram-se a este Joaquim Machado de Castro, Joaquim José de Barros Laborão e Braz Toscano, até 182..., em que acabou a chamada *escola de Mafra*.

De Mafra sahiram muitos discipulos, na maior parte esculptores, além dos que se fizeram por si proprios, gente das cercanias do mosteiro, como de resto succedia em volta de todos os centros de arte desenvolvidos, como esse.

❧ ❧ ❧ ❧

Aveiro, Alcobaça, Batalha, Lisboa, Caldas da Rainha, Porto, Estremoz e Prado, concorreram para o grande desenvolvimento da estatuaria e da esculptura popular.

Na capital, a tradição dos esculptores barristas ficou de tal modo inveterada, que, por fim, já não era só o povo que trabalhava para o povo, como até, recatadamente, senhoras modelavam e coloriam pequenas figurinhas, profanas e de devoção, que mandavam pôr á venda nas capellistas do Cardoso á Bitesga, Ruas do Arsenal e de S. Roque, e nas lojas do Prior á Rua Augusta, e outras ao Rato e á Mouraria.

A mais das peças anonymas, que eram a maior parte, havia as que tinham marcas, feitas a cunho e riscadas no barro, como que a chamar a attenção para a séde productora. Na base de um pequeno grupo, lê-se, em lettras relevadas: *Calçada da Bica Pequena N.º II Lx.ª*. (M. 79.)

Um macho carregado com dois saccos de farinha, enqueridos sobre o albardão. A sobrecarga de um dorminhoco moleiro põe em desequilibrio o andar do animal.

Este grupo, de barro vermelho colorido, que tem de alt. $0^{m},10$, figurou sem duvida n'algum presepio, ou em qualquer outra pittoresca scena campestre, collocado em segundo plano.

Como esculptura, apenas se recommenda pela linha geral. Como detalhe, sobresae a cabeça do moleiro.

Peças marcadas posteriores a esta, não são vulgares. De caracter popular, a partir de 1880, pouco mais ou menos, apparecem exemplares em barro cozido, obra de José Pedro da Cruz Leiria, typos conhecidos, como o fadista tocando guitarra, o celebre *Gaspar da viola* e outros.

Natural do Algarve, santeiro e doirador como seu pae, cedo come-

çou a esculpir no barro, apaixonando-se pelos typos e *costumes* populares. Em Cascaes, onde residiu algum tempo, construiu um forno na rua do Arco. Alli cozeu muitas estatuetas e placas, modeladas no barro da localidade.

Onde, porém, Leiria produziu mais, foi em Lisboa, nas ruas de S. Bento e da Escola Polytechnica, onde teve installado o seu estabelecimento de antiguidades e objectos d'arte, — o *Bazar Catholico*. Leiria modelou pequenos bustos e figurinhas de corpo inteiro, representando pessoas de nomeada, actores com os *costumes* de peças notaveis, etc. Recordâmo-nos, por exemplo, da estatueta do grande Antonio Pedro no *Bebé*, e de outra, um pouco maior, que Leiria não assignou e que conseguiu, parece, ser tida como obra de artista estrangeiro, representando a graciosa *tiple* Moriones, com o pittoresco trajo de *Seguidilha*, com que figurava na conhecidissima zarzuella *El processo del Can-can*.

G[illegible] — Santarem — APOLLO — Esculptura, barro vermelho. Alt. [illegible] — Trabalho de Francisco Leal Garcia. *Museu Nacional* — Lisboa.

Leiria é tambem auctor da urna de barro vermelho que a nossa gravura 190 reproduz, e que é um expressivo documento da habilidade do coroplasta algarvio. Fez elle tambem ensaios de louça esmaltada, e pintou algumas peças em pastas de outras fabricas.

Pensamos que o ultimo presepio feito em Portugal é o que Leiria modelou e coloriu para o jardim de Estoy (Algarve) e que pertence ao Sr. Visconde d'este titulo. As figuras maiores medem, approximadamente, $0^{m},30$. O barro utilisado foi o de Loulé.

Depois de alguns annos de ausencia na sua provincia natal, José Leiria reappareceu ha pouco em Lisboa, abrindo uma casa de *bric-à-brac*, na Avenida da Liberdade.

Leiria marcava em geral os seus trabalhos. (M. 245, 246 e 276.)

Ainda a proposito da officina da Bica Pequena. Lisboa devia ter tido mais d'estes *ateliers*, a produzir d'aquelles expressivos typos caracteristicos,

que representam a vida do campo e das cidades, soldados e marinheiros, como se deprehende da assombrosa quantidade de figurinhas que se encontravam, ainda ha trinta e tantos annos, compondo procissões ou enchendo machinetas, expostas sobre as commodas das alcovas, á luz diffusa das lamparinas, nas mesas das salas e dentro de oratorios, pequeno ornamento devoto e artistico da velha e caracteristica casa portugueza.

Além de nos deliciarem a vista, essas turbas de movimentados bonequinhos e os seus accessorios representam a historia da indumentaria, do mobiliario, da armaria, dos instrumentos musicos e dos utensilios da lavoura, de diversas epocas e de differentes provincias de Portugal.

Hoje, o ***bibelot*** tomou-lhes o logar, não obstante ser relativamente mais caro e não ter egual interesse, porque, emquanto aquelles eram feitos pelas mãos dos homens, estes são mechanicamente reproduzidos, e saem por isso uniformes, sem sentimento, sem caracter e sem vida.

Com raras excepções, os bonecos modernos são menos do que ingenuos, é certo, devido á decadencia a que alludimos; mas, mesmo assim, os modelados têem amadores, não só entre nós como no estrangeiro, porque algo offerecem para o estudo local e para o comparativo dos coroplastas de hoje e de então.

Entre nós, as collecções mais importantes que conhecemos são a do escriptor Sr. Alberto Pimentel e a do Sr. Luiz Fernandes.

Sobre a primeira, escreveu já, em 1903, o proprietario, inspirado pelos seus 400 bonecos de barro, um interessante estudo, que insere no seu livro *Ninho de Guincho.*

Alberto Pimentel colleccionou carinhosamente esse ***batalhão de portuguezes,*** que se acotovelam sobre as mesas do seu escriptorio, clero, nobreza e povo, contribuindo para que essas ***tres classes sociaes*** melhorassem na fórma, como elle mesmo conta, sem, comtudo, perderem o seu caracter.

A collecção do Sr. Luiz Fernandes é tambem de bonecos de barro, na sua maior parte pintados, mas com a especialidade de todas as figuras terem, ligados ás bases, ou a meia altura, apitos e assobios, alguns dos quaes, com auxilio da agua, imitam o cantar do rouxinol.

Não sabemos de outra no genero; deve ter cêrca de uma centena de typos differentes, que marcam epocas, em que as reproduzidas figuras se tornaram celebres na politica, na litteratura, etc., como tambem representam casos que tiveram nomeada, desde o sublime até ao ridiculo.

Eis, mais ou menos, a ordem chronologica por que foram apparecendo: Tony Grice, Fontes, Principe D. Carlos, Marquez de Vallada, Jacintho, Seminarista inglez, Sachristão, Menino do côro, Padre tocando cavaquinho, Irmã Collecta, Irmã da Caridade, Freira gravida, Policia, Municipal, Palha-

ços, Republica, Vasco da Gama, Theophilo Braga, Europa, Asia, Africa, Visconti, Sereia, Conde de Burnay, Patriarcha, A Severa, A Rosa Engeitada, Ovarina, Saloia a cavallo, Hespanholas, Passarinho, Leão, Zé Povinho, Zé Albardado, etc.

Toda esta bonecada, que as festas populares tambem exhibem, annualmente, na Praça da Figueira, chilreia trilos, cuja vibração é augmentada pela agua, enthusiasticamente soprada pelo rapazio.

Não se pense que estes insignificantes instrumentos, vidrados, pintados, ou simplesmente na côr do barro de que são fabricados, não têem tradições.

G. 186 — 1780 — Lisboa — S. MATHEUS — Barro vermelho — Alt. 0,25 — Trabalho de Faustino José da Silva — *Museu Nacional* — Lisboa.

Já no seculo XVI eram conhecidos, e tiveram ceramistas de nomeada que lhes deram fórma, como tinham *dilettanti* freguezia de nobres e plebeus.

Attribue-se a Bernardo Palissy a factura de alguns d'esses apitos, *de surpresa,* como então lhes chamavam em França.

Pelo que vamos transcrever, relativamente ao *Diario* do medico Jean Héroard ácerca da infancia e da adolescencia de Luiz XIII, da *Bibliographie céramique,* por Champfleury, conservador do Museu de Sèvres, publicada em 1881, se apreciarão estes factos:

«Ce journal d'un médecin de Louis XIII, dauphin, fournit de nombreux renseignements sur l'atelier de poterie de Fontainebleau, où étaient fabriquées de *rustiques figulines* dans le goût de celles de Bernard de Palissy. Là, le dauphin allait acheter ses «petits marmousets de poterie», animaux, auges jouant de la musette, vielleurs, sifflets à surprise, etc. Rien de plus utile pour l'histoire des arts céramiques que ce journal familier, dont il est bon de donner un exemple: Le 5 juin 1607, le fils de M. de Saint-Luc, âgé de quatre ans, vient dire adieu au dauphin. Héroard lui demande bas à l'oreille: — «Monsieur, vous plaît-il pas de lui donner quelque chose?» — «Oui.» — «Monsieur, quoi?» — «Un cheval marin (qui était de poterie).» — «Monsieur, vous plaît-il que je l'aille querir?» — «Oui, mais ne prenez pas celui qui est cassé.»

Vidrados, ou coloridos a tintas cruas, a oleo ou a colla, alguns ainda com o rudimentar sabor da esculptura romanica, e, por vezes, mais primitiva, a manufactura dos bonecos de barro é presentemente industria que,

pela extracção dos seus productos, tem mais importancia do que se nos afigura á primeira vista.

Elles apparecem em quasi todos os mercados do paiz, e o seu preço começa na moeda de *dez réis*.

Do meado do seculo passado, das Caldas e de Estremoz, representam as gravuras 123 e 157 exemplares de que já temos fallado.

Sobre as olarias do Prado, cuja tradição é conhecida, publicou, em 1900, o erudito conservador da bibliotheca do Porto, o Sr. Rocha Peixoto, um interessantissimo folheto, cêrca de 50 paginas, grande formato, com illustrações. A lucida exposição do auctor dá noticia completa da exuberante e typica producção, que abrange tres concelhos — Braga, Villa Verde e Barcellos.

Nomes de bonequeiros: — Antonio José Gonçalves de Jesus — Santa Maria dos Gallegos (Barcellos) — Manuel Dias Brandão, modelador da Fabrica Lamego — Lisboa (m. 112); Lourenço Marques de Sousa, St.ª Clara — Lisboa (m. 611); a Cavaca — Travessa do Maldonado (Lisboa); Gertrudes Felisarda — Estremoz; Marianna Estopa — Estremoz.

As fabricas das villas de Mafra e Caldas da Rainha concorrem ao mercado de Lisboa, e tanto os productos d'estas como os d'aquelles barristas apparecem a vender nas festas annuaes de junho, na Praça da Figueira.

❧ ❧ ❧ ❧

Voltemos aos presepios, mais ou menos completos, e ás figuras dispersas, de valor artistico, que passamos a resenhar:

O da basilica da Estrella — o mais sumptuoso — o da sé patriarchal (n'uma das capellas da charola), o do collegio de Campolide, o que pertentencia ao fallecido Dr. Pulido Garcia, o de Santo Antonio dos Capuchos — capella do Senhor Resuscitado [1]. Outr'ora foram notaveis o da Cartuxa de Laveiras, o da casa do Marquez de Borba, o da Madre de Deus, o da egreja matriz de Figueiró dos Vinhos e o do jardim do Conde de Porto Covo, attribuido a Machado de Castro. Estes tres ultimos estão destroçados.

Vindo do Alemtejo, e com o caracter d'esta região, vimos ha pouco um pequeno presepio, cujas figuras são mediocres, n'uma loja de ferro velho, na Calçada da Estrella.

Obra de dois dos mestres da escola de Mafra, Machado de Castro e Joaquim José de Barros, é o presepio que pertenceu ao Dr. Pulido Garcia.

[1] *Aqui jaz o Padre João Chrysostomo, que fez estas Santas Imagens aqui collocadas. Morreu em 20 de janeiro de 1798 com 64 annos de edade*. Volkmar Machado cita este epitaphio (*Collecção de Memorias*, pag. 290). As figuras d'este presepio são, em geral, grosseiras, devido em parte ás camadas de tinta que lhes têem sido applicadas, posteriormente á primeira coloração.

É duplamente interessante, por figurarem, n'um dos grupos do primeiro plano, os Marquezes de Bellas.

Sobre este bello conjuncto de esculpturas em barro, escreveu ha pouco o Dr. João Barreira, n'um estylo encantador e pittorescamente portuguez: «Segundo curiosos documentos que me foram amavelmente confiados, amabilidade que aqui penhoradamente agradeço, sabe-se que parte das figuras foram compradas ao pintor Pedro Alexandrino, cujo recibo existe, e que outras foram compradas a Luiz José Lecoq, do Campo Grande, sendo o presepio armado por José Joaquim de Barros, mestre de esculptura, que fez os *torrões* (assim chamavam aos fragmentos da montanha com suas figuras) e os respectivos personagens, que foram pintados por Joaquim Correia Viegas. A factura é analoga, mas as figuras attribuidas a Machado de Castro são mais nobres e mais artisticamente pintadas, pois talvez o fossem pelo proprio Pedro Alexandrino».

G. 187 — 1770 — Lisboa — Anjo — Barro vermelho — Alt. 0,27 — Trabalho de Nicolau Villela — *Museu Nacional* — Lisboa.

PRESEPIO DA BASILICA DA ESTRELLA

É dos maiores que se fizeram em Portugal. Occupa um camarim fechado por vidros encaixilhados em madeira, que tem de frente 4^m,50, de fundo 3^m,50 e de altura 3^m,20, approximadamente. Já lhe faltam muitas peças e está desorganisado perspecticamente, em resultado da mudança da *sala real*, sua installação primitiva, para a *sala da tribuna*, do lado do Evangelho, na capella-mór da egreja, mudança occasionada pela extincção do convento.

Deve ter cêrca de 500 figuras, das quaes as maiores medem 0^m,75 de altura.

É attribuido por muita gente a Machado de Castro, quando o seu auctor, segundo a opinião do Cardeal Saraiva, foi Antonio Ferreira. Vacillamos em acceitar, exclusivamente, qualquer das hypotheses, pois não nos parece que seja obra de um só artista, a avaliar pela factura.

Além d'este motivo, a exuberancia de assumptos que se encontra no recinto leva-nos a crêr que os barros da Estrella tiveram, a dar-lhes fórma, mais que a imaginação e o saber de um só esculptor.

É provavel mesmo que Machado de Castro e Antonio Ferreira trabalhassem ambos para a realisação do presepio e que tambem dirigissem outros barristas, discipulos seus, ou apenas subordinados á sua direcção.

Assim é que um certo numero de esculpturas, como, por exemplo, as do agrupamento que joga as cartas no recanto junto á venda de vinho, nos recordam algumas pinturas de David Teniers, differindo, no caracter, das figuras do primeiro plano, das que representam a Sagrada Familia, das que compõem a orchestra celestial, dos anjos e cherubins e das que se referem ao episodio da ***degolação dos innocentes***, junto á habitação de Herodes, como d'estas differem os grupos — 12 a 15 centimetros de altura — disseminados pelas montanhas d'esse mundo em miniatura.

Entre as caracteristicas particularidades que marcam este genero de esculptura, entre nós, ha uma que constitue, por assim dizer, a assignatura dos presepios portuguezes. É uma figura representando sempre a mesma attitude, a mesma edade, tratada sempre com egual cuidado e sempre privada da vista: o *homem da sanfona.*

Esta personagem nunca falta á romaria motivada pelo nascimento de Nosso Senhor.

O presepio da Estrella tem em profusão o estudo de animaes. Sobresaem em grande quantidade as ovelhas, de todos os tamanhos, e quasi tão proprias como as que o Creador fez apparecer na terra!

Foi na base de um d'estes submissos animaes, de pés atados, que descobrimos a marca, um *L,* que reproduzimos no nosso diccionario. (M. 271.)

Esta inicial não articula com qualquer dos nomes a que se attribuem os barros do presepio em questão, e, portanto, vem reforçar a hypothese que acabamos de apresentar.

É possivel que outras lettras ou signaes se encontrem a marcar mais alguma das esculpturas, collocadas em planos, que, pela sua distancia, não pudemos attingir.

PRESEPIO DA SÉ DE LISBOA

N'este presepio, o mais bem conservado dos que temos visto, succedem-se, com observada perspectiva, esculpturas, desde as do primeiro plano — com 26 centimetros de altura — até ás collocadas nas mais longinquas montanhas, que medem apenas $0^{m},03$. Uma escala chromatica de personagens!

Têem mais interesse, pela sua importancia e *detalhe,* os grupos mais proximos do espectador, como, por exemplo, as bellas figuras isoladas do velho genuflectindo — estudo do nú — que, antes de offerecer os coelhos

que tem perto de si, faz a sua oração ao Menino, e, perto d'esta, a de um garoto que dá cambalhotas de alegria pelo successo do nascimento.

À esquerda de S. José, uma mulher, de gola e punhos de rendas e chapeu pastoril, dansa ao som de um clarinete, tocando castanholas.

O grupo em caminho da fonte, a qual tem no espaldar as iniciaes *V. P.*, é muito interessante. Uma mulher com uma creança ao collo cavalga um bello russo, que, pela anatomia, deixa perceber que as mãos do auctor da estatua equestre não foram alheias á sua modelação. As figuras que compõem a merenda, cheias de caracter, vão bem no logar em que o artista as collocou.

G 188 — 178.. — Lisboa — NOSSA SENHORA — Barro vermelho — Alt. 0,34 — Trabalho de Bernardo Duarte — *Museu Nacional* — Lisboa

A orchestra ao fundo da gruta é notavel. De todas as dezoito figuras de que se compõe, ha uma, que é mais do que expressiva: vive! Aponta com o dedo indicador da mão esquerda para um papel de musica, que outro menino segura.

Esta orchestra tem bastante semelhança, na expressão e na factura, com a que está no Museu das Janellas Verdes, a qual conta vinte executantes.

No grupo que encima as ruinas onde a Virgem deu á luz o Redemptor, seguram as principaes figuras uma faixa em que se lê a glorificação do grande acontecimento: — GLORIA IN EXCELSIS DEO ET IN TERRA PAX HOMINIBUS.

A expressão angelical dos cherubins envoltos nas nuvens é admiravel e a modelação não póde ser mais perfeita e delicada.

Por vezes, a carnação é exaggerada nos tons vermelhos, e as nuvens parece-nos terem sido repintadas, pela crueza da tinta, inarticulavel com o aspecto geral da coloração.

Seria preferivel que não apparecessem algumas adaptações que se vêem no arvoredo, posteriores á factura do presepio, e, sobretudo, certos besouros e outros bicharocos naturaes, collados á architectura e que, pelas suas proporções, estão em completo desaccordo com o tamanho das figuras.

No entablamento do trecho architectonico, abrigo da Santa Familia,

lè-se a seguinte inscripção, a tinta còr de castanha: *Joach. Machado Castro inuen. et fecit. 1766.* M. 248.)

MUSEU DAS JANELLAS VERDES

Pertence ao desmantelado presepio da Madre de Deus, obra de Antonio Ferreira, o grupo de anjos, *fazendo musica*, companheiro de outro, que ha já annos se encontrava na collecção do fallecido Dr. Aragão.

Emquanto aquelles angelicos musicos tocavam, estes cantavam, e por tal fórma nos davam essa impressão, que o esculptor Calmels, quando o descreveu, referindo-se á naturalidade dos cantores, dizia: — «Mais alto!»

É extraordinario de verdade o perú que um camponez sustenta no braço esquerdo. Se houvesse d'estas aves de tão reduzido tamanho, dir-se-hia calcado do natural!

Caminha á esquerda do homem a sua companheira, amamentando uma creança, que segura de encontro ao peito. Á direita do homem, como que a querer trepar por elle, um garotito com a fralda de fóra.

Este vivido grupo, que tambem fazia parte do presepio da Madre de Deus, tem, a enriquecer a composição, um fila de pêlo amarello, que caminha entre os dois esposos [1].

A Virgem, S. José, o Menino Jesus e tres anjos (mulheres), do presepio do Convento das Albertas, encantam pelas suas phisionomias.

D'este presepio é tambem uma figura de velho, ajoelhado, a que o esculptor deu vida e em que mostra quanto era conhecedor da fórma humana.

De presepio tambem, mas de proveniencia desconhecida, são vinte figuras que compõem uma aerea orchestra, sustentada por enroladas nuvens. Um mestre, o esculptor d'estas figurinhas! Talvez Machado de Castro.

A expressão attenta e socegadamente beatifica deixa-nos scismadores, pelo contraste do bem estar das personagens com a altitude onde se dá o concerto!

Das esculpturas em barro, expostas no Museu das Janellas Verdes, damos as seguintes reproducções:

Alexandre Fontes — *Sant'Anna*, barro vermelho. (G. 182.)

Joaquim Machado de Castro — *A Caridade*. (G. 183.)

Do mesmo esculptor — *A Prudencia*. (G. 184.)

[1] Estas e outras figuras da mesma procedencia, expostas alli, medem de 0m,[illegible] a 0m,70. Ha-as sem braços e sem pernas, fragmentos que nos consta estarem guardados no antigo convento, hoje Asylo Maria Pia. Seria boa medida que o sr. Aurelio Pinto, provedor do mesmo Asylo, cedesse os ditos fragmentos ao Museu, para este mandar completar, quanto possivel, as figuras mutiladas.

Francisco Leal Garcia — *Apollo*. (G. 185.)
Faustino José da Silva — *S. Matheus*. (G. 186.)
Nicolau Villela — *Anjo*. (G. 187.)
Bernardo Duarte — *Nossa Senhora*. (G. 188.)
Pedro de Alcantara da Cunha d'Eça — *Guerreiro*. (G. 189.)

❧ ❧ ❧ ❧

Antes de concluir, citaremos mais um habilissimo artista, de que não tinhamos no ticia.

Faria é o seu appellido. Pelo estylo das es culpturas que assignou, deve ter sido discipulo da citada escola de Mafra.

Eis, em poucas palavras, a descripção da sua obra:

Grupo, *A adoração dos pastores*, seis figu ras, animaes, fructos, etc. Com posição e modelação boas. Atti tudes veneran das, cabeças ex pressivas.

Pendant d'este, outro grupo de quatro fi guras; factura de egual expressão e attitude.

Assignado *Faria*, nas costas da muralha que faz fundo ao primeiro grupo. O segundo não tem numero nem ru brica alguma. (Vide m. 141 do nos so diccionario.)

Estes gru pos de presepio, de barro verme lho, colorido, estavam expostos no Salão de Vendas — Avenida da Liberdade, em julho de 1902, onde está actualmente installado o *Grande Casino de Paris*.

G. 189. — 18[illegible] — Lisboa — GUERREIRO — Barro vermelho. Alt. 0,31 — Trabalho assignado Pedro d'Alcantara da Cunha d'Eça — *Museu Nacional* — Lisboa.

Onde estarão as demais figuras do presepio, obra d'este artista?

E' natural que Faria não tivesse assignado sómente o grupo que encontrámos no Salão de Vendas, visto não ser elle, decerto, o principal d'esse conjuncto de esculpturinhas.

É possivel mesmo que estivesse datado, e que a data acompanhasse, não só o seu appellido, mas todo o seu nome.

* * * *

Outro esculptor-barrista apreciavel, do seculo XVIII, é Silverio Martins. D'este artista, discipulo de Giusti, encontram-se na ermida de Linda-a-Velha um baixo-relevo e duas estatuetas, que o nosso amigo D. José Pessanha ha annos estudou e descreveu [1].

O baixo-relevo, que é de barro cozido e pintado e mede $1^m,50 \times 1^m,15$, representa Christo a caminho do Calvario, e acha-se embebido na parede da capella-mór, do lado do Evangelho. Compõe-se de sete figuras.

Das estatuetas, uma representa S. Sebastião, e mede $0^m,85$ de altura. E' egualmente de barro cozido e pintado e occupa uma das misulas que acompanham o altar-mór. A tinta parece ser a primitiva. E' uma graciosa esculpturinha, que se distingue sobretudo pela correcta execução do tronco e das pernas. A assignatura, em cursivo, a tinta preta, encontra-se no escudo, encostado, bem como a couraça e o capacete, á arvore a que o santo está ligado: — *Silverio Martins. Fec. 1781*. A outra estatueta, já mutilada, representa Santo Amaro e tem apenas $0^m,47$ de altura. Não está assignada, mas crê o Sr. D. José Pessanha que seja tambem obra de Silverio Martins. A interferencia d'este artista na decoração da humilde capellinha de Linda-a-Velha explica-se por uma circumstancia biographica: Silverio Martins era natural d'esse pittoresco logarejo, sendo de crêr que esses trabalhos representem, como suppõe o Sr. D. José Pessanha, «um tributo espontaneamente pago pelo artista ao culto da sua religião e ao amor da sua terra.» A ermida de Linda-a-Velha foi fundada no anno anterior áquelle de que são datadas as esculpturas: em 1780.

* * * *

O que deixamos apontado é uma resumida noticia do que se produziu, sobretudo no seculo XVIII.

A esculptura entre nós, n'esses annos, tomou tal desenvolvimento, que é raro encontrar noticias sobre os artistas d'essa epoca, fosse qual fosse a sua arte, que não alludam a trabalhos seus modelados no barro, alem de outras figuras de reduzidas proporções. Onde estarão a maior parte d'essas esculpturinhas? Mesmo dos estatuarios mais conhecidos, que trabalharam n'esse seculo, quantas obras n'este genero se não virão a encontrar ainda, não só no paiz como fóra d'elle!

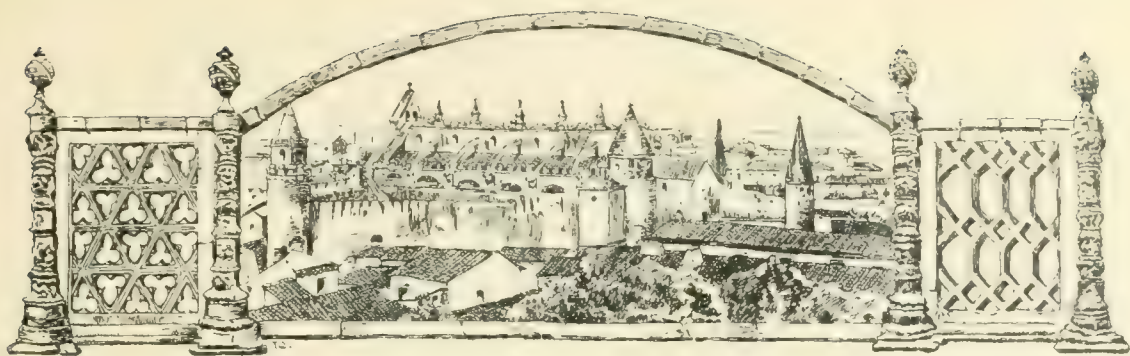
[1] A *Revista*, n.º 4. [illegible]

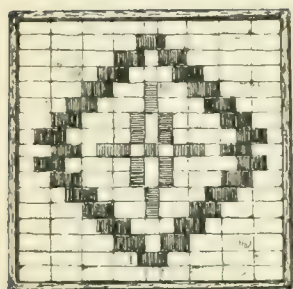
Ha pouco, n'uma visita ao palacio de Oeiras, jardim e dependencias, mandado guarnecer pelo grande ministro de D. José, encontrámos — em barro — um dos modelos para a estatua equestre do monarcha *Fidelissimo*, certamente offerecido ao Marquez de Pombal pelo seu auctor, Joaquim Machado de Castro, modelo de que não tinhamos noticia. Têem, cavallo e cavalleiro, de altura, $0^{m},44$. Pisa o animal, em vez das serpentes que se vêem no monumento da Praça do Commercio, um leão.

Este projecto, coberto de oiro, está mettido n'uma delicada machineta de madeira com lavores, obra da mesma época.

G. [illegible] Lisboa [illegible] Barro vermelho. Alt. [illegible]
— Assignad. [illegible] Nossa collecção — Lisboa.

PARTE V

Tijolo

(1)

Tijolo

TIJOLO é um dos productos da olaria cuja applicação se justifica vantajosamente ha muitos seculos.

No seu principio, parece ter correspondido sómente á necessidade de substituir a pedra onde esta rareava, ou a collaborar com ella, como simples material constructivo.

Na Peninsula, julgamos terem sido os arabes que primeiro tiraram effeitos decorativos do tijolo, no exterior e no interior das suas mais bellas edificações.

O tijolo fabricado pelos arabes era de tal fórma cuidado na sua factura e de tal maneira escolhida a materia-prima para a sua constituição, que os seculos, em vez de o destruirem, consolidam-no, ao contrario do que succede com outros materiaes de edificar, incluida a pedra.

São passados nove seculos, desde que os primeiros tijolos foram collocados na construcção da linda *Giralda* de Sevilha, e alli permanecem ainda, mais rijos e consistentes do que eram na sua primitiva.

Com os tijolos se fizeram obras mui lindas, mui fortes e apparentemente mui delicadas.

[1] G. 161 — Vianna do Alemtejo

Esta interessante arte de decorar ficou entre nós, como na visinha Hespanha.

Parecem egualmente devidos á fertil imaginação dos arabes os effeitos de luz e sombra, tirados do modo por que collocavam os tijolos.

Á maneira que o sol descreve a sua trajectoria, os desenhos multiplicam-se e modificam-se, segundo o modo como a luz incide sobre as superficies d'esses rectangulos, engenhosamente collocados, uns mais outros menos recolhidos, apresentando ao mesmo tempo muitas variantes de desenho geometrico.

Assim, o mesmo motivo offerece differentes aspectos durante o dia.

As arrendadas grilhagens de tijolo tinham muitas vezes por fim, não só o effeito ornamental, mas tambem recatar, e, ao mesmo tempo, proporcionar vigilancia, como as rotulas de madeira, naturalmente inspiradas n'estas obras de tijolo, que tentaram substituir, dando, em parte, eguaes vantagens, nos mirantes e janellas das casas conventuaes, nos terraços das casas nobres e nos postigos da habitação pobre.

A vedação apparente das grelhas de tijolo, nas torres, nas atalaias dos castellos e nas rosaceas dos templos sagrados, não só forneciam luz, como deixavam vêr de dentro para fóra, sem offerecerem egual vantagem em situação opposta.

A obra de tijolo, junto com a pedra, é exuberante no castello de Alvito, em Portel e em Vianna do Alemtejo, cuja egreja matriz, na parte exterior e mais elevada, é construida de tijolo.

As torres, os esteios que escoram o corpo central e o ligám com os lateraes do edificio, as ameias e mais detalhes, tudo é bem trabalhado e de bellas proporções. O monumento e o castello que lhe está ligado são do estylo gothico.

A quem, por surpresa, desvendassem os olhos dentro d'essa incomparavel terra do baixo Alemtejo, teria nitida impressão do que era uma cidade medieval ou de que estava assistindo ao *successo* de uma bella scenographia, arrancada á obra maravilhosa e evocadora de Viollet-le-Duc.

O leitor terá esta impressão pela gravura que encima a primeira pagina d'este capitulo, no caso de querer voltar atraz.

A uma hora de caminho de Vianna do Alemtejo, encontra-se outro documento interessante da construcção com tijolo, que está ligado a uma linda vivenda, pertencente aos Duques de Cadaval.

Edificada dentro de recinto fechado e datando de um dos periodos aureos da architectura em Portugal — o seculo XVI — chama-se *Agua de Peixes*, e pousa no meio de um grupo de propriedades, pertencentes áquelles mesmos Senhores.

Dá entrada ao pateo um largo portão, que tem sobre a verga um escudo com o brazão ducal, de azulejos do principio do seculo XVII.

A casa, de um só andar, tem duas fachadas, correspondentes a dois dos muros do pateo, e outra sobre a horta.

Transposto o portão e dados os primeiros passos, sobre a direita, está encontrado o ponto mais favoravel para apreciar a interessante e sobria architectura. Uma janella — a mais bella, no genero, que temos visto no paiz — cortada no angulo do edificio, impõe-se ao espectador. Formam-na

G. 162 — Sec. XVI — Claustro do Convento de Santa Clara — Evora

dois arcos de ornatos denticulados, que se firmam em tres columnas de fustes cylindricos, de marmore de Estremoz.

A escada é edificada exteriormente, no canto opposto ao da janella.

É de cantaria, de um só lanço, com largo patim quadrangular, coberto por um telhado mourisco de tres aguas, interiormente em tumba e sustentado por estribos e por tres columnas de marmore, de uma elegante fragilidade.

Este telhado abriga conjunctamente o patim e a porta, que é a prin-

cipal do sympathico solar, trabalhada em pedra, tendo ao cimo o brazão de armas dos nobres de Cadaval, que fórma o fecho d'esse bello motivo architectonico, singelo e decorativo.

Partindo do ponto em que parámos, depára-se-nos, no sentido longitudinal do edificio, rasgada na parede correspondente, outra ampla janella geminada, mas de uma só face, e differente, na decoração, da que antes citámos, como era costume fazer-se na Renascença.

O fuste da columna central, de planta quadrilobada, é original. De uma altura fóra do vulgar e de largura proporcionada, a gradiosa janella é um dos exemplares mais distinctos da sua epoca.

Interiormente, a casa nada tem que prenda a attenção, a não ser a capella, que nos disseram ser de valor, mas que não pudemos vêr, por se não achar no local a pessoa que tinha a chave do santuario.

Para concluir, visto que o nosso fim não é tratar de architectura em geral, e porque desejamos chegar á parte da casa que deita sobre a horta e que é construida de tijolo — diremos que tudo alli está perfeitamente conservado, o que faz honra ás pessoas que têem tido a seu cargo essa incomparavel joia de arte, tão genuinamente portugueza.

Oxalá que a mesma vigilancia a acompanhe sempre e a faça respeitar! Esperamos que sim, porque Agua de Peixes está, até certo ponto, guardada naturalmente, porque por alli não faz caminho a *actual civilisação*.

A fachada sobre a horta tem o aspecto de uma muralha de fortificação. Inclinada, como, em geral, são os muros que sustentam grandes pesos, parece ter sido assim construida para esteiar as trazeiras da casa para aquelle lado, provavelmente por ser alagadiço o terreno.

Com fortes gigantes, para lhe darem mais consistencia, mergulham as bases dentro de agua, que por alli passa ou nasce. A dois metros, pouco mais ou menos, corre um parapeito, que, ao mesmo tempo que prende a agua, resguarda a passagem do serviço para a horta. [1]

E' perfeitamente inesperada, a quem por sua ordem visitar a vivenda Cadaval, a parte de tijolo a que nos referimos, pois nada n'aquelle genero de edificar se nos apresenta, quando transpomos o limiar do portão do pateo, a que alludimos.

Eis o que nos ficou da rapida passagem por Agua de Peixes, que tivemos o prazer de visitar na companhia dos nossos illustres amigos, Condes da Esperança e Anselmo Braamcamp Freire, no dia 25 de março de 1901.

[1] E' possivel que o nome singular da propriedade lhe venha da existencia d'aquelle fosso alagado, utilisado por vezes como aquario, onde n'outro tempo se conservariam talvez enguias e outros peixes, que para aquelle ponto do Alemtejo se transportassem vivos, pois, como é sabido, então mais do que hoje, era raro obter n'aquella região frescas provisões do mar.

Mas todo o sul do paiz está repleto de obras curiosas d'este material, alliando muitas vezes a parte agradavel á parte util.

Evora, sobretudo, está cheia de documentos de architectura religiosa e civil, na torre e na chaminé, para que o tijolo concorreu importantemente.

As abobadas, as celebradas abobadilhas, os artezoados de variadissimas cordas, florões, estribos, capiteis e bases de columnas, pilastras, cornijas, modilhões e molduras, são tão perfeitamente corridos e obrados, como se fossem do mais fino marmore.

Parte da ornamentação da fachada da celebre casa de Garcia de Rezende é feita de tijolo, e acompanha, sem destoar, a historica janella do chronista de D. João II.

Ainda em Evora, na parte do miradouro que deita para o Becco do Chantre e que pertence á casa Mattos, cuja fachada principal dá sobre o Rocio da cidade, vêem-se variados trechos de tijolo, bem combinados e de interessantes desenhos.

Um d'estes motivos, — o mais vulgar, — encontramol-o no convento de Santa Clara, ao pé de outros motivos, como a nossa gravura 192 mostra, na parte do corpo superior, sobre o claustro, e ainda n'outros pontos da capital alemtejana.

A torre do convento de Jesus em Setubal offerece um padrão interessante: triangulos trilobados. Este motivo e outro de differente desenho estão representados nos corpos lateraes da *tête* (g. 191) que encima este capitulo.

A regularidade com que os antigos alvaneus obtinham essa ornamentação geometral provinha da perfeita figura rectangular do tijolo, composta de dois quadrados, de modo que a duplicação da sua largura correspondia ao seu maior comprimento, e d'ahi a certeza com que aquelles artifices architectavam os mais complicados debuxos.

Correspondem em parte a este artefacto as ultimas taxas publicadas no anno de 1611, que a vereação da Camara Municipal de Lisboa em 12 de agosto de 1650 relembra:

TITULO DO TIJOLO E TELHA [1]

«Um milheiro de tijolo rebatido, mui bem cozido, não passará de 1$400 réis.
«Um milheiro de tijolo de alvenaria não passará de 1$000 réis.
«Um milheiro de tijolo de forcado não passará de 1$000 réis.
«O que um e outro será feito de altura, comprimento e largura dos padrões
«para que fique do tamanho d'elles.
«Um milheiro de telha muito bem cozida não valerá mais que 2$000 réis.»

[1] Freire de Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tom V, pag. 227.

O tijolo teve tambem grande extracção nos pavimentos terreos e andares superiores das casas. Em grandes praças de postura simples, em divisões rectangulares e almofadadas, em disposição espinhada ou em outros typos de alinhamento, foram pisados por saltos de oiro, e, a contrastar com as leves passadas das damas da Renascença, foram riscados pelos acicates dos cavalleiros medievaes.

Nos primeiros annos do seculo XVI, Lisboa procedia ao melhoramento das suas principaes ruas, revestindo-as de tijolos.

El-Rei D. Manuel, em agosto de 1515, auctorisa a Camara a proceder executivamente contra as pessoas que não contribuissem para a conclusão do ladrilho da Rua Nova dos Mercadores e para ladrilhar outras ruas da cidade. [1]

No principio do ultimo terço do seculo XVI, já o tijolo tinha subido bastante de preço, com relação ás taxas que apontámos.

Agora custava o rebatido — á bocca do forno — [2] 2$500 réis; o de alvenaria 1$300 réis e o de forcadinho 800 réis. Em Lisboa, estes mesmos typos vendiam-se por 3$500, 2$000 e 1$500 réis e «tudo será muito bem cozido e de receber, postos em Lisboa; e o que exceder estas taxas, incorrerá em pena de açoites, de prisão e de dinheiro, que será de 4$000 réis por cada vez que exceder estes preços. [3]

Actualmente, a producção do tijolo é enorme entre nós. Fabricam-se de todos os typos e avantajam-se aos productos congeneres estrangeiros. Temol-os applicados á moderna construcção por quasi todo o paiz, mas nem sempre é adaptado com verdadeiro criterio.

A pedra é muitas vezes substituida pelos tijolos, em logares onde ella teria preferencia, sem que justifique taes casos a falta de marmores.

No entanto, o tijolo é empregado com vantagem, quando a edificação tem que attingir grande altitude, sem que á sua base se precise dar grande espraiamento.

N'este caso estão as chaminés de fabricas, as construcções mais arrojadas que modernamente se fazem, pela desproporção em que geralmente está a sua grande altura com o seu pequeno diametro!

Edificio monumental, construido de tijolo, no paiz, nos ultimos vinte annos, e ao qual a arte não é alheia, é a praça de touros do Campo Pequeno, cujo aspecto exterior é agradavel.

[1] Freire de Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tom. I, pag. 190.
[2] O que vinha do outro lado do Tejo.
[3] Freire d'Oliveira — *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tom. VII, pag. 326 e 327.

PARTE VI

Marcas

INTRODUCÇÃO

Louças de estimação — Conselhos aos collecionadores — Collecções existentes no paiz — Generalidades sobre marcas

ONSAGRAMOS esta parte do nosso trabalho a um assumpto que a todos os colleccionadores de productos ceramicos deve merecer summo interesse: — as marcas.

Foi colligindo marcas que, segundo explicámos no prefacio, começámos os nossos trabalhos sobre a ceramica nacional. Muito será para desejar que os colleccionadores e amadores estudem e descrevam as peças que possuem, ou que tenham ensejo de examinar, porque só assim, pelo concurso intelligente de todos, poderá um dia fazer-se trabalho mais completo que o nosso, terão porventura resposta as interrogações que n'elle deixamos e se esclarecerão os pontos ainda obscuros.

Permittam-nos os colleccionadores e investigadores de ceramica um conselho.

Nunca são demais os apontamentos sobre qualquer documento valioso da olaria nacional, ou de qualquer outra procedencia, que o acaso nos faça encontrar, e nunca deveremos deixar para o dia seguinte a investigação, quando o objecto não estiver em logar absolutamente seguro.

Perdemos, mais d'uma vez, occasião de notar exemplares que nunca mais tornámos a vêr, simplesmente por deixarmos para *ámanhã* o que deveriamos ter feito immediatamente.

Um d'esses exemplares era um pote de faiança decorado a azul, que estava para vender n'uma loja em Braga, ha bons 18 annos, e que, de passagem para a Ponte do Bico, tivemos occasião de admirar.

Para não complicarmos mais a nossa bagagem, guardámos para a volta comprar o objecto, ou tirar d'elle os devidos apontamentos, no caso de ser o preço incompativel com o nosso bolsinho.

Quando, depois de alguns dias de trabalho na convergencia dos rios Cávado e Homem, passámos de novo pela capital do Minho, cidade dos primazes das Hespanhas, já o lojista havia vendido o precioso exemplar, que, segundo a impressão que ainda conservamos, era uma das peças mais antigas da olaria do Prado, talvez do seculo XVI.

De uma travessa de faiança do Rato, marcada com as iniciaes F. R., encimadas pela corôa real (a azul), não nos apressámos a tirar photographia ou reproduzir a marca, por nos pertencer; pois, apesar d'isso, não podemos hoje reproduzil-a, por ter sido partida por uma creada, que commetteu duplo crime, fazendo desapparecer os fragmentos.

Quando não póde haver certeza no que nos pertence e temos na propria casa, como poderemos guardar para *ámanhã* o estudo do que não possuimos e avulsamente encontramos por esse mundo fóra?

Contra a primeira hypothese, todas as precauções são poucas; contra a segunda, parece-nos que seria de grande proveito (além de descrever e photographar todos os exemplares que se recommendem pelo seu valor artistico) educar os creados e *creadas* que têem de tratar de taes objectos e em cujas mãos nós, imprevidentes, entregamos essas reliquias, e, depois de muito bem instruidos, não permittir a esses vandalos que lhes toquem, com um dedo, sequer, e até, se possivel fôr, que as vejam!

Quem tem louças de estimação trata pessoalmente d'ellas, para não ter desgostos, mais duros de soffrer que todos os cuidados que ellas possam dar!

Convém egualmente lembrar aos possuidores de louças de merecimento que ha mais um perigo, além do que citamos, destruidor da faiança

Referimo-nos ás grandes differenças de temperatura, que são, para esta parte da ceramica, a marcha lenta da sua perda total.

O calor não actua egualmente nas duas materias de que é constituida a faiança. O esmalte não se dilata tão sensivelmente como a pasta, e d'esta desegualdade de dilatação resulta o estalar do vidrado. Uma vez retalhada a coberta, a pasta perdeu o abrigo, e d'ahi a sua deterioração.

As contracções resultantes do tempo humido e frio, tambem se não dão por egual. De modo que as faianças, quanto mais expostas estão a essas alternativas atmosphericas, mais se deterioram. Pouco a pouco, o esmalte desaggrega-se, emquanto a pasta se desfaz em pó.

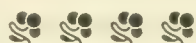
A ruina não é apreciavel de um anno para o outro, sobretudo no principio; ha mesmo peças que, apesar da sua má exposição, resistem seculos; mas a destruição é fatal.

No Museu Archeologico de Madrid, algumas das faianças hispano-arabes estão-se a perder, segundo alli vimos, devido á estufa em que estão installadas.

É n'um dos *patios,* de cobertura envidraçada, que estão expostas as mais raras peças a que alludimos.

A não serem os exemplares que se guardam n'alguns escaparates, o que, ainda assim, não é resguardo sufficiente, os demais não têem outro abrigo, além do que citámos. A temperatura chega, n'esta secção, a fazer differenças de 40° C. Mas não é só em Madrid que isto succede. Em Lisboa, em que o minimo não desce a menos de 5° C., e o maximo não sóbe a mais de 32° C., tambem a faiança se resente d'esta oscillação.

A conservação dos barros esmaltados depende da regular temperatura do recinto onde estão expostos, e da limpeza por fricção, feita com pannos limpos e seccos, para os privar da humidade, facilmente absorvida pela coberta vitrea que os envolve.

❦ ❦ ❦ ❦

Agora, a relação das collecções existentes no paiz:

Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa. 300 peças.
Academia Real das Sciencias — Lisboa. 30 peças.
Museu Ethnologico — Belem. 50 peças. (Faiança).
Museu Municipal Azuaga — Villa Nova de Gaya. 120 peças.
Bibliotheca — Porto. 50 peças.
Museu Industrial e Commercial — Porto. 50 peças.
Museu do Instituto — Coimbra. 600 peças.
Museu Municipal — Figueira da Foz. 25 peças (Faiança).
Museu Municipal — Estremoz. 20 peças.
Casa de Bragança. 450 peças.
Actor Ferreira da Silva — Lisboa. 400 peças.

José Queiroz — Lisboa. 300 peças.
Dr. João Luiz da Fonseca — Lisboa. 200 peças.
Antonio Arroyo — Lisboa. 160 peças.
Henrique Pinho da Cunha — Lisboa. 150 peças.
Dr. Alfredo Bensaude — Lisboa. 100 peças.
Francisco de Magalhães Domingues — Lisboa. 100 peças.
Dr. Fidelio de Freitas Branco — Lisboa. 90 peças.
Ramalho Ortigão — Lisboa. 60 peças.
Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa. 60 peças.
Alfredo Keil — Lisboa. 60 peças.
João A. Lopes — Lisboa. 50 peças.
D. José da Silva Pessanha — Lisboa. 30 peças.
Antonio Moreira Cabral — Porto. 450 peças.
Manuel de Albuquerque — Porto. 100 peças.
Antonio Teixeira Lopes — Villa Nova de Gaya. 70 peças.
Conde do Ameal — Coimbra. 800 peças.
Dr. Luiz Augusto de Oliveira — Vianna do Castello. 450 peças.
Julio Carneiro Geraldes — Vianna do Castello. 300 peças.
Serafim das Neves — Vianna do Castello. 280 peças.
João Caetano da Silva Campos — Vianna do Castello. 200 peças.
José da Pena — Vianna do Castello. 150 peças.
P.e João d'Assumpção Passos Vianna — Vianna do Castello. 100 peças.
João Monteverde da Cunha Lobo — Vianna do Castello. 50 peças.
Manuel Vieira Natividade — Alcobaça. 50 peças.
José Francisco Barreiros Callado — Juncal. 40 peças.
Alberto d'Oliveira — Alandroal. 150 peças.
Antonio de Avilez — Cascaes. 70 peças.
Conde de Penha Longa — Actualmente em Paris. 100 peças.

Sobre as marcas, julgamos conveniente advertir o seguinte:

Consideramos marcas as lettras, numeros ou signaes, que nos indiquem o mesmo typo de fabricação d'um ou mais periodos, alem das que accentuadamente se evidenciam como taes. Procurámos, quanto possivel, evitar a reducção das marcas, para que não perdessem nada do seu aspecto e authenticidade, não só por merecerem assim mais confiança, como por serem de mais facil busca. No entanto, as que, pelas suas exaggeradas

dimensões — mais de o,^{m}o6 — não nos foi possivel reproduzir integralmente, foram reduzidas pelo pantographo e vão assim notadas:

R $^2/_3$ — reduzida a dois terços.
R » » metade.
R $^1/_3$ » » um terço.
etc.

As que levam apenas um R, que são em pequeno numero, foram reduzidas a olho, directamente dos originaes, ou por não estarem em pontos accessiveis, o que succede muitas vezes com as datas dos azulejos, ou por terem sido copiadas quando não pensavamos ainda em publicar este trabalho.

As marcas com a designação *gravada na pasta* abrangem todas as feitas a cunho sobre qualquer das materias da ceramica.

As levantadas em campo com carimbos, palheta, etc. são designadas: *em relevo*. As marcas a tinta violeta, mais ou menos intensa, e que, em geral, nas nossas faianças, pende para o tom arroxado, são designadas, na generalidade, *marcas a côr de vinho*, accrescentando-se a esta designação o valor do tom.

Das peças do seculo XVII attribuidas a Lisboa, e que classificamos *desenho miudo*, raras são marcadas com iniciaes. O que é vulgar, são os ramos ou signaes, repetidos em volta da aba, pelo lado exterior.

As peças do typo *aranhões*, que tambem rarissimas vezes se encontram com marcas formadas por um só grupo de lettras, ou simplesmente por uma inicial, têem vulgarmente, e por isso constituem marca, SS repetidos, na aba, lado exterior, em geral a tinta azul.

Os numeros ou signaes gravados na pasta que acompanham as marcas de fabrica, são, em geral, dos oleiros, das tarefas ou dos modeladores.

As lettras que não designam fabricas ou fabricantes, ou signaes a tinta, são quasi sempre dos pintores ou filadores que decoraram a peça, assim como os signaes a oiro ou prata correspondem ao artista decorador n'esta especialidade.

A Real Fabrica do Rato ou Fabrica Real do Rato, ou ainda Fabrica de Louça do Rato, usou das marcas seguintes, sempre a tinta azul:

Primeira marca: — F. R. encimando as letras T. B. em monogramma (Fabrica Rato, Thomaz Brunetto).

Segunda marca: — F. R. e por baixo o monogramma A. S. (Fabrica Rato, Sebastião d'Almeida).

Tambem se encontram algumas peças marcadas só com F. R.

Apenas com um R. são raras; e com F. R. e a corôa real, só vimos o exemplar que fazia parte da nossa collecção e a que já alludimos.

D'esta fabrica, marcas que se possam tomar como de pintores, apenas conhecemos, como já dissemos quando d'ella tratámos, as que têem os n.os 192, 210, 478 e 640, e ainda uma especie de C, que acompanha a marca 189.

As peças de Briozo (Coimbra), quando marcadas a tinta, são-no a côr de violeta; ha algumas marcadas em relevo.

As de Vandelli têem marcas em relevo.

As de Rocha Soares (Porto) são marcadas a differentes côres, predominando o roxo.

As de Vianna do Castello (Darque), a diversas côres egualmente, e ora com a palavra *Vianna*, ora com um simples *V*, seguido ou não de um ponto, entre áspas, e umas vezes sublinhado outras não.

As peças cuja indicação de local é apenas — Museu do Instituto Coimbra, pertencem ás collecções dos srs Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e Antonio Augusto Gonçalves, alli em deposito.

Os nomes precedidos das palavras: *Pertence, Collecção,* etc., são dos proprietarios das peças a que pertencem as marcas indicadas.

As marcas formadas por grupos de lettras ou monogrammas cuja inicial é um I, collocámol-as, não só n'essa lettra, como na lettra J. É necessario attender a que, na antiga orthographia, se empregavam indistinctamente o *I* e o *J*, assim como o *U* e o *V*. O leitor fica prevenido para hypothese de apparecerem essas iniciaes.

Os monogrammas, quando formados apenas de duas lettras, cuja verdadeira ordem se ignore, repetimol-os. Assim, o monogramma póde ser procurado na letra *P* e na letra *I*. Quando constituidos por tres ou mais lettras, como, por exemplo, collocámol-os na lettra que nos pareceu ser a primeira do nome representado, dispensando-nos de os repetir tantas vezes quantas podem ser as combinações formadas com as lettras que os compõem, para não alongar extraordinariamente este Diccionario.

Além de nos cingirmos á ordem alphabetica, procurámos sempre partir do mais simples para o mais complicado e do menor para o maior.

Os algarismos e datas que constituem a II secção do diccionario, só vão n'ella incluidos quando não antecedidos de marcas de fabricas, de nomes

ou iniciaes que representem proprietarios de fabricas, mestres, oleiros, pintores, etc.

Nos signaes e marcas figurativas (III secção), partimos tambem do mais simples para o mais complicado.

Nas explicações que acompanham as marcas pertencentes a peças não tratadas no texto, damos, de algumas d'ellas, uma breve noticia. Assim ficará o investigador sciente do que representa o objecto authenticado e do seu paradeiro.

As marcas antecedidas de uma pequena estrella são reproduzidas — com a devida auctorisação, — do *Catalogo da Exposição de Ceramica* (Porto, 1883), elaborado pelo sr. Joaquim de Vasconcellos.

Por ultimo, cumpre-nos advertir o leitor de que empregámos as seguintes abreviaturas, além das adoptadas vulgarmente:

F. A. — Faiança antiga (anterior a 1850).
F. M. — Faiança moderna (posterior a 1850).
P. A. — Porcelana antiga (anterior a 1850).
P. M. — Porcelana moderna (posterior a 1850).
P. P. A. — Pó de pedra antigo (anterior a 1850).
P. P. M. — Pó de pedra moderno (posterior a 1850).
B. A. — Barro antigo (anterior a 1850).
B. M. — Barro moderno (posterior a 1850).

Estas duas ultimas abreviaturas, acompanhadas da letra E, designam as esculpturas sem esmalte.

Á faiança feldspathica e ao grés, são em tão limitado numero as referencias, que não valia a pena empregar qualquer abreviatura.

Para os azulejos, servem as mesmas abreviaturas que para a faiança; sómente a palavra *azulejo* segue, entre parentheses, as iniciaes. Notamos sempre em primeiro logar as fabricas que produziram as peças ou azulejos, mesmo quando decorados por artistas que lhes não pertencem. Por isso as marcas d'esses artistas, quer profissionaes quer amadores, e os nomes que representam, vão antecedidos dos nomes das officinas que crearam os respectivos productos.

Se reproduzimos tambem marcas modernas, que aos actuaes collecionadores evidentemente não interessam, foi por attendermos a que ellas terão mais tarde o interesse historico que hoje têem para nós as dos seculos passados, e por não querermos incorrer na culpa de que accusamos os escriptores que nos precederam e que se occuparam de assumptos de arte e industria, como Accurcio das Neves, de não archivarem nem explicarem as marcas do seu tempo.

DICCIONARIO DE MARCAS

SECÇÃO I

Marcas e Monogrammas

A B

1. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico da seg. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada na pasta (oleiro).

A.B.

2. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1892 por Avelino Antonio Soares Bello. — Marca gravada na pasta.

A. Barboza 1814

3. **F. M.** — (Azulejo). Devezas *(Gaya)*. Fabrico de 1894. — Fabrica fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa. — Marca a azul (pintor, A. Barboza).

4. **F. A.** — Coimbra. Fabrico do ultimo terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em ? por Manuel da Costa Briozo (?). — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

5, 6, 7. **Grés moderno.** — Abrigada. Fabrico de 1903. — Fabrica fundada em 185... — Proprietario, Francisco Raphael Gorjão. — Marcas gravadas na pasta.

8, 9. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1890. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marcas a azul e a sepia. — Nossa collecção — Lisboa.

Pires com flores e uma pequena ave, decoração polychroma. Ensaio de pintura em porcelana, pelo Visconde de Sacavem (José), n'uma peça da Vista Alegre (marca a azul). As marcas — «Atelier Ceramico — Caldas da Rainha», a sépia, são da fabrica e dos trabalhos (pintura) do Visconde de Sacavem, 1892 a 1896.

10. **F. M.** — Sacavem. Fabrico recente. — Atelier montado em 1904 por Jorge Colaço & Gomes Fernandes (pintores de azulejos). — Marca a azul (differentes côres).

11. **P. P. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marca a sépia (pintor, Augusto Carlos Mattos da Cunha). — Pertence ao Sr. Conselheiro A. Gomez de Araujo — Lisboa.

12. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892. — Fabrica fundada em 1892. — Proprietario, Adelino Soares d'Oliveira. — Marca gravada na pasta.

13. **F. A.** — Prado *(Braga)* Fabrico de 1691. — Fabrica fundada em ? — Agostinho de Paiva. — Marca em relevo. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

14. **P. P. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marca a azul (pintora, Anna Jechtel). Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

ALCOBAÇA

15. **F. A.** — Alcobaça. Fabrico do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Manuel Vieira Natividade — Alcobaça.

15/8/75
Alcobaça

16. **F. M.** — Alcobaça. Fabrico de 1875. — Fabrica fundada em 187... por José dos Reis. — Marca a cor de vinho. (R. & ½). — Pertence a Manuel da Bernarda Junior — Alcobaça.

A. L. DE JESUS.
PURTOGAL. 1868

17. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1868. — Marca a verde (pintor, Antonio Luiz de Jesus). (R. ⅓) — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

18. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1882. — Marca a verde escuro (pintor, Antonio Luiz de Jesus). (Vide M. 272.) — Nossa collecção — Lisboa.

A L. J.
Portugal

19. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1878. — Marca a differentes côres (pintor, Antonio Luiz de Jesus).

20. **F. M.** — Fonte Nova (*Aveiro*). Fabrico de 1902 — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor, Alleluia).

21. **F. A.** — Darque. — Vianna do Castello. Fabrico de 1830 (?). — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — A palavra ***Alpuim*** é o appellido da familia possuidora do apparelho a que pertencia a peça com esta marca (prato). Typo da fabrica de Santo Antonio — Miragaya — Porto. Decoração a azul. (Vide g. 109.)

22. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa. Fabrico de 1596. — Marca a azul (pintor, A. Mattos ?). (Vide M. 292.) — Egreja de S. Roque — Lisboa.

23. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico de 1830 a 1840. Marca a verde (tinta empolada). (Vide M. 447.) — Museu das Janellas Verdes — Lisboa. — Pertenceu ao Convento de Santa Clara — Villa do Conde.

Floreira em tubos, fórma *mitaine*.

24. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico da seg. met. do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

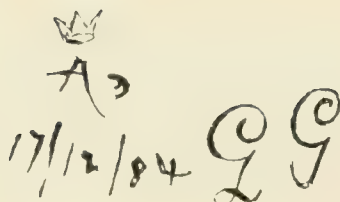
N. B. — Ha mais peças com esta mesma marca, collocada em differentes pontos. — Decoração a azul com toques a côr de vinho.

25. **P. P. M.** — Sacavem. Fabrico de 1884. — Marca a côr de castanha (pintora, Anna Jechtel). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

Anna de Serpa
Cova da Moira
1891

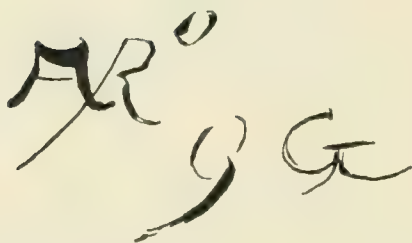
26 e 27. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1891. — Marca a azul (pintora, D. Anna de Serpa Pimentel). Pertence ao Sr. Ruy Ferreira de Mesquita — Lisboa.

Placa de faiança decorada a tinta azul, esmalte branco; janella com eras, passarinhos, etc. Dim. 0,315 × 0,255.

28. **F. M.** (azulejo) — Lisboa. Fabrico recente. — Marca a azul (pintor, D. Antonio Lobo da Silveira). — Pertence ao Sr. Henrique Vianna — Lisboa.

29. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Proprietario e fabricante, Antonio Moreira da Camara. — Marca gravada na pasta.

30. **F. A.** — Darque — Vianna do Castello. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Proprietario da fabrica, Antonio Rodrigues da Silva. — Marca a roxo-preto. (A não ser marca do proprietario, é marca do pintor). — Collecção do Sr. Dr. Luiz A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

A
P VMV

31. **F. A.** — Norte do paiz. (?) Fabrico do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Moreira Cabral — Porto.

32. **F. M.** — Sacavem. Fabrico de 1884. — Marca a verde *gris* (pintora, D. Maria Francisca Meuron de Araujo). — (R. 1/3). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

33. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor, A. Quaresma).

34. **F. A.** — Portugal (?). Fabrico do ult. terço do secelo XVIII. — Marca a azul. — Collecção da Ex.ma Sr.a D. Maria de Mello Breyner Costa (Ficalho) — Lisboa.

Pequena terrina e respectiva travessa. No caso de não ser portugueza, inclinamo-nos a crer que seja franceza.

35. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade (*Gaya*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. — Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

36. **F. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marcas a verde (pintor, Augusto Gomez de Araujo). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

37. **F. M.** — Vianna do Alemtejo (?) Fabrico de 1860 (?). — Fabrica fundada em 1860 (?) por Joaquim Aleixo Serpa. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

38. **P. P. M.** — Massarellos *(Porto)*. Fabrico de 1905. Fabrica fundada em 1900. — Empreza Ceramica Portuense, L.da. — Marca a côr de castanha.

N. B. — Esta data é a da fundação da Empreza Ceramica Portuense, e não a da muito antiga Fabrica de Massarellos, onde foi installada.

39. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1870. Fabrica fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — Marca gravada na pasta. — Collecção do Sr. Dr. J. L. da Fonseca — Lisboa.

Tabaqueira com tampa, cabeça de mulher; sob o esmalte, o amarello do barro e cabellos côr de castanha. Polychromia dada sobre o esmalte com tintas a oleo. Alt. 0.17.

40. **F. M.** — Sacavem. Fabrico de 1890. — Marca azul (pintor, A. Souto).

ATAÍDE

41. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. (R.) — Collecção do Sr. Dr. Luiz A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

ATELIER CERAMICO
CALDAS DA RAINHA

42. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1894. — Fabrica fundada em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marcas a cinzento e a vermelho.

N. B. — As peças marcadas «Atelier Ceramico», juntamente com a marca da fabrica, foram modeladas ou pintadas pelo Visconde de Sacavem (José).

43. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1893. — Fabrica fundada em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marca gravada na pasta.

ATELIER
Colaço & Gomes Fernandes

44. **F. M.** (azulejo) — Sacavem. Fabrico recente. — Atelier montado em 1904 por J. Colaço & Gomes Fernandes. — Marca a differentes côres.

45. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1892 por Avelino Antonio Soares Bello. — Marca gravada na pasta.

46. **F. A.** — Norte do paiz (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho.

Tinteiro de faiança, com depositos para tinta e areia e uma gaveta. — Decoração polychroma sob esmalte branco azulado. — A' venda no leilão, Salão de vendas da Empreza liquidadora, Avenida da Liberdade, Lisboa, 22 — V — 1905.

47. **F. A.** — (?) Fabrico do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Dr. Luiz A. d'Oliveira. — Vianna do Castello.

48. **F. A.** — Juncal *(Alcobaça)* (?) Fabrico do principio do sec. XIX. — Marca a azul (pintor, Bernardino da Fonseca).

N. B. — Pela fórma da lettra, a mais provavel attribuição parece-nos o Juncal.

49. **F. A.** — Delft (?) Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Marca a azul (?).

50. **F. A.** — Coimbra. Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Fabrica fundada em (?) por Manuel da Costa Briozo. — Marca em relevo. — Museu do Instituto — Coimbra.

51. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Variante da marca 58.) — Museu do Instituto — Coimbra.

52. **F. A.** — Norte do paiz. Porto. (?) Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a verde. — Collecção do Sr. Manuel de Albuquerque — Porto.

53. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Antonio Moreira Cabral — Porto.

54. **F. A.** — Norte do paiz. Porto (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Julio C. Geraldes — Vianna do Castello

55. **F. A.** — Norte do paiz. Porto (?). Fabrico do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Julio C. Geraldes — Vianna do Castello.

56. **F. A.** — Norte do paiz. Porto (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul — Nossa collecção — Lisboa.

57. **F. A.** — Norte do paiz. Porto (?). Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Moreira Cabral — Porto.

58. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do ult. ter. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Variante da marca 51.) — Museu do Instituto — Coimbra.

59. **F. A.** — Norte do paiz (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

60. **F. A.** — Beato Antonio (?) (*Lisboa*). Fabrico da seg. met. do sec. XVII — Marca a côr de vinho. (Vide g. 21.) — Museu do Instituto — Coimbra.

61. **F. A.** — Bica do Çapato ? *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1796. (Vide artigo sobre esta fabrica.) — Marca a côr de vinho escuro. (Vide m. 85) — Collecção do Sr. Alfredo Bensaude — Lisboa.

62. **F. A.** — Darque (?) *(Vianna do Castello)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774. — Marca a côr de laranja. — Nossa collecção — Lisboa.

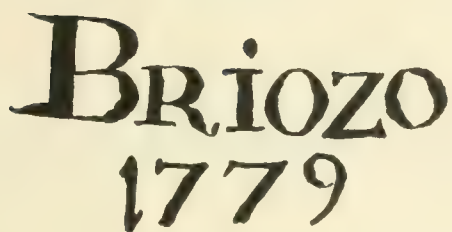
63. **F. A.** — Fabrica do Carvalhinho á Corticeira (?) *(Porto)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 182... por Antonio Monteiro Cantarino. — Marca a côr de castanha. — Collecção do Sr. Dr. Luiz A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

64. **F A.** — Norte do paiz (?). Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a amarello. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

N. B. — N'esta peça, na base, está uma nota manuscripta—«Fabrica do Beato Antonio». Esta fabrica era em Lisboa, não tenho noticia de outra, e, todavia, a peça tem o caracter das louças do norte do paiz.

65. **F. A.** — Lisboa. Fabrico de 1882. Marca a verde (pintora, D. Bertha Ortigão Ramos). — Pertence ao Sr. Ramalho Ortigão — Lisboa.

66. **F. A.** — Vianna do Castello (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Vide m. 144.) — Pertence ao Museu Industrial e Commercial do Porto.

N. B. — Com decoração egual, no desenho e na côr, vimos duas peças, tinteiro e areeiro, marcadas com o V de Vianna. Como Vianna imitou quasi todos os typos das outras fabricas do paiz, não será esta marca da Fabrica do Largo da Bandeira — Villa Nova de Gaya? Esta marca, como as duas que seguem, vão reproduzidas sob os numeros 144, 145 e 146, na hypothese de o F anteceder o B.

67. **F. A.** — Fabrica da Bandeira (?) *(Gaya)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — * Marca a tinta ? (Vide m. 145.)

68. **F. A.** — Fabrica da Bandeira (?) *(Gaya)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — * Marca a tinta ? (Vide m. 146.)

69. **F. A.** — Juncal *(Alcobaça)*. Fabrico de 1807. — Fabrica fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Marca a azul (pintor, Bernardino da Fonseca). — Collecção do Sr. Manuel Vieira Natividade — Alcobaça.

70. **F. A.** — Coimbra. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica de Manuel da Costa Briozo. — Marca gravada na pasta. — Museu do Instituto — Coimbra.

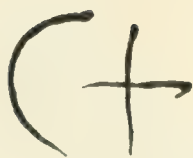
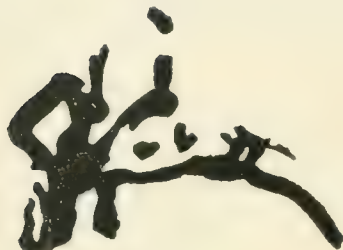
BRIOZO
1779

71. **F. A.** — Coimbra. Fabrico de 1779. — Fabrica de Manuel da Costa Briozo. — Marca a côr de de vinho escuro. — Museu do Instituto — Coimbra.

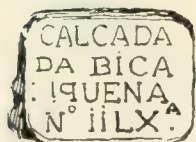
72. **F. A.** — Fabrica do Cavaco (*Gaya*). Fabrico do principio do sec. XIX. — Marca a violeta. — Pertence ao Sr. Marques Gomes — Aveiro.

73. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico do principio do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a azul.

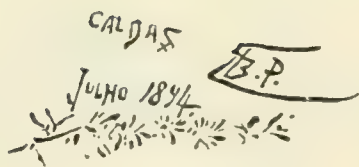
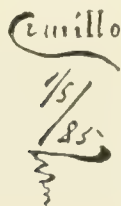
74. **F. A.** — Fabrica do Cavaco *(Gaya)* (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. (178...) — Marca a azul.

75. **P. P. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marca a verde sepia (pintor, S. M. El-Rei D. Carlos). Real Paço da Pena — Cintra.

76. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a azul. — Museu Industrial e Commercial — Porto.

77. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1896. — Marca a côr de castanha (esculptor-barrista, S. M. El-Rei D. Carlos). — Pertence ao Sr. Conde de Arnoso — Lisboa.

Colhemos esta marca n'uma placa ornamental, esmaltada a verde, que foi cozida na fabrica dirigida por Bordallo Pinheiro. Cabeça de ermitão sobre uma cruz de Christo.

78. **F. A.** — (?) — Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Museu Industrial e Commercial — Porto.

79. **B. A. E.** — Fabrica da Calçada da Bica Pequena *(Lisboa)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca em relevo. — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — Presume-se ser n'esta fabrica que Joaquim Machado de Castro cozia os seus barros.

80. **P. P. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1902. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica de Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a verde, estampada. (Louça commum.)

81. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1894. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica de Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a azul. (R. 1/2). — Collecção do Sr. H. Pinho da Cunha — Lisboa.

82. **F. M.** — (?) — Fabrico de 1885. — Marca a côr de castanha (pintor, Camillo).

83. **F. A.** — Coimbra (?). Fabrico de 1768. — Marca a côr de vinho (pintor, Carvalho). — Nossa collecção — Lisboa.

Catharina

84. **F. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marca a verde (pintora, D. Catharina Costa — Lisboa). — Pertence ao Conselheiro Araujo — Lisboa.

CAVAQUINHO,

84-A. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a azul. — Collecção do actor Ferreira da Silva — Bemfica.

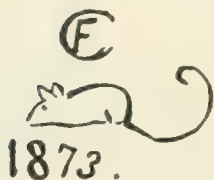
85. **F. A.** — Bica do Çapato ? (***Lisboa***). Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1796. (Vide artigo sobre esta fabrica.) — Marca a côr de vinho escuro. (Vide m. 61.) — Collecção do Sr. Alfredo Bensaude — Lisboa.

C.B.

86. **F. A.** — Coimbra. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica de Manuel da Costa Briozo. — Marca a côr de vinho escuro. — Museu do Instituto — Coimbra.

87. **F. M.** — Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira, (*Porto*). — Fabrico recente. — Fabrica fundada em 182... Actuaes proprietarios, Dias de Freitas & Filhos. — Marca a azul (pintor, Carlos Branco).

Sobre os nomes dos fundadores, vêr pag. 129.

88. **F. M.** — Ratinho *(Lisboa)*. Fabrico de 1873. — Fabrica fundada em 1872 (palacio do Rato) pelas Sr.as Duqueza de Palmella e Condessa de Ficalho. — Marca a azul (pintora, Condessa de Ficalho). (Vide n.os 89, 114, 115, 116 e 117.) — Collecção da Sr.a D. Maria de Mello Breyner Costa (Ficalho) — Lisboa.

89. **F. M.** — Ratinho *(Lisboa)*. Fabrico de 1873. — Fabrica fundada em 1872 (palacio do Rato) pelas Sr.as Duqueza de Palmella e Condessa de Ficalho. — Marca a azul (pintora, Condessa de Ficalho). — Collecção da Sr.a D. Maria de Mello Breyner Costa (Ficalho) — Lisboa.

90. **P. P. A.** — Fabrica de Sacadellos *(Aveiro ?)*. Fabrico de 1845. — Marca ?.

N. B. — Esta marca foi-nos fornecida pelo Sr. Marques Gomes — Aveiro.

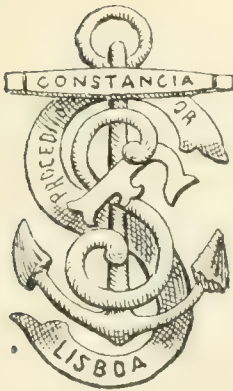
91. **F. A.** — Coimbra (?). Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. — Nossa collecção — Lisboa.

92. **F. A.** — Coimbra (?). Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. (Variante da marca antecedente) — Nossa collecção — Lisboa.

93. **F. A.** — Coimbra (?). Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. (Variante da marca antecedente.) — Nossa collecção — Lisboa.

94. **F. A.** Coimbra — (?). Fabrico do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Variante das tres marcas antecedentes.) — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

95. **F. M** — Fonte-Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1893. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmão. — Marca a azul (pintora, D. Maria do Cardal Lemos).

C.
MAFRA

96. **F. A.** — Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (R.)—Pertence ao Sr. Martinho Augusto Ferreira da Fonseca — Lisboa.

N. B. — Dizem-nos ter havido em Mafra uma fabrica de louça, creada com o proposito de abastecer o convento.

C.OIMBRA.
BRIOZO.

97. **F. A.** — Coimbra. Fabrico da seg. met. do seculo XVIII (1779). — Fabrica de Manuel da Costa Briozo. — Marca a côr de vinho escuro. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

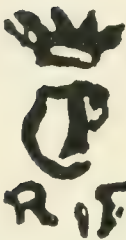
Coimbr
1776

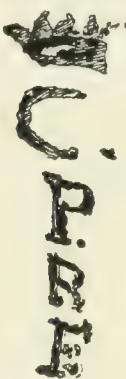
98. **F. A.** — Cabo Mondego *(Coimbra)*. Fabrico de 1776. — Marca a côr de castanha. (Vide m.s 321, 356, 357 e 599.) — Academia Real das Sciencias de Lisboa.

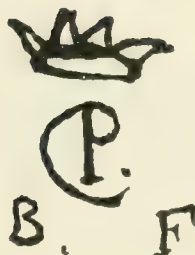
N. B. — A presente marca e as referentes á chamada pertencem todas á mesma peça (tinteiro). Não vão juntas por estarem dispersas pelo alludido objecto.

Columbano 1881

99. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1888. — Marca a côr de castanha (pintor, Columbano Bordallo Pinheiro). — Pertence ao Sr. Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro — Lisboa.

100. **F. A.** — Fabrica Constancia *(Lisboa)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Sequeira. — Marca a côres (polychroma). — Pertence ao Sr. Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa.

101. **F. A.** — Fabrica Constancia *(Lisboa)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Sequeira. — Marca a preto, estampada. — Pertence ao Sr. Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa.

102. **F. A.** — Norte do paiz (?) — Fabrico (?) — Marca gravada na pasta (C P ou C R; duvida de J. de Vasconcellos).

103. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1864 — Wenceslau Cifka. (Cozia na fabrica Constancia). — Marca a tinta quasi preta. — Leilão do Dr. Aragão — Lisboa.

104. **F. M.** — Lisboa. Fabrico da seg. met. do sesulo XIX. Wenceslau Cifka. (Cozia na fabrica Constancia.) — Marca a azul. — Leilão do Dr. Aragão — Lisboa.

105. **F. M.** — Lisboa. Fabrico da seg. met. do seculo XIX. — Wenceslau Cifka. (Cozia na fabrica Constancia.) — Marca a violeta-preto. — Leilão do Dr. Aragão — Lisboa.

106. **F. M.** — Lisboa. Fabrico da seg. met do seculo XIX. — Wenceslau Cifka. (Cozia na fabrica-Constancia.) — Marca a azul. (R. $^1/_2$). — Collecção do Sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

Prato, decoração representando a Santa Familia. Pintura polychroma, imitação das majolicas italianas do sec. XVI.

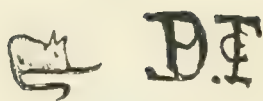
107. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1879. — Wenceslau Cifka. (Cozia na fabrica Constancia.) — Marca a violeta-preto. (R.) — Pertence ao Sr. D. João de Menezes — Lisboa.

C.S.L

STA S. P

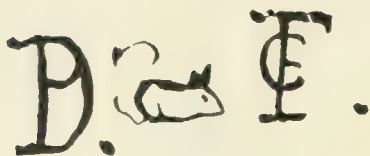
108. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Marca a cor de vinho. — Collecção do Sr. Manuel de Albuquerque — Porto.

109. **F. A.** — Massarellos *(Porto)*. Fabrico de 17... — Fabrica fundada em 1738 por Manuel Duarte Silva. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Padre João A. Passos Vianna — Vianna do Castello.

A
D·C N· DEAN
DRADE

110. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico da seg. met. do seculo XVII. — Marca a côr de vinho. (R. 1/3). — Collecção do Sr. Conde do Ameal. — Coimbra.

N. B. — Vimos mais pratos eguaes, com a mesma marca.

DEPOSITADO

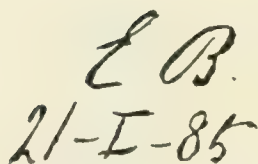
111. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico do primeiro periodo. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica de Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca das peças registadas.

Dias

112. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1902 — Productos de Manuel Dias Brandão (bonequeiro). — Marca riscada no barro.

N. B. — M. D. Brandão, modelador da Fabrica Lamego (Intendente-Lisboa), vende por sua conta na Praça da Figueira, nas vesperas de St.º Antonio, S. João e S. Pedro, bonecos pintados e na côr do barro, que elle mesmo fabrica.

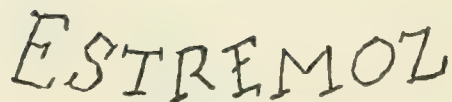
A
1 6 ·D·IES· 6 0

113. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico de 1660. — Marca a côr de vinho escuro. (R.) — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

D F

114 e 115. — **F. M.** Ratinho *(Lisboa)*. Fabrico de 1874. — Fabrica fundada em 1872 (palacio do Rato) pelas Sr.as Duqueza de Palmella e Condessa de Ficalho. — Marcas a azul. — Pertence aos Srs. Duques de Palmella.

D. F.

116 e 117. **F. M.** — Ratinho *(Lisboa)*. Fabrico de 1873. — Fabrica fundada em 1872 (palacio do Rato) pelas Sr.as Duqueza de Palmella e Condessa de Ficalho. — Marcas a azul. — Pertence aos Srs. Duques de Palmella — Lisboa.

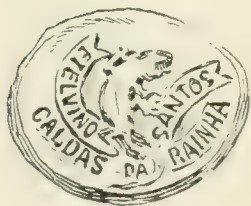
D.V.

118. **P. P. A.** — Lisboa. Fabrico do principio do sec. XIX. — Dr. Domingos Vandelli. — Fabrica do Rato (?) — Marca a vermelho quente. — Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

E B.
21-I-85

119. **F. M.** — Sacavem. Fabrico de 1885. — Marca a côr de castanha. (pintor, Eduardo Braga—Lisboa). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

120. **F. M.** — Vianna do Alemtejo. Fabrico de 1893. — Escola Officina Medico Sousa, fundada em 1893. — Marca gravada na pasta.

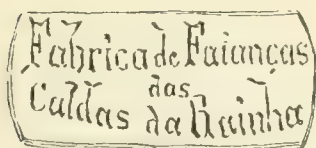
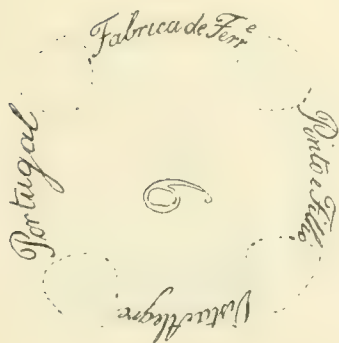
ESTREMOZ

121. **F. A.** — Estremoz. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Pertence ao Sr. Alberto de Oliveira — Alandroal.

122. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1903 por Etelvino dos Santos (fabricação caseira). — Marca gravada na pasta.

123. **P. A.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico do prim. periodo. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Piuto Basto. — Marca riscada na pasta.

124. **F. M.** — Lisboa (?) Fabrico de 1863. — Wenceslau Cifka (primeiros ensaios). (Cozia na fabrica Constancia). — Marca a azul. — Collecção do Sr. Bigaglia — Lisboa.

125. **F. M.** — Lisboa (?) Fabrico de 1863. — Wenceslau Cifka (primeiros ensaios). (Cozia na fabrica Constancia). — Marca a azul. (Variante da marca antecedente.) — Collecção do Sr. Bigaglia — Lisboa.

126. **P. P. M.** — Fabrica Constancia *(Lisboa)* Fabrico de 1885 a 1896. — Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Miguel José Sequeira. — Marca estampada, differentes côres.

127. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1884 a 1894. — Fabrica fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro (director artistico). — Marca gravada na pasta.

128. **P. A.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a tinta cinzenta. — Nossa collecção — Lisboa.

129. **P. A.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a tinta vermelha.

N. B. — Esta peça e a antecedente, pires e chicara, completam-se.

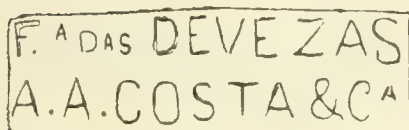
130. **P. P. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1870. Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca estampada a differentes côres (1.ª marca).

131. **F. M.** — Alcobaça. Fabrico de 1894. — Fabrica fundada em 187... por José dos Reis. — Marca gravada na pasta.

132. **P. P. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1855. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca estampada (differentes côres).

FABRICA DE S.^{TO} ANTONIO
PORTO.

133. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. — Fabrico de 1845 (?) — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. (Periodo de João Araujo Lima.)

N. B. — N'algumas peças, a palavra PORTO segue as palavras SANTO ANTONIO, na mesma linha, com um ponto entre estas e aquella.

134. **F. M.** — Fabrica do Desterro *(Lisboa)*. Fabrico de 1897. — Marca a côr de castanho-vermelho (estampada). — Collecção do Sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

Prato, decoração a tinta côr de castanha-vermelho, estampada. St.º Antonio a prégar aos peixinhos. Inscripção — «Ao grande defensor da fé e Gloria de Portugal, 1195 — 1895».

Fabrica Sabido 1904

135. **F. M.** — Campolide *(Lisboa)*. Fabrico de 1904. — Fabrica de Productos Ceramicos de Campolide, de Casimiro José Sabido & Irmão, fundada em 1901. — Marca a roxo claro.

136. **F. M.** — Devezas *(Caya)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa. — Marca gravada na pasta.

137. **F. M.** (Louça ingleza). — Alcantara *(Lisboa)*. Fabrico de 1895. — Fabrica fundada em 1885, por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca estampada.

138. **F. M.** — Alcantara *(Lisboa)*. Fabrico de 1886 em deante. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca estampada (louça estampada).

139. **F. A.** — Aveiro. Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Custodio Ferreira da Silva (?) — Marca a azul. — Pertence ao Rev.º Prior de Vera Cruz — Aveiro.

140. **F. A.** — Aveiro. Fabrico do ult. terço do seculo XVIII. — Custodio Ferreira da Silva (?). — Marca a azul. — Museu Industrial e Commercial do Porto.

141. **B. A. E.** — Lisboa. Fim do sec. XVIII. — Escola de Joaquim Machado de Castro. — Marca gravada na pasta (esculptor, Faria).

F.AVEÎRO

142. **F. A.** — Aveiro. Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Custodio Ferreira da Silva (?) — Marca a côr de vinho. — Pertence ao Sr. Visconde de Alverca. — Coimbra.

143. **F. A.** — Fabrica da Bandeira *(Gaya)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Gaspar Gonçalves de Castro (?). — Marca a azul. (Vide explicação da m. 66.) — Museu Municipal Azuaga — Villa Nova de Gaya — Porto.

144. **F. A.** — Vianna do Castello (?). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Vide m. 66.) — Museu Industrial e Commercial do Porto.

145. **F. A.** — Fabrica da Bandeira (?). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Gaspar Gonçalves de Castro (?) — * Marca a tinta ? (Vide M. 67.)

146. — Variante da marca antecedente. (Vide m. 68.)

F · C

147. **F. M.** Prado *(Braga)*. Fabrico moderno. - Francisco Carvalho. - Marca gravada na pasta.

F.C.

148. **F. M.** — Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira *(Porto)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 182... Actuaes proprietarios, Dias de Freitas & Filhos. — Marca a amarello.

Sobre os nomes dos fundadores, vêr pag. 129.

F.C.

149. **F. M.** — Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira *(Porto)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 182... Actuaes proprietarios, Dias de Freitas & Filhos. — Marca a azul.

150. **F. M.** — Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira *(Porto)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 182... Actuaes proprietarios, Dias de Freitas & Filhos. — Marca a branco, fundo côr de castanha.

F.CARVALHINO

151. **F. M.** — Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira *(Porto)*. Fabrico recente. Fabrica fundada em 182... Actuaes proprietarios, Dias de Freitas & Filhos. — Marca a azul. (Deve ler-se *Carvalhinho* e não *Carvalhino;* talvez o erro fosse nosso, quando a copiámos.)

F.C.B

152. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca gravada na pasta.

153. **F. M.** — Pousa *(Barcellos)*. Fabrico de 1902. — «Fabrica Ceramica Eira», freguezia da Pousa, concelho de Barcellos. — Proprietario, Joaquim Loureiro Eira. — Marca em relevo.

F f. 1879
Lisbonne.

154. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1879. — Marca a verde (pintor, D. Fernando de Coburgo, Rei de Portugal). — Pertence ao Sr. D. Fernando Eduardo de Serpa Pimentel — Lisboa.

F f. 1880
Lisbonne

155. **P. P. M** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1880. — Marca a azul (pintor, D. Fernando de Coburgo, Rei de Portugal). — Paço da Pena — Cintra.

156. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de Julho de 1725. — Marca riscada na pasta. (R.) (Esculptor, Bartholomeu de Lemos.)

157. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 24 de Dezembro de 1739. — Marca riscada na pasta. (R 1/2.) (Esculptor, J. A. P.) — S. José. — Nossa collecção — Lisboa.

158. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 2 de Outubro de 1739. — Marca riscada na pasta. (R 1/2.) (Esculptor, J. A. P.) — Virgem. — Nossa collecção — Lisboa.

159. **F. A.** (Azulejo) — Juncal *(Alcobaça)*. Fabrico de 1781. — Fabrica fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Marca a azul (R 1/4.) — Capella de Santa Maria Magdalena, Capuchos — Alcobaça.

160. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro — Marca (do pintor) a côr de castanha. — Peças especiaes.

161. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 188[illegible] 1891. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a differentes côres. — Louça branca ordinaria.

F. F. C. R.

RBP

162. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1895. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, R. B. Pinheiro. — Marca gravada na pasta.

F. ELIAS

162 A. **B. M. E.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1906. — Fabrica fundada em 1884. Direcção, M. G. Bordallo Pinheiro. — Marca gravada na pasta (Francisco Elias, operario da fabrica).

Esta marca assigna o perfil — baixo-relevo sobre uma folha de hera — de Raphael Bordallo Pinheiro, envolvido nos seguintes dizeres: «Homenagem ao grande mestre». Do lado opposto: «Recordação do sarau de 22 de Abril de 1906».

162 B. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII Ferreira. — Marca a azul. (Variante das marcas 346, 347 e 348 ?) — Collecção do actor Ferreira da Silva — Bemfica.

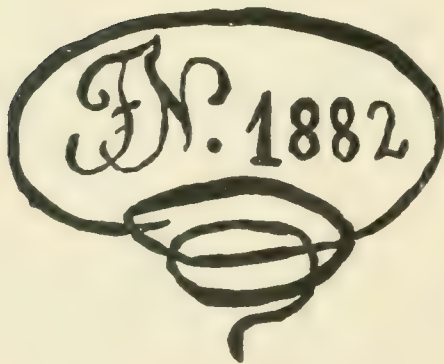
N. B. — A presente marca pertence a uma peça (gamella), cuja decoração é perfeitamente egual á de dois pratos da nossa collecção. — (M. 347.)

163. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1884. Fabrica fundada em 1875 por Francisco Gomes d'Avellar. Fechou em 1897. — Marca gravada na pasta.

FN

164. — **F. M.** Fonte Nova (*Aveiro*). Fabrico de 1902. Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmão. — Marca a azul.

FN

165. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1900. Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmão. — Marca gravada na pasta.

166. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico do prim. periodo da fabrica.—Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a ouro.

167. — Variante da marca antecedente.

168. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1882. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul. (R. 1/3) (Peça da 1.ª fornada.) — Nossa collecção — Lisboa.

169. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1882. Fabrica fundada em 1882 por Luiz da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a vermelho-violeta. (Peça da 1.ª fornada.) — Pertence ao Sr. Marques Gomes — Aveiro.

170. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII.—Marca a azul.—Collecção do Sr. Serafim das Neves—Vianna do Castello.

171. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1900. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul.

FONTE NOVA 1891

172. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1891. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul.

Fonte Nova .AVEIRO.

173. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1883. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul. (2.ª marca usada por esta fabrica.)

174. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico moderno. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca gravada na pasta.

Fonte Nova Aveiro 7-9-89

175. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 7 — 9 — 89. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — — Marca a cinzento. (R. 1/3)

F R

176. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul. (2.º periodo, Sebastião de Almeida.) — Nossa collecção — Lisboa.

F.R

177. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul. (2.º periodo, Sebastião de Almeida.)

F.R.

178. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1768 (?) — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul claro. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

179. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul.

Estava a vender na loja do Sr. Luiz Antonio, Casa de antiguidades, Rua da Escola Polytechnica — Lisboa, em 1903.

180. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. — * Marca a azul.

181. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul.

182. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul.

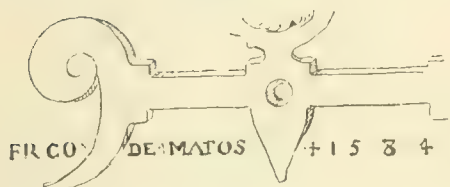
183. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul. — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

184. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a côr de vinho.

185. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul.

186. **F. A.** — Norte do paiz (talvez Aveiro). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Ferreira (?) — Marca a roxo escuro. — Museu do Instituto — Coimbra.

187, 188. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1771 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul escuro. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

189. — **F. A.** — Real Fabrica do Rato (*Lisboa*). Fabrico de 1770 (?) — Fabrica fundada em 1767. Marcas a azul. (Da fabrica, do mestre Sebastião de Almeida, e do pintor ?). — A' venda em Villa Viçosa, Casa de antiguidades de João Maria Espanca (1906).

190. **F. A.** — Lisboa. Fabrico de 1766 — Francisco Almeida em Lisboa, Fabrica Real, ou Francisco Almeida, Fabrica Real (?) — Marcas a cor de vinho. — Pertence a S. M. A Rainha D. Amelia — Paço da Pena — Cintra.

191, 192. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1771. — Fabrica fundada em 1767. — Periodo de Sebastião de Almeida. — Marcas a azul. (O V é marca do pintor.)

193. **F. A.** — ? — Fabrico do sec. XVIII. — Francisco (?) — Marca a azul. — Museu do Instituto — Coimbra.

Prato decorado a azul, typo da faiança de Delft.

194. **F. A.** (azulejo) — Lisboa. Fabrico de 1584. — Marca a azul. (R.) (Pintor, Francisco de Mattos.) — Capella de S. Roque, na egreja d'esta invocação — Lisboa.

195. **F. A.** — ? — Fabrico do fim sec. XVIII. — Marca gravada na pasta. — Museu do Instituto — Coimbra.

196. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a côr de vinho escuro. (Vide 334.) — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

197. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a amarello. — Collecção do Sr. Dr. J. Luiz da Fonseca — Lisboa.

198. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

199. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul claro. — Nossa collecção — Lisboa.

200. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul. — Pertence ao Sr. Manuel Antunes — Lisboa.

201. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)* Fabrico de 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

202. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul claro. — Nossa collecção — Lisboa.

203. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 176... — Fabrica fundada em 1767. Sebastião Ignacio de Almeida. — * Marca a azul.

204. **F. A.** — Real Fabrica do Rato (?) *(Lisboa)*. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1767. Marca a côr de castanha. — Nossa collecção — Lisboa.

205. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. – Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — Marca a azul. — Pertence ao Sr. Visconde da Asseca Lisboa.

206. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — * Marca a azul.

207. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — * Marca a azul.

208. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — * Marca a azul.

209. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — Marca gravada e coberta a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

210. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. Periodo de Thomaz Brunetto. — Marca a azul. (A estrella por baixo do monogramma é exemplo unico. Talvez signal de experiencia de tinta, ou marca do pintor.) — Collecção do Sr. D. José Pessanha — Lisboa.

211. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita.—Marca a azul (pintor, D. Fernando Serpa — Lisboa.) — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

212. **F. A.** — Massarellos (?) *(Porto)*. Fabrico de 1786 em diante. — Fabrica fundada em 1738 por Manuel Duarte Silva. — Marca a côr de castanha. (Tempo de Domingos Ferreira da Silva Guimarães ?)

F VA
1865

213. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1865. Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a ouro.

F.VA.
1865.

214. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1865. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a violeta.

G

215. **F. Feldspathica M.** — Alcantara *(Lisboa)*. Fabrico de 1899. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca gravada na pasta. (Marca do oleiro ; em lettras do mesmo typo, desde A até á letra do alphabeto correspondente ao numero dos oleiros.)

216. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

217. **F. A.** — Prado. *(Braga)* (?). Fabrico do sec. XVIII. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — Não temos bastante confiança n'esta peça para a darmos como indiscutivelmente portugueza. No entanto, póde attribuir se ao Prado.

218. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintor, Henrique Possolo — Lisboa). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

219. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. (Typo de Rouen.) — Marca a azul. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

H R Serra
Caldas 22-12-99

220. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1899 por Herculano Rodrigues Serra. — Marca riscada com a palheta. (R.)

221. **F. A.** — Penafiel (?). Fabrico do fim do seculo xviii. — Marca a azul.

222. **F.** — ? — Marca ?

N. B. — Esta marca foi nos fornecida, sem mais apontamento algum, por um amigo, que a tirou d'uma peça encontrada na provincia do Minho.

223. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintora D. Anna Jechtel — Lisboa). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

224. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico da seg. met. do seculo xviii. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

Typo accentuadamente de Rouen.

225. **F. A.** — Penafiel (?). Fabrico da seg. met. do sec. xviii. — Marca a azul.

226. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 185... — Marca (?) (Pintora, Infanta D. Antonia de Bragança.)

N. B. — No catalogo do leilão dos bens mobiliarios de El-Rei D. Fernando, figura um prato, n.º 1965, faiança azul e branca, marca A-E, attribuido á Infanta D. Antonia de Bragança. Desconhecemos a marca, porque não vimos a peça; mas reproduzimos a assignatura com que a Infanta firmava os seus trabalhos artisticos.

227. **F. A.** — Vianna do Castello. Fabrico do fim do sec. xviii. — Fabrica de José da Costa. — Marca a côr de vinho. (Vide m. 259.) — Collecção do Sr. Seraphim das Neves — Vianna do Castello.

ÎF^N^
^PORTO^

228. **F. A.** — Fabrica Nacional (*Porto*). Fabrico do meado do sec. XVIII — Fabrica fundada em 175... — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Moura Cabral — Porto.

229. **F. A.** — Castello Picão — Mocambo *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres (?) — Marca a azul. (Vide variantes, 230, 233, 234, 235 e 326). — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

N3

230 **F. A.** — Castello Picão — Mocambo *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

(Vêr pag. 71, chamada 1.)

P

231. **F. A.** — Lisboa (?). Fabrico da seg met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1769 por Paulo Pauletti, na travessa dos Ladrões (?). — Marca ? (Vide M. 353.)

232. **F. A.** — Villa Nova de Gaya. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Francisco Rossi (?) — Marca a azul. (Vide M. 446.) — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

233 **F. A.** — Castello Picão — Mocambo *(Lisboa)*. — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres. — Marca a azul.

A vender no Palacio de Cristal do Porto, em 1904.

234. **F. A.** — Castello Picão — Mocambo *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres. — Marca a azul.

A vender no Palacio de Cristal do Porto, em 1904.

235. **F. A.** — Castello Picão — Mocambo *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres. — Marca a azul.

A vender no Palacio de Cristal do Porto, em 1904.

J

236. **F. Feldspathica.** Alcantara (*Lisboa*). Fabrico de 1886 a 1890. — Fabrica fundada em 188[illegible] por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca gravada na pasta (do oleiro).

JAC

237. **F. M.** Caldas da Rainha. Fabrico de 1870 a 1875. — Marca gravada na pasta. — Collecção do Sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

J.C

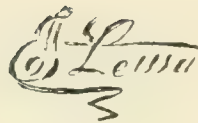
238. **P. P. M.** Lisboa (?). Fabrico de 1875. Marca gravada na pasta. (Prato estampado.) — Museu das Janellas Verdes — Lisboa.

239. **F. M.** Caldas da Rainha. Fabrico de 1902. Fabrica fundada em 1876 por João Coelho Cesar. — Marca gravada na pasta.

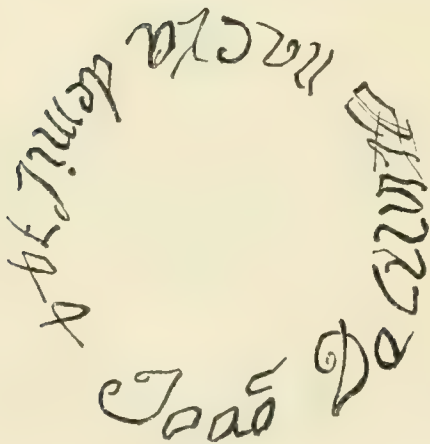
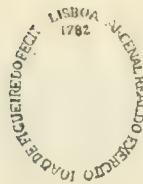
240. **F. M.** Caldas da Rainha. Fabrico ? Fabrica de José de Sousa & Filhos. — Marca gravada na pasta.

241. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico do fim do sec. XIX. — Fabrica de faiança de José Francisco de Sousa, fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — Marca gravada na pasta.

242. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1894. — Marca a azul. (R.) (Pintor, Julio Guerra). — Pertence ao Sr. D. José Pessanha — Lisboa.

JH.

243. **F. M** — Fonte Nova (*Aveiro*). Fabrico de 1885 a 1895. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor, Dr. Julio Augusto Henriques. — Coze na Fabrica da Fonte Nova).

244. **F. M.** — Lisboa ou Porto. Fabrico de 187... — Marca em relevo. (Pote para tabaco, ornamentação em relevo, esmalte amarello.) — Museu das Janellas Verdes — Lisboa.

245. **B. A. E.** — Lisboa. Fabrico de 1878. — Marca gravada na pasta (esculptor barrista, José Pedro da Cruz Leiria).

246. **B. A. E** — Cascaes. Fabrico de 1880 — Marca gravada na pasta (esculptor barrista, José Pedro da Cruz Leiria).

247. **P. A.** — Rio de Janeiro. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — João Manso Pereira. — Marca em relevo. (Dobro do original.) — Academia Real das Sciencias de Lisboa.

248. **B. A. E.** (colorido). — Lisboa. Fabrico de 1766. — (Esculptor, Joaquim Machado de Castro.) — Marca a tinta côr de castanha (no entablamento do motivo architectonico). — Presepio — Capella da charola da Sé — Lisboa.

249. **B. A.** — Aveiro. Fabrico de 1744. — João da Cruz. — Marca riscada na pasta. (R.) — (Peça em fórma de disco, destinada talvez a levar doces ao forno.) — Nossa collecção — Lisboa.

250. **P. A.** — Lisboa. Fabrico de 1782. — Arsenal Real do Exercito. — Marca em relevo. (Gravador, João de Figueiredo; ceramista, Bartholomeu da Costa.)

251. **F. A.** — Bica do Sapato *(Lisboa)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 17[illegible] Marca a azul. (R 1/3.) (Pintora ceramista, Joaquina Rosa ?) — Pertence ao Sr. D. José Pessanha — Lisboa.

252. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul. (Pintor de azulejos, Jorge Colaço. Coze na Real Fabrica de Louça em Sacavem.)

253. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1895. — Fabrica fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — Marca gravada na pasta.

254. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1897 a 1902. — Fabrica, fundada em 1897, de José Domingos d'Oliveira *(Carneirinho)*. — Marca gravada na pasta.

255. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1899 a 1902. — Fabrica, fundada em 1897, de José Domingos d'Oliveira *(Carneirinho)*. — Marca riscada com a palheta. (R.)

256. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1899 a 1902. — Fabrica, fundada em 1897, de José Domingos d'Oliveira *(Carneirinho)*. — Marca riscada com a palheta. (R.)

257. **F. M.** — Lisboa. Fabrico recente. — Marca a azul (pintor de azulejos, José Leite). — Lisboa.

258. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico da prim. met. do sec. XVIII. — Marca em relevo (esculptor, Joseph Fonseca ?) — Nossa collecção — Lisboa.

259. **F. A.** — Vianna do Castello. Fabrico do fim sec. XVIII. — Fabrica de José da Costa (?) — Marca a castanho escuro. (R.) (Vide m. 227.) — Collecção do Sr. Seraphim das Neves — Vianna do Castello.

260. **F. M.** — Constancia (*Lisboa*). Fabrico de 1904 — Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Miguel José Sequeira. — Marca a azul. (José Pinto, pintor da Fabrica Constancia, ás Janellas Verdes.)

261. **F. M.** — Constancia *(Lisboa)*. Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Miguel José Sequeira. — Marca a azul. (R$^1/_2$). (José Pinto, pintor da Fabrica Constancia, ás Janellas Verdes.) — Pertence á Fabrica.

262. **F. A.** — Porto. Fabrico do principio do seculo XIX (1820). — Marca riscada na pasta. — Museu do Instituto — Coimbra.

Talvez da fabrica, que, junto com outros oleiros, João José da Fonseca dirigiu em Villa Nova de Gaya: a Fabrica do Cavaco. — Louça genero inglez (?).

263. **F. A.** — Juncal *(Alcobaça)*. Fabrico de 178... Fabrica fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Manuel Vieira Natividade — Alcobaça.

264. **P. P. M.** — Porto. Fabrico de 1904. — Marca a azul; (pintor, José Romão Junior — Porto.) (Placa, retrato de Rossini.)

265. **F. M.** — Fonte Nova (*Aveiro*). Fabrico de 18[illegible] — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor, José Romão Junior). — Pertence ao Sr. Annibal Fernandes Thomaz — Lisboa.

266. **F. M** — Fonte Nova (*Aveiro*). Fabrico de 1892. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor, José da Silva).

267. **F. A.** — Massarellos (*Porto*). Fabrico de 1830 a 1850. — Fabrica fundada em 1738 por Manuel Duarte Silva. — Marca a azul. (Periodo de João da Rocha e Sousa.) Collecção do Snr. Antonio Arroyo — Lisboa.

268. **F. A** — Lisboa (?). — Fabrico do ult. terço do sec. XVII. — Marca a côr de vinho (avivada com ranhuras sobre o esmalte). (Vide m. 475.) — Nossa collecção — Lisboa.

269. **B. A.** — Aveiro. Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Marca riscada na pasta (esculptor em barro vermelho, José Dias dos Santos, julho 26). — Nossa collecção — Lisboa.

270. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a azul. — Museu Industrial e Commercial do Porto.

N. B. — Esta peça (travessa) está marcada na frente, porque toda a parte opposta é esmaltada a castanho escuro. A decoração, a azul, resume-se n'um pequeno cesto com flores e na aba a faixa de Rouen. Maior dim. 0,41 1/2. Temos uma peça egual. São os unicos exemplares que conhecemos com a parte exterior esmaltatada na côr que indicamos. Fabrico do primeiro periodo de Darque?

271. **B. A. E.** — Lisboa — Fabrico de 179... — Marca riscada na pasta (esculptor barrista, Antonio Ferreira). — Presepio da Basilica da Estrella — Lisboa.

Esta marca encontra-se na base de uma das ovelhas que fazem parte do presepio da Estrella. A não ser de A. Ferreira, é naturalmente de algum artista que collaborou com elle.

272. **F. M.** — Lisboa. Fabrico de 1882. — Marca a verde escuro (pintor, Antonio Luiz de Jesus). (Vide m. 18.)

273. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Cammandita. — Marca a azul (pintor da Real Fabrica de Louça de Sacavem, Luiz de Campos).

274. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintor da Real Fabrica de Louça de Sacavem, Luiz de Campos).

275. **F. M.** (Azulejo) — Lisboa. Fabrico de 1906. — Marca a azul (pintor, Joaquim Luiz Cardoso).

276. **B. M. E.** — Lisboa. — Fabrico de 1878. — Marca riscada na pasta (esculptor, José Pedro da Cruz Leiria — R. de S. Bento).

277. **F. A.** — ? — Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Marca a azul. (R.) — Collecção do Snr. Conde do Ameal — Coimbra.

Prato, ornamentação a azul, typo grosseiro. — Diam. 0,30.

278. **P. P. M.** (meia porcelana). — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1905. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintor de azulejos, Levy Bensabat — Lisboa).

279. **F. A.** — ? — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a côr de vinho. — Museu do Istituto — Coimbra.

Peça ordinaria, talvez decorada por algum aprendiz.

280. **F. A.** — ? Fabrico ? — ? Marca ?

281. **F. M.** — Lisboa ? Fabrico de 1886. — Marca a azul-preto (pintor de louça, Lopes). — Faiança grosseira. — Collecção do Snr. João Rosa — Lisboa.

282. **B. A.** — Aveiro. Fabrico de 1775. — Lopes (oleiro). — Marca riscada na pasta. (R. 1/3.) — (Vide m. 249.) — Nossa collecção — Lisboa.

283. **F. Feldspathica M.** — Alcantara *(Lisboa).* Fabrico de 1886 em diante. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca a vermelho e a preto.

284. **F. Feldspathica M.** — Alcantara *(Lisboa).* Fabrico de 1897 em diante. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca gravada na pasta. (Marca da louça decorada á mão.)

285. **B. M.** — Lisboa. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1893 por José da Silva Rocha. — Marca gravada na pasta.
Imitação dos productos de Estremoz.

286. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa).* Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a sepia (pintor da Real Fabrica de Louça de Sacavem, Luiz de Campos).

287. **P. P. M.** — Porto. Fabrico de 1905. — Luiz Teixeira de Queiroz. — Marca a azul. (Esta marca é usada por este commerciante, nas peças que manda fazer a differentes fabricas do Porto, para vender no seu estabelecimento — Rua da Assumpção, 33 a 36 — Porto.)

287 A. **P. M.** — Lisboa. Fabrico de 1904 — Marca a vermelho (pintora de porcelana, D. Luiza da Silva — Lisboa). — Pertence ao Snr. Manuel José da Silva — Lisboa.

287 B. **P. M.** — Lisboa. Fabrico de 1905. — Marca a vermelho (pintora de porcelana, D. Luiza da Silva — Lisboa). — Pertence ao Snr. Manuel José da Silva — Lisboa.

288. **F. A.** — Porto (?). Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Marcas a azul. (Na mesma peça — prato decoração a verde — a presente marca e que segue.) — Collecção do Snr. Conde do Ameal — Coimbra.

289. — Vide explicações da marca antecedente. Marca a azul.

290. **F. A.** ? — Fabrico do meado do sec. XVIII. — * Marca a azul.

291. **P. M.** — Lisboa. — Fabrico de 1881. — Marca a verde (pintora de porcelana, faiança e azulejos, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro).

292. — Vide explicações da marca 22, repetida neste logar por não haver a certeza de qual das iniciaes será a primeira.

293. **F. M.** — Sacavem. *(Lisboa).* Fabrico de 1884. Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a verde (pintora amadora, D. Maria Francisca Meuron d'Araujo — Lisboa). — Pertence ao Snr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

294. **P. P. M.** — Massarellos *(Porto).* Fabrico de 1905. — Fabrica fundada em 1900 por William Mac Laren. — Marca a verde.

295, 296. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro).* Fabrico de 1892. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. Marcas a azul (pintor de retratos da Fabrica da Fonte Nova, Joaquim de Magalhães).

297. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita.—Marca a côr de castanha. (R. 1/3.) (Pintora amadora, D. Maria Francisca Meuron d'Araujo — Lisboa.) — Pertence ao Snr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

298. **F. M.** — Coimbra. Fabrico recente. — Marca a azul (pintora de faiança, D. Maria Anna Mousinho de Albuquerque de Mascarenhas Gaivão).

MANSO
R.JAN.

298 A. **P. A.** — Rio de Janeiro. Fabrico do fim do sec. XVIII. — João Manso Pereira. — Marca gravada na pasta.—Pertence ao Sr. Conde do Almarjão — Lisboa.

299. **F. A.** — ? -Fabrico do fim do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. (R 1/3). — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

300. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1886. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica de Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca riscada na pasta (esculptora-barrista, S. M. a R. D. Maria Pia).

Pequena peça de faiança, esmaltada a amarello escuro, cozida na fabrica dirigida por Raphael Bordallo Pinheiro. Tem no bôjo tres figuras, toscamente indicadas: d'um lado, S. M. a R. D. M. Pia e uma creança — allusão á pouca edade que ao tempo tinha o Conde de Arnoso — e a fonte da Copa, em que o celebre Sebastião enche um copo d'agua. Do lado opposto ao descripto grupo, o monogramma B. P. Trabalho de S. M., offerecido ao Conde de Arnoso. Alt. 0,07, maior diam. 0,11.

Maria L. G
31/12/84

301, 302. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1884 — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marcas a azul (pintora amadora, D. Maria Francisca Meurou d'Araujo — Lisboa.) — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

MARQVES

303. **F. A.** — Lisboa ? — Fabrico da seg. met. do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. (R. $^{1}/_{2}$.) — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

304. **P. P. M.** — Massarellos *(Porto)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1900 por William Mac Laren. — Marca a vermelho.

305. **P. P. M.** — Massarellos *(Porto)*. Fabrico de 1905. — Fabrica fundada em 1900 por William Mac Laren & C.ª — Marca gravada na pasta.

MATOS

306. **F. A.** — ? — Fabrico do meado do sec. XVIII. — Fabrica Real, Mattos (?). — Marca a côr de vinho. (R. $^{1}/_{3}$) — Museu do Instituto — Coimbra.

MATO
V

307. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII — Marca a côr de vinho.

Maya

308. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico do sec. XVIII. — Marca riscada na pasta (esculptor, Maya). — Pertence á Sr.ª D. Rosa G. Gamellas — Aveiro

309. **B. A. E.** – Aveiro. Fabrico de 22 de Maio de 1761. — Marca riscada na pasta. (R. 1/3.) (Esculptor, Gaspar. — Virgem da Conceição.) — Pertence á Sr.ª D. Rosa Gamellas — Aveiro.

310. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1884. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a côr de castanha (pintora amadora, D. Maria Benedicta de Sousa de Meuron Araujo — Lisboa). — Pertence ao Snr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

311. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico da 1892. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintora amadora, D. Maria da Conceição. — Coze na Fabrica de Fonte Nova).

312. **F. M** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1857 a 1870. — Fabrica fundada em 1853 por Manuel Cypriano Gomes Mafra. — Marca gravada na pasta (4.ª marca). — Nossa collecção — Lisboa.

313. **P. P. M.** — Porto. Fabrico de 1901 — Marca a azul (pintor de louça, M. C. R. — Porto).

314. **F. A.** — ? — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca riscada no esmalte. — A' venda no Bazar Catholico — Avenida da Liberdade — Lisboa. (1903).

315. F. A. — Juncal *(Alcobaça)*. Fabrico de 1811. — Fabrica fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Marcas a côr de vinho (pintor, Manuel Coelho). (R. 2/3). — Collecção do sr. Manuel Vieira Natividade — Alcobaça.

315. A. F. A. — ? — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do actor Ferreira da Silva — Bemfica.

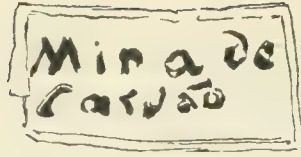
316. F. A. — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica Mendes. — Marca a côr de vinho escuro. (Esta marca tem um só numero em vez de dois, como a que lhe corresponde, com os n.os 363 e 364. De resto, não tem importancia.) — Nossa collecção — Lisboa.

317. F. A. — ? — Fabrico do meado do sec. XVIII. — Fabrica Real, Mattos (?) — Marca a côr de vinho. — Museu do Instituto — Coimbra.

318. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1884. — Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a azul. (R. 1/3) (Pintor d'azulejos, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.)

319 e 320. F. A. — Lisboa (?) Fabrico do princ. do seculo XIX. — Marcas a côr de vinho, primeiro grupo; a verde, segundo grupo, e o *R* a azul. — Collecção do Sr. Dr. J. Luiz da Fonseca — Lisboa.

Vasos de jardim, fórma classica. Asas, duas carrancas. Pintura, estylo Renascença. Côres: azul claro e escuro de Sèvres, verde, amarello muito claro e laranja. As marcas no lado interior da peça. Alt. 0,m385; diam., 0,m39.

Estas peças, pela qualidade da pasta, tanto podem ser de Rouen, como de alguma fabrica de Lisboa e, com mais probabilidades, da do Rato, apesar de as côres divergirem das que, em geral, se empregavam n'esta fabrica.

321. **F. A.** — Cabo Mondego *(Coimbra)*. Fabrico 1776. — Marca a côr de castanha. — Academia Real das Sciencias — Lisboa.

Miragaia
Porta

322. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico de 1840. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Collecção do sr. Conde do Ameal — Coimbra.

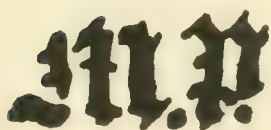
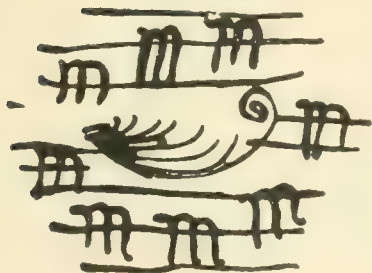
323. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

324. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (Familia «desenho miudo».) — Nossa collecção — Lisboa.

325. **F. A.** — ? — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a azul. (Esta marca póde interpretar-se de mais de uma maneira, invertendo-a.) — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

326. **F. A.** — Castello Picão — Mocambo — *(Lisboa)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Joaquim Rodrigues Milagres. — Marca azul. — Collecção do sr. Conde do Ameal — Coimbra.

M.L.PEREIRA

326 A **F. M.** — Lagôa *(Ilha de S. Miguel)*. — Fabrico moderno. — Fabrica fundada em 1872 por Manuel Leite Pereira. — Marca gravada na pasta.

327. **F. M.** — Sacavem. *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintora amadora, D. Maria Francisca Meuron d'Araujo — Lisboa). — Pertence ao sr. Conselheiro Araujo — Lisboa

328. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1870. — Fabrica fundada em 1853 por Manuel Cypriano Gomes Mafra. — Marca gravada na pasta.

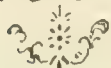
229. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada novamente em 1897 por Manuel Cypriano Gomes Mafra. — Marca gravada na pasta.

330. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1870 em diante. — Fabrica fundada em 1853 por Manuel Cypriano Gomes Mafra. — Marca gravada na pasta (usada depois que Mafra foi nomeado fornecedor da Casa Real).

331. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1870 em diante. — Fabrica fundada em 1853 por Manuel Cypriano Gomes Mafra. — Marca gravada na pasta (usada depois que Mafra foi nomeado fornecedor da Casa Real).

331 A. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do principio do seculo XVII. — Marca a azul. (R $^1/_2$) — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

332. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

4-2-85

333. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1875. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a côr de castanha (pintor amador, Manuel Braga S. Romão — Lisboa). — Pertence ao Sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

NAREAL
FABRICA
DOCAVAQUI
NHO.
PORTO

334. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a côr de vinho. — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

335. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico da seg. met. do sec. XVII. — Marca a azul. (R 1/3.) — Collecção do Sr. Julio Carneiro Geraldes — Vianna do Castello.

336. **B. A E.** — Obidos. Fabrico de 1645 (?). — Marca riscada na pasta (esculptora, Josepha d'Obidos (Ayala). — Collecção do Sr. Visconde de Sacavem (José) — Lisboa.

337. **F. A.** — Villa Nova de Gaya (?) Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica Nacional (?). Francisco Rossi. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Lisboa.

N.S.R.

338. **F. A.** — ? — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a verde. — Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa.

339. **F. M.** — Estremoz. Fabrico actual. — Olaria Alfacinha. — Marca gravada na pasta.

340. **P. P. A.** (genero inglez).—Villa Nova deGaya (?) Fabrico do prim. terço do sec. XIX. — Marca gravada na pasta — Museu do Instituto — Coimbra.

341. **F. A.** — ? — Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — * Marca gravada na pasta. — Pertence ao Sr. Sousa Lima.

342. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico do sec. XVII — Marca a côr de vinho escuro. — Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

343. **F. A.** — Prado (?) *(Braga)*. Fabrico do ultimo terço do sec. XVII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal. — Coimbra.

344. **F. A.** — Porto. Fabrico fim do sec. XVIII — Marca ?.

N. B. — Esta marca foi-nos dada por um amigo, que a calcou n'uma peça de faiança antiga, no norte do paiz, sem mais explicação. Pela fórma do P, é evidentemente do Norte, talvez do Porto.

345. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

346. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul. — Museu do Instituto — Coimbra.

347. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

348. **F. A.** — Villa Nova de Gaya. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Continuadores de F. Rossi? — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

349. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a azul. — Bibliotheca Publica do Porto. Faixa, estylo Rouen.

350. **F. M.** — Sacavem (*Lisboa*). Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca, differentes côres. (R. $^1/_3$.) (Pintor de paisagem, Gomes Fernandes — Lisboa.)

351. **P. A.** ? Fabrico ? — Marca ponteada, picada na pasta. — Pertence á Ex.ma Sr.a D. Emilia Teives.

352. **F. M.** (azulejo). — Fabrica da Viuva Lamego *(Lisboa)*. Fabrico de 188... — Fabrica fundada em 1849 por Antonio da Costa Lamego. — Marca a azul. (R.) (Pintor de faiança e azulejos, José Maria Pereira Junior. — Coze na Fabrica Lamego.)

Ṗ

353. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1769 por Paulo Pauletti, na travessa dos Ladrões ? — Marca a azul ? (Vide m. 231.)

Esta marca está reproduzida no Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva de Arte ornamental — Lisboa, 1882, com esta unica explicação : *Portugal ?*

O Sr. J. de Vasconcellos reproduz esta marca, alludindo ao mesmo Catalogo (Exposição Ceramica, Porto — 1883), e propõe a attribuição acima.

PİGARA

354. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Dr. Luiz Antonio de Oliveira — Vianna do Castello.

355. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1872 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmão. — Marca a azul (pintor da Fabrica da Fonte Nova, José de Pinho).

Pc(o)

Poto 2

356, 357. **F. A.** — Cabo Mondego *(Coimbra)*. Fabrico de 1756. — Marcas a côr de castanha. — Academia Real das Sciencias — Lisboa.

PORTO—

358. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

PORTO,

359. **F. A.** — Porto. Fabrico do ultimo terço do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

359 A. **F. A.** — Vide explicações da marca 262.

PORTO-2

360. **F. A.** — Porto. Fabrico do ultimo terço do seculo XVIII. — Marca a preto (?). — Collecção do Sr. Antonio Moreira Cabral — Porto.

PORTO-3

361. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho-preto. (R 1/3.) — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

PORTO 1

362. **F. A.** — Porto. Fabrico do ultimo terço do seculo XVIII. — Marca a azul-escuro. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

PORTO.

MENDES.

363, 364. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica, Mendes. — Marca a côr de vinho-escuro. (Vide m. 316.)

365. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1888. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro — Marca a côr de castanha, estampada. (Louça commum, estampada.)

P

POSSÎDONÎO

366, 367. **F. A.** — Porto. Fabrico de sec. XVIII. — * Marcas a azul (?).

368. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

369. **F. A.** — Caminha. Fabrico de 1846 a 1854. — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. Destruida em 1854 por um incendio. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

370. **F. A.** — Caminha. Fabrico de 1846 a 1854 — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. — Marca a verde escuro (variante da antecedente). — Collecção do sr. Alvaro Rego — Lisboa.

371. **F. A.** — Caminha ?. Fabrico de 1846 a 1850 ?. — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. — Marca a amarello.

372. **F. A.** — Caminha ?. Fabrico de 1846 a 1850. — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. — Marca a côr de vinho preto. — Collecção do sr. Alfredo Bensaude — Lisboa.

373. **F. A.** — Miragaya ? *(Porto.)* — Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1875 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca em relevo. — Collecção do sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

374. **F. A.** — Coimbra. ?. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica do Rocio, fundada em 1784 pelo Dr. Domingos Vandelli. — Marca em relevo.

375, 376. **F. A.** — ? — Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Entre o typo do Rato e Rocha Soares ?. Marcas em relevo e a azul. — Collecção do sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello. — Terrina com tampa e travessa; a segunda marca pertence a esta ultima peça.

377. **F. A.** — Caminha. Fabrico de 1846 a 1854. — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. — Marca a verde-preto. — Nossa collecção — Lisboa.

378. **F. A.** — Porto. Fabrico do ult. terço do seculo XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a azul — Collecção do sr. Augusto Luso.

379. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. — Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a amarello. — Collecção do sr. M. Azuaga — Villa Nova de Gaya.

380. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. — Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a preto. (Esta marca é das peças de refugo.)

381. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a côr de vinho. — Nossa collecção — Lisboa.

382. **F. A.** — Norte do paiz *(Porto)* (?). — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a azul-escuro. — Collecção do sr. A. Moreira Cabral — Porto.

383. **F. A.** — Miragaya (Porto). Fabrico do ultimo terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul.

384. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. — Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a côr de vinho.

385. **F. A.** — Porto. — Fabrico do princ. do ultimo terço do seculo XVIII. — Fabrica da rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. — Collecção do sr. A. Moreira Cabral — Porto.

386. **F. A** — Porto. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a amarello.

387. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — * Marca a côr de vinho.

388. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a verde. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

389. F. A. — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

390. F. A. — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a verde. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

391. F. A. — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — * Marca a azul. — Collecção do Sr. G. Tait.

392. F. A. — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — * Marca a azul.

393. F. A — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a verde. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

394. F. A. — Porto. Fabrico do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares — * Marca a azul claro. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

395. F. A. — Coimbra. Fabrico de 1784 a 1787. — Fabrica do Rocio, do Dr. Domingos Vandelli (?) — Marca em relevo. — Museu do Instituto — Coimbra.

396. F. A. — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. — Pertence ao Sr. Jayme de Magalhães Lima — Aveiro.

397. F. A. — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. — Nossa collecção — Lisboa.

398. **F. A.** — Miragaya (*Porto*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a côr de vinho.

399. **F. A.** — Norte do paiz ?. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Typo do Rato — Lisboa — do periodo de Sebastião de Almeida. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Dr. Fidelio de F. Branco. — Lisboa.

400. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

401. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a amarello. — Collec- do Sr. João Caetano da Silva Campos — Vianna do Castello.

402. **F. A.** — Porto. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — * Marca a vermelho. — Collecção do Sr. G. Tait.

403. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a côr de vinho escuro.

404. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico ? — Marca a vermelho.

405. **F. A.** — Porto. Fabrico do ultimo terço do seculo XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares ?. — Marca a azul. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

406. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a azul. — Museu do Instituto — Coimbra.

407. **F. A.** — Porto (?). Fabrico do ult. terço do seculo XVIII. — Marca a auzl.

408. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Murca a azul. — Museu do Instituto — Coimbra.

409, 410. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — * Marca a amarello. (Vide m. 625.) — Collecção do Sr. G. Tait.

411, 412. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. (Vide m. 624.)—Collecção do Sr. Dr. Fidelio de F. Branco — Lisboa.

413, 414. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica da Rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marca a côr de vinho. — Nossa collecção — Lisboa.

415. **F. A.** — Miragaya *(Porto)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. Faz parte da nossa collecção um jarro decorado a azul (azul muito semelhante ao de Darque — V. do Castello) sob esmalte branco, cuja marca apenas differe da presente em ser, no todo, mais delicada, o R. mais pequeno e menos inclinado. Tanto esta peça, como a chicara com a marca em evidencia, foram adquiridas por nós no Porto, ha dez annos.

RAINHA SANTA

416. **F. A.** — Coimbra (?). Fabrico do fim do seculo XVII. — Marca a côr de vinho escuro. (R 1/2) — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

417. F. A. — Vianna do Castello. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho preto. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

418. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico de 1884. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a côr de castanha. (Raphael Bordallo Pinheiro — pintura em azulejo, ensaio.) — Pertence á familia do auctor — Lisboa.

419, 420 e 421. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico de 1883. — Fabrica fundada em 1875 por Francisco Gomes d'Avellar. — Marcas: gravada na pasta, do fabricante da peça (Francisco Gomes d'Avellar — vide m. 163), azul escuro e riscada na tinta, do pintor (Raphael B. Pinheiro). — Nossa collecção — Lisboa.

Ensaios de R. B. Pinheiro na fabrica de Francisco G. d'Avellar.

422. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca a azul (pintor, Raphael B. Pinheiro).

423. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico de 1900. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca gravada na pasta (peças especiaes).

424. F. M. — Caldas da Rainha. Fabrico de 1884. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marcas riscadas na pasta. (Primeiras experiencias.) — Pertence á familia de Raphael B. Pinheiro — Lisboa.

425. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca em relevo.

426. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1900. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Marca gravada na pasta (peças especiaes).

427. **F. M.** — ? — Fabrico de 1850 em diante. — Marca a azul. — Pertence ao Sr. Conselheiro Adolpho Loureiro — Lisboa.

Prato de faiança ordinaria, desenhos geometricos; côres: amarello, azul e verde. Esmalte branco encarniçado. Diam. 0,21.

428. **F. A.** — Caminha. Fabrico de 1846 a 1854 — Fabrica fundada em 1846 por José Martins Ruas. — Marca a côr de vinho preto. — Collecção do Sr. Alvaro de S. Rego — Lisboa.

429. **F. A.** (Azulejo). — ? — Fabrico de 1635. — Marca a azul. (Vide **D.** 572.)

REAL
FABRICA
DABICA.
DOSA=
PATO.

430. **F. A.** — Bica do Sapato (*Lisboa*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1796. — Marca a côr de vinho-escuro. — Collecção do Sr. Dr. José C. E. Azevedo — Lisboa.

REAL FA
BRICA, DE
CUSTO·
DIO FRº
BRA
GA.

431. **F. A.** — Real Fabrica de Custodio Ferreira Braga *(Lisboa ?)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Typo da Bica do Sapato. — Marca a côr de vinho. (R. $^1/_3$). — Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa.

432. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1887. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca estampada (differentes côres).

433. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1894. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca estampada (differentes côres).

434. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. J. Geraldes — Vianna do Castello.

435. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

436. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. — Nossa collecção — Lisboa.

437. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a côr de laranja. — Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa.

438. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul-preto. — Museu do Instituto — Coimbra.

439. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade (*Gaya*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

440. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

N. B. — Pelo aspecto, esta peça parece anterior á data da fundação da fabrica.

441. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a verde. — Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

442. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a côr de vinho escuro. — Collecção do Sr. Antonio Arrovo — Lisboa.

443. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a côr de vinho escuro. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira. — Vianna do Castello.

444. F. M — Sacavem (*Lisboa*). Fabrico de 1885. Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. Marca a sepia. (R. 1/3) (Pintor, Raphael Hogan.) Pertence ao Sr. Conselheiro João Arroyo — Lisboa.

445. F. A. — Norte do paiz. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Antonio Arroyo — Lisboa.

446. F. A. — Villa Nova de Gaya. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Francisco Rossi. — Marca a azul. (Vide m. 232.) — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

447. F. A. — Norte do paiz. Fabrico de 1830 a 1840. — Marca a verde escuro (tinta empolada). — Pertence ao Museu das Janellas Verdes — Lisboa. — Antes, do Convento de Santa Clara.
Floreira, par da que tem a marca 23.

ROBERTO.J.S.

448. F. A. — Constancia (*Lisboa*). Fabrico de 184... — Fbrica fundada em 1836. Actual proprietario, Miguel José Sequeira. — Marca a verde (pintor J. S. Roberto). Esta marca e a seguinte são, em geral, acompanhadas das marcas n.os 100 e 101. — Collecção do sr. Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa.

ROBERTO.J.S.

449. F. A. — Fabrica Constancia (*Lisboa*). Fabrico de 184... Fabrica fundada em 1836. Actual proprietario, Miguel José Sequeira. — Marca a preto? (Pintor, J. S. Roberto.) — Pertence ao sr. Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa.

450. F. A. — Miragaya (*Porto*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1775 por João da Rocha, Antonio Godinho Neves e José Bento da Rocha. — Marca a côr do vinho. — Collecção do Sr. M. de Azuaga — Villa Nova de Gaya (Porto).

451. **B. M. E.** — Lisboa. — Fabrico de 1883. — Marca riscada na pasta (esculptor, José Pedro da Cruz Leiria — R. de S. Bento, 220 e 222).

452. **F. A.** — Barcellos. Fabrico da seg. met. do sec XVIII. — Marca a azul palido. — Pertence ao Sr. Dr. Xavier da Costa — Lisboa.

453. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVIII. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

454. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1903. — Fabrica da actual firma J. F. de Sousa & Salvador de Sousa fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — Marca gravada na pasta.

455. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1880. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca gravada na pasta.

Marca que corresponde ao periodo de Guilherme Howorth (2.º proprietario).

456. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gihnan & Commandita. — Marca gravada na pasta.

456 A. **B. M. E.** — Porto. Fabrico de 1876. — Marca gravada na pasta (esculptor, Santos. — R. das Taipas, 48, Porto).

Encontra-se esta marca nas figuras de barro vermelho, encarnadas e vestes coloridas, que representam, em geral, *costumes* populares e pequenos industriaes do norte do paiz.

457. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico do princ. do sec. XVIII. — Marca riscada na pasta (esculptor-barrista, S. A Rangel). — Pertencia em 1901 á Sr.ª D. Rosa Gamellas — Aveiro.

N. B.—Esta marca carecia de ser confrontada com o original, o que não pudemos fazer, por ignorar quem seja o actual possuidor da esculptura religiosa d'onde, por absoluta falta de tempo, a reproduzimos precipitadamente.

458. **F. A.** — Norte do paiz ?. Fabrico do sec. XVIII. — * Marca a côr de vinho. (R $^1/_3$). - Pertence ao Sr. Augusto da Silva.

459. **F. M.** — Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1891. — Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmãos. — Marca a azul (pintor da Fabrica da Fonte Nova, Joaquim Simões Chuva).

460. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. (R. $^1/_3$) — Museu Municipal Azuaga. — Villa Nova de Gaya (Porto).

461. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1896. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a côr de castanha (estampada). — Collecção do Sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

Prato, filete dourado na borda, decoração estampada, tinta preta. Retrato do Gungunhana sobre esmalte branco. Inscripção : — «4 de Janeiro de 1896. Gungunhana».

N. B. — Peça mandada fazer á V. Alegre pela Casa Grandella, para commemorar a chegada do Gungunhana a Lisboa.

Silva 899

462. **F. M.** Fonte Nova *(Aveiro)*. Fabrico de 1893. Fabrica fundada em 1882 por Carlos da Silva Mello Guimarães & Irmão. — Marca a azul (pintor da Fabrica da Fonte Nova, José da Silva).

463. **F. A.** — Lisboa ?. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a amarello (tinta em relevo). (Vide m. 639.) — A' venda na loja do Sr. Villas — R. D. Pedro V — Lisboa.

S.P.

464. **F. A** — Norte do paiz ?. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Museu Industrial e Commercial — Porto.

465. **F. A.** — ? — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca gravada na pasta.

SPECIMEN DE
LOPES & C.a LISBOA

466. **F. Feldspathica M.** — Alcantara *(Lisboa)*. Fabrico de 1900. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.a Proprietarios actuaes, Lopes & C.a — Marca a azul.

S.S.

467. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

S.S.

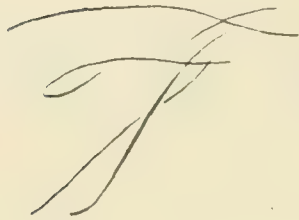
468. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

Entre o typo de Vianna do Castello e o da Bica do Sapato *(Lisboa)*.

469. **F. A.** — Santo Antonio do Valle de Piedade *(Gaya)*. Fabrico de 1840. — Fabrica fundada em 178... por Francisco Rossi. Proprietarios actuaes, Silva & Silva. — Marca a azul. (R. 1/3) — Nossa collecção — Lisboa.

SUCCURSAL
CAMPOLIDE
Lisboa

470. **B. Branco** (chacota). — Succursal, Campolide. *(Lisboa)*. Fabrico de 1896 a 1899. — Fundador, Visconde de Sacavem (José). — Marca gravada na pasta. — Nossa collecção — Lisboa.

Fabrica fundada nas Caldas da Rainha em 1892, transferida para Lisboa (Campolide) em 1896, extincta em 1899.

471. F. A. — Bica do Sapato ? *(Lisboa)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1796. — Marca a côr de vinho. — A vender na loja do Sr. Anastacio, Portas de Santo Antão — Lisboa.

472, 473. F. A. — Alemtejo ? Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Marcas a azul e a côr de vinho. — Pertence ao Sr. Conde do Cartaxo — Lisboa.

474. F. M. — Devezas *(Gaya)*. Fabrico de 1866. — Fabrica fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa. — Marca em relevo. (Esta marca e outras em letra manuscripta — Teixeira & Companhia em abreviatura — foram usadas em 1866 por Teixeira Lopes, pae, nas suas esculpturas em barro cozido) — Collecção do sr. Carlos Ribeiro Ferreira — Lisboa.

475. F. A. — Lisboa ? Fabrico do ult. terço do sec. XVII. — Marca a côr de vinho (avivado com ranhuras sobre o esmalte). Vide m. 268. — Nossa collecção — Lisboa.

476. F. M. — Devezas *(Gaya)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa. Marca a differentes côres. (R. 1/3). — (Pintor, Teixeira Lopes, pae.)

477. F. M. — Devezas *(Gaya)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa. — Marca riscada na pasta (esculptor, Teixeira Lopes, pae).

478. F. A. — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1767 a 1777. — Fabrica fundada em 1767. — Sebastião de Almeida. — Marca a azul. (Pintor ?) — Collecção do sr. Henrique Pinho da Cunha — Lisboa.

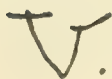
479, 480. F. A. — Lisboa ? Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marcas a côr de vinho. (Vide m. 548.) — Nossa collecção — Lisboa.

481. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Collecção do sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

482. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a azul. — Pertence ao Sr. M. J. Felgueiras.

483. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a amarello. — Pertence ao Sr. M. J. Felgueiras.

484. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a amarello. — Pertence ao sr. M. J. Felgueiras.

485. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. — Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a verde. — Collecção do snr. A. Moreira Cabral — Porto.

486. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho.

487. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1874 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a azul. — Pertence ao sr. M. J. Felgueiras.

488. **F. A.** — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a azul. — Collecção do sr. A. Moreira Cabral — Porto.

489. **F. A.** — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774, por João Araujo de Lima e socios. — Marca a côr de vinho-escuro. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

490. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. José da Penna — Vianna do Castello.

491. F. A. — Fabrica do Cavaquinho *(Porto)*. Fabrico da prim. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Marca a azul. — Pertence ao Sr. Conselheiro Antonio Candido — Lisboa.

492. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. —Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

493. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. J. Azuaga — Villa Nova de Gaya — Porto.

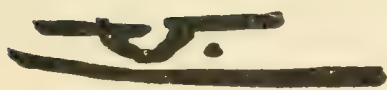
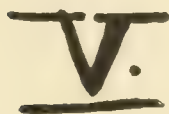
594. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do fim do sec. XVIII (D. Maria I). — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. Marca a amarello. — Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

495. F. A. Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do princ. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1784 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

496. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1773 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. J. Azuaga — Villa Nova de Gaya — Porto.

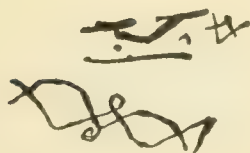
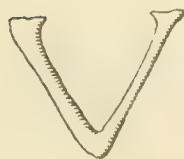
497. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a amarello. — Collecção do Sr. M. J Felgueiras.

498. F. A. — Darque *(Vianna do Castello)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. J. Azuaga — Villa Nova de Gaya — Porto.

499. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. M. J. Felgueiras.

500. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a amarello. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

501. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a verde. — Nossa collecção — Lisboa.

502. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico dos primeiros annos do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho escuro.

503. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de castanha. — Collecção do Sr A. Moreira Cabral — Porto.

504. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. P.e João A. Passos Vianna — Vianna do Castello.

505. F. A. — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Serafim das Neves. — Vianna do Castello.

506. F. A. — Coimbra. Fabrico do fim do sec. XVIII — Fabrica do Rocio, fundada em 1784 pelo Dr. Domingos Vandelli ? — Marca em relevo. Museu do Instituto — Coimbra.

507. P. M. — Vista Alegre (*Aveiro*). — Fabrico de 1876. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul.

508. P. M. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico da seg. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul.

509. P. M. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico da seg. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a verde.

510. P. M. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico da seg. met. do sec. XIX. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a ouro.

511. P. A. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 1840 em diante. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul. (Vide m. 645, que, com esta, figurava na mesma peça.)

512. P. A. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 184... — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada na pasta.

513, 514. P. M. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 1866. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marcas a azul.

515, 516. P. A. — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 1850. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marcas a ouro e gravada na pasta. — Pertence ao Sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

517. **P. M.** — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a verde (marca da louça de exportação).

518. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 1719. — Marca riscada na pasta (esculptor barrista, Valle). (Esta está no mesmo caso que a 457.)

519, 520. **P. M.** — Vista Alegre (*Aveiro*). Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marcas a azul. (O traço sobre a marca indica as peças de occasião ou meio refugo.)

521. **F. A.** Lisboa — ? —. Fabrico de 1840 (pouco mais ou menos). — Marca a côr de vinho escuro. — Nossa collecção — Lisboa.
N. B. Peça sem importancia.

522. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a azul. — Collecção do Sr. J. Azuaga — Villa Nova de Gaya — Porto.

523. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

524. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — * Marca a azul. — Collecção do Sr. M. J. Felgueiras.

525. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. (R. 1/3). — Nossa collecção — Lisboa.

Vianna.

526. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Nossa collecção — Lisboa.

527. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). — Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. — Collecção do Sr. Dr. Fidelio de F. Branco — Lisboa.

VIÂNNA.

528. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. (R ½). — Museu Industrial e Commercial do Porto.

Vianna. N.º 4.

529. **F. A.** — Darque (*Vianna do Castello*). — Fabrico da seg. met. do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a azul. (R. ½).

530. **F. M.** (Azulejo). Fabrica da Viuva Lamego (*Lisboa*). Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1849 por Antonio da Costa Lamego. — Marca a azul (pintor de faiança, José Estevam Cancella de Victoria Pereira). — Vide m. 534.

VIEIRA.

531. **F. A.** — Lisboa ? — Fabrico do ult. terço do sec. XVII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

VIUUA ANTUNES —

532. **F. A.** — Estremoz. — Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica da Viuva Antunes, fundada em 1770 ? — Marca a azul. — Museu da Camara Municipal — Estremoz.

533. **F. A.** — Norte do paiz. — Fabrico da seg. metade do sec. XVIII. — Marca a azul. (Vide m. 270.) — Museu Industrial e Commercial do Porto.

534. **F. M.** (Azulejo) — Lisboa. — Fabrico recente. — Marca a azul. (Vide m. 530.)

535. **F. A.** — Lisboa ? — Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. — Collecção do sr. Conde do Ameal — Coimbra.

536, 537. **F. A.** — Darque. (*Vianna do Castello*) — Fabrico do fim do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1774 por João Araujo Lima e socios. — Marca a côr de vinho. — Collecção do sr. Conde do Ameal — Coimbra.

W.

538. **F. A.** — Coimbra ? — Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica do Rocio, fundada em 1784 pelo Dr. Domingos Vandelli. — Marca em relevo. — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — N'uma nota sobre a Real Fabrica de Louça do Rato (Almanach para o anno de 1820), encontra-se citado como administrador, *Antonio Wandeli*, tal como o escrevemos.

W.C.F.

539. **F. M.** — Lisboa. — Fabrico recente. — Marca a côr de castanha (falsificação).

N. B. — Esta marca e a seguinte são de peças imitando as de Wenceslau Cifka. A falsificação não tem razão de ser, porque o artista actual não tem menos merecimento que o *verdadeiro* Cifka.

W. C. B. F.

540. **F. M.** — Lisboa. — Fabrico recente. — Marca a verde escuro. (Falsificação ?)

Wenceslao Cifka. F.
Lisbõa 1882.

541. **F. M.** — Lisboa. — Fabrico de 1882. — Wenceslau Cifka. (Cozia na Fabrica Constancia). — Marca a azul. (R. $^{1}/_{2}$). — Collecção do sr. Conde do Ameal — Coimbra.

542. **F. A.** — Caminha. — Fabrico do prim. terço do sec. XIX. — Fabrica da Quinta da Cabana, fundada em 1820 por Antonio José Xavier da Silva. — Marca a côr de vinho. — Museu do Instituto — Coimbra.

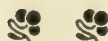
543. **F. A.** — Caminha. Fabrico do prim. terço do sec. XIX. — Fabrica da Quinta da Cabana, fundada em 1820 por Antonio José Xavier da Silva. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Alvaro de Sousa Rego — Lisboa.

544. **F. A.** — Caminha. Fabrico do prim. terço do sec. XIX. — Fabrica da Quinta da Cabana, fundada em 1820 por Antonio José Xavier da Silva. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

545. **F. A.** — Caminha. Fabrico do prim. terço do sec. XIX. — Fabrica da Quinta da Cabana, fundada em 1820 por Antonio José Xavier da Silva. — Marca a côr de vinho. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

546. **F. A.** — Real Fabrica do Rato ? *(Lisboa)*. Fabrico de 1769 a 1771. — Fabrica fundada em 1769. — Marca riscada na pasta. — Academia Real das Sciencias de Lisboa.

547. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico do fim do sec. XVIII. — Marca a azul.

A'venda em Villa Viçosa, em 1906, na Casa de antiguidades de João Maria Espanca.

SECÇÃO II

Algarismos e datas

548. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. (Vide m.[s] 479, 480). — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — Estas marcas tanto podem ser o algarismo *2*, repetido por ter ficado mal pintado á primeira vez, como a lettra *V;* por isso figuram tambem na Secção I, (m.[s] 479, 480.) Em peça muito semelhante, encontra-se o numero *4*, a marcar tambem uma tampa de terrina, no mesmo sitio e com a mesma tinta. (M. 552.)

548 A. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1830, approximadamente. — Marca a azul. (Attribuimos esta marca á mesma fabricação das duas antecedentes.)

Terrína; fórma de repolho, decoração com folhas relevadas; côres: azul, verde, côr de vinho, laranja, sobre fundo amarello claro. Na tampa, como péga uma ovelha. Armazem de Antiguidades do Sr. Luiz da Costa, Rua do Alecrim — Lisboa.

549. **F. A.** — Porto. Fabrico da seg. met. do seculo XVIII. — Marca a azul (pintor). — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

550. **F. A.** — Coimbra ?. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica do Rocio, fundada em 1784 pelo Dr. Domingos Vandelli. — Marca em relevo. — Museu do Instituto — Coimbra.

551. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca gravada na pasta (experiencias).

552. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do fim do seculo XVIII. — Marca a côr de vinho. (Vide m. 548.) — Nossa collecção — Lisboa.

553. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico do fim do sec. XIX. — Fabrica de José Alves da Cunha, fundada na Rua do Jogo da Bola por Antonio de Sousa Liso, em 1865. — Marca gravada na pasta. (Numero designativo de tarefa ou lote.)

4·Olg
4·Setembro·1902
N.º...

554. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1902. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael B. Pinheiro. — Marca a azul. (Manuel Gustavo B. Pinheiro — experiencia de pintura em azulejo). — Pertence á familia do auctor.

7

555. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1890. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada na pasta. (Oleiro.)

556. **F. A.** — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1807. — Fabrica fundada em 1767. — Numero de porta na Praça das Amoreiras — Lisboa.

N. B. — Numeração primitiva da Praça das Amoreiras. Lettras, algarismos e moldura a tinta azul, sob esmalte branco. Este azulejo e mais seis, que restam nas casas dos dois topos da Praça, devem ter sido feitos na Fabrica do Rato, pela côr e esmalte. As casas de Lisboa começaram a ser numeradas no principio do sec. XIX. Os editaes de 27 de Outubro de 1807 e de 2 de Abril de 1811 mandam numerar todas as portas; mas o *Almanach de Lisboa* para 1803 já apresenta algumas indicações de numeros em portas da cidade. Este progresso é attribuido pelo auctor da *Lisboa Antiga*, d'onde extrahimos estas notas, a uma lei pombalina.

18 | 32
VA

557. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1832. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca riscada na pasta (usada nas primeiras experiencias). — Museu Industrial e Commercial do Porto.

20

558. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1898. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael B. Pinheiro. — Marca gravada na pasta. (Numero do operario; trabalho de empreitada ou de jornal.)

559. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1904. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael B. Pinheiro. — Marca gravada na pasta. (Numero do operario; trabalho de empreitada ou de jornal.)

560. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael B. Pinheiro. — Marca a côr de castanha. (Pintor.)

561. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1906. — Fabrica fundada em 1884. Direcção artistica, Raphael B. Pinheiro. — Marca gravada na pasta. (Numero do operario ; trabalho de empreitada ou de jornal.)

562. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892 a 1896. — Atelier Ceramico, fundado em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marcas gravadas na pasta. (Marcas do oleiro e empreitada.)

553. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892 a 1896. — Atelier Ceramico, fundado em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marcas gravadas na pasta. (Marcas do oleiro e empreitada.)

564. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892 a 1896. — Atelier Ceramico, fundado em 1862 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marcas gravadas na pasta. (Marcas do oleiro e empreitada.) — Nossa collecção — Lisboa.

Peça, esmalte azul escuro, com reflexos metallicos, filetes a ouro. Tres fogos: biscoito (chacota), vidro e fogo de mufla, dando o reflexo metallico e ouro a um tempo.

565. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892 a 1896. — Atelier Ceramico, fundado em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marca gravada na pasta.

566. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1892 a 1896. — Atelier Ceramico, fundado em 1892 pelo Visconde de Sacavem (José). — Marca gravada na pasta. (Ensaios do reflexo metallico.)

567. **B. A. E.** — Coimbra. Fabrico de 1558. — Marca riscada na pasta. — Museu do Instituto. — Coimbra.

568. **F. A.** — ? — Fabrico de 1589 ? — Marca a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

569. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1596. — Data a azul. — Egreja de S. Roque — Lisboa.

Azulejos que revestem a parede opposta á que é occupada pelos azulejos com o monogramma reproduzido sob o numero 22.

570. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1619. — Data a azul. (R.) — Capella do Paço da Pena — Cintra.

571. **F. A.** (Azulejos) — ? — Fabrico de 1626. — Data a azul. (R.) — Egreja do Convento das Chagas — Villa Viçosa.

572. **F. A.** (Azulejo) — ? — Fabrico de 1635. — Marca a azul. (Vide m. 429.) — Collecção do Sr. P.e João de A. P. Vianna — Vianna do Castello.

Padrão azul e amarello, sob esmalte branco. Do lado opposto á data, ha alguns caracteres, que nos parece serem a marca da fabrica.

573. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1636. Marca a azul. (R.) — Nossa collecção — Lisboa.

Frontal incompleto, que pertenceu ao altar da ermida de S. Saturnino, na serra de Cintra.

574. **F. A.** (Azulejo) — ? — Fabrico de 1640. — Marca a azul. (R. 1/3) — Collecção do Sr. Serafim das Neves — Vianna do Castello.

575. **F. A.** — Prado-Braga (?) — Fabrico de 1641. — Data a azul. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

576. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1649. — *Familia aranhões* — Data a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

577. **F. A.** — Norte do paiz ? Fabrico de 1651. — Data a azul. — Collecção do Sr. Dr. L. A. d'Oliveira — Vianna do Castello.

578 **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1651. — Marca a azul. (R.) — Quinta da Penha Verde — Cintra.

579. **F. A.** — ? — Fabrico de 1652. — Data a azul. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

580. **F. A.** — ? — Fabrico de 1655. — Data a azul. — Museu Nacional de Bellas-Artes — Lisboa.

581. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1677. — *Familia aranhões.* — Data a côr de vinho-escuro. (R. 1/3) — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

582. **F. A.** — Porto ? Fabrico de 1681. — Data a azul. (R.) — Collecção do Sr. Bento Carqueja — Porto.

1681

583. **F. A.** — ? — Fabrico de 1681. — Data a azul. — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

FECCE NOA
NNO
1700

584. **F. A.** (Azulejo). — Lisboa ? Fabrico de 1700. — Marca a azul (R.) — Capella de S. Sebastião na charola da sé de Lisboa.

585. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 1703. — Marca riscada na pasta (R. ²/₃) (Esculptor, José Dias dos Santos. — Senhora da Conceição). — Nossa collecção — Lisboa.

N. B. — O Sr. Marques Gomes diz *(Catalogo da Exposição de Aveiro*, 1895) que é esta a esculptura religiosa mais antiga que conhece, datada, e attribue-a ao esculptor José Dias dos Santos.

1712

586. **F. A.** (Azulejo). — ? — Fabrico de 1712. — Data a azul. — Egreja da antiga Misericordia — Estremoz.

587. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 1714. — Marca riscada na pasta. (Esculptor, Dias dos Santos.)

588. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1719. — Marca a azul. (R.) — Museu Archeologico do Carmo — Lisboa.

Retabulo de azulejos, incompleto: figuras, paisagem, architectura e ornato, a tinta azul sob esmalte branco. Na parte inferior, a inscripção:

ESTE AZULEJO SE
FES NO ANNO DE 1719

589. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1719. — Data e inscripcão a azul. (R.) — Convento de Santo Antonio — Estoril.

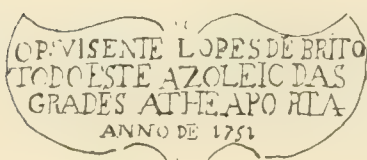
Na abobada da passagem do atrio da egreja para o claustro.

590. **F. A.** — ? — Fabrico de 1727. — Data a côr de vinho escuro. (R. $^2/_3$) — Museu do Instituto — Coimbra.

591. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1730. — Marca a preto. — Collecção do Sr. Francisco Ribeiro da Cunha — Lisboa.

592. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1741. — Typo *desenho miudo.* — Data a côr de vinho. (R.) — Pertence ao Sr. Visconde de Alverca — Coimbra.

593. **B. A.** — Coimbra. Fabrico de 1744. — Marca gravada na pasta. — Museu do Instituto — Coimbra.

Padrão do meio almude do concelho de Coimbra, fórma de cantaro. Tem no gargalo, em meio relevo, o brazão da cidade, com a data 1744.

594. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1751. — Data e inscripção a azul. (R.) — Egreja do Convento de Santo Antonio — Estoril.

1752

595. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico de 1752. — Typo *aranhões*. — Data a côr de vinho. (R.) — Collecção do Sr. João A. Lopes — Lisboa.

596. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1757. — Marca a azul. (R.) — Nossa collecção — Lisboa.

1758

596 A **F. A.** (Azulejos) — Real Fabrica do Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1758. — Fabrica fundada em 1767. — Data a azul. (R.) — Collecção do actor Ferreira da Silva — Bemfica.

1768

597. **B. A. E.** — Aveiro. Fabrico de 1768. — Data riscada na pasta. (Esculptura, Santa Maria Magdalena.)

1769

598. **F. A.** (Azulejo) — Lisboa ? Fabrico de 1769. — Data a côr de vinho escuro. (R.) — Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

599. **F. A.** — Cabo Mondego *(Coimbra)*. Fabrico de 1776. — Data a côr de castanha. — Academia Real das Sciencias de Lisboa.

600. **F. A.** (Azulejos) — Lisboa ? Fabrico do ult. terço do sec. XVIII.—Data e inscripção a azul. (R.) Por cima da porta da capellinha do S. Resuscitado—Santo Antonio dos Capuchos—Lisboa.

601. **F. A.** (Azulejo) — Coimbra. Fabrico de 1784. — Marca do pintor de faiança, Sousa Carvalho. (R.) — Claustro do extincto convento de Semide — Coimbra.

1790

602. **A. A.** (Azulejo) — Rato *(Lisboa)*. Fabrico de 1790. — Data a azul. (R.)

1794.

603. **F. A.** — Lisboa ? — Fabrico de 1794. — Data a côr de vinho. — Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa.

1853

604. **F. M.** — Caldas da Rainha. — Fabrico de 1853. — Fabrica fundada em 1820 (?) por D. Maria dos Cacos. Terminou em 1853. — Data gravada na pasta.

1890

605. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1890. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael Bordallo Pinheiro. — Data gravada na pasta.

606. **F. M.** — Caldas da Rainha. Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1884. Director artistico, Raphael B. Pinheiro. — Data gravada na pasta.

SECÇÃO III

Signaes e marcas figurativas

607. **F. M.** — Alcantara *(Lisboa)*. — Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca estampada, differentes côres. (Estampador.)

608. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. — Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a côr de castanha. (Estampador.)

609. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a ouro. (Dourador e filador.)

610. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1885. Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a azul (pintor amador, Eduardo Braga — Lisboa). — Pertence ao sr. Conselheiro Araujo — Lisboa.

611. **B. M. E.** (colorido). — Lisboa. Fabrico de 19... — Marca gravada na pasta, (esculptor-barrista popular, Lourenço Marques de Sousa). — Collecção do sr. Luiz Fernandes — Lisboa.

612. **F. M.** — Alcantara *(Lisboa)*. Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca estampada, differentes côres. (Estampador.)

613. **F. A.** — Real Fabrica do Rato. *(Lisboa).* Fabrico de 1767 a 1771. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul. (Pintor ?) — (Periodo de Thomaz Brunetto.)

614. **F. M.** Alcantara *(Lisboa).* Fabrico de 1901. — Fabrica fundada em 1885 por Stringer, Silva & C.ª. Proprietarios actuaes, Lopes & C.ª — Marca estampada, differentes côres. (Estampador.)

615. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro).* Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a ouro. (Dourador e filador.)

616. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro).* Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a ouro. (Filador.)

617. **F. A.** — Prado *(Braga).* Fabrico do meado do sec. XVIII. — Marca a azul. (R). Signal repetido tres vezes.

618. **P. A.** — Vista Alegre. *(Aveiro).* Fabrico de 1840. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca riscada na pasta (esculptor, Anselmo Ferreira, auctor da estatueta, g. 150).

619. **F. A.** — Prado *(Braga).* Fabrico do sec. XVII. — Marca a azul. (R.) (Signal repetido tres vezes.) — Nossa collecção — Lisboa.

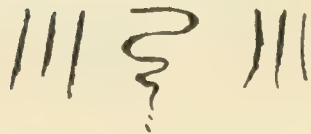
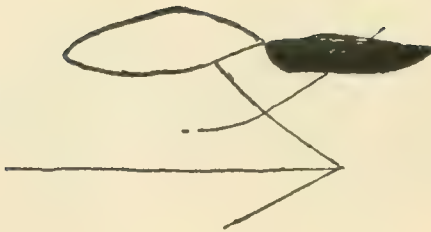
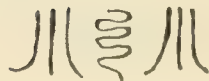
620. **F. A.** — Lisboa ou Porto ? Fabrico do ultimo terço do sec. XVII. — Archaico, 2.ª época, baroco (vide pag. 25). — Marca a azul, repetida. (R).

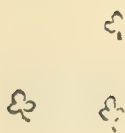
621. **F. A.** — Prado *(Braga).* Fabrico do sec. XVII. — Marca a azul. (R.) (Signal repetido.) — Collecção do sr. João Caetano da Silva Campos — Vianna do Castello.

622. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Archaico, 1.ª epoca, oriental, *aranhões*. (Vide pag. 25.) Marca a azul, repetida. (R.)

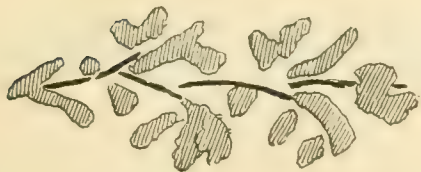
623. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Archaico, 1.ª epoca, oriental, *aranhões*. (Vide pag. 25.) — Marca a azul. (R. 1/3) (Signal repetido.) — Nossa collecção — Lisboa.

624, 625. **F. A.** — Porto. Fabrico do fim do seculo XVIII. — Fabrica da rua da Esperança, de Francisco da Rocha Soares. — Marcas a côr de vinho e a amarello. (Pintores.)

626, 627. **F. A.** — Bica do Sapato ? *(Lisboa)*. Fabrico de 1845. — Fabrica fundada em 1796. — Marcas, riscada na pasta e a azul. (Oleiro e pintor.) (Vide m. 646.) — Collecção do Sr. Henrique Pinho da Cunha — Lisboa.

628. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico da seg. met. do sec. XVII. — Familia *aranhões*. — Marca a azul, repetida. (R.)

629. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Familia *aranhões*. — Marca a azul, repetida. (R.)

630. **F. A.** — Lisboa. Fabrico do sec. XVII. — Familia *aranhões*. — Marca a azul (R.) (Variante da antecedente.) — Collecção do Sr. Julio C. Geraldes — Vianna do Castello.

631. **F. M.** — Sacavem *(Lisboa)*. Fabrico de 1880. — Fabrica fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. Proprietarios actuaes, Gilman & Commandita. — Marca a verde estampada. (Estampador.)

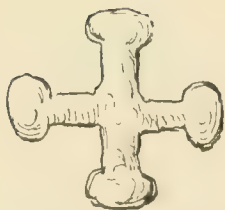
632. **F. A.** — Lisboa. Fabrico do sec. XVII. — Archaico, 1.ª epoca, 1.º, oriental accentuado. (Vide pag. 25.) — Marca a azul, repetida. (R.) — Collecção do Sr. Julio C. Geraldes — Vianna do Castello.

633. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Archaico, 1.º periodo, 2.º, oriental *desenho miudo*. (Vide pag. 25.). — Marca a côr de vinho (dois tons) repetida. — Museu Nacional de Bellas Artes — Lisboa.

634. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do sec. XVII. — Archaico, 1.º periodo, 2.º, oriental, *desenho miudo*. (Vide pag. 25.) — Marca, folha azul, troncos a côr de vinho, repetida. (R. 1/3) — Collecção do Sr. Conde do Ameal — Coimbra.

635. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul. (Pintor.)

636. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1895. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada na pasta. (Oleiro.)

637. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do sec. XVIII. — * Marca a azul. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

638. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do meado do sec. XVIII. — * Marca a azul. — Pertence ao Sr. A. Luso — Porto.

639. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do princ. do sec. XIX. — Marca a tinta amarella, em relevo. (Vide m. 463.) — A vender na loja do Sr. Villas — Rua de D. Pedro V — Lisboa.

N. B. — Nem a peça marcada com o presente signal, nem a que tem a marca n.º 463, do mesmo typo, inspiram confiança; são peças de uma época posterior á que desejam representar.

640. **F. A.** — Real Fabrica do Rato ? *(Lisboa)*. Fabrico do ult. terço do sec. XVIII. — Fabrica fundada em 1767. — Marca a azul (pintor). — Nossa collecção — Lisboa.

641. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul (pintor).

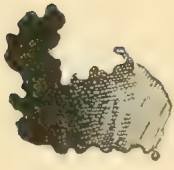
642. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada na pasta.

643. **P. M.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico recente. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca gravada da pasta.

644. **F. A.** — Norte do paiz. Fabrico do meado do sec. XVIII. — * Marca a azul. (R. 1/3) — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

645. **P. A.** — Vista Alegre *(Aveiro)*. Fabrico de 1836 a 1852. — Fabrica fundada em 1824 por José Ferreira Pinto Basto. — Marca a azul (pintor, Victor Francisco Chartier-Rousseau).

645 A. **F. A.** — Prado — Braga ? Fabrico de 1641. — Marca a azul. (Pintor ? Vide supplemento.) — Collecção do Sr. Henrique Pinho da Cunha — Lisboa.

646. **F. A.** — Bica do Sapato ? *(Lisboa)*. Fabrico de 1845. — Fabrica fundada em 1796. — Marca a azul. Marca na tampa da garrafa com as marcas 626 e 627. — Collecção do Sr. Henrique Pinho da Cunha — Lisboa.

647. **F. A.** — Prado *(Braga)*. Fabrico do princ. do sec. xviii.—Marca a azul.—Collecção do Sr. José da Penna — Vianna do Castello.

Prato, decoração a azul com uma ave aquatica no centro, fundo branco melado. Diam. $0^{m},35$.

648. **F. A.** — Lisboa ? Fabrico do princ. do seculo xviii. — Marca a azul escuro. — Collecção do Sr. A. Moreira Cabral — Porto.

Boião com tampa, decoração a tinta azul com retoques a côr de vinho, sobre fundo branco churro. Alt. $0^{m},24$; diam. $0^{m},19$.

649. **F. A.** — Bica do Sapato ? *(Lisboa)*. Fabrico do fim do sec. xviii. — Fabrica fundada em 1796 — Marca riscada na pasta. — Nossa collecção — Lisboa.

PARTE VII

Ceramistas

DICCIONARIO DE NOMES

Fundadores, proprietarios, pintores, decoradores, etc., de fabricas portuguezas, esculptores-barristas e ceramistas-amadores.

A

Abreu (Manuel José de). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra.

Abreu (Pedro de). — Fabrica de louça. — Arruda dos Pisões *(Rio Maior)* — 1902.

Açucena (Theodosio). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Cuba. — 1902.

Aguiar (José Anselmo de). — Fundador da fabrica de louça de fogo delgada da Panasqueira *(Olivaes)*. — 1776.

Aguiar (D. Julia de). — Pintora de faiança. — Lisboa. — 1887.

Albuquerque Silva Reis (D. Maria Theodolinda de). — Pintora de faiança. — Lisboa. — 1887.

Alcantara da Cunha d'Eça (Pedro de). — Esculptor-barrista. — Lisboa. — 1830.

Alfacinha (Narciso). — Actual proprietario, de sociedade com seu cunhado, Alvaro Augusto Xavier do Valle, da *Fabrica Alfacinha*, Estremoz, fundada em 1881 por seu pae, Caetano Augusto da Conceição. — 1906.

Alleluia. — Pintor da Fabrica da Fonte Nova, de Mello Guimarães & Irmãos. — Aveiro. — 1902. *(M. 20)*.

Almeida (Agostinho Francisco d'). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Olhão. — 1902.

Almeida (Antonio d'). — Rodeiro da fabrica de louça «Progresso Angrense», fundada em 1886 por Jacintho Martins Cardoso e Zeferino Augusto da Costa, em Angra do Heroismo.

Almeida (Augusto Cesar). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Albergaria-a-Velha. — 1902.

Almeida (Delfim d'). — Proprietario d'uma fabrica de louça preta. — Aveiro. — 1888.

Almeida (José Fortunato de). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1883.

Almeida (Sebastião Ignacio d'). — Segundo mestre da Real Fabrica do Rato. — Lisboa — 1771.

Almeida da Costa (Antonio). — Fundador da Fabrica das Devezas. — Villa Nova de Gaya. — 1865. (Funcciona actualmente sob a firma Antonio Almeida da Costa & C.ª).

Almeida da Costa & C.ª (Antonio). — Proprietarios actuaes da «Fabrica Ceramica e de Fundição das Devezas», fundada em 1865 por Antonio Almeida da Costa.

Almeida Ferreira Duque (Antonio d'). — Director da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1836 a 1840

Almeida Junça (José Joaquim d'). — Proprietario da fabrica de faianças e de louça vermelha, fundada em 1882 na Rua da Fonte Santa, 88 a 96. — Lisboa. — 1906.

Almeida Novo (José d'). — Proprietario d'uma fabrica de louça e telha. — Sousa *(Vagos)*.

Alto Mearim (D. Beatriz). — Pintora em porcelana. — Lisboa. — 1903.

Alto Mearim (D. Maria Luiza). — Pintora em porcelana. — Lisboa. — 1903.

Alvares (Luiz Antonio). — Fundador da fabrica de louça branca e de côres do Castello Picão, ao Mocambo. — Lisboa. — 1764. — Socio de João Bento da Silva Pereira.

Alvares da Silva Bastos (Antonio). — Director da Fabrica de louça branca da Travessa da Bella Vista, á Lapa. — Lisboa. — 1813. — (Pertencera a seu sogro, Manuel Nunes de Carvalho).

Alves (Luiz). — Proprietario d'uma olaria — Candosa *(Taboa)*. — 1902.

Alves (Matheus). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Dornes *(Ferreira do Zezere)*. — 1902.

Alves André (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa do Rei. — 1902.

Alves Bertha (Possidonio). — Proprietario de uma olaria. — Aguias ou Brótas *(Móra)*. — 1902.

Alves Cunha (José). — Proprietario da fabrica fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — Caldas da Rainha. — 1885. — *(M. 253 e 553)*. — (Vêr pag. 160, sobre esta fabrica).

Alves Dourado (José). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa do Rei. — 1902.

Alves Dourado (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa do Rei. — 1902.

Alves Ferreira Pinto (Manuel). — Proprietario da Fabrica de Santo Antonio do Valle de Piedade, fundada por Francisco Rossi em 178... — Villa Nova de Gaya. — 1883.

Alves Macieira (Manuel). Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa do Rei. — 1902.

Alves Pereira Lemos (Antonio). — Fundador, de sociedade com João Araujo Lima, Carlos Araujo Lemos e João Gaspar Rego, da Fabrica de Darque — Vianna do Castello. — 1774.

Alves Rodrigues (Luiz). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Alijó. — 1902.

Amaral (João do). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Povoação *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Amaral (Manuel do). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Povoação *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Amaral (Silvano Augusto do). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Aguada de Cima *(Agueda)*. — 1902.

Amaral Netto (Dr. Benjamin Constante d'). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Chamusca. — 1902.

Amorim Novaes (Manuel Ignacio de). — Proprietario, de sociedade com João Baptista Correia, da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 184...

Andrade (Henrique Francisco de). — Proprietario da Fabrica de louça fina de Santo Amaro. — Lisboa. — 1789. — Socio de Severino José da Silva.

Andrade (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Almeirim. — 1902.

Andrade & C.ª (Henrique Francisco de). — Proprietarios da Fabrica de louça fina em Santo Amaro. — Lisboa. — 1789.

André Antonio. — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Ferreira do Zezere. — 1902.

Anselmo (João Maria). — Proprietario d'uma fafabrica de louça. — Borba. — 1902.

Antonio Augusto Affonso. — Contra-mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1883.

Antonio Paulo. — Official de *canna* de louça vermelha. — Figueira da Foz. — 1859 a 1860.

Antunes (Bartholomeu). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1736.

Antunes (José). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica. — Poyares. — 1902.

Antunes (Viuva). — Proprietaria da Fabrica de faiança de Estremoz. — 1770 ? — *(M. 532)*.

Antunes Gallinha (Antonio). — Proprietario de uma fabrica de telha em Aguas Bellas *(Ferreira do Zezere)*. — 1902.

Antunes de Sousa Braga & Irmão (João). — Proprietarios da Fabrica de louça installada no logar do Senhor d'Além, á Corticeira. — Porto. — 1881

Araujo (Dr. Diogo José de). — Fundador, de sociedade com o Dr. Domingos Vandelli, João Bernardo Guedes, José Pereira de Miranda, Caetano José dos Santos e João Roberto da Fonseca Torres, da Fabrica do Cavaquinho. — Porto. — 1789.

Araujo (Felix de). — Proprietario da fabrica do Candal. — Villa Nova de Gaya. — 1858. — Ignora-se a data da fundação. Em 1858, este barrista explorava o fabrico de faiança regular; mas a fabrica fechou por sua morte.

Araujo Lemos (Carlos de). — Fundador, de sociedade com João Araujo Lima, João Gaspar Rego e Antonio Alves Pereira Lemos, da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 1774.

Araujo Lima (João). — Fundador, de sociedade com Carlos de Araujo Lemos, João Gaspar Rego e Antonio Alves Pereira Lemos, da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 1774.

Araujo Lima (João de). — Proprietario da Fabrica de louça de Santo Antonio do Valle de Piedade, fundada por Francisco Rossi em 178... — Villa Nova de Gaya. — 184... a 1861.

Arriaga (Maximiano). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Elvas. — 1902.

Auletti (Caldas). — Um dos fundadores (?) da Fabrica da Abrigada. — 185...

Avoão (Lourenço). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Castro Marim. — 1902.

Azevedo Fialho (José de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa Nova de Portimão. — 1902.

Azevedo Lopes & C.ª — Proprietarios d'uma fabrica de telha, tijolo e cal. — Caminha. — 1902.

B

Baião (José Casimiro). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Cuba. — 1902.

Ballola (Rosendo). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Portalegre. — 1902.

Bandeira de Mello (Carlos). — Fundador e director da Empreza Ceramica de Lisboa. — 1883.

Banha (Agostinho Cesar). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Quinta do Chá. — Olivaes. — 1902.

Baptista. — Proprietario da Fabrica do Cavaco. — Villa Nova de Gaya. — 185... (?)

Baptista (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça grosseira na Aldeia de Martim Longo *(Beja)*. — 1813.

Baptista (Augusto José). — Modelador da Fabrica de faiança das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Baptista (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça grosseira na Aldeia de Martim Longo *(Beja)*. — 1813.

Baptista (João Augusto). — Proprietario d'uma fabrica de louça em Villa do Porto. — Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Baptista (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça grosseira na Aldeia de Martim Longo. — Beja. — 1813.

Baptista de Carvalho (Augusto). — Proprietario da Fabrica de ceramica fundada em 1853 por Manuel Cypriano Gomes. — Mafra. — Caldas da Rainha. — 1888...

Baptista Correia (João). — Proprietario, de sociedade com Manuel Ignacio de Amorim Novaes, da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 184...

Barahona (Joaquim José). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Portel — 1905.

Barbas (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1813.

Barbosa (A.). — Pintor de faiança da Fabrica das Devezas. — Villa Nova de Gaya. — 1894. — *(M. 3)*.

Barco (Gabriel del). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1697.

Barlow (John). — Mestre da Real Fabrica de Sacavem. — 1855 ?

Barrancos (Isidoro Maria). — Proprietario d'uma fabrica de louça commum em Villa Viçosa (freguezia de S. Bartholomeu). — 1888.

Barrella. — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Vianna do Alemtejo. — 1902.

Barros Junior (Antonio José de). — Proprietario d'uma fabrica de louça e telha. — Sousa *(Vagos)*. — 1901.

Barros Laborão (Joaquim José de). — Esculptor barrista e mestre da escola de Mafra. — Mafra. — 1800 ?

Baudoin (José Gregorio). — Proprietario da Fabrica de faianças, fundada em 1877 por Vicente Martins Falcão e Almeida, na Rua Vinte e Quatro de Julho, 966. — Lisboa. — 1906.

Béco. — Vide Santos (José Nogueira dos).

Belico (José Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça entre-fina no Sitio das Lages. — Coimbra. — 1813.

Bensabat (Levy). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — Coze na Fabrica de Sacavem. — *(M. 278)*.

Bernardes (João). — Proprietario de uma pequena fabrica no Alto dos Sete Moinhos. — Lisboa. — 1899.

Bernardo (Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1902.

Bernardo Duarte. — Esculptor barrista. — Lisboa. — 178...

Bessière (Sylvain).—Proprietario na Fabrica Ceramica Lusitana, no Largo do Matadouro (Rua do Arco do Cego, Campo Pequeno). Lisboa. — 1902.

Biscaia. — Vide Almeida (Augusto Cezar de.)

Bomba (Agostinho). — Proprietario da Fabrica de louça da Travessa dos Buracos. — Olivaes. — 1902.

Bordallo Pinheiro (Columbano). — Modelador e pintor. — Lisboa. — 1881. — *(M. 99)*.

Bordallo Pinheiro (Manuel Gustavo).—Director artistico da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha. — 1905. — *(M.s 318 e 554)*.

Bordallo Pinheiro (D. Maria Augusta). – Pintora de faiança. — Lisboa. — 1898. — *(M. 291)*.

Bordallo Pinheiro (Raphael). — Pintor, esculptor barrista; fundador e director da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha. — Lisboa. — 1884 a 1905. — *(M.s 81, 162, 418, 419, 421, 422, 423, 424, 425 e 426)*.

Botelho de Almeida (João Anastacio). — Administrador da Real Fabrica do Rato. — Lisboa. — 1814. — Morava na Rua do Salitre, n.º 186. Deve ser o mesmo a quem se refere A. das Neves.

Braga (Eduardo). — Pintor amador. — Lisboa. — 1886. — Cozia na Real Fabrica de Louça de Sacavem. — *(M.s 119 e 610)*.

Braga S. Romão (Manuel). — Pintor amador. — Lisboa. — 1885. — Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — *(M. 333)*.

Bragança (D. Antonia de). — (Infanta portugueza).—Pintora ceramista.—Lisboa.—1859. — *(M. 226)*.

Bragança (D. Augusto de).—(Infante de Portugal). — Pintor ceramista. — Lisboa.

Bragança (D. Carlos de). — Pintor ceramista e esculptor barrista.—Lisboa.—1881.—*(M.s 75 e 77)*.

Branco (Carlos). — Actual pintor da Fabrica do Carvalhinho (Corticeira).—Porto.—*(M. 87)*.

Branco (Jacintho). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Povoação *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Branco (Manuel). — Proprietario duma fabrica de telha. — Povoação *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Brandão (Augusto). — Vide Correia Brandão (Augusto Paschoal).

Brandão (Domingos). — Pintor de louça e esculptor barrista em Coimbra. — Primeiro terç. do sec. XIX.

Brandão (Marianno). — Pintor de azulejos. — Lisboa ? — 1862. — Restaurou os azulejos da Egreja de S. Pedro de Palmella, que o terremoto de novembro de 1858 destruiu.

Brandão (P. R. A.) — Esculptor barrista, Rua da Magdalena, 118. — Lisboa. — 1882.

Brioso (Manuel da Costa). — Vide Costa Brioso (Manuel da).

Brito Vidal (Joaquim Pedro de). — Proprietario d'uma fabrica de louça e telha. — Sousa *(Vagos)*. — 1902.

Brunetto (Thomaz). — Primeiro mestre da Real Fabrica do Rato. — Lisboa. — 1767. — *(M. 205 a 210)*.

Bruno (M.elle Louisette). — Pintura em porcela na (genero Saxe e Sèvres). — Lisboa — 1902.

C

Cacos (D. Maria dos). — Proprietaria d'uma fabrica de faiança. — Caldas da Rainha. — 1820 a 1853.

Calado (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro. — Almeirim. — 1902.

Calça e Pina (Augusto de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Sousel. — 1902.

Caldas (João Felix). — Proprietario da fabrica de louça, azulejos e vasilhame decorado a azul (louça vidrada), conhecida pela Fabrica

da Calçada, fundada em 1790 na Calçada de Agostinho Carvalho, 25. — Lisboa. — 1902.

Caldeira (Antonio Luiz). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Arronches. — 1905.

Caldeira (Manuel Luiz).—Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria.—Castello de Vide. — 1905.

Caldeira (Raphael).—Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria.—Castello de Vide.—1895.

Calheiros (D. Carolina). Pintora em ceramica, imitação de esmalte, estylo oriental. — Lisboa. — 1902.

Camarro (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica. — Vianna do Alemtejo. — 1902.

Camilleri (A.). — Proprietario duma fabrica de tijolo. — Lourenço Marques *(Moçambique)*. — 1902.

Camillo. — Pintor. — 1885. *(M. 82)*.

Camillo (Antonio). — Oleiro. — Caldas da Rainha. — 184... (Este oleiro exerceu a sua profissão antes de Mafra).

Camillo (José). — Oleiro contemporaneo de Maria dos Cacos. — Caldas da Rainha. — 183...

Campos (Luiz de). — Pintor da Real Fabrica de Sacavem. — 1898. — *(M.s 273, 274 e 286)*.

Campos, Neves & Branco. — Proprietarios da Fabrica de louça do Desterro, fundada em 1899 na Rua Nova do Desterro, 14. Em 1901, tomou sobre si toda a gerencia o socio José das Neves. — 1906.

Cancella de Victoria Pereira (José Estevão). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1905. — Coze na Fabrica Lamego. — *(M.s 530 e 534)*.

Canudo (Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Cuba. — 1902.

Canudo (João Maria). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Cuba. — 1905.

Caracol (Manuel). Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

Carapanta (F.) — Oleiro. — Logar de Cervainhos freguezia de Cervões (Villa Verde). — ? — Estivera em Sacavem, na Vista Alegre e no Brasil. Manufacturava, com o barro de Cova, a chamada louça fina do Prado, reproduzindo as fórmas conhecidas pelas fabricas de faianças e marcando-as com as suas iniciaes : F. C.

Cardal Lemos (D. Maria do). — Pintora de azulejos e placas. — Aveiro. — 1893. — Cozia na Fabrica Fonte Nova. — *(M. 95)*.

Cardoso (Joaquim Luiz). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1906. — *(M. 275)*.

Cardoso (Manuel Joaquim). Proprietario d'uma fabrica de louça na Rua das Casas Novas, 11. — Olivaes. — 1902.

Cardoso de Figueiredo (José). — Proprietario d'uma fabrica moderna de louça branca, na Rua da Magdalena. — Coimbra. — 1882.

Cardoso e Ladeiro. — Proprietario d'uma fabrica moderna de louça vermelha, na Rua de João Cabreiro. — Coimbra. — 1898.

Cardoso da Silva Jordão (Ernesto). — Proprietario da Fabrica de ceramica Industrial Carvalhense. — Carvalhaes de Lavos *(Figueira da Foz)*. — 1902.

Carmo (Ezequiel do). — Proprietario d'uma olaria em Torres Vedras. — 1902.

Carmo Chalaça (José do). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

Carneirinho. — Vide Oliveira Carneirinho (José Domingos d').

Carvalho. — Pintor. — Coimbra ? — 1768. — *(M. 83)*.

Carvalho (Francisco). — Proprietario da Fabrica do Prado, estabelecida modernamente. — Braga. — *(M. 147)*.

Carvalho (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha. — Coimbra. — 1886.

Carvalho (José Marianno de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo, telha e louça. — Evora. — 1865.

Carvalho (Manuel Jacintho de). — Proprietario d'uma fabrica de louça em Villa Franca do Campo. — S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Casanova (Henrique). — Esculptor barrista e pintor de azulejos. — Lisboa. — 1906.

Castro (Manuel Luiz de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Móra. — 1902.

Castro Firmo (Joaquim José do). — Rodeiro da Fabrica Alfacinha, Estremoz, fundada em 1881 por Caetano Augusto da Conceição. — 1906.

Castro Junior (João Camillo). — Proprietario da Fabrica do Carvalhinho (Corticeira). — Porto. — 1878. — Successor de seu sogro, Thomaz Nunes da Cunha.

Cau (José). — Pintor da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 185...

Ceia (Bemvindo). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1906.

Chadwick (Alfredo). — Pintor da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 190...

Charrinho Correia (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Niza. — 1905

Chartier-Rousseau (Victor Francisco). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1836 a 1852.

Chaves (João). — Pintor de faiança da Fabrica de Productos Ceramicos de Campolide, de Casimiro José Sabido & Irmão. — Lisboa. 1906.

Chaves (José). — Torneiro da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Chrysostomo (Padre João). — Esculptor barrista. Auctor das imagens da Capella do Senhor Resuscitado, em St.º Antonio dos Capuchos. — Lisboa. — Nasceu em 1734 e falleceu em 1798.

Chumbinho (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordidaria. — Loulé. — 1906.

Cifka (Wenceslau). — Pintor de faiança. Cozia na Fabrica Constancia. — 1876. — *(M.s 103, 104, 105, 106, 107, 124, 125 e 541)*.

Cigarrilha (José). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolos — Villa Viçosa *(Freguezia matriz)*. — 1888.

Clara (Francisco da). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Coelho (Joaquim). — Proprietario d'uma olaria. — Aguias ou Brotas *(Mora)*. — 1902.

Coelho (Manuel). — Pintor de louça fina da Fabrica de louça e azulejos, fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1798. — *(M. 315)*.

Coelho (Manuel). — Proprietario d'uma olaria. — Aguias ou Brotas *(Móra)*. — 1902.

Coelho (Manuel Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça, Rua das Musas, Bairro Alto. — Porto. — 1848.

Coelho Cesar (João). — Fundador d'uma fabrica de ceramica na Rua dos Arneiros. — Caldas da Rainha. — 1876. — *(M. 239)*.

Coelho Pó (João). — Pintor de louça grossa e formador da Fabrica de louça e azulejos, fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1794.

Coelho Serra (José). — Proprietario d'uma fabrica de tijolos refractarios. — Venda Secca *(Bellas)*. — 1902.

Colaço (Jorge). — Pintor de azulejos. Coze na Fabrica de Sacavem. — 1900. — *(M.s 10, 44 e 252)*.

Conceição (Antonio Victor da). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Conceição (Caetano Augusto da). — Fundador da Fabrica Alfacinha. — Estremoz. — 1881. — Falleceu em 1904. Succedeu-lhe seu filho, Narciso Alfacinha.

Conceição (José da). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha. — Coimbra. — 1813.

Conceição (José Francisco da). — Proprietario

d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Conceição (Maria da). — Proprietaria d'uma fabrica de louça vermelha.— Coimbra.— 1813.

Conceição (D. Maria da). — Pintora amadora de azulejos e placas. Coze na Fabrica da Fonte Nova. — Aveiro. — 1892. — *(M. 311)*.

Conceição Abrantes (Caetano da). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo.— 1905.

Conceição Gago (Isidoro da). — Proprietario de uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Conceição Velhote (José da). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1902.

Correia Braz. — Proprietario d'uma fabrica de louça grosseira na aldeia de Martim Longo *(Beja)*. — 1813.

Correia (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Cuba. — 1902.

Correia Brandão (Augusto Paschoal). — Pintor sobre esmalte vitrificado. — Lisboa. — 1901.

Correia & C.ª (Viuva Luiza). — Proprietarios da fabrica de louça da Rua da Imprensa Nacional, 106. — Lisboa. — 1902.

Correia da Costa (Joaquim). — Mestre da Fabrica do Retiro. — Coimbra. — 1850.

Correia Vidinha (Francisco). — Proprietario de uma fabrica de louça — Angeja — *(Albergaria-a-Velha)*. — 1902.

Costa (Tenente-general Bartholomeu da). — Auctor de varias experiencias de porcelana. — Lisboa. — 1773.

Costa (D. Catharina). — Pintora amadora. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. — *(M. 84)*.

Costa (José da). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Vianna do Castello. — Fim do sec. XVIII. — *(M.ª 227 e 259)*.

Costa (Manuel da). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Torres Vedras.— 1902.

Costa (Zeferino Augusto da). — Fundador, de sociedade com Jacintho Martins Cardoso, da Fabrica de louça «Progresso Angrense», em Angra do Heroismo — Terceira. — 1886.

Costa Brioso (Manuel da). — Fundador e director da Fabrica de faiança de Coimbra. — 177... *(M.ª 4, 50, 70, 71, 86 e 97)*.

Costa Cardoso (Francisco Vicente da). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Aviz. — 1865.

Costa Castanheira (José da). — Proprietario de uma olaria. — Candosa *(Taboa)*. — 1902.

Costa Garcia (João Agostinho da). — Proprietario da Fabrica de Ceramica da Viuva Lamego, Largo do Intendente, 7 a 17. — Lisboa. — 1902.

Costa Lamego (Antonio da). — Fundador da Fabrica de faiança e azulejos do Largo do Intendente, 7 a 17, conhecida hoje por «Fabrica da Viuva Lamego».—Lisboa.— 1894.

Costa Ovelha (Manuel da). — Proprietario duma fabrica de telha. — Alijó. — 1902.

Costa Pessoa & Irmãos (Antonio da). — Proprietarios d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1886. — (Fundação anterior).

Costa Xavier (Dr. Anselmo Augusto da). — Proprietario duma fabrica de louça. — Benavente. — 1902.

Couto (José do). — Pintor da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Covas. — Oleiro e mestre da Fabrica da Quinta da Cabana, de Antonio José Xavier da Silva. — Caminha. — (Em 1844 falleceu Xavier da Silva, continuando a fabrica por algum tempo a funccionar, passando para a viuva, D. Maria Josephina Xavier d'Oliveira Torres. Covas conservou-se na direcção da fabrica até que ella terminou).

Cruz (Guilherme da). — Proprietario d'uma fabrica de telha.—Becco *(Ferreira do Zezere)*. — 1902.

Cruz (João da). — Oleiro. — Aveiro. — 1744. — *(M. 249)*.

Cruz (José da). — Ultimo proprietario da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 1855. — Mais conhecido por *José da Fabrica*.

Cruz (José Manuel da). — Proprietario da Fabrica de louça branca na freguezia de Villar dos Mouros. — Vianna do Castello. — 1899.

Cruz Leiria (José Pedro da). — Esculptor em barro vermelho. — Lisboa. — 1878. — *(M.s 245, 246, 276 e 451)*.

Cruz Pitta (João da). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Funchal. — Madeira. — 1906.

Cruz Rodrigues & Gomes. — Proprietarios d'uma fabrica de louça de barro ordinario *La Sevillana*. — Villa Real de Santo Antonio. — 1902.

Cunha (João Antonio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha no Largo das Olarias. — Coimbra. — 1875.

Cunha (Manuel José da). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Horta, Fayal. — 1902.

Cunha Moura (Adelino da). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha na Rua Direita Coimbra. — 1903.

D

Diamantino Fernandes. — Pintor da Fabrica das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Dias. — Barrista. — Aveiro. — 1714. — *(M. 587)*.

Dias (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa do Rei. — 1902.

Dias (José). — Fundador da Fabrica da Rua de Sant'Anna, á Lapa, 146, conhecida actualmente por «Fabrica da Viuva José Dias». — 1860 (?).

Dias (Joseph). — Esculptor-barrista. — Aveiro. — 1729.

Dias Brandão (Manuel). — Modelador da Fabrica Lamego, ao Intendente. — Lisboa. — 1902. — *(M. 112)*.

Dias de Freitas & Filhos. — Actuaes proprietarios da Fabrica do Carvalhinho, á Corticeira. — Porto. — 1906.

Dias Lourenço (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro ordinario. — Soure. — 1902.

Dias de Resende (F.). — Proprietario d'uma olaria. — Ovar. — 1902.

Dias de Resende (Manuel). — Proprietario de uma olaria. — Ovar. — 1902.

Dias dos Santos (José). — Esculptor-barrista. — Aveiro. — 1703. — *(M.s 269 e 585)*.

Domingos José. — Mestre de roda e forno da Fabrica de louça e azulejos, fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1780.

Dyonisio Salvador. — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1813.

E

Eisenbart (D. Helena). — Professora de pintura sobre louça (genero Saxe); discipula das Academias de Antuerpia, Londres e Dresden. — Lisboa. — 1901.

Eschmann & C.ª (J. C.). — Proprietarios d'uma fabrica de tijolo. — Lourenço Marques *(Moçambique)*. — 1902.

Estopa (Marianna). — Bonequeira. — Estremoz. 1883.

F

Fabri (João Maria). — Pintor de louça da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1826 a 1827. — Discipulo da Casa Pia de Lisboa.

Falcato (José Antonio). — Proprietario de uma fabrica de tijolo. — Borba. — 1902.

Falleiro (Elias Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Faria. — Esculptor da escola de Joaquim Machado de Castro. — Lisboa. — Fim do seculo XVIII. *(M. 141).*

Faria Junior (Antonio Ignacio de). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo. — Horta, Fayal — 1902.

Feliciano Antonio. — Oleiro. — Lisboa. — 1770.

Fernandes (Alfredo José). — Proprietario d'uma fabrica de louça, genero Estremoz, no Beco das Olarias, 11. — Lisboa. — 1905.

Fernandes (Bento). — Mestre da olaria na Fabrica do Rato. Encarregado de realisar as primeiras experiencias para obter a porcelana, na Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1824.

Fernandes (João). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Fernandes (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça preta. — Vianna do Alemtejo. — 1865.

Fernandes Bellas (Joaquim). — Proprietario de uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1902.

Fernandes da Fonseca (José Luiz). — Pintor, mestre e administrador da Fabrica do Juncal, fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — 1781.

Fernandes Gaspar (Alexandre). — Proprietario, de sociedade com Joaquim Palhinha, d'uma pequena fabrica de louça, que pouco tempo durou, na Figueira da Foz. — 1855-1856.

Fernandes Oleiro (José). Proprietario d'uma fabrica de ceramica. — Poyares. — 1902.

Fernandes de S. Francisco (Bento). — Mestre da Fabrica do Cavaquinho, fundada pelo Dr. Domingos Vandelli e socios em 1789. — Porto. — 1793.

Fernandes Thomaz (José Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Figueira da Foz. — 1857.

Ferreira (Anselmo). — Modelador da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1850. — Em 1870 ainda estava na fabrica. *(M. 618).*

Ferreira (Antonio). — Esculptor-barrista. — Lisboa. — 179... — Indigitado auctor do presepio da Basilica da Estrella.

Ferreira (Francisco). — Pintor da Fabrica de Ceramica de Alcobaça, fundada em 187... por José dos Reis. — 1906.

Ferreira (João Antonio). — Mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1838 a 1891.

Ferreira (José Maria). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Lama *(Barcellos).* — 1902.

Ferreira (Luiz). — Pintor de azulejos. — Lisboa. 1865. — Conhecido por *Luiz das Taboletas.*

Ferreira (Matheus). — Oleiro da fabrica de louça de barro vermelho na Panasqueira (Olivaes). Julgamos que esta fabrica precede outras que tiveram como inicio a de faiança de José Anselmo de Aguiar, de que ha noticias desde 1776.

Ferreira da Bernarda Junior (Manuel). — Proprietario da Fabrica de ceramica de Alcobaça, fundada em 187... por José dos Reis — 1897 a 1900.

Ferreira Duarte Leitão (João). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo. — Mossamedes *(Angola).* — 1902.

Ferreira Lima (João). — Pintor dos azulejos do extincto Convento dos Loyos. — Villar de Frades. — 1764.

Ferreira Marcellino Junior (F.) — Proprietario d'uma olaria. — Ovar. — 1902.

Ferreira Pinto Basto (Alberto). — Administrador da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1828 a 1856.

Ferreira Pinto Basto (Augusto). — Administrador da Fabrica da Vista Alegre, propriedade de seu pae, José Ferreira Pinto Basto. — Aveiro. — 1824 a 1828.

Ferreira Pinto Basto (Domingos). — Administrador da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1861 a 1882.

Ferreira Pinto Basto (Duarte). — Administrador da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. 1856 a 1861.

Ferreira Pinto Basto (José). — Fundador e proprietario da Fabrica de porcelana da Vista Alegre. — Aveiro. — 1824.

Ferreira Pinto Basto Junior (Duarte). — Director da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1878 a 1882, anno em que foi extincto este logar. Actualmente, é administrador, cargo que desempenha desde 1882.

Ferreira Rebello (Francisco). — Proprietario de uma fabrica de ceramica no Caes da Alfandega, 56. — Porto. — 1902.

Ferreira Regalado (João). — Proprietario d'uma olaria. — Ovar. — 1902.

Ferreira Regalado (José). — Proprietario d'uma olaria. — Ovar. — 1902.

Ferreira da Silva & C.ª (Custodio). — Proprietarios d'uma fabrica de louça em Aveiro, cuja fundação se desconhece. Accurcio das Neves dá noticia d'ella em 1814, apontando-a como decadente.

Ferreira da Silva Guimarães (Domingos). — Proprietario da Fabrica de louça de Massarellos. — Porto. — 1785. — Successor de seu pae, Manuel Duarte da Silva. Falleceu em 1788.

Ferreira de Sousa (Bento João). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Aveiro. — 1790.

Ferreira Sucena (José). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Macinhata do Vouga *(Agueda)*. — 1902.

Ferreira Vidal (Norberto). — Fundador da Fabrica da Fonte Nova. — 1882. — De sociedade com Luiz da Silva Mello Guimarães.

Ficalho (Condessa de). — Pintora, e fundadora, juntamente com a Sr.ª Duqueza de Palmella, da Fabrica de Ceramica do Ratinho. — Lisboa. — 1873. — *(M.ª 88, 89, 114, 115, 116 e 117)*.

Figueira (Cypriano Joaquim). — Proprietario de uns fornos de telha e tijolo. — Ourique. — 1902.

Figueiredo (João de). — Gravador do Arsenal Real do Exercito. — Lisboa. — 1782. *(M. 256)*.

Figueiredo (Luiz José de). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Rio Maior. — 1902.

Figueiredo (Raul de). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Figueiredo Carvalho (João José de). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo. — Alhandra *(Ribatejo)*. — 1811.

Folgado (João Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Castello de Vide. — 1905.

Fonseca (Augusto Cesar da). — Proprietario de uma fabrica de telha e ladrilho. — Alandroal. — 1902.

Fonseca (Bento José da). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1886. — (Fundação anterior).

Fonseca (Bernardino da). — Pintor da Fabrica de louça e azulejos, fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1807. — *(M.ª 48 e 69)*.

Fonseca (João da). — Apprendiz de pintura da Fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1820.

Fonseca (João Augusto da). — Proprietario de uma fabrica de louça branca na Rua de João Cabreiro. — Coimbra. — 1867.

Fonseca (João José da). — Oleiro e modelador. — Aveiro. — 1840 a 1882. — Este ceramista esteve em diversas fabricas. Vêr fim do capitulo sobre as fabricas do Porto.

Fonseca & Filho (José Augusto da). — Proprietarios da antiga e importante Fabrica de louça branca no Retiro das Lages. — Coimbra. 1889.

Fonseca & Filho (Maria Pureza da). — Proprietarios d'uma fabrica de louça na Rua de João Cabreiro. — Coimbra. — 1902.

Fonseca Torres (João Roberto da). — Fundador, de sociedade com o Dr. Domingos Vandelli e outros, da Fabrica do Cavaquinho. — Porto. — 1789.

Fontinha. — Vide Pereira Martins (Luiz).

Fortier (Filippe). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1857 a 1860.

Fortier (Gustavo). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre. — Aveiro. — 1853 a 1856. — Occupou mais tarde este mesmo logar, de 1861 a 1865.

Francisco Bernardo. — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

Francisco Elias. — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906 — (*M. 162 A*).

Francisco Victorino. — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Franco (Joaquim Simpliciano). — Mestre da Fabrica de louça fina de Luiz Soares Henriques, á Bica do Sapato. — Lisboa. — 1797.

Franco de Carvalho (José). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Borba. — 1902.

Freitas (Nicolau de). — Pintor de azulejos. — Villar dos Frades. — 1736.

Füller (José). — Artista de Vienna d'Austria, professor da Escola Industrial das Caldas da Rainha e director artistico da fabrica de faianças «Atelier Ceramico», fundada pelo Visconde de Sacavem (José) em 1892, nas Caldas da Rainha.

Furtado (Hieronimo). — Barrista. — Aveiro ? — — 1721.

G

Gago da Camara (Victor). — Proprietario d'uma fabrica de telha em Villa do Porto. — Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Galrão. — Oleiro da Fabrica de Faianças de D. Maria dos Cacos. — Caldas da Rainha. — 1853.

Gama (Manuel da). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Castro Verde. — 1902.

Garcia (Angelo Marcellino). — Proprietario da fabrica fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso nas Caldas da Rainha. — 1906. (Vêr pag. 160 sobre esta fabrica).

Garcia (Sebastião). — Mestre da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 185...(?).

Gaspar. — Esculptor-barrista. — 1761. — (*M. 309*).

Gaspar (Antonio). — Formista e oleiro da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Gaspar (Bartholomeu). — Barrista. — Aveiro. — Principio do seculo XIX.

Gaspar Rego (João). — Fundador, de sociedade com João Araujo Lima, Carlos de Araujo Lemos e Antonio Alves Pereira Lemos, da Fabrica de Darque. — Vianna do Castello. — 1774.

Gertrudes Felisarda. — Bonequeira. — Estremoz. — 1886.

Gilman & Commandita. — Proprietarios actuaes da Real Fabrica de Louça em Sacavem, fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. — 1906.

Giusti (Alexandre). — Esculptor-barrista e primeiro mestre da escola de Mafra. — 1749 a 1773 (?).

Godinho Neves (Antonio). — Fundador da Fabrica de Miragaya. — Porto. — 1775. — Eram socios João da Rocha e João Bento da Rocha.

Goes (Manuel Antonio de). — Pintor de azulejos em Lisboa. — Deve ter trabalhado na Fabrica do Rato. Nasceu em 1735 e falleceu em 1789.

Gomes (Alexandre). — Esculptor-barrista. — Lisboa. — 1750.

Gomes (Commendador Antonio Ruy). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1868.

Gomez de Araujo (Augusto). — Pintor-amador. Cozia na Real Fabrica de Louça de Sacavem. — 1885 (*M. 36*).

Gomes d'Avellar (Francisco). — Fundador d'uma fabrica de ceramica nas Caldas da Rainha, fundada em 1875 e extincta em 1897. — (*M.s 163 e 420*).

Gomes de Brito (Bento José). — Proprietario da Fabrica de ceramica fundada por Francisco Gomes Cotta em 1793, na Calçada do Monte. — Lisboa.

Gomes Correia (Miguel). Fundador da Fabrica de louça e azulejos da Rua da Imprensa Nacional, 38 a 44. — Lisboa. — 1847. — E' presentemente dirigida por João Marques Correia (filho do fundador), que faz parte da actual firma.

Gomes Cotta (Francisco). — Proprietario da Fabrica da Calçada da Senhora do Monte. — Lisboa. — 1793.

Gomes da Cunha Guimarães (Alberto). — Proprietario da Fabrica de Ceramica Barcellense, da Rua D. Antonio Barroso. — Barcellos. — 1902.

Gomes Fernandes. — Pintor de azulejos. — Lisboa. — Coze na Fabrica de Sacavem. — 1900. — (*M.s 10, 44 e 359*).

Gomes Ferreira (Antonio José). — Proprietario da Fabrica de Darque. — Vianna de Castello. — 1810.

Gomes Mafra (Manuel Cypriano). — Fundador de duas fabricas de ceramica nas Caldas da Rainha, uma em 1853 e outra em 1897. — (*M.s 312, 328, 329, 330 e 331*).

Gomes Marcella (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro ordinario. — Soure. — 1902.

Gomes da Silva (João). — Proprietario d'uma olaria. — Ovar. — 1902.

Gomes Villar (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Gonçalves (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro ordinario. — Soure. — 1902.

Gonçalves (Antonio Augusto). — Fundador e director da fabrica de faianças do Rocio de St.ª Clara. — Coimbra. — 1888-1889. — Esta fabrica foi fundada precisamente no local onde, em 1784, o Dr. Domingos Vandelli fundára a sua conhecida fabrica.

Gonçalves (Joaquim Maria) — Forneiro da Fabrica de louça «Progresso Angrense», fundada em 1886 por Jacintho Martins Cardoso e Zeferino Augusto da Costa, em Angra do Heroismo. — Terceira (*Districto de Ponta Delgada*). — 1906.

Gonçalves (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro ordinario. — Soure. 1902.

Gonçalves (Manuel Joaquim). — Proprietario de uma fabrica de louça no Alto da Fontinha. — Porto. — 1845.

Gonçalves (Pelagio). — Proprietario d'uma pequena fabrica (*tenda*) de louça. — Coimbra. — 1213.

Gonçalves Amaro (João). — Fundador d'uma fabrica de ceramica. — Figueira da Foz. — 1872 a 1874. — Actualmente, a fabrica é dirigida por João Maria Gonçalves Amaro.

Gonçalves de Campos (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha na Rua da Moeda. — Coimbra. — 1887.

Gonçalves Casco (João). — Proprietario d'uma olaria. — Reguengos de Monsaraz. — 1902

Gonçalves de Castro (Gaspar). — Proprietario da Fabrica de louça do Largo da Bandeira. Villa Nova de Gaya. — 1844 a 188... — Ignora-se a data da fundação.

Gonçalves & Irmão (Manuel Joaquim). — Fundadores da Fabrica do Alto da Fontinha. — Porto. — 183... — Fechou ha tempo, por morte dos proprietarios.

Gonçalves de Jesus (Antonio José). — Proprietario da Fabrica de louça vidrada de St.ª Maria de Gallegos. — Barcellos. — 1906.

Gonçalves Neves (Antonio José). — Pintor-ceramista. — Coimbra. — Nasceu em 1819 e falleceu em 1901.

Gonçalves Oleiro (Manuel). — Proprietario de uma fabrica de louça de barro ordinario. — Soure. — 1902.

Gorjão Henriques (Francisco Raphael). — Proprietario da Fabrica de productos ceramicos da Abrigada. — Fundada em 185...

Graça (João da). — Oleiro e barrista. — Aveiro 1820 a 1830.

Graça Ferreira (José da). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Niza. — 1905.

Guedes (João Bernardo). — Proprietario e mestre da Fabrica de faianças da Quinta do Valle de Amores, além do Douro. — Porto. — 178... — Foi um dos fundadores da Fabrica do Cavaquinho, instituida em 1789 por um grupo de que fazia parte o Dr. Domingos Vandelli.

Guerra (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria — Niza — 1905.

Guerra (Julio). — Pintor de azulejos — Lisboa — 1894. — *(M. 242).*

Guerreiro (Antonio). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

Guerreiro (Manuel Isidoro). — Proprietario de uma fabrica de tijolo e telha. — Palmella. — — 1902.

H

Henriques (Dr. Julio Augusto) — Pintor amador de azulejos e placas. Coze na Fabrica da Fonte Nova, Aveiro. — 1885 a 1895. *(M. 243).*

Henriques Pereira (Manuel). — Proprietario d'uma olaria em Ovar — 1902.

Hoffmann (O.). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Lourenço Marques *(Moçambique).* — 1902.

Hogan (Raphael). — Pintor amador. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. *(M. 444).*

Howorth (Guilherme). — Proprietario da Real Fabrica de Louça em Sacavem, fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. — 187...

Howorth (John Scott). — Proprietario da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 188... Falleceu em 1896, passando a fabrica para sua mulher, a Baroneza de Sacavem.

J

Jechtel (D. Anna). — Pintora amadora. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. *(M. 14, 25 e 223).*

Jeronymo de... — Barrista da Fabrica da Afurada, Villa Nova de Gaya. Ignora-se a data da fundação. Em 1834, este barrista cozia por enxacote (biscoito) figuras de *costumes* e faiança branca e pintada.

Jesus (Antonio Luiz de). — Pintor ceramista. Foi, com seu pae e seu avô (vide nomes seguintes), proprietario, por duas vezes, da antiga Fabrica das Trinas. Actualmente, é proprietario da Fabrica de Campo de Ourique, fundada em 1905. *(M.s 17, 18, 19 e 272).*

Jesus (Antonio Manuel de). — Pintor de azulejos da Fabrica da Travessa dos Ladrões, Lisboa. — Prim. terço do sec. XIX. Pae do pintor ceramista Antonio Luiz de Jesus. (Vide nome antecedente).

Jesus (Manuel Joaquim de). — Pintor ceramista. Lisboa. — Segunda metade do sec. XVIII. Apprendeu a sua arte na Real Fabrica do Rato, passando depois a trabalhar em outras fabricas de Lisboa, entre as quaes a da Calçada do Monte.

Jesus (Rita Maria de). — Proprietaria d'uma fabrica de louça branca. — Coimbra. — 1813.

Jesus Coragem (João de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Sousel. — 1902.

Jesus Forreta (Manuel de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Palmella. — 1902.

João Agostinho. — Official de louça de roda, da Fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa. — Juncal *(Alcobaça)*. — 1811.

João Lourenço. — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Niza. — 1865.

João Martinho. — Proprietario d'uma olaria. — Aguias ou Brótas *(Móra)*. — 1902.

João Mauricio. — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Cuba. — 1905.

João Narciso. — Proprietario d'uma fabrica de ceramica. — Vianna do Alemtejo. — 1902.

João Simão. — Mestre d'uma fabrica de telha e tijolo no Redondo. — 1887.

João Simão. — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Castro Marim. — 1902.

Joaquim do Jorge. — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria — Loulé. — 1902.

Joaquim Pedro. — Proprietario d'uma fabrica de ceramica. — Alcobaça. — 1902.

Jaaquina Rosa. — Pintora (?) da Fabrica da Bica do Sapato. — Lisboa. — Fim do sec. XVIII. *(M. 251)*.

José Alberto. — Oleiro da Fabrica de louça vermelha no sitio da Encarnação. — Olivaes. — *(Lisboa)*.

José André Junior. — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo. — Grandola. — 1902.

José Augusto. — Official de fazer louça da fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa no Juncal *(Alcobaça)*. — 1795.

José Bernardo Filippe. — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

José Dias (Viuva de). — Proprietaria da Fabrica de louça de faiança e de barro vermelho na Rua de Sant'Anna, á Lapa, 146. — Lisboa. — 1860 a 1903.

José Diniz. — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Ourenta *(Cantanhede)*. — 1902.

José Domingos. — Official de fazer louça da fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa no Juncal *(Alcobaça)*. — 1798.

José Francisco Jorge. — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1902.

José Henrique Antonio Luiz. — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Segadães *(Agueda)*. — 1902.

José Joaquim. — Oleiro e barrista — Aveiro. — 1820 a 1830.

José Joaquim. — Proprietario d'uma fabrica de louça grosseira em Alcoutim *(Beja)*. — 1815.

José Jorge. — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria. — Loulé. — 1906.

José Maria. — Proprietario da Fabrica de louça, da Travessa dos Ladrões, fundada por Paulo Pauletti. — 1813.

José Pedro Duarte. — Proprietario d'uma fabrica de louça na Panasqueira *(Olivaes)*. — 1902.

José Romão Junior. — Pintor de azulejos. — Porto. — 1904. *(M. 264 e 265)*.

Junqueira (Condessa da) — Proprietaria d'uma fabrica de telha e tijolo em Almeirim. — 1902.

Justina (Feliciano da). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Vianna do Alemtejo. — 1902.

L

Lagarto (José).— Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Vianna do Alemtejo.— 1902.

Leite Leal Garcia (Francisco).— Esculptor-barrista, Lisboa.—1770.

Leite (Cypriano Joaquim). Proprietario d'uma fabrica de louça e telha em Sousa *(Vagos)*.— 1902.

Leite (José).— Pintor de azulejos — Lisboa. *(M. 257)*.

Leite Pereira (João).— Proprietario d'uma fabrica de faianças na Lagoa, S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada)*.— 1872.

Leite Pereira (José).— Proprietario d'uma fabrica de louça — Funchal, Madeira.— 1902.

Leite Pereira (Manuel).— Fundador da Fabrica de Ceramica da Lagoa, S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada)*.— 1872.

Leite & Seabra (Augusto).— Proprietarios da Fabrica de Santo Antonio do Valle de Piedade (Villa Nova de Gaya), fundada por Francisco Rossi em 178....

Lemos (Bartholomeu de).— Oleiro e esculptor, em barro vermelho — Aveiro.— 1725. *(M. 156)*.

Lima de Arnaud (Clementina).— Proprietaria d'uma fabrica de louça na Rua da Restauração, 31, e Rua de Villar, 28— Porto.— 1902

Lindley (Walter).— Mestre da Real Fabrica de Louça em Sacavem.—190...(?).

Lino (J.).— Proprietario d'um deposito de materiaes para construcção, na Rua do Caes do Tojo, 35, Lisboa, e de varias fabricas de telha, tijolo, etc.— 1902.

Lobato (Augusto).— Fundador da Fabrica de louça de barro vermelho da Rua Ferreira Borges, 3 a 19, Lisboa. - 1893 a 1905.

Lobato & Filhos (João de Deus).—Proprietarios da Fabrica de louça vermelha e tijolo, na Rua Ferreira Borges, 3 a 19. — Lisboa. — 1892.

Lobo d'Avila (Arthur).— Pintor de faiança — Lisboa.— 1901.

Lopes.— Pintor de louça — Lisboa (?). — 1886. — *(M. 281)*;

Lopes.— Oleiro — Aveiro.— 1775. *(M. 282)*.

Lopes (Damaso Joaquim). Proprietario d'uma fabrica de telha. — Villa do Porto, Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada)* — 1902.

Lopes (José Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Castro Verde.— 1902.

Lopes Aleixo (Antonio). — Proprietario de uma fabrica de telha e tijolo. — Cabeção, Móra. — 1902.

Lopes & Ascensão. — Proprietarios de uma fabrica de tijolo e telha de Marselha. — Canidello *(Villa Nova de Gaya)*. — 1902.

Lopes Bastos (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo. — Novo Redondo *(Angola)*. — 1902.

Lopes & C.ª. — Proprietarios da Fabrica de louça de Alcantara, fundada em 1885 sob a firma Stringer, Silva & C.ª, na Rua Correia Guedes (antiga Rua Velha) — Lisboa. — 1906.

Lopes Gavicho (Sebastião). — Mestre da Fabrica de Miragaya, fundada por João da Rocha, João Bento da Rocha e Antonio Godinho Neves. — Porto. — 1775.

Lopes dos Rios & Irmão (João). — Proprietarios da Fabrica de Santo Antonio do Valle da Piedade, Villa Nova de Gaya. — 186... Eram socios Joé Lopes dos Rios e João dos Rios Junior, successores de seu cunhado, João de Araujo Lima.

Lopes Tavares (José). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Villa do Porto, Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Loueeira (A). — Cooperativa de producção, Rua da Fonte, 44, 1.º D. — Sacavem. — 1902.

Loureiro (D. Angelica). — Pintora em ceramica. — Lisboa. — 1893.

Loureiro (Ricardo). — Fundador e director da «Empreza Ceramica de Lisboa». — 1883.

Loureiro Eira (Joaquim). — Proprietario da «Fabrica Ceramica Eira». — Freguezia da Pousa, Barcellos. — 1902. *(M. 153)*.

Lucas André. — Proprietario d'uma fabrica de tijollo e telha. — Villa de Rei. — 1904.

Lupi (Eduardo). — Fundador e director da «Empreza Ceramica de Lisboa». — Lisboa. — 1883.

M

Macedo Santos Bello (D. Josepha de). — Pintora em porcelana a côres, vitrificada. — Lisboa. — 1903.

Macedo Santos Bello (D. Maria de). — Pintora em porcelana a côres, vitrificada. — Lisboa. — 1903.

Machado (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça. — Funchal, Madeira. — 1902.

Machado (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça em Villa do Porto, Santa Maria. (*Districto de Ponta Delgada*). — 1902.

Machado de Castro (Joaquim). — Esculptor-barrista e segundo mestre da escola de Mafra — Lisboa. — 1766. (*M. 248*).

Machuco (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha. — Villa de Rei. — 1902.

Mac Laren (Guilherme). — Mestre da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 188... (?).

Mac Laren (Villiam). — Fundador da Empreza Ceramica Portuense, Limitada, em Massarellos, Porto. — 1900.

Madeira (Antonio). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Madeira (José Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça nas Lagens do Pico, Pico (*Districto da Horta*). — 1902.

Mafra (Eduardo Augusto). — Filho do ceramista Manuel Cypriano Gomes Mafra, que passou a este, em 1887, a sua fabrica de faianças, fundada em 1853 nas Caldas da Rainha.

Mafra (Luiza). — Eximia manufactureira, bem como uma sua irmã (ambas irmãs do ceramista Manuel Cypriano Gomes Mafra), dos caracteristicos cestos de verguinha de barro das Caldas. — 1870-1895.

Magalhães (Duarte José de). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1889 a 1905.

Magalhães (Joaquim de). — Pintor de retratos da Fabrica da Fonte Nova, de Mello Guimarães & Irmãos, Aveiro. — 1892. (*M.^s 295 e 296*).

Magalhães & C.ª — Proprietarios d'uma fabrica de louça, Porto. — 1805.

Maia (Domingos). — Fundador da Fabrica de louça vermelha da Calçada de Agostinho Carvalho, conhecida por «Fabrica da Calçada» ou do «Romão da Maia». — 1790.

Maluco (João). — Forneiro e pintor da Fabrica Constancia, fundada em 1830, ás Janellas Verdes, Lisboa. — 1875.

Maneta (Victorino Caetano). — Proprietario de uma fabrica de tijolo e telha. — Palmella (*Setubal*). — 1902.

Manini (Luiz). — Decorador de louça. — Lisboa.

Manso Pereira (João). — Fabricante de porcelanas e descobridor do kaolino e argilias para essa manufactura. Ilha Grande (*Rio de de Janeiro*). — 1795. (*M.^s 247 e 298-A*).

Manuel Agostinho. — Official de fazer louça da Fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa no Juncal (*Alcobaça*). — 1812.

Manuel Aleixo. — Proprietario d'uma fabrica de ceramica, Vianna do Alemtejo. — 1902.

Manuel André. — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha, Grandola. — 1902.

Manuel Antonio. — Proprietario d'uma fabrica de louça na Arruda dos Pisões *(Rio Maior)*. — 1902.

Manuel Antonio. — Barrista. — Aveiro. — 181... Era oleiro e poeta, ainda que *d'agua doce.*

Manuel Joaquim Affonso. — Fundador da Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1850.

Manuel Elesbão. — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Povoação, S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Marão Pessoa (Virgilio). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca, no Terreiro de Santo Antonio. — Coimbra. — 1887.

Margarido (João). — Proprietario d'uma olaria. — Sardoal. — 1902.

Marques (Manuel Vicente). — Proprietario d'uma fabrica de telha. — Becco *(Ferreira do Zezere)*. — 1902.

Marques (Pedro Antonio). — Proprietario da Fabrica do Côjo. — Aveiro. — 1860. O catalogo da Exposição de Arte religiosa em Aveiro, 1895, pag. 144, diz ser um pintor cheio de talento e boa vontade, que explorou esta fabrica por sua conta desde 1860 até 1888, em que falleceu. Succedeu-lhe Anna Joaquina dos Santos Marques.

Marques (Victor Augusto). — Proprietario d'uma fabrica de louça, «Ceramica Social», na Quinta Nova, Largo do Matadouro. — Lisboa — 1902.

Marques Correia (João). — Actual gerente da Fabrica do mestre Miguel, fundada em 1847 por seu pae, Miguel Gomes Correia. — 1906

Marques Fialho (Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de louça e tijolo. — Portel. — 1902.

Marques Fialho (José). — Proprietario d'uma fafabrica de louça. — Portel. — 1902.

Marques de Figueiredo (Manuel). — Barrista. — Aveiro. — Meado do sec. XIX.

Marques dos Santos (Joaquim). — Barrista. — Aveiro. — Principio do sec. XIX.

Marques de Sousa (Lourenço). — Modelador da Fabrica de Santa Clara. — Lisboa. — *(M. 611)*.

Martins (Alberto Cypriano). — Proprietario da Fabrica da Calçada de Agostinho de Carvalho. — Lisboa. — 1880 (?).

Martins (Antonio). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Martins (Ezequiel Cypriano). — Proprietario da Fabrica da Calçada de Agostinho de Carvalho. — Lisboa. — 1895.

Martins (José). — Formista e oleiro da Fabrica das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Martins (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria. — Almodovar. — 1902.

Martins (José Maria). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. — Portalegre. — 1902.

Martins (Magdalena). — Proprietaria da Fabrica de louça de barro e branca (vidrada), na Calçada de Agostinho de Carvalho, conhecida por «Fabrica da Calçada». — Lisboa. — 1815.

Martins (Silverio). — Esculptor-barrista. Lisboa — 1781.

Martins Cardoso (Jacintho). — Fundador, de sociedade com Zeferino Augusto da Costa, da Fabrica de louça «Progresso Angrense», em Angra do Heroismo, Terceira *(Districto de Angra)*. — 1886.

Martins Falcão e Almeida (Vicente). — Fundador da Fabrica de faianças da Rua Vinte e Quatro de Julho, 966, Lisboa. — Actual proprietario, José Gregorio Baudoin.

Martins d'Oliveira (João Carlos). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica na Travessa da Rua Affonso d'Albuquerque, Figueira da Foz. — 1902.

Martins Pereira (Manuel). — Pintor da Fabrica de louça «Progresso Angrense», fundada em 1886 por Jacintho Martins Cardoso e Zeferino Augusto da Costa, em Angra do Heroismo, Terceira *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1906.

Martins Ruas (José). — Fundador da Fabrica de louça branca, em Caminha. — 1846 a 1854. *(M.s 369, 370, 372, 377 e 428).*

Massarellos (Barão de). — Proprietario da Fabrica de Santo Antonio do Valle de Piedade, Villa Nova de Gaya, fundada pelo seu antecessor, Francisco Rossi, em 178...

Mattos (Francisco de). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1584. *(M. 194).*

Mattos da Cunha (Augusto Carlos). — Pintor amador. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. *(M 11).*

Maya. — Esculptor-barrista. — Aveiro. — Sec. XVIII. *(M 308).*

Maya (Antonio da). — Apprendiz de pintura da Fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da Silva e Sousa, no Juncal (Alcobaça). — 1782.

Mello Coutinho (José Pedro de). — Proprietario d'uma fabrica de telha em Ourentã *(Cantanhede)*. — 1902.

Mello Guimarães (Antonio Carlos). — Fundador e actual proprietario, de sociedade com seus irmãos, Carlos da Silva Mello Guimarães e Luiz de Mello Guimarães, da Fabrica da Fonte Nova, Aveiro, fundada em 1882.

Mello Guimarães (Luiz de). — Fundador e actual proprietario, de sociedade com seus irmãos, Carlos da Silva Mello Guimarães e Antonio Carlos Mello Guimarães, da Fabrica da Fonte Nova, Aveiro, fundada em 1882.

Mendonça (Joaquim de). — Proprietario d'uns fornos de tijolo em Móra — 1902.

Meuron de Araujo (D. Maria Francisca). — Pintora amadora. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1884. *(M.s 32, 293, 297, 301, 302 e 327).*

Miller (Francisco). — Actual mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1899.

Miranda (José Maria). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria, em Portalegre. — 1905.

Mócho. — Barrista — Aveiro. — 1813.

Moço & Irmão (Joaquim Filippe). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria em Loulé. — 1906.

Moniz Vieira (João). — Proprietario da Fabrica de louça branca e de côres (faiança) no sitio do Castello Picão, ao Mocambo, Lisboa. — 1820.

Moniz Vieira (João). Proprietario d'uma fabrica, que consumia no reino e America, na Travessa da Bella Vista, Lisboa. — 1814.

Monte (Estevão José do). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Monte Empina (Luiz do). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Monteiro Cantarino (Antonio). — Fundador e mestre da Fabrica do Carvalhinho (Corticeira), Porto. — 182... Era tambem proprietario e mestre da fabrica Thomaz Nunes da Cunha.

Moraes (Joaquim Francisco de). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Villa do Porto, Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada)*. — 1902.

Moraes (Manuel de). — Esculptor da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1826 a 1833. Discipulo da Casa Pia de Lisboa.

Moreira (Domingos Eduardo). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo em Angola. — 1903.

Moreira da Camara (Antonio). — Proprietario e fabricante da fabrica de ceramica das Caldas da Rainha, fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso. — 1896. *(M. 29).*

Moreira Rato & Filhos (José). — Depositarios da Fabrica da Palença, da Companhia Nacional de Ceramica. — Rua Nova do Carvalho, 1. Lisboa. — 1902.

Moura (José Luiz de). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca em Coimbra. — 1886. Fundação anterior.

Moura (Manuel Caetano de). — Proprietario d'uma fabrica de louça entre-fina em Coimbra. — 1813.

Mourão (José Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça de barro vermelho em Villa Viçosa (freguezia matriz). — 1888.

Mousinho de Albuquerque Mascarenhas Galvão (D. Maria Anna). — Pintora de faiança. Coimbra. — 1900. *(M. 298)*.

N

Nepomuceno (Joaquim).—Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolos em Villa Viçosa (freguezia de S. Romão). — 1888.

Neves (João das). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Coimbra. — 1813.

Neves (José das). — Actual gerente da Fabrica de louça do Desterro, fundada em 1889 na Rua Nova do Desterro, 14. Lisboa. — 1906.

Nogueira (João). — Administrador e caixa da Fabrica do Cavaquinho, fundada em 1789 pelo Dr. Domingos Vandelli e socios. — Porto. — 1817.

Nogueira Guimarães (Francisco José). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Funchal, Madeira. — 1902.

Nogueira dos Santos (José). Proprietario d'uma fabrica de telha em Macinhata do Vouga (*Agueda*). — 1902.

Nunes (Valerio). — Fabrica de olaria, Cabeção (*Mora*). — 1902.

Nunes de Carvalho (Manuel). — Fundador da Fabrica de louça branca da Travessa da Bella Vista, á Lapa, Lisboa. — 1794.

Nunes da Cunha (Joaquim). — Proprietario da Fabrica da Fervença, Villa Nova de Gaya, fundada em 182... pelo seu antecessor, Manuel Nunes da Cunha. Foi mais tarde, — por causa da expropriação d'esta, — proprietario da Fabrica do Cavaco, Villa Nova de Gaya, fundada em 178... por um parente do Barão de Sarmento.

Nunes da Cunha (Manuel). — Fundador da Fabrica da Fervença, Villa Nova de Gaya. — 182... Succedeu-lhe Joaquim Nunes da Cunha, que teve de transferil-a, por causa de expropriação, para a do Cavaco, que comprou ao Barão de Sarmento.

Nunes da Cunha & C.ª (Luiz). — Proprietarios da Fabrica de louça do Monte Cavaco, Villa Nova de Gaya. — 1902.

Nunes da Cunha & C.ª (Manuel). — Proprietarios, segundo o Almanach da Cidade do Porto para os annos de 1844 e 1848, da Fabrica da Fervença e da Fabrica do Carvalhinho, em 1857.

Nunes da Cunha & C.ª (Thomaz). — Proprietarios, em 1848, segundo o Almanach da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya, da Fabrica do Carvalhinho, fundada em 182... por Thomaz Nunes da Cunha e Antonio Monteiro Cantarino.

Nunes & Leite. — Proprietarios d'uma fabrica de louça no Monte Cavaco, Villa Nova de Gaya. — 1902.

Nunes da Silva (Estevão). — Proprietario da Fabrica de louça da Rua da Costa, 14, Lisboa. — 1897.

Nunes da Silva (José). — Proprietario d'uma fabrica de telha na Igreja Nova do Sobral (*Ferreira do Zezere*). — 1902.

O

Obidos (Josepha de). — Pintora e esculptora-barrista. Obidos. — Sec. XVII. — O seu appellido da familia era *Ayala*. *(M. 336)*.

Oliveira (Antonio de). — Pintor de azulejos. — Lisboa. — 1686.

Oliveira (Antonio de). Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Coimbra. — 1813.

Oliveira (Joaquim José de). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1866 a 1881.

Oliveira (José Domingos d'). — Fundador d'uma fabrica de faianças nas Caldas da Rainha. — 1897. Este fabricante dirigiu em tempo a fabrica de Gomes d'Avellar *(M.s 254, 255 e 256).*

Oliveira (Pedro de). — Proprietario de uma pequena fabrica de louça vermelha, no Largo do Matadouro, Lisboa. — 1899.

Oliveira Bernardes (Antonio de). — Pintor de azulejos. — Evora. — 1711

Oliveira Bernardes (Polycarpo de). — Pintor de azulejos. — Vianna do Castello. — 1750 (?).

Oliveira Dias (José). — Director da Officina Ceramica «Medico Sousa», fundada em 1893.

Oliveira Veiga (Antonio de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Sousel. — 1902.

Olympio Luiz. — Proprietario d'uma fabrica de louça na Panasqueira *(Olivaes)*. — 1902.

Orens (Antonio de).— Proprietario de uma pequena fabrica na Horta das Tripas, Lisboa. — 18[illegible].

Orey (Ruy d').— Um dos actuaes directores da Empreza Ceramica de Lisboa, fundada em 1883.

Ortigão Ramos (D. Bertha).— Pintora de faianças.— Lisboa.— 1887. *(M. 65).*

Ouzedo (Joaquim Antonio). — Proprietario da Fabrica de louça de Santa Martha, em Lisboa.—1789.

P

Pacheco (João).—Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo.— 1905.

Pacheco (José).— Proprietario d'uma fabrica de tijolo, em Castro Marim.—1902.

Pacheco (Manuel).—Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo.— 1905.

Pacheco Gago da Camara (Ermelinda).— Proprietaria d'uma fabrica de louça em Villa Franca do Campo, S. Miguel (*Districto de Ponta Delgada*). — 1902.

Paes (João).— Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria, em Castro Verde.— 1905.

Paiva (Agostinho de).—Oleiro.—Braga (?).—1691. *(M. 13).*

Paixão.— Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Vianna do Alemtejo.— 1902.

Palhinha (Joaquim).—Oleiro.—Figueira da Foz. 1855 a 1856.

Palmella (Duqueza de) —Esculptora, e fundadora, de sociedade com a Snrª. Condessa de Ficalho, da Fabrica de ceramica do Ratinho.— Lisboa.— 1873. *(M.s 114, 115, 116 e 117).*

Palminha (Miguel).— Proprietario d'uma fabrica de tijolo, em Castro Verde.—1902.

Passos & C.ª.— Proprietarios da Fabrica do Cavaco, Villa Nova de Gaya.— 186... (?).

Patoilo (José André).— Proprietario d'uma fabrica de pó de tijolo e faiança em Ilhavo. — 1902.

Paula e Oliveira (Francisco de).— Mestre da Real Fabrica do Rato, Lisboa.— 1820. Morava na Rua da Penha de França, n.º 14.

Panletti (Paulo).— Fundador da Fabrica de louça fina da Travessa dos Ladrões, Lisboa. — 1769. *(M.s 231 e 353).*

Pedroso (José Joaquim.)— Proprietario d'uma fabrica de tijolo, na Chamusca.— 1902.

Peixoto (Ruy).— Director d'uma fabrica de telha e tijolo no Redondo.—1887.

Peninhas (Constantino José). — Proprietario d'uma fabrica de telha e ladrilho, no Alandroal. — 1902.

Penteado (Joaquim).— Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria, em Loulé — 1902.

Pequeno.— Vide Santos (Joaquim dos).

Perdigão (Henrique José).— Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo.— 1905.

Pereira (João).— Pintor da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro.— 1906.

Pereira (Joaquim José).— Proprietario da Fabrica da Rua do Almada, Porto.—1881. A fundação é anterior a esta data.

Pereira (Leonardo).— Proprietario d'uns fornos de tijolo em Móra.—1902.

Pereira Campos (Jeronymo). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo em Aveiro. — 1902.

Pereira Cão.— Vide Pereira Junior (José Maria).

Pereira Capote (Luiz).— Oleiro da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. Descobridor, em 1834, do kaolino para as porcelanas d'esta fabrica. Falleceu em 24 de outubro de 1870.

Pereira Junior (José Maria).— Pintor de azulejos e faianças da Fabrica Lamego, Lisboa. — 1874. *(M. 352)*. Conhecido por *Pereira Cão*. Assim tem mesmo assignado alguns trabalhos.

Pereira Martins (Luiz). — Proprietario d'uma fabrica de telha em Segadães *(Agueda)*. — 1902.

Pereira de Miranda (José). — Fundador, de sociedade com o Dr. Domingos Vandelli e outros, da Fabrica do Cavaquinho, Porto. — 1789.

Pereira Resende Junior (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Ovar. — 1902.

Pereira Silvestre (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Aveiro. — 1906.

Pereira Valente (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça nas Devezas (*Villa Nova de Gaya*). — 1902.

Pereira Zagallo (José Joaquim). — Proprietario da Fabrica de louça da Travessa dos Ladrões, Lisboa. — 1789. Parece ser a fabrica fundada em 1769 por Paulo Pauletti.

Peres (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Castro Verde. — 1902.

Pessoa (Adelino Augusto). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca em Coimbra. — 1885. Fundação anterior.

Pessoa (Adriano Augusto). — Proprietario de duas fabricas de louça vermelha; uma no Terreiro de Santo Antonio (1867), outra na Rua da Moeda (1890), Coimbra.

Pessoa (Affonso Augusto). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Rua Direita, Coimbra. — 1902. Está fechada.

Pessoa (Joaquim Alfredo). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca em Coimbra. — 1886. Fundação anterior.

Pessoa (Manuel Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca em Coimbra. — 1813.

Pezote. — Vide Rodrigues (Manuel Luiz).

Piedade Baptista (João da). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria em Loulé. — 1902.

Piedade Caracol (Francisco da). — Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria em Loulé. — 1902.

Piedade Caracol (Joaquim da). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Loulé. — 1902.

Piedade Queiroz (Padre Gualter da). — Fundador da Fabrica de louça Monte Cavaco, Villa Nova de Gaya. — 1848 (?) a 1861.

Pimentão. — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Vianna do Alemtejo. — 1902.

Pimentel (José Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Portalegre. — 1905.

Pinheiro (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

Pinho (José de). — Pintor de azulejos da Fabrica da Fonte Nova, Aveiro. — 1898. *(M. 355)*.

Pinto (Antonio). — Proprietario, de sociedade com Joaquim Pinto, d'uma fabrica de olaria em Aguias ou Brótas *(Móra)*. — 1902.

Pinto (Joaquim). — Proprietario, de sociedade com Antonio Pinto, d'uma olaria em Aguias ou Brótas *(Móra)*. — 1902.

Pinto (José Antonio Jorge). — Pintor de faiança e azulejos; trabalhou na Fabrica Constancia, com intermittencias, desde 1897 até principio de 1906. Actualmente, trabalha em sua casa, Rua Carlos Principe, 16, Ajuda, usando os productos das Fabricas de Sacavem e Campolide, onde faz cozer a pintura.—Lisboa. — 1906. *(M.s 260 e 261)*.

Pinto (José Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Cezimbra. — 1902.

Pintor. — Vide José Joaquim, oleiro e barrista de Aveiro.

Pintura (José da). — Vide Silva (José da).

Pires do O' (José Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Alvito. — 1902.

Pons Junior (Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica na Rua Vinte e Quatro de Julho, 966, Lisboa. — 1902.

Porto (Manuel do). — Fundador da Fabrica do Largo das Olarias, Lisboa. Esta fabrica extinguiu-se ha 25 annos. O proprietario era assim conhecido por ter vindo do Porto. A fabrica produzia louça branca vidrada. No catalogo da Exposição de Arte religiosa em Aveiro, 1895, figura um pintor por alcunha *o Porto*, que parece ser este, por pertencido á fabrica do Côjo, em Aveiro. — 1800 (?)

Possolo (Henrique). — Pintor amador. Cozia na na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. *(M. 218)*.

Prado (Manuel do). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Rua das Musas, 6, Porto. — 1844.

Q

Quaresma (A.). — Pintor da Fabrica da Fonte Nova, Aveiro. — 1906. *(M. 33)*.

Quaresma (Domingos). — Oleiro. Lisboa. — 1770.

Queiroz (Padre Gualter da Piedade). — Proprietario da Fabrica do Monte Cavaco. — Porto.

R

Ramos (Aleixo). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Borba. — 1902.

Ramos (Rita). — Proprietaria d'uma fabrica de de louça branca em Coimbra. — 1813.

Rangel (S. A.). — Esculptor-barrista. Aveiro. — Princ. do sec. XVIII. *(M. 457)*.

Rato (João). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo. Borba. — 1902.

Regala (João). — Pintor da Fabrica do Côjo em Aveiro. — 179...

Reimão (Domingos). — Oleiro d'uma fabrica de Coimbra. Dirigiu a construcção do primeiro forno na Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1824.

Reis (José dos) — Fundador da Fabrica de ceramica de Alcobaça, em 187... Actualmente dirige a fabrica Joaquim dos Santos *(Pequeno)*.

Reis Cardoso (Joaquim dos). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Rua do Conselheiro Marianno de Carvalho, 67, Lisboa. — 1902.

Remedios Ribeiro Figueiredo (José dos). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria, em Niza. — 1905.

Rezende de Pinho (J.). — Proprietario d'uma olaria em Ovar. — 1902.

Ribeiro (José) (Pae e filho). — Proprietarios d'uma fabrica de louça de barro vermelho, Lisboa. — 1845 a 1893.

Ribeiro & Filhos (Viuva). — Proprietarios da Olaria da Rua dos Navegantes, fundada em 1871. — 1906.

Ricter (Carlos Hugo). — Professor de ceramica na Escola Industrial Fernando Caldeira, Aveiro. — 1902.

Rios Junior (João dos). — Proprietario da Fabrica de Santo Antonio do Valle de Piedade, Villa Nova de Gaya. — 186... Successor de João Lopes dos Rios & Irmãos.

Rissoto (João Maria). — Director da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1830 a 1878.

Roberto (J. S.). — Pintor da Fabrica Constancia. Lisboa. — 184... (?). *(M.es 448 e 449)*.

Rocha (João da). — Fundador da Fabrica de Miragaya, Porto. — 1775. Eram socios João Bento da Rocha e Antonio Godinho Neves. Succedeu-lhe seu sobrinho, José Bento da Rocha *(M.es 378, 388, 398, 408)*.

Rocha (João Bento da). — Fundador da Fabrica de Miragaya, Porto. — 1775. Eram socios João da Rocha e Antonio Godinho Neves.

Rocha (José Bento da). — Successor, na Fabrica de Miragaya, de seu tio, João da Rocha, fallecido em 1779.

Rocha Freire (Francisco da). — Mestre de pintura da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1881 a 1889.

Rocha & Irmão (Abilio). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Oliveira do Bairro. — 1906.

Rocha Soares (Francisco da). — Proprietario da Fabrica de Miragaya, fundada em 1775 por João da Rocha, João Bento da Rocha e Antonio Godinho Neves. Teve arrendadas as Fabricas de Massarellos e Santo Antonio. Villa Nova de Gaya. — Falleceu em 1829 *(M.es 378, 379, 385, 386, 390, 394, 397, 400, 401, 402, 403, 405, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 624 e 625)*.

Rocha Soares (Francisco da). — Filho do anterior e, como elle, proprietario da Fabrica de Miragaya e arrendatario das de Santo Antonio, Villa Nova de Gaya (até 1833), e de Massarellos (até 1844). — Falleceu em 1857, fechando então a Fabrica de Miragaya.

Rocha & Sousa (João da). — Proprietario da Fabrica de louça de faiança de Massarellos, Porto, que adquiriu em 1844 e passou depois a seu sobrinho, Antonio Rodrigues de Sá Lima, a quem succederam seus filhos, Antonio Rodrigues de Sá Lima e João da Rocha e Sousa Lima. Em 184... arrendou a fabrica do Cavaco, em Villa Nova de Gaya.

Rocha e Sousa Lima (João da). — Fabrica de louça de faiança de Massarellos, Porto. — Elle e seu irmão, Antonio Rodrigues de Sá Lima, foram os successores de seu pae, Antonio de Sá Lima. Era o gerente em 1883.

Rodrigues (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de telha, na Igreja Nova do Sobral (*Ferreira do Zezere*). — 1902.

Rodrigues (Barnabé). — Oleiro, natural de Leiria. Estabeleceu na rua Rio Tinto, hoje 10 de Agosto, uma pequena fabrica de louça, no anno de 1855. Fundou mais tarde, ahi por 1860, outra fabrica em Caceira (*Coimbra*).

Rodrigues (José). — Proprietario d'uma olaria em Ovar. — 1902.

Rodrigues (Manuel Luiz). — Proprietario da Fabrica de Darque, Vianna do Castello. — 183... Conhecido por *Pezote*.

Rodrigues Alho (João). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*) — 1902.

Rodrigues Alho (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*). — 1902.

Rodrigues Alho Junior (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*). — 1902.

Rodrigues Branco de Mello e Sampaio (José). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca em Aveiro. — 1790.

Rodrigues Ferreira (Leandro). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*). — 1902.

Rodrigues Ferreira (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*). — 1902.

Rodrigues de Magalhães (José). — Proprietario da Fabrica da Bica do Sapato, Lisboa. — 1813.

Rodrigues Milagres (Joaquim ou José Joaquim). — Inventor de uma nova qualidade de louça. Real Fabrica do Rato, Lisboa. — 1817. Morava na Rua de S. Bento n.º 62. (*M.*s *229, 230, 233, 234, 235 e 326*).

Rodrigues Quatorze (Thomé). — Proprietario d'uma de olaria em Ovar. — 1902.

Rodrigues Sail (Antonio). — Oleiro da Fabrica Constancia, de Miguel José Sequeira, Lisboa. — 1905.

Rodrigues de Sá Lima (Antonio). — Proprietario da fabrica de louça de faiança de Massarellos, Porto.— (Comprada a seu tio, João da Rocha e Sousa).

Rodrigues de Sá Lima (Antonio). — Proprietario da fabrica de louça de faiança de Massarellos, Porto. — 1848. Elle e seu irmão, João da Rocha e Sousa Lima, foram os successores de seu pae, Antonio Rodrigues de Sá Lima.

Rodrigues Serra (Herculano). — Fundador d'uma fabrica de faianças nas Caldas da Rainha. — 1899. (*M 220*).

Rodrigues da Silva (Antonio). — Proprietario ou pintor da Fabrica de Vianna do Castello. — Fim do sec. XVIII (*M. 30*).

Rodrigues da Silva e Sousa (José). — Fundador e pintor da Fabrica de louça e azulejo do Juncal (*Alcobaça*). — 1770. (*M.*s *69, 159 e 263*).

Rosa Gomes (João). — Actual administrador da Empreza Ceramica de Lisboa, fundada em 1883.

Rosa Senior (Antonio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria, em Cacella (*Villa Real de Santo Antonio*). — 1902.

Roseira (Augusto Victor). — Proprietario da Fabrica de louça e azulejos da Calçada dos Cesteiros. — 1895. (Fundador, Victor Roseira).

Roseira (João). — Proprietario da Fabrica da Calçada dos Cesteiros. — 1885. (Fundada em 1832 por Victor Roseira).

Roseira (Victor). — Fundador da Fabrica de louça e azulejos da Calçada dos Cesteiros, Lisboa. — 1832. (Actual proprietario, Augusto Victor Roseira).

Rossi (Francisco). — Fundador da Fabrica de Santo Antonio do Valle da Piedade, Villa Nova de Gaya (*Porto*). — 178... (*M.*s *232 e 446*).

Roulet (Francis). — Mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1893 a 1899.

Russo (Joaquim). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Tavarede (*Figueira da Foz*). — 1902.

S

Sabido & Irmão (Casimiro José). — Proprietarios da Fabrica de Productos Ceramicos de Campolide, fundada pelo Visconde de Sacavem (José), em 1896, na Estrada de Campolide, 161. Lisboa. — 1906. (*M. 135*).

Saboya (D. Maria Pia de). — Esculptora-barrista. — Lisboa. — 1886. (*M. 300*).

Sá Castro (Candido Augusto de). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Largo da Bandeira, 107, Villa Nova de Gaya. — 1902.

Sacavem (Baroneza de). — Proprietaria da Real Fabrica de Louça em Sacavem, fundada em 1850 por Manuel Joaquim Affonso. — 1896. Succedeu a seu marido, John Scott Howorth (Barão de Sacavem).

Sacavem (José) (Visconde de). — Pintor ceramista e fundador, em 1892, d'uma fabrica de faianças na estrada do Avenal, Caldas da Rainha, intitulada «Atelier Ceramico». Transferiu-a em 1896 para a Estrada de Campolide, Lisboa, onde está actualmente a Fabrica de Productos Ceramicos de Campolide, de Casimiro José Sabido & Irmão. (*M.*s *8, 9, 42, 43, 470, 562, 563, 564, 565 e 566*).

Sacristão (Thomaz). Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Cuba. — 1902.

Salgueiro. — Oleiro, vindo de Coimbra para a fabrica fundada em 1860 por Barnabé Rodrigues, em Caceira, junto á estrada de Coimbra. — 1865 (?).

Salvador Luiz. — Avaliador de louça da Real Fabrica do Rato, Lisboa. — 1820.

Sampaio (Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de telha em Carrazeda de Anciães. — 1902.

Sampaio (Miguel). — Proprietario de duas fabricas de telha em Marzagão *(Carrazeda de Anciães)*. — 1902.

Santos. — Esculptor popular, em barro vermelho. Rua das Taipas, 48, Porto. — 1876. *(M. 456 A)*.

Santos (Acolyto dos). — Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Santos (Bonifacio dos). — Pintor da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Santos (Caetano José dos). — Fundador, de sociedade com o Dr. Domingos Vandelli e outros, da Fabrica do Cavaquinho, Porto. — 1789.

Santos (Etelvino dos). — Proprietario d'uma pequena fabrica (fabricação caseira) e vendedor ambulante. — Caldas da Rainha. — 1903. *(M. 122)*.

Santos (Felix dos). — Pintor da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Santos (João dos). — Oficial de louça fina, contramestre da fabrica fundada em 1860 por Barnabé Rodrigues, em Caceira, junto da estrada de Coimbra. — 1865 (?).

Santos (Joaquim dos). — Actual director da Fabrica de ceramica de Alcobaça, fundada em 187... por José dos Reis. — 1906. Conhecido por *Joaquim Pequeno*.

Santos (José Antonio dos). — Proprietario d'uma fabrica de louça branca na Rua da Moeda em Coimbra. — 1873.

Santos (José Carlos dos). — Pintor forneiro da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Santos Macedo (D. Maria). — Pintora em porcelana (genero Saxe e Sèvres). — Lisboa. — 1902.

Santos Marques (Anna Joaquina dos). — Proprietaria da Fabrica do Côjo, Aveiro. — 1906. (Viuva e successora de Pedro Antonio Marques).

Santos Neco (F. dos). — Proprietario d'uns fornos de telha e tijolo em Ourique. — 1902.

Sardinheiro. — Vidè Santos (João dos).

Saxe-Coburgo-Gotha (D. Fernando). — Pintor ceramista. — Lisboa. — 1870. *(M.s 154 e 155)*.

Scorder (José). — Modelador da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1826. Veiu contractado da Saxonia. Era artista de valor.

Sebastião (José). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo na Alhandra *(Ribatejo)*. — 1811.

Seixas (Cypriano José de). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo na Chamusca. — 1902.

Semedo (Francisco). — Proprietario, de sociedade com Manuel Semedo, d'uma fabrica de louça ordinaria, tijolo e telha, em Gavião. — 1902.

Semedo (Manuel). — Proprietario, de sociedade com Francisco Semedo, d'uma fabrica de louça ordinaria, tijolo e telha, em Gavião. — 1902.

Sequeira (Manuel José). — Mestre da Fabrica de Miragaya, fundada em 1775 por João da Rocha, João Bento da Rocha e Antonio Godinho Neves. — 182...

Sequeira (Miguel José). — Actual proprietario da Fabrica Constancia, Rua de S. Domingos, á Lapa, 2, Lisboa. — 1885.

Sequeira & Freire. — Proprietarios da Fabrica Constancia, Lisboa. — 1884.

Sergio da Silva (Manuel). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo e telha na Alhandra *(Ribatejo)*. — 1811.

Serote (Joaquim Simão). — Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Castro Marim. — 1902.

Serpa (D. Fernando de). — Pintor amador. Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem. — 1885. *(M. 211)*.

Serpa (Joaquim Aleixo). — Proprietario d'uma fabrica de louça em Vianna do Alemtejo. — 1860 (?).

Serpa Pimentel (D. Anna de) — Pintora de faianças. — Lisboa. — 1891. *(M.s 26 e 27).*

Serrano & Fonseca. — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha na Estrada da Beira, Coimbra. — 1899.

Silva. — Pintor de azulejos. — Porto. — 1657.

Silva (Antonio José Jacintho). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica na Lagoa, S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada).* — 1902.

Silva (Bernardino da). — Proprietario d'uma fabrica de faiança em Villa Franca do Campo, S. Miguel *(Districto de Ponta Delgada).* — 1862.

Silva (Estevão Arcadio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça commum em Villa Viçosa. — 1902.

Silva (Faustino José da). — Esculptor-barrista. Lisboa. — 1780.

Silva (Joaquim da). — Proprietario d'uns fornos de telha em Torres Vedras. — 1902.

Silva (Joaquim Arcadio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça commum em Villa Viçosa — 1902.

Silva (José da). — Pintor de azulejos. Lisboa. — 1869. Pintou, ha 36 annos, os azulejos que revestem a fachada da Fabrica de louça de Miguel Gomes Correia, na Rua da Imprensa Nacional. Conhecido por *José da Pintura.*

Silva (José da). — Pintor de azulejos da Fabrica da Fonte Nova, de Mello Guimarães & Irmãos, Aveiro. — 1892. *(M.s 266 e 462).*

Silva (José da). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Funchal. — 1902.

Silva (José Antonio da). — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo em Alverca *(Ribatejo).* — 1811.

Silva (José Arcadio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça commum em Villa Viçosa (Freguezia matriz). — 1902.

Silva (D. Luiza Estephania da). — Pintora de porcelana, discipula, desde 1903, de D. Helena Eisenbart. Os seus trabalhos sobre porcelanas da Vista Alegre e estrangeiras, têem o caracter das antigas decorações de Saxe e Sèvres. Lisboa. — 1906. *(M.s 287 A e 287 B).*

Silva (Manuel da). — Pintor de azulejos. Coimbra. — 1691.

Silva (Manuel Duarte). — Fundador da Fabrica de louça de Massarellos, Porto. — 1738.

Silva (Manuel Duarte). — Proprietario da Fabrica de louça de Massarellos, Porto. — 1788. Successor de seu pae, Domingos Ferreira da Silva Guimarães, tinha o mesmo nome que seu avô (vide nome anterior) e falleceu em 1845.

Silva (Severino José da). — Contramestre da Real Fabrica do Rato, Lisboa. — 1771. Foi, em 1789, mestre da Fabrica de Santo Amaro, Lisboa, e tambem um dos seus proprietarios, de sociedade com Henrique Francisco de Andrade.

Silva Carvalho (João Victorino da). — Proprietario d'uma fabrica de telha e ladrilho, no Alandroal. — 1902.

Silva Lisboa (Ignacio Augusto da). — Primeiro regente da Companhia Fabril de Louça, actualmente Fabrica Constancia, Lisboa. — 1836.

Silva Macedo (Angelo da). — Proprietario da Fabrica do Monte Cavaco, Villa Nova de Gaya. — 1861. Fundada pelo padre Gualter da Piedade Queiroz.

Silva Marianno (Manuel da). — Contramestre da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — De 1883 em diante.

Silva Mello Guimarães (Carlos da). — Fundador e actual proprietario, de sociedade com seus irmãos, Antonio Carlos Mello Guimarães e Luiz Mello Guimarães, da Fabrica da Fonte Nova, Aveiro, fundada em 1882. Em 1904, adoptaram a firma Mello Guimarães & Irmãos.

Silva Monteiro (João da). — Mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1826 a 1833.

Silva Monteiro Junior (João da). — Mestre de porcelana da Fabrica da Vista Alegre, Aveiro. — 1833 a 1838.

Silva Pereira (João Bento da). — Fundador da fabrica de louça branca e de côres, no Castello Picão, ao Mocambo, Lisboa. — 1794. Socio de Luiz Antonio Alvares.

Silva Pinho (Antonio da). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Coimbra. — 1886. (Fundação anterior).

Silva Pinho (Pedro da). — Oleiro de barro vermelho. Coimbra. — 1902.

Silva Rocha (José da). — Fundador e proprietario da Fabrica de louça no genero da de Extremoz, fundada em 1903 na Rua da Bombarda, 31, Lisboa. — 1893 *(M. 285)*.

Silva Santos (João da). — Pintor da Fabrica do Côjo, Aveiro. — 18... (?)

Silva & Silva (Antonio José da). — Actuaes proprietarios da Fabrica de Santo Antonio do Valle de Piedade, Villa Nova de Gaya, fundada em 187... por Francisco Rossi. — 1906.

Silveira (D. Antonio Lobo da). — Pintor de azulejos, Lisboa. — 1902. *(M. 28)*.

Silveira (Antonio Lourenço da). — Um dos actuaes directores da «Empreza Ceramica de Lisboa». — 1883.

Silveira (Manuel da). — Proprietario d'uma fabrica de louça vermelha em Coimbra.—1813.

Silvestre. — Proprietario d'uma fabrica de telha, na Povoação, S. Miguel *(Districto de Ponta-Delgada)*. — 1902.

Simões Chuva (Joaquim). — Pintor da Fabrica da Fonte Nova, de Mello Guimarães & Irmãos, Aveiro. — 1891. *(M. 459)*.

Soarès (Manuel José). — Proprietario da Fabrica do Cavaco, Villa Nova de Gaya. — 1834. Estava n'esta data a funccionar por conta d'este, fabricando louça de pó de pedra. Esta fabrica fôra fundada por um parente do Barão de Sarmento, por 178...

Soares (Manuel José). — Fundador da Fabrica de louça da Torrinha, Villa Nova de Gaya. — 1844. Por morte d'este, ficou dirigindo a fabrica sua mulher, Margarida Soares Rego (conhecida tambem por Viuva Soares e Viuva Rego), o que já succedia por 1857.

Soares (Pedro). — Proprietario d'uma pequena fabrica *(tenda)* de louça, junto ás portas de Almedina, Coimbra. — 1203

Soares (Pedro Celestino).—Proprietario d'uma fabrica de louça na Travessa do Pé de Ferro *(Bairro do Mocambo)*, Lisboa.—1813.

Soares Bello (Avelino Antonio). — Fundador d'uma pequena fabrica de faianças intitulada «Atelier Ceramico», nas Caldas da Rainha. —1892. *(M. 2 e 45)*.

Soares Henriques (Luiz).—Fundador da Fabrica de louça fina (faiança), na Horta das Flores, defronte do Caes do Tojo, junto á Bica do Sapato, Lisboa.—1797.

Soares d'Oliveira (Adelino).— Fundador d'uma fabrica de louça na Rua do Caes, 38, Caldas da Rainha.—1892. *(M. 12)*.

Soares Rego (D. Margarida Emilia).—Proprietaria da Fabrica da Torrinha, Villa Nova de Gaya. Ficou dirigindo a fabrica desde 1857, por morte de seu marido, Manuel José Soares, que a fundára em 1844. Conhecida tambem por Viuva Soares e Viuva Rego. Actualmente, Viuva Soares Rego, Successor.

Sobral (Conde de).—Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo, em Almeirim.—1902.

Sommer (Mademoiselle Marie Louise de).—Pintora em porcelana *(genero Saxe e Sèvres)*. Lisboa.—1902.

Sophia (José).— Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo, em Arraiolos.—1902.

Sousa (Amaro de).— Proprietario d'uma fabrica de louça em Villa do Porto, Santa Maria *(Districto de Ponta Delgada.)*—1902.

Sousa (Antonio Piedade).— Proprietario d'uma fabrica de louça ordinaria, em Almodovar.— 1902.

Sousa (Casimiro de).— Formista da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

Sousa (José Francisco de).— Proprietario da Fabrica de ceramica fundada em 1855, nas Caldas da Rainha, por Antonio de Sousa Liso.— 1860 a 1893. *(M. 241)*. (Vêr pag. 159 e 160, sobre esta fabrica). Foi tambem fundador, em 1860, d'uma fabrica de louça no Becco da Onça, 3 a 7.

Sousa (Perciano José de).— Proprietario d'uma fabrica de louça em Villa do Porto, Santa Maria (*Districto de Ponta Delgada*). 1902.

Sousa (Salvador de).—Proprietario d'uma fabrica de pequenas peças nas Caldas da Rainha. —1903. *(M. 454)*.

Sousa Callado (João de).— Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria, em Loulé —1902.

Sousa Callado Bicho (Antonio).— Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria, em Loulé.—1906.

Sousa & Camara (J. F. de).— Proprietarios da Fabrica de faiança fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso, nas Caldas da Rainha.—1893.

Sousa Carepa (José de).— Proprietario d'uma fabrica de telha, nas Aguas Bellas (*Ferreira do Zezere*).—1902.

Sousa Carvalho.— Pintor de louça e azulejos. Coimbra. — 1768 a 1784. *(M. 601)*.

Sousa & Filhos (José de).— Proprietarios d'uma Fabrica de ceramica nas Caldas Rainha. *(M. 240)*.

Sousa Liso (Antonio de).— Fundador d'uma fabrica de faiança nas Caldas da Rainha.—1855. *(M. 39)* (Vêr pag. 159 e 160, sobre esta fabrica).

Sousa Mattos (José de).— Proprietario d'uma fabrica de tijolos, em Evora.— 1865.

Sousa de Meuron de Araujo (D. Maria Benedicta de).— Pintora amadora; Cozia na Real Fabrica de Louça em Sacavem.—1884. *(M. 310)*.

Sousa Pinto de Magalhães (D. Maria do Carmo de).— Pintora de faiança. Lisboa.—1887.

Sousa Reis (Guilherme de).— Fundador da Fabrica da Rua da Restauração, Quinta do Passadio, Porto.—185... Foi destruida por um incendio.

Sousa & Salvador de Sousa (J. F. de).— Proprietarios actuaes da Fabrica de faiança, fundada em 1855 por Antonio de Sousa Liso, nas Caldas da Rainha.—1904.

Souto (A.).— Pintor da Real Fabrica de Sacavem.—1899. *(M. 40)*.

Stringer, Silva & C.ª.— Firma fundadora da Fabrica de Louça de Alcantara, denominada «Fabrica de Louça Ingleza», em outubro de 1885, na Rua Correia Guedes, 2 a 14 (antiga Rua Velha).

T

Taboletas (Luiz das).—Vide Ferreira (Luiz).

Tavares de Almeida (Antonio).— Proprietario d'uma fabrica de louça e telha, em Sousa (*Vagos*).—1902.

Taylor (George).— Pintor da Real Fabrica de Louça em Sacavem.—189... (?).

Teixeira (José).— Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria, em Loulé.—1906.

Teixeira (Pedro Maria).— Proprietario d'uma fabrica de louça na Quinta Nova, largo do Matadouro, Lisboa.— 1902.

Teixeira Lopes (Antonio).— Estatuario e esculptor-barrista, Villa Nova de Gaya, Porto. — 1906. Trabalhou, antes de se dedicar á estatuaria, na modelação de figurinhas, «costumes» populares do norte do paiz, dirigido por seu pae, J. J. Teixeira Lopes.

Teixeira Lopes (José).— Architecto e esculptor barrista, Villa Nova de Gaya, Porto.— 1906. Trabalhou, antes de se dedicar á architectura, na modelação de figurinhas, «costumes» populares do norte do paiz, dirigido por seu pae, J. J. Teixeira Lopes.

Teixeira Lopes (José Joaquim).— Esculptor e director artistico da Fabrica das Devezas, Villa Nova de Gaya, fundada por Antonio de Almeida da Costa em 1865.— 1906.

Teixeira de Sampaio (Joaquim Maria)—Proprietario d'uma fabrica de telha em Alijó.—1902.

Telles (Luiz). — Proprietario d'uma olaria em Aguias ou Brotas (Móra). — 1902.

Telles (Manuel). — Proprietario d'uma olaria em Aguias ou Brótas (Móra). — 1902.

Telles Machado de Vasconcellos (D. Anna). — Pintora de faiança, Lisboa. — 1887.

Tigellinha. — Vide Manuel Antonio.

Toscano de Mello (Braz). — Esculptor-barrista e mestre da escola de Mafra. Mafra. — 181... (?).

Travassos (Mauricio). — Proprietario d'uma fabrica de louça, Villa do Porto, Santa Maria (*Districto de Ponta Delgada*). — 1902.

V

Valente (Americo José). Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo, em Arraiolos.—1902.

Valle. — Esculptor-barrista. Aveiro. — 1719. (*M* 518).

Valle Telheiro (Jose do).—Proprietario d'uma pequena fabrica de louça ordinaria em Loulé. — 1902.

Vandelli (Dr. Domingos). — Naturalista italiano, lente da Universidade de Coimbra. Fundou fabricas de ceramica em Coimbra (Rocio de Santa Clara) e no Porto (Cavaquinho). — 1784. (*M.s 374, 395, 506, 538 e 550*).

Vasconcellos Mascarenhas Pedroso (José de).— Proprietario d'uma fabrica de tijolo na Chamusca. — 1902.

Vaz dos Santos & Pinto. — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Caceira (*Figueira da Foz*). — 1902.

Veiga (Leonardo Antonio da). — Proprietario de duas fabricas de louça branca; uma na Rua da Louça, datando de 1700, outra na Rua de Simão de Evora, datando de 1820, Coimbra. — 1870.

Veiga da Cunha (João). — Director technico da Fabrica da Abrigada. — 1898.

Veroli (José) — Contramestre da Real Fabrica do Rato, Lisboa. — 1767 a 1769. Fundador d'uma fabrica de louça, que durou pouco tempo, em Bellas. — 1772 (?)

Vialade & Ventura (Francisco). — Proprietarios d'uma fabrica de tijolo em Aldeia Gallega do Ribatejo. — 1902.

Victoria Pereira. — Vide Cancella de Victoria Pereira (José Estevão).

Vieira Braga (João Antonio). — Proprietario d'uma fabrica de louça na Rua do Senhor de Além, 95, Villa Nova de Gaya. — 1902.

Vieira Pinto (Luiz Diogo). — Proprietario d'uns fornos de tijolo em Móra. — 1902.

Vieira dos Santos (Agostinho). — Mestre de louça fina da Fabrica de louça e azulejos fundada em 1770 por José Rodrigues da da Silva e Sousa, no Juncal (Alcobaça). — 1778.

Vieira da Silva (José. — Proprietario d'uma fabrica de telha e tijolo em Cabeção (*Móra*). — 1902.

Villela (Nicolau).—Esculptor-barrista.—Lisboa. 1770.

Vinagre (José). — Pintor da Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro. — 1906.

W X Z

Wall (A. J.). — Administrador das fabricas de Massarellos, fundada em 1900 por William Mac Laren, e de Quebrantões do Norte, fundada em 1904, fabrica que está ligada com a de Massarellos, Porto.

Wandelli (Antonio). — Administrador da Real Fabrica do Rato. Lisboa. — 1820.

Wilkinson (Archibald). — Pintor da Real Fabrica de louça em Sacavem. — 187...(?).

Willet (John). — Pintor da Real Fabrica de louça em Sacavem. — 186... (?).

Xavier Burguette (Francisco). — Proprietario d'uma fabrica de ceramica em Alvega (*Abrantes*). — 1902.

Xavier d'Oliveira Torres (D. Maria Josepha).— Proprietaria, por morte de seu marido, Antonio José Vavier da Silva, da Fabrica da Quinta da Cabana, Caminha, fundada por este em 1820. — 184...

Xavier da Silva (Antonio José). — Fundador e director da fabrica de faianças da Quinta da Cabana, Caminha. — 1820. Falleceu em 1844. A fabrica passou para a viuva, D. Maria Josepha Xavier d'Oliveira Torres, mas pouco tempo esteve em laboração. (*M.s 542, 543, 544 e 545*).

Xavier da Silva (Francisco Ignacio).—Proprietario d'uma fabrica de tijolo em Elvas.—1902.

Xavier do Valle (Alvaro Augusto). — Actual proprietario, de sociedade com seu cunhado, Narciso Alfacinha, da Fabrica Alfacinha, Estremoz, fundada em 1881 por Caetano Augusto da Conceição. — 1906.

Zarrinho (Estevão José). — Proprietario d'uma fabrica de louça no Redondo. — 1905.

SUPPLEMENTO

PEÇAS NOTAVEIS

Já depois de impressa a parte d'este livro onde caberiam as observações que ella suggere, deparou-se-nos uma peça do mais alto interesse, que vamos descrever.

Até certo ponto, veiu essa peça dar força aos nosssos argumentos, com relação á prioridade de uma parte da nossa faiança, precisamente do mesmo seculo XVII, a que pertence, prioridade contestada por incredulos, como já tivemos occasião de notar.

Portanto, não só pela razão que accentuámos, mas por outras ainda, este exemplar vale bem as paginas que lhe dedicamos.

Trata-se de um boião de faiança, cuja decoração predominante se divide em duas partes: n'uma, as armas reaes portuguezas, tendo por baixo a data 1641 ; na outra, entre folhagens e flores, uma figura de homem em lucta, desenvencilhando-se das garras de um leão (1).

O homem deve representar Portugal; o leão, Castella. É, portanto, evidente allusão á independencia do nosso paiz, arrancado ao dominio do ultimo dos Filippes.

A data attesta bem a hypothese, pois não só coincide com a proximidade do episodio, como marca o primeiro anno da nossa libertação, em que estava no animo de todos os lusitanos a expansão patriotica, como o decorador da faiança claramente exprime.

Os oleiros tiveram sempre um papel saliente nas phases impressionantes da politica, em todos os paizes.

Elles commemoraram, não só os feitos gloriosos, como os revezes da sua patria, e, de uma maneira ou de outra, fizeram a critica, uma vezes ridicularisando os episodios, outras exaltando o valor e o sentimento patriotico dos seus conterraneos.

O periodo mais agitado da França — o da Revolução — é tão interessantemente tratado pelos oleiros contemporaneos, em allegorias e allusões, pintadas na ceramica, que mereceu, meio seculo depois, um volume illustrado, de 400 paginas, estudo historico e analytico de Champfleury, cuja segunda edição foi publicada em 1867, e a que o auctor deu o titulo de *Histoire des faïances patriotiques*.

Em Paris, no Museu Carnavalet, existe, reunida em collecção, a ceramica patriotica, da qual a maior parte — pratos e chicaras — allude, em decorações, á revolução franceza.

---

(1) O homem segura, pelo pulso, o braço esquerdo do leão e, com a mão direita, abre-lhe as garras, emquanto a fera, com as garras que lhe ficam livres, tenta subjugar o homem pelo peito.

Os assumptos exaltam ou deprimem a revolução e os revolucionarios. Essa notavel collecção occupa duas salas e uma galeria do Museu.

Sèvres tambem guarda no seu museu muitos exemplares com referencias a 89 e á guilhotina de 93.

Na Suissa, nos museus de Zurich e Genebra, egualmente se encontram variadas peças de ceramica patriotica.

Da producção franceza, podem os leitores fazer ideia pelos exemplares expostos no Museu Archeologico do Carmo em Lisboa.

Da faiança patriotica portugueza, encontrarão os leitores, pelos numeros das gravuras que em seguida notamos, no nosso livro, exemplares que interessam não só pelo lado historico, mas tambem pelo seu caracter politico, a que não foram indifferentes os homens que trabalharam a ceramica nacional desde o seculo XVII até aos primeiros annos do seculo XIX: G.os 38, 40, 41, 99 (1), 101, 121, 162, 163 e 164 (2).

G. 193—1641—Prado-Braga—BOIÃO DE FAIANÇA, decoração a azul—Alt. 0,27—*Collecção do Sr. Pinho da Cunha*—Lisboa.

Quanto ao boião, com identico assumpto não conhecemos outro exemplar; com egual data, reproduzimos um, da collecção do Snr. Dr. Oliveira, Vianna do Castello (g. 38, d. 575).

Na exposição do Porto, 1882, appareceram dois, tambem com as armas reaes de Portugal, differentes nos assumptos ornamentaes (3).

G. 194—Boião representado na gravura antecedente, visto do lado opposto ao que tem as armas portuguezas.

Todas as quatro peças são decoradas a azul, e entre a sua altura ha apenas meio centimetro de differença, attingindo aquella de que tratamos e a do Snr. Dr. Oliveira 0m,27, e as da exposição de ceramica do Porto, 0m,275.

A que deu motivo a estas observações tem apenas algumas falhas na bocca, fendas no esmalte, e está algo gasta na base, onde o decorador poz um pequeno signal, de que damos o *fac-simile* (m. 645 A).

(1) O decreto de 27 de fevereiro de 1805, manda levantar uma companhia de Hussards na Beira. Os officiaes e praças graduadas eram estrangeiros. Devemos este interessante esclarecimento ao nosso amigo o Snr. Jayme Couvreur.

(2) Tem as armas reaes portuguezas na parte opposta á asa.

(3) Disse-nos ultimamente o nosso amigo o Snr. R. Ortigão que na Exposição Colombina de Madrid (1892) appareceram alguns potes de pharmacia com caracter identico. Essas faianças, attribuidas a uma das fabricas de Lisboa e ao periodo em que reinou em Portugal Filippe II, parece terem sido destinadas á botica do Escurial.

De resto, está tão bem conservada, que chegamos a desconfiar da sua authenticidade, pois não apparenta ter, como a data indica, 266 annos de existencia.

Dada a hypothese de ser modernamente feita, mesmo assim representava um valioso documento para a historia da faiança patriotica e para a historia da ceramica nacional, porque não poderia deixar de ser uma reproducção e, portanto, á prova evidente da existencia do original. Seria mesmo impossivel encontrar n'esta vasilha, não diremos já a concepção do assumpto, mas o caracter, o sabor, que existe na ornamentação, predicados estes que se não podem crear fóra da respectiva epoca.

E' inimitavel, nas peças que acompanham os reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, a ingenuidade dos motivos decorativos (1), em contraste com a franca e segura maneira de pintar, conjuncto de caracteristicos que se copiam, mas que se não inventam na actualidade.

Como se poderia imaginar, hoje, a penha com a cruz, interceptada pelo traço que divide os motivos principaes da pintura, entre o leão e o escudo real, como que saindo de traz d'esta secção? (2)

Este pequeno detalhe tem grande importancia, porque completa o sentido da allegoria.

Representa elle, evidentemente, o symbolo da redempção, a liberdade conquistada em 1640; ou symbolisa o martyrio passado, martyrio que trouxe como consequencia a lucta indicada pelo pintor, tambem symbolicamente.

Se o symbolo da fé não reforçasse tanto a nossa presumpção, poderia tomar-se a figura do homem por Hercules, visto estar nú, como geralmente se representa, e n'este caso o leão, em vez de ser o de Castella, seria o de Nemêa, que o heroe lendario venceu.

Mas, insistindo n'este filão, quando o homem não fosse um portuguez do seculo XVII, como nos parece ser, e, pela ausencia de *toilette,* representasse Hercules, mesmo assim o *luctador* symbolisaria a cidade de Lisboa, a respeito de cujo fundador a tradição vacilla entre Ulysses e o Hercules grego.

Sem embargo, não nos parece verosimil que seja assim. Hercules não foi nunca — que nos conste — representado com bigode, pera, e cabello em madeixas quasi até aos hombros, uso caracteristico dos homens em Portugal nos primeiros dois terços do seculo XVII, porte elegante que parece ter sido posto em moda por D. João IV (3).

D'este modo representada, a figura não tem nada de mythologica; é um homem como outro qualquer, sem exaggero de proporções nem de musculatura, e que apenas lucta com a robustez que lhe dá o direito á liberdade, e nada mais.

Com as armas reaes portuguezas e datas, ha mais peças, além das quatro que notámos, mas de outras fórmas, como, por exemplo, o pote pertencente ao Snr. Bento Carqueja, de que damos reproducção (g. 40), a garrafa do Snr. Conde do Ameal (g. 41), etc.

Devemos consideral-as, estas e todas as outras datadas, até ao fim do se-

(1) Motivos mais ou menos com o sabor oriental (estylo que os portuguezes trouxeram da conquista do Oriente), que decoram as louças, não só durante os tres reinados referidos, mas ainda até aos primeiros annos do seculo XVIII.

(2) Não damos este detalhe em gravura, para evitarmos terceira reproducção da mesma peça, e ainda por não ter importancia ornamental.

(3) Os Filippes usaram bigode e pera, mas o cabello curto.

culo XVII, como manifestação da lucta nacional, que se prolongou até ao fim do reinado de D. Pedro II.

Emfim: é necessario prestar toda a attenção a esses exemplares, sobretudo quando elles appareçam datados e com as armas de Portugal, com a corôa fechada, tenham ou não pinturas symbolicas, pois julgamos esses especimens muito valiosos.

Falta dizer a que ponto do paiz attribuimos o famoso boião, ha pouco adquirido pelo nosso amigo Pinho da Cunha, n'um ferro-velho em Lisboa.

Pelo tom do azul, transparencia do esmalte, pasta e maneira de pintar a folhagem, filia-se, com grande numero de probabilidades, na fabricação do Prado — Braga (1), ainda que essa maneira de decorar não fosse exclusiva d'este centro ceramico.

Aproveitamos o ensejo para dar a reproducção de mais uma peça interessante, pelo enigma que apresenta entre os seus elementos decorativos.

Com semelhante galantaria, não nos recordamos de ter visto outro exemplar na ceramica portugueza (2).

E' um prato de faiança de grande formato (diam. 0m,41), cuja pintura a azul é contornada e traceiada a côr de vinho, sob esmalte branco, estylo *baroco*.

Deve ter sido fabricado nos primeiros annos do seculo XVIII, com o fim de transportar alguma iguaria e, ao mesmo tempo, alludir, nos dois versos inscriptos, a relações amorosas entre o offertante e certa *Joaquina*, que, ao tempo, *dava que fazer* ao seu amante!

G. 195 — Fim do seculo XVII — Lisboa (?) — PRATO DE FAIANÇA, decoração a azul e côr de vinho — Diam. 0,41 — *Nossa collecção* — Lisboa.

Das differentes interpretações — e não foram poucas — tiradas dos enigmaticos versos, que tão nitidamente se vêem pintados ao centro do prato, que o leitor tem presente, ha uma que, se não é a verdadeira, é,

(1) Comparar a ornamentação florida (estylo oriental) d'esta peça com a da gravura 36, que temos como do Prado. Comparar tambem, em conjuncto, as armas reaes portuguezas e ornatos que as circumdam, do alludido boião, com as das gravuras 38, 40 e 41, typo *baroco*, que, em geral, attribuimos a Lisboa.

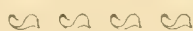
(2) De origem estrangeira, apenas conhecemos um prato de faiança, polychromo, tendo ao centro um emblema allegorico á Revolução Franceza, onde se vê, dentro de uma oval, em linha perpendicular: — I L, uma foice e C D. *(Il faut céder)*. Champfleury — *Histoire des Faïences Patriotiques*, pag. 140.

pelo menos a mais acceitavel, tomando como abreviatura do referido nome as cinco pintas do primeiro cubo. Ei-la:

Quina me tem dado
Amor e cuidado!

Este prato é egualmente interessante pelo desenho da barra que ornamenta a aba.

Frisámos, mais de uma vez, que os azulejos, entre nós, denunciam muitos dos typos das louças antigas portuguezas correspondentes. O presente exemplar é uma das provas d'esta affirmação.

E', sem duvida, pela maneira de compôr o ornato e de empregar a tinta, producto de uma das fabricas onde se trabalharam, em numero incalculavel, os azulejos do estylo *baroco,* que guarnecem os alisares de tantas egrejas, e de tantas casas religiosas e profanas, por todo o paiz. (Vide motivo decorativo n.º 1, pag. 49).

NOTAS SOLTAS

A materia prima da producção do Juncal, fabrica de que nos occupámos nas paginas 166 a 174, era extrahida dos barreiros da Cumeira-Juncal e do Casal da Luiza-S. Pedro e, em geral, côr primitiva, amarello claro; depois de cozida, bastante avermelhada, côres devidas ás particulas ferruginosas da argilla.

Actualmente, como então, encontra-se, não só no Juncal, mas ainda n'outros pontos do districto de Leiria, egual qualidade de argilla, cujas impurezas são insignificantes.

Perto da Villa da Moita, na *Quinta do Esteiro Furado,* ha uma capella revestida de azulejos padrão a duas côres — azul e amarello, sobre fundo branco.

Por cima de uma pequena porta, está a inscripção, disposta da seguinte maneira:

ESTA OBRA SE FEZ D
AZVLEIO NA ERA D
1657 ANNOS

A capella, que ha muito está profanada, pertence, com a alludida quinta, ao Snr. H. Bucknall.

Na collecção do actor Ferreira da Silva, encontra-se uma peça de faiança po-

lychroma, uma pipa montada por um *beberrão*, que tem no tampo, por cima da torneira, em lettras de typo quadrado, esta graciosa inscripção:

AINDA Q. FALARLHE POSA
LA UAI A NOSSA

A installação onde estava o antigo museu da Fabrica da Vista Alegre, ardeu em 1853, e com ella se perderam as primeiras experiencias, peças das primitivas fornadas, exemplares escolhidos, moldes, etc.

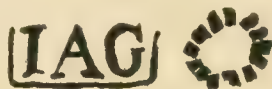
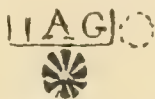
A proposito, conta o actual director da fabrica de porcelanas, o Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, que Gustavo Fortier, quando navegava pelas aguas da costa norte de Portugal, viu do navio que o transportava a Lisboa o clarão d'um incendio.

Mal diria Fortier, ao contemplar esse espectaculo, que a noite tornava tão surprehendente e que elle jámais havia visto do alto mar, que o motivo era resultado da perda de quasi todo o trabalho dos primeiros vinte e nove annos da fabrica na qual elle vinha dirigir a parte artistica!

Os *fac-similes* que acompanham esta nota encontram-se em obras importantes estrangeiras. Publicamol-os a titulo de curiosidade, e para mais uma vez mostrar quanto cuidado é necessario ter na classificação de taes documentos.

Essas obras são: Ris-Paquot — *Dictionnaire encyclopédique*, m. 5269; do mesmo auctor — *Dictionnaire des Marques et Monogrammes*, m. 1031; Graesse-Jaennicke — *Guide de l'amateur de Porcelaines et de Faïences*, m. 1045 — pag. 65; Auguste Demmin — *Guide de l'amateur de Faïences et Porcelaines* — tom. II pag. 993; William Chaffers — *Marks and Monograms*, 1906 — pag. 173.

Estes auctores, que, nos prefacios, attestam a authenticidade documental dos *fac-similes* que reproduzem nos seus livros, dão esta marca como de uma fabrica de Lisboa (1). Quanto a nós, enganaram-se ou foram enganados,—o que nos parece mais provavel.

Ris-Paquot, Demmin e Chaffers dizem até o anno em que a peça com tal marca (existente no Museu de Sèvres) foi fabricada: — 1833 — e a côr da marca: — *en rouge!* Tudo isto é curioso, e, o que é mais curioso ainda, é que, sendo as tres marcas copiadas da mesma peça (2), não se apresentam perfeitamente eguaes, no typo da lettra, disposição dos signaes e suas fórmas, nem tão pouco no tamanho.

Nunca vimos tal marca; e, no caso de ella existir, a authenticar algum producto da faiança portugueza, o que quasi podemos affiançar é que não é a tinta encarnada,

(1) Une fabrique à la porte de Lisbonne (Du Rato, 1760)» — Demmin.

(2) Damos somente estas duas marcas, porque entre a de Graesse e a que traz Demmin a diferença não é tão sensivel.

porque esta côr não se encontra na faiança nacional, senão muito raramente, n'algumas peças attribuidas a Coimbra e, ainda assim, não attinge a classificação de *côr encarnada;* é de um tom acarminado, secco.

Nas paginas que Demmin dedica a algumas fabricas portuguezas, encontra-se, entre outras informações que não articulam com a verdade, a seguinte: Diz esse auctor que em Cintra se fabricavam (em 1873) figurinhas e animaes, — especialmente touros — e outras peças de serviço usual, de *terra cotta,* de vidração plumbifera e esmalte estanifero. Côres: — verde *brun* e preto.

Nota que essas faianças se assemelhavam ás velhas louças de Nuremberg e de Saintes, a ponto de poderem illudir os colleccionadores menos experientes. Diz ainda, com respeito aos mesmos productos de Cintra:

«Le prince héréditaire de Sigmaringen possède, dans sa collection particulière, plusieurs exemplaires, que la jeune princesse sa femme (fille du roi de Portugal) (1) a rapportés de Lisbonne.»

Pelo que representam os objectos, devem ser das Caldas, e não de Cintra, pois ignoramos que n'esta villa se fabricassem faianças com tal caracter.

Dada a proximidade a que as duas villas estão uma da outra, poderia o auctor haver tomado como de Cintra as rudimentares imitações das faianças das Caldas, feitas em Mafra; mas não nos consta que em 1873 se fabricassem, em qualquer das duas villas, productos ceramicos de coberta estanifera.

Outra marca, reproduzida em dois dos livros acima indicados — Graesse-Jaennicke, pag. 65, e William Chaffers, pag. 173 (2) — tambem carece de rectificação. Surprehende-nos nas alludidas obras, tal como a apresentamos aos leitores, attribuida á fabricação de Coimbra.

O ceramista Francisco Rossi teve fabrica em Gaya (Porto) e é até evidente que a sua influencia se fez sentir em productos de outras fabricas da capital do Norte, nos ultimos quinze annos do seculo XVIII (mesmo de 178... até 1810); mas nunca exerceu o seu mister em Coimbra; pelo menos, não ha noticia alguma, até hoje, de elle ter trabalhado n'essa cidade.

(1) A Infanta D. Antonia, filha de D. Maria II.
(2) Chaffers copiou de Graesse.

INDICE

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Quando os numeros designativos das linhas vão desacompanhados, entende-se que são contadas de cima. Quando sejam contadas da parte inferior, juntam-se a esses numeros as letras *d. b.*

Pag.	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
11	(grav.)	5 — 6 — 7 — 8 — 9	6 — 7 — 8 — 9 — 10
15	(grav.)	11 — 12	12 — 13
31	15	Segredelos (provincia de Valencia)	Sargadelos (provincia de Prugo)
85	19	pela da Companhia	pela Companhia
120	22	Bernardes	Bernardo
132	6 d. b.	1384	1834
151	5	Cardoso de Ladeiro	Cardoso & Ladeiro
»	6	Serrano da Fonseca	Serrano & Fonseca
182	2 d. b.	145	144
»	3 d. b.	144	145
190	11	Na tua mesa	Na mesa
205	6 d. b.	José Maria de Carvalho	José Marianno de Carvalho
»	7 d. b.	João Maria de Sousa Mattos	José Maria de Sousa Mattos
304	11 d. b.	altitude	altura
393	20	553	563

A marca 204 (pag. 344) está invertida.

Começou a impressão d'este livro no dia 11 de Agosto de 1906, e terminou no dia 18 de Abril de 1907, nas officinas do Annuario Commercial, á Praça dos Restauradores - Lisboa